



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

LAÉRCIO TEODORO DA SILVA

O HOMEM LITERÁRIO:

Virgínius Figueiredo da Gama e Melo e o campo de produção cultural

Recife

2019

LAÉRCIO TEODORO DA SILVA

O HOMEM LITERÁRIO:

Virgínius Figueiredo da Gama e Melo e o campo de produção cultural

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal de Pernambuco como parte dos requisitos parciais à obtenção do título de Doutor em História.

Área de Concentração: História do Norte e Nordeste do Brasil.

Orientador: Professor Doutor Flávio Weinstein Teixeira.

Recife

2019

Catálogo na fonte
Bibliotecária Valdicéa Alves Silva, CRB4-1260

S586h Silva, Laércio Teodoro da.
O homem literário: Virgínius Figueiredo da Gama e Melo e o campo de
produção cultural / Laércio Teodoro da Silva – 2019.
328f. : il.; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Flávio Weinstein Teixeira.
Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.
Programa de pós-graduação em História, Recife, 2019.
Inclui referências.

1. História. 2. Ilustre intelectual 3. Categoria de intelectual. 4. Do ofício
da escrita aos aplausos no palanque. 5. Estratégias e movimentos 6.
Homem e os grupos. I. Teixeira, Flávio Weinstein (Orientador). II.
Título.

981.33 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2019-187)

LAÉRCIO TEODORO DA SILVA

O HOMEM LITERÁRIO:

Virgínius Figueiredo da Gama e Melo e o campo de produção cultural

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal de Pernambuco como parte dos requisitos parciais à obtenção do título de Doutor em História.

Aprovada em: **28/02/2019**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Flávio Weinstein Teixeira (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Antônio Jorge de Siqueira (Membro Titular Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Antônio Paulo de Moraes Rezende (Membro Titular Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Luis Henrique Hermínio Cunha (Membro Titular Externo)
(Universidade Federal de Campina Grande)

Prof.^a Dr.^a Joana D’Arc de Sousa Lima (Membro Titular Externo)
Universidade da Integração Internacional Afro-Brasileira – Instituto Humanidades

A minha mãe, Maria José, e a minha prima/irmã, Luzia Luna (*in memoriam*).

As duas mulheres que me ajudaram a traçar minhas primeiras letras.

AGRADECIMENTOS

Ao escrever esse trabalho que trata de *homens de letras*, questionava a minha própria trajetória tentando descobrir e entender as circunstâncias que me trouxeram ao encontro da História. Fui o primeiro membro da família, materna e paterna, a ingressar numa universidade, a se formar e, depois, ingressar numa pós-graduação. E o primeiro a pleitear o título de doutor. Como filho de costureira e caminhoneiro semianalfabeto, a universidade era um espaço distante na qual eu nunca coloquei os pés antes de 2004.

Mesmo com essa distância e até desconhecimento desse lugar, havia um interesse pelas letras e artes. Existia uma curiosidade e eu percebo o quanto ela era alimentada pelas pessoas ao meu redor, a quem eu agradeço não apenas o apoio que recebi nesses anos de doutorado, mas por todo o caminho percorrido até aqui e que se acumula para jornadas futuras. Agradeço a minha mãe, Maria José, que alimentou meu amor pelas narrativas históricas por meio dos inúmeros causos que contava e conta. Agradeço a meu pai, Antônio, que, apesar das “poucas letras”, sempre entendeu a importância da escola e dos estudos.

Minha mãe e meu pai sempre me proporcionaram, mesmo em meio a dificuldades, a ter os bens materiais, às vezes supérfluos, como o caderno e o estojo da moda, outras vezes o livro ou a revista de História, mas sempre alimentando um interesse fora do comum pelos estudos. Essa criação foi ao encontro de um contexto que começava a ampliar as oportunidades para que filhas e filhos de caminhoneiros, costureiras, pedreiros, empregadas domésticas, desempregados, analfabetos, entre tantos sujeitos que fogem à regra dos *homens de letras*, pudessem ter a experiência do mundo acadêmico.

Perceber-se como o primeiro não é motivo de orgulho, mas, sim, de reflexão sobre o contexto da nossa educação. Porém, hoje, quinze anos após meu ingresso no curso de História da Universidade Federal da Paraíba, vejo várias primas e primos com seus diplomas ou começando a jornada no ensino superior.

A escrita dessa tese acompanhou um ataque a um Brasil que ampliou essas oportunidades. Enquanto escrevia, escutava frases que diziam que “as universidades devem ficar reservadas para uma elite intelectual”. Essa tese tem história. Minha pesquisa e escrita se deram num contexto de golpes, prisões políticas, morte de *Marielles* e ascensão de um ódio que ameaça a minha existência. Dedicar-se a este trabalho e sair às ruas só foi possível porque segurei nas mãos de companheiras e companheiros, de estudos e lutas, e a elas e eles agradeço o companheirismo e a defesa de um Brasil democrático.

Agradeço em especial, aos amigos e amigas, que nas ruas, nas bibliotecas, nas salas de aula, nas redes sociais e nos bares, acompanharam e ajudaram, de diversas formas, nessa jornada. Obrigado a Paulo Henrique e Luiza Rios, pelos vários momentos no CFCH e pelas ruas de Olinda e Recife. Que nossa amizade continue a se “afunilar”. Aos colegas de turma Hilmária Xavier e Daniel.

João Paulo Rolim, Nadiane Chaves, Nereida Martins, Leonardo Rolim, Sylvia Brito, João Aurélio, Bruno César e, em especial, Fabiolla Stella Maris de Lemos Furtado Leite e Val Menezes, muito obrigado. *Tudo* nesse processo tem a Presença de Vocês. Renata Andrade e Valdênio Meneses, *merci*.

Jon Sousa, meu amor e muito obrigado pelas leituras, críticas, correções, pesquisas, indicações, paciência, alívios, fugas e tudo que se fez presente nessa jornada. Esse trabalho foi possível com você.

Agradeço a Laís Monique, Brenda Clarissa, Heloísa Luna e Assis Oliveira.

Agradeço a Flávio Weinstein, meu orientador, por ter acolhido esse projeto, pelas leituras criteriosas, pela compreensão com meu tempo de escrita, que em alguns momentos se configuraram em atrasos, e pelos momentos *extraclasse*. Agradeço a essa experiência que me proporcionou um crescimento incalculável.

Agradeço à professora Joana D’Arc por aceitar os convites para banca de qualificação e defesa. As suas contribuições ampliaram as possibilidades dessa pesquisa desde o primeiro contato, no Encontro de pós-graduandos, em 2014. Agradeço a professora Regina Behar por se fazer presente em mais um momento de minha trajetória acadêmica. Desde 2004 sou devedor dos seus ensinamentos. Agradeço a professora Virgínia Oliveira que, com sua curiosidade, contribuiu com esta pesquisa. Agradeço aos professores Jorge Siqueira e Antônio Paulo Rezende e a professora Isabel Guillen por aceitarem o convite para minha banca. Agradeço, especialmente, ao professor e amigo Luis Henrique Cunha que, num momento de sufoco, aceitou o convite de participar da banca de defesa e mais uma vez contribuiu com este trabalho.

Agradeço as funcionárias e funcionários da Fundação Casa de José Américo e da Academia Paraibana de Letras que não mediram esforços para ajudar na realização dessa pesquisa e a sentir o *sabor* do arquivo.

Agradeço a Sandra Regina pelo empenho na secretaria do PPGH, pelos seus e-mails e por tornar todos os processos burocráticos mais tranquilos de serem realizados.

E agradeço ao presidente Lula, a presidenta Dilma e ao ministro Fernando Haddad por construírem com papel e tijolo possibilidades para que o Brasil pudesse ter uma distância um pouco menor entre a Universidade e os filhos e filhas de tantas Marias e Antônios.

Ninguém solta a mão de ninguém!

entro na fotografia
como quem do mundo
se homizia.
sem livrar o flagrante.
(instantâneo eu sei que sou
neste mundo lambe-lambe).

(PINTO, s/d)

RESUMO

Na memória recente da cultura paraibana um nome emerge trazendo consigo uma multiplicidade de representações e ensejando vários sentimentos: Virgínius Figueiredo da Gama e Melo. Sobre isto, essa tese analisa as representações acerca dessa personagem e os vestígios deixados por esse homem de letras, buscando compreender a sua trajetória intelectual e seu processo de consagração. Nesse processo, foram decompostas as imagens que se cristalizaram nas memórias laudatórias de seus amigos e familiares e que foram difundidas em homenagens e obras biográficas, problematizando a naturalização em torno de sua vida enquanto sujeito *destinado* a ser um ilustre intelectual, prestando atenção para as regras do campo de produção cultural e sua relação com as redes de sociabilidade que a compunham nas décadas de 1940 a 1970 e que foram centrais no processo de construção da sua identidade. Foram tomadas como aportes teóricos as proposições de Gomes para pensar as construções biográficas; de Sirinelli para repensar a categoria de intelectual e para mapear as redes de sociabilidade e Bourdieu para analisar a configuração e funcionamento do campo de produção cultural. Com efeito, a tese compôs uma análise sobre a trajetória de Virgínius da Gama e Melo, atentando para as definições de seu projeto intelectual, percebendo as estratégias e movimentos empreendidos no seu percurso em direção de um lugar central num campo marcado por disputas.

Palavras-chave: Virgínius da Gama e Melo. Campo de produção cultural. Sociabilidade. Intelectualidade. Representações.

ABSTRACT

In the Paraíba's cultural memory a name emerges bringing with it a multiplicity of representations and providing several feelings: Virgínius Figueiredo da Gama e Melo. About it, this thesis analyzes the representations about him and the vestiges left by this man of letters, seeking to understand his intellectual trajectory and his process of consecration. In this process, we decomposed the images that were crystallized in the laudatory memories of their friends and relatives, disseminated in homages and biographical works, problematizing the naturalization around his life as subject destined to be an illustrious intellectual, paying attention to the rules of the field of cultural production and its relation with the networks of sociability that composed it and that were central to the process of building his identity. The theoretical contributions were inspired by Gomes's propositions to think about the biographical constructions; by Sirinelli, to rethink the category of intellectual and to map the networks of sociability and by Bourdieu, to analyze the configuration and operation of the field of cultural production. Therefore, the the thesis composed an analysis about the trajectory of Virgínius da Gama e Melo, looking at the definitions of his intellectual project, realizing the strategies and movements made on his way to a central place in a field marked by disputes.

Keywords: Virgínius da Gama e Melo. Field of cultural production. Sociability. Intellectuality. Representations.

RÉSUMÉ

Dans la mémoire récente de la culture de Paraíba, un nom émerge apportant une multiplicité de représentations et fournissant des sentiments divers: Virgínius Figueiredo da Gama et Melo. À ce sujet, cette thèse analyse les représentations de ce personnage et les vestiges laissés par cet homme de lettres, cherchant à comprendre sa trajectoire intellectuelle et son processus de consécration. Dans ce processus, les images qui ont été cristallisées dans les mémoires élogieuses de ses amis et parents et qui ont été diffusées dans des hommages et des œuvres biographiques sont analysées, problématisant la naturalisation de sa vie en tant que sujet destiné à être un intellectuel illustre, en prêtant attention aux règles du champ de la production culturelle et de ses relations avec les réseaux de sociabilité qui la composaient dans les années 1940 et 1970 et étaient au centre du processus de construction de son identité. On utilise les contributions théoriques de Gomes pour réfléchir aux constructions biographiques; de Sirinelli pour repenser la catégorie des intellectuels et cartographier les réseaux de sociabilité et Bourdieu pour analyser la configuration et le fonctionnement du champ de la production culturelle. En effet, la thèse a composé une analyse de la trajectoire de Virgínius da Gama et Melo, en prêtant attention aux définitions de son projet intellectuel, en percevant les stratégies et les mouvements entrepris sur son chemin vers une place centrale dans un champ marqué par des conflits.

Mots-clés: Virgínius da Gama et Melo. Champ de la production culturelle. Sociabilité. Intellectualité. Représentations.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Retrato de Virgínius da Gama e Melo	51
Figura 2 –	Fotografia de Virgínius no Cassino da Lagoa	57
Figura 3 –	Monóculo com fotografia de Virgínius sentado ao lado de uma mulher no Cassino da Lagoa	103
Figura 4 –	Planta de João Pessoa – 1960	109
Figura 5 –	Fotografia de Virgínius com Samara e Raimundo Asfora	112
Figura 6 –	Fotografia de José Américo com jornalistas paraibanos. A UNIÃO. 31 de jul. de 1983, p. 24.	153
Figura 7 –	Virgínius da Gama e Melo, José Condé, José Américo de Almeida e Carlos Augusto de Carvalho na residência do romancista de <i>A Bagaceira</i>	168
Figura 8 –	José Américo de Almeida, Ernani Sátiro e Virgínius durante almoço de aniversário de Virgínius em 1973. Ocasão em que o aniversariante recebe um vinho centenário de presente	169
Figura 9 –	Virgínius da Gama e Melo e Maria José Limeira no bar	185
Figura 10 –	Página do Correio das Artes com reprodução da pintura “Visão Silenciosa”, de Iva Freitas; e do poema “Elegia muito terna à suicida Corina”, de J. J. Torres. Edição 3 de jun. de 1956, p. 11.	193
Figura 11 –	Página da carta de Stella Leonardos com acróstico dedicado a Virgínius (LEONARDOS, S. [Carta] 1 de ago. de 1962. Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 4f. p. 2)	227
Figura 12 –	Poema de Stella Leonardos (LEONARDO, S. [Carta] 28 de jul. de 1963, Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 3f. p. 2)	228
Figura 13 –	Poema de Stella Leonardos (LEONARDO, S. [Carta] 28 de jul. de 1963, Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 3f. p. 3)	228
Figura 14 –	Cartão natalino. (LEONARDOS, S. [Cartão] dez. de 1963, Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. 1f.)	229
Figura 15 –	Expediente do Correio das Artes, ano 1965, onde lê-se “Uma promoção do Plano de Extensão Cultural do Governo PEDRO GONDIM”	255
Figura 16 –	Fotografia da capa do Correio das Artes nº. 79, de 31 de jan. de 1965	256

Figura 17 –	Capa do Correio das Artes, nº. 82, 28 de mar. de 1965	259
Figura 18 –	Fotografia da máquina de escrever de Virgínius da Gama e Melo. Correio da Paraíba, 3 de ago. de 1975, p. 12	265
Figura 19 –	Fotografia da página do livro <i>Tempo de Vingança</i> com dedicatória a José Américo de Almeida	300

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABL	Academia Brasileira de Letras
APL	Academia Paraibana de Letras
CA	Correio das Artes
FCJA	Fundação Casa de José Américo
Fig.	Figura
IJNPS	Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais
UEG	Universidade do Estado da Guanabara
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UPB	Universidade da Paraíba
VGM	Virgínius da Gama e Melo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	16
1.1	CONCEITUANDO O DEBATE	20
1.2	CONTEXTUALIZANDO A DISCUSSÃO	25
1.3	DESENHO DA PESQUISA	43
2	OS ÓCULOS DO PRIMO VIRGÍNIUS.....	51
2.1	O OLHAR SOBRE SI.....	54
2.2	OS OLHARES SOBRE VIRGÍNIUS.....	74
3	AS ARTÉRIAS DA CIDADE	103
3.1	AS RONDAS LÍRICAS	105
3.2	A CIDADE BAIXA	121
3.3	OS CENTROS DE CULTURA E AS ARTES PLÁSTICAS E PERFORMÁTICAS	127
3.4	RECIFE	136
4	O TERNO DE VIRGÍNIUS	150
4.1	A INVENÇÃO DO INTELECTUAL: projetos, polêmicas e arranjos	155
4.2	A INTELECTUALIDADE EM REDE	172
4.2.1	O Homem e os Grupos	173
4.2.2	As Redes em Periódicos	187
4.2.3	A rede em Cartas	211
4.3	ENTRELAÇAMENTO ENTRE CAMPO LITERÁRIO E CAMPO POLÍTICO	243
4.3.1	Os sujeitos políticos	243
4.3.2	O Estado, os Políticos e os Poetas	250
5	A MÁQUINA DE ESCREVER	265
5.1	ESCRITORES LEITORES, LEITORES ESCRITORES	276
5.2	EDITORES E ESCRITORES	290
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	310
6.1	ENTRE A ESCRITA, AS LETRAS E OS IMORTAIS	311
	REFERÊNCIAS	318

1 INTRODUÇÃO

Certa vez, provavelmente no início dos anos 1960, em uma viagem que fez a João Pessoa, na Paraíba, o historiador Nilo Pereira rumou em direção à rua Batista Leite, no bairro do Roger, para visitar um amigo de longa data. Sabia o nome da rua, mas havia esquecido o número da casa. A rua, a casa, e tampouco o morador, não eram desconhecidos da cidade. Nilo Pereira¹, então, perguntou a um menino, que brincava descuidado, onde residia Virgínius da Gama e Melo. No que o menino o indagou:

- O homem que escreve?

“Sim, o homem que escreve”, respondeu Nilo Pereira impressionado com a resposta do menino.

Para o historiador, esse menino definia Virgínius. “Ele não foi outra coisa senão isso: o homem que escreve”. O jornalista, o crítico literário, o catedrático, o advogado que “não se sentia advogado como se sentia escritor”, “Virgínius de tantos Virgínius”, pluralizado desde o nome, mas em todos, tinha a escrita como condutora da vida, era um “monge do seu convento literário” (VIRGÍNIUS: O ASCETA..., O Norte, 12 de agosto de 1975, p. 7). No seu escritório, na sua biblioteca, na Universidade, ou na mesa do bar, a imagem que se tinha dele era a do homem que escrevia.

Outro amigo, o escritor e jornalista Evandro Nóbrega, também recordava uma última imagem de convívio que desfrutou com Virgínius da Gama e Melo, numa tarde modorrenta, “claro que num bar”, da Praça da Independência, mais precisamente no Olívio’s Bar. Evandro Nóbrega, que não podia se demorar no bar naquele dia, devido a “trabalhos burocraticamente inócuos”, foi convencido a ficar com “promessas de cervejas por si só verborrígenas”. Naquela tarde se sobressaíram as dúvidas imensas de Evandro Nóbrega em torno da literatura e o “papo extremamente literário de Virgínius”. “Um papo literário”! Para Evandro Nóbrega, era Virgínius da Gama e Melo “um homem antes de tudo literário”. Sua conversa era permeada por “alusões e filigranas livrescas”. Evandro não o via como um literato, mas, sim, como “um homem literário”, que via tudo pelo “prisma de Deus sabe quantos volumes” que havia lido (DA GAMA..., O Norte, 3 de agosto de 1975, p. 8).

¹ Nilo Pereira (Rio Grande do Norte, 1909-1992), começou a escrever aos 15 anos para o jornal *Diário de Natal*. Bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Recife. Pouco atuou na área do Direito. Dedicou-se ao jornalismo. Atuou na *Folha da Manhã*, *Diário de Pernambuco* e, no *Jornal do Comércio* publicou a coluna Notas Avulsas de 1954 a 1992. Foi colaborador de vários jornais do país, inclusive, o jornal *A União*, da Paraíba. Foi professor da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco. Sua amizade com Virgínius da Gama e Melo data da década de 1940, em Recife, e se fortaleceu a partir da atuação de ambos nos jornais da capital pernambucana. Entre seus amigos em comum estavam os escritores pernambucanos Mauro Mota, Lucilo Varejão e Gilberto Freyre, além do potiguar Câmara Cascudo.

Virgínius Figueiredo da Gama e Melo foi um advogado e escritor paraibano. Nasceu em 19 de outubro de 1923, na capital, então cidade da Parahyba, e pertenceu a uma família de governadores e senadores, fato que marcou de forma conflituosa a sua vida. Formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de Recife, mas pouco atuou na área. Passou a ganhar notoriedade escrevendo para periódicos de Pernambuco e da Paraíba, além de colaborar esporadicamente com jornais de outros estados. Era possível encontrar até meia dúzia de artigos diferentes de Virgínius publicados diariamente por jornais diferentes por todo o país. É seguindo as representações e vestígios deixados por esse *homem de letras* que a tese se propõe analisar a sua trajetória e seu processo de consagração no campo de produção cultural.

Tanto Evandro Nóbrega quanto Nilo Pereira – citados anteriormente – foram levados a evocar memórias de momentos marcantes com Virgínius da Gama e Melo em decorrência da morte do escritor. Seus textos figuraram nas páginas dos jornais de João Pessoa e Recife que, durante dias, prestaram várias homenagens a ele.

A sua morte, tida como prematura, aos 52 anos de idade devido a um enfisema pulmonar, em 1º de agosto de 1975, causou grande comoção no cenário cultural. E foi em virtude de sua morte que muitos rumaram em direção à Rua Batista Leite, 201, no bairro do Roger, que se tornou, se já não era, local de peregrinação da cultura e intelectualidade paraibana. Desde o momento que a notícia da morte de Virgínius se espalhou, a sua residência, ponto de referência da intelectualidade local, recebeu dezenas de amigos, artistas, intelectuais e políticos que, durante o velório e durante os dias que se seguiram, prestaram homenagens e auxiliaram suas tias, com as quais o escritor morava, nos trâmites que se seguem após a morte de um ente.

Os necrológios que ocuparam inúmeras páginas dos jornais nos dias que se seguiram a sua morte, ao intencionar escrever uma história de Virgínius da Gama e Melo, passaram a fazer parte de um processo de consagração do escritor e a construir uma memória oficial sobre o crítico. Memória que constantemente é retomada pela intelectualidade local, evidenciando, assim, o lugar de destaque que esta personagem ocupa na cultura paraibana.

Folheando e lendo jornais, suplementos literários e memórias desse período, o seu nome emerge com destaque dentre tantos outros, trazendo consigo uma multiplicidade de representações e ensejando vários sentimentos. Dificilmente um leitor encontrará seu nome acompanhado apenas de uma designação profissional ou pessoal. Era o professor, o escritor de ficção, o crítico literário, o roteirista, o cronista. No pessoal, era o humanista, o sujeito que não tinha inimigos, o boêmio, o rebelde, o personagem com voz metálica, que se vestia de

forma peculiar e que carregava um ar solitário apesar de ter uma legião de asseclas. Imagens que se cristalizaram nas memórias de seus amigos e familiares e que foram difundidas em homenagens e obras biográficas.

A vida dessa personagem e os olhares sobre ela constroem esse sujeito múltiplo, mas sempre envolto numa aura literária e boêmia². Um sujeito que “morreu sem reunir tudo o que escreveu nem somar toda a cerveja que consumiu”. Como dizia um dos artigos que o homenageava, “a literatura e a cerveja estiveram sempre em sua vida” (ENTRE LIVROS..., 1975, p. 4). São faces que podem parecer contraditórias, e para alguns, de fato, eram. No entanto, são partes constituintes do sujeito.

Uma das imagens mais recorrentes associadas a Virgínius da Gama e Melo era a do *menestrel*. Era um tratamento afetivo e que marcou sua trajetória. Waldemar Duarte³ (1987), em sua biografia sobre o escritor, traz a imagem que perpassa as representações em torno de Virgínius. Tal representação é central para compreender a personagem, pois esta faceta passou a ser indissociável da figura de Virgínius e sua persona pública.

À imagem do intelectual associava-se ao de menestrel e boêmio. Um letrado que sempre era encontrado em bares discutindo literatura, tomando cerveja e fumando cigarro. E ao seu redor, admiradores, seguidores e outros intelectuais. Nesse sentido, faz-se necessário atentar para os textos que empreenderam uma escrita biográfica dessa personagem e compreender como a fruição da vida boêmia ensejou leituras, por vezes conflitantes, sobre o homem das letras.

Para Rodrigues e Coutinho, o escritor era “de hábitos boêmios, fumante fervoroso e bebedor muitas vezes incoerente, incorrigível, era uma pessoa assediada por todos em João Pessoas e mantinha relações de amizade em todas as classes sociais” (2000, p. 32). Os seus hábitos boêmios são apresentados, ora como traços intrínsecos de sua personalidade e

² Toma-se como referência o trabalho de Jerrold Seigel, *Paris Boêmia* (1992), que trabalha o contexto cultural, político e social parisiense (1830-1940). A *boemia* é tomada como estilo de vida, inclusive da “subcultura literária”, identificável por alguns traços externos associados ao boêmio, como a vida urbana, hábitos noturnos, consumo de álcool e cigarro, liberdade sexual, visual extravagante e tendo como espaços de sociabilidade, primordialmente, os bares e cafés. Porém, os sinais externos não bastam para identificar o boêmio, cabendo também entender o processo de auto reconhecimento desse sujeito enquanto boêmio. Siegel centra-se no século XIX, percebendo que foi nesse período que o a boemia passou a ser referenciada e identificada como estilo de vida de forma efetiva em textos literários, teatrais, entre outros. O autor também identifica traços de um comportamento boêmio em outros contextos históricos, o que nos ajuda a pensar o caso paraibano e suas peculiaridades, em particular, no século XX, quando esse estilo de vida já se integrava ao centro da vida social. Porém, como se perceberá, as tensões sociais não cessaram, mas, sim, ganharam novos contornos, principalmente no que tange às formas de uma parcela da sociedade representar essas personagens.

³ Waldemar Bispo Duarte (Paraíba, 1923-2004), formou-se em Direito, mas dedicou-se, prioritariamente ao jornalismo, tornando redator dos jornais *A União* e *O Norte*. Tornou membro da Academia Paraibana de Letras em 1991, ocupando a cadeira número 1. Entre seus livros, está *O menestrel Virgínius da Gama e Melo* (1987), dedicado ao escritor, de quem foi amigo íntimo.

precursores de episódios centrais de sua vida – como no final da década de 1950, quando esteve recluso para tratamento de uma tuberculose fruto de seu hábito de fumante e que serviu para se dedicar a estudos –, ora como motivos para abordar eventos anedóticos envolvendo seu nome – como narrativas sobre episódios de embriaguez.

Já para Juarez da Gama Batista (1967), no prefácio do primeiro livro lançado por Virgínius, abordou a boêmia de forma secundária e, até certo ponto, negativa. A visão do primo parece querer ressaltar a imagem do intelectual, do homem das letras, do artista em detrimento à imagem marcante do boêmio. A boemia aparece, mas o primo coloca essa imagem num lugar de melancolia, de fuga, de uma leitura “promíscua” que muitos cristalizaram em torno de Virgínius. Sua leitura não deixava de se pautar num moralismo que condenava os hábitos boêmios. Segundo sua interpretação, seriam fatos da aparência. Juarez da Gama Batista seria, talvez por ser membro da família, o sujeito autorizado a falar de um Virgínius mais íntimo, dos sentimentos e estado de espírito, ou ainda, ressaltar a identidade intelectual num momento-chave no processo de consagração do escritor, que era o lançamento de seu primeiro livro.

Edson Gonçalves, apresentando o número referente à Virgínius da Gama e Melo, da coleção *Paraíba Nomes do Século*, dá a tônica que perpassa as obras que buscaram traçar o perfil do escritor: “Natural que a vida intelectual o arrebatasse, mesmo sem as seduções dos generosos honorários advocatícios. Teria que ser, o que foi: um Escritor. Como tal, foi consagrado, aqui e alhures. E é dessa glória que ainda se alimenta sua Memória” (GONÇALVES In RODRIGUES; COUTINHO, 2000, p. 8. Grifos nossos). É uma constante nas obras de cunho biográfico, bem como nas notas póstumas que apareceram nos jornais após a sua morte, a descrição de um homem que, “com sua capacidade intelectual, atuava em vários campos da cultura e das artes: jornalista militante, romancista, teatrólogo, crítico e consultor literário, ensaísta e cineasta” (ANDRADE, 1991:11).

A imagem que se tem de Virgínius como intelectual parece cristalizada. Tal memória naturaliza a trajetória de Virgínius da Gama e Melo como um sujeito *destinado* a ser um *homem de letras*, o *crítico consagrado*, um *intelectual*. As biografias que se colocam como falas autorizadas, por partirem, principalmente, de pessoas que conviveram com o escritor, constroem, dentro de seus objetivos específicos, uma imagem de um sujeito múltiplo em seus talentos de homem de letras. Porém, recaem numa *ilusão* da personagem sem contradições enquanto figura humana.

Tal imagem de *intelectual consagrado* não se obtém da noite para o dia, principalmente num campo marcado por tradições, nomes firmados e disputas. Tal investidura

é fruto de processos históricos. Entender a consagração dentro de um campo enquanto um processo indefinido dentro da trajetória de um sujeito vai de encontro à visão cristalizada que se tem em torno de Virgínius. A consagração obtida em vida foi sendo galgada em diferentes momentos de sua trajetória, não surgiu com seu nascimento, e envolveu jogos de interesses, disputas, embates e concessões. Nem sempre Virgínius recebeu como tratamento o epíteto de *crítico renomado*, *intelectual consagrado*, ou congêneres que o destacavam no cenário literário.

Nesses processos de consagração imbricam-se a vida e a glória póstuma do escritor. O próprio Virgínius da Gama e Melo, ao refletir sobre o poeta paraibano Pereira da Silva⁴, primeiro paraibano a ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras, sua consagração no início do século XX e o silenciamento do seu nome no decorrer do século, ajuda-nos a refletir sobre os destinos dos homens de letras:

Destino de escritor é destino vário. Mutável em vida e também mutável em glória póstuma. Muitos, a vida inteira não são conhecidos – só a morte os revela. Outros possuem extraordinário prestígio em vida, grande favor do público, e o tempo faz cinzas de sua obra como a morte lhes fizera antes aos corpos. Há também os que ressuscitam, às vezes subitamente e como um vendaval, um relâmpago, durando um só instante. Outros têm ressurreição mais demorada, permanecem mais longamente. (LITERATURA E VIDA. 24 de julho de 1964, p. 6)

Virgínius da Gama e Melo refletia um exemplo em específico, a do poeta Pereira da Silva, que em vida experimentou a glória, mas no tempo de Virgínius pouco se falava nesse poeta paraibano. Porém, o crítico também entendia esse processo de projeção do nome de um autor, como também o seu apagamento, como parte da lógica do campo literário. E como integrante deste campo, estaria envolto nesta dinâmica.

1.1 CONCEITUANDO O DEBATE

A consagração de sua figura em vida e de sua memória póstuma é fruto de um investimento que envolve sujeitos e seus interesses, sendo o próprio Virgínius personagem central desse processo. A compreensão desses sujeitos históricos em sua complexidade passa pela investigação do espaço no qual ele se inseriu e as operações que envolvem a construção

⁴ Sobre a trajetória do poeta Pereira da Silva, seu processo de consagração e o apagamento do “nome do autor” na História da Literatura ver: ANDRADE, Gilsa Elaine Ribeiro. *Pereira da Silva no campo literário: o discurso da crítica e dos periódicos (1890-1960)*. Tese (Doutorado em Literatura). João Pessoa: PPGL/UFPB, 2015.

de seus agentes, suas ações e os bens simbólicos do campo. Luigi Bonafé coloca que “o historiador que se depara com este tipo de ‘canonização’ deve compreendê-lo como construção histórica, desvelando operações mnemônicas e suas formas de enunciação” (2008, P. 17). O autor ainda coloca que tratar os heróis como construções históricas, perseguindo “os atores que promoveram sua consagração” – e, aqui, entende-se Virgínius da Gama e Melo como protagonista desse processo –, identificando “os vários momentos em que sua figura mitológica é imbuída de significados e analisar as mutações que sofrem ao longo do tempo são procedimentos típicos daquilo que se tem chamado de ‘nova história política’” (BONAFÉ, 2008, p. 22). É dentro dessa seara que se enquadra a “História Intelectual”, que se tornou ao longo dos anos um campo histórico autônomo, mas que está “situado no cruzamento das histórias política, social e cultural” (SIRINELLI, 2003, p. 232). Essa perspectiva emergiu principalmente “devido ao papel desempenhando por eles [os intelectuais] sobretudo a partir de 1945” (SIRINELLI, 2003, p. 232).

A “nova história política” se articula ao estudo do “campo de produção cultural” para investigar a construção e trajetória do *intelectual* a partir de sua inserção e relação com o campo e seus agentes, dentro do contexto econômico, político e social, desnaturalizando, assim, o “destino manifesto” ao qual Virgínius estaria predestinado. Partiu-se da perspectiva de que o termo *intelectual* é amplo e varia junto com as transformações da sociedade. Para compreender o caso de Virgínius, a partir de invariáveis, “fechou-se a lente”, como propõe Sirinelli (2008, p. 243), a fim de não engradar esse sujeito em definições pré-estabelecidas e, assim, compreender o intelectual na “periferia” e as representações dessa figura política feitas pela sociedade e pelo próprio campo intelectual. Seguindo essa perspectiva, é possível compreender os mecanismos de consagração a que esses sujeitos lançam mão e conceber o próprio intelectual como agente desse processo, que busca compreender o espaço, sua dinâmica e regras, a fim de conquistar lugar de destaque e propor reconfigurações a partir das posições conquistadas, dentro de um momento histórico que redimensiona essa personagem dentro da sociedade brasileira.

Virgínius da Gama e Melo é concebido a partir de um cenário complexo, o que Pierre Bourdieu denominou de *campo de produção cultural*. A noção de *campo de produção cultural* é tomada de forma abrangente por entender que, no contexto analisado, comporta a relação entre literatos, artistas e intelectuais. Logo, esse campo abrangente pode se referir, dependendo do olhar, ao campo artístico, literário ou intelectual, porém, todos trazendo a noção de campo como uma rede de agentes e bens que atendem às especificidades objetivas que regem as relações dentro do próprio campo. Como veremos, Virgínius transitou por

diversos espaços, bem como concentrou em torno de sua figura agentes de diversos campos. Além das inúmeras práticas e saberes que desempenhou. Seja ele literário, intelectual ou político, entre outros, os campos são vistos como espaços de disputa de poderes, com ritualizações próprias e com a capacidade de construir discursos de verdade. Os campos possuem semelhanças uns com os outros, mas cada qual possui suas especificidades e autonomia e devem ser vistos em constante reestruturação.

A abordagem bourdieusiana permite fugir de reducionismos que dão privilégio a análise da obra como tendo singularidade irreduzível, do autor transcendente e da arte pura e por ela mesma (BOURDIEU, 1996b). De um lado, Bourdieu se opõe ao idealismo e às obras sem raízes, e de outro, recusa a um simples e direto determinismo social. Nesse sentido, compreende-se Virgínius num processo relacional entre campo, autores, obras e linguagens, que se definem a partir da relação uns com os outros. Configurar o campo literário a partir de um processo relacional permite perceber como uma obra é gerada, como a ideia de intelectual é produzida, reapropriada e consagrada a partir de relações de forças, dos lugares de fala dos agentes, das posições sociais e das hierarquias (BOURDIEU, 2004b, p. 170).

O *campo de produção cultural* é marcado por disputas em torno de legitimidade e “guerras de representações”. Segundo Chartier, representações são “os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção de mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio” (CHARTIER, 1990, p. 17). Por meio dessas representações⁵, é possível compreender as diversas relações dos agentes e suas posições no campo, além de se ver como se configuram as lutas simbólicas interiores do campo literário. Entende-se os artefatos, escritos e demais obras produzidas pelos próprios agentes como os meios pelos quais há a produção e reprodução de um “discurso autorizado” dentro do campo, nos termos de Bourdieu (1996^a), que funciona como elemento de legitimação de práticas e representações dos agentes e seus grupos e instituições que compõem o campo.

Os agentes se materializam por meio da crítica literária (gênero do qual Virgínius foi representante), pelos prefácios, pelo mercado editorial, pelas obras memorialísticas, biografias e estudos que analisam as obras do autor. Virgínius se torna protagonista desse processo por meio de uma *escrita de si*, que se expressa pelos escritos autobiográficos, currículos que elaborou, o “arquivo do eu” que desenvolveu, pelas obras que escreveu e pelas redes que

⁵A análise das representações é tomada aqui em duas perspectivas: para compreender as representações em torno da personagem Virgínius da Gama e Melo, construídas a partir das colunas dos jornais, críticas, prefácios e correspondências, tanto durante sua vida, como as construídas postumamente, e as representações da “escrita de si”, delineada pelo próprio escritor.

construiu ou nas quais se inseriu. São construções que são retomadas e reelaboradas incansavelmente no decorrer dos anos.

Bourdieu e Williams analisaram casos específicos de agências culturais, porém, procurou-se traçar uma análise de investigação balizada a partir das contribuições teóricas de ambos, a fim de analisarmos as peculiaridades do contexto local, procurando entender as *experiências* conformadoras, as *posições internalizadas* desses grupos e sua reverberação *prática* no contexto cultural local no qual a figura de Virgínius da Gama e Melo foi adquirindo centralidade.

Dois estudos foram seminais para percebermos as possibilidades de articular as contribuições teóricas e metodológicas de Williams e Bourdieu para a análise de grupos de artistas e intelectuais em contextos específicos no Brasil, inspirando o percurso de produção desta tese.

Primeiramente, Heloísa Pontes, em *Destinos Mistos* (1998), analisou as trajetórias de jovens intelectuais e a experiência do círculo de intelectuais paulista do “grupo Clima” que se organizou em torno da revista de mesmo nome a partir de 1939. A autora recuperou a experiência cultural, social e institucional do grupo, analisando suas propostas e sua ação direta que, por meio da crítica da arte, propuseram uma nova postura, mais científica, no campo literário. A autora desenvolve uma análise que aproxima, em termos comparativos, resguardando os contextos específicos, o grupo Clima e a Fração Bloomsbury: em ambos os casos os membros do círculo eram provenientes das camadas da elite, as universidades foram os centros iniciais da conformação dos agrupamentos, proporcionando não só a vivência intelectual, mas a construção das relações pessoais, afetivas e até amorosas.

Em segundo lugar, Flávio Weinstein Teixeira, em *O Movimento e a Linha* (2007), percorreu a trajetória de dois grupos artísticos pernambucanos e seus integrantes em articulação com o contexto de transformações sociais e econômicas que Recife vivenciou fortemente na década de 1950, percorrendo o contexto até 1964, quando se deu o golpe militar e a consequente desarticulação de vários grupos culturais. Teixeira atenta para os movimentos de renovação cultural. No contexto analisado, encontrou na experiência teatral do Teatro do Estudante de Pernambuco – TEP (1946-1952) – uma proposta de renovação e rompimento com os padrões artísticos conservadores. Num segundo momento, o autor analisa a experiência do Gráfico Amador – OGA (1954-1964). A análise compreendeu a conformação desse agrupamento a partir dos laços de amizade de seus integrantes que vinham desde a experiência do TEP.

Soma-se às noções acima trabalhadas de Williams e Bourdieu a ideia de *sociabilidade*, utilizada para compreender a conformação de *redes*. Uma rede seria um “pequeno mundo estreito” no campo, onde “a atração e a amizade e, a contrário, a hostilidade e a rivalidade, a ruptura, a briga e o rancor desempenham igualmente um papel às vezes decisivo” (SIRINELLI, 2008, p. 250). A *estrutura de sociabilidade* é uma das três noções, segundo Sirinelli, empregadas para compreender o mundo intelectual. Tais estruturas “variam, naturalmente, com as épocas e os subgrupos intelectuais estudados”. Se os salões eram os espaços privilegiados para o estabelecimento e funcionamento de redes de sociabilidades intelectuais no fim do século XIX e início do XX, não figuraram como elementos decisivos no decorrer do século (2008, p. 248-249). Cabe investigar as bases da sociabilidade nos outros contextos, como coloca o autor,

é possível e necessário fazer uma arqueologia, inventariando as solidariedades de origem, por exemplo de idade ou de estudos, que constituem muitas vezes a base de “redes” de intelectuais adultos. É lógico, sobretudo no caso dos acadêmicos, remontar a seus jovens anos escolares e universitários, numa idade em que as influências se exercem sobre um terreno móvel e em que uma abordagem retrospectiva permite reencontrar as origens do despertar intelectual e político (SIRINELLI, 2008, p. 249).

O autor ainda chama atenção para outra acepção de sociabilidade, “na qual também se interpenetram o afetivo e o ideológico”. As redes apresentam microclimas, sob os quais “a atividade e o comportamento dos intelectuais envolvidos frequentemente apresentam traços específicos”. E, nesse sentido, “a palavra sociabilidade reveste-se portando de uma dupla acepção, ao mesmo tempo ‘redes’ que estruturam e ‘microclima’ que caracteriza um microcosmo intelectual particular” (SIRINELLI, 2008, p. 252-253).

Os vestígios indicaram alguns momentos e espaços-chaves na conformação das estruturas de sociabilidades na trajetória intelectual de Virgínius. Os períodos em que morou em Recife, primeiro para estudar na Faculdade de Direito e depois para cursar Jornalismo, foram momentos em que se constituíram importantes laços. Na Faculdade de Direito, nas redações, repartições e nos bares, construíram-se redes de sociabilidade que acompanharam toda a trajetória de Virgínius.

No extinto Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado (IPASE), por exemplo, onde trabalhou, estabeleceu amizade com o jornalista Edson Régis, que fundou o *Correio das Artes*, na Paraíba. Mas foi nos bares em que os laços construídos nas redações, repartições e faculdades vivenciaram experiências intensas. O bar *Savoy* e, mais fortemente, o

bar *A Portuguesa*, que se localizava na Rua do Diário, foram os espaços privilegiados de sociabilidade intelectual de Virgínius durante seus anos de Recife. Além dos laços de amizade constituídos, foram locais de debate intelectual, lugares improvisados de trabalho e espaços que ajudaram a conformar a representação boêmia do escritor. Já em João Pessoa, a Universidade Federal da Paraíba e, em especial, a *Churrascaria Bambu*, onde se reunia a “corte de Virgínius”, como se autodeclarava alguns de seus “seguidores”, e a *Sorveteria Canadá*, da qual ele ficou conhecido como o seu “reitor”, além dos jornais, da casa do escritor José Américo de Almeida e dos Conselhos, foram os espaços físicos de sociabilidade com a intelectualidade local.

1.2 CONTEXTUALIZANDO A DISCUSSÃO

Um dos passos para compreender tal personagem histórica, sobre a qual há uma memória oficial, é decompor o seu perfil biográfico, fazendo-o dialogar com a *escrita de si*, ou seja, com a autorrepresentação construída pelo próprio Virgínius, e com as fontes até então “esquecidas”, o que possibilita entender o “destino vario (*sic*)” do escritor, em vida e na “glória póstuma”. Com efeito, para empreender a investigação do processo de consagração de Virgínius da Gama e Melo, a tese se debruça, num primeiro momento, sobre as representações que foram surgindo durante a sua vida, como os prefácios, as notícias, críticas e colunas que se referiram ao escritor e as correspondências por ele recebidas, analisando o processo de construção da ideia de *intelectual*. Essas representações eram parte do processo paulatino de consagração do mesmo.

Até 1961, Virgínius da Gama e Melo não era referenciado como intelectual ou crítico renomado. O próprio escritor, atento ao momento, soube canalizar a crítica em torno de si e a construir uma identidade intelectual. Neste processo de decompor o perfil autobiográfico, atenta-se para a escrita de Virgínius, buscando esmiuçar a *escrita de si*. A visão que construiu de si está nos vestígios que deixou: cartas, objetos, documentos pessoais, currículos. Inúmeros objetos reunidos durante a vida e que podem ser vistos como a construção de um arquivamento da própria vida (ARTIÈRES, 1998). São representações que incidiram nos necrológios e nas biografias, mas que, nas mesmas, são apresentadas como dados atemporais, verdades absolutas. Nesse processo, cruzam-se dois tempos de escrita sobre a personagem, o tempo de vida e o tempo póstumo e, procura-se nelas, compreender a construção da imagem de Virgínius da Gama e Melo, o que sabemos dele e como sabemos.

As imagens propagadas de Virgínius da Gama e Melo, como defendido, são frutos não apenas das representações construídas pelos seus amigos, familiares e biógrafos. A construção de sua autoimagem é central nesse processo. Sob a perspectiva da *Escrita de si* (GOMES, 2004) é possível atentar para a capacidade performativa do sujeito e, no caso, uma personagem que tem na escrita a sua principal marca.

Em uma carta enviada por Virgínius ao escritor Gilberto Amado, datada de 18 de janeiro de 1961, percebe-se a construção de um autorretrato do escritor. Nela, Virgínius faz um apanhado de sua vida, fala do nascimento e ausência dos pais, da infância, de sua origem nobiliárquica, mas, principalmente, é reveladora da intenção do escritor em ressaltar a sua marginalidade e rebeldia:

Nasci a 19 de outubro de 1923, João Pessoa, de família tradicional, neto de governadores e senadores – Gama e Melo – mas gente empobrecida. Filho único, não cheguei a conhecer mãe – vagas lembranças – perdi-a no primeiro ano de vida. Pai mesmo, pouco conheci. Era telegrafista e não residia conosco, quer dizer aqui em João Pessoa. Fui criado por avô e tias solteironas – tudo isso há de ter concorrido para certa rebeldia ou marginalismo que sempre me acompanhou na vida (MELO, V. G.. [Carta] 18 jan. 1961, João Pessoa [para] AMADO, Gilberto. Nova Iorque. 4f. p. 2).

A carta foi escrita por Virgínius da Gama e Melo como resposta à correspondência escrita por Gilberto Amado. O embaixador Gilberto Amado escreveu à Virgínius após receber um artigo publicado no *Jornal do Comércio* no qual o autor analisava uma obra sua. Diante do entusiasmo em torno das lisonjas de Virgínius, Amado cobrava do escritor uma apresentação, para que o mesmo pudesse conhecer Virgínius de forma mais profunda e, assim, estabelecerem um laço de amizade.

Gomes coloca que, apesar desses espaços de construção e escrita de si serem discursos que “mobilizam a sinceridade como valor de verdade”, não podem “ser tratadas como formas naturalizadas e espontâneas” (2004, p. 21). Há, por exemplo, na escrita epistolar, que foi uma prática presente no cotidiano de Virgínius, a *mise-en-scène* do intelectual, que procura marcar um espaço e a busca de uma identidade. Em vida, Virgínius já experimentava as várias representações que faziam dele: o menestrel, o boêmio, o intelectual ilustre, o sujeito de linhagem nobiliárquica. Talvez diante da abundância de imagens, o escritor buscou na escrita dessa carta, por exemplo, uma estabilidade e sentido de “unidade do eu”, apresentando-se, de uma forma específica e otimizando o desejo de se fazer conhecer.

Para Bourdieu, o relato autobiográfico se baseia na busca de sentido para a própria vida, extraindo uma coerência “ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva, uma

consistência e uma constância, estabelecendo relações inteligíveis, como a do efeito à causa eficiente ou final, entre os estados sucessivos, assim constituídos em etapas de um desenvolvimento necessário” (1998, p. 184). Como fruto de um engajamento pessoal, a sua escrita autobiográfica, produziu um discurso de verdade, retomado constantemente pelos seus biógrafos e outras representações. O nome Virgínius da Gama e Melo também pode ser entendido como instância instituidora de sentidos. Sobre esse aspecto, Bourdieu também coloca que, “por essa forma inteiramente singular de nominação que é o nome próprio, institui-se uma identidade social constante e durável, que garante a identidade do indivíduo biológico em todos os campos possíveis onde ele intervém como agente” (1998, p. 186).

Nos projetos empreendidos em torno de uma escrita da história de Virgínius, observa-se também a busca de uma unidade de sentido. Seja congregando as múltiplas faces do sujeito, seja realocando tais faces conforme os interesses específicos dos projetos. Nesses projetos se observa o que Bourdieu chamou de *ilusão retórica*, que conforma a busca de um “relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção” (1998, p. 185) sobre a vida de um sujeito. As ideias de que o sujeito sempre teve uma inclinação para as letras ou que a personagem era destinado a ser um grande crítico, esvazia a noção de trajetória e processo.

Na escrita da trajetória dessa personagem, coube analisar tais projetos biográficos e compreender como suas representações passam por uma *ilusão biográfica*. Na escrita das trajetórias intelectuais, mais que conceber uma história em sua linearidade, procura-se compreender os acontecimentos biográficos “como *colocações e deslocamentos* no espaço social, isto é, mais precisamente nos diferentes estados sucessivos da estrutura da distribuição das diferentes espécies de capital que estão em jogo no campo considerado” (BOURDIEU, 1998, p. 190). Neste percurso, cabe observar os movimentos e seus significados. Como coloca o autor:

O sentido dos movimentos que conduzem de uma posição a outra (de um posto profissional a outro, de uma editora a outra, de uma diocese a outra etc.) evidentemente se define na relação objetiva entre o sentido e o valor, no momento considerado, dessas posições num espaço orientado. (BOURDIEU, 1998, p. 190)

Alguns movimentos na trajetória intelectual de Virgínius foram privilegiados. Como reverberou sua saída da advocacia para a literatura? Seu ingresso como docente na universidade? Como se deu os percursos pelas editoras? Quais impactos do Conselho de Cultura na sua trajetória e no campo?

A carta escrita a Gilberto Amado é uma das mais de 1700 correspondências, entre passiva e ativa, recebidas por amigos, familiares, leitores, escritores, políticos, editores e livreiros, que foram deixadas por Virgínius da Gama e Melo e reunidas no seu acervo. Somam-se a essas centenas de cartas outros milhares de materiais que possibilitam um olhar amplo sobre a trajetória dessa personagem e a prática do arquivamento da própria história, que é concebida como parte de uma *escrita si*. Os arquivos privados são espaços “onde os documentos autobiográficos estão sempre presentes, isto sem considerar que um arquivo pessoal pode ser tratado, ele mesmo, como uma modalidade de ‘produção do eu’” (GOMES, 2004, p.14).

A abundância da documentação que constitui o Acervo Virgínius da Gama e Melo, reunido ao longo de sua vida e hoje sob a guarda da Fundação Casa de José Américo, para além de possibilitar uma profusão de fontes, deve ser entendido como parte de uma autorrepresentação do próprio fazer intelectual.

A documentação pessoal e biblioteca de Virgínius ficou sob a guarda das tias do escritor até meados da década de 1980, na residência da Batista Leite, sendo adquirida pela FCJA no ano de 1986. Três personagens foram centrais nos esforços para a criação do Acervo: José Elias Barbosa Borges, presidente da Fundação; Waldemar Duarte, jornalista e amigo do escritor e Ana Isabel de Souza Leão Andrade, responsável pela organização da documentação. Entende-se que o Acervo Virgínius da Gama e Melo é o resultado da “consagração arquivística” do escritor, sendo uma construção *a posteriori* da sua morte, carregando as marcas institucionais da Fundação e dos amigos que contribuíram com doações para o Acervo.

Atenta-se para as cartas por ele arquivadas, objetos, recortes com seus artigos publicados em jornais de todo o Brasil e manuscritos de seus trabalhos e de outros escritores. Lógico que o formato que o Acervo tem hoje, inclusive por se configurar como um acervo organizado por terceiros, seguindo padrões e procedimentos próprios, organizado por naturezas específicas a documentação, já realoca os sentidos dos vestígios de vida deixados pelo escritor. Porém, conceber o montante de documentos deixados por Virgínius como parte de sua autoconstrução, ou parte da memória de si que quis passar, possibilita ampliar o olhar em torno das práticas intelectuais de um sujeito pertencente, como coloca Sirinelli, a “um grupo social que todos têm, em essencial, a pena sempre alerta” (2003, p. 245) e que por isso mesmo possibilita a abundância da documentação, que é própria do campo intelectual. Como coloca Sirinelli, essa abundância de documentação é “própria do campo estudado e constitui um desafio extra” (2003, p. 244).

Na pesquisa, esse desafio consistiu tanto em trabalhar milhares de vestígios e, principal, de compreender o Acervo Virgínius da Gama e Melo para além de um receptáculo de fontes e de onde brotam várias informações necessárias para investigar a sua trajetória. Como alerta Malatian, “a conservação de séries inteiras por escritores, políticos, artistas e outros nos faz pensar em um ato de memória consciente”, logo, deve-se “sondar sua possível inferência sobre a espontaneidade dos escritos” (2013, p. 202).

Entender essa profusão de fontes deixadas pelo escritor ajuda a problematizar a natureza das mesmas bem como as intencionalidades em torno das produções. Malatian ainda sugere que a “inserção pública destacada são produzidas e conservadas com conhecimento de sua importância enquanto fontes biográficas” (2013, p. 202). O entendimento sobre tal acervo deve ser circunscrito sobre as intencionalidades do sujeito em conservar registros da própria vida e a *imagem de si* que desejou propagar para o futuro⁶. E, ainda como coloca Arlette Farge, o acervo não deve ser encarado como espaço onde o historiador vai encontrar a verdade, mas discursos que trazem elementos do real, e que, “por sua aparição em um determinado momento histórico, produzem sentido. É sobre sua aparição que é preciso trabalhar, é nisso que se deve tentar decifrá-lo” (2009, p. 35).

Apesar de ser um acervo de proveniência privada, também encontramos documentos que dizem respeito aos órgãos do Estado os quais Virgínius integrou. São documentos de caráter público, mas que ajudam a compreender as relações entre a intelectualidade e o campo de poder político.

Não é intenção fazer uma história do Acervo Virgínius da Gama e Melo, mas a compreensão da imagem que se tem da personagem passa pela constituição desse acervo. Do que já foi escrito sobre Virgínius, praticamente nada se baseou nesse material, com exceção do *Perfil Biobibliográfico*, escrito por Ana Isabel de Souza Leão Andrade, a qual esteve à frente da organização desse arquivo. Porém, a autora pouco se debruçou sobre a documentação, atendo-se, nas poucas referências à documentação, a reproduzir trechos de cartas, crônicas e fotografias.

Tal fato propõe a reflexão em torno da constituição desses vestígios como verdadeiros “documentos históricos”, seja no momento da organização do acervo, seja para a escrita da trajetória do escritor ou para a história do período que o acervo abrange. Os vestígios não têm importância apenas por existirem. O que torna uma anotação corriqueira, que pode ter sido conservada ou esquecida numa gaveta pelo escritor, num documento da história de Virgínius

⁶ A discussão de um “arquivamento e produção do eu” se dará no Capítulo 1, ao analisar a escrita de si e a construção de uma identidade intelectual.

da Gama e Melo, junto com suas cartas e obras? Parte-se do entendimento que “todo documento histórico é uma construção permanente” (KARNAL; TASCH, 2013, p. 12). Esses vestígios foram eleitos por sujeitos e instituições como passíveis de compor um acervo histórico da personagem, o que já constituiu um momento da concepção de “documento histórico”. Esse acervo possui grande importância para os estudos de Literatura, Crítica, Política, Cinema e História, porém repousou durante anos nas inúmeras gavetas da Fundação. A seleção das fontes por parte do historiador, como se deu para este trabalho, constituiu outro momento de constituição da concepção de documentação histórica.

Porém, o que torna até as anotações corriqueiras deixadas por Virgínius passíveis dessa concepção é o que antecede a própria documentação. Como colocam Karnal e Tatsch, “a carreira de uma personagem redimensiona a documentação” (2013, p. 22), ou seja, a documentação é investida de importância porque há a ideia de que a personagem a ser estudada é importante, ou seja, para a organização do acervo e para a seleção do escopo documental do trabalho, as ideias em torno da personagem perpassaram a concepção de documento histórico.

Atentar para esse material, assim como os bilhetes, manuscritos, rascunhos, possibilitou a experiência do que Arlette Farge (2009) chama do *sabor do arquivo*. Alguns documentos, como as cartas, por vezes, solicitava uma leitura “teatral”, a fim de captar as vozes dos interlocutores, suas angústias, senso de humor, raivas, entre outros sentimentos que, mais do que ser um traço peculiar, ajudava a compreender o conteúdo e suas finalidades. Entre as dificuldades de decifrar cartas com letras difíceis de ler ou num papel frágil, obter informações em documentos incompletos, lidar com rasuras, entre outras circunstâncias, foi possível retirar dessa experiência elementos para compreender a própria prática da escrita. Nas anotações em versos de cartas e fotos e nos rabiscos em folhas improvisadas, foi possível perceber o seu processo criativo, bem como encontrar vestígios que traziam informações preciosas sobre suas leituras de mundo e sua relação com outras personagens.

Seu acervo é constituído e organizado seguindo a natureza da documentação: cartas recebidas e enviadas, documentos pessoais, produção intelectual, sendo elas, textos de jornais, livros e manuscritos, fotografias, documentação burocrática ligada às instituições que ele fez parte, folhetos, programas de eventos e textos de terceiros.

A escrita epistolar parece ter adquirido relevância, ou ao menos um fazer mais regrado dentro das atividades diárias, a partir do momento que fixou residência em João Pessoa, no fim da década de 1950. Pelo menos é o que nos leva a crer o fato das correspondências que compõem o seu acervo passarem a contar apenas a partir de sua estadia na capital paraibana,

para tratamento da tuberculose no hospital Clementino Fraga, e ao se fixar na Rua Batista Leite, número 201, no bairro do Roger, quando passou a morar com suas tias ao sair do hospital, tornando-se sua residência e endereço para remessas de livros, cartas de leitores, editoras e correspondências pessoais. Destarte, a casa 201 da Rua Batista Leite era caminho conhecido, se não o mais conhecido, dos carteiros da região central da cidade. Esse endereço passou a figurar junto à sua assinatura nas colunas diárias dos jornais da Paraíba e Recife, indicando o local para onde autores, editoras, livreiros e leitores deveriam remeter livros e cartas.

Um traço peculiar da escrita epistolar de Virgínius da Gama e Melo, que tanto ajuda na ampliação desse acervo documental, mas, principalmente, para a compreensão da própria *escrita de si*, é o fato de Virgínius ter guardado algumas cópias das cartas escritas e enviadas. Tal fato pode ajudar a dimensionar o seu trabalho de constituição de uma imagem pessoal, que passaria pela atenção e cuidado dado na escrita dessas cartas, atentando para revisão, correção e, nesse processo, acabou guardando algumas cópias e rascunhos. Entre elas, a carta escrita à Gilberto Amado, em 1961, e algumas para editores, principalmente as escritas no processo de edição do seu primeiro romance, *Tempo de Vingança*, em 1970.

Algumas questões centrais são feitas a esse conjunto de documentos intencionando elucidar questões que perpassam a tese: de que maneira a personagem é tratada pelos seus correspondentes e de que maneiras os mesmos constroem uma, ou várias, imagens do destinatário e de que maneira se evidencia uma *escrita de si* nas correspondências escritas por Virgínius (Capítulo 1); como as cartas possibilitam entender a constituição e o funcionamento de redes de sociabilidade intelectual entre as décadas de 1940 e 1970 (Capítulo 3), nesse sentido, as cartas são tomadas como ponto de partida para decompor essas redes, intencionando vislumbrar os diálogos entre os correspondentes e os nomes por eles citados, como, por exemplo, nas colunas de jornais, onde muitas vezes os debates que se davam pelas cartas eram ampliados e publicizados; e como podemos entender a produção intelectual de Virgínius nas relações com os editores, instituições ou com a troca de ideias com seus pares (Capítulo 4).

As correspondências revelam aspectos da vida privada das personagens envolvidas no processo de escrita e leitura das cartas. Nas narrativas surgem preocupações em torno da saúde, relacionamento amoroso, notícias do cotidiano, narrativas de viagens, votos de boas festas a cada final de ano, bilhetes lembrando noites de festa, notícias familiares, recomendações. Porém, para a escrita da trajetória intelectual do protagonista dessa pesquisa, interessa um olhar atento para as cartas que sugerem o comportamento de Virgínius pelo

campo de produção cultural, e as correspondências que trocou com outros intelectuais, amigos ou não, leitores, editores e livreiros são tomadas como centrais para análise. Tais fontes assumem o caráter de veículos que estabeleceram redes de comunicação e sociabilidade entre os agentes.

O olhar sobre o Acervo Virgínius da Gama e Melo é ampliado para além da simples compreensão da personagem em sua singularidade. Esses documentos também são tomados como fontes para investigar as *redes de sociabilidade*, regras, organização e história do campo social analisado.

Virgínius estabeleceu longa troca de missivas com nomes de destaque, objetivando absorver a dinâmica do campo e tecer as redes de sociabilidade nas quais se envolveu. Boa parte das correspondências que podem ser tomadas como séries documentais em seu acervo, são as cartas enviadas por amigos que Virgínius fez quando morou na cidade de Recife durante as décadas de 1940 e 1950. Nas cartas que iniciam a série do início da década de 1960, percebemos como principais temas os votos de reestabelecimento total da saúde, os laços que criou em Recife, o seu processo de mudança para João Pessoa e os projetos em vista para a nova fase da vida.

As cartas remetidas de Recife no início da década 1960 ainda tratavam de inteirar Virgínius das atividades e notícias das personagens que integravam os círculos que frequentava quando de sua estadia em Recife, como as cartas de Lucillo Varejão, que ainda indicavam a rede de amizades que compreendia nomes como Nilo Pereira, Mauro Mota, entre outros. Também se atenta para a troca de cartas com escritores nordestinos residentes no Rio de Janeiro e que foram importantes no intercâmbio cultural entre as regiões.

Outro tema que surge no conjunto das correspondências é a produção intelectual. Nesse sentido, deu-se atenção às cartas em que foi possível vislumbrar o processo de escrita a partir do debate entre escritores e entre Virgínius e as editoras.

Tais veículos de comunicação eram fundamentais “para a manutenção da sociabilidade desse meio” (MALATIAN, 2013, p. 211) e, concebidas numa leitura relacional com outras fontes, são peças fundamentais para mapear o *habitus* dessa sociabilidade. O *habitus* (BOURDIEU, 1996c, p. 22) seria o conjunto de concepções internalizadas que guiam a maneira de pensar, as práticas distintas e distintivas e a forma que um grupo tem de conceber o campo e a si próprio.

Ao analisar as cartas, busca-se dimensionar a “natureza e a intensidade dos laços que manteve” (MALATIAN, 2013, p. 203) com os diversos agentes. A seleção dos correspondentes levou em consideração o número de cartas trocadas com Virgínius e o

conteúdo, além da importância dos remetentes dentro da trajetória da personagem e do campo. Do conjunto de correspondências intelectuais, são centrais as remetidas por Nilo Pereira, Mauro Mota, Ascendino Leite, José Américo de Almeida, Gilberto Amado, João Lyra Filho, José Condé e Stella Leonardos, mas também atenta-se para as trocas esporádicas com outras personagens.

Para Teresa Malatian, “no universo aparentemente caótico da experiência humana”, mapear o *habitus* possibilita ordenar e unificar “práticas, ações, comportamentos e representações” que tanto convergem para compreensão do sujeito, como da sociedade na qual o indivíduo transita (2013, p. 201). Nesta perspectiva, é possível elencar momentos circunstanciais na trajetória individual da personagem e que incidiram de diferentes formas nas relações que estabeleceu no campo, a fim de entender a construção do *habitus*. Alguns momentos são tomados como momentos-chave na trajetória do escritor: a campanha para governador da Paraíba na qual esteve envolvido em 1950, os embates intelectuais com Gilberto Freyre e José Américo de Almeida; o período que esteve internado e quando deixa o hospital e a volta às atividades literárias no final da década de 1950 e início de 1960, no seu retorno à Paraíba; a atuação junto ao Estado na década de 1960; o processo de editoração do seu primeiro romance, no início dos anos 1970, entre outros.

Atenta-se nas correspondências para elementos de grande interesse para investigar o processo de consagração do intelectual durante a sua trajetória. Nota-se que o número de correspondências aumentou e ganhou novas personagens e focos ao passo que sua volta às atividades jornalísticas foi se estruturando. Junto com as notícias corriqueiras sobre a vida e sobre Recife, próprias dessas cartas de amizade, os amigos foram, paulatinamente, se reportando aos artigos lidos. Às cartas dos amigos, foi coabitando as cartas de diversos leitores que passaram a tratar os artigos publicados. Os amigos e leitores passaram a aludir e qualificar os dotes de escritor de Virgínius, incentivando a sua escrita e o tratando como promessa futura.

Atentar para indícios sutis que se fazem presentes nas regras de etiqueta da escrita epistolar permite dimensionar outras leituras e análises. O “meu caro amigo”, “grande amigo”, vai dividindo espaço com “prezado escritor”, “prezado intelectual”, entre outros tratamentos que vão de encontro às visões cristalizadas do “intelectual nato”, “possuir do dom da escrita”, de sujeito “destinado a ser um intelectual”. Destaca-se também as primeiras menções a termos que remetam a esse processo: “consagrado”, “mais que uma promessa; uma afirmação”, “renomado intelectual”, “ilustre crítico”, entre outros. Também se percebe a multiplicação de cartas demandando a leitura, a apreciação, as opiniões e colaboração de

Virgínius para as obras dos remetentes e, dada a “sorte”, que Virgínius dedicasse um espaço de uma de suas colunas de crítica literária para abordar e divulgar a referida obra. São elementos que vão construindo uma narrativa do sujeito intelectual e seu imaginário na sociedade.

As correspondências ainda dimensionam o largo alcance dos escritos de Virgínius. São inúmeras as cartas e telegramas de leitores ilustres e desconhecidos, locais ou de outros estados, congratulando e tecendo comentários sobre os seus artigos. Tais fontes possibilitam o trabalho de composição das redes, no sentido de indicar nomes e como tais personagens participaram no processo de escrita do crítico.

Por meio das correspondências com editoras é possível perceber como se estabeleceu contatos com livreiros a fim de receber remessas de livros e discutir as análises publicadas que diziam respeito às publicações das editoras. Futuramente, o que se percebe é a discussão das editoras em torno dos próprios livros de Virgínius. São significativas desse percurso as correspondências da Civilização Brasileira e da José Olympio, que manifestavam o interesse de publicar as obras premiadas do escritor e, quando os contratos eram firmados, as cartas passavam a tratar a escolha de título, capa, alterações no corpo do texto. São indícios para compreender o processo de escrita de Virgínius numa perspectiva histórica, atentando para as transformações dentro de sua trajetória, a partir da relação escritor e mercado editorial, assim como por meio das cartas de leitores.

As cartas trazem as impressões dos correspondentes acerca de artigos publicados por Virgínius e outras personagens, bem como são indicações desses textos nos jornais. Nota-se a troca de lisonjas por meio das colunas assinadas pelos intelectuais, prática esta, como veremos, recorrente entre os nomes que participam de certa rede de sociabilidade e a autopromoção de seus agentes, além de elementos que ajudam a configurar o processo de consagração do escritor.

A análise das cartas se deu, ainda, em cruzamento com outras fontes, como os jornais e suplementos literários, em específico as colunas assinadas pelos intelectuais que compõe as redes de sociabilidade tecidas na pesquisa. Sirinelli chama atenção para o debate público entre os intelectuais: “quantas polêmicas, que às vezes definiram parcialmente a atmosfera intelectual de uma época, foram ditadas a seus autores pela preocupação de que o ‘outro’ respondesse publicamente a esta última pergunta?” (SIRINELLI, 2003, p. 252). No contexto analisado, tais colunas foram espaços privilegiados de promoção e divulgação de ideias e debate publicizado entre os agentes. Nestas, estabelecem-se diálogos entre colunistas, entre leitores e entre os intelectuais e seus leitores. Porém, o autor ainda alerta para o fato da

supervalorização de certos “arroubos emocionais dos intelectuais”. Estes devem ser “um objeto de história, na medida em que esses elementos influem – às vezes – no funcionamento desse ecossistema que é a *intelligentsia*” (SIRINELLI, 2003, p. 252). As críticas que Virgínius teceu a nomes como Gilberto Freyre e José Américo nas páginas do *Jornal do Comércio*, por exemplo, foram centrais na sua trajetória intelectual. Como veremos as posições e relações mudaram. Os embates, nestes casos, possibilitaram a conformação de novos laços de sociabilidade, aproximando o crítico aos sujeitos consagrados no campo.

Na coluna *Flagrantes*, de Aurélio de Albuquerque, no *Correio da Paraíba*, por exemplo, ouve uma troca de acusações, em meio ao contexto de tensão pós-golpe de 1964, envolvendo o nome de Virgínius e outros professores da Faculdade de Filosofia da Universidade da Paraíba. O embate se deu por meio de cartas publicadas pelo colunista durante o mês de abril. Tal episódio lança luz sobre as tensões presentes nesse cenário e dá novas possibilidades para analisarmos a imagem do escritor.

Já Otávio Monjardin, em sua coluna *Espetáculos*, também no *Correio da Paraíba*, dedicava quase que diariamente algumas linhas para abordar a vida do *menestrel*. O colunista parecia nutrir uma fixação pela imagem de Virgínius da Gama e Melo. Otávio Monjardin usava do humor sarcástico para abordar seus temas nas crônicas e nas notas culturais. Sua forma de ler e abordar Virgínius da Gama e Melo parecia dessacralizar a imagem do intelectual. O escritor costumava aparecer de forma fantasiosa, com notas imaginárias sobre seu cotidiano, personalidade e projetos futuros. Adentrando essas imagens, e ultrapassando a camada mais superficial, mas que não deixa de informar, de trazer preciosas leituras, percebe-se que o colunista representava Virgínius como um sujeito excêntrico. Se por um lado revela o perfil cômico do colunista, também evidencia os sentimentos em torno da imagem de Virgínius, possibilitando, assim, uma leitura em torno de um sujeito já mitificado em vida. A imagem de homem sério, apesar de boêmio, é quebrada pelas representações de Otávio Monjardin.

Os jornais e suplementos literários são indícios históricos importantes para a elaboração de uma história do campo de produção cultural na Paraíba, considerando as tensões e os conflitos próprios vivenciados por um contexto que redimensiona o próprio campo e que evidencia as disputas em torno da instituição de práticas e representações sociais legitimadas. Tais veículos demarcavam os agentes que pertenciam a uma linha comum frente às disputas simbólicas comuns à dialética do próprio campo. São também o palco público privilegiado dos debates intelectuais.

Virgínius transitou por diversas redações e contribuiu com vários jornais. No *Jornal do Comércio* e *Diário da Noite*, em Recife, no *Correio da Paraíba*, *A União* e *O Norte*, na Paraíba. Nos jornais de Pernambuco e da Paraíba contribuiu de forma mais intensa, com artigos diários em quase todos os jornais. Também escreveu para o *Correio da Manhã* e *Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro, e *O Estado de São Paulo* e *Diário de Brasília*. Seus textos também eram transcritos em jornais e suplementos de outros estados.

A volta de Virgínius às atividades jornalísticas no *Jornal do Comércio*, em outubro de 1960, depois de alguns anos afastado para tratamento de saúde foi celebrada por outros colonistas, como Mauro Mota e Nilo Pereira em suas colunas nos jornais pernambucanos. Nilo Pereira, por exemplo, constantemente se referencia ao escritor em suas crônicas, comentando os seus artigos, incentivando o seu exercício, inclusive a publicação de livros; ou seja, promovendo o nome do autor. Fato também constatado pelas suas cartas. O que evidencia que o debate extrapolava as “fronteiras” entre os jornais e como os agentes de uma mesma rede de sociabilidade participavam no processo de promoção de seus pares por meio da imprensa.

Ao propor analisar os debates, as disputas e construir uma trama histórica do campo de produção cultural, os jornais e os suplementos literários, em específico o *A União nas Letras e nas Artes* e o *Correio das Artes*, são concebidos como *locus* privilegiados das redes que compõem o campo de produção cultural neste contexto. Esses suplementos, tomados como bens dotados de simbolismos dentro do campo, são abordados numa dupla dimensão a partir da caracterização que Sirinelli faz das *revistas* como uma das estruturas elementares da sociabilidade. Para o autor,

as revistas conferem uma estrutura ao campo intelectual por meio de forças antagônicas de adesão – pelas amizades que as subtemem, as fidelidades que arrebanham e a influência que exercem – e de exclusão – pelas posições tomadas, os debates suscitados, e as cisões advindas. Ao mesmo tempo que um observatório de primeiro plano da sociabilidade de microcosmos intelectuais, elas são aliás um lugar precioso para a análise do movimento das idéias. Em suma, uma revista é antes de tudo um lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade, e pode ser, entre outras abordagens, estudada nessa dupla dimensão. (SIRINELLI, 2003, p. 249)

Os suplementos, bem como os jornais, não são tomados apenas como fontes de informações que dizem respeito à produção literária dos estados, mas como parte do objeto de pesquisa. Nesse ínterim, no processo metodológico torna-se central compreensão dos suplementos enquanto materialidade repleta de significados e construtores de discursos dentro

do campo cultural e enquanto “espaços” físicos e simbólicos da sociabilidade.

Os suplementos literários são tomados a partir de um contexto que redimensiona a relação entre imprensa e literatura. No decorrer da década de 1940, o formato e o objetivo dos jornais passaram por profundas transformações, afetando a produção literária que se fazia presente nas suas páginas. Os poemas e crônicas tinham destaque nas páginas dos diários. No jornal *A União*, por exemplo, era comum que um texto literário abrisse a edição diária. No decorrer dessa década, o espaço da poesia e a crônica foi sendo tomado pelas manchetes de capa e noticiários policiais e políticos. Isabel Travancas (2001, p. 17) chamou esse processo de *desliteraturização*, no qual o jornal diário passou a não atender mais a demanda do texto literário.

Diante de tal processo, percebe-se uma forte reação dos próprios agentes. As letras e as artes, que se projetaram nos jornais no Brasil desde meados do século XIX, nesse novo contexto, estabeleceram, por meio dos suplementos, novas relações com a imprensa. A virada da década de 1940 para 1950 assistiu a profusão no aparecimento desses suplementos. Na Paraíba, em 27 de março de 1949, começou a circular o *Correio das Artes*, suplemento literário do jornal *A União*.

O *Correio das Artes* surge num campo já marcado por tradições e por outras instâncias de divulgação, reflexão e consagração das obras e ideias em torno das artes. Nesse sentido, deu-se a investigação do seu processo em busca de legitimação enquanto produto cultural, bem como as disputas pelo direito de “uso de fala” do suplemento pelos diversos grupos que constituíam o campo cultural paraibano. Como veremos, essa experiência reverberou nas décadas seguintes, participando na formação intelectual de futuros agentes, na conformação de redes e reconfigurações do campo ao longo da história.

Entre as décadas de 1940 e 1960, passaram pelas suas páginas nomes como Edson Régis, José Américo de Almeida, Linduarte Noronha, José Lins do Rego, Manuel Bandeira, Eulajose Dias de Araújo, Juarez da Gama Batista, Vanildo Brito, Raúl Córdula, Carlos Romero, Paulo Melo e Virgínius da Gama e Melo, que teve papel central na reedição do suplemento na década de 1960. Desde o seu início, o *Correio das Artes* foi espaço para publicação de obras de autores *consagrados*, mas, principalmente, foi espaço quase obrigatório para a projeção dos *novos* autores e artistas da Paraíba.

Outros suplementos foram surgindo. O periódico *A União nas Letras e nas Artes*, criado na década de 1950, num período em que o *Correio das Artes* estava sem circular, é de grande importância para compreender como os diversos grupos agenciaram a imprensa para divulgar seus pensamentos. Este suplemento foi concebido pelo poeta Vanildo Brito, que

buscou por meio dele promover a produção do grupo que se intitulou *Geração 59*, que se articulava desde 1956, tendo-o como “figura de proa”, e em 1959 publicaram uma antologia que recebeu como título o nome do grupo. O suplemento surgia como uma reação ao momento das letras na Paraíba e frente ao monopólio cultural do Rio de Janeiro.

Ao serem concebidos, estes suplementos literários passaram a compor uma rede de sociabilidade que integrava artistas, literatos e jornalistas. Logo, devemos tomá-los como uma das expressões de divulgação, construção e configuração de valor dentro do campo de produção cultural junto com as academias de Letras e de Imprensa, o Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba, os grêmios literários, as editoras, sendo que cada qual produzindo falas à sua maneira.

O surgimento desses suplementos se inseriu num contexto local de emergência de manifestações culturais, como a fundação da Academia Paraibana de Letras, da Academia Paraibana de Imprensa e de diversos grêmios literários, como o do Liceu Paraibano e de cineclubes. *A União nas Letras e nas Artes* surge como reflexo da *Geração 59*⁷, que por sua vez se organiza num contexto dos clubes de poesias e do cineclubismo. Mais adiante, surgiu o *Grupo Sanhauá*⁸, que em 1963 se lançou a partir da publicação de *Alguns Gestos*, livro de poesias, de Marcos dos Anjos, mentor do grupo.

A emergência de grupos artístico-literários na Paraíba – ainda pode-se citar o grupo *Caravela* – era percebida pelos eventos promovidos pelos seus membros, pelas suas publicações e pelos textos nos periódicos, tanto com sua produção quanto com análises em torno dos grupos. Essa agitação também levou à publicação de textos que procuravam refletir esse tipo de agrupamento a partir de outros contextos, como no *Correio da Paraíba* que, em 23 de janeiro de 1965, trazia a matéria intitulada “Intelectuais agrupados forjaram gerações de escritores Ingleses”. A perspectiva adotada no texto trazia uma análise que perpassa muitas visões em torno desse tipo de organização e ajuda a entender as discussões teóricas no contexto local:

Escritores, especialmente quando jovens e ainda no processo de descobrir a natureza e direção de seus talentos, frequentemente se reúnem em grupos. Às vezes isso ocorre em virtude de acidente de proximidade e por acreditarem ter mais em comum por serem escritores, que as pessoas que não o são. Ou podem gravitar no sentido uns dos outros por um sentido de objetivos comuns, a posse de ambições e ideais semelhantes. Frequentemente aliam-

⁷ Sobre a *Geração 59* ver: PINTO, Sérgio de Castro. *O Caos e a Neblina*: Vanildo Brito e a Geração de 59. João Pessoa: Ideia, 2011.

⁸ Sobre o *Grupo Sanhauá* ver: FILHO, Hildeberto Barbosa. *Sanhauá: uma ponte para modernidade*. João Pessoa: Edições FUNESC, 1989.

se em movimentos das outras artes ou assimilam em seus grupos representantes de outros “metiers”. (INTELECTUAIS AGRUPADOS..., 23 de janeiro de 1965, p. 4)

O artigo faz referência aos grupos de escritores que emergiram na Inglaterra na primeira metade do Século XX até meados da década de 1950: “Os Sitwell”, “Movimento dos ‘30’”, “Movimento” e o “Grupo ‘Bloomsbury’”. Este último, inclusive, foi analisado por Raymond Williams (1999) num estudo central para os estudos dos agrupamentos culturais. Para este autor, “não há dúvidas quanto à importância social e cultural de tais grupos, desde os mais organizados aos menos organizados. Nenhuma história da cultura moderna poderia ser escrita sem se dar atenção a eles” (WILLIAMS, Raymond, 1999, p. 140).

Apesar de Virgínius não se organizar em grupos, pelo contrário, como veremos, manteve relação conflituosa com eles, foi nesse contexto de agitação cultural que o crítico transitou na Paraíba. Entender a sua relação com esses grupos é um desafio, pois o crítico pouco se dedicou à reflexão e promoção desses escritores locais. As memórias em torno desse “relacionamento” são envoltas entre ressentimentos e reconhecimentos devido à “indiferença” do crítico em relação aos novos. Para Sérgio de Castro Pinto (in INDIFERENTE AOS NOVOS, 10 e 11 de setembro de 2015, p. 13), um dos membros do *Grupo Sanhauá*, via essa relação como uma “guerra de gerações”.

A ideia de *guerra de gerações* se faz presente em algumas falas e análises da época, como um embate entre sujeitos que se distinguem a partir da idade ou entre *novos* e *velhos*. O próprio Sérgio de Castro Pinto diz que “a nova geração, naturalmente, contestava Virgínius, a figura oficial, o medalhão que julgávamos que ele era” (INDIFERENTE AOS NOVOS, 10 e 11 de setembro de 2015, p. 13). Sua fala, assim como outras abordagens sobre esse contexto, é imbuída da ideia de *sucessão geracional* e toma a diferença de idade para justificar os embates entre o escritor e os grupos.

A problemática geracional é muito mais complexa que se possa parecer. Os próprios grupos eram compostos por indivíduos de “diferentes gerações”, inclusive idades próximas à de Virgínius. Marcos Tavares, poeta que integrou o *Grupo Sanhauá*, aborda essa questão de forma mais ampla e mais próxima à conformação desses grupos locais: “a crítica rotulou uma série de poetas, teatrólogos, intelectuais de maneira geral, de uma mesma geração, muito mais literária do que cronológica, pois reunia pessoas como Pedro Santos, Antonio Serafim, Pontes da Silva, com idade de ser pai da gente, até Marcos Vinícius, eu mesmo, os mais jovens” (TAVARES in BARBOSA FILHO, 1989, p. 37).

Para Sirinelli, apesar do emprego dessa noção ser perigoso, ela é central para analisar as estruturas de sociabilidade:

No meio intelectual, os processos de transmissão cultural são essenciais; um intelectual se define sempre por referência a uma herança, como legatário ou como filho pródigo: quer haja um fenômeno de intermediação ou, ao contrário, ocorra uma ruptura e uma tentação de fazer tábua rasa, o patrimônio dos mais velhos é portanto elemento de referência implícita. [...] o esclarecimento dos efeitos da idade e dos fenômenos de geração no meio intelectual vai além do procedimento apenas descritivo ou taxonômico; reveste-se, em determinados casos, das virtudes explicativas, pois esses efeitos e fenômenos não são inertes: são às vezes engrenagens determinantes do funcionamento. (2008, p. 254-255)

Parte dos conflitos entre os grupos e Virgínius, bem como os embates de Virgínius e Gilberto Freyre, na década de 1950, por exemplo, passava pelo discurso do embate de gerações. Como também, para compreender a centralidade de sua figura para os jovens literatos locais e o discurso em torno da sua “herança”, reivindicada postumamente por aqueles que se colocaram como “guardiões” de sua memória e de seu legado crítico. Porém, o interesse da pesquisa nesse debate não recai em investigar as fronteiras geracionais entre os grupos e Virgínius, e entre o crítico e os nomes consagrados do campo. Mas, sim, para compreender esse debate enquanto performatividade que buscava definir identidades e lugares dos agentes dentro do próprio meio intelectual. Portanto, Virgínius era o ponto de contraste e, ao mesmo tempo, a figura que congregava as diferentes formas de organização.

Cabe também refletir a relação de Virgínius com as instituições de caráter oficial. A relação do escritor com a Academia Paraibana de Letras se colocou como uma problemática. Entendendo as Academias como uma das instituições de consagração no campo literário, esperar-se-ia que Virgínius viesse compor a galeria de imortais da *Casa de Augusto dos Anjos*. Não foi por falta de investida. O escritor foi eleito em dois momentos para uma cadeira da APL, mas o mesmo não chegou a ser diplomado. Essa relação continuou postumamente, com a Academia se tornando uma das principais promotoras da memória do escritor.

Nesse processo de decompor a trajetória de Virgínius da Gama e Melo a partir das relações com instituições oficiais de caráter cultural, permitiu ampliar o olhar sobre as relações de Virgínius com os espaços de poder, principalmente o político, e, nesse sentido, lançou-se um olhar atento para a construção do sujeito político, bem com a relação entre o campo de produção cultural e o campo político.

Virgínius não se tornou um político na acepção usual da palavra, como demandava a tradição familiar, mas nem por isso foi um sujeito menos político. Virgínius, de certa maneira,

questionava sua origem nobiliárquica, mas a mesma abria portas e o escritor soube capitanear isso quando lhe convinha. A política foi central em toda sua trajetória. Desde a política partidária, das origens familiares, ao se lançar no mundo público na campanha de seu tio a governo do estado, bem como no debate e pensamento político por meio da coluna *Política é isso mesmo*, no Diário da Noite, na qual se iniciou no colunismo em Recife, e, posteriormente, cobrindo a política partidária da Assembleia Legislativa para o *Jornal do Commercio*. Aliás, suas posições eram conhecidas. Fazia questão de manifestá-la nos jornais. Também se refletia nas relações e redes que construiu com agentes políticos e com aqueles intelectuais que traçaram trajetórias no mundo político partidário, como Nilo Pereira, que se tornou deputado, e nos cargos que ocupou no serviço público.

A conformação dos campos e redes analisadas é entendida num contexto que sugere uma abordagem dos mesmos em relação mútua. Os campos possuem relativa autonomia, porém não estão soltos ou isolados do meio onde estão inseridos, e essa máxima é confirmada ao entendermos o contexto das décadas analisadas. Ao longo da discussão a abordagem do contexto político, social e econômico se faz presente no sentido de entender como os agentes pensavam e agiam dentro da sociedade. O contexto marcado por uma “modernização conservadora”, intensificada na década de 1950, era marcada as relações entre *intelligentsia* e sociedade, ou entre campo de produção cultural e campo político. André Botelho coloca que tais relações visavam o não afrouxamento “entre cultura e política nas mais diferentes esferas sociais, isto é, sem que estas pudessem assumir exatamente ‘autonomia’, uma em relação à outra”, a afirmação de um campo, seja ele artístico, intelectual ou científico, “mesmo fundados em valores, práticas e instituições próprios, não implicava na década de 1950” – e na Paraíba, de forma mais acentuada, a partir do governo de Pedro Gondim, que exerceu dois mandatos (1958-1960 e 1961-1966) – “um afastamento do compromisso com um processo civilizador no Brasil” (BOTELHO, 2006, p. 16). Daí o olhar relacional entre os campos que perpassou a análise desenvolvida na tese.

Durante os governos de Homero Morgon⁹, ou melhor, Pedro Moreno Gondim, o governador poeta, como ficou conhecido, deu-se um estreitamento entre os campos político e cultural no estado. A sua gestão tomou para si o lema da modernização do estado. E, tomando o exemplo central de Virgínius da Gama e Melo, assistiu-se uma forte atuação da intelectualidade local nesse projeto, visto que essa modernização da Paraíba passaria pelo incentivo aos setores culturais. O governo Pedro Gondim conduziu boa parte da *intelligentsia*

⁹ Homero Morgon era o pseudônimo utilizado por Pedro Gondim ao publicar suas poesias, inclusive no *Correio das Artes*.

para os seus quadros. Foi também o momento que a Imprensa Oficial, por meio de seus veículos, como o jornal *A União*¹⁰, foi agenciado para promover a gestão Pedro Gondim, bem como a sua figura pública. O expediente de cada edição, por exemplo, passou a trazer o nome do governador associado ao do governo: o “Governo do estado da Paraíba” deu lugar para “Governo Pedro Gondim”.

O olhar sobre a relação desses intelectuais com o Estado vai além do agenciamento de recursos para a cultura. Como sugere Sérgio Miceli (2001), a presença dos intelectuais ocupando os escalões superiores do serviço público revelava um jogo de interesses entre intelectuais e projeto político. O contexto analisado na tese se enquadra, em parte, no que se convencionou chamar de período “populista” (1945-1964) e a historiografia paraibana enquadra Pedro Gondim nesta perspectiva¹¹. Segundo Miceli, durante esse período,

verifica-se uma ampliação das carreiras reservadas aos intelectuais ao mesmo tempo que se intensifica o recrutamento de novas categorias de especialistas (economistas, sociólogos, técnicos em planejamento e administração etc.); muitos deles se alçaram aos postos-chaves da administração central [...]. (MICELLI, 2001, p. 197)

Jornalistas e literatos compunham o governo Pedro Gondim. O jornalista Carlos Romero, que orientou o *Correio das Artes* a partir de 1964, chegou a assumir o cargo de secretário-adjunto da Casa Civil.

Virgínius da Gama e Melo na carta a Gilberto Amado já revelava a necessidade de se ligar ao Estado. A carta foi escrita anos antes do seu envolvimento com o governo da Paraíba, em específico em torno da articulação e criação do Conselho Estadual de Cultura. Na carta, dizia que, mesmo com razão do parentesco, como a do tio Argemiro de Figueiredo, ex-interventor do estado, não exerceu cargo público e, em suas palavras, “não que não precisasse dela, precisava como preciso” (MELO, V. G.. [Carta] 18 jan. 1961, João Pessoa [para] AMADO, Gilberto. Nova Iorque. 4f. p. 2). Sua trajetória é marcada por essas relações entre cultura e política, inclusive na construção de sua autoimagem.

¹⁰ O jornal *A União* é uma publicação oficial do governo do estado da Paraíba. Foi fundado no século XIX, em 1892, pelo presidente da província, Álvaro Machado, e começou a circular no dia 2 de fevereiro de 1893. Em 2012 *A União* deixou de ser um jornal diário e passou a circular semanalmente. Sobre a história do jornal *A União* ver: MARTINS, Eduardo. *A União, Jornal e História da Paraíba: sua evolução gráfica e editorial*. João Pessoa: A União, 1977.

¹¹ Sobre o governo Pedro Gondim ver: ARAÚJO, Railane Martins de. *O governo de Pedro Gondim e o Teatro do poder na Paraíba: imprensa, imaginário e representações (1958-65)* Dissertação (Mestrado em História) – PPGH, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PB, 2009.

1.3 DESENHO DA PESQUISA

Demarcou-se, de forma não estanque, o tempo e o espaço de análise. Virgínius da Gama e Melo nasceu em 1923, porém, como o foco da tese não é a construção de uma biografia do escritor, mas, sim, de sua trajetória intelectual, lança-se uma organização temporal em que diversos tempos se encontram. A tese não segue, prioritariamente, uma organização cronológica, mas, faz-se necessário, neste momento, compreender cronologicamente os tempos que se encontram ao longo dela. Esses recortes se deram levando em consideração os períodos em que Virgínius morou em Recife e, posteriormente, em João Pessoa. Assim, Recife e João Pessoa são os palcos do desenrolar da vida de Virgínius da Gama e Melo, porém as redes de sociabilidade nas quais se inseriu extrapolavam as fronteiras dessas cidades.

Os tempos de Recife lançam um olhar sobre as décadas de 1940 e 1950 em diante. Esses momentos foram marcantes na trajetória de Virgínius, pois foi nesse contexto que a personagem vivenciou os primeiros contatos com o campo literário. O Virgínius de Recife, nesta tese, aparecerá a partir das memórias que ajudaram a decompor as representações (auto) biográficas da personagem e, em certa medida, também ajudaram a compreender sua formação acadêmica em Direito e seus primeiros passos no jornalismo e crítica literária, e como isso participou na sua trajetória de crítico e agitador cultural que veio a se tornar em João Pessoa.

As cartas e os jornais se cruzam com as memórias, ajudando a compreender como algumas amizades foram estabelecidas no seu tempo de Recife e como se construíram laços afetivos e intelectuais centrais na sua trajetória. As redes que estabeleceu em Recife não se dissolveram quando o crítico foi morar em João Pessoa, pelo contrário, as evidências mostram que, apesar dos diversos caminhos que os agentes seguiram, as redes estavam estabelecidas e tiveram papel fundamental no cotidiano intelectual de Virgínius e na dinâmica do campo de produção cultural dos dois estados.

A ida para João Pessoa para tratamento de saúde e, posteriormente, fixar-se na cidade, marcou sua trajetória no final da década de 1950. A tese privilegia o contexto que se inicia com essa virada na trajetória da personagem. A partir desse momento Virgínius assumiu uma nova postura pessoal e empreendeu uma construção de si centrada no trabalho intelectual.

A sua morte é tomada como um dos marcos da tese: de um lado, se encerrava a trajetória da personagem, do outro, foi um momento de virada em torno da sua imagem. Diversos projetos em torno da construção da história de Virgínius são empreendidos já a

partir de seus necrológicos. O seu nome passou a ser retomado em diversos momentos e outros projetos, ensejando novas representações. Assistiu-se a elaboração de biografias, estudos de sua produção intelectual, instituições receberam seu nome como forma de homenagear sua memória. Parafraseando Sirinelli, para uma geração a sua imagem ficou fixada na retina (2008, p. 237). *Geração* essa que tomou a frente da construção de uma memória que até hoje reverbera em torno dessa personagem.

Na construção desse debate, surgiu a necessidade de compreender as discussões que versam sobre esse campo, seus objetos e seus agentes, em especial Virgínius da Gama e Melo, ou seja, perceber como esses temas se inserem nas pesquisas e reflexões, visto que o processo de legitimação e consagração passa pela escrita da história da literatura paraibana. A historiografia da literatura paraibana reproduziu e criou categorias de análises, contribuiu para reforçar representações, como também criando outras e, assim, participando do processo de consagração póstuma de Virgínius. Bem como propondo novos lugares para os agentes e grupos na história do campo.

Podemos localizar no contexto de fundação da Academia Paraibana de Letras (APL) o surgimento de uma preocupação em torno da escrita da história da literatura paraibana, com ênfase para a construção de biografias dos poetas locais, ressaltando uma “identidade” paraibana desses autores e de suas obras.

Nesse contexto, e numa perspectiva de uma história que privilegiava as biografias de poetas consagrados, como Augusto dos Anjos, que os suplementos vão surgindo e integrando esse movimento de escrita da história. Tanto os suplementos, quanto a revista da APL, empreenderam a construção da própria história, destinando espaço de destaque para aqueles envolvidos com tais publicações. A revista da Academia destacava as trajetórias de seus patronos e membros. Já o *Correio das Artes* produziu edições *fac-símile* com edições passadas e números especiais e artigos sobre a história do mesmo. Tanto os suplementos, quanto a APL, apresentam-se, em diversas ocasiões, como principais incentivadoras e divulgadoras da produção literária e artística local. Esse processo de escrita da própria história é o que é tratado como *reflexividade* do campo.

Sobre a história dos suplementos abordados na tese, destacam-se duas obras em específico, *A União, Jornal e História da Paraíba*, de Eduardo Martins (1977), e *Arrecifes e Lajedos: breve itinerário da poesia paraibana*, de Hildeberto Barbosa Filho (2001). A primeira obra versa sobre a história da imprensa paraibana a partir do jornal *A União*, desde a sua fundação até final da década de 1970. O *Correio das Artes* e *A União nas Letras e nas Artes* aparecem rapidamente num ponto sobre Suplementos e Revistas, sendo destacado o

papel da Imprensa Oficial na promoção da cultura paraibana. A segunda obra faz um panorama da poesia paraibana da colônia até os anos 1990, o mesmo ressalta o papel dos suplementos para a poesia local. Nesta, o *Correio das Artes*, em específico, aparece em dois momentos: inserido na discussão da poesia na década de 1940 e 1950 e, num segundo momento, na volta de sua circulação e em sua relação com a produção poética na segunda metade da década de 1970. Não sendo feita uma abordagem sobre o suplemento na década de 1960.

No que tange aos livros publicados que versam sobre a história da literatura paraibana, podemos concebê-las em quatro vertentes: as antologias; as obras de cunho histórico; as análises da produção literária, de grupos, movimentos ou de um autor específico e as biografias. Enquanto análise da historiografia, apenas as três últimas interessam à pesquisa. As antologias foram tomadas enquanto parte da discussão sobre a *Geração 59*, que publicou uma antologia de mesmo nome, e o *Grupo Sanhauá*, que também organizou sua antologia poética.

Em 1953, João Lélis, membro da APL, escreveu *Maiores e Menores*, que pode ser apontada como a primeira obra sobre a história da literatura paraibana. Como o nome sugere, a obra lança um olhar sobre escritores paraibanos, concebendo-os a partir de categorias de consagração. Interessante notar uma concepção determinista que concebe a influência do ambiente na configuração do meio literário paraibano:

Na província o meio age mais direta e mais imediatamente sobre o homem intelectual; há uma incidência perpendicular das forças negativas do ambiente sobre o indivíduo que define interiormente pelas atividades espirituais; a artificialidade e os requintes da civilização não são ainda uma camada de proteção tão densa como lá na Metrópole. Daí os fatores serem mais eficazes no seu poder negativo contra o homem de letras que se agita na província. (LÉLIS, 1953, p. 69)

O autor também empreende uma análise sobre a inferência da política no campo literário:

A política, no seu papel de força ativa do ambiente, e ao contrário do que seria louvável, sempre influiu maldosamente na vida dos nossos aedos e cronistas; essa influência raramente se fez benéfica; antes acidulava a existência deles por negar-lhes oportunidades e meio de expansão; quase sempre acarrava-os [sic] para o próprio tempo, desnalgando-os [sic], fizesse estiolar a semente que conduziam. Ou então, quando a pujança individual se manifestava resistente, atraí-os, o que era pior porque realizava-se, assim, uma deturpação.

Disto, poucos escaparam. O tempo aprimorou esse malefício.

A Paraíba viveu, anos depois, como repetição de exemplos anteriores, e por duas décadas, sob o consulado epítacista que influíra, de modo avassalador, nas menores manifestações da inteligência provinciana. O estímulo era nenhum ou era de um objetivo político imediato. (LÉLIS, 1953, p. 68)

A obra de João Lélis não aborda o período estudado na tese, porém, discuti-la ajuda a compreender as concepções e abordagens históricas à época dos fatos estudados. No que interessa aos temas da pesquisa, tomamos as obras de Gemy Cândido, Idelette Muzart Fonseca dos Santos, Elizabeth Marinheiro e Hildeberto Barbosa Filho, como centrais para compreender a historiografia da literatura paraibana. Tais autores versaram sob uma abordagem acadêmica, tanto numa perspectiva panorâmica, quanto com abordagens mais circunscritas. Esse recorte interessa para compreender o lugar dado a Virgínius nessas obras.

A *História Crítica da Literatura Paraibana*, de Gemy Cândido, foi lançada em 1983. A obra se caracteriza pela construção de um grande panorama histórico, buscando as raízes da literatura paraibana no período colonial. Sua abordagem vai até a década de 1980, abordando, inclusive, as décadas e personagens estudados na tese. Dentro do panorama, o autor dedicou algumas linhas para se referir à produção de Virgínius. Para Gemy Cândido, “a obra de Virgínius da Gama e Melo, embora densa, tem um caráter incompleto e provisório. [...] Sabendo de tudo um pouco, e fazendo desse pouco um mundo, tinha, para os leigos, um extraordinário poder de julgar” (1983, p. 47). Sua abordagem se difere abruptamente das demais análises feitas sobre a obra do crítico, pois se centra na qualificação negativa da mesma.

Idelette Muzart Fonseca dos Santos organizou o *Dicionário Literário da Paraíba*, lançado em 1994. Como o título indica, a obra é organizada em verbetes referentes a gêneros, literatura, obras, autores, grupos e movimentos literários. O dicionário também faz referência à imprensa, mais especificamente ao jornalismo literário, com verbetes sobre crônica, crítica, suplementos e colunistas que atuaram nos jornais locais. O Dicionário possibilita ter uma visão ampla sobre o campo de produção cultural. Traz verbetes sobre a *Geração 59*, *Grupo Sanhauá*, *Academia Paraibana de Letras*, *A União*, *Suplementos Literários* e diversas personagens que compuseram as redes investigadas. No que tange a Virgínius, o mesmo possui um verbete no seu nome, no qual se faz uma breve biografia do escritor. O mesmo também é referenciado no verbete *Crítica Literária*, no qual a autora se debruça de forma breve e analítica sobre a produção do crítico em comparação com a do seu primo e contemporâneo, o também crítico Juarez da Gama Batista. Segundo a autora,

diferentemente de Juarez, Virgínius da Gama e Melo revela menos erudição, porém mais objetividade na manipulação do texto crítico. Sua linguagem é clara, seu discernimento analítico denota maior perspicácia, embora, em certas circunstâncias um ar de espírito folgazão venha desfavorecer a qualidade dos seus estudos. (SANTOS, 1994, 92)

A extensa produção de Hildeberto Barbosa Filho abarca diversos períodos da literatura paraibana. Suas obras partem de um recorte de gênero literários para daí encaixá-los numa perspectiva histórica, em contextos específicos, exceto *Arrecifes e Lajedos*, que é organizada a partir da perspectiva panorâmica. O autor privilegia a produção poética, mas empreendeu a análise da produção da crítica literária, da história das publicações do campo literário, como o *Correio das Artes* (BARBOSA FILHO, 2000). A maior parte de sua produção se caracteriza pela ensaística. *A Convivência Crítica* (1985), *Os Desenredos da Criação* (1996) e *As Ciladas da Escrita* (1999) são três obras que reúnem ensaios publicados pelo autor em jornais ao longo dos anos. Nelas, há uma divisão em torno da crítica, da prosa e da poesia. Hildeberto Barbosa empreende breve análise dos contextos nos quais as obras foram gestadas e as personagens conviveram, porém o seu foco é a produção em si, chegando, inclusive, a criticar abordagens “extraliterárias” ou historicistas:

A literatura, a par de suas camadas espirituais, emotivas e ideológicas, se perfaz radicalmente no universo da linguagem. Antes de receber adjetivos de fora, por si mesmos indicadores de concepções defasadas no setor das abordagens literárias, porque extratextuais, extralinguísticas e extra-estilísticas, a literatura se firma como discurso autônomo na medida em que se impõe organicamente como estrutura linguística fundadora de sentidos. E nesse caso, antes de ser paraibana, brasileira, latino-americana, francesa, alemã ou inglesa, é simplesmente literatura. Fenômeno estético caracterizado em sua própria imanência. (BARBOSA FILHO, 1985, p. 13)

O autor demonstra interesse pela produção literária que se deu a partir da *Geração 59*. Na sua visão, a poesia que antecede a *Geração 59* era marcada por temas “distantes da vida social” e recebiam um “tratamento apologético e despido de qualquer perspectiva crítica”. Ainda segundo o autor,

a linguagem poética até a década de 50 oscila, quase sempre, entre os tons de penumbra da poesia simbolista, a estatuária marmórea e gélida da geometria parnasiana e os escorregos melosos e sentimentais da poesia romântica, tudo num clima de parca inventividade e de nenhuma profundidade conteudística. (BARBOSA FILHO, 1985, p. 16)

Porém, a virada na poesia paraibana teria se dado com o *Grupo Sanhauá* que, segundo o autor, rompeu definitivamente com essa perspectiva e propôs uma produção modernista. Ao privilegiar a análise conteudística, o autor desconsidera, por exemplo, os impactos dos agrupamentos na configuração do campo literário local. Ao focar a crítica na forma e no conteúdo da produção da *Geração 59*, defendendo que ela pouco contribuiu para uma inovação da poesia paraibana, o autor não atentou para a conformação de novas atitudes no cenário local.

Em *Sanhauá – uma ponte para modernidade* (1989), Hildeberto Barbosa empreende uma análise, tanto histórica quanto estilística, menos ensaística e mais embasada teoricamente. Esse fato transparece numa contextualização histórica que ajuda a compreender a conformação desse grupo naquele momento e em diálogo constante com outros agrupamentos e agentes, como as relações do Grupo Sanhauá e Virgínius.

Em seus ensaios sobre Virgínius, o autor também privilegiou a análise dos textos do crítico. Porém, no ensaio *Dois Virgínius Lendo José Américo*, o autor, ao analisar a mudança de postura crítica de Virgínius sobre a obra de José Américo, parte da percepção de que Virgínius elaborou duas visões distintas sobre a obra *A Bagaceira*. A primeira, em 1957, fortemente crítica, procurava desconstruir a ideia de pioneirismo da obra. E a segunda, em 1962, apresentava-se com tom bajulatório. O autor privilegia as mudanças no conteúdo das críticas de Virgínius, porém as questões lançadas ensejam novas análises na perspectiva de conceber a escrita de Virgínius dentro de uma perspectiva cronológica dentro de sua trajetória. Não no sentido de torná-la como dados biográficos, mas compreendendo como as redes, o mercado editorial, e alguns momentos, marcaram suas fases de produção intelectual.

Nesse sentido, procurou-se perceber a sua escrita destacando e esmiuçando dois momentos: primeiro, quando Virgínius e José Américo ainda se encontravam em lados opostos e sob efeito da disputa ao governo em 1950, e depois quando os dois constituíram laços de amizade. Essa perspectiva de análise também foi lançada para compreender as mudanças em relação às críticas de Virgínius à obra de Gilberto Freyre, também marcada por essa mudança de postura e que coincidiu com a construção de laços de amizade entre os escritores.

Nas obras acima, Virgínius é concebido como crítico. São poucas as referências em torno de sua face ficcionista. Elizabeth Marinheiro e Edilson Amorim, em *O ser e o fazer na ficção de Gama e Melo*, propõe um olhar sobre os romances *Tempo de Vingança* e *A Vítima Geral*. Os autores, apesar de empreender uma breve biografia do escritor, refutam a possibilidade da obra do autor enquanto “fragmento de confissão”, e defendem que o “texto

basta-se em si mesmo” para compreender a própria obra (MARINHEIRO; AMORIM, 1991). Se as obras não podiam ser tomadas para a escrita biográfica, coube reunir vestígios esparsos para a escrita da história de Virgínius, visto que seria impensável não abordar a vida do escritor. Para os autores,

há sempre que recorrer à biografia quando se pretende abordar a vida e ambiente do homem de gênio. É inegável sua exegética. É importante também para a história literária quando esclarece o crescimento, as leituras, as relações, as viagens, o espaço geográfico do autor. (MARINHEIRO; AMORIM, 1991, p. 22)

Os autores não revelam as fontes que ajudaram a compor o perfil biográfico do escritor. Isso se explica pelo fato de que Virgínius “não costumava expressar-se a si próprio” e não havia deixado nenhum autorretrato (MARINHEIRO; AMORIM, 1991, p. 22). Tal visão sugere que os autores não consideraram o enorme acervo do escritor e que as memórias, provavelmente familiar, visto que Elizabeth Marinheiro e Virgínius eram primos, foram a base de informações para essa escrita.

As memórias também são a base das obras de cunho biográfico que interessaram à tese. *O Menestrel Virgínius da Gama e Melo* (1987), de Waldemar Duarte, aporta-se nas memórias de seu autor, que foi amigo próximo do crítico e privilegia a convivência boêmia com o autor. O número dedicado a Virgínius, na coleção *Paraíba Nomes do Século* (2001), escrito por José Edimilson Rodrigues e Maria de Fátima Coutinho, traz textos que baseiam nas representações mais recorrentes sobre o escritor, lançando mão, inclusive, de episódios anedóticos da vida de Virgínius. Já o *Perfil Biobibliográfico* (1991), escrito por Ana Isabel de Souza Leão Andrade, organizadora do Acervo VGM, centra-se na face intelectual da personagem e traz a reprodução de alguns documentos que compõem o acervo, entre eles a carta escrita a Gilberto Amado, já referida.

Há, nesses perfis biográficos, uma busca de unidade do eu, muitas dessas obras bebendo na autorrepresentação construída pelo próprio Virgínius. Nas três obras perpassa a ideia de “destino manifesto” e a naturalização de uma consagração do intelectual. Tais obras serão retomadas no decorrer da tese, intentando compreender o processo de construção das representações e da consagração do intelectual.

A compreensão do nome de Virgínius da Gama e Melo passa pela compreensão da própria fragmentação experimentada ao longo da vida e expressa numa escrita de si, como pela análise das representações em torno do sujeito e que, possivelmente, contribuíram para

uma busca de unidade na “produção do eu” quando as experimentou em vida, e a apreensão das representações que vieram postumamente.

A tese se organiza em quatro capítulos e nestes, imagens guiam a discussão. No Primeiro Capítulo, intitulado *Os Óculos do Primo Virgínius*, pegou-se emprestado a expressão de Juarez da Gama Batista para compreender a construção do sujeito e de sua imagem. Juarez da Gama Batista via nos óculos do primo a materialização da figura do intelectual. A imagem dos óculos serve, num primeiro momento, essa imagem guia a análise em torno da *escrita de si* e, num segundo, para focar e compreender as representações que constroem e consagram a personagem.

O Segundo Capítulo, nomeado *As Artérias da Cidade*, buscou-se lançar um olhar sobre as personagens no espaço da cidade e analisar como esses agentes culturais vivenciaram e conceberam a cidade num momento de transformações e agitação cultural, em especial João Pessoa.

O Terceiro Capítulo, intitulado *O Terno de Virgínius*, recorre a uma das representações mais comuns em torno do escritor. O terno branco, em diversos momentos, por meio dos perfis biográficos e fotografias, parece se fundir às imagens propagadas da personagem. Essa personagem de terno branco é concebida e visualizada, neste capítulo, em circulação e ocupando diferentes posições no campo de produção cultural, constituindo laços e ocupando diversos lugares. Analisa-se sua trajetória pelo campo, a constituição das redes e dos grupos e as relações entre elas, a relação entre os intelectuais e o Estado e os embates e disputas pelos lugares do campo e o processo da centralidade conquistada.

O Quarto Capítulo, *A Máquina de Escrever*, toma a personagem em seus momentos de criação, concebendo sua produção dentro a partir das relações com as redes de sociabilidade, observando a relação de Virgínius com editores e com seus leitores. Também se concebe uma rede de leitores, entendendo que os pares, por meio das cartas e da crítica, participaram ativamente no processo de produção de Virgínius.

É nessa trama que é possível reconstruir a trajetória de Virgínius da Gama e Melo, compreendendo o seu destino *vario*, atentando, principalmente, para o seu percurso dentro do campo de produção cultural, mais especificamente no campo intelectual, no qual alcançou reconhecimento e lugar central.

2 OS ÓCULOS DO PRIMO VIRGÍNIUS

Um retrato pode contar várias histórias, mesmo quando sabemos pouco dele, a não ser o que ele próprio estampa dentro dos seus limites físicos ou o que se pode revelar a partir dele. No retrato em preto e branco acima temos retratado um homem vestindo branco, usando óculos e fumando um cigarro. A luz estourada ao fundo quase se funde com a veste e com o rosto da personagem, contornando e lhe conferindo destaque.

Figura 1 – Retrato de Virgínius da Gama e Melo.



Fonte: Acervo VGM/FCJA. Sem data.

A personagem representada no retrato é o escritor Virgínius Figueiredo da Gama e Melo. Na imagem não é possível identificar o ambiente em que ele se encontra. Poderia ser numa redação, no seu escritório ou num bar. Cenários tão comuns da vivência dessa personagem.

Como legenda, no verso da fotografia, temos apenas duas informações: personagem e local. Virgínius se encontrava no Cassino da Lagoa, um dos bares mais frequentado pelo escritor, quando este retrato foi feito, possivelmente em meados da década de 1960. Não sabemos sua autoria. Pode-se supor que tenha sido feito por Nevinha, apontada pelo próprio Virgínius como a retratista oficial das personalidades paraibanas; pode também ter sido feita por Rafael Mororó, fotógrafo que se tornou famoso jornalista, como também ser de autoria de algum fotojornalista de uma das várias redações dos jornais que Virgínius integrou o corpo editorial e com ele dividiu inúmeras mesas de bares.

O retrato compõe o acervo Virgínius da Gama e Melo, composto, em sua grande parte, por documentos reunidos pelo próprio escritor, tanto sua produção intelectual, quanto documentos pessoais. Logo, faziam parte da intimidade do sujeito. O conjunto das fotografias, agora reunidas como documentação, provavelmente compunham um álbum pessoal e íntimo, onde o mesmo reunia tanto as fotografias que recebia de amigos, jornalistas, organizadores de eventos, quanto as de família. Ou seja, tanto os retratos que representam a personagem pública, quanto o sujeito no fórum íntimo.

O fato de a fotografia compor um acervo íntimo difere do novo lugar dado ao documento a partir do momento que ele é reunido como documentação numa instituição de memória. Porém, já no propósito inicial da fotografia como objeto pessoal, quanto ao fato de fazer parte de um conjunto de documentação de uma personagem ilustre, pode-se ler o retrato como parte da *mise-en-scène* do sujeito. Como personagem retratada e imagem, bem como sendo parte de um acervo, participam da construção de dada representação.

No retrato, Virgínius leva suavemente o cigarro à boca. Sua famosa e vasta cabeleira está cuidadosamente penteada e a roupa que usa parece ser a sua veste mais comum e que sempre aparece nas descrições da personagem: o terno branco. A luz ilumina o rosto emoldurado pelos óculos de armação e lentes grossas e por trás desses mantém um olhar fixo e inebriado. O retrato traz em destaque elementos, como objetos e a postura, que evocam fortemente as representações mais difundidas em torno de Virgínius da Gama e Melo, a do intelectual boêmio, como também orientam a própria representação da vivência do grupo social ao qual o sujeito se liga.

A luz sobre o rosto de Virgínius lembra o feixe que ilumina um artista no palco. Porém, aqui pode ser lida como a luz que busca guiar o olhar sobre a personagem que emerge num cenário repleto de personagens que, como Virgínius da Gama e Melo, buscaram os holofotes num campo marcado por disputas. Entre ilustres, célebres, *imortais*, como também personagens desconhecidos ou esquecidos, emerge este sujeito que traçou uma trajetória que marcou o campo da produção cultural paraibano, com forte desenrolar em outros espaços.

Porém, mais que orientar, ou plasmar a imagem de Virgínius na mente, dando rosto à personagem, tal retrato é um indício de como se pode começar a enquadrar, focar e ler as histórias sobre uma personagem da qual a sua vida e morte despertaram grande interesse.

A vida de Virgínius Figueiredo da Gama e Melo, assim como toda a vida de uma pessoa, dá um romance, ou várias teses. Mas um romance, ou uma tese acadêmica, não é toda uma vida. Virgínius da Gama e Melo foi um sujeito que a escrita tentou enquadrar, alinhar, explicar, revelar ou resgatar, intencionando levar para certo número de páginas toda uma

trajetória. E, em muitos casos, várias páginas de diferentes livros que, cada qual a sua maneira, apresenta-se como a narrativa maior e final sobre ele.

Virgínius Gama e Melo é um desses personagens de quem muito se falou. Já foi biografado, resenhado, analisado e muitos fatos de sua vida já foram motes de inúmeros textos. Sujeito que em vida e em morte foi representado de várias maneiras e a partir de várias facetas. Do intelectual ao boêmio, do terno ao cabelo, da voz aos óculos.

Juarez da Gama Batista¹², no prefácio do primeiro livro de Virgínius da Gama e Melo, intitulado *O Alexandrino Olavo Bilac*, descreve o autor como a personagem *Lord Jim*, do escritor britânico Joseph Conrad. Virgínius era visto pelo primo como um sujeito errante e solitário, que aparecia de súbito pelas ruas da cidade, assim como a personagem conradiana aparecia nos portos do oriente, envolto numa “nuvem de mistério”. Um “quase jovem”, “quase esquisitão”, que carregava uma “disciplicente altivez”. E os óculos? “Os óculos do primo Virgínius” funcionavam como “um ponto de identidade do crítico” com a figura humana, “sem lhe tirar as simpatias nem ofuscar-lhe os afetos”, sendo uma contrapartida que a imagem de *dandy* poderia provocar aos olhos alheios (BATISTA, 1965, p. 5-11).

Nas evocações de amigos, Virgínius aparece entre copos de cerveja, cigarros e livros, usando terno tropical, cinza, azul ou branco, gravata fora de moda e sapatos pretos. Os óculos aparavam o olhar malicioso e vivíssimo, num rosto magro e macerado, “entalhado por muitas noites mal-dormidas e falta de ar do seu peito agredido desde a mocidade” (CAMPOS, 1975, p. 3). Sua voz metálica e apressada era cortada por acessos de tosse. As mãos eram pesadas, mas bailavam no ar durante seus discursos e contrastavam com seu corpo franzino e de estatura mediana.

Virgínius da Gama e Melo, que nasceu em 1923 e faleceu em 1975, chega aos dias de hoje representado como um dos maiores escritores paraibanos, o maior crítico que a Paraíba já teve, grande intelectual, entre outras representações heroicizantes. Porém, a grandiloquência com que este personagem é expressado não é ponto final de tal percurso e, sim, partida para compreender as complexidades, paradoxos e contradições que enquadraram a vida da personagem.

A vida Virgínius da Gama e Melo daria um romance. Muitos aspectos de sua trajetória dá uma tese. Diante de tantas facetas dessa personagem, não seria fácil se perder. O caminho a ser percorrido não é um. Os caminhos passam perto da ilusão de que é possível apreender toda

¹² Juarez da Gama Batista (Paraíba, 1927-1981), foi primo de Virgínius pelo lado paterno. Bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Social pela Faculdade de Direito de Recife, em 1951. Foi nomeado junto com Virgínius em 1962 para o cargo de professor na Faculdade de Filosofia da Universidade da Paraíba. Foi membro da Academia Paraibana de Letras. Entre seus livros, destaca-se *Gabriela, seu cravo e sua canela* (1965).

uma vida por meio da escrita, ou próximo da tentativa de ambientar os cenários que foram palco das experiências do sujeito.

E é por traçar caminhos próximos a essas perspectivas, já empreendidas por outros autores, que é preciso focalizar os riscos de tais percursos e, na intenção de descrever a *vida* dessa personagem, o caminho a ser seguido é o de decompor e analisar a *escrita de si* e os seus perfis biográficos.

Em vida e após sua morte tivemos representações que destacavam a face intelectual do sujeito, outras que destacam a vivência boêmia, e outras que prezaram em tentar conciliar a boemia e a intelectualidade como partes indissociáveis. Virgínius da Gama e Melo também procurou escrever uma própria história, na qual surgem elementos com os quais as inúmeras representações dialogam e outros que passaram despercebidos pelos escritos que propagaram as imagens que temos do escritor.

O cigarro do fumante, que por conta desse hábito chegou a ser internado algumas vezes, o singular terno branco e o bar do boêmio incorrigível encontrariam nos óculos do crítico o ponto de convergência. Os óculos eram a moldura da face e pela qual Virgínius enquadrava a si, os cenários e as personagens de sua convivência.

2.1 O OLHAR SOBRE SI

No *Acervo Virgínius da Gama e Melo*, que se encontra sob a guarda da Fundação José Américo, mais precisamente numa pasta intitulada “Documentos Pessoais”, encontra-se uma folha de ofício já amarelada pela ação do tempo. Num dos lados da folha Virgínius da Gama e Melo escreveu o seu nome, a sua data de nascimento, “19 outubro/923”, e assinou o seu nome cinco vezes. No verso da folha se encontra o motivo peculiar para tais informações. Há um estudo de Numerologia a partir de seu nome e, a partir da data de seu nascimento, o estudo dos Pináculos, que seria a interpretação das fases da vida e seus ápices.

A letra do estudo não é a do próprio Virgínius. Não há assinatura de quem o realizou, nem qual a data de realização, mas algumas informações no próprio estudo indicam que foi depois dos seus 47 anos de idade. Entre números, setas, anotações, que indicam todo um método aplicado, o estudo aponta algumas interpretações. Segundo a numerologia, o escritor teria uma “personalidade intuitiva”, uma “vocalização espiritualista e independente” e como “missão” teria o “dever de ambicioso”, sendo o seu “ponto fraco” a “dispersão”. Já os estudos dos *pináculos*, dizia que os quatro ciclos da vida do escritor seriam explicados pelos pináculos

2 do nascimento aos 28 anos, 7 até os 37, 1 até os 46 anos de idade e 7 durante o restante de sua vida. Porém, não traz os seus significados.

Possivelmente, Virgínius da Gama e Melo observou e escutou atentamente todo o procedimento de análise e as explicações sobre sua vida e sua personalidade. Não é possível afirmar que o escritor acreditava na Numerologia, nem os motivos que o levaram a procurar ou se deixar levar por esse momento.

Virgínius ficou conhecido como um intelectual renomado e um boêmio conhecido. Mas também como um excêntrico, seja pelas suas roupas, seja por ser metódico, tanto na prática profissional, quanto na boemia. Talvez ao procurar compreender a si tenha cultivado essa curiosidade esotérica. Mas até aí é possível perceber alguma organização de uma imagem de si. O sujeito apresentou o nome com o qual se projetou no meio intelectual e não o de batismo, Virgínius Figueiredo da Gama e Melo. O ano de nascimento também era o real.

Sua Certidão de Nascimento foi alterada por suas tias para que Virgínius apresentasse a idade mínima necessária para ingressar no colegial. A certidão “oficial” que se encontra em seu acervo data de 1923 e consta como ano de nascimento 1922, um ano antes da data de nascimento verdadeira. A data foi tornada oficial e foi sendo utilizada em outros documentos oficiais, como o Certificado de Reservista, o Título de Eleitor e as Carteiras de Registro Geral de 1963 e 1972. Porém, em suas apresentações públicas, como em currículos e questionários para a imprensa e editoras, Virgínius levava em conta como critério para uso do seu ano as circunstâncias e possíveis benefícios que aquela projeção traria, ou as questões burocráticas, aparecendo tanto a data real, quanto o ano oficializado.

Fora essa excentricidade esotérica, que parece ir de encontro com a imagem de sujeito da razão que foi construída em todo da personagem, Virgínius procurou um sentido sobre si bem ordenado e cético. O próprio Acervo do sujeito ajuda a compreender essa busca de uma autoimagem.

Virgínius não deixou nenhuma obra escrita como autobiografia, nem há indícios diretos, rascunhos, por exemplo, de que planejava escrever suas memórias. Todo o material que reuniu em vida, organizando em pastas, estantes, fichários e que dizem respeito a sua história de vida, representa esse projeto. Mas se não intencionava tornar sua trajetória em livro, o seu arquivo pessoal não deixa de atestar uma *escrita de si*¹³.

¹³ Deve-se entender a constituição desses arquivos como parte da prática intelectual moderna. Ângela de Castro Gomes chama a atenção para os documentos pessoais que comunicam uma escrita da história pessoal. A autora dá grande atenção às cartas. Nesse sentido, devemos pensar a prática epistolar desses intelectuais como um fazer autobiográfico e como uma prática desse campo nesse contexto. Sobre os documentos íntimos e sobre as cartas, a autora vai dizer: “O ponto central a ser retido é que, através desses tipos de práticas culturais, o indivíduo

O Acervo concentra milhares de documentos agrupados segundo diversas naturezas: correspondências, produção intelectual, documentos pessoais, fotografias, entre outras. A maior parte da documentação data do final da década de 1950 em diante. As correspondências, por exemplo, passaram a ser preservadas por Virgínius a partir de 1958, indicando que a partir daquele momento ele tomou a decisão de arquivar tal material.

Esse dado é indicativo de um momento da sua trajetória. No final dos anos 1950 Virgínius da Gama e Melo enfrentou graves problemas de saúde, precisando se internar para tratamento e retornando para sua cidade natal, João Pessoa, depois de quase uma década residindo em Recife. Os documentos que antecedem esse período são alguns recortes de jornais com os seus artigos publicados em periódicos da Paraíba e de Pernambuco. Porém, percebe-se que a partir do momento que fixa residência na capital paraibana, Virgínius adquire nova postura. Esse momento demarca uma nova fase em sua trajetória. O sujeito metódico começa a se desenhar, e ao passo que começa a projetar sua imagem no campo de produção cultural local, começa a reorganizar a construção de seu arquivo. Fato que não pode ser lido como traço de organização ou mania acumulativa, visto que a constituição do sujeito intelectual e a projeção dessa imagem passam por um arquivamento da própria trajetória, ou seja, a construção da imagem pública e privada que o sujeito buscava perpetuar.

A forma com que o Acervo é organizado é o resultado final de um trabalho que se deu *a posteriori* da morte da personagem. Porém, o material sugere o que Virgínius considerava importante de ser preservado e que ajudaria na perpetuação de sua imagem. O arquivo pessoal organizado é o indício principal para entender como essa personagem se enxergava e que história construiu para si.

Essa imagem é prioritariamente a do intelectual. A maior da parte da correspondência arquivada foi fruto de troca com sujeitos do campo de produção cultural. Organizou em recortes os artigos publicados, os seus textos e livros, bem como os manuscritos. A imagem do homem que tinha na escrita uma prática de vida aparece em pedaços de papéis e onde mais pudesse escrever. São rascunhos de poemas, ideias para refletir, fichamentos, esboços de análises. Algumas foram para a máquina de escrever, outras continuaram em folhas e pedaços de papéis avulsos. Guardava muitos dos bilhetes de passagens das suas viagens, ou anotações sobre os custos, como a que fez para a casa de Ariano Suassuna e lhe custou 110 cruzeiros.

moderno está constituindo uma identidade para si através de seus documentos, cujo sentido passa a ser alargado. Embora o ato de escrever sobre a própria vida e a vida de outros, bem como de escrever cartas, seja praticado desde há muito, seu significado ganha contornos específicos com a constituição do individualismo moderno. A chave, portanto, para o entendimento dessas práticas culturais é a emergência histórica desse indivíduo nas sociedades ocidentais". In: GOMES, Ângela de Castro. In: GOMES, Ângela de Castro. *Escrita de si, Escrita da História*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004, p. 11.

No verso de um mapa turístico de Leria-Portugal, escreveu: “Eça de Queiroz/ viveu nesta casa e nela escreveu parte de sua obra. 1870-1871. Homenagem do Rotary Club de Leiria. 1970”¹⁴. No mesmo mapa ainda rascunhou trechos de um poema intitulado Prata de Alcobaça. Demonstrava ser um sujeito que precisava exercer a escrita a qualquer momento e em qualquer lugar.

Seus gastos pessoais e, principalmente os custos com eventos e viagens oficiais e os gastos com a Empresa Paraibana de Cinema, da qual era sócio e fundador, eram calculados sistematicamente, demonstrando ser um sujeito metódico como ficou conhecido.

Também reuniu documentos do final do século XIX e início do século XX. São cadernos de anotações desse período e que abordam o cotidiano da cidade, os bens de consumo, a história do teatro, cinema, “foot-ball” e circo na cidade da “Parahyba”. Possivelmente intencionava usá-los em algum projeto, além de demonstrar seu interesse pela história local, que também se confirma pelos seus artigos, pelas conferências, pelos romances históricos e pela defesa do patrimônio histórico, que se dava nos jornais e no Conselho Estadual de Cultura.

A outra face pela qual Virgínius ficou conhecido, e se fez conhecer, foi a do boêmio e ela também se faz presente no seu arquivo. A memória boêmia aparece em bilhetes recebidos depois de algum dia ou noite dedicados aos bares e nas fotografias nos bares e em festas particulares ao lado de amigos. Grande parte do acervo fotográfico é composta por fotografias dessa natureza. Nelas vemos Virgínius na Churrascaria Bambu, no Cassino da Lagoa, acompanhado por intelectuais, boêmios e autoridades, ou sozinho à mesa.

Figura 2 – Fotografia de Virgínius no Cassino da Lagoa.



Fonte: Acervo VGM/FCJA. Sem data.

¹⁴ Acervo Virgínius da Gama e Melo. Pasta Documentos Pessoais.

Há, inclusive, monóculos com fotografias de momentos vivenciados nos bares, indicando que tais registros da boemia tinham um significado diferenciado em relação à maior parte do acervo fotográfico, possivelmente eram parte de um acervo mais íntimo. Eram capturas espontâneas de momentos de lazer, onde a imagem do sujeito é despojada de qualquer formalidade e aparecem, no acervo fotográfico organizado após a sua morte, como uma fissura em meio aos registros de eventos acadêmicos e encontros oficiais com autoridades e personalidades nacionais. Porém, contribuem na representação da boemia atrelada à intelectualidade, pois os registros representam as redes de sociabilidade e a vivência dos agentes, que era central na autoimagem do campo de produção cultural.

Inclusive, ajuda a compreender a construção de sua autorrepresentação enquanto boêmio, visto que, como coloca Seigel (1992), uma das formas de compreender esses sujeitos e caracterizá-los, é percebendo a forma como estes se constroem e vivenciam esse estilo de vida. E, assim, percebendo como essas fissuras aparentes entre os papéis sociais foram centrais em sua trajetória, a despeito dos discursos que viam nas bebedeiras e na vida noturna um comportamento que obliterava a biografia da personagem. Além do que, muito da sua produção e dos projetos em que se envolveu tiveram a mesa do bar como local central para discussão de ideias.

Virgínius da Gama e Melo foi um sujeito que se arriscou em diversas áreas. A partir do seu arquivo é possível vislumbrar de forma mais aproximada outro ângulo da sua trajetória profissional e suas experiências, vislumbrando não só a extensa produção escrita, mas também a experiência nas áreas do patrimônio histórico, na política e no cinema.

Em carta escrita para Walter Lima Jr, em 1967, Virgínius trata de pendências financeiras advindas da produção do filme *Menino de Engenho*, do qual ele foi consultor, mas também se envolveu com a produção, valendo-se de seu nome para angariar apoios locais, bem como empréstimos para a realização do filme. Na carta, Virgínius se ressentia em abordar questão tão delicada com o amigo, mas justificava que a situação o levava a escrever-lhe. O filme já tinha 1 ano de exibição e era preciso resolver a pendência relativa a um empréstimo de 6 milhões de cruzeiros que fez junto à *Pagrin*. Fala que não iria arcar com o “próprio bolso”, apesar de dever aos “dois anos de trabalho exaustivos” a sua iniciação com o cinema. Dizia ao amigo: “Quando você chegou aqui, eu nada tinha que ver com cinema. Jamais cogitei tal coisa” (MELO, V. G., Carta, 13 jan. 1967, João Pessoa).

A relação do escritor com o cinema se dava em outros termos. Por meio do debate sobre filmes, Virgínius foi se inserindo nos círculos intelectuais de João Pessoa. Segundo alguns amigos de Virgínius, como Ipojuca Pontes e Raul Córdula, uma das primeiras imagens

que eles tiveram do escritor, foi a do sujeito que chegou nas rodas de intelectuais do Ponto de Cem Réis¹⁵, no final da década de 1950, afrontando os amantes do cinema, envolvendo-se em polêmicas sobre o cinema local e a *nouvelle vague* francesa. E sempre esteve envolvido nos debates sobre crítica cinematográfica, porém, o envolvimento com a produção cinematográfica veio com a experiência do filme *Menino de Engenho*. Depois veio a criação da *Paraíba Produções Cinematográficas Ltda.*, e a realização de curtas metragens, documentários e de ficção. As correspondências ajudam a vislumbrar a relação de Virgínius com as diversas linguagens artísticas, inclusive como foi se envolvendo em alguns projetos.

Em carta a Gilberto Amado, justificava-se por ainda não ter publicado um livro, apesar de já ser escritor bastante conhecido e comunicava que já tinha iniciado a reunião de textos para publicá-los em livros. Essa e outras cartas ajudam a compor a relação pessoal e subjetiva do escritor com a escrita, principalmente a partir dos diálogos que surgiam a partir das trocas de correspondências com outros escritores e editores.

As cartas que guardou ajudam a compor a imagem do sujeito bem relacionado dentro dos círculos de produção cultural e que manteve com os agentes dessas redes conversas de teor intelectual, a *mise-a-scène* própria do campo, mas também expressava preocupações, dúvidas sobre projetos e situações vivenciadas no cotidiano pessoal e do campo, apresentando-se, em algumas delas, despojado dos rigores formais da língua.

A “encenação” da vida intelectual que se dava na troca de missivas ofereceu subsídios para a própria consagração de sua memória. Uma declaração feita em uma carta escrita em 1962 foi tomada como suficiente por muitos daqueles que escreveram sobre sua vida para circunscrever a história de vida de Virgínius. De fato, o que escreveu e a forma que escreveu relatando a própria história oferecem muitas informações sobre a história de vida da personagem. Mas, para além disso, ajudam a compreender como o sujeito se constrói, como seleciona os fatos que considera relevantes.

Em 13 de dezembro de 1960, o embaixador Gilberto Amado recebeu uma carta enviada por José Olympio contendo um artigo publicado por Virgínius da Gama e Melo em 27 de novembro daquele ano no *Jornal do Comércio*, em Recife. O artigo tratava do legado literário do embaixador. O fato parece ter despertado grande emoção em Gilberto Amado, que tratou de escrever imediatamente a Virgínius, uma escrita apressada, com rasuras, em papel

¹⁵ Largo localizado no Centro da cidade de João Pessoa. Nomeada de Praça Vidal de Negreiros, recebeu o nome de Ponto de Cem Réis como referência ao valor da passagem dos bondes da cidade. Este largo era ponto de partida e ponto final das linhas de bonde da cidade. É possível localizar espacialmente este e outros locais da sociabilidade intelectual da cidade por meio das imagens em anexo.

timbrado do hotel em que se encontrava, o Blackstone, em Nova Iorque, como quem escrevia no calor do momento, sem tempo de revisão ou fazer passar a limpo:

Virgínius da Gama e Melo

Tive o prazer de receber hoje, enviado por José Olympio, seu artigo de 27 de novembro publicado no Jornal do Comércio, do Recife. O envelope com o seu e outros artigos chegou-me no dia mais frio, de maior queda de neve já registrado nos Estados Unidos. A temperatura desceu a 15° abaixo de zero e vai baixando. Estamos ameaçados de cair 30 graus esta noite. Lendo cada página aqueceu-me o coração e me sugere várias reflexões que aqui tratarei de expor. A primeira refere-se à qualidade de seu espírito, a segurança da sua linguagem, a agudeza do seu [ilegível]. (AMADO, G. [Carta], 13 dez. 1960, Nova Iorque [para] MELO, V. G. João Pessoa, 6f, p. 1)

Gilberto Amado lamentava não conhecer o crítico, e justificava:

A segunda é que vivemos tão separados na Federação Brasileira que um escritor do seu [ilegível] me é totalmente desconhecido! Não deixa ser assim, sem a possibilidade da publicação do meu livro [ilegível] na minha vida uma presença magnífica. Pedir-lhe-ia que me fizesse [ilegível] de me dar precisões sobre sua pessoa – idade, origem/Estado etc., tudo que me ajude a erguê-lo vivo dentro do mim. [...] Tenho necessidade de comunicar-me mais intimamente com um espírito tão afim, tão capaz de admiração e tão dotado do supremo dom de compreender. Certas sentenças suas iluminam-me sobre mim próprio. Sua análise das características do meu estilo é a mais aguda e perfeita até hoje feita sobre a minha obra. (AMADO, G. [Carta], 13 dez. 1960, Nova Iorque [para] MELO, V. G. João Pessoa, 6f, p. 1)

Em 1960, Virgínius acabara de fixar residência em João Pessoa, demarcava um novo momento de sua trajetória, início de uma fase de estruturação da sua imagem de escritor e intelectual, sua fama começava a correr o país e começava a estabelecer laços com intelectuais de outros estados, para além da Paraíba e Pernambuco. Era importante se apresentar a Gilberto Amado e estabelecer esse vínculo, visto que este era um sujeito destacado nacionalmente.

Virgínius da Gama e Melo responde apenas um mês depois, mas procura se justificar e aproveita para criar um laço de afetividade:

Embaixador Gilberto Amado:

Recebi sua carta alguns dias após o desaparecimento de Vera Clouzot. Não quis procurá-la antes para que a minha alegria por suas expressões tão generosas não lhe viesse ferir um momento de Humildade – “a grande conquista que logrei com os anos”, como me diz em sua carta – e a que eu acrescentaria: “humildade, também paciência e resignação” que espero lhe tenha erguido nessa perda de si mesmo.

Não dou a isto o valor de um consolo mas espero que o receba como um abraço compreensivo e amigo, um pouco de ternura na inferioridade de nossa condição humana.

O que não me furtei foi de me comover pela data de sua carta, 13 de dezembro, em que dedicara, se bem que de uma noite fria, grande parte de tempo a erguer um modesto escritor de província, dando tanto de si na ante-véspera talvez do que tanto lhe seria exigido pelo destino. (MELO, V. G. [Carta], 18 jan. 1961, João Pessoa [para] AMADO, G. Nova Iorque. 4f, p. 1)

Virgínius enfatiza o seu lugar no campo a partir do lugar de onde escreve:

O seu documento literário e humano – não creio que a vida me reserve outro maior. O pior para quem escreve na província é saber se está dizendo alguma coisa útil, aproveitável. O que se obtém aqui é o abraço meloso, o elogio fácil, estabelecido, que só nos convence de que não fomos lido. Uma carta como sua, de gente célebre como autor e pessoa, nos integra no mundo. Começamos a ser. Digo-lhe isto mais para convencê-lo que o tempo gasto naquela noite não caiu no vazio. Não falo do meu alvoroço orgulhoso, do meu deslumbramento renovado a cada releitura, mas do levantamento de alma, da felicidade de passar a existir-lhe. (MELO, V. G. [Carta], 18 jan. 1961, João Pessoa [para] AMADO, G. Nova Iorque. 4f, p. 1)

Não se deve entender o fato de se colocar como “modesto escritor” como uma forma de inferiorização por parte de Virgínius. Ao falar da bajulação, o Virgínius reconhecia em si a figura do escritor consagrado, pelo menos localmente, e com o reconhecimento que vinha obtendo, teria que carregar o fardo de ser bajulado pela imagem, mais que ser reconhecido pela sua obra em si. Além disso, na sua carta Gilberto Amado não havia poupado elogios ao crítico, logo, Virgínius escrevia para um de seus pares que manifestou reconhecimento de seu talento. Virgínius sabia reconhecer nas figuras consagradas as palavras necessárias para que sua imagem fosse erguida. Com efeito, num primeiro contato, cabia ressaltar o seu lugar, um “modesto escritor”, diante do outro, no caso o escritor e embaixador consagrado, e, assim, estabelecer um laço importante para o próprio processo de reconhecimento além das fronteiras locais, visto que já colaborava com periódicos do Rio de Janeiro e São Paulo:

Há vários anos que escrevo na província. Comecei fazendo contos, publicando-os em jornais e revistas, coisa daqui mesmo, alguns transcritos em jornais e revistas do sul. Com o tempo, passei a comentar livros. Essa atividade, entretanto, por motivo de doença, foi interrompida durante alguns anos. Somente o ano passado é que retornei à literatura, agora em termos de “decisiveness”. O ano inteiro publiquei artigos semanais no “Jornal do Comércio”, do Recife, colaboração regular no “Correio da Manhã” e “Diário de Notícias”, do Rio, além de uma coluna diária em “A União”, aqui mesmo em João Pessoa.

Sou formado pela Faculdade do Recife, mesmo acadêmico advoguei no interior do Nordeste, sediado em Campina Grande. Estudante boêmio,

prolonguei como advogado o estilo de vida, de modo que nada fiz na profissão, além de certo renome. Em fins de 52 voltei ao Recife para fazer jornalismo, a política no “Jornal do Comércio” e também literatura, embora sem regularidade, até que em 1957 tive que buscar um sanatório romanticamente. Não tenho nenhum livro publicado, apenas artigos que, em virtude mesmo de ter somente cópias datilografadas, deixo de enviar. (MELO, V. G. [Carta], 18 jan. 1961, João Pessoa [para] AMADO, G. Nova Iorque. 4f, p. 1)

O livro carrega um simbolismo em torno da figura do escritor. Não possuí-lo era como se algo faltasse, principalmente no processo de reivindicação de uma identidade de escritor. Na trajetória de Virgínius, em diversos momentos houve a cobrança em torno da publicação de livros. De início, era a publicação de um livro que lhe faltava. Depois vieram as de que deveria publicar mais, que lhe faltava um romance, como também um livro com contos e poesias. Até após a sua morte se escreveu sobre as obras que deveria ter publicado. Na carta falava sobre os primeiros planos de publicação de um livro:

Este ano e no próximo – se vier a encontrar editor – publicarei alguma coisa em livro. Prontos, tenho, publicados em parte, ensaios sobre Raul Pompéia, Graciliano Ramos e José Lins do Rêgo. Um livro de contos refundidos e um romance completo que nada vale. Se tivesse começado mais cedo, agora poderia alinhar uns dois ou três valores, diversas foram as tentativas ficadas na gaveta. Mas ultrapassada a idade de errar – ah! o direito de fazer besteira! – só se quer beber de obra séria, pelo menos para quem se inicia. O que é um mal, porque termina se ficando sem fazer nada. A província nos limita geograficamente, também nos envelhece demais. Não é que eu queira ser Goethe, mas ninguém quer começar, ao langaf [sic], escrevendo purezas ingênuas como um Platero e Eu. Por isso escapamos da grande poesia. Por isso Nilo Pereira acha que o gole d’água, bem gelada, não cabe em “Depois da Política”. (MELO, V. G. [Carta], 18 jan. 1961, João Pessoa [para] AMADO, G. Nova Iorque. 4f, p. 2)

Nesse momento da sua vida ele entendia que não seria mais possível errar ou engavetar projetos, o que ajuda a compreender como esse momento de sua trajetória foi marcada por profunda reflexão e tomadas de decisões visando se firmar na área jornalística e literária.

Essa carta ao embaixador Gilberto Amado pode ser tomada como um documento no qual Virgínius se define. Porém, deve-se levar em consideração que a própria reflexão, ou as leituras que o sujeito faz sobre si, possuem sua historicidade, mudando ao longo da própria trajetória do sujeito, podendo os relatos diferir ou se complementarem. Bem como a natureza do relato, do suporte, para quem e para quê se fala e quais as finalidades, intencionalidades e os usos que serão feitos da fala.

Na carta, Virgínius da Gama e Melo também escreve sobre a própria história, do nascimento ao momento que estava vivendo, lançando um olhar retrospectivo sobre o passado e reorganizando acontecimentos de sua vida:

Nasci a 19 de outubro de 1923, em João Pessoa, de família tradicional, neto de governadores e senadores – Gama e Melo – mas gente empobrecida. Filho único, não cheguei a conhecer mãe – vagas lembranças – perdi-a no primeiro ano de vida. Pai mesmo, pouco conheci. Era telegrafista e não residia conosco, quer dizer aqui em João Pessoa. Fui criado por avôs e tias solteironas – tudo isso há de ter concorrido para certa rebeldia ou marginalismo que sempre me acompanhou na vida. Quando acadêmico, em enfrontado de gente, segui a política do meu tio, política de oposição, ex-interventor no Estado – Argemiro de Figueiredo. O certo é que, com razão desses parentescos e de certa projeção oratória – não exerci nenhuma função pública. Não que não precisasse dela, precisava como preciso. (MELO, V. G. [Carta], 18 jan. 1961, João Pessoa [para] AMADO, G. Nova Iorque. 4f, p. 2)

Tal trecho é retomado para compreender como Virgínius construía uma escrita da própria história com uma trajetória coerente e ordenada cronologicamente, onde algumas condições e circunstâncias eram justificadas por episódios que compunham sua vida.

Tal trecho da carta passou a ser tomada por aqueles que escreveram sobre Virgínius da Gama e Melo como o documento definitivo sobre a vida do escritor. A partir dela, passaram a justificar uma militância inata do sujeito, devido seu envolvimento com a política e com as questões culturais, e a reproduzir a ideia de uma rebeldia e marginalismo que, por sua vez, justificaria o fato do escritor não seguir a tradição da família na política. Essa leitura que foi empreendida constantemente em cima desse trecho, ajudou a construir uma imagem cristalizada da personagem. Tal uso pode ser entendido a partir do que Arlette Farge coloca:

[...] quando um documento se anima a ponto de levar a crer que ele se basta a si mesmo, sobrevém inevitavelmente a tentação de não se desgrudar dele e de fazer um comentário imediato a seu respeito, como se a evidência de seu enunciado não devesse ser reinterrogada. Disso decorre uma escrita da história, descritiva e plana, incapaz de produzir outra coisa que não o reflexo (e mesmo o decalque) do que foi escrito há duzentos anos. (2009, 73).

Ao reproduzir o discurso da marginalidade e da recusa do escritor em seguir o destino político advindo da família presente na carta, obliterou-se a complexa relação de Virgínius com a *herança cultural e social* proveniente do cabedal familiar. Membro de famílias de políticos, chegou a se envolver com a política partidária em 1950, quando esteve à frente da campanha de seu tio, Argemiro de Figueiredo, para governo do estado. Após essa experiência

rumou para projetos na área da literatura. Porém, sempre lançou mão de suas filiações parentais para se inserir nos círculos de sociabilidade intelectual.

Parafraseando Bourdieu (2000, p. 10), Virgínius não satisfaz as “expectativas parentais”. Porém, não as repudiou. As próprias contradições que podem aparecer entre o comprometimento e a recusa de Virgínius com a tradição familiar, ao serem encaradas dentro dos diferentes contextos de sua trajetória, passam a ser encarados dentro da própria elaboração do “seu destino” em conformidade com os diferentes projetos que experienciou.

O próprio fato de apresentar suas filiações, e a forma como as apresentam, demonstra que Virgínius não abria mão de demarcar um lugar a partir dos laços familiares. Em Recife, por exemplo, o seu tio Veneziano Vital do Rêgo possibilitou o contato de Virgínius com importantes intelectuais da cidade. É certo que o nome da família abriu diversas portas até o momento que o nome Virgínius da Gama e Melo se tornou um *nome próprio*¹⁶. Nome que em vida estava dotado de simbolismos.

E continuava:

Alinhavo esses dados, de acordo com o seu pedido. Como vê, não tenho história. E, não tendo, aí vai um retrato para lhe dar uma imagem da pessoa. Outra coincidência: esse retrato foi tirado a pedido de Lucilo Varejão, romancista do Recife, hoje recolhido e bem doente. Queria me ter em lembrança física e gostava de dizer, quando da minha primeira atividade jornalística no Recife, que – “depois de Gilberto Amado, não tinha aparecido melhor ninguém na imprensa do Recife”. (MELO, V. G. [Carta], 18 jan. 1961, João Pessoa [para] AMADO, G. Nova Iorque. 4f, p. 3)

Talvez tenha sido a primeira vez que Virgínius da Gama e Melo foi levado a escrever sobre si e a própria história, mas revela um ordenamento de ideias que procuravam dar um sentido de unicidade à sua trajetória. O que seria uma das primeiras tentativas de constituir uma imagem a fixar na memória, não só de Gilberto Amado, mas no campo e para a posteridade, parece ter atendido às suas intenções, não só subjetivas, principalmente pelo fato do trecho “autobiográfico” ter sido tomado como a versão oficial da sua história pessoal.

Tal fato também revela que, no processo de construção de uma história de vida, quem escreve sobre o outro, ou quem escreve uma autobiografia, seleciona o que lhe convém. Os pares de Virgínius que conviveram com ele na cidade de João Pessoa não abordam sua

¹⁶ Sobre a ideia de “nome próprio” Pierre Bourdieu vai dizer que “por essa forma inteiramente singular de nomenclatura que é o nome próprio, institui-se uma identidade social constante e durável, que garante a identidade do indivíduo biológico em todos os campos possíveis onde ele intervém como agente, isto é, em todas as suas histórias de vida possíveis”. BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 186.

relação, em certa medida conflituosa, com a “província”, visto que, ao escreverem sobre a personagem estão se filiando à sua imagem e à imagem daqueles que ele falou. Era um sujeito que ficou conhecido pela defesa de sua terra e de seus artistas. Em seus artigos no jornal *A União* e *O Norte* tecia críticas à situação da cultura local, porém creditando a situação às ações políticas. No espaço das cartas não poupava críticas à *província*.

Em carta ao paraibano Ascendino Leite, que residia no Rio de Janeiro, Virgínius lamentava a ausência do escritor no III Congresso de Crítica e História Literária, que ocorreu em João Pessoa sob a sua coordenação, em 1962. Justificava a demora no envio de recortes de jornais com textos de sua autoria sobre a obra *O Brasileiro*, de Ascendino Leite, e dizia:

Demorei a enviar a nota de “A União”, em virtude do exaustivo trabalho do Congresso, que foi mais rude no evitar a descrença, a má fé, a ruindade mesmo desta gente daqui. Se não houvesse tanta resistência local, a coisa teria saído muito melhor. Mas, é assim mesmo, e você conhece a taba. (MELO, V. G. [Carta], 27 dez. 1962, João Pessoa [para] LEITE, A. Rio de Janeiro. 2f, p. 1)

Em diversos momentos, pelo menos no início de sua trajetória, Virgínius da Gama e Melo se ressentia de residir neste local, porém, vai se evidenciando que o principal motivo estaria ligado à falta de investimentos governamentais na área de cultural e do tratamento do mercado editorial dado às *províncias* em relação ao *centro* Rio-São Paulo.

Virgínius da Gama e Melo foi levado a se autobiografar a partir da inquietação gerada pela carta de Gilberto Amado. Era uma circunstância própria, no fórum íntimo, diferente de outros momentos que ele foi levado a tal tarefa.

Já firmado como escritor, crítico literário e professor, no final dos anos 1960 e início da década de 1970, Virgínius foi levado a recriar sua autobiografia. Aliado à idade madura estavam as experiências adquiridas, profissionais e pessoais, além do seu nome que já ocupava um lugar central no campo de produção cultural.

Em troca de cartas com Mário da Silva Brito¹⁷, editor do seu primeiro romance, Virgínius discutiu questões relacionadas à escolha do título da obra (BRITO, M. S. [Carta] 15 jan. 1970, Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa, 1f, p. 1), enviando uma lista de sugestões para que a editora fizesse a escolha, e questões referentes ao resumo. Entre os títulos possíveis, Virgínius cita “Continente de Mêdo”, que lhe havia surgido com a leitura de um verso de Mario Faustino, mas pede atenção especial para o título *Ódio em Flor e Vento*.

¹⁷ A troca de cartas entre Virgínius e Mário da Silva Brito será retomada no Capítulo 4 a fim de analisar o processo de editoração do livro *Tempo de Vingança*.

Virgínius envia uma carta no dia 22 de janeiro respondendo às questões, e também questionando o editor se poderia estender o convite para o lançamento do romance a pessoas de outros estados, para além do Rio de Janeiro, pois haveria muitas pessoas interessadas, demonstrando ser uma pessoa bem relacionada e que a sua figura despertava o interesse dos leitores e escritores da cena literária. Como também discute sobre uma rede de críticos e escritores que poderiam ser contatados para escreverem e divulgarem o livro.

Na carta ainda levantou dois pontos de preocupação. O primeiro era como abordar a cidade onde se passava os eventos narrados no romance, pois a *Parahyba* era uma “cidade de interior” no ano de 1930, quando do assassinato do então presidente da Paraíba, João Pessoa. Fazer menção direta à cidade possivelmente não despertaria interesse do público leitor.

O segundo ponto de preocupação era referente aos dados biográficos e como isso afetaria a sua imagem de escritor, além de desejar incluir Campina Grande como cidade de sua trajetória, possivelmente para despertar o interesse dos leitores da cidade:

O outro ponto para o qual solicito sua atenção é sobre a data de nascimento do autor. Trata-se de um livro de estreia, que revela, como você diz na nota, um valor novo. Ora, a indicação da data de nascimento revela que se trata duma revelação muito tardia. Talvez que o melhor seja iniciar a nota da orelha da seguinte maneira – “Virgínius da Gama e Melo fez os cursos primário e secundário em João Pessoa, sua cidade natal, e em Campina Grande, frequentando depois a Faculdade de Direito do Recife”. Acrescento Campina Grande pois julgo interessante associar logo essa cidade.

(...)

Outra coisa – o prêmio do INL é 1968 mesmo. (MELO, V. G. [Carta] 9 fev. 1970, João Pessoa [para] BRITO, M. S., Rio de Janeiro. 2f, p. 2)

A promoção do livro era também a promoção do escritor. E para um escritor considerado renomado e consagrado, Virgínius não deseja associar sua idade à de um escritor estreante. Ele não só dimensionava a imagem para a posteridade, como a imagem que atingiria um público leitor, em especial os seus pares.

Já com o livro lançado, Virgínius da Gama e Melo se dedicou à promoção do romance, e parte da divulgação visava promover a biografia do autor. Em junho de 1970 escreveu para o editor Edilberto Coutinho, enviando-lhe um exemplar do romance e mais um dado referente ao prêmio José Lins do Rêgo, além de enviar os dados biográficos: “Mando também um retrato que você poderá aproveitar ou não” (MELO, V. G. Carta, 18 jun. 1970, João Pessoa).

Os dados biográficos não se encontravam em anexo, mas provavelmente eram os mesmos que enviou no mesmo dia a Elysio Condé, como parte da promoção do romance:

Estou lhe mandando um retrato e um amplo noticiário – apreciação sobre o nosso romance “Tempo de Vingança”, que a Civilização Brasileira acaba de lançar.

Gostaria, se possível, que você aproveitasse a matéria em forma de notícia-reportagem.

Não lhe mando ainda o livro porque não chegou por aqui. (MELO, V. G. Carta, 18 jun. 1970, João Pessoa)

Envio em anexo textos explicando o contexto de que trata a obra, uma sinopse do romance e um texto biográfico sobre o autor. Chama a atenção no texto o uso da terceira pessoa, o que ajudaria a compor os artigos que divulgaria o autor e o romance em suplementos literários e páginas culturais nos periódicos.

Virgínius da Gama e Melo é, há tempos, colaborador efetivo do “Jornal de Letras”. Paraibano, reside em João Pessoa. Diplomado pela Universidade de Pernambuco, é professor de Teoria da Literatura e Literatura Portuguesa, na Universidade Federal da Paraíba. Já ensinou Literatura Hispano-Americana. Advogado, jornalista mantendo duas colunas diárias nos jornais de João Pessoa. Uma delas, especializada em literatura no jornal “A União”.

Escreveu numerosos artigos de crítica literária para o “Diário de Notícias”, “Correio da Manhã”, do Rio; “O Estado de São Paulo”. Durante vários anos assinou artigo semanal no Suplemento Literário do “Jornal do Comércio”, Recife.

Em 1962 foi secretário-geral do Terceiro Congresso de Crítica [...]. Na oportunidade, por proposta de Elysio Condé, diretor do “Jornal de Letras”, foi aprovada moção criando o Museu José Lins do Rêgo com o tombamento dos engenhos “Itapuá” e “Corredor”, onde nasceu e viveu o romancista, respectivamente.

Quando da realização do filme “Menino de Engenho”, de Walter Lima Júnior, baseado na obra do romancista paraibano, Virgínius da Gama e Melo foi consultor-supervisor da película. Tem participado da realização de diversos filmes paraibanos, como “A Bolandeira”, de Vladimir Carvalho; “Homens do Caranguejo”, de Ipojuca Pontes; “Paraíba Pra seu Govêrno”, de Paulo Melo.

É vice-presidente do Conselho Estadual de Cultura. Sócio correspondente da Academia Mineira de Letras.

Seu primeiro livro publicado foi “O Alexandrino Olavo Bilac”, premiado pela Universidade da Paraíba e editado pela Imprensa Universitária da mesma Faculdade. Recebeu no mesmo ano de sua publicação o Prêmio Carlos de Laet, da Academia Brasileira de Letras.

Em 1966, Virgínius da Gama e Melo recebia prêmio do Serviço Nacional do Teatro, que editou a sua peça “A Modelação”, teatro naturalista nordestino em que se fazia uma fria análise do problema agrário, sem partidarismos, mas profundamente realista e autêntico. A Modelação é uma das peças mais vigorosas e vivas do teatro atual nordestino, com uma vinculação dramática vinculada entre o cômico e o trágico.

Em 1969, a Academia Paulista de Letras premiou o romance inédito “A Campanha”, de Virgínius da Gama e Melo. (MELO, V. G. Carta, 18 jun. 1970, João Pessoa)

A publicação do seu primeiro romance representou uma realização pessoal frente às cobranças. Como também representou um novo momento na construção da sua imagem dentro do campo literário. A construção de uma biografia oficial era parte central de uma nova consagração, a do romancista, e a confirmação da glória alcançada até então.

Neste momento de sua trajetória, o ato de autobiografar estava atrelado à construção de um currículo que representaria uma trajetória profissional de sucesso e consagração. Nesse sentido, a autobiografia, que nos meios oficiais seria apresentada como *biografia oficial*, fazia dialogar um “modelo oficial da apresentação de si” (BOURDIEU, 1996 p. 187), que se fazia presente em documentos e *curriculum vitae*, e uma “filosofia da identidade” que o sustentava e, no caso, era levada a ser construída a partir de uma “investigação oficial”.

A produção desse discurso era regida pela relação entre “um habitus e um mercado” (BOURDIEU, 1996, p. 188), para o qual o discurso era dirigido e que exigia tal forma e conteúdo de apresentação, implicando “coaões e censuras específicas” (BOURDIEU, 1996, p. 189), como omitir data de nascimento, a faceta boêmia, entre outras. E tal apresentação pública era a oficialização de uma representação pessoal da sua própria vida, tanto pública, quanto a privada.

Nos currículos organizados pelo próprio Virgínius da Gama e Melo, percebe-se essa busca da produção do profissional, que foi se tornando a base para sua apresentação pública. Os currículos que aparentam ser mais antigos percebe-se que Virgínius procurava elencar o máximo de informações possíveis e de forma mais detalhada, trazendo como informação, por exemplo, alguns artigos que publicou em periódicos e eventos acadêmicos, das associações que fazia parte, como a União Brasileira de Escritores e de atividades profissionais que desempenhou que não dizia respeito ao campo literário, como o cargo de redator no Instituto da Previdência e Assistência dos Servidores do Estado de Pernambuco (IPASE), que exerceu no início dos anos 1950.

No Currículo Vitae datado de 5 de fevereiro de 1974, Virgínius apresentou 1922 como o seu ano de nascimento e elencou sua formação jurídica, literária e jornalística, os livros publicados e os congressos de que participou. Mas o destaque era dado aos títulos e premiações:

“Mercês Honoríficas”: Medalha “Olavo Bilac”, do Serviço Militar; Medalha do Mérito “Cidade do Recife”, classes Ouro, Prefeitura Municipal do Recife. Títulos Universitários: Professor de Literatura Hispano-Americana, Literatura Portuguesa e Teoria da Literatura, no ICL; Membro do Conselho Universitário; Membro da Banca Examinadora dos Concursos para Docentes de Literatura Portuguesa das Universidades Federais de Pernambuco e Paraíba.

Títulos Culturais: Vice-Presidente do Conselho Estadual de Cultura; Secretário Geral do Terceiro Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária.

Prêmios literários: “O Alexandrino Olavo Bilac”, da Universidade da Paraíba e Academia Brasileira de Letras, 1965; “A Modelação”, prêmio do Serviço Nacional do Teatro, 1966; “Tempo de Vingança”, do Instituto Nacional do Livro, 1969; “A Vítima Geral”, romance, Prêmio de Ficção da Fundação do Distrito Federal; “Campus Épico e Lírico do Cavaleiro de Tatuí”, Prêmio Paulo Setúbal, Conselho Estadual de Cultura, São Paulo; “As Figuras da Praça”, João Caetano, 4º Centenário da Cidade de Niterói; “A Campanha”, da Academia Paulista de Letras.

[...]

Colaboração na Imprensa: Colunista diário de “O Norte” e “A União”; colaborador de “O Estado de São Paulo”, “Jornal do Brasil”; “Diário de Brasília”, “Diário de Pernambuco” e “Jornal do Comércio”, do Recife; “Estado de Minas Gerais”. (MELO, V. G. Currículo Vitae, 1974)

Em alguns casos informava ser sócio correspondente da Academia Mineira de Letras e membro da Academia Paraibana de Letras. Esta última deixou de figurar, pois não chegou a tomar posse.

A Direção da “Editorial Enciclopédia Ltda.”, que estava organizando a “2ª Parte” da “Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira” escreveu para Virgínius solicitando que o mesmo preenchesse um formulário fornecendo informações pessoais para compor um verbete com o seu nome na “Parte Brasileira” da enciclopédia, dizendo: “na parte relativa ao Brasil, tencionamos incluir as biografias tão completas quanto possível das grandes figuras intelectuais brasileiras”. Virgínius teria que preencher e remeter o mais breve possível à sede da editora em Lisboa. Começou com os dados como nome e data de nascimento, no que indicou 1923 como ano de nascimento, e seguiu preenchendo o formulário:

Profissões ou cargos que desempenhe ou tenha desempenhado: jornalista, advogado, Professor de Teoria da Literatura e Literatura Portuguesa no Instituto Central de Letras, Universidade Federal da Paraíba.

Notas da sua carreira profissional: foi jornalista em “Diário da Noite” e “Jornal do Comércio”, Recife; advogado em Campina Grande, Paraíba; presidente do Conselho Estadual de Cultura, Paraíba; secretário geral do Terceiro Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária.

Cursos que tirou e escola onde os tirou: Curso Secundário no Colégio Diocesano Pio X, em João Pessoa, Paraíba; Curso de Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Recife, da Universidade Federal de Pernambuco; curso ADESG [Escola Superior de Guerra].

Títulos nobiliárquicos, mercês honoríficas, títulos acadêmicos: Bacharel em Direito; Membro correspondente da Academia Mineira de Letras; membro da Academia Paraibana de Letras; sócio da União Brasileira de Escritores.

Trabalhos literários: “Caxias”, Imprensa da Paraíba, 1964; “A Modelação”, peça, prêmio do Serviço Nacional do Teatro, Rio, 1966; “O Alexandrino Olavo Bilac”, publicado pela Universidade da Paraíba, prêmio da Academia Brasileira de Letras, 1965; “Tempo de Vingança”, romance, prêmio do Instituto Nacional do Livro, 1969, publicado pela Civilização Brasileira, Rio, em 1970; “A Vítima Geral”, romance inédito, Prêmio de Ficção da Fundação Cultural do Distrito Federal (Brasília) 1972; “Campus Épico e Lírico do Cavaleiro de Tatuí”, prêmio Paulo Setúbal do Conselho Estadual de Cultura, 1972; introdução ao romance “Pureza”, de José Lins do Rêgo, edição José Olympio, 1968; ensaio no livro também editado por José Olympio, “Gilberto Freyre, sua vida, sua arte”; prefácio ao romance de Nelson de Faria, “Tiziy”, também editado por José Olympio.

Colaboração na imprensa periódica: colunista diário de “O Norte” e “A União”, de João Pessoa, Paraíba; colaborador de “O Estado de São Paulo”, “Jornal do Brasil”; “Diário de Brasília”; “Diário de Pernambuco” e “Jornal do Comércio”, Recife, Pernambuco. (ENCICLOPÉDIA. Carta, s/data, Lisboa)

O formulário indicava que “no verso deste boletim escreva V. Ex.^a tudo quanto, em seu entender, possa constituir elemento para elaboração de uma perfeita biobibliografia”. No qual ele se colocou como advogado militante, destacou o seu interesse por cinema e as produções que realizou, além das informações preenchidas na primeira parte do formulário. Em seus currículos e nas biobibliografias que remetia para editoras e jornais, destacava, além dos prêmios e das publicações, a realização do III Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária, realizado sob sua coordenação. Percebe-se o apego de Virgínius a esse evento. A realização do Congresso demandou grande esforço do escritor. Por meio de cartas, ele mobilizou críticos do país inteiro, governos e universidades em busca de apoio. Era o seu nome que estava em jogo no cenário da crítica literária brasileira. Nome que havia sido posto à prova durante o processo de defesa da candidatura de João Pessoa frente à cidade de Salvador para sede do evento. A coordenação do congresso proporcionou a aproximação de Virgínius dos membros da *Geração 59*, que até pouco antes da organização havia estado em lados opostos nas polêmicas intelectuais. O sucesso do evento ajudou a firmar seu nome entre a crítica literária, inclusive, em termos nacionais, e Virgínius continuou a mencionar essa realização sempre que possível.

Tanto a prática autobiográfica, quanto a escrita biográfica por parte de outro autor, tende a cair na chamada “ilusão biográfica”. Atentar para a *escrita de si* permite perceber como um sujeito, ao produzir uma autoimagem, procurando dar um sentido coerente e uno à própria história de vida, é, na verdade, um sujeito múltiplo. Em todas as fases da vida

Virgínius buscou esse sentido coerente, apresentando uma imagem oficial de acordo com as circunstâncias e buscando ajustar a imagem do intelectual com a do boêmio, do homem maduro, com a do “novo valor”. É a partir do entendimento da categoria *escrita de si*, que é possível decompor o seu discurso e perceber como a construção de sua autoimagem sofre alterações ao longo de sua trajetória, bem como num mesmo período de tempo, e como o sujeito buscou lidar com as confluências de sentimentos em relação ao seu passado/presente e expectativas de futuro. Como propõe Gomes:

As práticas de escrita de si podem evidenciar, assim, com muita clareza, como uma trajetória individual tem um percurso que se altera ao longo do tempo, que decorre por sucessão. Também podem mostrar como o mesmo período da vida de uma pessoa pode ser ‘decomposto’ em tempos com ritmos diversos: um tempo da casa, um tempo do trabalho etc. E esse indivíduo, que postula uma identidade para si e busca registrar sua vida, não é mais apenas o ‘grande’ homem, isto é, o homem público, o herói, a quem se autorizava deixar sua memória pela excepcionalidade de seus feitos. (GOMES, 2004, p. 13)

A *escrita de si* atesta uma identidade, testemunha uma alteridade, além de ser um espaço de uma interlocução interna do sujeito. Esse processo da construção de uma autoimagem e de uma biografia pública oficial revela o olhar de Virgínius da Gama e Melo sobre si. Como também ajuda a compreender a sua relação com o campo de produção cultural, os lugares que ocupou, quais olhares e leituras esperava de seus pares e a dinâmica do campo na promoção de seus bens e de seus agentes e as redes que estes compunham.

Virgínius da Gama e Melo poucas vezes fez referência à sua boemia publicamente, em seus textos. Era uma faceta que ficava restrita aos registros mais íntimos, mesmo que a vivência fosse pública, nos bares da cidade, o que o tornou um dos boêmios mais conhecidos de João Pessoa, assim como foi nos tempos de Recife. No dia 2 de abril de 1972, com 49 anos, iniciou uma nova experiência jornalística e literária, publicando a coluna *Ponto de Vista*, no jornal paraibano *O Norte*. O contrato de trabalho com a S.A. O Norte, assinado no dia 1 de abril de 1972, constava o cargo de Redator. Nesse jornal passou a publicar crônicas, quase diariamente, colocando-se de forma mais pessoal e subjetiva publicamente, abrindo espaço para falar da boemia, dos amigos e da saúde.

Desde sua adolescência enfrentou problemas de saúde. Internou-se pela primeira vez aos 15 anos com problemas respiratórios. No final da década de 1950, devido um resfriado, precisou ser internado para tratar uma tuberculose pulmonar. Durante o tratamento no Hospital do Sancho perdeu um pulmão. Foi transferido para a Paraíba, onde permaneceu em

tratamento no Hospital Clementino Fraga e, ao receber alta, resolveu permanecer na cidade de João Pessoa.

Dessa fase mais calcinante de sua vida guardou apenas um ex-voto como lembrança do “retiro” no Hospital Clementino Fraga (ANÔNIMO, Ex-voto, 18 ago. 1958, João Pessoa). Foi o único vestígio material que ficou e que o remetia diretamente a esses episódios de sua vida. Já as cartas que recebeu durante o ano de 1959, indicam que se limitava a responder aos seus sobre seu estado de saúde e sua recuperação quando estes o indagavam sobre o tema. Poucas vezes mencionava os fatos que o levou ao internamento, mas creditava aos excessos, os “erros” cometidos, como chegou a mencionar na carta à Gilberto Amado. Mas em muitas das crônicas da coluna, Virgínius passava a se lamentar não poder se fazer frequente nas mesas de bares com seus amigos, demonstrando o vazio que isso lhe causava, mas que encontrava na escrita uma forma de manter a relação com esses boêmios.

Nas crônicas da coluna *Ponto de Vista*, em meio às ironias e às críticas sempre recorrentes, percebe-se um memorialista, que se lamenta das transformações na cidade, tanto no seu aspecto físico, quanto nos eventos com os quais possuía alguma ligação afetiva, como a Festa das Neves – evento em homenagem à padroeira da cidade, Nossa Senhora das Neves.

Na crônica *A cidade pela mão*, o autor faz menção a não poder participar da Festa por conta do reumatismo. Era um momento de reflexão, de pensar no seu passado e trazer novamente as lembranças da infância, que o ligava à cidade. Escreveu: “e o que recordo da Festa – a laranja cravo e a raiva. O que fica são as coisas da infância. De modo que a Festa, para mim, é raiva e laranja cravo. Daí por diante, avançando no tempo, é cana. Quer dizer, bebida. Mas bebida, afinal, é coisa de todo mundo” (A CIDADE PELA..., 7 de agosto de 1974, p. 4).

Percebe-se que a bebida era tomada, entre outras coisas, como uma suplência simples para carências pessoais. Bem como, a bebedeira era uma expressão externa para contrariar as medidas da vida burguesa, como coloca Siegel (1992).

Na crônica intitulada *Chama eterna*, lamentava-se do seu estado de saúde e das mudanças almejadas e que não ocorreram, deixando a entender que dedicou muito trabalho à cultura e à cidade, mas nada mudou. Dizia:

Retorno [de viagem feita à Paris]. Ainda com um pouco de neve, um pouco de ranço do outro lado. Uma preguiça gostosa. Não há coisa melhor do que a preguiça. A verdade – precisamos conferir mais dignidade à preguiça. A prova que não adianta trabalhar a vida toda está em que nada muda. Nada muda mesmo. A única coisa que muda, efetivamente, é o corpo. Muda com

os anos, vai perdendo as faculdades com os tempos. O resto, não é tudo a mesma coisa.

Aliás o corpo muda, realmente, apenas em cidade pequena. Em cidade grande, o corpo não muda.

Em cidade pequena, todo mundo nos compara com o que fomos. E observa que estamos engordando, baixando a cabeça, os cabelos pintando, os dentes caindo, a pele enrugando, as mãos criando veias e pintas.

Em cidade grande, a coisa é diferente. Andamos pelas ruas e somos para a grande maioria aquela criatura que estamos vendo pela primeira vez. E a primeira vez não tem idade. É o encontro, a aventura, às vezes a graça, a paixão. (CHAMA ETERNA..., 7 de março de 1974, p. 4)

A sua condição de saúde o levou a ficar mais recluso no início dos anos 1970, e era evidente o incômodo em não poder vivenciar a boemia como em outros tempos. Mas nessas crônicas também afirmava a sua condição de intelectual bem relacionado, porém, despojava-se dos rigores da crítica literária ou das biografias oficiais.

Ao olhar para si, nessa fase da vida, ele percebia como as transformações que se operam no corpo e na mente muitas vezes não são bem aceitas. Porém, algumas coisas não mudavam na província, e isso era matéria de incômodo para ele, que se via como um agente que muito fez pela cultura local. Esse “choque temporal” era próprio da busca do sujeito em se entender naquele momento delicado. O desconforto com as mudanças e permanências faziam aflorar vários sentimentos. Na mesma crônica, “Chama eterna”, Virgínius continuava:

Em cidade pequena, terra pequena, vivemos no reino do imutável, no reino do eterno. [...]

A prova que nada muda está em que, retornando agora, encontro tudo como era antes, tudo como sempre foi.

Encontro o governador Ernani e o teatrólogo Ariano discutindo sobre cangaceiros, história do cangaço, psicologia do cangacerismo, assunto antigo nesta terra. É, portanto, um sinal de permanência da “paraibanidade”, como diria José Rafael de Menezes. (CHAMA ETERNA..., 7 de março de 1974, p. 4)

Virgínius da Gama e Melo fazia um retrato de si que ajuda a entender o sujeito em cada fase de sua trajetória, percebendo as suas transformações físicas e psicológicas e a sua relação com o campo de produção cultural, mais que a própria história de vida narrada pelo sujeito. Porém, a sua autoimagem produziu subsídios que foram apropriados por diversos sujeitos que empreenderam a tentativa de construir perfis dessa personagem. Tais perfis ajudam não só a entender o próprio Virgínius, mas o próprio campo, seus agentes, em especial aqueles que construíram representações sobre ele, e o processo de consagração do intelectual. Processo esse que se deu em vida e não seu cessou após a sua morte. Pelo contrário, com a

morte de Virgínius da Gama e Melo outras páginas da história da sua vida começaram a ser escritas.

2.2 OS OLHARES SOBRE VIRGÍNIUS

Em vida, Virgínius procurou construir e projetar uma autoimagem oficial para a o campo de produção cultural, para a sociedade como um todo e para a posteridade. Entende-se que, na busca dos sujeitos em projetar uma imagem, há a necessidade de fazê-la coesa, que atenda aos anseios pessoais e sociais. Porém, compreende-se também que tal busca recai numa ilusão. A busca pela autobiografia cronologicamente coerente e sem contradições é perpassada por escolhas e censuras. Lançar um olhar crítico sobre essas autorrepresentações permite compreender melhor os sujeitos e suas multiplicidades.

Virgínius da Gama e Melo dedicou parte de sua trajetória a fazer o seu nome ser reconhecido, perpassando, inclusive, as questões mais pessoais e íntimas. Vivenciou os louros da consagração, mas não sem os percalços advindos dos embates próprios de um campo marcado por disputas. Seu nome passou a ser envolto por um simbolismo e toda uma carga de representações.

As biografias e demais representações tendem a naturalizar a imagem do intelectual, como se o reconhecimento e consagração que Virgínius alcançou fosse atemporal. Entender os processos intrínsecos do campo na promoção de seus agentes ajuda a situar e entender as imagens que foram sendo apropriadas para a escrita da história dessa personagem.

Nos anos 1960 Virgínius já começava a ser tratado entre os agentes do próprio campo como um escritor de talento. Notas que o apresentavam, por exemplo, como o “crítico literário da Batista Leite (no Rogers), mas, de repercussão nacional” (ENQUETE, 15 de outubro de 1963, p. 2), passaram circular e cada vez mais foram aparecendo como parte da qualificação de Virgínius, até que este adquiriu o caráter de *nome próprio*. Além disso, seu nome foi ocupando diariamente as páginas dos jornais locais por meio de suas críticas.

Pode-se dizer que essa imagem teve grande peso entre os contemporâneos de Virgínius, que passaram a escrever sobre a personagem a partir das memórias de suas vivências com o escritor. Neste ínterim, deve-se situar num primeiro plano, entre os escritos que apresentavam a imagem do escritor de talento, o prefácio escrito por Juarez da Gama Batista para o primeiro livro de Virgínius da Gama e Melo, intitulado *O Alexandrino Olavo Bilac* (1965), que contribui para uma imagem oficial do escritor.

Juarez da Gama Batista não só apresentava a obra, mas, principalmente, o seu autor. O escritor e primo de Virgínius cumpria um rito: apresentar e decretar a consagração do escritor. A escolha de Juarez da Gama Batista não deve ter se dado apenas pelo laço de parentesco. O prefácio, pela sua natureza, deveria carregar uma palavra autorizada e precisava ser remetido por alguém que tivesse o peso de apresentar um discurso consagrador. Este, assim como Virgínius, era professor da Universidade Federal da Paraíba, autor de livros, escrevia para jornais e também recebia certo reconhecimento na cena literária. No seu texto, compara Virgínius ao Lord Jim, com a finalidade de trazer à tona uma face subjetiva do escritor, e dizia ser Virgínius um escritor que dispensaria apresentação:

Toda vez que vou encontrando Virgínius da Gama e Melo, vem-me à lembrança a figura longínqua de Lord Jim, de Conrad. E é nele que ponho a pensar agora, é ele que novamente me ocorre com uma energia de imagem dominadora, quando me pedem – não sei bem porque, a mim – o que deveria ser uma nota introdutória ou prefácio a este livro: nota ou prefácio de que absolutamente não precisam nem o livro, nem seu autor, nem o editor. (BATISTA, 1963, p.5)

Juarez da Gama Batista procurava reforçar a ideia de que Virgínius da Gama e Melo já tinha um nome firmado no campo literário, e isso era reforçado pelo fato dele já estar associado a um editor e trabalhando um tema que dispensaria apresentações. Juarez da Gama Batista ainda comparava Virgínius à escritores de maior renome e dizia: “salvo lá um ou outro José Américo de Almeida, lá um outro Gilberto Freyre, como foi a vida toda o querido José Lins do Rêgo” (BATISTA, 1963, p.5).

A partir disso, pode-se perceber – ao entrar em contato com biografias, memórias e relatos sobre esta personagem – que Virgínius da Gama e Melo e seus pares conseguiram fazer com que uma autoimagem sua ecoasse pela posteridade. Muitas das representações em torno de Virgínius (necrológios, biografias, perfis, poemas e críticas) recaem numa alastramento das representações construídas pelo próprio escritor.

Decompor os perfis biográficos sobre Virgínius da Gama e Melo permite identificar a “influência” da sua autoimagem e das representações sobre a personagem que foram construídas ainda durante a sua vida. O trecho da carta escrita para Gilberto Amado no qual se autobiografa foi repetida na maioria dos perfis biográficos, seja com exatidão, ou como referência, configurando-se como um *discurso de verdade*. O fato de conceber sua “certa rebeldia ou marginalismo que sempre” o acompanhou na vida, por exemplo, foi

constantemente tomado para explicar sua boemia, seus excessos étlicos e para suas posturas políticas.

Porém, não se deve entender como uma mera reprodução dessas representações. Os projetos que buscaram escrever uma história para Virgínius da Gama e Melo devem ser entendidos a partir de interesses específicos de seus autores. Qualquer tentativa de escrita de uma história de vida está envolta em escolhas e objetivos. E nada do que era escrito partia do vazio.

A imagem que Virgínius projetou de si, mas também as representações que circulavam durante a sua vida, somaram-se às memórias advindas dos sujeitos que conviveram com ele e passaram a reconstruir constantemente a imagem que tinham dessa personagem. Algumas reproduzindo o que Virgínius projetou, outras originais e tantas outras que buscaram revelar um Virgínius mais íntimo, mas todas tentaram projetar uma história oficial do sujeito. E por elas perpassam uma “naturalização” da sua intelectualidade.

A face intelectual foi concebida a partir da naturalização do lugar que ele ocupou em certo momento de sua trajetória. A sua intelectualidade aparece como uma característica atemporal, que o acompanhava como um dom. Esse teria sido o “caminho a que se destinou” (RODRIGUES; COUTINHO, 2000, p. 10). Ele seria um “intelectual puro” (CRISPIM In DUARTE, 1987, p. 3), de talento nato e, por isso mesmo, o seu *destino manifesto* era ser um ilustre escritor.

Em alguns casos, ocorre o choque entre as faces do sujeito, que concebia como algo contraditório a boemia e a intelectualidade. Esse embate surgiu, justamente, dos interesses específicos de cada projeto em torno da escrita da história de Virgínius. Talvez seja uma “herança” do próprio Virgínius, que construiu sua autoimagem atendendo objetivos que variavam conforme os contextos.

O próprio Juarez da Gama Batista, por exemplo, ressaltou a face intelectual do escritor. A boemia foi tratada como um traço secundário, colocada num lugar de melancolia e de fuga. O boêmio seria uma representação cristalizada daqueles que o conheceram apenas nos bares. Essa visão pode ser entendida pelo próprio significado que esse “prefácio” carregava por se tratar da apresentação do primeiro livro do escritor.

Um indivíduo é múltiplo, porém a busca por uma imagem una e coerente tornava muitas vezes conflituosas as faces boêmia e intelectual. Nesses projetos, o desafio maior era harmonizar esse sujeito fragmentado. Tais representações partiram, em sua maioria, dos próprios agentes que orbitaram a figura de Virgínius da Gama e Melo, fazendo parte da

parcela dominante do campo de produção cultural, cujos laços de amizade simbolizavam relações afetivas e “contratos” firmados dentro deste espaço.

Foi a partir da sua *imaterialização* que se assistiu uma nova *materialização* da personagem. Virgínius da Gama e Melo faleceu no final da tarde de 1º de agosto de 1975. Os jornais do dia seguinte já traziam estampados na capa a trágica notícia e apresentando um cenário de comoção que tomava conta da sociedade paraibana.

O jornal *A União* anunciava a morte com a manchete “Paraíba lamenta a morte de Virgínius”. A manchete curta e direta dava a entender que o falecido era uma pessoa que dispensa maiores apresentações. A capa ainda trazia uma foto do escritor e um breve relato das circunstâncias da morte:

uma insuficiência circulatória registrada às 19 horas no Prontocor, antecedida de mal súbito que começou em sua residência, matou ontem o escritor, crítico literário e jornalista Virgínius da Gama e Melo, colunista de A UNIÃO que chegou a obter seis prêmios literários nacional, publicou quatro obras importantes, participou de seus filmes e dedicou-se à cadeira de Teoria de Literatura da UFPB, além de pertencer a inúmeras entidades culturais. (PARAÍBA LAMENTA..., 2 de agosto de 1975, p. 1)

A notícia de capa ainda dava informes sobre o velório e sepultamento para, em seguida, voltar a falar sobre quem foi Virgínius da Gama e Melo, destacando duas sessões: “O Intelectual” e “O Jornalista e Boêmio”:

O INTELECTUAL

No ano passado, a Universidade Federal da Paraíba havia convidado o escritor para escrever a História Cultural e Literária da Paraíba. E para segunda-feira estava programada a apresentação que ele faria do livro de poemas *Quarto Minguante*, do ministro José Américo de Almeida.

Detentor de seis prêmios nacionais [...], ele era para todos os círculos intelectuais de João Pessoa o eterno mestre Gama.

[...]

Pertencia à Academia Paraibana de Letras e, inclusive, a instituto ligado à UNESCO.

O JORNALISTA E BOEMIO

Com sua morte desaparece também uma fase da boemia pessoense, que teve no encontro de intelectuais e jornalistas, na antiga Churrascaria Bambu, durante as madrugadas das duas últimas décadas, a característica principal. Ontem à noite, alguns dos seus representantes foram os primeiros a chegar à casa do escritor: Celso Novais, Severino Ramos, Paulo Melo, Gonzaga Rodrigues, Otinaldo Lourenço, Linduarte Noronha e outros. (PARAÍBA LAMENTA..., 2 de agosto de 1975, p. 1)

Vemos então que a notícia trazia uma imagem que se fez constante nas narrativas que se seguiram à sua morte e que girava em torno dos projetos que Virgínius iria realizar e da ideia em torno do sujeito que ele ainda poderia e viria a ser. Também se discutia o que a sua morte significaria em termos práticos para a cultura paraibana, destacando, ainda, os filmes dos quais ele participou da produção, sua colaboração com os periódicos da Paraíba e do restante do Brasil, os nomes de seus pais e sua data de nascimento.

O *Correio da Paraíba* noticiava “Virgínius morreu no Prontocor”. O fato de também trazer uma manchete que partia da premissa de que o nome “Virgínius” bastava para saber de quem se falava, visto que o seu reconhecimento seria uma verdade incontestável, também era uma forma de afirmar essa ideia. A notícia, também na primeira página, tratava de justificar essa visão ao falar “Quem era” Virgínius:

Pouquíssimas pessoas, na Paraíba, desconhecem o autor de “Tempo de Vingança” e, para essas pessoas, um rápido histórico de Virgínius. Nascido a 19 de outubro de 1922, Virgínius Figueiredo da Gama e Melo era Bacharel em Direito, pela Faculdade de Direito do Recife; jornalista e crítico literário; professor de Literatura na Faculdade de Filosofia da Universidade Federal da Paraíba; membro da Associação Paraibana de Letras da Paraíba; membro do Conselho de Cultura do Estado, etc. (VIRGÍNIUS MORREU..., 2 de agosto de 1975, p. 1)

O *Correio da Paraíba* também dimensionava a fatalidade para além das fronteiras locais, dando grande proporção ao episódio:

O Brasil, particularmente a Paraíba, perdeu ontem, repentinamente, um de seus maiores intelectuais contemporâneos (...) No hospital ele deu entrada por volta das 19,30 horas. Antes das 20 horas, sua morte já era notícia em todo Estado. As emissoras radiofônicas deram a notícia em “extraordinário” e logo todos os jornais movimentavam seus corpos de repórteres para apurar a veracidade e detalhes do fato que enlutou toda a população paraibana. (VIRGÍNIUS MORREU..., 2 de agosto de 1975, p. 1)

Sua capa ainda trouxe o poema intitulado “...E a noite ficou viúva”, de autoria de Luiz Otávio:

Maria Pretinha já não precisa acordar tão cedo, morreu o Menestrel.
Todos os boêmios tomarão um gole, tirarão um acorde da viola: morreu o Menestrel.
Poetas balançarão a cabeça incrédulos, nenhuma rima sai afogada na garganta: morreu o Menestrel.
Garçons e mestres, alunos e cabeceiros, chorarão: morreu o Menestrel.

Morreu ao entardecer, quando o dia já ia saindo para dar entrada à noite.
 Hora de morrer dos menestréis.
 Todas as estrelas baixaram e vieram ver de perto se era verdade.
 A Lagoa, apagou as luzes.
 No local da antiga Bambu, um vácuo instantâneo.
 E a noite ficou sozinha, sem seu grande amante, sem seu companheiro
 Virgínius. (OTÁVIO, Luiz, 2 de agosto de 1975, p. 1)

Assim como as demais notícias, a representação da dor pela morte do escritor aparece como um sentimento compartilhado por toda a cidade, principalmente nos espaços em que se davam a sociabilidade intelectual e boêmia, e não uma parcela que o conhecia. Tal representação da cidade como espaço construído pelas vivências desses sujeitos era recorrente e, no contexto dessas homenagens, Virgínius era representado como parte indissociável de João Pessoa. E em meio às notícias da morte e homenagens, essa “balada” surge como um contraponto às representações do intelectual que acabava de falecer. Tais homenagens que enfatizam a face boêmia de Virgínius, partiam, principalmente, dos companheiros de bares. Estes traziam em suas representações uma memória afetiva que os ligavam de forma íntima à memória do escritor e boêmio.

O jornal *O Norte* também foi breve em sua manchete, levando ao entendimento de que o escritor era amplamente conhecido: “Faleceu Virgínius”. Trazia uma fotografia do escritor e o texto que noticiava o acontecido focava em destacar “os valores” do falecido e dimensionar o seu reconhecimento nacional, que fazia, segundo o jornal, todo o país lamentar a sua morte e não apenas a Paraíba:

O Brasil perdeu ontem um de seus maiores críticos literários: Virgínius da Gama e Melo, escritor e jornalista nacionalmente conhecido, que se sentiu mal às 15 horas [...], veio a falecer às primeiras horas da noite. [...]
 Romancista e intelectual respeitado em todo o País, ele nasceu num dos velhos sobrados da rua General Osório, a 19 de outubro de 1923. Publicara os seguintes livros: *Tempo de Vingança*, o *Alexandrino* Olavo Bilac, *Modelação* (peça teatral), *Verbo e Imagem* (com Wills Leal) e *A Campanha* (no prelo, pela José Olympio). Ultimamente preparava, para a Universidade Federal da Paraíba, uma *História da Cultura Paraibana*, além de um livro sobre Geisel na Paraíba. Escrevia em média 5 artigos, lia 2 livros e respondia dezenas de cartas por dia, recebendo cerca de 20 livros, diariamente, de toda parte do País. Mesmo assim ainda tinha tempo de enviar telegramas de parabéns a todas as pessoas que conhecia e cujos nomes figuravam em sua inseparável caderneta de anotações. Grande figura humana, não tinha inimigos e gostava de conversar, diariamente, com os amigos, nos restaurantes do Centro da Cidade. Era dotado de grande responsabilidade profissional e jamais deixou de cumprir qualquer compromisso com editoras, jornais etc. aqui e no Sul do País. (FALECEU VIRGÍNIUS, 2 de agosto de 1975, p. 1)

A morte era tomada como um momento de reconhecimento do seu valor para a cultura, bem como para os seus amigos e admiradores. Mas, acima de tudo, um novo momento, ou um novo processo de consagração. Essa construção de uma narrativa acerca do cotidiano desse intelectual, por exemplo, é central no artigo e visava fabricar a imagem mítica de um intelectual com poderes sobre-humanos. De outro lado, evidencia uma política de relações, de estabelecimento e fortalecimento de laços e vínculos afetivos e intelectuais, nos quais Virgínius seria uma personagem central.

Esta edição ainda trazia na capa um texto intitulado “Um homem do convívio”, destacando a atuação de Virgínius na cultura paraibana e o impacto da notícia de sua morte nesse meio:

O sepultamento de Virgínius ocorrerá às 15 horas de hoje, no Boa Sentença, saindo o féretro da residência de suas tias (com as quais residia) na Batista Leite, 201, Tambiá. O Sindicato dos Jornalistas distribuiu nota, ontem, convidando para o enterro. O Governo deverá decretar luto oficial ainda hoje (VGM pertencia ao Conselho de Cultura), o mesmo ocorrendo com a UFPB, onde ele lecionava literatura. O teatro Santa Rosa, dirigido por um grande amigo íntimo de Virgínius, Paulo Melo, decidiu adiar para quarta-feira, dia 6, a estreia da peça O CORDEL, numa homenagem ao intelectual desaparecido.

[...]

Adotado por seus alunos e alunas de Literatura, deu sempre apoio aos jovens e foi praticamente nos últimos dez anos o prefaciador, apresentador, crítico e incentivador de quase todos os livros que se editaram na Paraíba. Suas crônicas em O NORTE (nas quais celebrizou seus personagens Leonel Paraíba e a prima Zilda) possuíam milhares de leitores diários. Pertencia à Academia Paraibana de Letras, à API, etc. Ontem, no apartamento 1 do Prontocor, atendido pelo médico Vitorio Petruccio, não pode resistir à trombose que o acometeu, deixando os amigos e admiradores estupefatos e inconsoláveis com a perda súbita e trágica. (Na quarta página, a última crônica de Virgínius, publicada em O NORTE, dia 27). (UM HOMEM DO..., 2 de agosto de 1975, p. 1)

Procurava-se ressaltar o impacto da morte nos meios político e cultural e, assim, dar a ideia de grandiosidade da sua figura. Em meio ao luto, Virgínius da Gama e Melo passava a ser representado pela imprensa a partir da ideia de unanimidade, de uma aceitação irrestrita da sua figura nos mais diversos espaços. Havia sido, segundo tais discursos, um sujeito que não entrava em conflitos e que não tinha inimizades. Percebe, assim, que as contradições não interessavam neste momento.

Deve-se tomar essas manchetes para além de um noticiário. Os necrológios da morte de Virgínius da Gama e Melo foram, acima de tudo, textos consagradores da trajetória do sujeito, concebidos a partir da imagem que o escritor e o campo construíram durante a sua

vida, e objetivavam a sobrevivência dessa memória e da sua obra. E tal memória não poderia trazer contradições ou fatos que ameaçassem a imagem reconhecida, coesa e positiva que deveria ser perpetuada.

Apesar de a notícia ter chegado às redações dos jornais pegando todos de surpresa, quando estes estavam fechando as edições do dia seguinte, o jornal *O Norte* parece ter se dedicado a abrir espaço para as homenagens. A edição do dia 2 de agosto ainda contou com diversos tributos prestados por desenhistas e escritores. Além disso, o jornal dedicou todo o mês de agosto a trazer textos homenageando o escritor, bem como expondo as suas crônicas que já haviam sido publicadas na coluna *Ponto de Vista*.

O jornal *O Norte*, mais que todos os outros, nas semanas que se seguiram à sua morte, buscava associar o nome do escritor ao do jornal. Esse fato pode tanto ser tomado como uma estratégia que manifestava o interesse do periódico em ter destaque como um veículo que possuiu em seu quadro o jornalista, como também o trabalho dos amigos de Virgínius que, ocupando a redação d'*O Norte*, usaram o jornal para prestar homenagens e trazer à tona a memória da personagem.

A edição do dia 3 de agosto reforçaram os elogios à figura do intelectual nacionalmente conhecido e a destacar a grandiosidade dos ritos fúnebres. O destaque dado ao escritor era perpassado pela associação a outros personagens, aqueles que se fizeram presentes no funeral e, principalmente, os que passaram a publicar textos em homenagem à memória do escritor.

Portanto, mesmo com sua morte, essa relação dos agentes à sua figura continuou, simbolizando as disputas do campo. Filiar-se ao morto continuava sendo estratégia de ocupação de lugares de destaque. Dizer-se discípulo ou devedor da obra de Virgínius era uma forma não apenas de prestar homenagens ao escritor, mas também afirmar uma referência legitimada.

Virgínius da Gama e Melo passava a ser tratado como *patrimônio* de sua terra natal. O jornal *A União* trouxe como manchete o título “Cidade sepultou Virgínius ontem”, representando a ocasião como um grande fato local, que envolveu toda a esfera social, abolindo as fronteiras que circunscrevia a atuação de Virgínius ao campo cultural. A grandiosidade do evento se refletia nas presenças ilustres que, nesse gesto, reafirmavam seus laços com o escritor e, a partir daquele momento, com a sua memória. A “cidade” era representada por esses personagens ilustres da cultura, bem como os representantes da política que mantinham laços de amizade com o escritor, ou que se fizeram presentes para cumprir o

protocolo que o evento requeria. O próprio funeral aparecia como espécie de materialização das redes de sociabilidade das quais Virgínius fez parte:

Parentes e grandes números de amigos, entre os quais autoridades, educadores, intelectuais e jornalistas, sepultaram ontem o escritor Virgínius da Gama e Melo. Cerca de 30 minutos antes da saída do ataúde, em Tambiá, os familiares de Virgínius recebiam o governador Ivan Bichara e o ministro José Américo de Almeida.

Já se encontrava ali então o secretário de Estado, representante do prefeito Hermano Almeida (no momento em Natal), o prefeito Evaldo Cruz, de Campina Grande, outras autoridades e pessoas ligadas ao movimento artístico e cultural da Paraíba.

[...]

No cemitério, elevado número de pessoas ouviu discursos de velhos e novos amigos de Virgínius. O primeiro deles, João da Costa e Silva (o conhecido Mocidade), relembrou antigos tempos de convivência com o escritor. Falaram, em seguida, representantes da classe estudantil e dos atores de teatro amador da Paraíba.

O discurso final foi proferido por Vital do Rego, primo de Virgínius da Gama e Melo, levando novamente às lágrimas amigos e parentes do escritor. Desde anteontem, às 19 horas, horário do falecimento, a rua Batista Leite passou a ter sua pacata rotina quebrada por intenso movimento de pessoas para confirmação da fatídica notícia ou desejosas de levar ao amigo as suas despedidas. Com a morte de Virgínius da Gama e Melo, a Paraíba perdeu uma de suas maiores figuras do campo da literatura e das artes. (CIDADE SEPULTOU VIRGÍNIUS ONTEM, 3 de agosto de 1975, p. 1)

Ao citar as presenças ilustres e tratar a dor dos parentes e amigos como a dor de toda uma cidade e estado, os necrológios de Virgínius enfatizavam a sua imagem como personagem central da cultura paraibana a partir do *capital social* que reuniu em vida, além da veneração de seu nome que se assistia naquele momento.

O jornal *O Norte*, do dia 3 de agosto, trouxe em sua capa a manchete “Sepultado Virgínius da Gama e Melo”, estampado duas fotografias do funeral e noticiando que “centenas de pessoas acompanharam o Menestrel à sua última morada, registrando-se, à beira do túmulo, discursos de Ivan Bichara, Mocidade e alunos, entre outros amigos” e que “o último artigo de VGM em O NORTE foi colocado sobre o seu ataúde”. O jornal *O Norte* ainda buscava enfatizar a sua filiação à imagem de Virgínius da Gama e Melo por meio de duas páginas especiais “à memória de VGM”, dizendo que “os seus cronistas relembram momentos importantes da vida do grande escritor e crítico literário paraibano, que era respeitado em todo o País, por seu estilo, sua cultura e sua capacidade intelectual”. A coluna Política também foi dedicada às homenagens ao escritor.

O *Correio da Paraíba* do dia seguinte ao sepultamento dedicou seu editorial a Virgínius da Gama e Melo, trazendo como imagem central a cidade sem a presença do escritor e boêmio:

Mais pobres sem ele

A Cidade mal podia acreditar, ontem, na notícia da morte de Virgínius da Gama e Melo. Os que recebiam a infausta informação, perguntavam, incrédulos: Quem? Virgínius? Dir-se-ia que estivessem sendo enganados ou vítimas do pior equívoco.

Mas a verdade é que o escritor, o jornalista e o professor que havíamos nos habituados a ouvir versar sobre problemas de literatura, com tanta vivacidade, desaparecera do nosso convívio quotidiano. Primeiramente, foi a ausência de sua crônica, que nos privou de suas observações, seu fino senso crítico e seu humor.

O terrível é que essa ausência, que a muitos pareceu provisória, se transformaria em ausência definitiva. É verdade que podemos reencontrá-lo, a qualquer momento, em seus livros. Mas o “causeur”, o companheiro de redação o participante dos nossos instantes de cultura desapareceu no insondável mistério do Eterno.

Não foram poucos os que, a princípio, se surpreenderam que um crítico literário do seu renome, depois de alcançar projeção no Sul, voltasse a sua província, em fase brilhante de sua trajetória. A explicação se tornou mais nítida com o tempo. Virgínius regressara, para, em uma Cidade de menor número de solicitações e sua terra natal, dar à literatura brasileira, livros, peças, críticas e os prefácios que o seu talento não tardaria a transformar em realidade.

Capaz do trabalho literário sério, ele adorava, vez por outra, de brincar com as ideias, fantasiar e pilheriar com as pessoas e a vida. Fazia o elogio eloquente, por deferência ao mérito ou por amizade, o que não evitava que também fizesse a sátira social, dentro dessa percepção um tanto teatral e grega, que percebe que os homens nada mais fazem do que representar papéis previamente distribuídos.

Não vamos fazer, aqui, uma declaração de virtude, que ele seria o primeiro a repelir, se fosse vivo. Julgamos bastante dizer que, sem ele, ficamos mais pobres de valores autênticos, pois nada havia nele do pedante, que emite conceitos tolos com o ar de presumida competência. Ex-colaborador deste jornal, também, em nossas páginas, ele deixou, um dia, a leveza do seu estilo. Isso a morte não poderá tirar. (MAIS POBRES SEM..., 3 de agosto de 1975, p. 2)

E o jornal *O Norte* dizia que “a cidade toda sente a sua falta, principalmente o lado mais humano da cidade, aquele lado mais alegre e trivial, em que nos despimos de preconceitos e todos sentados à mesa” (POLÍTICA, 3 de agosto de 1975, p. 3), referindo-se, principalmente, à boemia. A cidade representada não era tomada como um todo, mas a partir dos espaços de convívio com Virgínius da Gama e Melo: os bares, a universidade, os centros de artes, as redações dos jornais e os próprios periódicos, que traziam a sua “presença” nas páginas.

Nos ritos fúnebres procuraram reforçar essa identidade paraibana do escritor, depositando obras que falavam da cidade, como os livros de Walfredo Rodrigues, *2 séculos da cidade*, com fotos da cidade antiga, e o *Roteiro Sentimental de uma Cidade*, prefaciado por Virgínius. Um dos artigos do jornal *O Norte*, do dia 3 de agosto, foi intitulado “A cidade e os livros o acompanharam”, apresentando as presenças ilustres, as obras que foram depositadas no túmulo e as reações das pessoas que presenciaram o cortejo fúnebre como um sinal de reverência dos pessoenses. Esse ato representava a ideia de que a imagem do escritor estava fundida à da cidade, e vice-versa.

A construção discursiva da cidade a partir das representações dos espaços de sociabilidade intelectual era recorrente e pode ser considerado um discurso hegemônico que circulava por meio da imprensa e, com alcance menor, com as obras literárias e as obras de artes. A cidade dos intelectuais, artistas e boêmios seria, nesses discursos, a cidade em si. E era essa a cidade que chorava a morte de Virgínius e que ficava mais pobre.

Sabendo que Virgínius possuía uma palavra autorizadora, projetando seus pares, seja por “mérito ou por amizade”, o Editorial do *Correio da Paraíba* revelava parte da dinâmica e regras do campo, o jogo de posições e a teatralidade das relações. E para além de manifestar a dor da perda e prestar homenagem, o jornal também promovia a própria imagem, ao associá-la ao escritor que o próprio periódico ajudava a confirmar como consagrado. Tanto os periódicos, quanto os agentes, percebiam que deveriam continuar associando os seus nomes ao nome do escritor. Era uma forma de manter o *capital social* acumulado em vida a partir das relações que estabeleceram com o sujeito consagrado neste campo.

Seguindo esse mesmo projeto, o jornal *O Norte* também se empenhou em prestar homenagens durante todo o mês de agosto, sempre associando a imagem do jornal ao do escritor, enfatizando uma relação mútua que teria se dado durante os anos nos quais Virgínius foi colaborador. Gonzaga Rodrigues, cronista deste periódico, afirmou que o jornal “‘O Norte’ perdeu o alto de sua quarta página mas não perdeu Virgínius. Sem escrever, nós o continuaremos lendo. Não deixou filhos para fazer mais órgãos” (SINAL DOS..., 3 de agosto de 1975, p. 4).

As crônicas de Virgínius ocupavam o topo da quarta página do jornal *O Norte*. O jornalista Luís Augusto Crispim escreveu uma crônica intitulada “Espaço Vazio”, que ocupou o espaço antes ocupado pelas crônicas de Virgínius. Nela, afirmava que

era este o seu lugar. Se quiséssemos fazer justiça, o espaço que ele ocupava deveria ficar sempre vazio. E não seria apenas um ato de justiça. Estaríamos

revelando a nossa própria indigência numa espécie de orfandade que não saberemos reparar.

Tenho medo de que nos habituemos a viver sem ele. Então, será como se nunca tivéssemos dito certas coisas ao mundo. Era ele que dizia por todos nós. E os outros ouviam. Se a sua palavra, ninguém vai nos acreditar. Afinal, o que temos para dizer agora? (ESPAÇO VAZIO..., 2 de agosto de 1975, p. 4)

O espaço destinado à Virgínius não ficou vazio. O jornal publicou novamente, durante o mês de agosto de 1975, as crônicas que Virgínius havia publicado nos seus anos de jornal *O Norte*.

Teócrita Leal, em editorial intitulado “Virgínius”, dizia que doeu “constatar que não foi apenas O NORTE que o perdeu. Foi toda a Paraíba”, e lembrou momentos do escritor na redação do jornal, bem como a suspeita de que a saúde de Virgínius estava bastante fragilizada:

Nos últimos dias Virgínius preocupava-me e a todos os que fazem O NORTE. Seus trabalhos não chegavam mais com a mesma frequência e eu sentia que a saúde dele era motivo da involuntária ausência. Mais que eu e que seus amigos, Virgínius devia sentir. Ele, que sempre fora assíduo, agora, forçado pela enfermidade que se agravava, estava ausente. Uma ausência silenciosa e assustadora, como a prenunciar um desfecho trágico.

Ninguém do jornal aceitava a mínima possibilidade de 85rucu-lo. Ele se integrara de tal forma com todos nós que, além de admirá-lo, quase o reverenciávamos, pelo que representava de nobreza, simplicidade e, acima de tudo, calor humano. Parecia prever seu próximo fim e queria fazer, de todos, amigos, como se assim agindo a Humanidade também assim caminhasse.

Nele nada parecia material.

Assim o recebemos, eu, Marconi, Aluizio, Deodato, Evandro, Genésio e Noaldo, há menos de quinze dias. Viera ao jornal “acertar” negócios, juntamente com sua amiga inseparável, Edvanda. Mas, como que provando que o material não importava muito para ele, Virgínius desconhecia até os direitos que tinha. Ainda pelo quase desprezo material, riu gostosamente quando se perguntou quanto achava que tinha a receber. Não sabia, nem tinha a mínima ideia. Todos rimos e comentamos, com ele rindo também, que era “um péssimo negociante”. (VIRGÍNIUS..., 2 de agosto de 1975, p. 4)

No dia 5 de agosto, a “equipe do O Norte”, que assinava a sessão *Enfoque*, denunciava os “ataques” proferidos por um jornalista do Rio Grande do Norte contra este periódico. A equipe procurou defender a própria imagem:

A Paraíba sempre foi uma terra de bons jornalistas. Excelentes mesmo e o exemplo da equipe de O Norte é citado no Rio, Brasília e outros centros do

país como um que deve ser seguido. Foi assim que sempre se trabalhou neste jornal: primando para buscar a verdade. Só a verdade.

Estranhamente, no entanto, um pseudojornalista, importado do Rio Grande do Norte, e acostumado somente a assuntos policiaiscos, ainda não percebeu realmente a finalidade do jornalismo. Vive ainda na ilusão de jornais como “Notícias Populares” e “O Dia”, fomentando mentiras e fazendo tempestade em copo d’água. O resultado, não precisa dizer: está nas ruas, nas bancas dos jornais, nas mãos dos gazeteiros.

Como é comum a esse “jornalista” do R. G. do Norte, ele assacou uma das mais infames mentiras que se poderia lançar contra este jornal e, sobretudo, contra Virgínius, numa hora em que toda a Paraíba, cabisbaixa, ainda chora a perda do grande cronista e crítico literário.

O jornal, atualmente (ou infelizmente) nas mãos do “jornalista”, em nota numa coluna dita *Cotidiano*, insinua que Virgínius teria sido demitido três dias antes de sua morte desta empresa. Como péssimo jornalista que é, o “colunista” deve ter interpretado o “acertar de contas” falado na coluna do editor Teócrita Leal, do último sábado, como uma dispensa dos trabalhos de Virgínius, quando na realidade, falava-se da vinda do escritor ao jornal e da pouca importância que Virgínius dava ao dinheiro.

Bastou isso para o “jornalista”, mesquinha e infamemente, *concluir* que Virgínius fora demitido.

De tudo apenas um fato doeu a nós de O Norte: a infâmia assacada contra Virgínius numa hora em que todos deviam se congregarem, reverenciar e lamentar sua morte, por ele não afetou só o Norte, mas toda a Paraíba; todo o Brasil. (ENFOQUE, 5/8/1975, p. 5)

Tais ataques ameaçavam a imagem construída pelo jornal durante a semana da morte de Virgínius da Gama e Melo, que buscava enfatizar a relação entre o periódico e o seu ilustre funcionário. Tomar posição diante das “denúncias” foi uma forma de defender seu lugar frente aos demais jornais, visto que neste contexto o jornal *O Norte* tinha Virgínius como um jornalista contratado. Além da equipe que era formada, em sua grande maioria, por personagens que mantiveram uma relação próxima com o escritor.

Os necrológios tinham como objetivo central decretar a imortalidade da sua obra e “preservar” a memória do escritor. Os amigos de Virgínius tornaram isso como uma missão. Abordavam sua trajetória e propunham perfis biográficos, apresentavam suas representações sobre o sujeito intelectual e boêmio, e concebiam sua obra como atemporal, que sobreviveria para a posteridade, seja pelo seu valor intrínseco, seja pelos projetos pessoais que seus amigos tomaram para si, mesmo que inconscientemente.

Após a morte de Virgínius, e até a atualidade, assistiram-se inúmeras homenagens. E todas partindo daqueles que conviveram com o escritor ou de instituições que, de alguma forma, tinham a sua imagem ligada à de Virgínius. É possível associar todas as homenagens e projetos envolvendo a história do escritor aos sujeitos que compuseram suas redes de sociabilidade, que se empenharam em demarcar seus lugares ao lado da imagem produzida de

Virgínius. O jornal *O Norte*, do dia 3 de agosto, por exemplo, trouxe inúmeros depoimentos dos amigos do escritor, como Evandro Nóbrega, José Américo de Almeida¹⁸, Ivan Bichara¹⁹, Eilzo Matos²⁰, Pedro Santos, entre outros, que, em comum, compartilhavam a consternação pela perda, falavam de seus laços amistosos com o escritor e a lacuna que deixaria na cultura paraibana devido à ausência física, pois a sua obra seria imortal.

Percebe-se que, para esses agentes, a imortalidade estaria condicionada a ações diretas, e estas começaram a ser efetivadas nos dias seguintes ao falecimento. No dia 7 de agosto, o Conselho Estadual de Cultura, do qual o escritor era membro e ex-presidente, aprovou requerimento de Paulo Melo, que propunha que a Casa do Conselho passasse a se chamar “Virgínius da Gama e Melo”. Na resolução, o conselheiro Paulo Melo justificava:

os méritos indiscutíveis de Virgínius da Gama e Melo, reconhecidamente um dos maiores nomes da história literária brasileira, que ele era o único integrante do Conselho Estadual de Cultura desde sua fundação, ocorrido há 10 anos atrás, além de considerar um imperativo, prestar ao intelectual uma homenagem que se perpetue através dos tempos. (O Norte, 7 de agosto de 1975, p. 1)

No dia 12 de agosto de 1975, o jornal *O Norte* noticiou que o vereador Derivaldo havia apresentado projeto de lei dando o nome do escritor Virgínius da Gama e Melo a uma das ruas de João Pessoa. Além de congratular o jornal por “vir divulgando, diariamente, crônicas” do escritor (O Norte, 12/8/1975, p. 1). A Câmara Municipal da cidade Patos, no interior da Paraíba, aprovou projeto dando o nome do escritor a uma das ruas da cidade.

Outro exemplo foi dado pelo Centro Cívico do Colégio Estadual do ABC, do bairro de Jaguaribe, que escolheu o nome do escritor como o patrono da entidade; “a ideia foi lançada pela orientadora da entidade, tendo sido aceita por unanimidade, entre a diretoria do estabelecimento, o corpo docente e em especial pelos alunos componentes da diretoria do Centro” (O Norte, 14/8/1975, p. 5).

¹⁸ José Américo de Almeida (Paraíba, 1887-1980). Escreveu na década de 1920 livros que foram tomados como centrais para a literatura nordestina e para o pensamento social. Publicou *Reflexões de uma cabra* (1922), *A Paraíba e seus problemas* (1923) e *A Bagaceira* (1928). Esteve envolvido com os acontecimentos políticos de 1930 e, posteriormente, assumindo o cargo de ministro governo Getúlio Vargas: Ministro de Viação e Obras Públicas (1930-1934 e 1951-1954). Foi eleito senador pela Paraíba em 1945 e governador em 1950. Após se afastar dos cargos políticos, fixou-se na sua residência na praia de Tambaú, em João Pessoa, local central para a sociabilidade letrada. Em 1966 ingressou na Academia Brasileira de Letras. Virgínius dedicou vários artigos para analisar a obra de José Américo, com quem manteve relações próximas.

¹⁹ Ivan Bichara (Paraíba, 1918-1998). Foi deputado federal pela Paraíba em três ocasiões de 1955 a 1964, e governador do estado de 1975-1978.

²⁰ Eilzo Nogueira Matos (Paraíba, 1934). Advogado e escritor, é membro da Academia Paraibana de Letras. Foi amigo de Virgínius, integrando seu círculo mais próximo de amizades. Foi deputado estadual e, segundo Virgínius, defensor dos interesses dos artistas na Assembleia Legislativa.

Eilzo Matos, ex-deputado e amigo de Virgínius da Gama e Melo, empenhou-se a criar uma biblioteca que levaria o nome do escritor. Tal projeto foi noticiado pelo jornal O Norte:

Em sessão do seu Conselho Diretor, a biblioteca Virgínius da Gama e Melo, criada recentemente por sugestão do Sr. Eilzo Matos, recebeu ontem da Universidade Federal da Paraíba uma doação de oito livros de autores paraibanos.

[...]

A biblioteca que recebeu o nome do querido “Menestrel”, há pouco desaparecido, estará, em breve, com suas portas abertas ao público de nossa capital e visitantes em geral. (O Norte, 15/8/1975, p. 5)

Houve, assim, um grande empenho em criar espaços de memória associados ao nome de Virgínius por meio de artigos, depoimentos e de projetos. O deputado Edme Tavares lançou a proposta de nomear o Centro de Cultura, que o Governo do Estado planejava construir a partir de janeiro de 1976, com o nome do escritor. Segundo a notícia,

na opinião do parlamentar arenista a homenagem é das mais justas, porque se trata de denominar de uma casa de cultura com o nome de um homem que em vida dedicou-se exclusivamente às letras, tendo projetado a Paraíba através do que disse e escreveu em quase todos os jornais do Brasil e do mundo. (Correio da Paraíba, 3/8/1975, p. 4)

O jornalista Paulo Melo²¹ se colocava como discípulo de Virgínius da Gama e Melo. O seu texto em homenagem ao escritor trata de dimensionar a relação entre ambos, ou melhor, como o jornalista concebia essa relação, na qual Virgínius era tomado como principal referência na sua formação. Nesse sentido, Paulo Melo se colocava como devedor e se incumbira do projeto de perpetuar a memória e a “herança” de Virgínius. Paulo Melo tratou de representar a imagem que tinha de Virgínius e defender o seu legado no artigo intitulado “A Herança do Velho Mestre”:

O desaparecimento físico de Virgínius é profundamente doloroso, e, para pessoas como eu, que mantinham com ele uma convivência diária e íntima de mais de quinze anos é, particularmente, angustiante e quase insuportável. [...] O relacionamento material agora só na lembrança, lembrança que estarei sempre cultivando. Não me pretendo ser e ter absolutamente nada, mas, o

²¹ Paulo Melo (Paraíba, 1943). Cineasta e crítico de cinema graduou-se em Filosofia pela UFPB. Foi diretor da Divisão de Documentação e Cultura (1968-1969) e do Teatro Santa Rosa (1970-1975), órgãos do governo do estado. A proximidade entre ambos possivelmente se deu durante a produção do filme *Menino de Engenho* (1965), de Walter Lima Jr., do qual Virgínius foi consultor. Conviveu com Virgínius e, com ele, trocou correspondências nas quais discutia temas ligados a produção cinematográfica, visto que fundou com Virgínius a Paraíba Produções Cinematográficas Ltda. Por meio da empresa, co-dirigiu com Virgínius o curta-metragem *Contraponto sem Música* (1968) e dirigiu o curta *Paraíba, prá seu Governo* (1969).

que tenho e sou, devo na maior parte, a experiência vivida com Virgínius. Ainda tinha muito o que aprender com ele, um privilégio dos íntimos e não íntimos, conhecidos e anônimos, porque a figura é uma legenda de dignidade, caráter, generosidade, sabedoria e humanidade.

Virgínius deixou uma grande e importante obra literária, formada de críticos, ensaios, crônicas, reportagens, romances e uma peça de teatro. Mas tenho a impressão que o seu legado maior foi consciência e a responsabilidade do trabalho; o exercício ativo e constante à inteligência, ao bom senso e à lucidez e o mais profundo respeito à condição humana.

[...]

Virgínius podia abrir mão de tudo, mas em uma coisa era irredutível: sua disposição irrefreada em lutar a favor da cultura. Outro marco da sua vida, quase uma obsessão. Não conheci ninguém, em lugar algum, com esse ímpeto. E acredito que todas as homenagens a ele agora prestadas perderão um pouco de sentido se não se procurar maior denodo, perseverança e vontade real, se objetivar aquilo que para o velho mestre era a própria razão de sua vida. Não era uma questão de interesse próprio mas uma aspiração de alcance coletivo e absolutamente necessário para o desenvolvimento da nacionalidade. E me incorporo a ideia de que o futuro Centro de Cultura a ser erguido nesta administração do sr. Ivan Bichara, graças ao empenho do professor Tarcísio Miranda Burity, tenho o seu nome²². A existência de Virgínius em muito ajudou no surgimento dessa obra.

Que a memória de Virgínius não seja apenas cultuada pelos seus feitos e a grandeza de homem que foi, mas também pelo seu espírito impulsionador das artes e da cultura e é este o seu principal bem que temos a herdar. E que se tenha por essa dádiva a mesma responsabilidade que ele assumiu por toda uma vida. E daqui, meu velho mestre, prometo, dentro dos meus limites e lutando contra o impossível, preservar a sua gloriosa bandeira de luta. E a única coisa que posso fazer para recompensar tudo que você fez por mim. (A HERANÇA..., 5 de agosto de 1975 p. 7)

Ipojuca Pontes²³ afirmava que a cultura paraibana era devedora de Virgínius, assim como ele próprio, por creditar ao escritor parte do aprendizado de uma geração. Diante dessa referência, Pontes tomava como missão levar adiante as ideias defendidas por Virgínius:

[...] Numa luta lenta, paciente, orgânica a seu modo, ultrapassando todas as barreiras criadas por políticos arrivistas e governantes incompetentes, soube sempre extrair “algum” para a cultura, isto numa terra onde um governante parafraseou Mussolini:

– Virgínius, quando me falam em cultura eu saco o meu revólver!

Amigos meus que me conheceis ou não, eu ousa afirmar que, nestas últimas duas décadas, teríamos todos naufragados na mesmice e no nada, nas frustrações pessoais e nas mútuas culpas, teríamos feito naufragar a nossa

²² O Centro Cultural foi inaugurado em 1982, no governo de Tarcísio de Miranda Burity, em outro local da cidade, e recebeu o nome de Espaço Cultural José Lins do Rêgo.

²³ Ipojuca Pontes (Paraíba, 1942). Escritor, jornalista e cineasta. Produziu, junto a Paraíba Produções Cinematográficas, o documentário *Os homens do caranguejo* (1968). Fez parte do grupo de cineastas e intelectuais em torno do “ciclo do cinema documentário” da Paraíba. Sobre esse ciclo ver: MARINHO, José. *Dos homens e das pedras – o ciclo do cinema documentário paraibano* (1959-1979). Rio de Janeiro: EdUFF, 1998.

pobre cultura paraibana, não fosse a ação impertinente de um ser humano frágil, mas imbatível: Virgínius da Gama e Melo.

A morte de Virgínius da Gama e Melo não terá nada de dolorosa se a geração que com ele aprendeu não trair suas lições de grandeza humana e generosidade. O conhecimento da alma humana, da própria humanidade, não mata ninguém. Nem morre. Que saiba, somos uma pequena legião. Do meu tope, somos eu, Paulo Melo, Vladimir Carvalho, Marcus Odilon, Marcus Vinícius, Waltinho, Altimar, alguns outros mais que, bem ou mal, Brasil afora, a bebericar galhardamente os goles amargos da vida, tenta impor uma paraibanidade menestrelina e generosa. (O Norte, 13/8/1975, p. 7)

Ipojuca Pontes e Paulo Melo, bem como outros contemporâneos e convivas de Virgínius, lançaram mão de uma memória reverente, com o propósito de ressaltar as qualidades do escritor e creditá-lo à formação de toda uma geração.

No início de 1977, o cineasta pernambucano Fernando Monteiro anunciava o seu projeto de documentário sobre Virgínius, que ainda contava com roteiro de Wills Leal²⁴ e Waldemar Duarte. O documentário intitulado *Virgínius: Tempo de Memória*, seria filmado em 35 mm e teria 10 minutos de duração, e contaria com as “únicas cenas a cores a parte de depoimento de Virgínius”, filmadas em 1974, por Fernando Monteiro, para o documentário “Cultura Marginal Brasileira”, sobre a obra de Zé Limeira. O filme seria uma forma de fazer “justiça a Virgínius”. Segundo o cineasta, “o projeto do filme foi fruto de uma necessidade de se homenagear, também através de um documentário cinematográfico, o grande intelectual que foi Virgínius da Gama e Melo”. A ideia contou com a colaboração dos escritores José Rafael de Meneses e Orlando Tejo, Eilzo Matos e outros amigos do escritor, como José Américo de Almeida, que considerava “imprescindível um trabalho desse gênero sobre a vida e a obra de Virgínius” (O Norte, 3/2/1977, p. 5).

O projeto do documentário se pautava na busca de construir um perfil biográfico e, como tal, a intenção de construir uma narrativa coerente, ou seja, um “retrato fiel” da personagem. Esta perspectiva se fazia presente na concepção do cineasta, que julgava, segundo a reportagem de Fernando Melo, esses documentos como “verdadeiros retratos de personalidades intelectuais, da maior importância como documento, que registram ‘mais do que a obra impressa, a imagem pessoal do homenageado’” (O Norte, 3/2/1977, p. 5). Ainda segundo Fernando Melo, os dez minutos “procurarão identificar a realidade de uma vida dedicada à arte e à pureza da vida [...]; infinitamente pouco tempo para reunir tão grandiosa biografia, rica de passagens que engrandecem o conceito de cultura paraibana”.

²⁴ Wills Leal (Paraíba, 1936). Graduiu-se em Filosofia pela FAFI, foi amigo e vizinho de Virgínius, com quem frequentou bares, cafés e cabarés. Ingressou na APL em 1992, onde fundou o cineclube Verbo e Imagem, em referência ao livro que publicou em coautoria com Virgínius, intitulado *Verbo e Imagem*.

Na defesa desse documentário, Waldemar Duarte ilustrou os lugares de destaque ocupado pelo escritor na cultura local. Para Duarte, “Virgínius da Gama e Melo e José Américo de Almeida centralizaram, na última década, as atenções dos homens de letras do Brasil e, quiçá, do exterior que nos visitassem”, e sobre o escritor ainda dizia que:

situou-se como um polo das atenções mais avançadas, mormente da jovem cultura brasileira, atuando, destarte, como conselheiro e animador das jovens vocações ávidas de melhores conhecimentos, fazendo na literatura como na cinematografia nacional. [...] Esse trabalho sobre Virgínius é o resultado, a longo prazo, de uma dívida que a intelectualidade e a cultura paraibana há muito deveria ter realizado. (O Norte, 2/2/1977, p. 5)

Com o passar dos anos essa defesa permanecia, justamente a partir dos mesmos atores que manifestaram seus pesares e saíram em defesa do legado e da memória de Virgínius. Vinte e dois anos após a morte do escritor, o jornal *O Norte* publicou matéria em sua homenagem, intitulada “22 anos sem Virgínius”, afirmando que “o menestrel faz falta à cultura paraibana”. O jornalista Fernando Melo retomava a fala de Ipojuca Pontes, que proferia “... A morte de Virgínius da Gama e Melo não terá nada de dolorosa se a geração que com ele aprendeu não trair suas lições de grandeza humana e generosidade”. Paulo Melo contextualizou as transformações de ordem cultural e econômica que se processaram nesse tempo para, em seguida, dizer que, mesmo diante de um quadro pouco animador, entendia “que a memória de Virgínius continua resistindo a essas transformações, o que nos leva a acreditar nos valores culturais, que ele tanto preservou, defendeu e propalou”.

Nesse contexto, o jornalista Wills Leal, que foi vizinho e amigo de Virgínius, estava propondo o projeto da “Rua da Memória”, que buscava a “revitalização da Rua Nova”, onde se localizava o sobrado Gama e Melo, antiga residência do escritor e que se encontrava em ruínas. A ideia retomava um antigo projeto, já apresentado em 1995 e que previa a sua revitalização e a instalação da Casa Virgínius da Gama e Melo, como espaço que contaria a história do escritor. Fernando Melo também anunciava que, junto com a advogada Sônia Uchoa, estava executando o projeto de escrever a biografia de Virgínius, o que demonstraria “o quanto a memória do menestrel era respeitada” (O Norte, 1/8/1997, p. 8).

Tanto o projeto do documentário fílmico, idealizado por Fernando Monteiro, quanto a biografia pensada por Fernando Melo não foram concretizadas. Porém, ao serem divulgados, esses projetos também participaram da construção da imagem e da consagração que se seguiu à sua morte. Essas ideias e a visão que as embasavam, estavam estruturadas nas visões

hegemônicas que concebiam Virgínius como intelectual e herói que dedicou sua vida em defesa da cultura paraibana.

Elizabeth Marinheiro, professora no mesmo departamento que seu primo Virgínius, pronunciou um discurso na cerimônia de homenagem póstuma organizada pelo Conselho de Cultura em 16 de agosto de 1975. Segundo Marinheiro:

Nosso herói-santo foi paisagem. Uma paisagem que agora se projeta no bronze feito signo, por vontade unânime dos que integram esta Casa.
O nome / o bronze / o signo – simbologia da homenagem maior.
O nome/ o bronze/ o signo – metábole de intencionalidades as mais puras, as mais sinceras.
O nome/ o bronze/ o signo – a onipresença do Menestrel!
Presente nos espaços e também nos tempos. É Virgínius mais eterno que ontem, menos que amanhã. O Conselho Estadual de Cultura dá a Virgínius os destaques, e as dimensões de eternidade! (MARINHEIRO In ANDRADE, 1991, p. 23-24)

Os necrológios, as homenagens e projetos que se deram logo após a morte do escritor, bem como os que seguiram anos e décadas depois, trataram de heroicizar, mitificar e monumentalizar Virgínius da Gama e Melo. Também era possível perceber a construção de um mito em torno de seu nome, que em muito partiam das suas histórias de boemia, das suas excentricidades e de uma possível doação da própria vida às causas culturais. Para Waldemar Duarte, Virgínius precisava “ser perpetuado em monumento, em praça pública” (DUARTE, 1985 In: DUARTE, 1987, p.26).

Tanto no sentido figurado, quanto nos projetos que se efetivam, ou que não saíram do papel, a memória em torno de Virgínius poderia ser entendida a partir do “Poema olhando a posteridade de Virgínius (mas que poderá servir para outros de seu timbre)”, uma das várias composições do poeta, e amigo do escritor, Eulajose Dias de Araújo:

Se a posteridade tiver/ de fazer um busto sem rumo/ é melhor não fazer o busto/
para não fugir do prumo,/ o prumo absoluto/ de todo homem ilustre.
Se a posteridade tiver/ de fazer um busto de rumo/ que arrume o busto,/ que siga a
prumo/ ao homem absoluto...
e não esqueça ainda/ a posteridade/ de botar o busto/ numa praça/ sob o abrigo/ do
sol e da chuva/ para o homem (busto)/ não morrer de luto. (Correio das Artes, 10
de agosto de 1983, p. 7)

Os antigos amigos de Virgínius foram lançando mão das linguagens que dominavam para procura-lo ao longo dos anos. Esses sujeitos também se valeram dos seus lugares institucionais para levar adiante tais projetos. O Conselho de Cultura e o Estado, os jornais,

Fundações, bem como a Academia Paraibana de Letras, na qual o escritor não chegou a tomar posse. É possível perceber a relação entre as homenagens que a Academia passou a prestar à Virgínius, com o processo de diplomação de antigos amigos do escritor como imortais da Casa de Augusto dos Anjos.

Entre tais projetos, podem-se destacar as biografias como centrais na representação dessa personagem. E em todas se pode perceber uma relação direta entre seus autores ou editores e o sujeito biografado. Dos três livros que constroem um perfil biográfico do escritor, um foi escrito por um amigo de Virgínius, *O Menestrel* (1987), de Waldemar Duarte; já a edição Virgínius da Gama e Melo, da coleção *Paraíba – Nomes do Século* (2000), tinha como um dos autores, José Edmilson Rodrigues, que teve contato com o advogado Virgínius da Gama e Melo; e o *Perfil Biobibliográfico* (1991), escrito por Ana Isabel de Souza Leão Andrade, foi resultado do processo de organização do Acervo Virgínius da Gama e Melo, doado à Fundação Casa de José Américo em 1986. O presidente da Fundação, na apresentação do livro, afirmou que “foi dada na plaquete uma ênfase aos aspectos biobibliográficos do autor e às suas relações com o Patrono desta Fundação Casa de José Américo” (BORGES, José Elias Barbosa. In: ANDRADE, 1991, p. 5), configurando, assim, a obra como uma extensão das relações que se deram entre os escritores em vida.

Os laços coletivos entre autores, instituições e Virgínius, no caso das três biografias, bem como a relação entre Virgínius e seus prefaciadores ou personagens que escreveram sobre o autor durante sua vida e os autores dos textos que compuseram seus necrológios, são centrais para entender as formas como a personagem foi representada. Tal construção, que se apresentava a partir de um discurso de verdade, não dando margem a conflitos, como já intencionava a autoimagem construída pelo próprio Virgínius, trazia intrinsecamente as marcas da multiplicidade do sujeito, revelando os jogos em torno de uma imagem oficial. Nela, como já dito, entrelaçam-se o intelectual, o boêmio, e os traços mais íntimos, que não só dizia respeito ao biografado, mas a quem escrevia e a sua relação com o escritor.

A cinebiografia que Waldemar Duarte participou da elaboração do roteiro não chegou a ser realizada. Porém, o jornalista permaneceu disposto a realizar uma biografia sobre Virgínius da Gama e Melo e empenhou-se em reunir depoimentos e materiais para ajudá-lo no projeto do livro *O Menestrel*, lançado em 1987.

Waldemar Duarte deu atenção a uma representação de Virgínius, a do menestrel, sempre presente nos bares discutindo literatura. Em seu livro, procurou compreender a origem desse apelido:

Virgínius da Gama e MELO, o intelectual mais badalado, em todos os tempos, que a Paraíba possui, recebeu há poucos anos passados a carinhosa alcunha de *Menestrel*. Esse *nick-name*, de feliz aplicação, foi de autoria (se a memória não me falha) do jornalista Gonzaga Rodrigues, um dos dedicados amigos e admiradores de Virgínius. A verdade é que o *apelido* pegou (seja Gonzaga Rodrigues, Natanael Alves ou Ipojuca Pontes) e pegou para ficar. Sempre que alguém a ele se referia não esquecia de lhe dar o tratamento afetivo – de amizade, carinho e admiração. [...] Essa alcunha de *Menestrel*, pespegada incondicionalmente, simbolizava a intenção carinhosa do tratamento mais lisonjeiro. Não sabemos, no entanto, do ponto de vista semântico ou mesmo literário, qual fora a intenção do seu autor. (DUARTE, 1987, p. 5. Grifos do autor)

Esse tratamento afetivo a partir do apelido *Menestrel* passou a fazer parte da *persona* pública de Virgínius da Gama e Melo, e buscava unir a representação em torno da faceta boêmia e intelectual. Virgínius da Gama e Melo ficou conhecido como um dos mais famosos boêmios da cidade. Porém, como já vimos, essa representação podia entrar em conflito com a imagem do intelectual consagrado. O próprio Virgínius procurou construir uma autoimagem pública calcada na sua intelectualidade. Assim, a autorreferência à sua boemia ficou restrita a alguns espaços, como nas suas crônicas publicadas a partir de 1972 no jornal *O Norte*, ou, principalmente, a partir das memórias daqueles que compartilharam dessa vivência com o escritor e que evocaram essa faceta principalmente após a sua morte.

Essa dualidade entre a intelectualidade e a boemia acompanhou a trajetória de Virgínius e já podia ser percebida no próprio prefácio do seu primeiro livro. Nele, Juarez da Gama Batista ressaltava a imagem do intelectual e secundarizava a imagem recorrente do homem dos bares. Desde então já se delineava dois olhares recorrentes e simbólicos e que perpassou a vida e a morte de Virgínius. Em 1977, em depoimento para Maria das Graças de Lima Melo, Juarez da Gama Batista reforçava a visão que apresentou em 1965:

O primo Virgínius parecia dissolver no cotidiano boêmio, colorido, o seu mistério de criatura, que em geral se perde de vista no escritório, na rua, na repartição, no elevador, no artigo de jornal – às vezes até na cátedra universitária. [...]

O que houver de promíscuo, de pura sociabilidade, ou de dandismo, mesmo de escandaloso, no traje ou nos modos, ou de tolerância para valores menores ou diferentes dos seus; ou, ainda, e contrariamente, o que houver de reservado, de bizarro, de antipaticamente intolerante para esses outros valores – nada disso contará, de fato, sendo tão somente coisas das aparências.

Daí uma espécie de engano dos que apenas o conheceram e de muitos que estimaram: raramente descobriram no primo Virgínius o Lord Jim esquivo, o essencial da criatura, a secreta solidão, do homem do bar, onde gastou a vida quase toda. (BATISTA in LIMA, 1977, 26)

O primo se colocava num lugar privilegiado, de quem teria tido acesso a um Virgínius mais íntimo, para além das aparências das mesas dos bares, mas que deveria ser somada à persona pública do escritor por meio do seu testemunho de familiar. E tanto no prefácio, quanto nos depoimentos após a morte do escritor, a face privilegiada por Juarez da Gama Batista era a do escritor que dissolvia o interesse pela literatura em todo o seu cotidiano e devaneios:

O gosto de estar, de ir ficando, os infindáveis projetos de edições, museus, bibliotecas, fundações culturais e coisas do gênero, tangiam-lhe as horas de conversas sem fim. Às vezes, telefonava com uma ideia destas, querendo opinião. Fazia do argueiro um cavaleiro, e não parava de falar. Com a cabeça nas nuvens.

Mas eram os seus pressentimentos, o que se pudesse chamar de artista do ofício, da sua arte, mais que da vida, que construía o homem, que lhe estabelecia a consciência superior dos artistas, a condição do intelectual puro, o homem de letras permanente, todas as horas do dia. (BATISTA in LIMA, 1977, p. 27)

A boemia fazia parte do cotidiano de Virgínius e, em grande medida, estava imbricada à sua imagem pública. Porém, as representações dessa faceta deveriam atender à construção da imagem oficial do intelectual. Nesse sentido, a boemia deveria ser dotada de significados que não ameaçassem a imagem do intelectual a ser consagrado. No *Perfil Biobibliográfico*, que é apresentado com traços de oficialidade por ser uma obra ligada à Fundação Casa de José Américo, a autora se limita a referenciar a boemia apenas como algo que “acrescentava-lhe um traço de generosa convivência humana” e foca em apresentar o escritor como um sujeito “inofensivo às frivolidades da chamada vida literária, ele fez da literatura a razão de ser de sua vida” (ANDRADE, 1991, p. 11).

A boemia era parte da sociabilidade letrada. Porém, em todas as representações ela aparece envolva como parte da construção do saber e não como sinônimo só de lazer, do consumo de álcool e das horas dedicadas aos bares. Era, acima de tudo, o momento de debate e criação literária.

No processo de construção, ou ênfase, do perfil do intelectual, a boemia aparecia como algo vivenciado sempre após o cumprimento do trabalho intelectual, ou extensão desse. Virgínius é representado como um sujeito metódico e com uma rotina regrada em torno do fazer literário. Severino Ramos representou parte dessa rotina:

Lembra o teatrólogo e seu grande amigo Elzo Franca, que morava em frente à sua casa na Rua Batista Leite, no Roger, que Virgínius logo cedo, pela

manhã, após escrever sua crônica para o ‘O Norte’ e com o ‘O Estado de S. Paulo’, ‘Diário de Pernambuco’ e ‘Correio da Manhã’, partia para no cumprimento de suas obrigações, desde as aulas na Faculdade, pela manhã, ao resto do dia, nas redações de jornais e nos bares da cidade onde esbanjava o seu talento e sua generosidade para com os amigos. O café Alvear, o Bar Pedro Américo, o Luzeirinho, o Bar do Zé e por último no Boladeiro, do seu primo Bento da Gama, constituíam o seu roteiro sentimental nesta cidade de que ele tanto amou. (RAMOS Apud DUARTE, 1987: Orelha de Livro)

Severino Ramos também procurou ressaltar a boemia como parte do cotidiano de Virgínius, mas sem que ela ameaçasse a imagem do homem que dedicou a vida ao trabalho intelectual:

Confirmando a boemia ensaiada no tempo de estudante em Recife, o futuro boêmio Virgínius da Gama e Melo continuaria nesta Capital, mesmo como professor universitário dos mais conceituados, a sua vida de “lazer” em fins de semana. Seus encontros eram nos locais mais disputados não somente pelos boêmios mas pelos intelectuais e jornalistas: Cassino da Lagoa, Paraibambú, o Luzeirinho e alguns até na orla marítima, como o Boiadeiro e o restaurante do Hotel Tambaú.

[...] Virgínius da Gama e Melo um boêmio sem fronteiras. Tanto bebia com deputados, professores universitários, jornalistas, como homem do povo, desde que esse encontro trouxesse motivações para sua crônica diária. Tanto é que em suas crônicas mantidas em A UNIÃO, O Norte e Correio da Paraíba, traziam sempre as propostas do dia a dia, mesmo que fossem criação do poeta Caixa D’água. Habitou-se, em suas crônicas a mencionar personagens por ele criados, como a prima Zilda, Leonel Paraíba e outros, que seriam fáceis de se identificar com suas companhias do dia a dia. Havia, até certo ponto, uma ideia pré-concebida contra a boemia de Virgínius, como se ele fosse irresponsável, isso não acontecia. Era um trabalhador incansável e cumpridor de suas obrigações literárias. (CORREIO DAS ARTES, 31/7/1983, p. 24)

Waldemar Duarte, no seu livro *O Menestrel*, foi o autor que privilegiou a face boêmia de Virgínius. Chegou a representar essa vivência como errante, mas no sentido do sujeito que perambula pela cidade a cantar sua arte, como os trovadores e menestrelis:

Virgínius da Gama e Melo é tudo isso. Basta pesquisar sobre sua vida errante e boêmia em Campina Grande (A Fruteira): suas serestas, suas noites românticas, sua condição de andarilho das letras na cidade do Recife (Pigalle, a Portuguesa...) e veremos quão perfeita é a alcunha de menestrel, de trovador, que ele levou para o título, como flores sacudidas pelos amigos intelectuais, dádiva carinhosa e afetiva. (DUARTE, 1987, p. 8)

Duarte também ressalta a ideia em torno de que a boemia não furtou o escritor de suas obrigações literárias:

[...] Virgínius da Gama e Melo, nas horas vagas, foi o mais autêntico boêmio que já conhecemos. E foi um boêmio que não sacrificou a sua arte. Pelo contrário: amadureceu-a. Sua boemia era trabalhada pela sua condição de intelectual, de jornalista, de sua vivência com o povo e com as mulheres de sua admiração. (DUARTE, 1987, p. 9)

Boêmio, mas antes de tudo, um trabalhador. Essa forma de representar o boêmio não era exclusiva à Virgínius. Os próprios depoentes, ao representar essa vivência compartilhada, incluíam-se na construção dessa imagem idealizada, visto que eram personagens dessa história. Segundo essas representações, a boemia não deveria ser vivida gratuitamente. Dela deveria ser extraídos motivos para o fazer literário e o convívio com seus pares ser um momento de criação. Orlando Tejo chegou a dizer que Virgínius da Gama e Melo, nos tempos de Recife, transformava a sua mesa no bar *A Portuguesa* numa extensão do seu escritório, quando redigia seus comentários políticos para sua coluna no *Jornal do Comércio* (VIRGÍNIUS DA GAMA..., 31 de dezembro de 1995, p. 5-6), o que diferia do cotidiano do escritor em João Pessoa, quando cumpria todas as atividades jornalísticas e na Universidade para depois se dirigir aos bares. As menções ao sujeito boêmio revelavam os conflitos das representações que podiam acompanhar essas personagens e, no caso de Virgínius, tornou-se um tema por vezes controverso por conta do alcoolismo que contribuiu para fragilidade de sua saúde. Nesse sentido, eufemismos eram empregados, inclusive pelo próprio Virgínius, evitando se reportar aos problemas advindos do consumo excessivo de álcool e cigarro, como se as bebedeiras ameasse o sujeito intelectual.

A face boêmia de Virgínius despertou várias leituras em torno da personagem, algumas delas recaindo na criação anedótica. Havia a intenção de construir uma figura popular, conhecido por todos e que convivia com todos indistintamente, com os intelectuais e com os trabalhadores braçais, com juízes e com os outros bêbados. Mesmo dividindo esses espaços com os frequentadores “comuns”, bêbados, prostitutas, trabalhadores braçais, os bares frequentados por esses boêmios eram, acima de tudo, nas suas representações, espaços da intelectualidade e que, ao serem apropriados por essas personagens, fazia parte da identidade, imaginário e vivência desses grupos.

Na criação da imagem do intelectual que não colocava em jogo as suas obrigações, Severino Lucena dizia que “durante a semana, exceto num feriado, Virgínius não bebia, não fazia boemia: trabalhava. Nos fins de semana, no entanto, pernas pra que te quero. Virgínius entregava-se ao convívio dos seus amigos” (VIRGÍNIUS DA GAMA..., 31 de dezembro de 1995, p. 5-6).

Severino Ramos, assim como Lucena, idealizava a imagem do boêmio. Ele dizia que Virgínius não frequentava os bares nos finais de semana. Era uma forma de distinção em relação aos demais frequentadores. Segundo Ramos, “essas jornadas lítero-recreativas só se consumavam da segunda à sexta. Aos sábados e domingos e feriados o Menestrel não bebia porque os bares se enchem de amadores, os ‘*bêbados de fim-de-semana*’, atrapalhando os profissionais” (RAMOS, 1985, p. 32).

Bebendo durante a semana ou nos finais de semana, era central a criação de um ideal de boêmio e a boemia representada e valorizada era a dos intelectuais, não a da massa. A face boêmia de Virgínius foi consagrada à moda do final do século XIX, sendo as vivências nos bares e as rondas literárias noite afora parte indissociável da vida intelectual. E não apenas um momento de aliviar as tensões do cotidiano ou, até, de alimentar o vício no álcool. Segundo Ramos, Virgínius “era boêmio, nos bons termos da palavra; mas era um trabalhador altamente responsável”. E essa representação também pode ser tomada como uma autoimagem construída pelos depoentes que se diziam parte da “corte do Menestrel”.

Entre as diversas faces representadas e representantes de Virgínius da Gama e Melo, a do intelectual se sobressaía. Porém, ao estabelecerem hierarquias, cada representação atendia a um interesse. Em síntese, a do intelectual dizia respeito à imagem oficial consagrada no campo de produção cultural. A do boêmio faz referência à memória afetiva daqueles que conviveram cotidianamente com o escritor. Porém, em todas as representações é possível perceber a intenção de consagrar o sujeito, de conferir uma centralidade à sua figura. Virgínius aparece nestes discursos como o mais talentoso intelectual de sua geração, como também o mais famoso boêmio da Paraíba. Ou ainda, o principal colunista de Recife no seu tempo. São discursos que intencionaram construir uma verdade que ajudasse na consagração de sua memória.

A face intelectual também perpassava as menções a outros ângulos da vida de Virgínius. Pouco se falou na intimidade do escritor, até porque Virgínius pouco se referiu publicamente à própria intimidade, restringindo a uma ou outra menção relacionada à boemia. Não cabia ao sujeito intelectual falar dos envolvimento amorosos. Os conflitos sentimentais ficaram restritos à intimidade dos bilhetes e cartas que escrevia, recebia e guardava.

As representações dos amores de Virgínius se tornam uma fissura na sua face pública. Porém, eram evocados no sentido de participar no enquadramento do perfil intelectual e boêmio, e não a partir de conflitos amorosos, mas da idealização do intelectual galante, que despertava amores nas mulheres a partir da sua inteligência.

É importante questionar o porquê de algumas representações adentrarem em questões da intimidade, causos pitorescos e as excentricidades da personagem. É possível perceber uma busca de se destacar nos conjuntos das representações, apresentando informações próprias advindas, principalmente, de uma relação mais próxima com Virgínius. Ao se colocarem como testemunhas oculares de eventos da vida de Virgínius e ao trazerem aspectos peculiares ou anedóticos, evidenciam uma disputa, mesmo que sutil, pela memória oficial de Virgínius.

Havia também a intenção de ressaltar uma personagem que convivia e acolhia a todos. Bem como sua crítica, que não desmereceria ninguém. Nas biografias e na maioria dos depoimentos, Virgínius da Gama e Melo teria sido uma pessoa de “fácil trato” (RODRIGUES; COUTINHO, 2000, p. 13), que não cultivou nenhuma inimizade, nem tampouco se envolveu em polêmicas. Bem como se cristalizou a ideia de que Virgínius fugia às “rodas da ‘cultura oficial’” (DUARTE, 1987, p. 12), ou ainda, “era o mestre de todos, principalmente dos jovens, não somente da Paraíba. (...) Ele foi BOM em todos os sentidos” (DUARTE, 1987, p. 23. Grifo do autor).

O cronista Carlos Romero²⁵ ressaltou elementos que representavam Virgínius sem conflitos e que fundia múltiplas características numa só personalidade:

Em Virgínius é difícil separar o esteta, o artista, o filósofo, do Cavalheiro, do cidadão, do grande humanista que ele soube ser.

O ético e o estético se fundiam e confundiam em sua personalidade admirável.

Dele jamais se escapou uma dissonância, uma discrepância, tal a harmonia interior que se manifestava em suas atitudes, gestos e expressões.

Dotado de um profundo espírito de solidariedade, ele jamais se vulgarizou em insignificância e mesquinhezes; jamais se envolveu em acidentes ou incidentes tão comuns na opacidade de uma província cujos mentais são exíguos.

A crítica em suas mãos não foi um instrumento de agressão, de ofensa, de discórdia, de evasão de recalques, mas de compreensão, de conhecimento, de identificação humana e social. Muito perdoou porque muito compreendeu. E muito compreendeu porque muito amou.

A literatura foi sua grande religião. Uma religião a que ele serviu com muita fé e conscientização. Mas a literatura não o isolou da vida, porque o esteta, o visionário de belezas, soube, frequentemente, descer do seu Olimpo para se reencontrar com o homem que ele nunca quis esconder. (ROMERO In RAMOS, 1985, p. 33. Grifos nossos.)

²⁵ Carlos Augusto Romero (Paraíba, 1923-2019). Era advogado de formação, mas foi como cronista que se destacou nas redes de sociabilidade letrada. Escrevia a coluna *Recados da Província*, no jornal *A União*. No governo Pedro Gondim (1961-1966) assumiu o cargo de secretário da Casa Civil e, esse posto, Virgínius creditou a ele a volta do suplemento literário *Correio das Artes* à circulação.

Percebe-se a tentativa de apresentar a personagem que, em meio às disputas, não se envolveu em “incidentes”, mesmo tendo a crítica literária como “arma”. Ipojuca Pontes, ao narrar seu convívio com Virgínius, creditava a ele parte de seu aprendizado, como também apresentava sua leitura sobre a trajetória de consagração do escritor e sobre as relações de Virgínius no campo:

Testemunhei toda a sua ascensão de grande homem, enfrentando deformações e interesses sórdidos, no jornalismo, na cátedra e na literatura. Sabia jogar, era honestamente malandro. Conquistou tudo no taco a taco, ali, sem molezas nem facilidades. Sim, com o menestrel aprendi tudo. Aprendi, por exemplo, a aguentar firme e resistir ao fácil. Sabem os senhores o que é resistir ao fácil? Vou tentar explicar. O sujeito pobre tem consciência da pobreza do seu povo e escreve em jornal opinando sobre o que quiser. Ele escreve em jornal e tem amigo rico. Por ser pobre pode e deve como homem que formula a opinião pública estar a favor do povo. Mas ele sabe também que os ricos fazem parte desta humanidade catatônica. E que não são todos uns corruptos. E que os ricos também trabalham e se esfalfam. Então, o que fazer? A situação não é fácil, porque se o nêgo aplaude o amigo rico nas suas melhores ações corre o risco de estar traindo os seus, ou mesmo estar levando “algun” por debaixo do pano. E se ficar com os pobres, sistematicamente, corre o risco de passar por este corredor comum que envolve tudo que é ostensivamente popular: a subversão. Pergunta-se: o que fazer? O fácil seria, evidentemente, cegar para os ricos e olhar furiosamente em favor dos pobres. Ou senão cegar para os pobres e olhar furiosamente para em favor dos ricos, posição convenhamos bastante em voga e lucrativa. O mais difícil, acreditem-me, seria tentar harmonizar as duas tendências, procurar equilibrar o melhor de cada um em função do bem geral. Eis uma boa fórmula para o Brasil de hoje: os ricos não tão ricos e os pobres não tão pobres. Ah, isto seria o ideal, e foi exatamente isto que aprendi com o menestrel, não só em economia, mas em arte e humanidade. [...]

Certa vez numa conversa entre paraibanos da minha geração, debatia-se a parcialidade de Virgínius. Dizia um, mais afoito:

– É amigo de todos os governadores, indistintamente. E o pior é que elogia todo mundo e não recusa nenhum prefácio!...

Uma restrição válida à maneira de ser do menestrel, pois não. Mas exatamente nesta restrição o elogio maior. O menestrel não via nem queria ver o pior e o menor das coisas. Para ele, um livro sempre tinha alguma coisa útil, de melhor e maior a destacar. As pessoas, como os livros, também. O menestrel só levava em conta o lado melhor das pessoas, e estava sempre pronto a esquecer generosamente as deficiências do caráter de cada um. Ajudava a todos, mas também sabia recusar. Não um cristão covarde e sabia como enfiar no pretenso inimigo. (O MENESTREL VIRGÍNIUS..., 13 de agosto de 1975, p. 7)

Mesmo reforçando a imagem do “grande homem”, a fala de Ipojuca Pontes ajuda a vislumbrar as disputas que se davam no campo de produção cultural e os jogos de interesses que determinavam o estabelecimento de laços de amizade e redes de sociabilidade, diferenciando-se, em certa medida, das representações que negligenciam as controvérsias e os

conflitos. Pontes relembra que o conheceu em meio às polêmicas que Virgínius se envolveu com a *Geração 59*, bem como insinua que outras tantas se deram no processo de ascensão do escritor no campo. Ipojuca Pontes ajuda a vislumbrar uma personagem que travou disputas num cenário marcado por jogos de poderes. Inclusive nos jogos políticos.

Em vida, Virgínius se envolveu em disputas e debates calorosos que, inclusive, ocupou algumas páginas dos jornais locais²⁶. Porém, a memória de seus convivas tratou de negligenciar os conflitos e oficializar a imagem do escritor consagrado e que congregou em torno de si diversos personagens da cultura local. Agentes que trataram de construir uma *memória* que reverenciava Virgínius.

Nesse processo de decompor as representações, acaba-se entendendo o processo de *escrita da história*²⁷, de onde os autores partiram para falar de Virgínius, como processaram as informações que tinham em mãos e identificar as faces desse sujeito a partir da visão desses atores. Nesse sentido, compreende-se que as redes de sociabilidades das quais Virgínius fez parte, e seus agentes, tiveram participação central na consagração dessa personagem, principalmente após a sua morte.

Sobre Virgínius da Gama e Melo, escreveram a respeito do intelectual e sobre o boêmio. Havia, principalmente, a busca da totalidade da sua biografia. Ao falarem sobre seus óculos, seu olhar, seu terno, seus gestos, sua voz, buscavam representar seu físico, como também suas subjetividade, numa tentativa de representando o sujeito como um todo. Tal *ilusão* é intrínseca a essas narrativas biográficas e representações da personagem.

O jornalista Severino Ramos²⁸, que conviveu com Virgínius da Gama e Melo, assim o descreveu: “Virgínius da Gama e Melo/ de família nobre, com sua fidalguia/ e seus ternos de linho branco./ Suas mãos finas, alvas e esvoaçantes/ como se estivessem a soltar pássaros invisíveis” (RAMOS, 1985, p. 33). Seu poema faz menção ao seu físico, seus gestos, o olhar e à sua biografia, elementos que perpassaram as diversas formas como Virgínius foi representado.

²⁶ Esses debates serão tratados no Capítulo 3.

²⁷ Parte-se da ideia de que os autores que escreveram sobre a história de vida de Virgínius da Gama e Melo também empreendem uma *operação historiográfica*, entendida a partir das proposições de Michel de Certeau. Procura-se entender o lugar ocupado por esses sujeitos dentro do próprio campo de produção cultural. Escreveram a partir de filiações com o próprio biografado e querendo evidenciar essa relação, ou partiram de lugares institucionais que demandava interesses específicos, que diferiam, por exemplo, da escrita dos sujeitos que mantiveram relações mais íntimas com Virgínius, e que, por isso, empreenderam outro tom à sua abordagem, como no caso o *Perfil Biobibliográfico*, fruto do trabalho da Fundação Casa de José Américo. CERTEAU, Michel. A Operação Historiográfica. In: CERTEAU, Michel. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora Forense-Universitária, 1982, p. 65-119.

²⁸ Severino Ramos (Paraíba, 1949-2018). Também era conhecido como Biu Ramos. Escreveu para os jornais *A União*, *Correio da Paraíba* e *O Norte*. Além de ter chefiado a redação da Secretaria de Comunicação do governo do estado da Paraíba em 1967. Foi um dos integrantes do círculo mais próximo de Virgínius.

Nestas representações, Virgínius da Gama e Melo era personagem central de um campo de produção cultural paraibano nas décadas de 1960 e 1970. Com sua morte, sua imagem continuou a ser evocada pelos sujeitos que compartilharam experiências nesse contexto. Durante a sua trajetória, Virgínius procurou se destacar. Em alguns círculos ele conquistou a centralidade. Na relação com outros grupos, ele era um coadjuvante. A compreensão dos lugares ocupados por Virgínius e a construção dessas representações passa pelo processo de decompor da vivência dessas personagens com as cidades e seus espaços de sociabilidade. Visto que, a forma como esses sujeitos concebiam e vivenciavam a cidade ajuda a compreender a dinâmica do campo de produção cultural e a construção da imagem pública dessas personagens.

3 AS ARTÉRIAS DA CIDADE

Ao *saborear* os arquivos é possível, e até mesmo necessário, vivenciar a materialidade dos vestígios que lá se encontram. No Acervo de Virgínius da Gama e Melo há vários objetos, como cartões de diferentes dobraduras e fotografias, que solicitam o manuseio e o olhar diferenciado de quem vasculha as gavetas e pastas. Numa delas, é possível descobrir monóculos, objeto peculiar da nossa cultura visual onde ficam guardadas fotografias de momentos singulares dessas vidas. E, como quem mira uma paisagem, ao olhar pelo buraco de um monóculo, um mundo de informações pode se descortinar para o olhar atento do historiador.

Num desses objetos, Virgínius aparece sentado conversando com uma mulher. Além do momento e das personagens representadas, chama atenção o espaço na fotografia: o Cassino da Lagoa. Ainda é possível ver um maço de cigarros e um copo de cerveja sobre a mesa:

Figura 3 – Monóculo com fotografia de Virgínius sentado ao lado de uma mulher no Cassino da Lagoa.



Fonte: Acervo VGM/FCJA.

Em sua crônica *De Bar a Café*, publicada na coluna *Ponto de Vista*, do jornal *O Norte*, Virgínius falava que tudo que se ouvia e vivia com seus companheiros nas andanças pelo

centro da cidade era “bebida, mulher e boemia” (DE BAR A..., 20 de agosto de 1974, p. 4). Como visto no capítulo anterior, as suas crônicas no jornal *O Norte* revelam um momento de sua vida em que se prestou a rememorar fatos de sua vida e se reportar à boemia. Nesses relatos, vários espaços e personagens aparecem representados, trazendo a tona aspectos da história da cidade, bem como de sua trajetória.

Tal percurso de compreender a sua trajetória passa, inclusive, pela compreensão dos palcos em que se deram as experiências das personagens. A cidade é um emaranhado de vivências, representações e sujeitos. Sujeitos que se cruzam pelas ruas, esquinas, bares, cafés, feiras, que fazem o dia a dia das cidades. Poetas cruzavam com vendedores, boêmios e garis cruzavam o Ponto de Cem Réis, jornalistas esbarravam com donas de casa na Rua do Diário, intelectuais debatiam os problemas das artes enquanto trabalhadores almoçavam apressadamente.

As cidades de Recife e João Pessoa, palcos principais da vivência desses sujeitos, são cidades vividas de múltiplas maneiras. A cidade é esse cruzar de histórias, de tipos, num cotidiano que poucas vezes atenta para si. Algumas histórias acabam sendo destacadas desse pulsar urbano. Nesse percurso, destacam-se as histórias de sujeitos que, muitas vezes, enxergam-se como a própria cidade, como a “alma da cidade”.

Essas personagens se destacaram em crônicas, poemas, memórias e nas páginas da história da cultura paraibana e pernambucana. A cidade que se projetava num presente, buscava deixar uma marca para o futuro, bem como construía um passado. Aparece representada por esses sujeitos em jornais, nas obras de arte, nos poemas e livros, no traçado urbano, nas construções e nas políticas públicas. Muitos dessas personagens passaram a se tornar nomes de ruas, nomear prédios ou terem seus nomes espalhados em placas e bustos. Logo, a história da cidade e a cidade “oficial” se misturam com esses agentes, que cantaram, escreveram e construíram representações que nomearam sentimentalmente os recantos da urbe e que perduram até hoje. Configurar e enxergar as cidades de Virgínius e sua “corte” é decompor e compreender como os mesmos as concebiam e as viviam. Os registros dessas cidades, na maioria das vezes não são representados fora dos códigos que associa um determinado espaço a certas personagens. Logo, orientam a própria representação dos eventos e da vivência desse grupo social. Não bastava viver a cidade, era preciso viver e

104

3.1 AS RONDAS LÍRICAS

O *Lord Jim* que Juarez da Gama Batista apresentou no prefácio do livro *O Alexandrino Olavo Bilac* percorria a cidade solitariamente. O *Menestrel*, de tantos outros, percorria as ruas das cidades sempre na companhia de sua *corte*, como nomeou e idealizou Severino Ramos, em *A Arca dos Sonhos*, o entorno de Virgínius. No imaginário ficou a representação do trovador que cantava os amores e as artes. As ruas eram várias e os sujeitos iam surgindo e se juntando para as rondas diurnas e noturnas, vivendo a cidade e apropriando-se dela de uma maneira própria. Os caminhos podiam ser vários, mas as inúmeras narrativas dessas vivências indicam uma ritualística própria e necessária para os grupos de artistas e intelectuais.

O colunista Otávio Monjardin afirmou, certa vez, que João Pessoa era uma cidade feita por poetas (ESPETÁCULOS..., 19 de fevereiro de 1964, p. 4). Com isso, ele evidenciava por qual ângulo ele concebia a cidade, ou então como ele se apropriava da cidade. Não era uma visão isolada, mas, sim, compartilhada por um grupo de sujeitos que pautava na própria arte as concepções que guiavam as práticas e as concepções de mundo. Pensar a cidade a partir de tais concepções não queria dizer que as questões econômicas, políticas e sociais não faziam parte do conjunto de leituras desses sujeitos. Tais questões eram centrais, mas passavam pela maneira própria do campo de produção cultural pensar e expressar suas preocupações. Nas salas da universidade ou na mesa do bar, na redação do jornal ou no conselho governamental, no bordel ou nos ateliês, esses sujeitos construíam seu mundo.

Otávio Monjardin era um admirador de Virgínius, dedicava quase que diariamente alguma nota sobre o escritor. Ao “seu gosto”, João Pessoa era “uma cidade lírica”, e demonstrando a sua admiração, tanto pela cidade, quanto pelo escritor, dizia que era a única no mundo que possuía, “de uma só vez, a igreja de S. Francisco”, e “Virgínius da Gama e Melo”. E “se o pessoense não fosse a negação de tudo, João Pessoa seria uma das cidades mais aprazíveis deste Brasil” (ESPETÁCULOS..., 19 de fevereiro de 1964, p. 4). O colunista fazia questão de expressar os seus laços de amizade com o escritor, e das práticas compartilhadas com este e com demais personagem da vida literária da cidade. Personagens que expressavam a cidade por meio de um exacerbado sentimentalismo.

O poeta Jomar Moraes de Souto²⁹ lançou, em 1962, o livro *Itinerário Lírico da Cidade de João Pessoa*, com um poema que percorria a história da cidade desde as guerras de conquista até a sua contemporaneidade, com seus espaços e personagens de sua vivência. O livro expressava o sentimentalismo do poeta, bem como o sentimento compartilhado, e definiu uma forma de representar a cidade por meio do “lirismo” que passou a ser presente nos escritos, nas obras de arte e nas memórias dessas personagens.

Pensar nos itinerários ajuda a compreender como a cidade se desenhava pelas vivências desse campo³⁰. As *rondas líricas*, como o pintor Raul Córdula chamava as andanças que realizava em conjunto com os artistas e intelectuais, é um dos percursos que ajudam a mapear os espaços de sociabilidades desse campo. Ao saírem para “fazer a noite”, como dizia Otávio Monjardim (ESPETÁCULOS..., 26 de julho de 1964, p. 4), tendo ou não “alguns trocados no bolso ou um amigo na praça”, as personagens percorriam as ruas, entravam pelos bares, ouviam e compartilhavam conversas, na maioria das vezes sobre a própria arte que faziam. A cada ponto iam encontrando os amigos, somando mais personagens.

Os caminhos eram vários, mas todos levavam, ou melhor, passavam ou se iniciavam pelo endereço que Nilo Pereira seguiu em busca do “homem que escreve”: a Rua Batista Leite, 201. Para o jornalista Waldemar Duarte, esse endereço era a “Meca das Letras”. Para lá seguiam presidentes, embaixadores, artistas, escritores, leitores e amigos, seja fisicamente ou pelas dezenas de correspondências que chegavam mensalmente endereçadas à Virgínius da Gama e Melo, que morava nesse endereço “com suas tias e sua biblioteca” (CÓRDULA, 2009, p. 61). Era chamado por Waldemar Duarte de o “mandarim da Batista Leite”. Segundo Duarte, Virgínius recebia os que lá chegavam com “a fidalguia que lhe era peculiar, mas também com uma bondade desconcertante – ao menos para quem até então o encarava sob receio e apreensão”, como relatou o jornalista Martinho Moreira Franco: “senti-me em casa. E nunca mais tive medo do semideus que era Virgínius” (UMA VISITA..., 1 de agosto de 2015, p. 5). Tal representação do escritor e de sua casa são recorrentes e sugerem a centralidade dessa personagem e desse espaço da cidade para a cultura local.

Raul Córdula³¹ coloca que “havia uma grande concentração de artistas e intelectuais morando no trecho entre a Praça Antonio Pessoa e a Rua Batista Leite” (2009, p. 61). Lá

²⁹ Jomar Moraes Souto (Paraíba, 1935). Integrou a chamada *Geração 59*. Bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Recife e atuou como promotor de justiça no sertão paraibano. Porém, continuou publicando seus poemas nos jornais. Em 1988 foi eleito para a APL.

³⁰ Ver em anexo imagens de satélites da cidade de João Pessoa com a localização dos locais citados ao longo do capítulo.

³¹ Raul Córdula (Paraíba, 1943). O pintor paraibano começou a pintar na década de 1950 e foi um dos responsáveis por ilustrar os poemas dos integrantes da *Geração 59*. Em 1959 passou a ilustrar as páginas do

moravam o escritor Wills Leal, o jornalista Teócrita Leal. No beco que ligava a praça à rua Batista Leite morava Nébia Gadelha, amiga íntima de Virgínius e amiga de Jomard Muniz de Brito, que viajava de Recife toda semana para dar aula na Faculdade de Filosofia da Universidade da Paraíba. Ao lado da casa 201, morava o vereador Mário da Gama, primo de Virgínius. Na esquina da mesma rua morava Jomar Moraes de Souto, e logo depois ficava a casa de Elzo Franca, ator, músico, diretor de teatro e amigo de Virgínius. Próximo ainda morava Tarcísio Burity, escritor que, na década de 1980 tornou-se governador. Da sua janela, Virgínius comumente via passar essas personagens, recebia-os em casa e com muitos deles, e com outros que chegavam, saía em ronda pela cidade. Raul Córdula relembra um desses momentos em que as personagens dessa vizinhança de artistas e intelectuais foram se juntando para uma ronda. Na ocasião iriam à casa da amiga Marlene, que noivara, presenteá-la com uma pintura:

Saímos de minha casa, eu e o poeta Carlos Moura, cria desgarrada da Geração 59 que depois foi pra Brasília – era época dos candangos – pra nunca mais voltar. Eu morava na esquina da Rua Almirante Barroso com a Maximiano de Figueiredo, e fomos levando o quadro, que é grande, até a casa de Elzo, onde nos concentraríamos sob o poder de duas ou três lapadas. Lá estávamos, então, ao lado de Elzo, Vanildo e Jomar, e saímos em passeata até a casa dela. Ao passar pela casa de Virgínius ele juntou-se a nós, com seu impecável terno de tropical azul marinho listrado e gravata de seda vermelha de listras, reclamando: “Ai, ai, Dolores, que coisa horrível, uma dama como Marlene se casar com um cavalheiro de outras plagas, ai, ai Dolores...!” O que Virgínius temia não aconteceu, e o quadro ainda está na parede de Marlene. (CÓRDULA, 2009, p. 61)

As rondas líricas começavam por essa região limítrofe entre os bairros de Tambiá e Roger, ou a Praça da Independência, passando pela Bica e indo até os fundos da Igreja de São Francisco. Era o roteiro dos poetas e artistas do grupo *Geração 59*, mas que logo passou a ser compartilhado por vários outros. Segundo Raul Córdula, esses caminhos inspiraram Jomar Moraes de Souto, poeta desse grupo.

Muitas dessas rondas se iniciavam com um objetivo específico: rumar para os bares do centro da cidade. Mas também podiam seguir para algum ateliê de artes plásticas, para o Teatro Santa Roza, para algum debate na Faculdade de Direito, no Liceu Paraibano, ou na FAFI – Faculdade de Filosofia, para a exibição de algum filme de arte ou realizado por

suplemento literário *A União nas Letras e nas Artes* e, na década de 1960, do suplemento *Correio das Artes*, onde também assinava a coluna *Atelier*. Foi amigo de diversos artistas e escritores, como Virgínius. Promoveu exposições e entre 1963 e 1965 foi supervisor do setor de artes plásticas da Universidade da Paraíba.

alguém do próprio grupo, para conferir a mais nova exposição de arte moderna ou o para lançamento de livros ou exposições de poemas de algum grupo literário da capital.

Severino Ramos reconstrói essas rondas representando seu grupo, tal qual as personagens das leituras que chegavam nas rodas, nos debates dos bares:

Pastoreávamos a noite como se ela fosse um rebanho de inquietas virgens na idade do homem. Era Jorge Amado chegando, invadindo os nossos bares, sentando-se em nossas mesas com Gabriela no colo. O perfume de Gabriela. O cheiro do cravo, a cor de canela, acendendo nossos sentidos, rescendendo em nossos cortiços.

O cheiro de pétalas molhadas escapava das garrafas de rum, Martini e cerveja.

Eram os pastores da noite chegando.

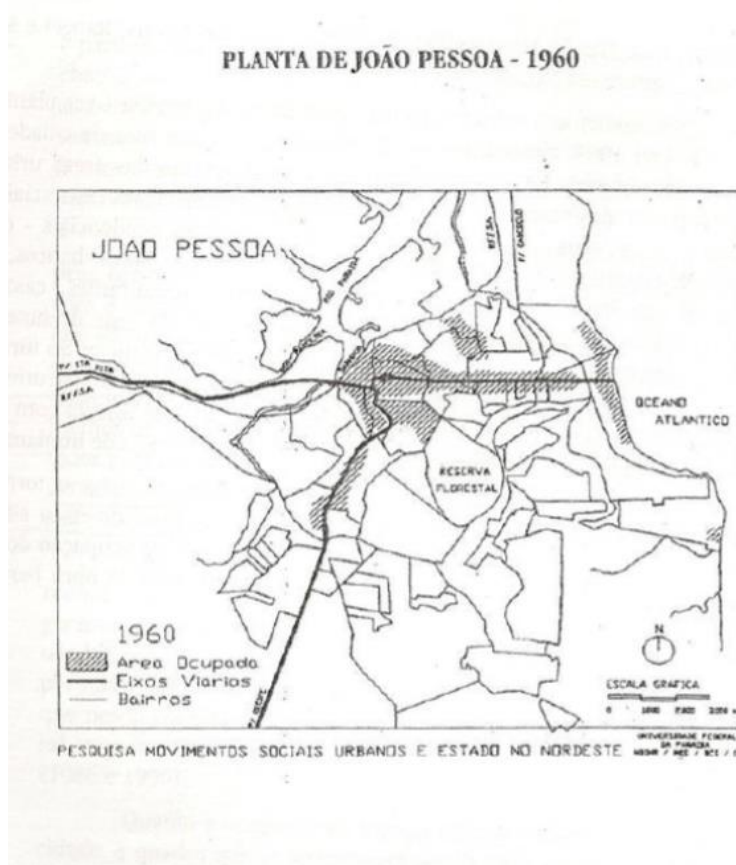
Virgínius conduzindo-os com os seus *cajados de aguardente* das margens do Sanhauá às areias de Manaíra. Virgínius, o Menestrel, Reitor da Universidade do Canadá – ponto de chegada e de partida para todas as incursões noturnas e diurnas.

Virgínius com seus pastores inicia sua peregrinação étílico-sentimental pela Rua Barão do Triunfo (quem foi o Barão do Triunfo?). Jomar abre a jornada com seus versos imortais. (RAMOS, 1985, p. 30-31. Grifos do autor)

Foi no contexto pós-Segunda Guerra que certos espaços da cidade foram se configurando como redutos da intelectualidade local. Não propriamente por esses agentes, mas personagens que abriram caminho para essas vivências. As representações em torno da João Pessoa de finais da década de 1940 e 1950, buscam enquadrar a cidade num clima urbano, de celebração da modernidade e de conformação de uma intelectualidade. Para muitos, “aqui também era uma festa”. Assim como Paris e Rio de Janeiro, após o armistício, os “espíritos criativos” da capital paraibana também caíram na boemia e voltaram a celebrar a vida. A festa começava no final da tarde e estendia-se madrugada adentro, e tinha como palcos os restaurantes, bares, botecos e cabarés (AQUI TAMBÉM ERA..., agosto de 2015, p. 6-8). Esse sentimento boêmio envolveu a intelectualidade local, sendo entoado nos limites urbanizados da João Pessoa daquele contexto. O foco dessa sociabilidade se concentrava do Parque Sólon de Lucena – a lagoa –, o Róger e Tambiá, na Cidade Alta, até os casarões próximos à margem do Rio Sanhauá, na Cidade Baixa: entre as mesas da Churrascaria Bambu, Cassino da Lagoa, Sorveteria Canadá, Café Alvear e cabarés da Rua Maciel Pinheiro e adjacências (AQUI TAMBÉM ERA..., agosto de 2015, p. 6-8). A vida urbana de João Pessoa da década de 1950 e meados dos anos 1960 se concentrava no Centro da cidade, os bairros periféricos e a orla eram territórios distantes e pouco habitados. Conforme a cidade ia expandido seus limites no decorrer da década de 1960, outras áreas foram sendo

experimentadas, como os bairros de Jaguaribe e Torre, próximos ao Centro, e da Praça da Independência em direção aos bairros de Manaíra, Tambaú e Cabo Branco, na orla.

Figura 4 – Planta de João Pessoa – 1960.



Fonte: JÚNIOR, 2013, p. 16.

Se as diversas ruas, como a Batista Leite, eram as artérias, o Ponto de Cem Réis seria, sem dúvidas, o coração da vida intelectual da cidade. Era um espaço não só físico, mas um recanto que passou a ser dotado de simbolismos. Todos os caminhos levavam ao Ponto de Cem Réis, a ágora do Centro Histórico da cidade, cenário onde se encenava, como dizia o cronista Gonzaga Rodrigues, “a vida anímica da cidade”.

No largo, onde na primeira metade do século XX era parada de todas as linhas de bonde, havia uma praça de carros de aluguel. O prédio mais imponente era o Paraíba Palace Hotel, que teve como porteiro o escritor Políbio Alves. Na varanda do hotel, com vista para a Lagoa do Parque Sólon de Lucena, havia uma boate. Na década de 1960, nas imediações do Ponto de Cem Réis, foi inaugurada a boate Hawaí, espaço logo frequentado pelos artistas. Na calçada do Hotel ficava a Sorveteria Canadá, que logo foi tomada como principal lugar de encontro da intelectualidade no Ponto de Cem Réis. Na esquina das ruas Guedes Pereira e

Duque de Caxias ficava a sede do IPASE. Seu térreo abrigou o 1º Salão de Poesia, e uma exposição de gravuras polonesas organizada pelo pai de Raul Córdula, então diretor de cultura do estado, junto com a Embaixada da Polônia. Do outro lado da rua ficava o Bar Querubim e na rua Duque de Caxias ficava o Café Alvear. E na outra esquina ficava o bar Duas Américas, no qual Raul Córdula se reunia com o artista Breno Matos (CÓRDULA, 2009, p. 34). Ainda existia o Cine Plaza, do lado oposto de onde os bondes saíam.

Nesse largo, intelectuais dividiam espaço com trabalhadores, ex-combatentes da Segunda Guerra e políticos. Muitos laços de amizade foram estabelecidos em alguns estabelecimentos desse recanto da cidade. Como diria Raul Córdula, “lá tudo se passava, todos passavam” (CÓRDULA, 2009, p. 33). Raul Córdula recorda que em “todas as tardes a juventude dourada comparecia” à Sorveteria Canadá, não só a juventude. Lá era ponto de encontro de professores e poetas de outras gerações. Foi lá que o artista conheceu o pintor Ivan Freitas (CÓRDULA, 2009, p. 33-34), encontrava-se com Vanildo Brito e demais poetas da *Geração 59*, marcou encontro com Juarez da Gama Batista, ou da vez que viu Virgínius da Gama e Melo, trajando o terno branco, num discurso inflamado no *hall* do Paraíba Palace.

No Ponto de Cem Réis muitas *redes de sociabilidade* da intelectualidade local foram constituídas. O cineasta Ipojuca Pontes relembra que foi no Ponto de Cem Réis, em maio de 1959, que ele conheceu Virgínius da Gama e Melo. Fazia poucos meses que Virgínius havia recebido alta do hospital Clementino Fraga, onde tratara uma pneumonia que adquiriu em Recife, forçando-o a voltar para João Pessoa, onde, a partir daquele momento, fixou residência na rua Batista Leite.

O cenário cultural e o Ponto de Cem Réis desse contexto de retorno do escritor à cidade, tinham como figuras de destaque os poetas da *Geração 59*. Raul Córdula, que se aproximou deste grupo, relata que a *Geração 59* “foi responsável por polêmicas que agitaram o meio cultural no início da década de 1960”. Eram famosos os embates de opiniões entre o grupo e os seus eventuais opositores, entre eles Alfredo Pessoa de Lima, Otacílio Cartaxo e Virgínius da Gama e Melo (2009, p. 41). Segundo Ipojuca Pontes, nesse momento, Virgínius “sustentava polêmica com a extinta *Geração 59*”³², principalmente com a figura de proa desse grupo, o poeta Vanildo Brito. Não importavam os motivos, o importante era polemizar e possivelmente a fama do crítico que levantava questões polêmicas em seus textos nos jornais pernambucanos já corria pelas rodas de debate da capital paraibana. Os debates podiam ser os mais frívolos, como em torno da “alienável *nouvelle vague francesa*”, ou das poesias do

³² Falaremos de forma mais detalhada dos grupos artísticos e literários no Capítulo 3.

grupo, e que, de certa maneira, desconcertava os lugares sedimentados da cultura local. Ipojuca Pontes coloca que se questionavam “quem era aquele cara de branco, bem posto, que invadia os sagrados antros do cinema? Com que direito atrevia-se a opinar sobre assunto tão particular?” (O MENESTREL VIRGÍNIUS..., 13 de agosto de 1975, p. 7).

Severino Ramos diz que antes das três da tarde Virgínius e outras personagens que o acompanhavam já aportava na Sorveteria Canadá e lá esperava vários outros com mesa formada com Sílvio Porto, deputado e secretário (RAMOS, 1985, p. 31). Nas mesas, regadas por cerveja e envolta na fumaça dos cigarros, discutiam-se os problemas, os hábitos mais frívolos da cidade, a *nouvelle vague francesa* ou o filme que Linduarte Noronha iria realizar³³, as questões políticas ou os novos poetas, eram trazidos à tona, “para debate, solução, deboche ou transfiguração” (RAMOS, 1985, p. 31), ou como dizia Sérgio de Castro Pinto, os intelectuais convergiam para esses lugares intencionando “divergir sobre literatura, política e outros temas” (PINTO In CALDAS, 2007, p; 55). A mesa em que Virgínius sentava era sempre a mais disputada. Mas nem sempre foi assim. Gonzaga Rodrigues relembra os tempos em que, em Campina Grande, por volta de 1950, Virgínius da Gama e Melo, recém-chegado de Recife, depois de formado em Direito, sentava sozinho numa mesa de mármore, “onde só cabiam ele e a cerveja”, na porta do Bar Petrópolis. O cronista revelava que a figura de Virgínius já despertava interesses nos jovens poetas. A sua “passagem na calçada da Petrópolis, ‘brechando’ Virgínius, guardava a secreta intenção de ser visto por ele e mostrar-lhe os [seus] versos” (VIRGÍNIUS: TEMPO..., 31 de julho de 1983, p. 24). A concretização desse intento foi adiada. Logo Virgínius da Gama e Melo regressou para Recife e lá permaneceu até o final da década de 1950, quando regressou à Paraíba pelos motivos de doença.

Virgínius foi conquistando espaços. Ipojuca Pontes coloca que daquela época em diante ficou amigo do escritor e “entre ele e Vanildo Brito³⁴ não havia comparação” (O MENESTREL VIRGÍNIUS..., 13 de agosto de 1975, p. 7), indicando as duas figuras de referência que passaram a dividir os palcos da boemia e da intelectualidade local. Virgínius da Gama e Melo foi nomeado reitor da “Universidade do Canadá”, um gesto bem humorado e que é indício da forma como esses espaços eram apropriados pela intelectualidade local. Não

³³ Menção ao documentário *Aruanda* (1960). A ideia do documentário, a busca por financiamento e outros processos de produção e pós produção eram narrados e discutidos nos jornais e suplementos, como no A União nas Letras e nas Artes, onde Linduarte Noronha publicava notas e artigos.

³⁴ Vanildo Brito (Paraíba, 1937-2008). Poeta que reuniu em torno de si um grupo de escritores e artistas conhecidos como Geração 59. Foi responsável pela antologia do grupo e pela circulação do suplemento literário A União nas Letras e nas Artes. Quando Virgínius voltou para a Paraíba, encontrou esse grupo e esse poeta em evidência no cenário cultural da cidade.

sem antes se envolver nos polêmicos debates em torno da cultura e galgar espaço de destaque nesse meio marcado por figuras já destacadas. Esse contexto também marca o recebimento alcunha de *Menestrel*. A sua fama de boêmio já vinha de Recife. Inclusive corria nas rodas que os seus problemas de saúde decorriam dos excessos de bebida, muitas vezes chegou a passar mal na Churrascaria Bambu, e era levado ao hospital devido à falta de ar, mas logo retornava aos bares. Conta-se que Virgínius deixava um carro de aluguel sempre à espera, durante todo um dia ou noite, para leva-lo para casa, ou para outro bar caso desejasse.

Várias fotografias presentes em seu acervo ajudam a visualizar essa vivência de Virgínius nos bares. Entre elas, uma em que Virgínius está acompanhado, segundo a legenda no verso da fotografia, por uma mulher de nome Samara e pelo advogado Raimundo Asfora:

Figura 5 – Fotografia de Virgínius com Samara e Raimundo Asfora.



Fonte: Acervo VGM/FCJA. Sem data.

Havia uma aura mística em torno da mesa em que o escritor se encontrava e “presidia” nos bares. Martinho Moreira Franco dizia que se “sentia apreensivo ao sentar na mesma mesa em que pontificava o menestrel, fosse na Churrascaria Bambu ou na Sorveteria Canadá”, ele “invejava os que tinham ali cadeira cativa em rodadas diárias de cerveja, uísque, Rum Montilla!” (UMA VISITA..., 1 de agosto de 2015, p. 5).

A intelectualidade se revezava, segundo Severino Ramos, “em interminável desfile pela mesa do Menestrel”. E entre os que os que passavam rapidamente e os que rompiam as madrugadas da década de 1960, estavam o teatrólogo Paulo Pontes, os jovens cineastas Paulo Melo e Ipojuca Pontes, o fotógrafo de cinema Rucker Vieira, os escritores João Manuel, Elzo

Franca e a escritora Maria José Limeira; Waldemar Duarte, fundador da sessão Paraíba da União Brasileira de Escritores; o pintor Hermano José e os cineastas consagrados por *Aruanda*, Wladimir Carvalho e Linduarte Noronha (RAMOS, 1985, p. 32).

Severino Ramos fala que Virgínius era o Reitor e mentor intelectual e espiritual desse grupo, ao qual ainda se somava Eilzo Matos, Aurélio de Albuquerque, Marcos Odilon, Wills Leal, Chico Souto, Raymundo Asfora, Luiz Augusto Crispim, Firmo Justino, Osvaldo Ferreira Duda, Wellington Aguiar. Personagens que não apenas participam das rondas líricas e etílicas, mas, ao longo das trajetórias pessoas, vão compor, em diversas medidas, vários vínculos com Virgínius.

Quando o dia ia chegando ao fim, comumente, Virgínius e outras personagens seguiam do Ponto de Cem Réis em direção da Churrascaria Bambu. A pé ou nos carros de alugueis. A Churrascaria Bambu ficava no Parque Sólon de Lucena. Severino Ramos, “foi, durante duas décadas, junto com a Sorveteria Canadá, o quartel-general da boemia pessoense” (1985, p. 34). Na Bambu, novos poetas, músicos, pessoas do teatro, artistas plásticos dividiam espaço com Virgínius: Marcos Tavares, Sérgio de Castro Pinto, Anco Márcio, Marcos dos Anjos, integrantes do *Grupo Sanhauá*, com quem Virgínius empreendeu novas polêmicas, o jovem pintor Flávio Tavares e Breno Matos e o teatrólogo Ednaldo do Egyto, entre outros. Além do poeta Manoel Caixa D’Água e o popular Mocidade. Personagens que direta e indiretamente orbitavam a figura de Virgínius e formavam uma elite intelectual. Segundo esses relatos, sua mesa chegava a reunir mais de cinquenta pessoas.

As rondas pelos bares da cidade alta podiam passar pelo bar Cabo Branco, rumar para o Hawaí, encerrar na Bambu. Eram vários os bares. Cada narrador evoca, em suas memórias e textos, os espaços que mais lhe marcaram. Mas as narrativas sobre esses espaços da cidade das décadas de 1950, 1960 e 1970 são unânimes em destacar o papel da Churrascaria Bambu para o movimento cultural da capital paraibana. As rondas líricas continuavam seus percursos na Bambu, outros iniciavam lá. Nas palavras de Raul Córdula, “a Bambu era o centro de nosso pequeno mundo, lá se passavam todas as coisas, da política à criação de poemas e pinturas. E havia as verdadeiras conferências que Virgínius presenteava aos amigos” (CÓRDULA, 2009, p. 78). Estudantes da Faculdade de Filosofia, do Liceu Paraibano e demais centros educacionais, rumavam, já pela manhã, junto com seus professores, para a Churrascaria Bambu, que era mais bar que restaurante. Para Wills Leal, “a Bambu não era um bar, a Bambu era um símbolo” (LEAL In: CALDAS, 2007, p. 95). Essas narrativas ajudam a compreender o espaço bar como espaço central dessa sociabilidade.

A alcunha de Universidade para a Churracaria Bambu se fazia presente à época, como deixa entrever uma carta de 16 de julho de 1967:

Meu caro Virgínius:

Aproveito a oportunidade da ida do Wills para fazer-lhe um bilhete. O Altimar já lhe deve ter informado da conquista da metrópole pelos paraibanos. Faltou você; mas compreendemos logo que a boa cerveja da Universidade da Bambu tem suas exigências... (ILEGÍVEL. Carta. 16 de julho de 1967)

A carta, que tratava de um projeto de um documentário sobre José Américo de Almeida, possibilita vislumbrar, entre outras coisas, a relação de Virgínius com a Churrascaria Bambu, bem como a representação desse bar, de forma irônica, de espaço do saber. O que também levava a entender o sentido ético da relação com a Bambu.

O auge da Bambu foi nos anos 1960, em plena ditadura militar. Na memória de seus frequentadores, a Bambu era um espaço de resistência ao regime, bem como de formação cultural e política. Para Phelipe Caldas, a classe média, principalmente a juventude, que compunha o cotidiano desse bar, “procurava, nas discussões políticas e produções culturais” promover a revolução dos costumes, incentivados, principalmente, pela oposição à Ditadura Militar (2007, p. 60).

Essa visão se pauta, principalmente, no sentimento difundido por seus antigos frequentadores, que creditam a esse espaço um grande peso nas suas formações. Marcos Tavares, poeta do *Grupo Sanhauá*, gestado na Bambu, elegia o bar como “principal pilar de sua formação cultural, ao lado do Liceu Paraibano” (CALDAS, 2007, p. 58). Enquanto Arion Farias, que mesmo sem consumir as bebidas alcóolicas do bar, via a Bambu como “a verdadeira Universidade, onde estava presente a nata”, não apenas bacharéis e juízes, mas, principalmente, os homens de “cultura, que ali não ia apenas para beber, mas para desafogar seu espírito cultural, soltar o verbo, pois aquilo era importante” (CALDAS, 2007, P. 60). A ideia é de que, mesmo em meio à boemia, ou principalmente em meio a ela, os frequentadores não abandonavam suas obrigações sociais, culturais e políticas. A bebida não seria o centro em torno do qual se aglutinavam, mas um adicional no processo de sociabilidade e integração, na promoção das ideias.

Sérgio de Castro Pinto³⁵ fala que, para além da atividade literária, era possível desfrutar o ócio propiciado pela boemia e que a Bambu “era uma espécie de centro de convergência e de divergência de toda uma geração”. O poeta da Geração Sanhauá ainda expressou por meio de poema a sua visão da Bambu durante o contexto de repressão do Regime Militar: “Geração de amotinados/ num barril de amontilhado/ levantando barricadas/ nas doses de rum e de gim/ e em copos se fechando/ às baionetas caladas,/ aos eloquentes clarins” (2015, p. 39).

Nas memórias daqueles que passaram a se opor ao Regime Militar, a Churrascaria Bambu se configurava como o ambiente mais democrático daqueles anos e preponderante para a solidificação de vários movimentos políticos. Segundo Wills Leal, “desde os trotskistas até os da direita tiveram eco na Churrascaria Bambu” (LEAL In CALDAS, 2015, p. 62). Esse sentimento democrático também se estendia ao gênero:

A democracia na Bambu ganha preceitos tão extensos que, numa década em que as mulheres não tinham muitos direitos, em que beber e fumar eram inadmissíveis para elas, aquele bar inova outra vez, quando decide procurá-las e procurá-las. A quebra deste tabu deve-se a duas intelectuais. Maria José Limeira, paraibana considerada uma das mais talentosas contistas do país, e Irene Dias Cavalcanti, a poetisa do amor, pioneira da poesia erótica. (CALDAS, 2015, p. 62)

Tanto Maria José Limeira quanto Irene Dias Cavalcanti são associadas à ideia de protagonismo feminino na cultura paraibana da década de 1960. O contexto era de profundas transformações nas relações de gênero. Ambas poetisas, marcaram espaço pelas suas obras e passaram a integrar *redes de sociabilidade* junto aos homens de letras, em especial, Virgínius da Gama e Melo, com o qual ambas mantiveram forte vínculo intelectual e boêmio.

No contexto de repressão, Maria José Limeira foi uma das personagens da intelectualidade da Bambu, tendo sido presa e levada para o 15º Regimento de Infantaria, onde, segundo ela, viveu “a mais terrível e espantosa experiência” (CALDAS, 2015, p. 62). Outros personagens sofreram com a repressão e tiveram a solidariedade dos outros frequentadores.

Segundo Wills Leal, a Bambu “perdeu o seu peso político” depois do AI-5 e da prisão de alguns de seus frequentadores. A Bambu havia se tornado um lugar perigoso para reuniões e “muitas dessas conversas, depois de 68, acabaram-se na Bambu. Porque era ‘perigoso’

³⁵ Sérgio de Castro Pinto (Paraíba, 1947). O poeta integrou o Grupo Sanhauá na década de 1960. Entre seus livros estão *Gestos lúcidos* (1967), *A ilha na ostra* (1970). Atualmente é professor do curso de Letras da Universidade Federal da Paraíba e membro da APL.

frequentar a Bambu. Perdeu-se a liberdade depois do AI-5”. Já para Marcos Tavares, era sabido de todos que lá se discutia muita política, o que atraiu os “dedos-duros” (CALDAS, 2015, p. 65). Segundo Caldas, “esta opinião não era consenso”, e cita Severino Ramos, dizendo que, depois que houve um esvaziamento devido às prisões, “os que continuaram frequentando, que não tinham ficha de comunista ou subversivo, viram na Bambu um movimento (político) até mais acentuado” (CALDAS, 2015, p. 85). Segundo Phelipe Caldas, de fato houve uma movimentação intelectual mais acentuada, visto que os que não foram fichados ou taxados de comunistas ou subversivos puderam frequentar de forma mais tranquila o bar, e, assim, podia se falar o que não era divulgado nos rádios e jornais devido à censura (CALDAS, 2015, p. 66). E ainda se podia saber dos bastidores do regime e suas ações, seja conversando com algum militante da esquerda, seja da direita que tinham vínculos com o Estado.

É importante evidenciar que no mesmo ambiente, ou na mesma mesa, sentavam sujeitos de várias posições políticas e ideológicas. Jovens identificados com a esquerda ou com a arte contestatória, como Raul Córdula, Sérgio de Castro Pinto, Maria José Limeira, entre outros, visto que a Bambu era um espaço que se notabilizou como um reduto da esquerda, chegando a se tornar, segundo Caldas, “uma espécie de núcleo clandestino de informações” (CALDAS, 2015, p. 66), dividia espaço com intelectuais da direita, como o próprio Virgínius, que era um crítico do comunismo, opositor de João Goulart e entusiasta do Regime Militar, inclusive sendo um dos principais oradores dos eventos promovidos pelos militares. Além dele, outros colunistas culturais e frequentadores da Churrascaria Bambu manifestavam abertamente o seu apoio aos governos militares. O espaço se configurava como um ambiente em que se configuraram diversas relações entre sujeitos de perspectivas ideológicas, políticas, bem como literárias, distintas.

Nas narrativas desses sujeitos, esses bares aparecem como espaços democráticos, seja em relação às ideias debatidas, seja sobre a sua clientela. Segundo Marcos Tavares, onde “sentava o presidente do Tribunal de Justiça e do outro lado um carroceiro tomando sua cerveja” (CALDAS, 2007, p. 61). Principalmente num período de repressão e perseguição política, Ligas Camponesas, arte considerada subversiva, era preciso ressaltar esse caráter democrático da Bambu. Segundo Arion Farias, os problemas do Brasil eram os principais temas discutidos. Mas lá também era o espaço frequentado por diversos entusiastas do Regime. E o protagonismo das escritoras Maria José Limeira e Irene Dias deve ser encarado como um abalo nesses espaços predominantemente masculinos, onde mulher desacompanhada não podia entrar ou permanecer, como foi de praxe na Bambu.

Foi em meio a esse contexto de tensões políticas que a Churrascaria Bambu viveu seu auge e também se viu obrigada a fechar as portas. Phelipe Caldas aponta as duas versões mais recorrentes à época sobre os motivos do fechamento e da derrubada da Bambu. Um dos possíveis motivos estava relacionado ao projeto de revitalização do Parque Sólon de Lucena, empreendido na gestão do prefeito Dorgival Terceiro Neto, que previa a derrubada do estabelecimento como parte principal para a nova configuração do parque; e o outro motivo estaria vinculado ao assassinato de um taxista que envolvia pessoas ligadas à elite paraibana; a derrubada da Bambu ajudaria a apagar a memória do crime ocorrido dois anos antes e que acabou com a absolvição dos acusados.

A noite de 10 de março de 1973 marcou o encerramento das atividades da Bambu. Os jornais trataram de registrar o fato, principalmente por meio de artigos escritos por seus antigos frequentadores. Ficou registrado nos jornais a chegada surpresa dos tratores na manhã do dia 11 de março, que foi assistido por Severino Ramos, Leônidas dos Santos, Bosco Gaspar, J. J. Torres, Teóclito Leal, Otinaldo Lourenço, Emílton Amaral, Paulo Melo, Gemi Cândido, Paulo Soares, Expedito Cavalcanti, Manuel José de Lima (o popular Caixa D'Água), Wilson Cardoso e Virgínius da Gama e Melo, que se fizeram presentes na última noite de funcionamento do bar.

Após a Bambu, outros bares foram sendo adotados com a tentativa de aglutinar os antigos frequentadores e reconstruir a aura que a Bambu tinha. Porém, para Arion Farias, “isso foi dividido, esfacelado, não tão forte quanto na Bambu”. Outros bares também já eram frequentados, logo passaram ter esses intelectuais com mais assiduidade. Um deles foi o Cassino da Lagoa, que foi fundado em 1939, e durante boa parte da década de 1960 passou a ser o Restaurante Universitário durante o dia e à noite funcionava o Clube do Estudante Universitário – CEU. Nesse período foi palco de mobilização estudantil. Em 1961, foi invadido pelo exército, que visava desmobilizar um ato em apoio à posse de João Goulart. E durante a ditadura foram organizadas e operacionalizadas ações estudantis, que também tinha no Liceu Paraibano um ponto de apoio.

Quando voltou a funcionar como bar e restaurante, em finais dos anos 1960, passou a dividir as preferências com a Bambu. Virgínius “sofreu verdadeiramente quando derrubaram a Bambu, como todos que a frequentaram” (CALDAS, 2015, p. 83), inclusive manifestando seus lamentos em suas colunas nos jornais. Com a destruição da Churrascaria Bambu, Virgínius passou a priorizar o Casino da Lagoa como reduto oficial da boemia.

Assim como a Bambu, a Sorveteria Canadá e tantos outros bares frequentados pela intelectualidade local, o Cassino da Lagoa era concebido, e hoje invocado pelas memórias,

como ambiente de importantes manifestações culturais e políticas. Nessas narrativas, os bares, assim como os cafés, são tomados como espaços indissociáveis da ideia de cidade³⁶. No palco das disputas políticas, os candidatos sabiam do valor do bar em agregar, e fizeram dele um dos principais palanques de suas campanhas.

Segundo Severino Ramos, José Américo abriu sua campanha para governo do estado, nas eleições de 1950, na tribuna do Cassino da Lagoa, e em 1958 voltou a esse palco para a disputa para o senado, contra Ruy Carneiro. Lá também se deu a vigília cívica no encerramento da campanha de Pedro Gondim para o governo em 1958. Além de nomes como Getúlio Vargas, Jânio Quadros, João Goulart que também se valeram desse espaço como palanque político (RAMOS, 1985, p. 41-42).

Os bares se configuravam tanto em espaço de sociabilidade e identitário desses sujeitos em que a ausência de algum conviva, mesmo que por um dia, era logo sentida pelos presentes. O prolongamento da ausência despertava preocupação. Virgínius da Gama e Melo narra em sua crônica de 19 de julho de 1975 um pouco do cotidiano do Olivio's Bar. Era o lugar de encontro do escritor paraibano José Rafael de Menezes que toda semana voltava de Pernambuco para passar uns dias na cidade, onde exercia o magistério na Universidade Autônoma. Lá, ele tinha mesa cativa ao lado de Elzo Franca, do professor Tadeu, de Paulo Melo, Waldemar Duarte, entre outros, e, por vezes, a companhia de Virgínius. Era um bar doméstico, frequentado também por estudantes, e no qual os escritores e professores costumavam se reunir à hora do crepúsculo, daí o título da crônica: Bar Crepúsculo. Com o fechamento da Churrascaria Bambu, o Bar Crepúsculo, ou Olivio's Bar, foi um dos bares adotados pelos intelectuais.

Nessa crônica escrita meses antes de sua morte, Virgínius narra sua ausência nas mesas dos bares e a comoção desse fato nesses espaços:

Estes últimos dias, cansado e vencido pelo reumatismo, não tenho ido ao "Olivio's". Quem não tem faltado, pelo que estou sabendo e tomando conhecimento, é o José Rafael de Menezes. Não me encontrando lá, assegurando-se de minha continuada ausência (ai, que dor!) me chegou aqui em forma de carta. Dizia: "Como você gosta do meu convívio ofereço-lhe essa (mais essa) tentativa 'poética', agora com rima dentro do verso. Vale? O importante é a oportunidade de saudá-lo. Cordialmente, José Rafael de Menezes" (BAR CREPÚSCULO..., 19 de julho de 1975, p. 4).

³⁶ Sobre a importância dos cafés para as sociabilidades letradas e das tramas políticas, além de pensar a associação desses espaços para se pensar territórios, ver: STEINER, George. *A ideia de Europa*. Lisboa: Gradiva, 2005.

Seu lamento por não comparecer aos bares vinha de antes, quando o reumatismo já o atacava em 1974. Na crônica *De Bar a Café*, Virgínius falava das festas e inauguração das quais ele não podia comparecer, mas apenas acompanhar as notícias:

Tive notícia dessa festa de coquetel, ontem, e jantar marcado para o sábado, tive notícia dessas festas do Luzeirinho pelos periódicos, pois ando afastado dessas coisas. O reumatismo me tem deixado à margem desses acontecimentos notáveis e tão soberanamente apetecíveis. Puxando a perna, afinal, a gente não pode ir para essas coisas. É tanto que perdi a festa de inauguração do novo “Churrasco de Paizinho” ali em Campina Grande. Agradeço o convite que me trouxe o George França, novo proprietário. Gostei de ver no retrato do jornal Paizinho no meio dos grandes. Saio de casa apenas para a Escola e, hoje, para o Cine Municipal, assistindo ao Segundo Festival do Cinema Paraibano que é uma beleza, pessoal. (DE BAR A..., 20 de agosto de 1974, p. 4)

Porém, além do lamento, Virgínius narra, nesta crônica, alguns episódios de suas rondas pelos bares e cafés:

No café Petrópolis, o juiz Mário Moacir Porto batendo na mesa e cantando – “Segredo é para quatro paredes”. Antes tinha um “Peixe que é pro fundo das redes”. A gente subia para a Maciel Pinheiro e lá estava o alto-falante da Casa Iracema:
 “Você sabe o que é ter um amor
 Meu senhor
 e ver esse amor nos braços
 de um tipo qualquer”
 Entre uma rua e outra, do café para a loja de tecidos, a música era uma só – mulher, bebida, boemia. O aprendizado de cana se fazia na Fruteira de Cristina, cachaça, carne de xarque assada no álcool, as frutas da estação. Segundo estágio, era no Macaíba. Perto era o escritório de Hortensio Ribeiro, o “caldo de cana” como ele chamava. O terceiro estágio, já pegando velocidade, era no “Bar das Caças”, no Quarenta, logo depois de São José, delícia do bacharel José Correia de Lima. Em toda parte, o que se ouvia “Segredo”, “Nervos de Aço” – tudo bebida, mulher, boemia.
 Trezentas músicas, trezentas mulheres, cantadas, trezentas imaginações, trezentos milhões de lapadas, trezentos milhões de garrafas – Lupiscínio [sic] Rodrigues. (DE BAR A..., 20 de agosto de 1974, p. 4)

Em sua crônica, ao rememorar as vivências nos bares, nesse momento em que sua escrita assume uma tônica memorialística, Virgínius trazia o bar no sentido etílico, centrando sua narrativa em aspectos que eram postos de lado nas representações que focalizavam os debates literários. Uma representação não anula a outra. O bar existia, primordialmente, como

espaço do consumo de álcool, cigarro, música, mulheres, como também do debate e criação literária.

Tais episódios reforça o caráter da sociabilidade letrada, que não se restringia ao convívio nos bares, mas passava e se demorava neles. Reforça a ideia desses espaços como centrais na construção da autoimagem desses sujeitos. Bem como dos laços de amizades reforçados tanto pelo cotidiano dos bares, como pelas cartas e a crônica como espaço de difusão das notícias sobre o próprio campo, de reforço das redes e seus sujeitos e também dessa sociabilidade. Ao publicar essa crônica, Virgínius reafirmava seu lugar e os laços com aquela rede de sociabilidade, apesar de sua ausência física naquele espaço tão caro aos seus agentes.

Ao mapear os espaços de sociabilidade dos agentes do campo de produção cultural, percebe-se como os bares são recorrentes nos vestígios da época, e nas narrativas e memórias dessas personagens. Tal recorrência sugere a importância desses espaços para a sociabilidade e como estes compõem o cenário da cidade narrada por esses sujeitos.

Os bares eram dotados de sentidos. Para Wills Leal, na Bambu “não existia o bar no sentido etílico do termo, em que a bebida e o ato de se embriagar transforma-se no elemento marcante”. Para ele, o central era o debate das ideias e os movimentos das artes. Segundo ele, o movimento de cinema da cidade foi todo gestado na Churrascaria Bambu, e defendia que este bar tinha uma dimensão de “universidade popular”, e que eventualmente é que se tornava um bar e restaurante no sentido estrito do termo (LEAL In CALDAS, 2007, p. 64).

Nas narrativas sobre esses bares, destacam-se os debates, os movimentos lá gestados, como o de cinema, os grupos, como o *Sanhauá* e o *Caravela*, que tinham a Bambu como centro de irradiação. Lá era um espaço tomado para lançamentos de livros, como o livro de Orlando Tejo, sobre José Limeira. Segundo relembra Severino Ramos, o lançamento foi um “evento cultural muito importante [...], uma festa realmente intelectual do maior gabarito” (RAMOS In CALDAS, 2007, p. 64). Ainda na Bambu, assim como se via nos jornais e suplementos literários, passou-se a celebrar, todo dia 20 de abril, o aniversário de Augusto dos Anjos. Para Caldas, “todo aquele ambiente sob os bambuzais da Lagoa respirava intelectualidade” (2007, p. 64).

É inegável que os bares têm grande importância histórica, inclusive como local de vendas e consumo de bebidas. Nesses espaços espontâneos, mas não menos regrados, da boemia, vários movimentos literários e intelectuais, com suas práticas, bens e doutrinas se desenvolveram. Para Phelipe Caldas, ao perceber o bar como espaço de manifestação cultural, este espaço “deixa de representar mero abrigo dos indesejáveis bêbados segregados pela

sociedade, para se identificar como espaço de contestações e desenvolvimento das diversas áreas do saber e do conhecimento” (2007, p. 19).

De fato, era um espaço de formação, debate e, como espaço de sociabilidade letrada, participou na constituição de ideias e movimentos. Mas é preciso dimensionar que a representação desses espaços como tais, faz parte da construção da identidade de uma elite cultural. Tais discursos fazem parte de um jogo de *distinção* criado pelos intelectuais. Nesse jogo fica evidente a necessidade dessas representações em diferenciar o boêmio do alcólatra. Diferenciar os intelectuais dos outros frequentadores, que tinham no bar apenas espaço de relação com a bebida. Ou ainda diferenciar as redes que se organizavam em torno da Bambu das que tinham outros bares como espaço de sociabilidade.

Ao ressaltarem, por exemplo, que Virgínius, apesar de frequentador assíduo dos bares, não faltava com suas obrigações intelectuais e profissionais, essas narrativas tentavam dissociar a imagem do escritor, assim como de seus colegas de bares, da imagem que associa os frequentadores dos bares ao alcoolismo, à vagabundagem e à improdutividade.

Muito se fala da generosidade de Virgínius com os demais frequentadores dos bares que ele frequentava. O escritor era bastante assediado pelos demais bêbados, que esperavam pelas rodadas de bebida pagas por ele. Mas apesar de aparecerem nos relatos, como sujeitos com os quais os intelectuais dividiam o espaço democrático do bar, os bêbados e demais frequentadores, que não os intelectuais, são personagens que aparecem de secundária nas representações desses recantos dos boêmios e intelectuais. Porém, mesmo de forma secundária, enxergar os “demais bêbados” possibilita configurar o bar no seu sentido ético, no qual a bebida era compartilhada por todos os presentes.

Nas representações desses próprios frequentadores, esses bares eram, prioritariamente, espaços de intelectuais, artistas, jornalistas, poetas, professores e, quando muito, excetuando-se os casos das escritoras, cabia as mulheres o lugar de admiradoras desses sujeitos e suas artes. Prostitutas, bêbados, pobres, vagabundos, e todos aqueles que não compartilhavam desse comportamento, aparecem como elementos romaneados, um contraponto, ou idealizados quando necessários na construção das identidades desses boêmios.

3.2 A CIDADE BAIXA

A Cidade Alta, com as residências desses intelectuais, com o Ponto de Cem Réis e a Lagoa com seus bares e a reitoria da UFPB, nas adjacências do Parque, o Clube Estudantil, o Liceu Paraibano, a FAFI, a Escola de Enfermagem, a Faculdade de Direito, era o cenário

irradiador da cultura letrada da cidade. Mas esses agentes também tinham na Cidade Baixa espaços importantes de sua sociabilidade.

Os caminhos em direção à Cidade Baixa eram vários e levavam ao Teatro Santa Roza, bares e “lugares menos recomendáveis”. Pegavam a Ladeira da Borborema, ou como chamavam popularmente, *Ladeira do Quebra-Cu*, ou ainda a Ladeira de São Francisco passando pela Casa da Pólvora, antigo fortim/casa de armas, onde, no final de tarde, poderiam assistir o pôr do sol sobre o Rio Sanhauá (RAMOS, 1985, p. 18). Nas noites, subiam a Rua da Areia com seus bordéis ou rumavam para a Maciel Pinheiro ao encontro de sua “estranha fauna notívaga” (BARRETO NETO In RAMOS, 1985, p. 11) e seus cabarés.

Muitas dessas rondas são narradas como aventuras. Raul Córdula relembra das rondas feitas em carros abarrotados pelos jovens boêmios. Segundo o artista plástico, durante o dia, os carros serviam às famílias, e à noite tornavam-se os veículos das “rondas líricas dos poetas da Geração 59”. Fosse o carro do escritor Otávio Sitônio Pinto, ou o carro do pai do escultor Breno Mattos, os jovens eram conduzidos à barraca de Merêncio, no Porto do Capim, “e outros templos do prazer perdidos no passado” (CÓRDULA, 2009, p. 68).

Já Severino Ramos relembra as noites pelo bairro do Varadouro e Centro, dizendo que Virgínius “com seus pastores” iniciavam “sua peregrinação etílico-sentimental pela Rua Barão do Triunfo”, por lá “começavam a saciar sua sede insaciável de amor e paixão por esta Cidade-Poema” (RAMOS, 1985, p. 31), e tais rondas foram mote para versos de Jomar Souto de Moraes: “Lá na Barão do Triunfo,/ não triunfa ninguém. /Ou triunfa, quando muito,/ a sede que a gente tem; /uma sede insaciável /que, às vezes, sabe a jejum: /aquela do paraíso/ perdido de cada um” (MORAES In RAMOS, 1985, p. 31).

A primeira parada era no bar *Botijinha*, ao lado do Teatro Santa Roza, na Praça Pedro Américo. De lá, possivelmente seguiam para o Luzeiro de Toinho, ao lado do antigo prédio dos Correios, próximo à “esquina do pecado”. Ou ainda no Bar do Chico, na própria Praça. Suas rondas chegavam a ser noticiadas nos jornais, como na nota de Octávio Monjardim, em sua coluna *Espetáculos*, no jornal *A União*, onde o mesmo noticiava causos e inventava histórias sobre as personagens da intelectualidade boêmia da cidade. Na coluna de 24 de setembro de 1964, era noticiado que “O MENESTREL Virgínius da Gama e Melo [estava] fazendo ponto diário no ‘Lido’... mas, de madrugada, [aparecia] no ‘Pedro Américo’ e [dava] um show de conversa” (ESPETÁCULOS..., 24 de setembro de 1964, p. 4).

O mote dessas rondas se centrava na vivência da intelectualidade e do debate de ideias e amor às artes. Mas esse universo, principalmente nas experiências para além fronteiras da Cidade Alta, parece ter tido como lema “mulher, bebida, boemia”. Virgínius da Gama e Melo,

fazendo referência direta, porém não declarada, ao poema de Carlos Pena Filho sobre o Bar Savoy de Recife, chegou a declamar suas rondas: “Trezentas músicas, trezentas mulheres cantadas, trezentos amores, trezentas imaginações, trezentas mil noites boêmias, trezentos milhões de lâmpadas, trezentos milhões de garrafas” (DE BAR A..., 20 de agosto de 1974, p. 4).

As representações desses bares diferem em alguns pontos dos bares da Cidade Alta. A imagem de espaços da intelectualidade, do debate de ideias e amor à literatura e demais artes são centrais. Mas na João Pessoa do Varadouro, a boemia parece surgir com mais intensidade, e lá ficavam os “lugares menos recomendáveis”.

Na Rua Maciel Pinheiro ficava a Zona. Nas palavras de Severino Ramos, o Bar Tabajara demarcava o limite entre os dois mundos, “a civilização e a barbárie” (RAMOS, 1985, p. 81). Os cabarés eram um lugar comum dessas sociabilidades letradas, haja vista as narrativas sobre as vivências, os lugares e as personagens desse universo. Além das memórias de Severino Ramos e das passagens das crônicas do próprio Virgínius, Sérgio de Castro Pinto menciona esses lugares e as noites no *Cabaré de Berta*, patrocinadas pelo mentor do *Grupo Sanhauá*, Marcos dos Anjos. Virgínius também era conhecido por proporcionar esses momentos, chegando a pagar mulheres para os jovens menos afortunados.

O “fausto dos cabarés da Maciel Pinheiro” se deu nas décadas de 1940 e 1950, no auge do pós-guerra, com o dinheiro vindo do açúcar, do sisal e do algodão (RAMOS, 1985, p. 79). Porém, mesmo não tendo a fama de antes, a década de 1960 ainda “conservou” a aura desses espaços para a boemia letrada. Onde se discutia “teses complicadas sobre o ser e o nada, Nietzsche e Hitler, Churchill e Zé Américo” (RAMOS, 1985, p. 86). Os bordéis, na maioria das vezes, acabavam sendo conhecidos pelos nomes de suas proprietárias, ficando em segundo plano o nome comercial. Tinha o Cabaré da Berta, a casa da Normélia, o Cabaré de Hosana, a Pensão da Julinha, da Laura, da Yêda e a da Marlene, além das Pensões Royal e New York.

Nas memórias desses sujeitos, principalmente de Severino Ramos, os bordéis são representados como espaços austeros, com a clientela rigorosamente controlada, “só entrando fregueses especiais, gente do governo, da sociedade”. E, além disso, “os preços das bebidas e os cachês das meninas se encarregavam de afugentar os mais afoitos gigolôs e proxenetas” (RAMOS, 1985, p. 79-80). Assim como os bares, cafés e outros espaços, Ramos desejava passar a ideia de que esses bordéis só seriam frequentados por esses sujeitos distintos.

Raul Córdula e Vanildo Britto costumavam ir à noite ao Cabaré de Hosana comer “um patético bife com farofa amarela, e ouvir o pianista Roupá Velha tocar ‘Affecto de Mãe – valsa em

seis partes e meia” (CÓRDULA, 2009, p. 81). Outro cabaré bastante frequentado era a pensão *Night and Day*. A sua dona, Laura, era tida como a “musa ardente” do seresteiro Alcides Gerardi, que sempre ia a João Pessoa encontrar sua amada e na ocasião se apresentava na Rádio Tabajara. Laura teria inspirado o seresteiro a gravar uma música que levava o seu nome: “Laura, no cabelo uma flor/ Oh, Laura, que é do teu sorriso/ Oh, Laura, que é do teu amor?” (RAMOS, 1985, p. 79).

Outra personagem era Antoninha, dona da *Pensão Royal*, e tida como a “viga-mestra do meretrício paraibano”, que no seu enterro mereceu a presença dos homens de letras e boêmios, que ao lado das *afilhadas* da cafetina (RAMOS, 1985, p. 80), não pouparam orações, discursos e homenagens.

Já o *Cabaré de Berta* era conhecido por uma peculiaridade. A cafetina tinha uma estante repleta de livros em seu quarto. Berta tinha grande interesse pela leitura, e por isso era presenteada com livros pelos frequentadores do bordel. Ficou conhecida por ser *amiga* do jornalista, poeta e cineasta Jurandy Moura. Segundo Severino Ramos,

por isso se tornou amiga de todos nós que a adorávamos como a bela prostituta que era, mas também, e principalmente, como a sensível mulher que sabia de cor poemas de Manuel Bandeira e Cassiano Ricardo, e que nos recebia à tarde em sua casa vestindo combinação de Jersey negra e cabelos no boby, para recitais acompanhados de cerveja gelada, até a hora de abrir a “casa” e começar a noite. A partir daí, ela e suas meninas eram apenas profissionais. (RAMOS, 1985, p. 81)

A prostituta e o espaço da prostituição ocupam lugar de destaque na sociabilidade letrada, assim como os bares. E assim como estes, são trazidos à tona nas memórias e representações dos seus ilustres frequentadores, assim como na literatura. Desde *Lucíola*, de José de Alencar, a prostituta aparece como uma protagonista na literatura brasileira, “a partir daí, as representações da prostituta têm se mostrado bastante diversa e recorrente nas ficções brasileiras” (MOREIRA, 2007, p. 243). Tais representações também passam pelas memórias das sociabilidades dos homens de letras.

Na ficção, o universo da prostituição é narrado, recorrentemente, “como o espaço do profano, da luxúria, do desregramento moral e social, por influência, em parte, de dogmas religiosos, sociais e políticos de aceitação” (MOREIRA, 2007, p. 239). Ao se inserir nesses espaços, a intelectualidade se representa como um contraponto, que conferiria moral e prestígio a esse universo. Diferente dos outros cabarés frequentados pelos pobres e iletrados.

Nas memórias desses frequentadores, esses espaços da cidade são integrados ao mundo a partir da relação com estes homens. Nesse movimento, assiste-se à idealização, ou o reforço das representações que interessavam para a construção da identidade desses grupos.

A identidade não estava diretamente ligada à reafirmação de uma masculinidade de seus agentes, frequentadores desses lugares. Tal ideia estava intrínseca nas narrativas, visto que os protagonistas sempre são estes sujeitos e a cultura masculina.

São narrativas nostálgicas que revelam mais que as noites de sexo com as mulheres dessas casas. Pelo contrário, o sexo não é o destaque. O mesmo é mencionado como consequência de um jogo maior. Para além do dinheiro, as prostitutas eram representadas como musas inspiradoras ou mulheres que não resistiam aos encantos e poesias desses homens de letras, configurando, assim, esses lugares como mais um espaço para vivência literária.

Essas mulheres também compartilhavam interesses pelas letras. O que interessaria ainda mais esses ambientes para a cultura letrada. Berta foi a mulher que saiu desse universo, ou que dele se diferiu de maneira positiva, justamente por conta das letras, e de um homem de letras. Nas palavras de Severino Ramos, a *Pensão da Berta* era o “santuário da poesia, do amor e da arte, e cujos dotes intelectuais nada deixavam a dever a seus dotes físicos. A junção desses atributos fez com que Jurandy Moura caísse aos seus pés, depois em seus braços, por fim na cama macia”. Ainda segundo o autor, “Berta satisfazia a todos com sua docilidade, sua bondade desinteressada, sua fina educação”. Seu interesse por Augusto dos Anjos despertava encantos. Era uma leitora de Manuel Bandeira, o que a levou a batizar a sua casa de Pasárgada. Nome que despertava o sentimento utópico nesses frequentadores. Para Severino Ramos, lá todos eram felizes, conforme o verso do poeta: *tenho a mulher que quero na cama que escolherei* (RAMOS, 1985, p. 82). Nas memórias de Severino Ramos, a mulher do sexo “desaparece” para dar lugar a uma mulher, até certo ponto, integrada ao mundo das letras.

Apesar de haver uma fissura, evidente ou nas entrelinhas, de que as prostitutas e os homens de letras seriam de universos completamente distintos e, assim como nas representações dos bares, não sendo pertencentes aos espaços apropriados da boemia letrada, essas mulheres não aparecerem como figuras marginais ou degradadas socialmente, ao menos quando são espaços da sociabilidade dos letrados, haja vista que havia o baixo meretrício, aos quais eram frequentados pelos trabalhadores pobres, bêbados e demais sujeitos que, conforme ressaltam, não tinham condições de frequentarem os mesmos cabarés e pagarem as mesmas mulheres que eles. Esses sujeitos viveram a boêmia nesses espaços da cidade, e em suas trajetórias ocuparam lugar de poder; tornaram-se juristas, governantes, professores, entre

outros lugares de destaque na política e na cultura paraibana. Nesse sentido, não havia espaço para a figura que causaria escândalo e se associar a elas.

Resguardados dos escândalos, havia espaço para o cômico e anedótico, como o rebuliço causado na *zona* com a notícia de que um cliente acabara de morrer em cima de uma mulher na Pensão Royal. Uma personagem que ganhou destaque nas memórias dos frequentadores da Cidade Baixa foi Marlene. Ela começou como garçonne no Cabaré de Berta e tempos depois teve sua própria *casa*. Severino Ramos conta que a maior frustração de Marlene era não poder menstruar e ter filhos, mas que com engenho ela sabia contornar, colocando um tufo de algodão com mercúrio cromo entre as pernas. Marlene era uma transexual que fez fama no universo da prostituição. Sua pensão era frequentada pelos mesmos fregueses da Pensão Royal, com o acréscimo de receber caminhoneiros e, entre eles, um gaúcho que teria sido um de seus amantes. Marlene sonhava em ter filhos, e teria chegado a consultar fregueses da área de medicina e fez desse desejo um motivo para movimentar a sua pensão. Ramos conta que Marlene anunciou a gravidez e que dentro de poucos dias daria à luz. A lista de convidados tinha de desembarcador aos renomados intelectuais da cidade. Talvez usando da ironia, Ramos conta que a notícia se fazia presente nas “redações dos jornais, nas conversas do Cabo Branco, nas salas da Universidade, nas praças de táxi, nos pontos de ônibus, nos boxes da rodoviária e nas barracas do Mercado Central” (RAMOS, 1985, p. 83).

Chegado o dia, todos os ilustres convidados levaram presentes para a criança e para a mãe e ao entrarem respeitosa e silenciosamente no quarto, encontraram um cenário cuidadosamente organizado para o espetáculo. Ramos descreveu o ambiente:

Numa cama enorme, ampla, de dois metros de largura, forrada de alvos lençóis de cetim, vestida numa camisola cor-de-rosa, com rendas brancas nas mangas e no decote, deitava-se *Marlene*, um lençol lhe cobrindo até a metade a barriga volumosa e indecente. Ao seu lado uma linda boneca da *Estrela*, de faces coradas e rechonchudas, com aproximadamente 60 centímetros, vestida com roupinha de cambraia bordada. Um imenso cortinado de filó descia do teto rodeando a cama, protegendo-os dos mosquitos, das aranhas e outros corpos estranhos. Uma larga abertura permitia olhar-se a cara do *bebê*. (RAMOS, 1985, p. 83-84. Grifos do autor)

A “criança” seria um menino. A Marlene, chamada em certo momento de *veadão*, coube o título de *Mãe do ano* dado pelo desembargador Júlio Rique. E apesar da memória afetiva se sobressair, demonstrando as relações com esse sujeito à margem da margem, pode-se perceber nas entrelinhas como esse episódio é tratado de forma peculiar e estereotipada e,

porque não, bizarra. A vivência nos cabarés não se desvincilhava das letras e das artes; era parte intrínseca da identidade grupal desses sujeitos. O “lema” trazido por Virgínius, “Bebida, Mulher e Boemia”, trazia essas vivências à tona, que surgem tendo como mote a vivência intelectual masculina.

Apesar da idealização dessas mulheres, bem como de outros personagens que estavam à margem da sociedade, porém, sempre margeando esses círculos, como os bêbados e trabalhadores pobres, percebe-se como os grupos eram fechados, elitizados e, na tentativa de perpetuar uma memória dos agentes e do campo, ressaltam tais características que, possivelmente, materializava-se nas relações cotidianas e nos espaços de sociabilidades.

Apesar de conectar dois mundos aparentemente distintos, a essas mulheres cabiam apenas socializar com esses homens no espaço do cabaré. Seu trânsito fora desse mundo particular e, conseqüentemente, com os homens de letras, não é vislumbrado nas narrativas desses sujeitos, a não ser o fato de Berta ser um amor de uma dessas personagens. Esse amor partiu e Berta se recolheu e largou o meretrício para se dedicar ao comércio próximo à orla.

Um dos motivos da Bambu não permitir mulher desacompanhada era impedir a circulação de prostitutas no bar. Em um episódio relatado, o garçom expulsou uma frequentadora alegando que a mesma era uma prostituta (CALDAS, 2007, p. 59) e, com isso, não querendo associar o espaço a essas mulheres.

O possível declínio desses lugares, de alguma forma, associa-se ao afastamento dessas redes da Cidade Baixa que, devido às transformações da cidade, que na segunda metade da década de 1960 foi crescendo em direção à orla, foram ocupando outros espaços de sociabilidade, seja concentrando-se na Cidade Alta, seja seguindo em direção aos bairros de Tambaú, Cabo Branco e Manaíra.

3.3 OS CENTROS DE CULTURA E AS ARTES PLÁSTICAS E PERFORMÁTICAS

O centro da cidade, com seus bares, cafés, cabarés parques, teatros, a própria UFPB, nestas narrativas não tinha sua paisagem marcada pela violência. Era reduto de intelectuais e artistas. Seus relatos ajudam a entender as referências que chegavam e circulavam nas rodas de intelectuais e artistas. Severino Ramos comparava as rondas líricas da qual participava com as andanças das personagens de Jorge Amado, ou ainda representava os bordéis com o mesmo espírito de um Bataclan. Raul Córdula, ao descrever o cenário do Ponto de Cem Réis, representa um ambiente semelhante aos centros intelectuais, com artistas e intelectuais em cafés e bares em meio a leituras e debates. Por meio do seu relato, vislumbra-se as ideias que

chegavam aos círculos intelectuais da cidade. Entre esses agentes à época, por exemplo, liam-se os jornais e suplementos locais, mas também periódicos que circulavam nacionalmente. Segundo Córdula:

Lia-se na época a revista “Senhor” e o Caderno B do Jornal do Brasil, com a capa dedicada às artes plásticas, onde o poeta maranhense Ferreira Gullar escrevia crítica de arte, e lá lançou seu famoso texto Teoria do Não Objeto, em pleno apogeu da discussão entre concretismo e neoconcretismo, o que veio a negar depois por razões políticas. Entre os artistas mais discutidos entre o Rio e São Paulo, núcleo do poder e da cultura, estavam Lígia Clark, Lígia Pape, Ivan Serpa, Hélio Oiticica, Abraham Palatinik, Benjamim Silva, Antônio Bandeira, Aldemir Martins, Manabu Mabe, Volpi e os chamados “pintores primitivos” cujas maiores expressões eram Djanira e Heitor dos Prazeres. Na vizinha Recife, os artistas importantes eram, além dos que faziam o Ateliê Coletivo, Francisco Brennand, Reynaldo Fonseca, Adão Pinheiro, Anchises Azevedo, Montez Magno e Hélio Feijó; em Fortaleza, Antonio Bandeira e Aldemir Martins (ambos já migrados para o Rio e São Paulo), Sérvulo Esmeraldo (em Paris), Zenon Barreto e Nearco; em Natal, Newton Navarro e Dorian Grey, e em Maceió, Pierre Chalita. (CÓRDULA, 2009, p. 35-36)

Tais artistas e autores eram referência principalmente para os jovens artistas plásticos, como Raul Córdula, que naquela época começava a se destacar na pintura. Mas também ajuda a compor um cenário em que uma nova atitude perante a arte também se dava na forma de enxergar e viver a cidade, se não por todos os agentes do campo, mas por uma grande parcela. E também perceber como os diferentes agentes, com as diferentes linguagens, conectavam-se em redes, discursos, embates. Não tem como compreender o campo de produção cultural e a cidade sem perceber como as artes, os espaços e os agentes estavam integrados.

Essas personagens performatizavam a cidade. Encenavam uma forma de vida, que, entre as práticas e representações desses agentes, era uma forma de vida. A forma como esses sujeitos se relacionavam com a cidade estava intrinsecamente ligada ao *habitus* do grupo. Os lugares que frequentavam e os que não frequentavam, e a forma que liam e viviam o mundo, tanto ajuda a compreender a cidade, quanto o campo de produção de cultural, que no contexto do final da década de 1950 e década de 1960, vivenciava um processo de estruturação, com novos personagens e forma de organização, mas que se relacionavam com nomes consagrados e outras formas de manifestação. Raul Córdula, fala em “uma geração”. Porém, em seus relatos, surgem velhos e novos nomes da cultura local que, mesmo entre embates e oposições em diversos momentos, compartilhavam práticas e ideias, sendo indício para se compreender as interseções dentro desse campo. Para Córdula, esta geração era performática:

fazia arte na rua e transformava atitudes do dia a dia em manifestações artísticas. Uma geração de atitudes antecipadas, além de seu tempo. Desde o Clube do Silêncio, Vanildo e Ivan Freitas surpreendiam a cidade com performances modernas de inspiração surrealista. Das procissões de tochas na Ponta do Cabo Branco à exposição surrealista de Ivan e Vanildo, este vestido de Ser, na Loja Maçônica, os paletós virados no aniversário da morte de Lorca, a papoula na braguilha de Orley Mesquita, as neuras e as rondas líricas e também a encenação do poema dramático de Vanildo intitulado “A Serpente Alada”, seu périplo por Campina Grande perguntando de casa em casa onde morava Vanildo Brito, tudo era performance. Não no sentido do desempenho, mas no sentido de criação artística; não no sentido de interpretação, mas no de composição; não no sentido da orquestra regida, mas a *Jam Session*. No meio cultural contemporâneo performance é uma categoria de arte. As instituições como museus e centros de arte, as galerias, as cidades, recebem a performance de artistas visuais como arte verdadeira e nova. Diferente do que acontece no teatro ou na música, onde a performance refere-se apenas ao desempenho dos artistas. A performance diz respeito ao corpo da pessoa ou do grupo, é uma extensão da *body art*, onde a arte é realizada no corpo – pintura corporal, tatuagem, iscaria, modelação cirúrgica –, mas não é apenas body art, que tem o corpo como suporte, porque na arte da performance o corpo é a própria arte. (CÓRDULA, 2009, p. 62)

Essas intervenções eram formas de ligar a arte e seus artistas aos lugares, num momento em que a própria arte era repensada. Na década de 1960, as performances e instalações estavam em voga na cena artística. Córdula fala que a principal referência foi Hélio Oiticica, que inaugurou o Tropicalismo com a instalação Tropicália e que “foram seus parangolés que afirmaram a performance no Brasil, décadas depois do pioneiro Flávio de Carvalho passear por São Paulo vestido de saia” (CÓRDULA, 2009, p. 62). Mas na cena local o nome do pernambucano Jomard Muniz de Brito, então professor da FAFI, que, nas palavras de Córdula, “assumiu o Tropicalismo” e “sempre foi performático” e que na região Nordeste foi o principal nome do movimento (CÓRDULA, 2009, p. 64).

Em João Pessoa, uma dessas performances, foi a instalação e exposição surrealista que ocorreu em frente à Loja Maçônica, que ficava no Centro, na antiga Rua Nova. Vestidos com mortalha de Romeu e Julieta, carregando ovos e torqueses, os artistas instalaram “cadáveres delicados” nas paredes da Loja com faixas pintadas com a frase *O amor é um caranguejo roxo tocando violino de prata na beira do mar* (CÓRDULA, 2009, p. 62).

Eram manifestações que trouxeram à cena cultural uma nova atitude perante o fazer artístico na cidade e uma nova forma de se relacionar com ela, com sua história e, no momento mais imediato do pós-Golpe de 1964, “ir contra tudo e contra todos os que eram complacentes com a *dita cuja*”.

Em plena ditadura, no ano de 1968, alguns artistas plásticos criaram a Sociedade dos Artistas Plásticos da Paraíba – SAPP. A entidade era presidida por Raul Córdula, e contava com a participação de Miguel Ciavarella, José Altino, José Lucena, Mardem Rolim, Breno de Mattos, Cleófas Leunam, Manuel André Marques e Heidelice Córdula. De acordo com o seu presidente, esta era uma associação que visava defender os interesses dos artistas e promover a arte em João Pessoa, e também disposta “a dividir com o público suas ansiedades e suas propostas para uma cidade que sofria grande repressão cultural no governo militar” (CÓRDULA, 2009, p. 131).

Entre as primeiras ações do grupo foi a promoção de um performance na *Sorvelanche*, uma lanchonete situada na rua Miguel Couto, no Centro. Neste happening ocorreria uma exposição coletiva de artistas plásticos, poetas e músicos. No evento houve a pintura coletiva de uma tela, inclusive com a participação do público espectador. No evento esteve presente o Tenente Lindenberg, oficial da Polícia Militar e Chefe da Casa Civil do Governo do estado, e uma delegação de estudantes norte-americanos que estava na cidade. Córdula narra o clímax do evento:

No auge da vibração, o grande quadro repleto de figuras, texturas e cor dominava o hall da lanchonete. Foi então que o ator Fernando Teixeira, envolvido nos sentimentos antiamericanos comuns na juventude da época, despejou uma lata de esmalte sintético preto na cabeça de um dos jovens americanos que fotografava serenamente o acontecimento. Foi uma agressão típica do clima de insatisfação que vigorava na época. Em meio à confusão Lindenberg veio até mim e disse: Desapareça que a polícia vem aí pegar você. Eu gritei “polícia!”, todo mundo debandou. (CÓRDULA, 2009, p. 131)

O fato teve repercussão na imprensa local e a ameaça de processo por parte do estudante, que reivindicava dois mil dólares pelos danos sofridos. Muito dinheiro para os artistas. Porém, Córdula narra que cogitou indenizar o estudante, porém teria o direito de divulgar o fato nacionalmente. Segundo o artista, “não apenas para nossas projeções como artistas no tempo da vanguarda, mas também como um marco político, uma posição de repúdio contra os americanos que ‘produziram’ o golpe de 64” (CÓRDULA, 2009, p. 132). O chefe da delegação não tocou mais no assunto.

Os artistas e intelectuais encontravam em Centros de Cultura “improvisados”, locais para apresentarem seus trabalhos e promover o debate em torno da cultura. Dois desses locais eram as casas de Geraldo Carvalho e Geraldo Emílio Porto.

Para Virgínius da Gama e Melo, a casa de Geraldo Porto, tinha um “tom boêmio”, e “era como a cidade que Hemingway viveu – ‘Paris era uma festa’” (TAMBÉM AGORA..., 21 de julho de 1972, p. 2). Lá se encontravam em diversos momentos, Paulo Melo, Ipojuca Pontes, Boaventura da Silva, Vanildo Brito, Marcus Odilon Ribeiro Coutinho, Dilermano Luna, Mário Moacir Porto, que segundo Córdula, “viria a ter um papel importantíssimo para a cultura local quando se tornou reitor da Universidade Federal da Paraíba”, além do próprio Virgínius e os jovens artistas plásticos. Córdula relembra que o pintor italiano Domenico Lazzani, que veio a João Pessoa ministrar oficina de pintura, num esforço do governo do estado e de Virgínius, encontrou na casa de Geraldo Porto um terreno profícuo para “suas polêmicas conversas sobre arte e filosofia” (CÓRDULA, 2009, p. 83). Esses locais integravam os movimentos de arte na capital paraibana e simbolizavam o anseio por Centros voltados exclusivamente para as artes que congregassem as mais diferentes linguagens.

O prédio da reitoria, que ficava ao lado do Parque Solón de Lucena, a Biblioteca Pública, o Teatro Santa Roza e os prédios das Faculdades de Direito e Filosofia, eram locais que artistas plásticos e poetas encontravam para exporem e promoveram os seus trabalhos. Porém, tais espaços ainda eram poucos e não exclusivos para a arte e, por vezes, esbarravam na repressão que se seguiu a partir de 1964.

A exposição de Raul Córdula, que estava na programação de uma série de exposições programadas para ocorrer na galeria de arte instalada no *hall* do prédio da reitoria da UFPB, ocorreu em 1968, a exemplo das exposições de Breno Mattos, Celene Sintônio e Archidy Picado. Os artistas que fizeram parte da programação estavam ligados ao Departamento Cultural da Universidade. Raul Córdula expôs séries de trabalho que tiveram como referência a literatura pós *beatniks*, bem como a de José Américo de Almeida e José Lins do Rêgo, a música de Marcus Vinícius, integrante do *Grupo Sanhauá*, e, para a série “Memória Negra”, fazia referência direta ao assassinato do estudante Edson Luiz, morto pela polícia durante movimento grevista no Rio de Janeiro, fato que marcou os movimentos de luta contra a ditadura.

Córdula conta que as séries Guardiões da Virgindade e Memória Negra não agradaram a opinião pública e, no dia seguinte ao *vernissage*, o Conselho Universitário decidiu, em reunião extraordinária, suspender a exposição. O fato foi tomado como uma manifestação da censura e mobilizou intelectuais, artistas e políticos a se colocarem publicamente contra a decisão da Universidade. Jomard Muniz de Brito e Wills Leal assinaram o manifesto “Por Uma Exposição Censurada”. Já o governador João Agripino, por meio da Casa Civil, lançou nota manifestando solidariedade e oferecendo qualquer prédio público estadual para que a

exposição fosse remontada. Dias depois a exposição foi reaberta na Galeria José Américo de Almeida, no Teatro Santa Roza.

Essa forma de pensar e praticar a arte já vinha enfrentando as críticas desde suas primeiras experiências na Paraíba, no final da década de 1950, quando Ivan Freitas, Breno Mattos e Archidy Picado, imbuídos de um “espírito modernista”, que já estava consolidado em Recife, propuseram novas perspectivas dentro do Centro de Artes Plásticas. Para Córdula, foi uma experiência tardia em comparação com o estado vizinho. Porém, é preciso compreender essas experiências ditas modernas dentro do contexto local, que ainda era marcada pela pintura acadêmica e pela poesia parnasiana. Ainda segundo Córdula, esses artistas se lançaram nas novas experiências por conta própria, e continua:

desgarram-se das amarras acadêmicas daqueles ensinamentos e desenvolveram suas tendências artísticas no espaço da arte moderna. Sucedendo o Centro de Artes Plásticas, eles foram os responsáveis pela primeira grande ruptura entre a tradição e a modernidade. Cada um ao seu modo criou estilos na arte e na vida, desenvolveu atitudes e comportamentos afinados com as mudanças sociais que os novos tempos traziam. (CÓRDULA, 2009, p. 19)

A “iniciativa própria” deve ser lida dimensionando as leituras sobre poesia e arte moderna que chegavam às rodas, como o próprio Córdula cita, e que possivelmente foram tomadas como referência. Bem como o desenvolvimento dessas experiências com o intercâmbio cultural com outros estados. Archidy Picado escreveu as primeiras considerações sobre a arte moderna em João Pessoa, como no manifesto “Arte e Devenir”, no qual ele buscar defender uma finalidade para a arte moderna:

A tentativa de expor conceitos fundamentais de um manifesto revolucionário artístico não poderá absolutamente implicar em leis técnicas gerais. Será sempre uma tentativa pessoal.

Quando Mondrian estabeleceu também em manifesto um propósito de inteira renovação, ele tratava de seu próprio estilo sem querer adeptos. E foi assim que o concretismo só existiu verdadeiramente em seus quadros, linhas retas e retângulos bem equilibrados em jogos de cores sóbrias. Os que vieram depois dele como continuadores da escola por ele criada nada mais fizeram exceto repeti-lo. Portanto, um manifesto lançado justamente numa crise como a que passamos tem um certo caráter individual. Pode também coadunar-se com os pontos de vista de outros artistas. Mas pode apenas refletir-se unicamente em nós que o estabelecemos.

Achamos pois que a arte plástica não deve ser construída impassivelmente. Fria de objetivos naturais. Como a concha marinha faz lembrar o mar, assim também a arte, mesmo abstrata, deverá sugerir algo concreto. Ela não pode mais continuar a ser casualmente abstrata. Será planejada e então exigirá mais técnica e não somente isso, mas sobretudo a expressão. [...] Por outro

lado haveria mais acessibilidade da parte do povo em relação ao chamado hermetismo significativo da arte moderna. Esta seria melhor compartilhada por um público mais numeroso. Haveria uma ponte de comunicação entre o artista e o esteta que o admira. (PICADO In CÓRDULA, 2009, p. 31)

Tal proposta apresentada como revolucionária, que busca determinar um caminho para a arte, enquadra-se no contexto de transformação na arte local, e representa a postura polêmica do artista diante das discussões teóricas no campo artístico. Segundo Córdula, tal postura era uma forma de romper com a arte acadêmica, pois esta seria “a primeira fronteira de lutas dos artistas da nossa pequena província” (CÓRDULA, 2009, p. 29).

Archidy Picado frequentou os cursos de Ivan Serpa e Faiga Ostrower, no Museu de Arte Moderna, no Rio de Janeiro, mantendo contato com importantes artistas e suas novas propostas para as artes plásticas. Ao voltar para João Pessoa, fundou seu ateliê, na casa de seu pai, que ficava ao lado da casa do pai de Breno Mattos, que também abriu seu ateliê. Tais espaços se tornaram importantes locais para a experiência da pintura e da escultura moderna na cidade e passaram a ser frequentados por outros artistas, à exemplo do próprio Raul Córdula e outros jovens, além de escritores, como Vanildo Brito.

Córdula, Archidy, Ivan Freitas, ao lado de Hermano José, pintor academicista, mas referência para esses artistas, já na década de 1950, já tinham começado a ilustrar páginas e apresentar seus trabalhos nos suplementos literários da capital. Tanto no *Correio das Artes*, quanto no suplemento *A União nas Letras e nas Artes*, esses artistas também passaram a publicar textos teóricos, de análise de obras e notícias sobre as artes locais e colunas e sessões exclusivas para as artes plásticas. Nesse sentido, divulgavam novas ideias nas artes e contribuíram com uma nova cultura visual no campo e passavam a pensar a cidade, a sociedade e a própria arte a partir de uma perspectiva própria.

Na sua sessão *Atelier*, no *Correio das Artes*, Raul Córdula chamava atenção para o momento das artes na Paraíba e no Brasil, principalmente em torno da arte *moderna* e *contemporânea*, nomenclatura que vai ganhando destaque, como também procurava promover os artistas locais, principalmente os alunos de sua oficina de pintura, ministrada junto ao Serviço de Artes Plásticas do Departamento de Cultura da UFPB. No artigo “Celene à Primeira Vista”, de 4 de junho de 1965, Córdula noticiou que na “nossa cidade de poucas exposições, o acontecimento mais sério das artes plásticas, ultimamente, foi sem dúvida a mostra de guaches e têmperas de Celene Sitônio montada há dias na Faculdade de Filosofia”. O artigo procurava refletir a recepção do público para a arte moderna:

Apesar da chuva de críticas errôneas e falsas opiniões que ainda caem sobre a pintura abstrata nada mais que diálogo entre público leigo e artista avançado – notamos uma reação cada vez mais inteligente por parte das pessoas que visitam as mostras de pintura na Paraíba, haja vista o pequeno comércio de arte que já surge aqui. Quanto à compreensão das correntes abstratas em pintura, já encontramos no público a certeza de que não somente a Harmonia das cores – isto seria ainda pintura acadêmica – mas o verdadeiro sentido da matéria e da estrutura do quadro, sua temática e sua fatura são elementos indispensáveis na arte moderna. Na pintura abstrata vamos além dos simples elementos da composição, sem 134rocura134e-los, procurando a sua tônica de valores cromáticos e a sua rara qualidade de atingir a expressão não figurada. (CELENE SITÔNIO..., 4 de junho de 1965, p. 5)

É possível perceber elementos que ajudam a compreender um cenário onde o novo tenta se afirmar. Córdula tanto procurava explicar essa “nova” arte, como procurava demonstrar que a mesma já começava a ser aceita em meio às críticas que ainda se davam. Como também representa o cenário ainda difícil para a circulação dessas obras.

Virgínius da Gama e Melo não era um entusiasta da arte moderna, pelo menos na poesia, porém se orgulhava da relação que tinha com o escultor paraibano Jackson Ribeiro, consagrado nacionalmente. Virgínius falava que, em meio às estátuas acadêmicas, “desses Epitácios, Augustos, Álvaros Machados, até Epitacinhos” (JACKSON..., 11 de julho de 1972, p. 2), fazendo menção aos bustos de políticos paraibanos, restava de interessante, a Pedra e o “Porteiro do Inferno”. A primeira, de fato, era uma pedra que se localiza numa praça do Varadouro, e a segunda era a escultura *O Porteiro*, obra criada em 1967 por Jackson Ribeiro, quando artista retornou a João Pessoa, a convite do governo do estado. A obra foi presenteadada ao Governo pelo escultor em virtude deste ter dado condições do artista viajar à Espanha. A escultura foi instalada em frente à FAFI, e, ao sair de suas aulas, Virgínius “cumprimentava” a estátua com “Boa noite, Cérbero”, o que levou ao apelido *Porteiro do Inferno*, nome com o qual a obra passou a ser conhecida. O escritor se orgulhava do fato da cidade ter uma obra que valia milhões exposta publicamente.

Um caminho encontrado, para além dos ateliês pessoais, do Teatro Santa Roza, da UFPB, e de outros poucos espaços, como os Centros que funcionavam nas casas dos entusiastas e intelectuais, foi o intercambio com Pernambuco, que se intensificou no decorrer da década de 1960. Os artistas paraibanos frequentavam Olinda na intenção de visitar os ateliês dos artistas que faziam parte do Movimento da Ribeira. Mantinham intercâmbio com artistas de Olinda e Recife, como João Câmara, que também viajava a João Pessoa e na casa de Geraldo Porto participava de debates sobre artes plásticas. Do intenso intercâmbio, surgiram duas importantes exposições, uma em João Pessoa, na Aliança Francesa, com

artistas dos dois estados, e a exposição “6 artistas paraibanos”, que ocorreu em julho de 1965, na Galeria da Ribeira, e contou com obras de Raul Córdula, José Altino, Celene Sitônio, Flávio Tavares, Guilherme Caldas e Regis Cavalcanti.

O Ateliê Coletivo do Recife também foi central para a formação de artistas paraibanos. O trabalho de Abelardo da Hora, Wellington Virgolino, Corbiniano Lins, José Cláudio, entre outros artistas, foi tomado como referência por Breno Mattos na sua formação de escultor na década de 1950. Segundo Córdula, Breno Mattos foi o primeiro artista plástico paraibano a se interessar por temas sociais e a politizar a sua arte. Ao apresentar a exposição do escultor, que ocorreu em 1968, no *hall* do Teatro Santa Rosa, Córdula, posicionou o artista articulado com a vanguarda artística brasileira e situou as obras dentro de um sentimento do homem da cidade diante das injustiças sociais:

Para o homem urbano, produto da cidade nua e crua, a beleza é necessária até o ponto em que possa ser consumida e que ele possa participar do banquete. A arte jamais deverá (ou poderá) se desligar de sua abrangência pública, ainda mais hoje quando o aspecto humano de um ateliê é menos importante do que o aspecto desumano do mundo industrial (CÓRDULA, 1968 In CÓRDULA, 2009, p. 28).

Tal atitude perpassava, em certa medida, o campo de produção cultural e se manifestava de diferentes formas por meio das diversas linguagens artísticas, que buscavam plasmar no cotidiano da cidade seus pensamentos por meio da pintura, escultura, poesia, teatro, da crítica, da música, do cinema, da arquitetura e urbanismo e das políticas públicas voltadas para a cultura³⁷. Era um contexto de ebulição política e em torno das artes e não se pode pensar esse campo sem entender todas essas linguagens conectadas por agentes que não se conformavam em dominar apenas um saber. Nesse sentido, esses espaços da cidade que congregavam redes de intelectuais e artistas, representavam esse sentimento e essa vivência.

Uma integração que se dava nos embates, nas ideias compartilhadas, nos espaços e nos eventos. O Teatro Santa Roza era um dos “palcos oficiais” para os atores, poetas e artistas paraibanos. E em torno dele e das produções que lá se realizavam, era comum que essas personagens se envolvem nas mais diferentes tarefas. Um artista plástico poderia confeccionar

³⁷ Pode-se citar também a Campanha de Educação Popular da Paraíba (Ceplar), que atuou de 1960 a 1964. A Ceplar atuou desenvolvendo práticas culturais e educativas, sendo pioneira na aplicação do Método Paulo Freire de alfabetização de adultos, além de dialogando com movimentos sociais e de cultura popular. Com a Ditadura Militar, as sedes da Ceplar foram invadidas, os materiais de alfabetização apreendidos como provas de subversão, os principais dirigentes foram indiciados e seus educadores considerados subversivos e, consequentemente, o projeto sendo extinguido. Sobre o tema, ver: SCOCUGLIA, A. C. *A história da alfabetização política na Paraíba dos anos sessenta*. Recife: PPGH/UFPB, 1997. (Tese de Doutorado)

o cenário e também atuar como ator, bilheteiro, iluminador, como também expor suas obras, como foi o caso de Raul Córdula.

Em julho de 1965, realizou-se no Teatro Santa Roza a V Semana de Teatro, e dentro dela, a Primeira Mostra de Poesia do *Grupo Sanhauá*. A exposição foi inaugurada no dia 23 daquele mês e contou com poemas de Severino Marcus, Marcos dos Anjos, Anco Márcio, Marcus Vinícius e Luis Carlos Cavalcanti. Os poemas foram ilustrados pelos pintores Régis Cavalcanti, Raúl Córdula Filho, Celene Sitônio, Flávio Tavares e Guilherme Caldas. O prédio do teatro era espaço de apresentações teatrais, mas também de ateliês, exposições e mostras literárias. Era um dos principais espaços culturais da cidade.

Antônio Serafim, no artigo “O Ambiente Dramático”, escrito em sua coluna *Ribalta*, no Correio das Artes, denunciava a falta de teatros na cidade e, ao falar desse problema, dava indícios do movimento teatral de João Pessoa e de como ele estava inserido dentro do cenário cultural. Para ele, não havia muita escolha. Havia apenas “o velho Santa Roza” (O AMBIENTE DRAMÁTICO..., 31 de janeiro de 1965, p. 2). Houve duas tentativas de descentralização que não vingaram. Uma por parte do próprio Antônio Serafim e outra pelo Teatro da Juventude, no bairro de Cruz das Armas. No processo de produção de um espetáculo, era preciso improvisar o ambiente, ou receber o espaço que era imposto pelas circunstâncias e com ele trabalhar e, além disso, dividir o espaço com poetas e artistas plásticos³⁸.

3.4 RECIFE

A ligação da intelectualidade, da arte e da política paraibana com Recife é umbilical. Remonta a vários momentos da história dos dois estados vizinhos e esteve calcada, durante boa parte da história dos dois estados, na dependência econômica da Paraíba em relação à Pernambuco. No século XX, principalmente a partir das medidas tomadas pelo governador João Pessoa, como as medidas protecionistas do escoamento da produção local pelo porto paraibano, ao invés do porto de Recife, buscou-se diminuir a dependência da Paraíba em relação ao estado vizinho, ao passo que se assistia uma relação baseada nas trocas culturais. Já na década de 1920, a experiência modernista na Paraíba, seja pelos intelectuais que estavam

³⁸ No teatro paraibano, durante a década de 1960, surgiram grupos interessados no debate social e na modernidade, e que procuravam romper com o teatro que predominava até os anos 1950 no estado, que privilegiava textos, em sua maioria, de autores europeus. Entre os grupos que se destacaram na cidade, estavam o grupo amador Teatro do Estudante da Paraíba, o Teatro Universitário e o Teatro Popular de Arte, que, possivelmente, tomaram como referência o Movimento de Cultura Popular (MCP), e o Teatro Popular do Nordeste (TPN), liderado por Hermilo Borba Filho e Ariano Suassuna; ambos movimentos do Recife.

em torno da Revista Era Nova, seja com José Américo de Almeida, manteve forte diálogo com o jornalista pernambucano Joaquim Inojosa, um dos principais nomes do movimento modernista no Nordeste. Já em 1949, o poeta pernambucano Edson Régis esteve à frente do projeto de criação do novo suplemento literário do jornal *A União*, o *Correio das Artes*. Tal suplemento teve importância central no campo de produção cultural do estado. Já no final dos anos 1950 e durante a década de 1960 o intercâmbio cultural entre artistas plásticos que pautavam as ideias de modernidade se intensificou.

Nesse cenário, Recife era referência na região Nordeste. Inclusive, foi a partir do movimento de intelectuais de Recife, a partir de 1919 e no decorrer da década de 1920, que se construiu a ideia de uma região nordestina³⁹. Tal processo projetava Recife como centro intelectual da região. A capital pernambucana, desde o século XIX já tinha a Faculdade de Direito do Recife e o Seminário de Olinda, como lugares privilegiados para a formação da elite local e dos estados circunvizinhos. Também era um centro jornalístico, logo, disseminador de ideias. A própria ideia de que Recife formava intelectual a Paraíba, bem como a participação de escritores paraibanos, como José Lins do Rêgo, num projeto regionalista, era uma forma de reforçar a ideia de região.

O projeto de sedimentar a autoridade de Recife na região e tornar-se central num processo de renovação social e intelectual no Brasil adentrou o século XX e, em grande medida, Virgínius da Gama e Melo entrou em contato com essa atmosfera na década de 1940. Porém, deve-se entender que, ao passo que se adentrava o século XX, as relações foram se tornando cada vez mais de troca, principalmente quando alguns cânones foram sendo contestados, como Gilberto Freyre, pelo próprio Virgínius. Ou foram sendo criados novos centros de ensino, como a Universidade da Paraíba, em 1955; e quando os artistas e poetas paraibanos procuraram definir uma arte e uma literatura paraibana, ou defender a naturalidade de seus nomes ilustres.

Na década de 1940, Virgínius da Gama e Melo, ainda seguia o caminho de tantos outros filhos da elite paraibana, rumando para a capital pernambucana para cursar o secundário no Colégio Pernambucano e, posteriormente, ingressando, em 1941, na Faculdade de Direito do Recife, onde permaneceu até 1946, quando concluiu o curso de Direito e voltou para a Paraíba para exercer a advocacia em Campina Grande. Após a derrota do seu tio, Argemiro de Figueiredo, na campanha para o governo do estado em 1950, pleito vencido por

³⁹ Sobre o processo de reivindicação de um novo recorte geográfico, que projetava uma nova região distinta do Norte, e que teve o campo de produção cultural como central nesse projeto, ver: ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste* e outras artes. 2ª ed. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2001.

José Américo de Almeida, retornou ao Recife para cursar Jornalismo pelo Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Pernambuco.

Virgínius voltou para João Pessoa no final da década de 1950 para continuar o tratamento da tuberculose pulmonar no hospital Clemetino Fraga. Depois de passar um período internado, não voltou para o Recife e resolveu se fixar na capital paraibana. Foi quando passou a morar na Rua Batista Leite, número 201, no bairro do Roger.

Os amigos e admiradores liam esse fato como a manifestação de seu amor à sua terra natal, visto que “ele preferiu ficar aqui, não obstante os acenos para se projetar no sul do país” (MINI BIBLIOGRAFIA..., 10 de agosto de 1983, p. 4). Uma de suas leitoras, logo após a sua morte, lembrava-se dele “como escritor de talento, pesquisador e, sobretudo, como paraibano que ama a Paraíba, pois nunca a trocou por outras paragens” (CARTA DO LEITOR..., 5 de agosto de 1975).

Se tal fato passou a ser visto pelos leitores e amigos como uma prova de amor do escritor pela cidade, a sua volta foi sentida com pesar por muitos de seus pares de Recife. Epaminondas de Araújo lamentava a distância geográfica que se dava a partir de então. Em carta, ele falou ironicamente da nova relação que Virgínius mantinha com Recife nesse primeiro momento que se fixou em João Pessoa e trata de inteirar o crítico dos acontecimentos de Recife:

Virgínius: você riscou Recife de sua geografia. Fincou-se na heroica Paraíba e só dá sinal de vida através dos seus lúcidos artigos no Jornal do Comércio. Nada mais sabemos de você, a não ser que continua sendo mesmo homem estudioso, escrevendo coisas sérias, sem a presunção de ser agradável aos escritores.

Aqui, no “Leão do Norte”, tudo continua como dantes. Apenas um novo sistema de governo, ou com novos homens mandando. No fundo, esta é a verdade, nada mudou. Os mesmos vícios e as mesmas burradas. Uma psicose de “industrialização” dominando tudo, inclusive a burrice. Quero crer que dentro de pouco tempo estaremos exportando essa matéria prima enriquecida pelos Sampaio. O que nos está faltando é um Eça para escrever sobre o “enriquecimento da burrice”, feito em Palácio, após longos estudos na CODEPE, pelo Zito de Souza Leão, e devidamente ensilada [sic] pelo Pio Gerra [???], na CAGEP Como você é um homem de imprensa e não incorre no erro de que nos fala o mestre Anibal, isto é, não desdenha os jornais, nada se passa aqui sem que o amigo Da Gama não tome conhecimento. Afora isto, estamos tão próximo e há tantos mensageiros para levar e trazer as novas.

Sabemos que você está são e salvo. Gordo, corado e mais perverso, ou irônico. O Odaek – amigo agora de Antiógenes Chaves – é quem sempre nos dá notícias da Paraíba. O Clóvis Pessoa – lembra-se ainda da Raposa? – continua solto e enviando frutas regionais para o JK. É um homem forte nesta República. (ARAÚJO, E. Carta, 23 dez. 1959, Recife)

A carta é um indício de como as relações entre Virgínius e as redes de sociabilidade que se inseriu em Recife entraram numa nova dinâmica, tendo as correspondências como uma forma de manter os laços, estabelecer o debate intelectual e por os comunicantes a par do cenário das respectivas cidades. Epaminondas Araújo cobrava notícias e ainda deixou Virgínius ciente de que qualquer dia organizaria uma caravana da “Embaixada Virgínius da Gama Y Melo” a João Pessoa:

E chegaremos aí. O Leocádio fará o planejamento, já que agora é um economista. Especializou em “localização industrial”, num curso (relâmpago) sob os auspícios da CEPAL e Banco do Nordeste. Seu contrerrâneo de Sapé deu “show”, tirando o primeiro lugar na matéria. É um técnico, inclusive com contrato da CODEPE. O moleque, como diz o Elpidio Branco, é inteligente mesmo. Ou os outros são burros demais. A verdade é que o Leocádio discute problemas econômicos qual um Celso Furtado ainda nos seus primeiros anos de economia. Se não fosse a idade eu diria que o Leo ia longe, especialmente agora após a morte de Benjamin Soares Cabello. (ARAÚJO, E. Carta, 23 dez. 1959, Recife)

A ida de alguém de Recife a João Pessoa era celebrada e aproveitada pelos amigos de Virgínius para o envio de correspondências. Como fez Djalma Wayle: “Pelo nosso grande amigo Expedito tenho a satisfação de abraçar de todo o coração, o sempre presente entre nós, o ‘garoto’ Virgínius. Djalma Wayle 5/9/59” (WAYLE, D. Postal, 5 set 1959, Recife). Era um postal com imagens de jangadas na praia do Pina, em Recife. Tanto as imagens, quantos as palavras do remetente, indicavam a ligação do escritor com a cidade e a presença ainda marcante da sua figura entre os amigos intelectuais de Recife.

O mesmo fez Joaquim Ayres, enviando um postal do Bairro Santo Antônio, dizendo: “Velho amigo Virgínius/ um abraço / [ilegível] fico como sempre no batente, lutando com a turma ‘Aliada’, que ainda é a mesma, o velho Chefe continua na cerca nunca mais [ilegível], as novidades daqui Expedito lhe dirá. / Um abraço do / velho amigo / Joaquim Ayres” (AYRES, J. Postal, 5 set 1959, Recife).

Em carta, José Gonçalves, também manifestava a saudade, o entusiasmo e falava como o escritor era evocado nos meios culturais de Recife:

Meu caro Virgínius:
Aproveitando a ida para aí da minha colega Cristina, achei por bem agradecer a sua carta que me deu imensa satisfação ao saber que você se encontra, de novo, em “plena forma”.
Você, embora não pareça, nunca deixou de ser lembrado, constantemente, em nossas rodas noturnas ou diurnas, quando bebericamos. E lembrado com a admiração mais viva, com um dos nossos mais importantes donatários do

poder de “querer bem”. Ainda outro dia, num almoço com que foi homenageado o Rubinho, Newton Navarro lembrou a sua figura e ouviu quem se comovesse até às lágrimas.

Domingo, na minha VL [sic] registei simpaticamente, e não poderia ser de outro modo, a sua volta ao suplemento do JC. Espero que você, cada vez mais, continue a nos dar lições de inteligência. Às vezes tenho muitas saudades de você e de seu “papo”, no entanto, por mais estranho que pareça, não tive ainda a oportunidade de dar um pulo até aí (GONÇALVES, J. Carta, 9 out 1959, Recife).

Esses primeiros momentos da nova fase de Virgínius em João Pessoa, após receber alta, foram marcados, de um lado, em João Pessoa, por sua inserção na cena cultural da cidade e, de outro, na reestruturação de sua relação com as redes de sociabilidade construídas em Recife. As primeiras cartas do acervo revelam a forte ligação que o escritor mantinha com Recife. A maioria era remetida da capital pernambucana. Seus amigos manifestavam suas saudades, mas também o entusiasmo em relação à recuperação e à alta médica recebida pelo escritor e, principalmente, a volta do crítico às atividades jornalísticas.

O escritor Lucillo Varejão cobrou do crítico que este enviasse notícias, indicando um lapso no contato mais íntimo de Virgínius com seus congêneres de Recife. O “seu velho amigo” questionava: “E você? Bom, já? Penso sempre na sua saúde” (VAREJÃO, L. Carta, 10 out 1959, Recife). Em menos de uma semana o escritor pernambucano enviava outra carta manifestando satisfação e alívio com as notícias que recebera de Virgínius em resposta à primeira carta:

Sua carta me trouxe uma grande alegria... a certeza que você já está bom. Apenas, minha polícia secreta me diz que você tem abusado dos cigarros, fazendo o mesmo que eu apesar de proibido, fumo 40 e tomo 20 cafés por dia.

Meu livro, como você o verá não é essa coisa. O resto é bondade dos velhos camaradas.

Não lhe mando essas linhas para que você me responda desta vez. (VAREJÃO, L. Carta, 16 out 1959, Recife)

A verdadeira intenção era manter um contato por meio das correspondências, visto que a saúde de Lucillo Varejão cada vez mais se debilitava e, de fato, ambos mantiveram intensa troca de correspondências. As cartas do escritor pernambucano noticiavam encontros entre amigos, inteirava o crítico paraibano de sua produção literária, além de compor uma leitura do campo literário e suas instituições em Recife.

Em seus tempos de Recife, Virgínius da Gama e Melo manteve fortes relações com a intelectualidade e a boemia local. Se os amigos de João Pessoa diziam constituir uma Corte

do Menestrel, os amigos de Recife diziam compor a “Embaixada”. Os amigos paraibanos diziam que na capital paraibana o crítico viveu um momento de ensaio da sua boemia. Mas a verdade é que as histórias contadas e os registros sobre esse período da vida de Virgínius mostram que a boemia em Recife não fora ensaiada, mas vivida em toda a sua intensidade. Aliás, praticamente toda narrativa dessa fase de sua vida está atrelada às memórias da boemia. Mas sua vida na capital pernambucana também foi um momento de estruturação de sua formação intelectual e profissional, como advogado, jornalista e escritor, além da constituição de importantes redes com personagens do campo de produção cultural de Pernambuco, bem como com outros conterrâneos que também foram estudar na Faculdade de Direito do Recife.

Os seus estudos foram financiados pelas tias que o criaram depois da morte da mãe, e pelo tio Bento Figueiredo, ex-prefeito de Campina Grande. Vivenciou um contexto de intensa mobilização política, marcado pela Segunda Guerra Mundial e do Estado Novo. Em 1945, ao lado do conterrâneo Joacil de Brito Pereira, que também foi estudar na Faculdade de Direito do Recife, participou dos comícios pela redemocratização e de mobilizações antifascistas, tanto na capital pernambucana, quanto em João Pessoa. Em João Pessoa, as mobilizações se concentravam no Ponto de Cem Réis e em Recife o centro dos debates eram nos corredores e escadaria da Faculdade de Direito, no Bar Savoy e na rua do Diário.

Joacil de Brito Pereira, creditava a Virgínius da Gama e Melo a sua iniciação na vida boêmia em Recife (RECORDAÇÃO DO..., 31 de dezembro de 1995, p. 14). Com ele participou com o crítico de rodas em bares que contavam com a presença de paraibanos e pernambucanos, como Silvio Porto, Antônio Brayner, Mário Santa Cruz Costa, Arquimedes Souto Maior, José Feliciano e, por vezes, com o professor Samuel Mac Dowell.

Nesse período Belinho Figueiredo escreveu para a família na Paraíba dando notícias de que o primo Virgínius estava *metido* com a boemia, causando preocupação na família. Segundo Eilzo Matos, amigo de Virgínius, a cuidadosa tia Lia exclamou a sua apreensão: “Oh! que tristeza quando soubemos que Virgínius estava frequentando cafés” (NOTA BIBLIOGRÁFICA..., 31 de dezembro de 1995, p. 15).

Após retornar ao Recife, no início da década de 1950, Virgínius passou a mergulhar na sua formação de escritor e jornalista. Em 1951 já colaborava regularmente no *Jornal do Comércio* e no *Diário da Noite*, onde assinava a coluna provocativa “Política é isso Mesmo”, que ajudou a lhe dar destaque, e trabalhava na Procuradoria Jurídica do Instituto Nacional de Previdência Social (IPASE), como redator, ao lado do poeta Edson Régis, que em 1949 fundou, na Paraíba, o suplemento literário *Correio das Artes*.

No decorrer da década, Virgínius estreitou a relação com a intelectualidade local, frequentando as principais rodas de intelectuais e boêmios da cidade. Além de ter nas redações dos jornais, ou do IPASE, espaços de sociabilidade e aprendizagem. Já na primeira metade da década ele tinha certa notoriedade como crítico literário.

Continuava a visitar a Faculdade de Direito quase que diariamente, assim como o *Bar Savoy*, importante espaço da intelectualidade recifense. Para Selênio Homem, no seu auge, era “uma espécie de Academia de Letras ao ar livre” (HOMEM In CALDAS, 2007, p. 73), e era frequentado por nomes como Gilberto Freyre e Jorge Amado. Virgínius frequentava o Savoy ao lado de Mauro Mota e Carlos Pena Filho, de quem ele tomou uma poesia como referência para falar da sua boemia. O poema de Carlos Pena Filho representava uma cidade do Recife festiva e boemia, que tinha no Bar Savoy um importante espaço de sociabilidade frequentado pelos homens de letras e que compartilhavam o sentimento grupal de pertença àquele espaço:

Na avenida Guararapes,/ o Recife vai marchando./ O bairro de Santo Antônio,/ tanto se foi transformando/ que, agora, às cinco da tarde,/ mais se assemelha a um festim,/ nas mesas do Bar Savoy,/ o refrão tem sido assim:/ São trinta copos de chopp,/ são trinta homens sentados,/ trezentos desejos presos,/ trinta mil sonhos frustrados.
Ah, mas se a gente pudesse/ fazer o que tem vontade:/ espiar o banho de uma,/ a outra amar pela metade/ e daquela que é mais linda/ quebrar a rija vaidade.
Mas como a gente não pode/ fazer o que tem vontade,/ o jeito é mudar a vida/ num diabólico festim.
Por isso no Bar Savoy,/ o refrão é sempre assim:/ São trinta copos de chopp,/ são trinta homens sentados,/ trezentos desejos presos,/ trinta mil sonhos frustrados⁴⁰.

O poeta faleceu em 1960 em acidente de carro. O fato gerou enorme comoção nos meios intelectuais e artísticos. Mauro Mota homenageou o amigo fazendo alusão ao seu poema, ao espaço do bar, e ao grupo de intelectuais que passava a ficar incompleto com a morte do poeta: “São agora/ vinte e nove/ Os homens do/ Bar Savoy./ Vinte e nove que/ Se contam,/ Falta um, para/ Onde foi?/ Vinte e nove/ Homens tristes/ Dentro deles/ Como dói/ A ausência do poeta Carlos/ Na mesa do Bar Savoy”⁴¹.

Virgínius também creditava à Recife parte de sua boemia. Em crônica intitulada *A Poesia no Bar*, Virgínius apresentou uma história da boemia recifense, que teria começado nos tempos de Haroldo Fatia. A partir de suas lembranças, não sabia precisar se “Colação,

⁴⁰ PENA FILHO, Carlos. Chopp. Disponível em: <https://poemia.wordpress.com/2009/11/18/poema-chopp-carlos-pena-filho/> (Acesso em 9 de outubro de 2017)

⁴¹ MOTA, Mauro. Improviso no Bar Savoy. Disponível em: <http://leoramos.blogspot.com.br/2008/11/no-lamento-de-mauro-mota-dor-da-ausncia.html> (Acesso em 9 de outubro de 2017)

Haroldo Fatia” aparecia na *Evocação*, de Nelson Ferreira, ou em algum samba de Antônio Maria, mas dizia que “o que sabe é que aí [...], todo um Recife boêmio está surgindo com um carregado de sentimento que é de lascar”. Haroldo Fatia é citado no Frevo Nº 1, de Antônio Maria, mas outros personagens da boemia recifense do início do século XX também aparecem no frevo *Evocação*. Essa lembrança trazida em sua crônica situava a tradição boemia da cidade nesse tempo dos frevos, e chegava até o contexto que ele, Virgínius, estava inserido enquanto boêmio afamado.

Na mesma crônica, Virgínius afirmava que “era um Recife de carnaval, mas havia o outro Recife, o Recife do bar”, e citava exemplos de bares que caracterizavam uma tradição boemia e intelectual: “O ‘Schip-Chandler’, entre armeiros e comerciantes ingleses, abrigou uma Academia de Poesia que fez um Congresso ali mesmo, em cima das mesas de uísque e chope, com martelinho abrindo e fechando a sessão, notícia em jornal, defesa de tese, moção” (A POESIA NO..., 4 de maio de 1972, p. 2).

Assistia-se, nesse contexto que Virgínius escrevia essa crônica, em inícios da década de 1970, projetos que buscavam construir memórias em torno desses espaços em Recife, demonstrando o elo afetivo desses sujeitos a esses lugares de sociabilidade, por onde a formação desses sujeitos passou.

Dizia Virgínius:

Deram agora no Recife para botar nos bares placas comemorativas da passagem dos poetas que os frequentaram. Começou no “Savoy” quando desapareceu Carlos Pena Filho. O poeta ficou ali, os versos eternos na parede. E os versos eram os mais expressivos – “Trinta homens sentados/ Trezentos desejos frustrados”. (A POESIA NO..., 4 de maio de 1972, p. 2)

O exemplo, naquele momento era homenagem prestada a Eugênio Coimbra Júnior no Bar Ibiá, com a fixação de uma placa de bronze com um verso seu em uma das portas do bar. O verso seria uma frase dita pelo jornalista e poeta a um escultor que desejava fazer-lhe um busto: “Mais do que cabeça, sou paisagem”. O fato foi noticiado pelo “Diário de Pernambuco”, dizendo que “a frase da ‘paisagem’ será fincada em bronze, no Ibiá, na terceira porta descendo a Ponte Santa Isabel, no sentido de quem vai para o 13 de maio, Coimbra, o homem paisagem ali estará – no bronze e na eterna lembrança de amigos” (POESIA NO..., 4 de maio de 1972, p. 2).

Os amigos se fizeram presente na homenagem que ocorreu em 29 de abril de 1972, entre eles estavam Mauro Mota⁴², Audálio Alves, Paulo do Couto Malta, Esmaragdo Marroquim e Barreto Guimarães. Para Virgínius, “Coimbra voltou ao Ibiá”, e reproduzindo a notícia do Diário de Pernambuco, dizia, “O mesmo Ibiá que o abrigou em muitos e imprevisíveis sábados. Os sábados que o poeta quis remover das coisas comuns, na esperança de que sábado é o dia consagrado às vicissitudes da inteligência” (POESIA NO..., 4 de maio de 1972, p. 2).

Nesse processo de representar os bares recifenses como espaços da memória intelectual e boemia da cidade, Virgínius ainda dizia que o bar e restaurante “A Portuguesa”, ainda conservava caricaturas de seus ilustres frequentadores, como Jordão Emerenciano e Gilberto Osório. O bar A Portuguesa era tido como o bar mais frequentado por Virgínius em seus tempos de Recife, onde ele entrava em contato com os círculos não oficiais da intelectualidade recifense. Estes teriam o Savoy como espaço privilegiado. Porém, o bar *A Portuguesa* ficou conhecido por se tornar um dos espaços mais importantes da intelectualidade local, tendo também entre seus frequentadores aqueles que iam ao Savoy, como o próprio Virgínius. Não haveria concorrência, visto que A Portuguesa tinha características diurnas, enquanto o Savoy, bem como o Café Lafayette, e os bares a Sertã e o Pigalle, também frequentado por essas personagens, tinham características noturnas.

Entre vários nomes “novos” e “velhos” na cena intelectual e mesas de outros bares, também acompanhavam Virgínius no bar A Portuguesa, o professor Samuel Mc Dowell, Carlos Pena Filho, Mauro Mota, Eugênio Coimbra Júnior, Oldak Agra, Carlos Gaudêncio, os poetas Ascenso Ferreira e Hermógenes Viana, o dramaturgo Aristóteles Soares e os jornalistas Esmaragdo Marroquim, Orlando Tejo e Célio Meira, além do amigo paraibano Joaquim Ayres, que comandou o bar na década de 1950, e Eilzo Matos, que estudava Direito. Também se fazia presente o jurista Xavier Maranhão que, segundo Orlando Tejo, era o mentor espiritual de Virgínius.

Orlando Tejo o chamava de “Príncipe do Bar”, ou simplesmente “o Gama”, que era como o “presidente JK” o tratava. Dizia que Virgínius chegava todas as manhãs n’A Portuguesa mantendo um ritual metódico, que se iniciava adentrando o bar na “hora vernácula” de sete horas e quinze minutos, e sempre com o pé direito. Sentava na segunda mesa antes do balcão, onde não podiam faltar as frutas da estação. Ficava conversando com

⁴² Mauro Mota (Pernambuco, 1911-1984). Formou-se na Faculdade de Direito do Recife. Como diretor do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, promoveu eventos com a participação de Virgínius. Foi eleito e ingressou na ABL em 1970.

Joaquim Ayres até as nove da manhã, quando começavam a chegar os demais “boêmios matinais”, que ficavam por toda a manhã ou passavam apenas para cumprimentar Virgínius. Tejo conta que, por volta do meio-dia já havia problema de espaço em torno da mesa.

No início da tarde Virgínius assumia a função de jornalista e saía em direção à Assembleia Legislativa, por conta da sua coluna “Política é Isso Mesmo”. Lá, sentava-se na Mesa da Imprensa, “semi-cochilava por uma hora, despertava, nada anotava e de volta à Portuguesa redigia a mais lúcida e palpitante coluna política da imprensa local”. Feito o trabalho, continuava a confraternizar com os amigos e a “tomar a cachaça com ‘frutas da estação’”. Saía do bar às 20 horas, também vernácula, e seguia até o Pátio de Santa Cruz, onde morava numa velha pensão, depois de sair da casa do tio, o deputado Vital do Rêgo.

Percebe-se que Orlando Tejo, assim como outros amigos que conviveram com o escritor, reforça uma representação da personagem que tinha toda a sua vida organizada meticulosamente a partir da vivência boemia, inclusive a profissional. Pelo contrário, novamente se reforça a ideia de que a vivência, nesses espaços distintos da boemia, era indissociável da vivência intelectual e profissional desses sujeitos.

Tejo relata que foi “entrincheirado na ‘Portuguesa’” que Virgínius da Gama e Melo travou uma memorável polêmica com Gilberto Freyre, no campo da Sociologia, contestando os cânones do “Mestre de Apipucos”. Conta que foram três ou quatro meses que a intelectualidade de Recife foi sacudida com os artigos de Virgínius. A polêmica foi tamanha que levou Gilberto Freyre ao bar para conhecer e cumprimentar o “sociólogo”, que “se encontrava quase dormindo sobre os braços estirados à mesa tumultuada” (VIRGÍNIUS DA GAMA..., 31 de dezembro de 1995, p. 5-8). O episódio teria causado grande comoção no recinto. Tejo representava, assim, o bar como um campo de batalha das ideias e espaço onde ocorreu um dos episódios mais emblemáticos da consagração do crítico.

Em 1957, Virgínius ainda escreve um artigo para o *Jornal do Comércio* tecendo fortes críticas à obra *A Bagaceira*, de José América, questionando, também a ideia de obra revolucionária e precursora de um movimento modernista. Era um período intenso na vida de Virgínius, marcado por uma postura combativa em seus artigos. Era um momento em que o crítico procurava se firmar no campo intelectual. Também foi uma fase em que experimentou a intensidade da vida boêmia.

Eilzo Matos, que acompanhava Virgínius n’*A Portuguesa* e por outros locais do Centro de Recife, conta que o escritor vivia os excessos das bebedeiras. Segundo Tejo, Virgínius chegou a afirmar que dormira duas noites no terraço do Palácio da Justiça. Ele havia saído da casa do tio Veneziano Vital do Rêgo, um casarão que ficava na Avenida João de

Barros, como também tinha negado a ajuda dos tios para iniciar tratamento de saúde. Oldak Agra teria testemunhado na Avenida Guararapes o momento em que Virgínius descera de um carro acompanhado de um de seus tios, Belinho ou João Figueiredo, irmãos de Argemiro de Figueiredo, e este ter colocado grande quantidade de dinheiro no bolso de Virgínius para ajudá-lo no período de tratamento. Virgínius teria se negado a receber a ajuda e atirado o dinheiro ao alto, em plena calçada do Bar Savoy, enquanto gritava: “Quem quer dinheiro de suborno?” (VIRGÍNIUS DA GAMA..., 31 de dezembro de 1995, p. 5-8).

Virgínius da Gama e Melo teria desaparecido na multidão. Os amigos só teriam notícias do escritor quando este já se encontrava internado no Hospital do Sancho, para tratar uma tuberculose pulmonar. O tratamento foi conturbado, com episódios de surtos psicóticos por conta da medicação, com a perda de um dos pulmões e com tentativas de fuga. A saída encontrada foi levá-lo para uma temporada na fazenda da família em Campina Grande, a fim de evitar intervenção psiquiátrica. Logo após, foi internar-se em João Pessoa, onde permaneceu em “sto. retiro no Hospital ‘Clementino Fraga’” (ANÔNIMO, Ex-voto, 15 ago. 1958, João Pessoa), como diz no verso de um ex-voto com imagem de Santo Agostinho, que foi enviado à Virgínius como lembrança do período de tratamento.

Os amigos que relatavam essa fase cruciante da vida de Virgínius da Gama e Melo acabavam por se colocar como sujeitos que estavam ao lado do escritor, vivenciando com intensidade a vida boemia de Recife, ou que teriam sido testemunha ocular de alguns episódios críticos, como o caso de Oldak Agra. No caso de Orlando Tejo, o mesmo trazia alguns relatos que teria escutado de terceiros, como do Joaquim Ayres, que no comando do bar *A Portuguesa*, seria conhecedor privilegiado da vida de Virgínius. Os relatos de Tejo também passam a ideia de que, se Virgínius não se fazia presente nas rodas, era tema das conversas nas mesmas. A ideia que se passa é que o desaparecimento abrupto de Virgínius da cena cultural de Recife levou a muitos questionamentos e que a internação foi tema de conversas durante muito tempo, além de ter gerado grande preocupação nos amigos, até que as versões foram chegando, bem como as notícias de João Pessoa informavam sobre o estado de saúde do escritor, e, com a recuperação, a comunicação foi sendo reestabelecida.

A ligação de Virgínius da Gama e Melo com o bar *A Portuguesa* era tão intensa que, para Orlando Tejo, a sua saída do cenário coincidiu com a decadência e morte do restaurante. Essa visão de Tejo, narrada em virtude de prestar homenagem a Virgínius, reforçava a aura em torno da representação da personagem e tal associação com uma possível decadência de *A Portuguesa* deve ser tomada de forma crítica. A ideia de “decadência” pode ser entendida como um sentimento de Tejo em relação às transformações pelas quais o cenário estava

passando, como a mudança de frequentadores e o seu próprio afastamento daquele ambiente por diversos motivos. O que ele associava à decadência era a própria transformação da sua rede e espaço de sociabilidade, a qual tinha Virgínius como uma das personagens centrais associada ao restaurante. E, assim como nas representações sobre a boemia e a intelectualidade de João Pessoa, os relatos sobre Recife buscam mostrar uma vida cultural intensa e os intelectuais como parte intrínseca da cidade, além da forte relação de Virgínius com a intelectualidade recifense. Aliás, não havia ligação. Virgínius era parte dessa intelectualidade, chegando a ser referência e figura central em algumas redes que se constituíram. A ideia de intelectual à parte, intelectual paraibano, só foi sendo construída a posteriori, a partir da década de 1960, quando fixa residência na capital paraibana.

Sua relação com Recife não cessou quando resolveu fixar residência em João Pessoa. As redes de sociabilidade constituídas na capital pernambucana não se desfizeram. Ganham novos contornos. E tanto Virgínius, quanto as demais personagens, foram seguindo suas trajetórias particulares, o que levou as relações a ganharem novos contornos e novas dinâmicas. As trajetórias iam sendo demarcadas pelas correspondências, tanto pelos seus conteúdos, quanto pelos timbres e assinaturas que se faziam presentes nos papéis e iam revelando os novos lugares que as personagens iam ocupando: Governos, Assembleias, Reitorias, Jornais, entre outros. Os agentes iam seguindo suas carreiras de juristas, políticos, jornalistas, professores, cada qual buscando firmar seus lugares nos campos.

Assim como o reestabelecimento da saúde foi festejado, a volta de Virgínius da Gama e Melo foi festejado pelos seus amigos pernambucanos. Antônio Azevedo escreveu à Virgínius, que leu com a maior alegria “na coluna do Mauro Mota sua volta às atividades jornalísticas” e que “a turma da redação aguardava sua visita, carinhosamente”. Também noticiava que o amigo Clovis Melo se tornara Consul na Venezuela e que no dia 5 de dezembro estaria “em João Pessoa para fazer o Desfile Bangu no Astréa” e que seria oportunidade de conversar sobre os muitos assuntos que tocavam mais de perto a ambos (AZEVEDO, A. Carta, 3 nov. 1959, Recife).

Já Gilberto Freyre enviou telegrama que dizia: “Meu abraço artigo admiravelmente lúcido” (FREYRE, G. Telegrama, 19 out. 1959, Recife). O “caro amigo Mauro Mota” também enviou telegrama agradecendo o excelente artigo. Possivelmente, ambos se referiam ao artigo “Gilberto e a Revolução”, publicado em 18 de outubro de 1959, no *Jornal do Comércio*. Seguiram-se outras cartas e telegramas saudando a sua volta aos jornais, assim com cobranças de visita à Recife ou promessas dos amigos com planos de ida a João Pessoa.

Já de João Pessoa, Virgínius não cessava de responder as cartas, o que é indicado pelas correspondências que agradeciam as respostas do escritor, como também noticiava a vida literária de Recife em seus artigos no jornal *A União*, o qual passou a escrever assim que voltou às atividades, e além de ter voltado a escrever semanalmente no *Jornal do Comércio*, agora remetendo os artigos de sua residência, na Rua Batista Leite.

Os antigos frequentadores dos bares, bordéis, e centros de cultura, que saíam pela cidade em rondas líricas ou para momentos de lazer, ao lembrarem e citarem os vários nomes de antigos parceiros de boemia, intencionavam afirmar a ideia desses espaços como congregadores e “de fidelidade entre aqueles que cotidianamente participam de sua vida” (CALDAS, 2007, p. 25), ou seja, a vida da cidade. Os que convergiam nessas rondas, tendiam a manter um sentimento grupal. Os laços e as redes que foram constituídas nos bares, ou neles eram reafirmados, fizeram-se presentes ao longo das diversas trajetórias. Muitos nomes foram deixando a cidade, experienciando novas vivências, mas os debates continuaram por correspondências, artigos de jornais, conselhos, redações, universidades e demais espaços de trabalho para os quais convergiram os diversos agentes.

As cidades não são estáticas. Sempre estão em transformações. Cada geração vai manifestar, à sua maneira, o seu sentimento diante das mudanças. Virgínius da Gama e Melo, e as demais personagens dessas histórias, viveram numa cidade e num contexto de profundas transformações. Virgínius se fixa permanentemente em João Pessoa no final da década de 1950, e esse momento de sua trajetória marca sua inserção num campo de produção cultural paraibano que começava ganhar novos contornos. No relato de Ramos, “as grandes tertúlias estavam chegando ao fim”, e “os Grêmios Literários estavam com seus dias contados”. A cidade também passava a experimentar uma intensa transformação. O senador David José dos Reis, protagonista do livro de Severino Ramos, “não sabia se a cidade crescia ou se estava ficando menor. Porque menores eram os espaços para os bondes nas ruas e já começavam a desaparecer os lugares das cadeiras nas calçadas” (RAMOS, 1985, p. 27).

Ramos manifestava um sentimento compartilhado com outros sujeitos na virada da década. No campo social e político, a emergência das Ligas Camponesas, e o consequente combate destas pelas oligarquias locais, mobilizou a opinião pública, em especial os intelectuais e militantes políticos em torno das questões sociais. Como também se assistiu a instabilidade política e o posterior Golpe de Estado. A expansão da UFPB se deu num contexto de repressão, assim como a mobilização estudantil. No campo da produção cultural, novos espaços, na imprensa e na cidade, iam surgindo ou sendo ocupados pelos boêmios e intelectuais. E ao longo da década de 1960 a cidade expandiu seus limites urbanos, levando

esses sujeitos a reinventarem sua relação com a cidade. Esse contexto de ebulição e as transformações pelas quais a cidade passava despertaram diversos sentimentos nesses personagens. Tais impressões ficaram registradas em notícias, artigos, crônicas, obras de arte, entre outras expressões artísticas desse campo, como no poema de Severino Ramos:

A cidade crescendo subindo, caminhando em busca do mar,
 Despindo-se de antigas vestes, deixando de ser província para ser Capital.
 Capital das Acácias, Cidade-Jardim, Cidade-Mar.
 A cidade sofre com a morte de Zé Lins.
 O senador David Consola Vitorino Papa-Rabo.
 - É o cu da mãe!
 Vitorino Carneiro da Cunha, Banguê, Fogo Morto, Usina,
 Menino de Engenho, Corredor, Itapuá.
 Morre Alyrio Wanderley,
 Morreu Miguel Metri
 Orós vai estourar
 Jânio Renuncia.
 Manchetes de sangue:
 Mataram João Pedro Teixeira:
 Mataram o vendedor de Amendoim (RAMOS, 1985, p. 29)

A forma que esses sujeitos concebiam a cidade a viam como uma construção própria das suas vivências. Nesse sentido, as transformações que se operavam, bem como os interesses próprios do campo de produção cultural, trouxeram inquietações que levaram esses agentes a se tornarem centrais no processo de pensar as políticas públicas para a cultura e para a cidade, lançando mão dos seus saberes artísticos e científicos e dos lugares que foram ocupando na Universidade, nos governos e, principalmente, na Imprensa.

4 O TERNO DE VÍRGINIUS

Virgínius da Gama e Melo nunca se apresentava em público em “mangas de camisa” – expressão que se referia às vestimentas casuais e que destoavam do *dress code* usual entre os intelectuais, jornalistas e políticos até meados do século XX. Essa prerrogativa despertava diversas interpretações de seus amigos. Para alguns, era apenas uma excentricidade do escritor, que era conhecido pelos seus ternos em linho tropical listrado ou, na sua maioria, brancos. No entanto, a sua forma de se vestir ajuda a compreender a construção do sujeito e sua atuação no campo de produção cultural.

A roupa é um elemento que muitas vezes passa despercebido nos estudos sobre as trajetórias intelectuais. Porém, no caso de Virgínius da Gama e Melo, esse artefato não deixava de ser notado. O terno fazia parte de sua “assinatura” e era a primeira imagem que se destacava quando da sua presença e seus amigos passaram a tomar o terno como elemento recorrente em suas representações sobre Virgínius.

A insistência das alusões aos seus óculos, sua voz, seu terno, sua cabeleira, deve ser tomado para além das descrições. Essa insistência ajuda a compreender a personagem em sua vida pública, o que pode indicar, a partir de um ou outro desse elemento, códigos compartilhados entre esses sujeitos.

O cineasta Machado Bitencourt recordava o dia em que conheceu o escritor. Além das falas de Virgínius sobre um artigo do cineasta, chamou atenção de Bitencourt a forma como o escritor se vestia em pleno domingo de sol. Disse Bitencourt:

Conheci o Virgínius da Gama e Melo na praia de Manaíra, numa manhã ensolarada de 1961.

[...] Recordo aquele sol porque debaixo dele estava um homem de cabeleira cultivada ao estilo “castr’ Alves”, vestindo num sisudo paletó escuro, bem ao figurino das solenidades fúnebres. O homem era Virgínius da Gama e Melo. Encontrar alguém de paletó e gravata numa praia cheia de insolação não chega a ser fato extraordinário. Acontece que naquele dia o calendário assinalava a passagem de um Domingo. Bom, neste velho mundo, tudo pode acontecer... (Correio das Artes, 31/12/1995, p. 7)

Por mais que essa indumentária fosse de uso comum em meados do século XX que na atualidade, ainda chamava atenção o seu uso em algumas situações, como trajá-lo em plena praia. O terno chamava a atenção dos olhares alheios. Quem convivia com Virgínius da Gama e Melo já estava habituado a tal característica. Dotado de simbolismos, o terno tornou-se uma memória material do sujeito. Com sua morte, a sua representação passou a remeter à

materialidade da figura de Virgínius. Hoje, chama atenção a forma como o terno é associado à personagem.

O seu uso estava relacionado à construção e promoção da sua imagem. Pode-se dizer que “uma identidade demasiadamente visível está lá” (STALLYBRASS, 2008, p. 33), na vestimenta, nos óculos e na forma de se portar. Trajando tal vestimenta, pode-se dizer que a personagem estava “vestido em condições em que pudesse ser visto” (STALLYBRASS, 2008, p. 48). Deve-se circunscrever os espaços de sociabilidade e profissionais como os cenários onde Virgínius seria visto.

Porém, mais que focar no objeto em si, atenta-se para as relações sociais nas quais a vestimenta seria um dos códigos. A vestimenta corporificava uma representação da personagem e do grupo, antecedendo a linguagem política do grupo⁴³. Entendendo as condições materiais das relações no campo, observa-se que o vestuário era parte significativa do conjunto de regras compartilhadas, tanto no papel, quanto de forma não dita.

Para algumas categorias profissionais e grupos sociais havia o disciplinamento das indumentárias. O jornalista Luiz Augusto Crispim, em artigo no *O Norte*, comentava a recém-publicação da portaria do Ministério Público da Paraíba que disciplinava a indumentária dos procuradores. O jornalista pegava esse exemplo para ironizar as indumentárias dos jornalistas, falando que “agora, são os jornalistas que se enquadram em normas da alta costura” e dizia que as “autoridades devem pensar na forma legal de normalizar o uso paletó, segundo as últimas criações da moda”. Não se devia admitir, por exemplo, na Assembleia Legislativa, “contrastos tão flagrantes entre o colendo plenário e uma bancada de imprensa demodée”. E aproveitou para criticar a Assembleia, dizendo que “essa compostura, afinal, tem o propósito de ampliar ainda mais os horizontes das nossas preocupações parlamentares” (O NORTE, 2/8/1975, p. 4). A partir da crítica de Luiz Augusto Crispim, observa-se que, independente do gosto individual, os grupos determinavam regras a serem seguidas, ou ainda, construía códigos a serem compartilhados de maneira menos impositiva.

Ironicamente, o artigo foi publicado na mesma edição que noticiava a morte de Virgínius da Gama e Melo e na página que trazia as suas crônicas. No mesmo número era possível encontrar menções à sua forma de vestir. Na edição do dia seguinte, na cobertura das

⁴³ Stallybrass, em seu ensaio sobre as vestimentas na história a partir da análise do casaco de Karl Marx, traz o exemplo do fustão, tecido usado pela classe operária, para exemplificar como um grupo social poderia ser reconhecido a partir dos seus trajes e do material do qual eles eram confeccionados. A partir de Friedrich Engels, o autor vai dizer que as roupas “eram as marcas visíveis da classe”. A partir do seu estudo é possível analisar os simbolismos e, principalmente, a materialidade das vestimentas nas relações sociais e econômicas. E, estudo da trajetória de Virgínius, o terno, sempre referenciado como uma das excentricidades do escritor, é tomado como fio condutor para compreender parte da dinâmica do campo de produção cultural e do campo político. Ver: STALLYBRASS, Peter. *O casaco de Marx – Roupas, Memória, Dor*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

cerimônias de velório e sepultamento, o jornal tratava de mencionar o terno com o qual o escritor havia sido sepultado: um terno de linho tropical azul com listras vermelhas.

As descrições que se faziam das roupas de Virgínius tinham, basicamente, a intenção de descrever uma peculiaridade sua, mas também passavam pela “construção de um discurso simbólico de classe” (Idem, 2008, p. 59), no qual associava sua postura e forma de se vestir à sua origem nobiliárquica. Severino Ramos fez referência às vestimentas de Virgínius em versos: “Virgínius da Gama e Melo/ de família nobre, com sua fidalguia/ e seus ternos de linho branco./ Suas mãos finas, alvas e esvoaçantes/ como se estivessem a soltar pássaros invisíveis”. Ramos continuava a associar o terno à nobreza do escritor, dizendo que Virgínius “era um Príncipe nos gestos, no traje e nas palavras. No trato com os amigos, com as letras e com as damas de sua imaginação” (RAMOS, 1985, p. 32).

Orlando Tejo narrou que certo dia Virgínius chegou ao escritório, quando ainda morava em Recife, portando terno desalinhado e muitas marcas de pombo pelos ombros. O seu tio, o deputado Veneziano Vital do Rêgo, “notando certo desleixo no vestir” do sobrinho, tratou de levar até a sua casa o “melhor alfaiate de Recife para tirar as medidas de Virgínius por uma de suas roupas, visando fazer uma surpresa”. Certo dia, ao abrir a porta de seu guarda-roupas, Virgínius se deparou com vários ternos e camisas novas (VIRGÍNIO DA GAMA..., 31 de dezembro de 1995, p. 5).

Essa narrativa corroborava a imagem que associava o escritor à seus laços familiares, sendo incompatível a sua origem com o desleixo na forma de se vestir. E na construção de sua autoimagem, a forma de apresentar-se era fundamental. Não haveria espaço para ser representado fora dos códigos pré-estabelecidos na construção de sua *persona* pública.

Além de ser representado nas narrativas, o terno ficou registrado nas fotografias. Nelas, observa-se a imagem de Virgínius usando, na maioria das vezes, um de seus ternos. Nos bares, nos eventos de Literatura, em solenidades, acompanhado de amigos ou personagens da política e da intelectualidade nacional, ou em retratos individuais.

Uma das fotos mais significativas que representa as relações que Virgínius da Gama e Melo estabeleceu ao longo de sua trajetória, foi publicada no jornal *A União*, de 31 de julho de 1983, como parte de um artigo publicado em sua homenagem. Nela, percebemos a representação das roupas e as inscrições das relações sociais estabelecidas no campo de produção cultural paraibano.

Figura 6 – Fotografia de José Américo com jornalistas paraibanos. A UNIÃO. 31 de jul. de 1983, p. 24.



Fonte: Acervo da Academia Paraibana de Letras.

Estão representados, entre os identificados, da esquerda para a direita, o jornalista e fotógrafo, Rafael Mororó (1) e, ao seu lado, o cronista Gonzaga Rodrigues (2). O cronista confessou que não tinha uma relação próxima à Virgínius da Gama e Melo e que havia, até, certa divergência política entre ambos, porém, Rodrigues chegou a procurar o escritor intencionando uma leitura crítica de um projeto literário seu. Seguindo, vê-se os jornalistas José Ferreira Ramos (3), Geraldo Oliveira (4), José Teotônio (5), Carlos Augusto de Carvalho (6) e o poeta Jomar Moraes de Souto (7), que integrou a *Geração 59*. Ao ingressar de Recife no final da década de 1950, Virgínius se envolveu em intensa polêmica com os integrantes desse grupo. Os debates em torno de concepções artísticas gerou certo atrito entre essas figuras. As relações tomaram outras configurações no decorrer da década de 1960 e Virgínius chegou a escrever o prefácio do livro de poemas de Jomar Souto, intitulado *Itinerário Lírico da Cidade de João Pessoa*, em 1962. Ao seu lado está Jório Machado (8), seguido do jornalista José Leal (9), Ipojuca Pontes (10), Zabilo Gadelha (11), Eurípedes Gadelha (12) e José Américo (13) ao centro da fotografia. Segue-se: Waldemar Duarte (14), amigo íntimo de Virgínius; Aurélio Albuquerque (15), que mantinha a coluna *Flagrantes*, no jornal *Correio da Paraíba*, comentando os fatos sociais e políticos locais e nacionais; mais atrás o jornalista Wills Leal (16), amigo e vizinho de Virgínius; Lícia Albuquerque (17); Arquimedes Cavalcanti (18); Oswaldo Parahyba (19); José Souto (20); Virgínius da Gama e Melo (21); Rubens Campos (22) e o jornalista e historiador José Octávio de Arruda Melo (23).

Esta fotografia, tomada como documento histórico, ajuda a compreender a conformação do campo de produção cultural na Paraíba durante o século XX, bem como as relações sociais e as trajetórias individuais de seus membros, “basta que nos interroguemos

sobre as circunstâncias históricas que a tornaram possível e significativa” (GARCIA JÚNIOR, 2007, p. 76). Publicada décadas após a sua feitura, a fotografia e os sujeitos representados eram apresentados como “o time da velha guarda da imprensa” paraibana. A legenda não traz o ano, nem onde os sujeitos se encontravam no momento em que a fotografia foi feita. Mas alguns elementos representados ajudam a compreendermos o contexto de sua realização.

Julgando pela fisionomia de alguns personagens e tomando como referência outras fotografias dessas personagens, pode-se afirmar que é da década de 1960, possivelmente da primeira metade. Levando em consideração o cenário e a presença central do escritor José Américo de Almeida, deduz-se que foi feita durante algum encontro em sua residência. A casa de José Américo de Almeida estava localizada na beira mar do Cabo Branco e lá era ponto de encontro da intelectualidade e políticos locais e passagem obrigatória de toda personalidade nacional que passava pela cidade. Pode-se dizer que à frente da casa de Virgínius só estava a de José Américo de Almeida. Porém, esta não carregava a aura boêmia de outros espaços de sociabilidade intelectual da cidade; tinha um caráter mais oficial.

Analisando a fotografia, observa-se que não parece haver uma regra sobre as vestimentas. O momento, inclusive, parece fazer parte de algum encontro menos formal, mas não menos importante, e por isso mesmo Virgínius da Gama e Melo trajava o seu terno que, possivelmente, era da cor branca e mantém uma postura solene naquele momento. Mas o central a se observar na fotografia é a construção da cena. As personagens e sua disposição diz muito sobre o campo de produção cultural naquele momento.

Parafraseando Afrânio Garcia Júnior, tal fotografia não poderia ser feita no final dos anos 1950 e início dos anos 1960⁴⁴, tanto pelos motivos específicos que deve ter levado essas personagens até a casa de José Américo, ou pelo menos a presença de Virgínius nesse grupo. Esse período marcou a sua volta à cidade de João Pessoa, e sua chegada foi marcada por polêmicas. De início, com a *Geração 59*, grupo do qual Jomar Morais de Souto foi integrante e logo depois se envolveu em intensos debates com o *Grupo Sanhauá*.

⁴⁴ Afrânio Garcia Júnior, no seu estudo sobre a participação das elites agrárias do “Norte” nos eventos da “Revolução de 1930”, analisou as trajetórias dos principais líderes intelectuais desse processo, com destaque para o cearense Juarez Távora e o paraibano José Américo de Almeida. No estudo, Garcia Júnior faz uma análise minuciosa de uma fotografia do casamento de Juarez Távora. Nela, encontra-se, além dos noivos, os principais representantes da nova ordem política do Brasil. O autor observa os lugares ocupados pelas personagens na imagem e suas relações e alianças na trama política, e nota que estão representados o poder político, militar, cultural e religioso. É o ponto de partida para sua análise do campo político brasileiro a partir de 1930. Ver: GARCIA JÚNIOR, Afrânio. Os Vice-Reis do Norte: reconversão de elites agrárias e a revolução de 1930 (1920-1964). In: Revista de Ciências Sociais. v. 38. n. 2. Fortaleza: UFC, 2007, p. 73-87. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revcienso/issue/view/72> > Acesso em: 10 de setembro 2017.

Nas eleições para governo do estado em 1950, Virgínius da Gama e Melo e José Américo estavam em lados opostos. Virgínius era o orador oficial da campanha de seu tio Argemiro de Figueiredo, que perdeu a eleição para José Américo. Ainda na década de 1950, Virgínius publicou no *Jornal do Comércio* três críticas literárias intituladas “O equívoco de José Américo I”, em 26 de maio de 1957, “O equívoco de José Américo II”, em 7 de julho do mesmo ano, e o “Pensamento de José Américo”, nas quais teceu duras críticas à obra “A Bagaceira”, questionando o seu lugar de marco do romance brasileiro, bem como a figura do escritor e político, autor da obra.

Em 1962, Virgínius da Gama e Melo escreveu o prefácio do livro de poemas de Jomar Souto, escrevia em jornais locais ao lado de vários dos jornalistas retratados e estava à frente da organização do III Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária, que contou com a ajuda de vários nomes da *Geração 59*. Em 25 de novembro de 1962, publicou também no *Jornal do Comércio*, o artigo intitulado “Primeiro Romance Nacional”, no qual concebia a obra de José Américo como um marco do romance realista nacional.

Assistia-se, então, uma reconfiguração nas relações pessoais de Virgínius da Gama e Melo, que se deu ao passo que ia ocupando lugares de destaque no campo de produção cultural da Paraíba. A presença desses jornalistas, poetas e cineastas ao lado de José Américo representa um momento de construção de um capital social. A presença do escritor, ex-governador e ex-ministro no centro da cena representa o seu poder político e cultural nesse contexto, como também o reconhecimento das demais personagens da centralidade da figura do escritor. Construir o registro desse momento era parte fundamental desse processo de estruturação das relações entre os agentes desse campo. Assim como era para a construção da autoimagem de cada personagem retratado.

4.1 A INVENÇÃO DO INTELECTUAL: projetos, polêmicas e arranjos

Virgínius torna-se intelectual. Ao propor uma história dos intelectuais, o processo que elevou Virgínius a essa condição deve ser compreendido a partir das condições e dimensão material de uma disputa em torno de tal categoria, que envolveu projetos, circunstâncias, cálculo e estratégias, colocando em cena redes de sociabilidades que demarcaram as disputas travadas por Virgínius no seu processo de construção da sua *persona* pública que o levou ao epíteto de intelectual consagrado e liderança cultural na Paraíba.

A imagem que foi construída de Virgínius da Gama e Melo, principalmente pelas biografias, é a do intelectual nato, que desde criança expressava os dons do homem de letras.

As biografias e relatos, escritos principalmente por sujeitos próximos ao escritor, também naturalizam as relações e laços de amizade entre Virgínius e seus pares, não evidenciando os jogos de interesses e conflitos que marcaram as redes de sociabilidade as quais o escritor estabeleceu em vida.

Sua trajetória foi marcada por projetos e práticas que atendiam a diversos interesses. E, se um projeto intelectual do homem de letras não foi posto em prática ou ocupou lugar central em parte de sua vida, eventos pessoais e projetos que não foram bem sucedidos produziram curvas e os desdobramentos levaram a empreendimentos que visaram seu estabelecimento no campo de produção cultural. Este estabelecimento não garantia um lugar fixo, pelo contrário. O foco era a centralidade. Não era um processo linear. E ao passo que ia construindo a sua autoimagem, Virgínius ia ocupando espaços de destaque na imprensa, nos governos, na universidade e nos círculos literários e intelectuais.

Ao mapear o percurso empreendido por Virgínius na construção de sua autoimagem de intelectual, chama atenção algumas peculiaridades que ajuda a entender a complexidade em categorizar tais personagens. Portanto, mais que tentar enquadrar Virgínius da Gama e Melo num modelo de intelectual, deve-se mapear e entender a sua experiência e, assim, compreender o que o caracteriza com tal ator social denominado *intelectual*.

Virgínius possuía todas as credenciais mais marcantes da intelectualidade local: passagem pelo curso jurídico da Faculdade de Direito do Recife e um cabedal familiar que, do lado materno e paterno, supria as necessidades materiais e simbólicas. Também se inseriu na política partidária e frequentou clubes e outros espaços da sociabilidade oligárquica, como também da boemia local. Virgínius seguia uma trajetória, até certo ponto, avessa ao do “moderno intelectual brasileiro”, “inventado” por Mário de Andrade, como fala Micelli (2009), que se projetou construindo um percurso que fugia a lógica da intelectualidade paulista até meados da década de 1920, que era marcada, justamente pelos laços familiares oligárquicos, passagem pela Faculdade de Direito, absorção dos modelos masculinos e circulação pelos clubes e eventos da elite.

Enquanto estudava em Recife, experienciou o ingresso na sociabilidade letrada, frequentando os círculos de poetas e intelectuais, além do universo boêmio. Nesse período já contribuía com a imprensa local. Após concluir o curso de Ciências Jurídicas, dedicou-se, durante a década de 1940, ao exercício da advocacia na cidade de Campina Grande, de onde adivinha a família materna e paterna. Ambas ligadas à política partidária. Foi envolto nesse contexto que Virgínius lançou nessa seara, dedicando-se à campanha do tio Argemiro de Figueiredo ao governo do estado.

Apesar do nome que carregava e das experiências vivenciadas em Campina Grande, Virgínius decidiu percorrer um campo avesso ao que havia sido delegado, ou ao qual “naturalmente” a família esperava que percorresse, o do Direito e da política partidária. A derrota no pleito de 1950 pode ser tomada como um momento crucial para produzir uma curva que o levou em direção ao campo de produção cultural. A década de 1950, em Recife, foi dedicada à formação jornalística e literária e de inserção nos espaços de debate intelectual. Porém, sem se distanciar dos debates da política e da política partidária, visto que cobria os trabalhos na Assembleia Legislativa de Pernambuco e possuía a coluna “Política é isto”, no *Diário da Noite*.

Ao se empenhar num projeto em torno da literatura, processou-se uma dualidade na trajetória de Virgínius. De um lado, a construção de uma imagem que divergia da intelectualidade oriunda das oligarquias. Cabe lembrar que se investiu da imagem do “rebelde e marginal” em virtude do pertencimento ao lado empobrecido da família e por ter sido criado pelas tias. Porém, mesmo advindo de uma parte menos abastada da família, valeu-se de uma rede de parentes para empreender seus projetos, desde os estudos em Recife, até a circulação por círculos de sociabilidade, passando pela imprensa e pelo Estado.

Essa dualidade pode ser entendida a partir da busca de distinção dentro do campo. Ao querer se projetar, buscava apresentar méritos que não seriam frutos exclusivos de suas filiações familiares, mas do próprio talento. Ou, como chegou a dizer a Gilberto Amado, em razão da política de oposição de sua família, não encontrava espaço para exercer função pública.

Virgínius escreveu a Gilberto Amado em 1961, poucos anos após se estabelecer em definitivo em João Pessoa. Nesse momento, ainda buscava se firmar num cenário marcado por grupos intelectuais e nomes consagrados, como José Américo de Almeida, que, em seus tempos de atuação político-partidária, era oposição à família de Virgínius. Logo, Virgínius ainda Tateava esse terreno, visto que, anteriormente, havia levantado debates polêmicos envolvendo este personagem.

Virgínius da Gama e Melo sabia reconhecer a centralidade de algumas personagens no campo de produção cultural, como também no campo político, e sabia da importância de se filiar, de alguma maneira, a elas. De um lado partiu para o estudo das obras de Raul Pompéia (ainda na década de 1940), Graciliano Ramos e, principalmente, José Lins do Rêgo, publicando uma série de artigos em 1956 sobre a obra do escritor paraibano (“Vitalismo da morte em José Lins do Rêgo”, “Oposição às influências em José Lins do Rêgo”, “O romance político do Recife”, “Ainda o Romance Político”, “Ainda o romance político do Recife” e “A

cartase da pedra bonita”). Com artigos publicados no *Jornal do Comércio* nos anos 1950, buscava-se tornar referência nos estudos desses escritores. Mas também tinha uma estratégia que parecia um tanto arriscada, porém, necessária num projeto que, aos olhos de hoje, parece bem definido como parte de um objetivo que visava o seu destaque no campo de produção cultural.

Virgínius encontrou no embate direto com figuras consagradas uma forma de promoção da sua imagem de crítico literário. O tom desabusado e polêmico trouxe notoriedade. E, depois, por diversas circunstâncias, Virgínius acabou por se tornar pressurosa linha auxiliar dos nomes que procurou detratar em suas críticas literárias.

Nascido na Paraíba, Virgínius criticava o principal líder político e um dos principais escritores nascido no estado. Morando em Recife, a polêmica teria sido direcionada a um dos principais intelectuais de Pernambuco, Gilberto Freyre. Os julgamentos à Freyre surgiam em parte como consequência da crítica que proferia a obra de José Américo de Almeida, *A Bagaceira* (1928), o prestígio que esta teria recebido no Sul.

Virgínius ironizava a empreitada de intelectuais, em especial a “igrejinha” – como ele costumava chamar os agrupamentos intelectuais – que se formara em torno do “Congresso Regionalista” de 1926. Com a obra de José Américo de Almeida, enfim, o Nordeste fora ouvido. Na série de artigos que publicou no *Jornal do Comércio*, de 26 de maio a 14 de julho de 1957, que analisava e questionava o caráter dado ao romance *A Bagaceira* de marco da literatura nacional, Virgínius também questionava a reverberação dos regionalistas pernambucanos no cenário nacional. Assim como em Pernambuco, também surgiram “igrejinhas” mineiras, paulistas, cariocas. Porém, para Virgínius, “os gritos pernambucanos morreram por aqui mesmo sem despertar a atenção dos outros trêfegos rapazes. E ainda hoje essa participação de Pernambuco na fase literária em que viveu a sua vida o modernismo é esquecido até pelo sr. Tristão de Athayde⁴⁵ (...)” (MELO, 1980, p. 20-21). Virgínius ainda enfatizava que o Manifesto Regionalista e os seus frutos não haviam transpostos os rubicões do Nordeste, cabendo apenas serem cantados em verso e prosa pelas memórias de seus entusiastas. Todos esses julgamentos foram esquecidos anos depois. Porém, em 1957, a tônica era a dos ataques diretos às figuras que eram centrais na cultura paraibana e pernambucana.

As ressonâncias dos embates com o “Mestre de Apipucos” foram narrados por Orlando Tejo. O jornalista conta que não demorou para que a polêmica se espalhasse entre os

⁴⁵ Tristão de Athayde (1893-1983), pseudônimo de Alceu Amoroso Lima, foi tomado por Virgínius da Gama e Melo como uma de suas principais referências no que tange à crítica literária, na sua leitura sobre o movimento modernista de 1922 e na sua análise literária. As referências que Virgínius tomou para os seus trabalhos de crítico, romancista e cineasta serão abordadas no Capítulo 3.

intelectuais recifenses, tornando-se a pauta central dos debates durante três ou quatro meses em que a polêmica estava instaurada em meados de 1957.

Segundo Tejo, “silenciados os clarins tonitruantes da guerra construtora, para um carro oficial à porta da ‘Portuguesa’ e todos se surpreenderam”. Gilberto Freyre chegava no bar A Portuguesa; segundo Tejo, “entrando, pela primeira vez em um ambiente mundano”. Freyre procurava Virgínius. Orlando Tejo narra, com tons épicos, que Gilberto Freyre estendeu a mão para cumprimentar Virgínius dizendo: “Venho cumprimentar o sociólogo que me venceu! Pensei que estava discutindo com um sociólogo de minha geração e deparei com um menino!”. E conferindo dramaticidade à cena, disse que a comoção tomou conta do bar (VIRGÍNIUS DA GAMA..., 31 de dezembro de 1995, p. 6).

A partir da narrativa de Orlando Tejo, pode-se dimensionar a importância que o reconhecimento de uma figura como Gilberto Freyre teria tido para a trajetória de Virgínius da Gama e Melo. Percebe-se que a fala de Tejo confere um lugar central a Gilberto Freyre na intelectualidade pernambucana da década de 1950 e confere ao evento ares de cerimônia, pois, findo os debates com aquele episódio, Gilberto Freyre sagraria Virgínius da Gama e Melo. E o escritor não abriu mão das “bênçãos” recebidas.

Desse episódio, ficou a narrativa de um convívio do crítico. Porém, o rearranjo da relação entre Virgínius e Freyre ficou documentado nas críticas publicadas no *Jornal do Comércio* a partir de 1959, ano que marcou sua volta aos jornais depois do seu tratamento de saúde e quando fixou residência em João Pessoa, nas correspondências e nas críticas de Gilberto Freyre à obra de Virgínius.

A polêmica com Gilberto Freyre é contemporânea à dispensada a José Américo de Almeida. Mas no cenário local Recife-João Pessoa, nenhuma polêmica foi mais direta quanto às dirigidas ao autor do romance *A Bagaceira*.

Durante meados de 1957, Virgínius publicou uma série de artigos no *Jornal do Comércio*, nos quais analisava a obra e o pensamento de José Américo de Almeida. Logo no primeiro artigo, intitulado de *O Equívoco José Américo I* (26.05.57), Virgínius contextualiza como o romance de José Américo de Almeida foi concebido pela crítica e como essa concepção cristalizou um mito em torno da mesma. Críticos literários como Álvaro Lins e Tristão de Athayde, como também, nas palavras de Virgínius, um “pessoal menor”, a exemplo de Antônio Cândido e Afrânio Coutinho, conceberam e insistiram no epíteto de “marco do romance do romance nacional”, renovando “os nossos termos literários, criando o romance autóctone, em contraposição ao romance do sul”, que, mesmo com a “paixão modernista”, não conseguiria atingir “um nível capaz de impressionar pela expressão telúrica e pela

renovação de forma e técnica”. Ainda segundo Virgínius, para a crítica entusiasmada, A Bagaceira cumpria a função de renovação e influência, despejando logo após, para o país, “uma enxurrada de romances e romancistas nordestinos” (MELO, 1980, p. 17).

Porém, Virgínius passava a questionar tais concepções, mesclando intenção analítica e ataques à persona política de seu autor. A crítica à concepção de modernidade da obra era posta:

A Bagaceira, em nada é um romance moderno. Nem na forma, nem no estilo, nem na caracterização das personagens. Poderia ter saído, sem escândalo, no século passado [...]. Em 1927 jamais poderá ser o que lhe atribuíram – um livro revolucionário, uma renovação. Poderá ser, isto sim, a revelação de um romancista, mas não a revelação do romance marco (MELO, 1980, 17-18).

O crítico também questiona o lugar de referência que o romance teria ocupado na literatura regional. Virgínius defendia, em 1957, que a obra se tornara isolada, assim como o próprio autor no conjunto de escritores nordestinos. Questionava Virgínius:

Onde um José Lins do Rêgo, um Graciliano Ramos, uma Raquel de Queiroz, sofrem influência de A Bagaceira? Começa logo por uma transplação [sic] de irreabilidade, quando esses romancistas pretendiam o realismo – José Américo trata da seca na zona da mata. E enquanto aqueles outros romancistas guardaram entre si afinidades intrínsecas, poderosíssimas, que os grupalizam claramente, o livro do paraibano permanece como isolado, porque nada do que lhe veio depois se lhe equiparou ou sofreu, está claro, a sua influência. Foi portanto, isolado, e no capítulo das influências, perfeitamente inócuo, não sendo, portanto, justo atribuir-lhe um valor de marco que tivesse aberto o caminho para a literatura nova, desde que ninguém o seguiu, ninguém com ele se influenciou (MELO, 1980, p. 18).

Virgínius encontrava na influência pessoal do próprio José Américo de Almeida, nos vários âmbitos em que atuou, as razões para o que ele, naquele momento, considerava uma “conceituação falsa” em torno do romance. A crítica à obra passava a ser direcionada ao sujeito político. Sua trajetória política em meio aos eventos da *Revolução de 1930* e seus desdobramentos ajudaram a criar o “mito”. E, nesse sentido, segundo Virgínius, “o mito político estende-se ao mito literário [...]. O mito absorveu tudo” (Idem, p. 18-19). Tudo que se passou a falar sobre a obra seria “mera repetição do que disse nos Estudos o crítico católico [Tristão de Athayde]” (MELO, 1980, p. 19).

O próprio Virgínius enfatizava que a análise do romance dentro de “sua verdadeira posição” deveria se dar “analisando-o friamente, não só a ele, mas também ao autor”,

personagem esta “mítica, equívoca e equivocadora”. (1980, p. 19) Tal tom não é encontrado em artigos anteriores e sobre outros autores nos quais o crítico empreendeu análises de suas obras, como Raul Pompéia, José Lins do Rêgo ou Graciliano Ramos.

É certo que este artigo não passou imune ao debate intelectual, levando Virgínius a aprofundar suas críticas. Em 7 de julho de 1957, o crítico publicava, também no *Jornal do Comércio*, o artigo intitulado *O equívoco José Américo II*. Neste, o autor volta a atribuir a Tristão de Athayde a “criação do mito”, e diz que este foi “o seu único leitor na época, responsável por toda essa confusão [...] A Bagaceira, entretanto, depois do artigo de Tristão de Athayde divulgando o pálido livro impresso na União Editora, o fixara na história literária. Daí em diante ninguém mais o excluiria da posição em que o colocara Tristão” (MELO, 1957, p. 20-21b).

Nos movimentos de posições intrínsecos ao campo intelectual, percebe-se a leitura de Virgínius sobre o papel do crítico literário nesse processo. E, ao questionar a leitura de Tristão de Athayde, Virgínius busca realocar José Américo de Almeida e sua obra dentro do campo e dentro da história literária e, por consequência, posicionar-se como intelectual produtor de sentidos e com poder de determinar o jogo de posições no campo.

Virgínius aproveitou o ensejo dos 30 anos da publicação da primeira edição do romance para produzir a série de artigos. Segundo o crítico, era o momento de repensar o lugar dado a obra:

Tantos anos passados porém, se impõe a revisão e a colocação de José Américo, dentro de *A Bagaceira*, como autor de um livro não porém de um romance, como de um orador eloquentizando páginas que supõe de narrativa romanesca, como de um político orientado racionalmente, e não de um esteta, possuído de fogo criador (MELO, 1957, p. 21b)

Seguindo sua detratção da obra, Virgínius empenhou-se em questionar a leitura social do problema da seca na obra. Para o crítico, no segundo artigo, José Américo de Almeida se fixou nos aspectos físicos da seca, mesmo sendo de sua seara o debate sobre as condições econômicas e sociais do problema da seca, como demonstrou em seu livro *A Paraíba e seus problemas* (1923). Em *A Bagaceira* o autor deixou prevalecer “a falsidade de sentimentos (...) cômodo de satisfazer todo mundo” (MELO, 1957, p. 21-22b).

Ao empreender a crítica no segundo artigo, Virgínius adentra, novamente, na persona política de José Américo, sendo mais enfático em seu julgamento. Mesmo defendendo que “podem coexistir o romancista e o político”, Virgínius dizia que José Américo de Almeida não comportava as duas facetas:

o que absorveu José Américo na *A Bagaceira* foi a sua natureza de político, quer dizer uma natureza anti-romanesca por excelência. [...] Como político ele se prende ao fato consumado quando o romance é a perspectiva desse fato, a criação de um clima para a eclosão desse fato, a fixação de uma consciência para adaptar-se a esse fato. O romancista medíocre, este, fará a narração da história, dando ao fato a proeminência que ele não possui. (...) Em *A Bagaceira* o fato é a própria finalidade, o que define muito o romance de um político que nada tem de romancista (MELO, 1957, p.22b).

Virgínius da Gama e Melo conclui o segundo artigo ratificando que José Américo devia ser visto como um político que em nada tinha de romancista – ao citar *Boqueirão e Coiteiros*, no primeiro artigo, também buscou enfatizar esse caráter. Ao propor esse reposicionamento, Virgínius partia para o debate nos termos políticos.

Virgínius da Gama e Melo não fazia menção aos embates políticos que travou com José Américo de Almeida no início da década de 1950. Porém, os mesmos perpassam as disputas que se deram no campo intelectual e ajudam a compreender a relação conflituosa que Virgínius travava com sua própria persona política. Ao passo que passou a negar as filiações políticas de sua família, seja materna ou paterna, não abriu mão, quando lhe convinha, do cabedal familiar ao longo de sua trajetória; como também demonstrava, em episódios como esse, que as marcas das disputas políticas travadas pela sua família também circunscreviam seus interesses.

Era perceptível o ressentimento que Virgínius trazia de José Américo, opositor político de sua família; como também nutria oposição aos grupos políticos herdeiros de 1930. Além dos ressentimentos nutridos com o pleito estadual de 1950, vencido por José Américo de Almeida.

A experiência político-partidária não se limitou ao pleito de 1950. Apesar de não se envolver diretamente nas disputas partidárias após a experiência do pleito estadual, Virgínius não se ausentou do debate, nem se eximiu de envolvimento político-partidário, muito menos das conjunturas políticas locais e nacionais a fim de angariar benesses e articular movimentos no campo de produção cultural.

No final da década de 1950, pelo menos da parte de Virgínius da Gama e Melo, José Américo de Almeida ainda se configurava, se não como um opositor partidário, mas como uma figura a ser combatida, agora, por meio do debate intelectual. Por um lado, pode-se compreender que Virgínius se sentia autorizado a desconstruir figuras de grande porte da intelectualidade regional, ou, por outra perspectiva, buscava se destacar e se colocar como

fala autorizada em afrontar tais nomes consagrados e, assim, prosseguir em busca da própria consagração.

Em 14 de julho de 1957, Virgínius publicava um terceiro artigo, agora voltado ao pensamento político de José Américo. O artigo intitulado *Pensamento de José Américo*, propunha uma reflexão a partir das comemorações da “Revolução de 1930” que, em 5 de julho, reuniu antigos oficiais e civis revolucionários. Segundo Virgínius, a ocasião serviu para repensar mais um equívoco, agora do pensamento político brasileiro, de que “José Américo se constituiu um símbolo civil como Juarez [Távora] se constituiu o militar” dos eventos de 1930 (MELO, 1957, p. 22c).

Na análise de Virgínius, o livro *A Paraíba e Seus Problemas* (1923), “obra de vulto, um dos estudos mais completos de geografia humana já realizados no País”, garantiu a José Américo os subsídios para ser tomado como a figura que representaria o “pensamento profundo” dentre os homens que conquistaram o poder em 1930. Segundo Virgínius, “a ocasião era propícia”. Além disso, “prestígio intelectual entre todas as classes não lhe faltava. O seu nome já se espalhava pelo país inteiro” (MELO, 1957, p. 23c). Para Virgínius, José Américo fez uma boa primeira administração frente ao Ministério da Viação, mesmo os inúmeros açudes que espalhou pelo interior do Nordeste logo se mostrando inúteis. Porém, ao ser chamado novamente por Getúlio Vargas, sua segunda administração teria sido marcada pelo “vazio de tudo”.

Se nos dois primeiros artigos Virgínius coloca que, enquanto romancista, José Américo não passava de um político, agora ao falar do político, resume-o a um homem de letras. Para Virgínius, a ação política de José Américo se destacava pelo ornamento poético:

Antes e depois, entretanto, como em toda vida, homem de letras que é, fez frases. Frases para ornar discursos políticos, caracterizados pela forma literária boa a vestir os pensamentos mais rotineiros ou mais superados. O vício não era somente seu, pois, à época, pouca gente pensava no Brasil, seriamente.

[...]

O paraibano revelou-se apenas o que é mesmo – homem de letras. E quando se esperava dele um pensamento “salvador da pátria”, coisa aliás muito do seu gosto, o que se via era apenas uma frase. Os conflitos, os entrechoques sociais afloravam, mas ele se punha a fazer os seus rendilhados inócuos na volúpia vocabular, bêbado de som e letra. (MELO, 1957, p. 23-24c)

As críticas empreendidas, seja no campo literário, como no político, revelam as estratégias empreendidas por Virgínius no seu percurso pelo campo. Tal percurso, em certo momento, foi marcado por esse tom polêmico dirigido aos dois principais agentes dos

cenários culturais de Pernambuco e da Paraíba. Um segundo momento, das relações reconfiguradas, pode ser percebido pelo tom dos artigos que se seguiram no final de 1950, em relação a Gilberto Freyre, e no início de 1960, com José Américo de Almeida.

A partir do artigo *Gilberto e a Revolução*, publicado em 18 de outubro de 1959, publicado no *Jornal do Comércio*, Virgínius da Gama e Melo passou a abordar a obra, o pensamento e a figura de Gilberto Freyre por outro viés, que não da polêmica. Para Virgínius, nesse novo momento, “parece que ninguém influenciou tanto nossa cultura, expandiu tantas ideias em tantos assuntos, impregnou tanto a cultura brasileira de 30 para cá”. No dia seguinte à publicação desse artigo, Virgínius recebeu um telegrama de Gilberto Freyre manifestando sua leitura: “meu abraço artigo admiravelmente tucido [lúcido] Gilberto Freyre”.

Esse telegrama e os artigos publicados por Virgínius denunciam a tônica da relação que foi estabelecida entre ambos após as polêmicas. Ao longo da década de 1960, Virgínius publicou inúmeros artigos sobre a obra de Freyre, além de divulgar a publicação de seus novos livros e analisar outros aspectos da vida do sociólogo pernambucano, inclusive fazendo a apresentação oficial de Freyre em eventos na Paraíba e em Pernambuco. Virgínius passou a abordar a obra e a figura de Gilberto Freyre como central para pensar uma “Revolução Brasileira”.

No artigo *Gilberto orientador da Revolução Brasileira*, publicado em 20 de dezembro de 1959, no *Jornal do Comércio*, Virgínius conferia um lugar central a Gilberto Freyre no pensamento social brasileiro, colocando à margem os teóricos que estariam “acastelados no ISEB”, não pensando o Brasil para além das suas fronteiras. Ao contrário, Gilberto Freyre, seria “o nosso primeiro pensador original”, capaz de “orientar universalmente a Revolução Brasileira”.

A mudança nos termos do debate era evidente e se expressava na reconfiguração das redes de sociabilidade. Mais que troca de lisonjas, o novo tom denunciava a troca de favores entre intelectuais. E, nesse processo de filiação entre sujeitos no campo, Virgínius soube angariar o que a fala de Gilberto Freyre poderia proporcionar.

A orelha do primeiro livro publicado por Virgínius, *O Alexandrino Olavo Bilac*, em 1965, trazia uma frase de Gilberto Freyre. Nela, o sociólogo enaltecia o autor do livro: “O brilho literário que vem distinguindo, cada vez mais, esse crítico brasileiro, e que nele não é o brilho da retórica mas o da arte do analista penetrante e lúcido, quer de ideias quer de estilo, ele próprio, sobre a língua portuguesa”. A utilização da frase de Gilberto Freyre, intelectual consagrado e reconhecido internacionalmente, no livro de estreia de Virgínius era uma forma

de apresentação impactante que, de antemão, induzia a crítica e os leitores no recebimento da obra e sua leitura, além de criar uma filiação entre esses sujeitos.

O tom polêmico, a sua maneira, também criava uma associação de Virgínius a esses sujeitos. As suas concepções também encontravam diversos opositores. Por exemplo, com *A Bagaceira*, no contexto das críticas de Virgínius e até hoje, havia os defensores da obra como marco da literatura, de renovação estética e de perspectiva social (BARBOSA FILHO, 1996). Tais concepções também eram passíveis de revisão por parte do crítico, seja por mudanças e novas perspectivas de análises, como também pelas reconfigurações das redes de sociabilidade nas quais se inseriu, como parece ser o caso em torno das novas leituras de Virgínius em torno da obra de José Américo de Almeida.

Em 25 de novembro de 1962, Virgínius publicava, no *Jornal do Comércio*, um novo artigo abordando o romance *A Bagaceira*, intitulado *Primeiro romance nacional*. Dessa vez invertendo as posições anteriores, porém, sem se reportar aos artigos de 1957, propondo uma reflexão acerca das leituras empreendidas anos atrás.

Virgínius passava a apresentar a obra de José Américo como o “marco inicial” do romance nacional brasileiro, ressaltando as inovações da linguagem, que aparecia “sem os excessos modernistas e sem nenhum servilismo à matriz portuguesa”. Abordando as questões de linguagens, Virgínius ainda cortejava Guimarães Rosa, colocando que o mineiro e o paraibano eram “ambos renovadores da língua, buscando na linguagem popular novos elementos de enriquecimento e submetendo-os à disciplina castiça”. Nesse sentido, o crítico invertia as críticas feitas aos aspectos sociais da obra, que agora não caía na natureza “anti-romanesca” do escritor político, mas se manifesta na linguagem inovadora e que denuncia a relação do homem com a terra.

Ainda no que se refere ao novo lugar dado por Virgínius à obra, o crítico concebia um lugar fazendo frente ao modernismo do Sul. A obra seria “o mais autêntico produto da revolução modernista”. Com essa perspectiva, Virgínius aproveitava o ensejo para inverter suas posições em torno do Movimento Regionalista. Uma obra como *A Bagaceira* seria fruto da “presença dessa maturidade renovadora no Norte, mais precisamente no Nordeste, deve-se principalmente ao grupo recifense, norteador por Gilberto Freyre, através do famoso ‘Manifesto Regionalista de 1926’”. O Nordeste confirmava “sua predestinação para área geográfica de resistência e florescimento da literatura nacional. Daí o ‘Manifesto Regionalista’, daí *A Bagaceira*” (MELO, 1962, p. 27).

Nesse artigo, Virgínius também trazia uma nova abordagem sobre a imprensa estatal. Nos artigos de 1957, o crítico se reportava à edição da União Editora como uma pálida

edição, impresso em papel de baixa qualidade. Em 1962 os termos são suavizados e a baixa qualidade é tomada como mérito. Dizia Virgínius:

É simbolicamente importante que a publicação inicial desse romance marco na história cultural brasileira tenha aquela modéstia de edição provinciana, tímida, feia, pobre. E que ostenta a responsabilidade duma editora bissexta da Paraíba – *A União* o jornal do governo, a Imprensa Oficial, que se voltava para a publicação do livro. A aventura impressionante em todo o país, levava não somente pela origem do autor, esse cartão de visita de *A União* como a presença total da Paraíba. Era a vocação nordestina encaminhada para o nacional regionalismo nacionalista, a identificação entre autor, terra e povo, até em sua tradução política e a contribuição imensa, além da beleza do livro, para a tentativa de criação metodizada da língua e da literatura nacionais, ainda dentro daqueles princípios populares. (MELO, 1962, p. 27)

Hildeberto Barbosa Filho, ao se questionar sobre as mudanças de posições de Virgínius, reflete que “o objetivo, mesmo agora, não se compraz na análise, mas – tudo leva a crer – na preocupação de agradar, embora me pareçam justas muitas de suas afirmações” (1985, p. 222).

No início da década de 1960, Virgínius foi levado a se internar em João Pessoa para tratamento de saúde. Findo o tratamento, resolveu fixar residência na cidade. Este momento marcou uma virada em sua trajetória. Percebe-se que, no cenário local, Virgínius também usou de estratégias para se associar aos nomes da cultura local. Por exemplo, aproximando-se, gradativamente, de José Américo. Também empreendeu novos projetos profissionais. Passou a contribuir com os jornais locais, como o *A União*. As novas tomadas de decisão representavam essas novas configurações.

Barbosa Filho, ainda refletindo sobre essas mudanças, levanta as seguintes reflexões:

O que o fez mudar tanto, no curto prazo de quatro anos, deve-se estar perguntando o leitor. Terá sido a releitura, com sua possibilidade, sempre surpreendente, de pôr em cheque as nossas verdades? Ou terá sido a convivência pessoal característica de uma crítica interesseira? Como se sabe, Virgínius nunca desperdiçou seu talento quando se tratava de acariciar o poder. E José Américo de Almeida, apesar de abdicar da vida política nos anos 60, continuou sendo o homem mais poderoso do Estado. Mais que ninguém, Virgínius sabia disso! (p. 223).

Em 8 de novembro de 1967, Virgínius pronunciava uma de inúmeras conferências acerca da obra de José Américo. Intitulada de “Do romance e da crítica”, a conferência buscava abordar “os diversos aspectos e valores da obra” de José Américo. A conferência, realizada no auditório da reitoria da UFPB, foi noticiada pelo *Correio da Paraíba* de 9 de

novembro, que ressaltava a presença do ex-ministro, que sentou ao lado do conferencista durante o evento.

Virgínius se tornava uma referência no estudo das obras dessas personagens inicialmente criticadas por ele, como também se associava pessoalmente a esses sujeitos. O enaltecimento dos mesmos não era gratuito. Virgínius soube investir em capital social e usá-los ao longo de sua trajetória intelectual e em momentos específicos, como na busca de apoio para realização do III Congresso Brasileiro de História e Crítica Literária (1962), seu maior empreendimento e que ratificou sua projeção nacional, na articulação do Plano de Extensão Cultural durante o governo Pedro Gondim, na sua nomeação para professor da Universidade Federal da Paraíba, entre outros projetos que desenvolveu ao longo da década de 1960 até a sua morte em 1975.

Como coloca Barbosa Filho, Virgínius entendia os jogos e a necessidade de “acariciar o poder” e, por que não dizer que estava inserido nesses jogos, como peça e como jogador? Parafraseando Sérgio Micelli em seu estudo sobre a trajetória de Mário de Andrade, o escritor Virgínius da Gama e Melo, no seu projeto intelectual, possuía um “radar privilegiado”, entendendo as posições do campo intelectual, escolhendo seus parceiros de forma calculada, e “demonstrando ousadia de lances e movimentos no xadrez da sociabilidade literária” (2009, p. 163), e das disputas políticas.

Ao inverter as concepções que alimentaram as polêmicas com personagens e grupos ao longo da década de 1950, Virgínius rearranjou suas redes de sociabilidade. As críticas tecidas por Gilberto Freyre a partir do final da década de 1950 só foram possíveis a partir da nova relação entre ambos.

A fotografia que abre este capítulo representa o novo momento da trajetória de Virgínius, no qual se estabelece uma nova relação com José Américo de Almeida. No “xadrez da sociabilidade” intelectual, pode-se pensar os movimentos feitos por Virgínius em direção a centralidade ocupada por José Américo. Virgínius não destronaria José Américo, o novo objetivo não seria esse. Mas ao se filiar ao autor do romance *A Bagaceira* e principal nome da intelectualidade local, o escritor angariou para si também uma posição de centralidade.

Figura 7 – Virgínius da Gama e Melo, José Condé, José Américo de Almeida e Carlos Augusto de Carvalho na residência do romancista de *A Bagaceira*.



Fonte: Acervo VGM/FCJA. Sem data.

Virgínius da Gama e Melo associou seu nome ao de José Américo, passando a transitar nos mesmos espaços, frequentar a sua residência, que era um centro da intelectualidade nacional, bem como se colocando como ponte entre José Américo e outros agentes. Na fotografia acima, percebe-se a representação da reunião de personalidades que possuíam uma projeção nacional, porém, evidenciando uma possível quebra das formalidades entre os sujeitos. Virgínius, que construíra laços de amizade com José Condé, parece intermediar a conversa entre os sujeitos, demonstrando a proximidade com o anfitrião.

Em 1966, José Américo, poucos dias depois de ser eleito para a Academia Brasileira de Letras, em 27 de outubro, escrevia para Virgínius. Em sua carta fica evidente a relação estabelecida entre ambos:

Meu caro Virgínius:

Já duas vezes fui alvo dos seus aplausos, antes e depois da minha eleição para a Academia Brasileira de Letras, primeiro exprimindo sua solidariedade à minha candidatura e depois manifestando seu regozijo pela vitória obtida. Você é quem merece todos os nossos louvores como campeão [sic] de prêmios que honram, singularmente, a Paraíba: de crítica literária, de romance, de teatro.

Tomei hoje nota para meu discurso de posse: cada romande [sic] meu, no dizer de Virgínius da Gama e Melo, vosso premiado, é um comício. Essa voz que vem da Paraíba já alcançou uma ressonância geral.

[...]

Cordial abraço. (AMÉRICO, J. Carta. 12 de nov. de 1966. João Pessoa – Tambaú)

A nota apresentada não figurou no discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, que foi realizada em 28 de junho de 1967⁴⁶, mas denotava certo reconhecimento por parte de José Américo em relação às críticas de Virgínius, como também sugere a intenção de promover o nome do crítico que naquela altura já fazia parte de seu círculo social.

Nas comemorações de seu quinquagésimo aniversário, no ano de 1973, Virgínius recebeu inúmeras homenagens, entre elas um festejo no Clube Cabo Branco que contou com a presença de inúmeras personalidades locais. No almoço servido em sua homenagem, José Américo de Almeida lhe presentou com um vinho centenário. A ocasião foi registrada em fotografia.

Figura 8 – José Américo de Almeida, Ernani Sátiro e Virgínius durante almoço de aniversário de Virgínius em 1973. Ocasião em que o aniversariante recebe um vinho centenário de presente.



Fonte: ANDRADE, 1991, p. 41

O presente foi acompanhado com um cartão que dizia:

Caro amigo Virgínio:
 Este vinho de mais de 100 anos vem passando de mão em mão. Hoje dia de seu aniversário quando você fica mais velho e mais glorioso não deixe que ele aumente a idade.
 Com os votos de mais vida, de muito mais vida.
 Abraços de José Américo (ANDRADE, 1991, p. 41.)

⁴⁶ Discurso de posse e José Américo de Almeida na ABL disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/jose-americo-de-almeida/discurso-de-posse> (Acesso em: 23 de dez. de 2018)

A ocasião e o tratamento dispensado por José Américo revelam os laços que foram estabelecidos até aquele momento. Em carta de 4 de novembro de 1974, timbrada com o brasão da Academia Brasileira de Letras, José Américo voltava a elogiar Virgínius e toma-lo como uma fala consagradora:

Sua apresentação do meu livro DISCURSOS DO SEU TEMPO é verdadeiramente consagradora. Você tem uma autoridade de crítico literário, dos maiores do Brasil, já bastante para me credenciar, mas o trabalho que me dedicou passou a ser um dos pontos altos de sua carreira de ensaísta. (AMÉRICO, J. Carta. 4 de novembro de 1974. João Pessoa.)

De lados opostos na disputa político-partidária, passando pelo embate intelectual, os laços firmados revelam o sucesso do projeto de Virgínius que, por um lado estabeleceu uma amizade entre ambos, e, de outro, possibilitou ao crítico ocupar um lugar central no cenário cultural. O que se assistiu ao longo da trajetória de Virgínius no decorrer da década de 1960 foi a projeção de seu nome, cada vez mais associado a categorizações que remetiam a consagração do sujeito no campo de produção cultural, bem como a realização de projetos que foram frutos tanto da sua ambição, talento e empenho pessoal, quanto do capital social, cultural e político que foi agenciando em torno de si.

Ao longo de sua trajetória, Virgínius buscou se destacar como um intelectual atuante em diversas frentes da atividade cultural: crítica, romance, cinema, teatro, ensino, produção, entre outros. O apetite pessoal dialogava com a busca de distinção. No contexto paraibano, Virgínius passou a se destacar. Até então não se encontrava um intelectual com tais características. Pode-se entender como uma “espécie mutante”, nos termos colocado por Micelli (2009, p. 169), inexistente nas gerações que o antecederam e com as quais ele conviveu durante sua trajetória.

Ao compreender as facetas intelectual e boêmia de Virgínius, entendeu-se que o sujeito possui coerência justamente na junção de perfis antagônicos muitas vezes negado por uma *ilusão biográfica*. E ao tentar dar sentido a trajetória intelectual, percebe-se essa faceta possui uma pluralidade de nuances, o que é próprio dessa categoria, como coloca Gomes e Hansen, a partir de Koselleck, tal conceito é, assim como todos os conceitos político e sociais, “fluido e polissêmico” (2016, p. 12).

O próprio perfil intelectual de Virgínius não foi o mesmo em toda sua trajetória. Além disso, não encerrou sua autoconstrução ao ser consagrado por outros intelectuais. Ao longo de sua trajetória buscou se distinguir de outros sujeitos. Gomes e Hansen chamam atenção para

uma disputa que se faz presente no campo intelectual, que seria a busca por distinção por parte dos intelectuais que se veem como construtores dos objetos culturais daqueles vistos como meros divulgadores do conhecimento, ou nos termos das autoras, *mediadores*⁴⁷. As autoras defendem que, no processo de categorização desses sujeitos, deve-se evitar hierarquizações, e entender estes mediadores como produtores de sentidos. Professores, críticos, editores, entre outros, não apenas mediam os produtos culturais entre aqueles que produzem e um público que não compartilharia todos os códigos da intelectualidade, mas também produzem suas interpretações dando novos sentidos às obras. Virgínius, por exemplo, ao divulgar as obras em suas colunas, por mais que, muitas vezes, apenas reproduzissem as sinopses enviadas pelas editoras ou pelos autores das obras, produzia novos sentidos. Inclusive, ao passo que tinha seu nome como fala autorizada e consagradora, já impunha julgamentos àquelas obras divulgadas⁴⁸.

Porém, longe de hierarquizar as práticas, pode-se entender essas disputas em perspectiva histórica, visto que um dos embates presentes no campo intelectual era justamente essa distinção entre produtores e mediadores, e era perceptível a busca de Virgínius em se colocar como um produtor do conhecimento. Sua busca em se colocar como referência no estudo das obras de autores como José Lins do Rêgo, seu tom polêmico e enfático sobre *A Bagaceira* e, mais tarde, colocando-se com especialista nos estudos sobre *literatura regional*, demonstra seu projeto intelectual.

Ao publicar do seu primeiro livro, intitulado *O Alexandrino – Olavo Bilac* (1967), foi recebida como a consagração do crítico literário, que saia das páginas dos jornais e, enfim, publicava o tão esperado livro. Seus pares o cobravam por tal empreitada e essa publicação demarcou seu processo de distinção.

⁴⁷ As postulações de Sirinelli são centrais para pensar de forma ampla a categoria de intelectual e as ações desses agentes, inclusive para os casos dos mediadores. Sirinelli defende “descermos até o estrato intermediário dos intelectuais de menor notoriedade, mas que tiveram importância enquanto viveram, e até a camada, ainda mais escondida, dos “despertadores” que, sem serem obrigatoriamente conhecidos ou sem terem sempre adquirido uma reputação relacionada com seu papel real, representaram um fermento para as gerações intelectuais seguintes, exercendo uma influência cultural e mesmo às vezes política. (SIRINELLI, 2003, p. 246).

⁴⁸ Bourdieu propõe pensar a divisão do trabalho intelectual a partir do *auctor* e do *lector* e suas “atribuições”. Nesse sentido, o escritor é um *auctor*, e este é dotado de *auctoritas* provenientes de suas obras. Ou seja, ele próprio se constrói por meio de suas obras. O *lector*, por sua vez, é aquele que comenta o discurso estabelecido, as obras dos outros. O leitor, que, no caso do crítico literário, apropria-se da obra à sua maneira e conforme diversos interesses, produz uma fala autorizada e autorizadora que pode conferir o status de obra consagrada ao trabalho do autor. Essa obra consagrada, por sua vez, é que confere *auctoritas* ao escritor. Tomando a figura de Virgínius enquanto crítico literário, percebe-se a complexidade de classificação. Visto que o texto do crítico pode ser tomado como obra que, a partir das apropriações de seus leitores, poderia conferir *auctoritas* a si, colocando-o na condição de *auctor*. Ver: BOURDIEU, Pierre. Leitura, leitores, letrados, literatura. In: BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004, pp- 134-146.

Essa cobrança irá persistir, depois, com a expectativa pela publicação de um romance. Esse projeto ocupou lugar central na trajetória de Virgínius. Era discutido em cartas e, publicamente, em colunas de seus pares em jornais. Ao publicar *Tempo de Vingança* (1972), consagrava-se como escritor, romancista. O romance foi tomado como carta de apresentação. Virgínius passou a ser apresentado como “o autor de *Tempo de Vingança*” (VIRGÍNIUS MORREU..., 2 de agosto de 1975, p. 1). Os prêmios que se seguiram e a crítica elogiosa o empurraram para novos projetos literários. Publicar um livro e, depois, publicar um romance, o colocava como “intelectual maior”, e ele entendia e soube fazer uso dessas representações.

Esse projeto intelectual ganhou novos contornos com as publicações dos seus livros, em especial do primeiro romance, que o alçou à condição de romancista ou, apenas, escritor. Na década de 1970, o próprio Virgínius questionava, ou ironizava, a alcunha de intelectual. Em sua crônica *Mobilização da Natureza*, na coluna *Ponto de Vista*, do jornal *O Norte*, tocou nesse assunto, tratando com tom humorístico os termos “escritor” e “intelectual”. Tomou como referência Gilberto Freyre, que preferiria ser chamado como escritor a intelectual, pois tal termo se vulgarizaria com o uso em demasiado. E como exemplo da vulgarização, citava a Paraíba, onde o termo seria aplicado indiscriminadamente. O poeta “Caixa D’Água”, a quem ele tratava como “meu mordomo aos domingos”, se apresentava como intelectual. Outro exemplo viria de Wills Leal, que chamava a todos de “intelectual”: motorista de táxi, engraxates, jornaleiro e outras personagens do cotidiano. Os garçons chegavam a formar uma Academia de Letras; as moças do jornal *O Norte* seriam intelectuais, assim como as “moças da rua”. Segundo Virgínius, Gilberto Freyre seria exemplo de cautela e teria razão em ser apenas “escritor” (MOBILIZAÇÃO DA..., 7 de set. de 1973, p. 4).

Definir-se como “escritor” era mais uma etapa da construção da sua autoimagem no campo. O seu romance passava a contribuir em mais um busca de distinção, que, nesse momento, centrava-se no ser escritor. Nesse sentido, percebe-se que a invenção do sujeito intelectual era um processo que foi constante, adquirindo novas nuances e se pautando em várias categorias ao longo de sua trajetória, na qual se entrecruzava autorrepresentações e as construídas pelos seus pares.

4.2 A INTELECTUALIDADE EM REDE

A imagem construída em torno de Virgínius era fruto de uma relação em redes, nas quais esta personagem foi ocupando, gradativamente, lugar central. Uma das peculiaridades dessa relação foi a ambiguidade mantida com certos personagens, como Gilberto Freyre e

José Américo. Essa marca se fará presente em outras relações empreendidas com outros atores culturais, principalmente ao passo que ia se inserindo na vida cultural paraibana, somando essa experiência à constituída em Recife.

4.2.1 O Homem e os Grupos

Ao regressar à Paraíba no início da década de 1960, Virgínius da Gama e Melo já possuía notoriedade e encontrou um cenário cultural marcado por agrupamentos e personagens de destaque. Ao decidir se fixar na cidade de João Pessoa, Virgínius buscou reorganizar seus projetos, sua lide profissional e seus contatos. De início, as relações com Recife se mantiveram ocupando lugar central em cotidiano. As trocas de cartas com Lucillo Varejão, Nilo Pereira, Mauro Mota, entre outros, e a sua contribuição quase diária com os periódicos pernambucanos, demonstram como as redes de sociabilidade construídas em Recife ainda eram centrais em sua vida. Porém, não tardou para fortalecer os laços que já possuíam na cidade, e adentrar os seus espaços de sociabilidades intelectuais, visto que havia a necessidade de se associar a esses sujeitos.

Apesar do intenso convívio com poetas e intelectuais desde Recife, Virgínius nutria uma forte aversão ao convívio grupal, ou “igrejinhas”, como chamava os agrupamentos que reuniam sujeitos sob uma mesma diretriz e nomenclatura. Dizia que “as ‘igrejinhas’, firmadas na sobrevivência grupal, em derredor das várias revistas que constituíam os manifestos literários; eram círculos fechados, de deuses escolhidos e, principalmente, sem lugares vazios” (MELO, 1980, p. 19).

Porém, não havia como se furtar ao debate sobre essa forma de organização, como também não empreender o debate com personagem que se filiavam a algum agrupamento. No final da década de 1950 e início da década seguinte, as redes de sociabilidade na Paraíba foram marcadas por associações de poetas, cineastas, teatrólogos, jornalistas e, principalmente, pelo sentimento de grupo.

O poeta Clemente Rosas deu a tônica do que significou integrar a *Geração 59*, um dos agrupamentos que atuou na Paraíba nesse contexto. Em entrevista ao Caderno 2, do *Correio da Paraíba*, de 17 de março de 1990, Rosas dizia:

eu era ainda mais garoto, quando entrei em contato com João Ramiro Mello, Celso Almir Japiassu e Orley Mesquita, no Liceu Paraibano: tinha 15 anos. E, desde os doze, “cometia” alguns sonetos e poemas de feição parnasiana ou romântica, estimulado pela minha mãe. (...) Aqueles amigos me “converteram” ao modernismo, falando de Bandeira, Drummond, Frederico

Schmidt, quando eu só conhecia Bilac e Castro Alves. E acabei aderindo e publicando meu primeiro “poema moderno” em 1956, no *Correio das Artes*, sob a direção de Celso Novaes. Outros se seguiram, aos dezesseis, dezessete anos. A nossa antologia deveria ter saído em 1958, a impressão é que atrasou um ano, e fixou a marca 59. Por aí você pode imaginar a importância do convívio. Foi a porta de entrada não só para a atividade intelectual mais criativa, menos “comportada”, mas também para a existência aberta, de rebeldia, de questionamento das convenções, de procura de novos caminhos. Posso dizer que minha “aventura” intelectual, política e profissional começou ali (Apud CORDULA, 2009, p. 48).

Face ao comportamento dito conservador do campo literário da cidade, os integrantes da *Geração 59* empreenderam novas formas de agremiações, como o “Clube da Poesia” de João Pessoa e o “Clube do Silêncio”. Mas o que chamava atenção nesses clubes era o simbolismo e a teatralização em torno dos mesmos, que denunciavam as leituras que os próprios integrantes faziam do campo literário e a necessidade de subverter a lógica dominante desse cenário.

As “atividades” do Clube eram divulgadas no suplemento *A União nas Letras e nas Artes*. Numa das notas divulgadas pelo Clube, noticiava-se as atividades de uma suposta sessão realizada e a eleição da nova diretoria. Além disso, convocava poetas interessados a se filiarem à “entidade”:

Foi eleita a nova diretoria do “Clube de Poesia de João Pessoa”. Reunidos em sessão, os membros da referida entidade elegeram os poetas Vanildo de Brito, Clemente Rosas e Marcos de Sá para os respectivos cargos de Presidente, Secretário-Tesoureiro e Diretor de Publicidade.

O CPJP, sob a orientação dos novos dirigentes, promoverá, neste segundo semestre, uma exposição de poemas magistas, além de conferência sobre o Magismo.

Como esta agremiação artística ainda é pouco conhecida entre nós, sendo interpretada por muitos como sendo um “grupo hermético”, apresentamos aqui as condições para a aceitação dos “neófitos”: 1ª) Que seja apresentado por um dos componentes do CPJP; 2ª) Que seja poeta, enviando, por conseguinte, cinco poemas, no mínimo, por intermédio do seu proponente; 3ª) Que tenha vinte e oito anos, no máximo, não importando, no entanto, o sexo.

A aceitação (ou recusa) do proposto será decidida pelos sócios reunidos em sessão especial para tal fim. (CLUBE DA POESIA..., 15 de ago. de 1959, p. 6)

O “Clube da Poesia” foi um núcleo que representou as ideias da *Geração 59*, e impunha, simbolicamente, uma idade limite para seus membros, indicando um embate com uma “geração” anterior a esta. Porém, Vanildo Brito, chamava atenção para o fato de o Clube ser uma narrativa ficcional de alguns integrantes do grupo:

É preciso que se diga agora – para ficar bem claro – que o Clube de Poesia de João Pessoa jamais se organizou formalmente, e nem mesmo informalmente. Nunca passou de uma ficção jornalística... Realmente constituiu um núcleo dinamizador das ideias que alimentaram a Geração 59. Mas era apenas o título de uma coluna de jornal literário em que conceitos e debates eram concebidos e até imaginados, no sentido de manter vívida a coesão do Movimento. Quanto ao limite máximo de 28 anos para o ingresso no Clube – que nunca existiu – seria um emblema cronológico da nova geração, talvez um cabalístico “quarto septenário”. (Apud CÓRDULA, 2009, p. 34)

Ao “Clube da Poesia” somava-se o “Clube do Silêncio” numa postura de exotismo frente ao status quo e na busca por destaque intelectual. Ainda segundo Vanildo Brito:

Talvez o Clube do Silêncio fosse uma necessidade de uma postura exótica. Se prestigiou o intelectual, não sei. Só posso dizer que não foi u’a mistificação. Foi tão espontâneo como a nossa adolescência, que com ele se confundia às vezes. Embora aparentemente nada tivesse a ver com a Geração 59, o Clube do Silêncio é de certa forma seu nascedouro legítimo. Um nome mágico sob o qual se agrupavam os surrealistas paraibanos, já em 1957. (Apud CÓRDULA, 2009, p. 34)

O *habitus* desses grupos da Paraíba era parte do processo de formação de outra geração, de jovens que, ao se organizarem dessa maneira, buscaram a distinção a partir do sentimento grupal. Virgínius pode não ter integrado algum agrupamento. Porém, ao não se furtar do convívio com esses sujeitos, entende-se que o seu convívio de grupo foi em outros moldes. O seu nome aparece como ponto de polêmica e, posteriormente, agregador de diferentes sujeitos desse cenário.

Virgínius conviveu, nem sempre de forma harmoniosa com três grupos, a *Geração 59*, o *Grupo Sanhauá* e o *Grupo Caravela*. Não chegou a se filiar a nenhum grupo ou instituição, como a Academia Paraibana de Letras. Porém, chegou a participar, como também a fundar, associações de escritores locais.

O Ponto de Cem Réis era o centro cultural da cidade. Lá, Virgínius passou a conviver com poetas, cineastas, políticos e intelectuais, e a debater os assuntos tão caros a esses sujeitos. Sua inserção no campo intelectual paraibano foi marcado por embates e, posteriormente, rearranjos.

Retomando a já referida carta escrita à Gilberto Amado, chama atenção a confissão de Virgínius sobre o seu incômodo com a atividade literária na “província” e com os personagens locais. Para ele, o contexto local limitava a produção e publicação de obras e “o pior para quem escreve na província é saber se está dizendo alguma coisa útil, aproveitável. O

que se obtém aqui é o abraço meloso, o elogio fácil, estabelecido, que só nos convence de que não fomos lidos” (MELO, V. G. Carta, 18 jan. 1961, João Pessoa). O que também revela o seu entendimento sobre certo reconhecimento em torno de si. Porém, a sua face polemista, que o fez chegar à Paraíba carregando a polêmica com José Américo, continuou a se fazer presente, principalmente com a *Geração 59*, que no final dos anos 1950 e início da década de 1960 ocupava o centro da produção e debate cultural.

O movimento literário conhecido como *Geração 59* surgiu na segunda metade dos anos 1950 sob a liderança do poeta Vanildo Brito. O principal meio de divulgação das ideias e obras dos seus integrantes foi o suplemento literário *A União nas Letras e nas Artes*, ligado ao jornal *A União*. Em editorial de 15 de agosto de 1959, os integrantes do suplemento faziam o chamado para a colaboração de outros personagens:

Queremos a participação de todos, indistintamente. Que os nosso ensaístas, contistas, enfim, todos aqueles que fazem das artes literárias o ideal estético de suas vidas, deem-nos a sua parcela de colaboração neste crítico momento histórico em que se observa, de um lado, a o crepúsculos dos velhos ídolos, e de outro a construção e a instauração de novos valores, fundamentados no sentido da Terra e do ultrapassamento evolutivo do Homem”. (EDITORIAL, 15 de agosto de 1959, p. 1)

Ao defender os “novos valores”, o grupo se colocava como vanguarda do movimento literário local. O que foi reforçado na antologia publicada pelo grupo. No prefácio do livro intitulado *Geração 59*, e que pode ser tomado como um manifesto do grupo, Vanildo Brito caracterizava o movimento, refletindo sobre a poesia local e sobre a poesia moderna paraibana, dando a tônica ao que o grupo se propunha. No prefácio, Vanildo Brito caracterizou o grupo, refletindo sobre a poesia local e sobre a poesia moderna paraibana representada pela *Geração 59*, já dando a tônica ao que o grupo se propunha. Assinado por Vanildo Brito, o prefácio intitulado *Reflexões sobre a moderna poemática paraibana* ressaltava o caráter moderno dessa nova poesia:

Esta tendência espiritualista na Arte moderna vem de bem longe. Já em “O Nascimento da Tragédia”, afirmava NIETZSCHE que os elementos essências que provocaram a irrupção da tragédia ática foram “... a concepção fundamental do monismo universal, a consideração da individuação como causa primeira do mal, a Arte finalmente figurando a alegre esperança de uma libertação do jugo da individuação e o pressentimento de uma unidade reconquistada”. Não são, porventura, esses os motivos fundamentadores da atual tendência artística? E não estão refletidos, também, na moderna poemática paraibana?

É evidente que essa temática não aparece de um modo explícito, e sim oculta sob forma simbólica. E não poderia ser de outra maneira. A natureza fundamentalmente afetiva da Arte não admitiria outro meio de revelação. A emoção estética sintua-se para além de qualquer generalização conceitual. E o símbolo é a linguagem do inconceitualizável (BRITO, 1959, p. 3).

Em entrevista à Ângela Bezerra de Castro, para a revista *O Momento*, de 28 de dezembro de 1989, em ocasião da exposição “Geração 59 – 30 anos”, Vanildo Brito, fez um balanço sobre as buscas e influências do grupo:

No fundo éramos todos artistas que, tomando consciência de sua situação dentro do fazer literário paraibano, procuravam uma ideologia estética. É evidente que também sei que a introdução-manifesto da antologia poética homônima e outros escritos de minha autoria publicados em *A União* nas Letras e nas Artes mostram as influências teóricas que experimentei e que certamente tiveram alguma influência no Grupo, desde o Surrealismo até experimentos literários com o suprematismo, permeados com um nietzscheísmo mais literário e diletante do que tecnicamente filosófico (Apud CÓRDULA, 2009, p. 41)

Esse grupo se colocava como os responsáveis por um sopro de vida na vida literária paraibana, trazendo nova forma de organização e novos temas para a poesia. Vanildo Brito ainda colocava que o caráter moderno do grupo estava circunscrito ao contexto local:

Moderna ou novíssima poesia paraibana” tinha uma conotação local. Por outro lado, não nos importava o novo pelo novo. Realmente nada trazíamos de novo ou de moderno que a poesia brasileira (ou portuguesa) já não conhecesse. Sofremos influências várias, desde Schmidt, Jorge de Lima, (do Invenção de Orfeu) aos poetas surrealistas portugueses. Mas nos 177rocura177evamos modernos na Paraíba dos anos cinquenta, onde o soneto parnasiano ainda imperava (Apud CÓRDULA, 2009, p. 44)

Hidelberto Barbosa Filho defende que o caráter de novidade trazido pela *Geração 59* se processou muito mais no campo do comportamento de seus integrantes, que do ponto de vista estético e, assim, a mudança teria se processado “de maneira atenuada e ainda atenta às lições formal dos mestres” que antecederam essa geração (1989, p. 44)⁴⁹. Além de Vanildo Brito, o grupo de poetas contava com Celso Falcão, Clemente Rosas, Geraldo Medeiros, o cineastas e poeta João Ramiro de Mello, Jomar Moraes de Souto, José Bezerra Cavalcanti, José Cabral, Jurandy Moura, Liana De Barros Mesquita, Ronaldo Cunha Lima, Tarcísio

⁴⁹ Sobre os discursos de ruptura frequentes entre os agrupamentos intelectuais desse contexto, Botelho diz: “Assim, a emergência de um paradigma da sociedade dos anos 1950 não deve nos levar, necessariamente, a corroborar a visão disjuntiva, com que, em geral, a intelligentsia de meados do século XX se concebeu relativamente em relação às gerações anteriores” (BOTELHO, 2008, p. 18).

Meira César e Marcos Aprígio de Sá. Estes poetas compuseram a antologia que, devido ao ano de publicação, acabou sacramentando o nome do grupo.

Porém, deve-se compreender esse grupo em sua heterogeneidade de perspectivas. Se na poesia havia certa coesão, ao agrupar novas linguagens, o grupo experienciou novas formas. Além de poetas, o movimento passou a reunir teatrólogos, cineastas e pintores. O pintor Raul Córdula, ao recordar a sua aproximação dos poetas: “Acompanhado do pintor Archidy Picado e do escultor Breno Mattos, naturalmente passei a fazer parte do Grupo. A Geração 59 tornou-se eclética com a participação de artistas de outras categorias de arte como a nossa, do teatro, da música e também da ciência” (CÓRDULA, 2009, p. 38)

E foi na pintura que a pluralidade de perspectivas se evidenciou. A obra de Hermano Viana, por exemplo, se caracterizava pelo figurativo, com representações das paisagens da cidade, enquanto Ivan Freitas e Raul Córdula traziam a pintura moderna como referência para o seio do grupo. Ambos passaram a ilustrar as páginas do suplemento *A União nas Letras e nas Artes*, bem como as publicações dos poetas. Também contou com a proximidade de outros cineastas, como Linduarte Noronha e Vladimir Carvalho.

Vanildo Brito, no prefácio-manifesto, chamou atenção para as temáticas que aglutinariam a produção grupal e que dariam destaque à atual poesia paraibana: O Silêncio, a Noite, o Sonho e a Infância. E explanava:

O Silêncio é o símbolo do recolhimento do Ser em si mesmo, a fim de apreender a mensagem sagrada que nos chega do íntimo das coisas ou de nós mesmos. NIETZSCHE, no “Assim Falava Zarathustra”, diz que “os maiores acontecimentos nos surpreendem, não nas horas mais ruidosas, mas nas horas de maior silêncio”.

A Noite é a primordialidade pura, em que se faz mister que mergulhemos, para volvermos à Infância, isto é, à inocência criadora de que o poeta necessita na sua atividade, no seu Sonho, que não significa, como poderia parecer à primeira vista, uma negação da realidade, e sim a afirmação de uma realidade mais alta, contemplada por poucos, e que o artista tenta revelar. (BRITO, 1959, p. 3-4)

Ainda chama atenção no manifesto a intenção de fazer as ideias do grupo reverberar dentro do campo. A recepção era esperada e necessária e ela poderia indicar a consagração ou rejeição de suas obras pelos agentes do campo. Segundo Brito, ali estavam “os temas primordiais da atual poesia paraibana. Apresentam-se ao observador como os quatro pontos cardiais para sua exata interpretação. Não a farei, no momento. Cumpru-me, apenas, indicar o seu caminho à crítica especializada” (BRITO, 1959, p. 4).

O retorno dos leitores, em especial dos pares, era algo ansiado pelos poetas e foi aí que se instalou as polêmicas que permearam a relação do grupo com a crítica especializada e personagens da cena cultural local, como Otacílio Cartaxo e Virgínius da Gama e Melo. Segundo Clemente Rosas, uma das críticas que marcou o grupo foi proferida pelo jornalista Malaquias Batista, que “acusava a então emergente Geração 59 de alienação, de refugiar-se em imaginários *sputniks*, distantes dos grandes problemas do povo brasileiro”. As questões sociais, de fato, não faziam parte das preocupações temáticas do grupo, que logo saiu em defesa do movimento. Porém, ainda segundo o poeta, as críticas proferidas “provocou em muitos uma profunda revisão de posições e a inevitável busca de novos caminhos. Jamais pude esquecer-lo” (AINDA VIRGÍNIUS E SUA..., 12 de novembro de 1978, p. 7). A leitura que Rosas fez dessas críticas carregava as marcas dos novos caminhos que traçou, voltando às questões sociais advindas da militância política de esquerda junto ao movimento estudantil.

Clemente Rosas ainda reforçava que as relações de Virgínius com a *Geração 59* nunca foram amistosas. Segundo Rosas, “ele [Virgínius] e Otacílio Cartaxo (com flagrante diferença de nível, é verdade) foram os nossos detratores, em contraste com o espírito de crítica construtiva de Malaquias. Com eles mantivemos demorada polêmica nos jornais da cidade”, a ponto de Virgínius dedicar espaço e elogios em sua coluna “Literatura e Vida”, no jornal *A União*, para a “Geração 60”, que possuiria como membro apenas o ainda mais jovem poeta Carlos Alberto Azevedo, numa evidente provocação à *Geração 59*.

Raul Córdula também rememora os embates entre Virgínius e o grupo. Segundo o artista, “a Geração 59 foi responsável por polêmicas que agitaram o meio cultural no início da década de 60. São famosas as guerras de opinião entre o grupo e os seus eventuais opositores, como Virgínius da Gama e Mello, Alfredo Pessoa de Lima e Otacílio Cartaxo” (CÓRDULA, 2009, P. 41).

Ainda segundo Rosas, o estilo cáustico e a petulância dos jovens intelectuais, teriam sido um dos motivos do “já consagrado crítico literário, recém-chegado de Recife, onde mantinha presença constante nos principais Suplementos especializados” se sentir importunado. Nesse sentido, Virgínius entrara em embate direto com João Ramiro Melo no campo da crítica cinematográfica por não concordar com os comentários proferidos acerca do filme *Orfeu do Carnaval* (1959). Virgínius também proferiu crítica fumegante ao poeta Jomar Moraes Souto, ao identificar no soneto *Fuga* o que considerou uma propaganda subliminar do candidato à presidência da república Jânio Quadros. Para Rosas, era possível que Virgínius “agisse daquela forma apenas para divertir-se, o que, de qualquer forma, não parece a atitude adequada para um intelectual consciente da sua responsabilidade”.

Uma das principais críticas ao tratamento dado por Virgínius aos poetas locais se centrava na pouca atenção e espaço que recebiam por parte do crítico literário. De fato, Virgínius deu mais atenção aos escritores e movimentos de outros estados e, principalmente, aqueles que iam se projetando nacionalmente. A atenção dada aos poetas da *Geração 59* foi, inicialmente, permeada pela detração ou pelo tom polêmico.

As polêmicas em que Virgínius se envolveu não ficaram restritas à *Geração 59*. No início da década de 1960 conviveram no cenário local outros grupos literários, como os grupos *Caravela* e *Sanhauá*. O *Grupo Caravela* reuniu em torno de Geraldo Carvalho, o artista plástico Archydy Picado, José Leite Guera, a poetisa Maria José Limeira. O grupo organizou a publicação *Edições Caravela*, onde divulgavam a sua produção e sua proposta de uma literatura de vanguarda.

O *Grupo Sanhauá* também surgiu com o ideal de renovação, reunindo os poetas Sérgio de Castro Pinto, Marco Tavares, Anco Márcio e Marcos dos Anjos como mentor. Para o poeta Sérgio de Castro Pinto, um dos integrantes do grupo, esse ideário era tributário com a geração anterior que já havia, ao seu modo, movimentado a “província”. Segundo o poeta,

o fato é que, numa província em que grassava uma poesia piegas, edulcoradora, conservando ecos do parnaso-simbolismo, 59 e Sanhauá, cada qual ao seu modo – e no contexto de suas respectivas épocas –, representaram um franco e consistente percurso ascensional da poesia paraibana. A primeira, através da reação; e Sanhauá, surgindo quatro anos depois de instaurado o movimento cujo principal líder foi Vanildo de Brito, consolidando a ruptura com a poesia então vigente, inclusive com a da Geração 59. (PINTO, 2015, p. 42)

O convívio entre os grupos foi uma marca dessa época. Os embates e os posteriores rearranjos se fizeram presentes tanto entre os membros dos agrupamentos, quanto entre esses e nomes como Virgínius. Ao se lançar, o *Grupo Sanhauá* buscou demarcar seu espaço e atacar as figuras consagradas de então, como é possível perceber no seu manifesto, redigido por Marcos dos Anjos e publicado em forma de editorial na revista *Couro* (1967):

pronto, aqui estamos: um bando de **jovens** que pensa em arte e cultura, que **não tem o comodismo dos escreventes oficiais muitas vezes subvencionados**. o grupo 180rocura, **coeso e coerente**, pouco a pouco se fez presença na poesia, contos, crítica, ensaios, cinema, teatro, artes plásticas, etc., sem auxílios de governos, instituições e pessoas: só o mérito e a capacidade de cada um, ontem e hoje as edições 180rocura. hoje, amanhã e depois, as edições 180rocura e couro.
couro: nosso informativo, nossa visão;

couro: província da paraíba, jovem senta dos pecados capitais de nossos **antepassados**.

couro: jovens que acreditam na suficiência do braço e na eficiência do olho; **os meios de comunicação normais estão viciados**, uma gang, medíocre, domina o rádio, outra, não menos, o jornal e a televisão, as grandes revistas representam interesses de sólidos grupos econômicos responsáveis pela bestialização das massas consumidoras de notícias e culturas. e daí por diante.

não temos uma linha comum de pensamento, diferimos um do outro como o sangue da seiva, como a imaginação do sonho, somos coerentes apenas com o mundo em que vivemos e a verdade que a cada homem pertence.

pronto, aqui estamos/ SANHAUÁ! (Apud PINTO, 2015, p. 36-37. Grifos nossos)

Ao se colocarem como “coesos e coerentes”, mesmo ante a pluralidade de pensamento anunciada, o grupo se apresenta como unido e forte para o lugar que lhe caberia no campo literário, marcado pelos sujeitos consagrados e oficializados, e os meios de divulgação viciados por práticas que eles buscavam questionar por meio de modos de fazer alternativos, como a publicação mimeografada.

Colocar-se como vanguarda era se colocar como o novo e entender os antecessores ou aqueles pertencentes a outra geração e que com eles convivem como velhos. Como coloca Barbosa Filho, o *Grupo Sanhauá* foi uma geração no sentido literário e não cronológico, visto que no interior do grupo havia integrantes de faixas etárias dispares (1989, p. 40). Na menção aos agentes oficiais e subvencionados é difícil não vislumbrar personagens como Virgínius, que já era tomado como o principal escritor dos jornais locais, bem como atuando nas esferas institucionais. A atuação desses grupos se cruza com a trajetória de Virgínius, e vice-versa.

Ao regressar a João Pessoa, Virgínius encontrou um cenário marcado pela atuação da *Geração 59*, que ocupava a centralidade do debate cultural. Já o *Grupo Sanhauá* e, posteriormente, o *Grupo Caravela*, foram gestados num campo em que Virgínius ia ocupando um lugar central e se colocava como uma referência e uma fala consagradora no campo literário.

Porém, essa busca por centralidade se dava a partir da construção de uma identidade marginal. O *Grupo Sanhauá*, como também Virgínius, que construiu em determinado momento para si essa marginalidade, ajuda-nos a entender que a conquista da centralidade não se dá declaradamente reivindicando tal posição, mas se colocando de maneira distinta de quem ocupa o centro no determinado momento que o sujeito ou grupo em questão se coloca na disputa. Ou seja, insistir nessa identidade revelaria pela negação uma tomada de lugar, seu quinhão no campo que, olhando por outra perspectiva, não deixa de ter sua centralidade, visto que o novo lugar demarcado a partir da margem se coloca como nova referência para o

campo, como o jeito “correto” a se fazer literatura a partir daquele momento. E, no caso especial do *Grupo Sanhauá*, o discurso do novo surge na negação do que é oficial, do que está dado como referência principal, da negação das figuras de poder no campo naquele contexto.

Apesar das diversas oposições, as falas e os indícios revelam que os confrontos de ideias, para além das possíveis detratações e conflitos pessoais, era estimulado, pois era primordial para a dinâmica do campo. E o confronto de ideias perpassava a convivência diária, nos espaços da boemia, nos jornais e na universidade. Além disso, os interesses pessoais e grupais levaram a inúmeros projetos que se cruzaram.

Sérgio de Castro Pinto chegou a convidar Vanildo Brito para escrever o prefácio de seu livro. Segundo o poeta,

Apesar das refregas, o ambiente era da mais pura camaradagem. Tanto que, para apresentar o meu livro de estreia, *Gestos lúcidos* (Edições Sanhauá, João Pessoa, 1967), convidei o poeta Vanildo de Brito, da Geração de 59. O que ele o fez, apenas com uma ressalva: “Pária, não dava para ter escolhido outro título?” (PINTO, 2015, p 40)

As reviravoltas nas relações sociais e intelectuais que marcaram a trajetória de Virgínius, também se fizeram presentes com a *Geração 59*. Virgínius estreitou os laços com vários membros do grupo, em especial Jomar Souto de Moraes, chegando a escrever o prefácio do seu livro “Itinerário lírico da cidade de João Pessoa” (1962), e com Vladimir Carvalho, com quem trabalhou na produção do filme *Menino de Engenho* (1965). Virgínius não chegou a escrever diretamente sobre os agrupamentos. Jomar Souto de Moraes é um dos casos em que Virgínius se dedicou a escrever sobre os poetas locais em suas individualidades. Ainda junto com integrantes da *Geração 59*, em 1962 organizou o III Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária, o que demonstra a mútua cooperação diante dos interesses comuns.

Já em suas colunas nos jornais, dos grupos locais, sua atenção voltou-se, em especial às atividades do *Grupo Caravelas*, que se organizou num contexto em que Virgínius já havia reconfigurado suas redes locais. Na sua coluna *Literatura e Vida*, empreendeu a divulgação de projetos editoriais que seus integrantes desenvolviam:

O movimento editorial da província paraibana continua tendo como animadores quase exclusivos os elementos mais jovens. Edições Caravela, organização comercial de Geraldo Carvalho e Archidy Picado, acaba de lançar mais um título – “O Côco da Praia” – pesquisa folclórica de Altimar de Alencar. (...)

Edições Caravela já publicou e menos de dois meses dois livros de poesia. O primeiro livro, inaugural da Editora foi Réquiem à Poesia, de Archidy Picado. Em seguida tivemos “A Vida Simples”, de Jurandy Moura. De livro a livro melhora a feição gráfica, induzindo plenamente que os investimentos de Geraldo de Carvalho e Archidy Picado estão produzindo rendimento razoável, que justifica lisonjeiramente o emprego do capital. De tal modo que aumentam as tiragens, melhora o tipo de papel, tudo enfim se aprimora para cada vez melhores edições. Não é assim tão precário, quanto se julgava, o negócio editorial. (LITERATURA E..., 2 de ag. de 1964, p. 6)

Percebe-se que Virgínius passou a dar atenção aos projetos dos jovens poetas e seus grupos. A presente nota sugeria que o próprio Virgínius revia uma visão anterior sobre as atividades do grupo, o que é indicativo não apenas dos projetos desses poetas, mas da reconfiguração das relações entre Virgínius e os grupos.

No que diz respeito aos poetas e artistas locais que integraram agrupamentos, Virgínius voltou atenção, mesmo que brevemente, àquelas personagens que compuseram laços estreitos de sociabilidade ao longo de sua trajetória ou que se projetaram nacionalmente. No artigo intitulado “O Brasil vendo a Paraíba cega”, publicado na coluna *Ponto de Vista*, do jornal *O Norte*, Virgínius chamou atenção para personalidades e poetas que estavam se projetando fora do estado, como a poetisa Maria José Limeira, que integrou o *Grupo Caravelas*, e o poeta Marcos Tavares, do *Grupo Sanhúia*, além de Waldemar Solha e os músicos Hugo Osaias e o maestro Siqueira. Em seu artigo, dizia:

A verdade é que aqui não se vê nada. Mas o Brasil da mesma maneira que Deus, está vendo tudo. Onde a Paraíba é cega o Brasil vê.
O Brasil vê Maria José Limeira (vide “Jornal do Brasil” e crônica de ontem) como autora de um dos melhores livros da literatura brasileira – “Margem”, seguido agora por este “Olho no Vidro”, editado por este “O Norte”.
O Brasil vê Waldemar Solha e lhe dá, num ano só dois prêmios literários, com ‘dinheiro e edição imediata dos romances – Os Prêmios Chinaglia” e da Caixa Econômica de Goiás.
O Brasil vê Marcos Tavares, que passou a vida toda aqui na Paraíba esperando ver a banda sair e a banda não saiu, mas o Brasil terminou vendo sua peça prêmio nacional agora lançado com uma tiragem de 100 mil exemplares – “Hoje a Banda não sai”. Ora, não sai! Saiu e saiu de muintão.
O Brasil vê o cantor Hugo Osias e o maestro Siqueira quer leva-lo para o Rio. Mas o Hugo, por causa de Dorgival vai ficando por aqui cantando e fazendo poesia como o admirável “Canto de Entrada”, redação sua, que foi apresentado na festa dos Brito Lyra em Areia, domingo último. Uma beleza a poesia de Hugo e um deslumbramento o canto. O Brasil está vendo. (O BRASIL VENDENDO..., 28 de junho de 1975, p. 4)

Os laços de amizade que Virgínius constituiu com algumas personagens da cena cultural paraibana se manifestaram em suas críticas. Maria José Limeira, que no contexto

dessa crítica possuía certo renome no Rio de Janeiro e São Paulo, regressou à João Pessoa no início da década de 1970, após se ausentar da cidade no período da repressão logo após o golpe civil-militar de 1964, quando foi presa no Quarte 15RI. Na década de 1960 passou a frequentar os espaços da sociabilidade letrada, chegando a integrar o *Grupo Caravela*. Foi uma das mulheres a adentrar um campo marcadamente masculino, publicando e debatendo literatura e frequentando os espaços boêmios. Nesse contexto, estreitou laços de amizade com Virgínius, compondo a sua rede de sociabilidade.

Em 1966, logo após deixar João Pessoa, a escritora escreveu uma carta para Virgínius informando sobre seu processo de fixação no Rio de Janeiro e dos projetos que estava envolvida:

Querido Virgínius: meu grande abraço.
 Peço-te desculpas pela demora em te enviar minhas notícias – agora já inteiramente carioca – é que sabes como é este terrível período de adaptação, o corre-corre para alcançar o momento da cidade grande, etc. e tal.
 De maneira que o que te posso dizer é que as loucuras continuam naquela mesma rotina, só faltando você para completar, o trabalho é muito duro e ainda não parei de escrever. Tenho promessas de publicar na Leitura este meu último livro “Aldeia Virgem, Além”, mas ainda procurando brecha por outros meios, até pela Livraria Divulgação em Portugal. – que acha? Naturalmente, o livro será dedicado a ti, como de início pensei desde que publique na Caravela. Se me perguntares por que dedicarei minha obra todinha – no passado, presente e futuro – a ti, eu te direi que é porque conhecendo-te como te conheço, acredito em ti, e te vejo como a pessoa que mais se aproxima de mim e em quem mais confio como pessoa humana, dentro do contexto de João Pessoa-PB. Além do mais, tuas angustias se aproximam muito das minhas. Se nunca deste um passo para me ajudar, o problema é teu, e neste ponto, eu passo a te ver como tu-mesmo e não tu-em relação a mim. Eu te vejo, Virgínius, como nunca ninguém soube te ver, nem mesmo as pessoas de quem mais gostas.
 Gostaria que me escrevesse.
 Um beijo da
 Maria José Limeira (LIMEIRA. M. J. Carta. 6 de maio de 1966. Rio de Janeiro.)

Percebe-se a menção às *Edições Caravelas*, do grupo o qual a escritora integrou. Mas é central o tratamento dispensado por Maria José Limeira a Virgínius, demonstrando um estreito laço de amizade entre ambos, que se refletia na intenção em dedicar sua obra ao escritor, e que se estendia às mesas de bares, como ficou registrado em fotografia.

Figura 9 – Virgínius da Gama e Melo e Maria José Limeira no bar.



Fonte: Acervo VGM/FCJA. Sem data.

Para Clemente Rosas, a oposição de Virgínius aos grupos manifestava o seu interesse em ter os jovens como seus discípulos, o que, segundo ele, não podia “ocorrer, seja pelo nosso juvenil espírito de independência, seja pelo pouco tempo de sua permanência em João Pessoa até aquele momento” (AINDA VIRGÍNIUS..., 12 de novembro de 1978, p.7). Se no início da década de 1960 Virgínius encontrou resistência do grupo e sujeitos estabelecidos no campo de produção cultural paraibana, no decorrer da década, foi construindo as relações que o projetaram como referência ou ponto de contato entre os diferentes sujeitos.

Virgínius não era referencia para os grupos, mas o foi individualmente para várias personagens. E para muitos, mesmo não sendo referência literária, havia a compreensão que a sua figura congregava os mais diferentes sujeitos, importantes projetos culturais estava sob seu domínio e, além disso, o debate intelectual do campo passava por ele.

O jornalista Paulo Melo, que construiu laços de amizade com Virgínius, via-o como referência e mentor de vários escritores e artistas locais. Dizia o jornalista:

Sinto-me absolutamente honrado e extremamente privilegiado em ter convivido com ele, aprendendo a cada minuto lições que penso hoje de extrema utilidade. Convoco aqui o testemunho de alguns integrantes desse círculo, como Eilzo Matos, Vladimir Carvalho, Ipojuca Pontes, Altimar Pimentel, Maria José Limeira, Manuel Clemente, para só citar alguns da minha geração. Infelizmente já não posso contar com Paulo Pontes, que talvez tenha melhor usufruído de seus fecundos ensinamentos e pode desenvolver uma potencialidade cuja riqueza já é um assunto da história cultural do país. (...) Com toda a franqueza, o que não impede um erro de avaliação, acredito que Virgínius, no fundo, só nos fazia tentar mais forte diante da vida e da história. Lembro que, junto com Adalberto Barreto, Virgínius foi o que mais ajudou Paulo Pontes, não só por uma grande amizade, mas porque detectava em Paulo as virtudes intelectuais e políticas que em pouco espaço de tempo o Brasil conheceu. (O COMPROMISSO E A ..., João Pessoa, 1 de outubro de 1978, p. 9)

A fala de Paulo é dotada de sentimentalismo em virtude do aniversário de morte de Virgínius. O jornalista ainda se sentia devedor e grato ao crítico. E sua fala ainda revela a conformação de uma rede que também foi responsável pelo processo de consagração da imagem de Virgínius.

Paulo Melo concluiu seu artigo divergindo das oposições que Clemente Rosas trouxe em artigo anterior. Rosas se sentiu no direito de responder a Paulo Melo propondo um debate intelectual e reforçando sua oposição a Virgínius e sua obra. A resposta veio em formato de carta:

Meu caro Paulo Melo:

Sua inflamada defesa do Velho Menestrel comoveu-me. Não pode haver maior evidência de que a influência de Virgínius da Gama e Melo sobre os jovens intelectuais paraibanos foi das mais profundas. Que teve aspectos negativos, continuo pensando, e espero fazer-me entender. Quando a concordarem comigo, a questão se situa no campo dos juízos de valor. Certamente o farão aqueles cujas escalas valorativas sejam aproximadas à minha. (AINDA VIRGÍNIUS..., 12 de novembro de 1978, p.7)

Rosas concordava com Paulo Melo, assim como outros sujeitos que conviveram com o crítico, que este teve forte impacto na formação de parte do campo de produção cultural paraibano das décadas de 1960 e 1970. Porém, é importante notar que as menções, as memórias, desses grupos não tomam Virgínius como uma referência a ser seguida a partir de suas concepções literárias, nem como guru dos grupos, mas o tomam como figura centralizadora dos debates e dos sujeitos, fossem eles opositores ou “aliados”. Ao contrário das falas de personagens que o toma como mestre e líder de toda uma geração, perceber a dinâmica do campo a partir da presença desses grupos ajuda a desmistificar essa imagem mítica, que o apresentavam sem traços conflitantes ou um sujeito que evitava o conflito. Mas, ainda assim, corrobora com o fato de que Virgínius era figura central, consagrada do campo. Inclusive no que tange às críticas feitas pelos grupos que, ao apontar os lugares consagrados e oficiais, dirigem as críticas à figura de Virgínius, contribuindo para o entendimento do seu lugar central no campo.

Também é possível entender a integração entre diversas artes no campo de produção cultural, e como, a partir da convivência com esses diferentes sujeitos que uniam diferentes linguagens artísticas, Virgínius desenvolver projetos que passavam por esse convívio: a gestão do Conselho de Cultura da Paraíba, o desenvolvimento do Plano de Extensão Cultural, a retomada do Correio das Artes, a articulação de uma empresa de cinema, entre outros.

Ao tentar compreender a inserção de Virgínius no campo literário paraibano e sua oposição aos sujeitos estabelecidos, não se deve pensar essa personagem como um homem de vanguarda, nem tampouco representante de outro tempo. Deve-se entender a partir do que ele representou naquele cenário, em seus embates com os estabelecidos e com as vanguardas. Heloísa Buarque de Holanda chama atenção para esses artistas e intelectuais independentes, que não aderiram a projetos revolucionários, coletivos ou filiados a algum agrupamento. Nesse sentido, em meio a disputas de projetos, ideias e centralidade no campo literário, pode-se entender Virgínius como um desses sujeitos “comprometidos com uma tradição da individualidade poética” (BARBOSA FILHO, 1989, p. 36). No caso de Virgínius essa tradição pode ser compreendida a partir de seu projeto de consagração.

Não se filiar aos grupos foi uma forma de distinção e defesa de um projeto próprio. Mas também permitiu congregar em torno de si os diferentes movimentos, perspectivas estéticas, sujeitos. Isso não se resumiu ao campo de produção cultural, mas também se expressou na sua relação com o campo político. Também pode-se compreender que essa escolha permitiu alimentar os seus diversos interesses artísticos e culturais, bem como a constituição de uma vasta rede de sociabilidade.

4.2.2 A rede em periódicos

Principalmente a partir da década de 1960, a produção de notícias, o debate em torno das obras literárias e seus autores, os elogios e a troca de favores passaram a dar o tom da atuação de Virgínius na imprensa literária, diferente das polêmicas empreendidas na década de 1950 envolvendo Gilberto Freyre e José Américo. Como espaço do debate público entre intelectuais, deve-se entender essas relações presentes nos e a partir dos periódicos como a teatralização das práticas desses sujeitos. Nesse sentido, os jornais e suplementos foram os espaços principais da projeção e promoção tanto da imagem e do nome de Virgínius, quanto da configuração das suas redes de sociabilidade.

Em 24 de maio de 1959, o suplemento literário do jornal *A União*, intitulado *A União nas Letras e nas Artes*, chegava às bancas, gazeteiros e gabinetes de leitura. O suplemento apresentava-se como o veículo de divulgação dos poetas e artistas da “província”. Em sua segunda página trazia um artigo que discutia, justamente, o papel das publicações do jornalismo literário para o contexto em que o presente suplemento se colocava como representante do movimento de renovação e agitação em torno das letras e das artes. De

autoria de Wilton Veloso, o artigo *Revistas Literárias* situava o momento da literatura paraibana frente ao “Sul” do país:

Decididamente vamos atravessando um período de intensa agitação intelectual na província. Já não estamos nos velhos tempos das tertúlias dominicais dos grêmios literários, em que os poetas dormitavam à sombra de uma glória suspeita e gastavam suas energias líricas nas enfáticas declamações entre amigos notívagos. Estamos longe, na verdade, daquela geração de acomodaticios, que se contenta com a sua ingênua e inconveniente disposição de chocar os mais recatados ou menos largos de espírito, mas onde tudo era parado e quieto, tudo na mais camarada placidez de viver. Ocorre entre nós agora uma indisfarçável curiosidade intelectual que se reflete no jornalismo, na literatura ou na poesia, mostrando finalmente que temos uma geração disposta a resolver o estabelecido e suprimir a estagnação reinante.

O sinal mais evidente dessa movimentação se manifesta nos salões de poesia, nos prêmios literários, nos suplementos, e sobretudo nas revistas literárias, que alimentam os debates pela nossa autonomia no território das letras e das artes. E essa atividade que vai da própria edição de livros ao trabalho de nossos intelectuais de todos os gêneros literários prova que não estará longe o tempo em que conseguiremos – se não já o conseguimos – a descentralização literária. E essa descentralização literária, surge como uma conquista penosa de nossa atividade cultural, provando também que já não se restringe aos maiores centros urbanos do sul do país a possibilidade de realização intelectual. Trabalha-se aqui na província com a rebeldia de autênticos renovadores, e esse trabalho reafirma, por um lado, a força que hoje caracteriza a nossa literatura e reflete, pelo outro, a homogeneidade cultural que configura as letras nacionais. (REVISTAS LITERÁRIAS..., 24 de maio de 1959, p. 2)

O artigo ainda tratava de noticiar o projeto em torno da publicação de uma nova revista literária na Paraíba, o que comprovaria a atuação de uma geração inquieta e produtiva:

Agora mesmo o poeta Waldemar Duarte nos assegura o lançamento, em julho próximo, da revista literária ERA NOVA. Será uma publicação, segundo nos afirma, de cunho eminentemente literário, no que a Paraíba possui de melhor e mais nitidamente vanguardista.

Sabemos que todas as revistas literárias trazem, invariavelmente, um destino específico: o de revelar a existência de um grupo ou de uma geração literariamente viva e atuante. Nenhuma delas foge dessa missão muito peculiar aos grupos literários. De reunir valores de uma geração identificada por princípios e ideais comuns na literatura e nas artes. Assim é que elas surgem ora como um protesto, ora como uma atitude ostensiva de combate. Às vezes simplesmente como uma necessidade natural de afirmação de determinadas tendências intelectuais de uma época. (Idem)

Ao colocar o próprio tempo como de agitação intelectual, o autor, que se colocava como um dos representantes dessa geração, relega às gerações passadas o comodismo,

demarcando a própria geração como responsável por dar vida à cultura local. Veloso revelava o que considerava como as novas práticas de sociabilidade letrada, entre elas, a produção, circulação e debate de ideias e obras por meio das publicações do jornalismo literário.

Os suplementos literários, de fato, configuravam-se há alguns anos como um dos principais espaços da sociabilidade letrada. Porém, o autor desconsiderava em seu artigo as antigas publicações literárias da Paraíba, como a revista *Era Nova*, que circulou de 1921 a 1926, e o suplemento literário *Correio das Artes*, que começou a ser produzido em 1949 e, até meados da década de 1950, reuniu poetas e artistas em suas páginas, inclusive representantes da *Geração 59*, responsável pela edição do suplemento *A União nas Letras e Nas Artes*. Sua fala não apresenta uma nova forma de se organizar no campo de produção cultural, mas uma prática que já era colocada como central para essa geração da qual ele se colocava como um representante. Ao desconsiderar as publicações anteriores, o novo suplemento colocava sobre si a aura de principal publicação do gênero na história das letras e artes paraibanas, fruto dos esforços da nova geração. O que também explica o fato de não retomarem o nome do suplemento anterior do jornal ao qual estava vinculado.

Dez anos antes ia às bancas o suplemento *Correio das Artes*, também ligado ao jornal *A União*, que circulou até o ano de 1951, sendo retomado em 1956, quando deixou de circular novamente.

A defesa em torno das artes da Paraíba era apresentada como seu principal lema desde o primeiro número. O editorial, assinado por Edson Régis, fundador e editor do suplemento, situa o leitor sobre a natureza da publicação e o seu contexto de surgimento:

Entregamos hoje aos nossos leitores o primeiro número do *Correio das Artes*, suplemento dominical de *A União*, com que tentamos emprestar uma contribuição ao atual movimento literário e artístico do Brasil.

A Paraíba, que estava se ressentindo da existência de um órgão dessa natureza, para sua completa integração na vida cultural do país, contará de hoje por diante com o *Correio das Artes*, para divulgar os seus valores mais representativos na literatura e na arte [...]. (CORREIO DAS ARTES, 27 de março de 1949, p. 2)

O editorial ressentia-se do fato da Paraíba não possuir uma publicação literária que a integrasse ao momento cultural do país. Os suplementos passaram a se colocar como suporte para a produção de literatos e artistas que não encontram meios para publicar suas obras e ideias, tornando-se uma das principais instituições que participava da configuração do sistema de valorização da arte no conjunto de atividades sociais específicas do campo de produção cultural. O *Correio das Artes* promoveu uma experiência nova para a literatura na Paraíba a

partir da imprensa, propor um novo espaço para o campo voltar-se para si, em formato próprio, e que se diferenciava das publicações anteriores no sentido de privilegiar a produção e o debate em torno da literatura e da arte, não abrindo espaço para outras discussões e publicidade.

O contexto era de emergência dessas publicações. O *Correio das Artes* demonstra como o seu surgimento foi recebido em outros suplementos, bem como anuncia a criação de periódicos literários pelo Brasil e o recebimento de novos números dos que já existiam. O *Correio das Artes* já surgiu dentro da rede formada por suplementos e seus agentes. Percebe-se tanto a criação, como a interação que se dava entre esses suplementos constituindo uma rede de sociabilidade entre literatos e jornalistas que se fez presente nas décadas seguintes. Percebe-se o contato entre o *Correio das Artes* com suplementos de Pernambuco, Minas Gerais, Pará, Rio de Janeiro e São Paulo. Em 1949 já tinha entre seus colaboradores João Condé, Mário Quintana, Lêdo Ivo, entre outros nomes de projeção no jornalismo literário nacional, como aponta a ficha da edição de 24 de abril de 1949. Entre os colaboradores de outros estados, estavam, em especial, escritores pernambucanos. Em 1949, o *Correio das Artes* publicava poemas e artigos de João Cabral de Melo Neto, Gilberto Freyre, Ladjane, Manuel Bandeira, Mauro Mota, Nilo Pereira, entre outros. Esse intercâmbio, em parte, era incentivado por Edson Régis, jornalista e poeta pernambucano responsável pela edição do suplemento.

No artigo *Letras Paraibanas*, publicado no segundo número do *Correio das Artes*, Aderbal Jurema expressava o seu entusiasmo diante do primeiro número do suplemento, bem como falava da movimentação literária da “metrópole”:

Em meio à movimentação dos suplementos literários da Metrópole e das províncias, a Paraíba estava como que esperando uma oportunidade para entrar de rojão. E é o que ocorre diante do primeiro número do *Correio das Artes*, suplemento literário de *A União* que obedece à orientação do poeta Edson Régis, atual secretário desse matutino paraibano.

Numa feição de caderno, um tanto parecido com o *Letras e Artes* do Rio, o *Correio das Artes* apareceu com uma força intelectual capaz de retomar a estrada das boas revistas da Paraíba, a começar pela velha e sempre lembrada *Era Nova*. (LETRAS PARAIBANAS..., 3 de abr. de 1949, p. 3)

Novamente percebemos uma fala que se ressentia da ausência de uma publicação para as artes paraibanas. Aderbal Jurema comparava a chegada do *Correio das Artes* à revista *Era Nova*, que foi um importante veículo para os debates de ideias em torno da arte moderna na Paraíba, tendo Joaquim Inojosa como divulgador e defensor das ideias do movimento de 1922. Essa comparação empreendida por Jurema não era gratuita e não se encerrava apenas

no fato de situar o novo suplemento numa história marcada por publicações que a antecederam – o próprio jornal *A União* já havia publicado revistas e suplementos, como a própria *Era Nova* e as páginas dominicais *Literatura e Arte*, que circulou em 1947. A fala de Jurema pretendia alinhar o *Correio das Artes* a um discurso vanguardista que também se fez presente neste contexto.

Em artigo do *Correio das Artes*, de 9 de outubro de 1949, intitulado *Democratização e Nacionalização Cultural e Literária*, Adauto Rocha defendia a abertura de espaço para a nova produção literária, em específico as das “províncias”, que encontravam resistência dos “Centros”:

Não obstante a evolução do espírito em todos os sentidos, as Academias de Letras, tanto na metrópole do país como nas províncias, continuam ainda atreladas aos preconceitos e veleidades rigorosamente academicistas do passado [...]. Essa retrógrada condição antidemocrática definidora do espírito acadêmico, tem emprestado às Academias de Letras um sentido de inacessibilidade a muitos intelectuais cuja formação culturalmente revolucionária colida com a mentalidade conservadora dos pretensiosos detentores da sabença bolorizada. (DEMOCRATIZAÇÃO E..., 9 de out. de 1949, p. 4)

Sua fala evidenciava uma luta de práticas e representações em torno da hegemonia do campo literário, o qual era visto como retrógrado e antidemocrático. Ao denunciar essa hegemonia, o autor defendia a abertura do campo para as ideias progressistas:

Reagindo, energicamente, contra velharias e preconceitos culturais e literários dessa 191rocura191 (sic), surge o movimento encabeçado pelos espíritos renovadores do pensamento literário, cuja propagação tem empolgado todos os recantos do país. Uma guerra construtiva aos moldes clássicos que ainda remontam ao panorama literário brasileiro vem sendo vitoriosamente travada, em todos os quadrantes, visando a democratização cultural contra o estulto dogmatismo intelectual dos decadentes tabus. Revistas e jornais modernistas, vanguardistas, estão sendo editados em vários Estados da Federação, onde se processa um vigoroso movimento pela real emancipação cultural e literária brasileira. (DEMOCRATIZAÇÃO E..., 9 de out. de 1949, p. 4)

Em artigo, Lopes de Andrade associava a sua existência de grupos e do suplemento ao movimento de *renovação* das letras paraibanas, que se somava ao “novismo pernambucano” com a ida para a Paraíba do poeta e jornalista Edson Régis, um dos articuladores da criação do *Correio das Artes*. Segundo Lopes de Andrade, as

considerações que me sugere o *Grupo do Moleque* na Paraíba, estão longe de esgotar o rico filão que é o ‘novismo’ no meu Estado. Na verdade, o ‘molequismo’ paraibano se apresenta grávido de um brilhantismo futuro. Como os do Paraná e Pernambuco os ‘novos’ da Paraíba, [...] trazem todos um ardentíssimo entusiasmo

pelas boas letras [...] E agora que um dos mais destacados chefes do ‘novismo’ em Pernambuco, o poeta Edson Régis, da revista *Região*, veio morar na Paraíba, é possível que o ‘molequismo’ se articule definitivamente e venha à tona. Ficaré, assim, a Paraíba, mais um vez, incorporada aos movimentos nacionais de renovação literária, e que ela nunca se conforme em estar ausente... (O NOVISMO NA PARAÍBA..., 09 de out. de 1949, p. 15)

Essas falas tanto buscaram refletir a chegada do suplemento, como produziram reflexão em torno dos novos autores, perpassaram os primeiros números do suplemento. Em artigo intitulado *Correio das Artes*, Campomizzi Filho, dizia:

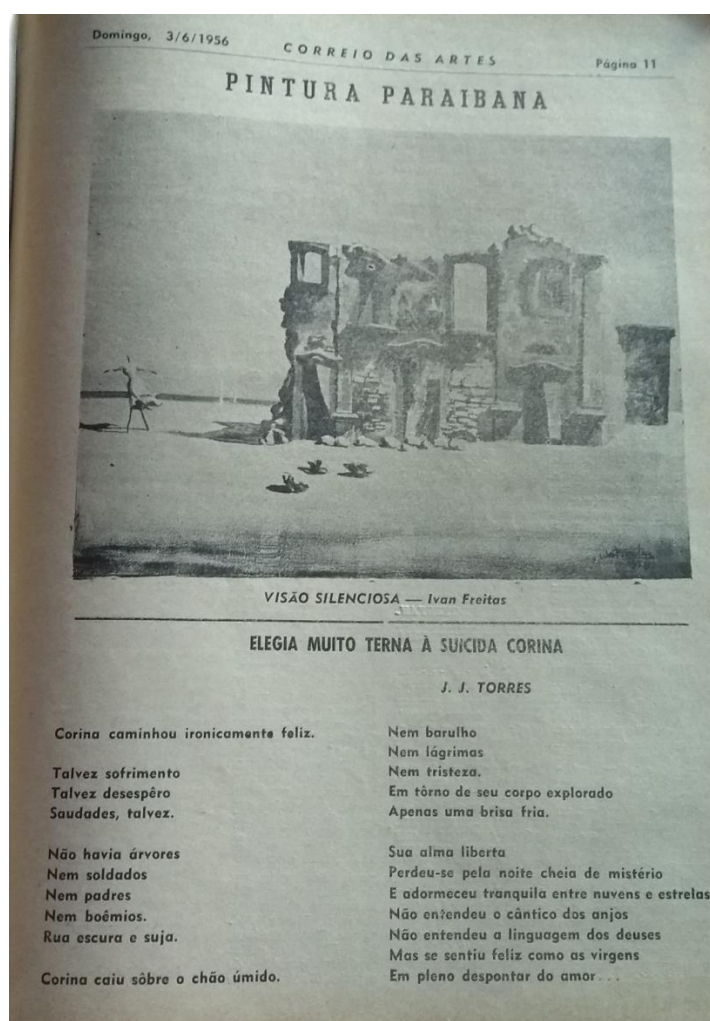
A PROVÍNCIA tem feito valer a expressão intelectual dos autores que, presos a compromissos de toda ordem, dela não podem se abalar para a metrópole distante. E se em época anterior esses valores se perdiam [...] não chegando ao grande público pela dificuldade de expansão dos seus trabalhos, já hoje se nota um alto sentido de reação, surgindo nos diversos estados, jornais e revistas que atestam o valor e a dedicação de gente provinciana que busca, [...] atingir a universalidade da arte pela expressão de órgãos capazes de chegar aos mais distantes rincões onde se cuide coisas do espírito [...].

O CORREIO DAS ARTES deixou de circunscrever-se ao pequeno Estado nordestino para atingir as mais afastadas comunas, numa afirmação categórica de que também na Paraíba se trabalha e se renova [...] estudando novas fórmulas capazes de substituir os métodos de vinte e dois já repetidos e repetindo-se até mesmo nos seus nomes mais destacados. (CORREIO DAS..., de 21 de ago. de 1949, p. 15)

Essas falas demarcavam a vontade da “província” em se inserir num campo nacional e, até certo ponto, opor-se ao “centro”, evidenciando as posições no espaço social e em atingir a universalidade (legitimidade) por meio da construção de uma nova verdade da arte pela expressão desses órgãos ou instituições da construção discursiva. A analogia com as “coisas do espírito” é um indício importante para compreensão de que essas disputas pela demarcação de espaços no campo também assumiam o caráter para além do material, ou seja, expressando-se no campo simbólico dos bens culturais – no entanto, entendendo o material e o simbólico num constante diálogo, por vezes se confundindo.

O *Correio das Artes* deixou de circular em 1951, voltando apenas em 1956. Essa segunda fase de circulação contou com a colaboração de poetas e artistas que se organizaram em torno do grupo *Geração 59*. O início da projeção do grupo se deu ainda no suplemento, onde encontraram espaço para a divulgação de suas produções literárias e plásticas.

Figura 10 – Página do Correio das Artes com reprodução da pintura “Visão Silenciosa”, de Iva Freitas; e do poema “Elegia muito terna à suicida Corina”, de J. J. Torres. Edição 3 de jun. de 1956, p. 11.



Fonte: Acervo da Academia Paraibana de Letras.

Com mais uma interrupção das atividades do suplemento, o grupo se dedicou aos projetos editoriais individuais e na organização da coletânea que foi lançada em 1959. Porém, havia a necessidade de um órgão que divulgasse regularmente as ideias e produção da *Geração 59*. Em 1º de março de 1959, começou a circular mais um suplemento do jornal *A União*, dessa vez intitulado *A União nas Letras e nas Artes*.

No suplemento *A União nas Letras e nas Artes* era possível perceber a permanência de um debate em torno da ideia de “centro e periferia”:

[...] o Rio de Janeiro comanda de forma absoluta todo o processo cultural do país. Centro Administrativo, a movimentar mais diretamente os fatores políticos que são os mais atuantes nos estados subdesenvolvidos, a metrópole retém os elementos essenciais da atividade cultural numa massa

tal de fatores que sufoca qualquer tentativa de culturas periféricas. Tem o prestígio político, tem as editoras em função local, tem abundância de recursos materiais necessários. [...]

Atrai valores, mas não pode cultivá-los nem 1940-los. Essa é a verdade. Tudo o que se faz no Rio de Janeiro, nesse domínio, exprime uma realidade lamentável de desajustamento e frustração. É um comando estéril e pernicioso. O comando cultural da metrópole. Ali floresce espantosamente a mediocridade, o aventureirismo intelectual se faz escola, a incapacidade se frige [sic] em talento e ganha prêmios: postos em circulação, a farta de meios e amparos no prestígio da metrópole, eles se impõem. Precisamos reagir. (A UNIÃO NAS LETRAS E NAS ARTES, 24 de maio de 1959, p. 1)

Ambos os suplementos se caracterizaram como sucessivas iniciativas que evidenciavam renovados esforços de manter ativo um meio que servisse de plataforma aos novos postulantes ao estatuto de artista, poeta ou escritor. Apesar da pouca diferença, inclusive com agentes que atuaram nos dois periódicos, percebe-se que o suplemento *A União nas Letras e nas Artes* surgiu como esforço de um grupo distinto, que tomou a publicação para suas postulações de natureza intelectual e artística, trazendo a marca da distinção frente às personagens hegemônicas que ocuparam o *Correio das Artes*.

A busca por distinção se dava, principalmente, por do discurso em torno do vanguardismo, que era recorrente nos contextos de criação dos suplementos e visava sobrepor os novos sujeitos aos antigos, colocando-os em evidência, em busca de uma centralidade no campo e, nesse processo, articulavam-se redes de agentes em defesa de seus projetos. Os suplementos, como veículos comandados por um grupo específico, ou tendo à frente um agente central, demarcavam uma posição frente a uma parcela dominante na cultura brasileira, se colocando na linha de frente de uma reação da província paraibana. Porém, tornam-se central no debate as reverberações dessa postura no contexto local, principalmente para perceber os trânsitos dos grupos, personagens, postulações e suas práticas, para, assim, compreender as fronteiras entre as suas diferenças e similitudes.

Raul Córdula, que integrou o grupo de artistas plásticos em torno da *Geração 59* e ilustrou seus poemas e páginas das obras dos membros do grupo e de suplementos literários, bem como chegou a publicar a coluna *Atelier*, no *Correio das Artes*, concebia os suplementos literários como “a arena das batalhas modernas, o lugar onde sonhávamos com a arte como ela é hoje, o fórum de nossas angústias, e também de nossas vitórias” (2009, p. 59). Em suas memórias recorda os poetas, artistas e jornalistas que atuaram juntos na imprensa literária da Paraíba no final da década de 1950 e início da década de 1960:

Otacílio Queiroz, Adalberto Barreto, Gonzaga Rodrigues, Severino Ramos, Dorgival Terceiro Neto e Linduarte Noronha vibravam cada vez que a seleção dente-de-leite do suplemento literário chegava com suas novidades, seus poemas recentes, seus desenhos esquisitos, suas teorias futuristas. [...] Fazer o suplemento era uma aventura apaixonada, uma arenga constante de Jurandy Moura com Clemente Rosas e José Bezerra Cavalcante em busca de um poema inédito, um esforço de Linduarte Noronha, Vladimir Carvalho e João Ramiro Melo para tornarem públicas as ideias do cinema. Era, sobretudo, o empenho heroico de pessoas hoje quase esquecidas, como Geraldo Carvalho, Wilton Veloso, Ítalo Dália, Rino Visani, Marcos Aprígio de Sá, Carlos Moura, Petrônio Castro Pinto (pai do grande poeta Sérgio Castro Pinto), e tantos outros que a memória não guardou, contribuindo com trabalho intelectual da melhor qualidade para a formação do saber e para o deleite da cidade. (CÓRDULA, 2009, p. 60)

Raul Córdula recorda essa prática com entusiasmo, colocando os embates apenas em torno da escolha das obras que iriam compor as páginas. Porém, revelava uma grande rede de personagens que estiveram envolvidos nas publicações dos jornais e suplementos locais.

Os suplementos também foram um dos meios, juntos com os livros de história da Literatura, que os grupos se utilizaram para, a partir de determinadas concepções, empreender uma escrita da própria história e da história do campo no qual eles se inseriam, por meio de biografias, antologias, página de “novos”, entre outras abordagens, revelando o caráter de “reflexividade” presente nos campos culturais. Tal movimento é característico da própria dinâmica do campo de produção de bens culturais e simbólicos, tomando para si a marca da reflexividade, impondo aos agentes a necessidade de sempre se voltar à sua história, de fazer um caminho pela trajetória do campo, levantando aquilo que deve ser posto de lado e assim apresentando aquilo que deve ser visto como a nova prática artístico-cultural legítima (BOURDIEU, 2004^a).

O constante embate “novos” e “velhos” e a dicotomia “centro-província” demonstrava uma luta simbólica pela apropriação do lugar de dominação do campo. A parcela dominante era formada pelos estabelecidos, aqueles que já haviam transpassado um contexto de lutas e teriam saído “vitoriosos” e naquele contexto ocupavam as Academias, institutos, e outros espaços, como a imprensa. Assim, os suplementos abriam espaço para os “novos” grupos e sujeitos como um meio de comunicação, portador, produtor e reproduzidor das novas ideias da parcela dominada do campo, sempre posicionado de forma a realçar a necessidade do discurso vanguardista por um duplo movimento: de um lado, retomando a sua história para 1950 e a ou 1950 na aquilo que lhe cabe e, por outro lado, na sempre necessária oposição à parcela dominante, ou a geração a ser posta de lado ou relegada ao passado.

O suplemento *A União nas Letras e nas Artes*, tanto no artigo de Wilton Veloso, quanto em outras sessões, buscava reafirmar e demarcar seu papel de destaque na promoção da cultura local. Na edição de 15 de agosto de 1959, percebe-se a intenção de se inserir na história, já se pondo como uma publicação tradicional dentro do campo. *A União nas Letras e nas Artes*, ressaltava o papel dos suplementos literários para refletir – tanto no sentido de pensar quanto do sentido de representar – o contexto social e cultural, bem como a importância para futuramente se ler aquela sociedade:

Numa época de transição como a nossa, em que os valores tradicionais ruem fragorosamente ante o impacto de novas cosmovisões, avulta-se o papel dos Suplementos Literários como documentos onde, por intermédio da Arte, se refletem, com fidelidade assombrosa, essas mutações psicossociais. Os futuros historiadores, por certo, os folhearão. Serão dados preciosos com os quais se reconstituirá, mais tarde, a angústia da atual Humanidade, que, de olhos fitos no Futuro, luta ainda contra conceitos de vida já definitivamente superados.

A “A UNIÃO NAS LETRAS E NAS ARTES” continua a sua missão de objetivar o perfil artístico-literário da Paraíba. Depois de algum tempo, retorna às bancas de jornais, graças aos esforços dos que fazem literatura na Província, e ao apoio estatal que nunca tem faltado às iniciativas culturais do nosso meio. (EDITORIAL, 15 de agosto de 1959, p.1)

Os agentes concebiam seus bens como importantes para se entender a sociedade, logo, sendo eles próprios como vozes autorizadas para ler o mundo e o próprio grupo. Além de ditar formas de como desejam perpetuar sua imagem para o futuro.

Os entusiastas desses suplementos os concebiam como os veículos de maior expressão dos movimentos artísticos nacionais que, no entanto, chegavam, na visão desses sujeitos, tardiamente à “província”. A ideia de “província” era construída em oposição à ideia de “centro”, e é uma constante nos suplementos, jornais e livros. Porém, a apropriação dessa terminologia se revelava complexa, não só expressando um possível atraso da Paraíba em relação ao Rio de Janeiro e São Paulo, mas também demarcava uma tomada de defesa das artes locais em relação ao “centro”, revelando possíveis leituras em torno das representações que a literatura fazia desse cenário social e cultural. Ao se colocarem como *província*, além de propor um denunciamento em relação às desigualdades de incentivo, produção, circulação de bens culturais, esses sujeitos defendiam uma posição no campo que, de certa maneira, também tinha sua centralidade. Além disso, era uma terminologia recorrente e usada também pelo “centro”, como se via no tratamento dispensando pelos colunistas do Sudeste. O escritor José Condé, por exemplo, possuía em sua coluna “Escritores e Livros”, no *Correio da Manhã*, uma sessão intitulada *Província do Brasil*, na qual tratava de noticiar as atividades literárias

dos estados que não fossem os estados do Sudeste – inclusive, a Paraíba e Virgínius figuravam diversas vezes na sessão.

Foi esse cenário que Virgínius encontrou em evidência quando voltou para a Paraíba, o que motivou intensos embates entre o escritor e as personagens e redes que ocupavam a centralidade do campo de produção cultural paraibano, em especial, a Geração 59, que estava a frente do *A União nas Letras e nas Artes*, que circulou até janeiro de 1960, retornando em julho do mesmo ano, porém, sem o mesmo formato e só voltando a circular em 1962, em novembro e em dezembro, sendo o último número em virtude do III Congresso de Crítica e História Literária, indicando as novas relações do grupo com Virgínius.

Ao voltar para a Paraíba, Virgínius já possuía um nome de projeção na imprensa devido sua presença na imprensa pernambucana, como também na colaboração esporádica para o jornal *A União*. Mas sua consolidação na imprensa se deu na Paraíba. No início da década de 1960 buscou se inserir no meio jornalístico local de forma mais sistemática. Passou a integrar o jornal com a coluna *Literatura e Vida*. Durante a década de 1960 ainda passou a colaborar com publicações do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, além dos convites que recebia para colaborar com revistas de outros estados.

Ao passo que foi reconfigurando suas redes de relações locais, Virgínius foi se empenhando em projetos coletivos, inclusive com aqueles envolvidos com os antigos suplementos. Em 1964 participou da rearticulação do *Correio das Artes*, que voltou a circular em 22 de novembro de 1964, propondo-se articular escritores locais e de outras partes do país:

O CORREIO DAS ARTES, antigo suplemento literário d'A União, cujo aparecimento se deu, há quinze anos, no governo do sr. Oswaldo Trigueiro, quando dirigia este matutino o sr. Sílvio Porto, atual secretário do Interior, – faz hoje, a sua “reentré”.

O velho suplemento – àquela época sob a esclarecida orientação do poeta Edson Regis, e que tanta receptividade encontrou no cenário artístico nacional – espera, nesta oportunidade, reeditar o mesmo propósito de ontem, isto é, contribuir para uma melhor dinamização do mundo cultural da província.

Nossas páginas estão, assim, à disposição não só dos intelectuais da terra, mas também dos que residem fora de nossas fronteiras.

A volta do CORREIO DAS ARTES representa mais uma promoção do Plano de Extensão Cultural do Governo Pedro Gondim.

Ao ensejo desse retorno, não poderemos deixar de salientar o apoio e o estímulo que nos dispensou o atual Chefe do Executivo, homem sensível aos movimentos dessa natureza, motivo porque o seu gesto não constituiu nenhuma surpresa. (O REAPARECIMENTO DE..., 22 de nov. de 1964, p.2)

O editorial buscava na própria história do suplemento uma fala consagradora para representar o prestígio que a publicação teria. O editorial aponta para outra característica que marcou essa fase: a relação intrínseca com o governo, inclusive o suplemento passou a trazer que a publicação era uma “promoção do Plano de Extensão Cultural do Governo Pedro Gondim”. Virgínius esteve à frente do Plano de Extensão Cultural e, por meio dele, articulou a reedição do suplemento.

Essa relação indicava uma prática recorrente nas redes que integravam escritores, jornalistas, políticos e os órgãos de imprensa. Em 15 de agosto de 1965, o *Correio das Artes*, publicava um trecho do livro *Paisagens do Nordeste*, do escritor paraibano Nelson Lustosa, então radicado no Rio de Janeiro. O trecho, intitulado “Retorno”, pode ser tomado como representativo dessas práticas de inserção nas redes de sociabilidade e círculos da imprensa. Na passagem, Lustosa relembra sua formação profissional e sua inserção no campo intelectual com as “bênçãos” de personagens da política e da intelectualidade local. Foi “acolhido” no vespertino *O Norte*, pelo dono e deputado Oscar Soares:

Pouco depois pela mão sertaneja de Celso Mariz, primoroso escritor da minha província, amigo de meu pai, obtendo gancho de datilógrafo temporário da Assembleia Legislativa do Estado e também o meu primeiro emprego público, pois a seu pedido sou incluído no quadro de auxiliares contratados (40 mil réis) da “A UNIÃO”, órgão do governo, dirigido por Carlos Dias Fernandes, um gênio da inteligência paraibana desaparecido. Como realmente Oscar Soares, Celso Mariz e Carlos Dias Fernandes me dando a mão me ajudaram na vida! Não esqueci jamais no meu coração. Esta confissão é para um comovido Deus lhe pague, de público. (RETORNO..., 15 de ago. de 1965, p. 18)

Era um relato que antecedia a inserção de Virgínius nos meios letrados e até mesmo a criação do *Correio das Artes*. Porém, pode ser tomado como exemplo da dinâmica de um campo, com seu processo de inserção, legitimação dos pares e apadrinhamentos. O relato também trazia nomes de personagens com os quais Virgínius manteve relações por meio da imprensa, ou em outros espaços, como Celso Mariz, o seu primo Juarez da Gama Batista e o próprio Nelson Lustosa. Além disso, a presença de um relato com tal conteúdo no suplemento era indicativo da “naturalização” de tais práticas, que configuravam dentro das regras do próprio campo.

Os jornais e suplementos possibilitaram a criação de redes de sociabilidades, bem como a afirmação de laços existentes em outros espaços. Os laços de amizade que Virgínius estabeleceu localmente estavam diretamente ligados aos jornais. Assim como nacionalmente. Se não eram editores e colunistas, passavam, de alguma forma, pela atuação de Virgínius nos

jornais e suplementos. Nesse sentido, cruzavam-se imprensa, escrita epistolar, instituições, eventos e outros espaços de sociabilidade letrada. Era comum que as colunas estendessem algum debate iniciado nas cartas ou até mesmo na mesa dos bares. E vice-versa. O tema mais presente nas correspondências remetidas para Virgínius era acerca de seus artigos e notas nos jornais. Essa prática possibilitou a criação de dezenas de vínculos de amizade e intelectual.

Um exemplo representativo do entrecruzamento da prática do jornalismo literário com a escrita epistolar podia ser encontrado nas trocas de cartas entre Virgínius e o escritor Ascendino Leite⁵⁰. Na sua coluna *Prelo*, no *Correio das Artes*, Virgínius publicava trechos das cartas remetidas para ele. Numa das edições, publicou trecho de carta enviada por Ascendino em 15 de fevereiro de 1965:

Sempre atento às coisas da província, o escritor Ascendino Leite, em carta, fala do “Correio das Artes”:

– “O Aurélio Albuquerque, que está por aqui em férias, trouxe para mim uma lembrança do amigo: dois exemplares do ‘Correio das Artes’, números de 17 e 30 de janeiro. Menino, que coisa arrojada e bem feita está saindo esse suplemento. Agradou-me integralmente. A Paraíba, sob esse aspecto, retoma uma posição admirável na imprensa literária brasileira, dando-nos uma publicação regional estruturada com apuro plástico verdadeiramente notável em meio à boa qualidade da matéria, isto é, dos textos, todos centrados na atualidade intelectual do país.” (ASCENDINO E O..., 28 de fev. de 1965, p. 10)

A publicação de trechos de cartas remetidas fazia parte da própria dinâmica de promoção da relação entre os pares e do próprio suplemento. Ao escrever no espaço íntimo da carta, o sujeito intelectual já entendia que a dinâmica poderia levar a publicização de sua fala. Ao publicizar o trecho da carta, Virgínius toma uma fala autorizada do campo para consagrar a publicação da qual ele fazia parte.

Em suas colunas, Virgínius tratava de trazer as notícias do campo literário e dos seus pares:

O professor e escritor português Vitorino Nemésio fez conferências na Paraíba e percorreu o mundo de José Lins do Rêgo em companhia de José Américo de Almeida. Os engenhos Itapuá e Corredor, os velhos caminhos da várzea e os mais antigos de Pilar, tudo foi visto pelo escritor português, do lado do autor de “A Bagaceira”, de dona Maria Menina e dos escritores Jurandy Moura e Wills Leal. – Outro escritor estrangeiro que visitou a

⁵⁰ Ascendino Leite (Conceição-PB, 1915-2010). Escritor paraibano, dirigiu jornais na Paraíba em São Paulo e no Rio de Janeiro. Entre seus projetos estava o *Jornal Literário*. Foi secretário do governo do Estado da Guanabara durante a gestão de Carlos Lacerda. Entre seus livros estão *O Brasileiro* (1962) e *A Velha Chama* (1965), que rederam notas nas colunas assinadas por Virgínius.

Paraíba foi o alemão Ronald Daus, professor de literatura brasileira na Universidade de Hamburgo, que se fazia acompanhar da musicista Evelyns Daus de Karlsruhe. Grande interesse revelou Ronald Daus pela literatura de cordel, pesquisas folclóricas, tendo encontrado no escritor Altimar de Alencar Pimentel o mais esclarecido guia – De férias da Biblioteca Nacional, onde realiza estágio técnico, o escritor Waldemar Duarte informou que demorará na Paraíba até princípio de Agosto, ultimando a “Bibliografia dos Autores Paraibanos”, que publicará em breve – Nelson Lustosa Cabral, vindo do Rio, anuncia que Waldimir Carvalho está concluindo o roteiro do filme “Garganta do Esqueleto”, baseado no romance de autoria de Nelson e que será lançado em breve nas livrarias com o mesmo título – “Garganta do Esqueleto”. (REGISTRO DE VIAJANTES... Correio das Artes, 18 de julho de 1965, p. 11)

Por meio de suas notas era possível vislumbrar os sujeitos que compunham suas redes de sociabilidade, bem como suas práticas e projetos. Mas, principalmente, era possível perceber as dinâmicas presentes nessas relações.

Na mesma coluna, Virgínius publicou um trecho de uma carta remetida por Moacir C. Lopes, apropriando-se da mesma de acordo com o interesse do suplemento. O escritor Moacir Costa Lopes escreveu para agradecer o telegrama que recebeu com votos de feliz ano novo e aproveitava para indagar se Virgínius havia recebido seu último livro lançado: “Espero que você tenha recebido meu último livro ‘A Ostra e o Vento’, que foi remetido através da Civilização, em maio de 64” (LOPES, M. C. Carta. 20 de fev. de 1965. Rio de Janeiro).

Na carta ainda noticiava que estava trabalhando num novo romance e sobre quando possivelmente seria lançando. Virgínius aproveitou esse trecho em que Moacir C. Lopes relatava seu projeto e publicou na sua coluna, com nota intitulada “Moacir Lopes para 66”, como sendo uma notícia exclusiva para o Correio das Artes:

– O escritor Moacir C. Lopes, autor consagrado dos romances – “Maria de Cada Porto”, “Chão de Mínimos Amantes” e “A Ostra e o Vento”, revela ao “Correio das Artes” em prioridade nacional – “Estou trabalhando em um novo romance que se intitulará ‘O Juiz das Almas’ e estou achando que será um passo bastante avançado em relação a tudo o que já fiz até hoje e representará meu amadurecimento literário, e será talvez meu livro com maior dose de brasilidade, embora se passe durante uma viagem (a última viagem de um velho cargueiro), um tanto metafísico e com grande dose de misticismo brasileiro frente as grandes tragédias; no caso é a Gripe Espanhola, de 1918. Sairá talvez em princípios de 1966”. (MOACIR PARA... Correio das Artes. João Pessoa, 28 de fev. de 1965, p. 10)

Virgínius, que se empenhava no projeto de publicação do suplemento em sua nova fase, valeu-se do nome do escritor Moacir C. Lopes, apresentado como consagrado, para promover o periódico, noticiando o fato – que havia sido narrado na carta sem fazer menção

ao suplemento – como um privilégio do *Correio das Artes* em ter acesso com exclusividade ao projeto do escritor de renome nacional.

No movimento inverso, centenas de cartas chegavam para Virgínius comentando e discutindo os seus artigos publicados. Principalmente cartas que agradeciam a atenção do crítico. Na sua coluna *Prelo*, Virgínius centrava suas notas em divulgar e comentar as publicações e projetos de escritores. Na sua coluna do *Correio das Artes*, publicou uma das notas sobre o livro de seu primo, intitulado *Gabriela, seu cravo e sua canela* (1965): “O novo livro de Juarez da Gama Batista repete a beleza literária dos seus livros anteriores, marcando-se ainda pela interpretação originalmente inteligentíssima. A propósito, José Américo de Almeida manifestou sua admiração” (GABRIELA DO JUAREZ... 28 de fev. de 1965, p. 10).

Juarez da Gama Batista enviou uma carta agradecendo e comentando uma das notas de Virgínius:

Primo Virgínius:

Li sua nota de afeto e cordialidade sobre a minha-Gabriela-dos-outros.

Na verdade, a moça de Ilhéus está é dentro de todos nós. Esse parece ter sido o segredo de descoberta de Jorge Amado. Qualquer coisa assim como a Carlota, do “Werther”, em relação à Europa do século 18 a princípios do 19: uma obsessão latente do inconsciente coletivo, de repente saindo à rua. Também parecida (no seu processo de vida) com a Dama das Camélias – uma Dama das Camélias nem tanto às avessas. E a grande força romanesca do autor terá se revelado justamente se, no lampejo que os conduziu às profundezas desses largos abismos do humano como multidão.

Meu trabalho, rude e de resultados visivelmente modestos, valorizou-se com a sua palavra, que corre sempre como um riacho entre ramagens – limpo, sereno, natural, nascido de fontes puras. É a sensação que me deixa tudo o que você escreve: a de um sentir que não se exalta, que flui, simplesmente, criando uma atmosfera que chamaria de bucólica, tal a sua mansa inocência de viver e dizer, e onde tudo o que se respira tem o gosto e o doce travo das coisas que a natureza criar.

Sou-lhe grato por tudo o que foi rasgo de coração de parente e amigo, na sua nota. E creia na minha admiração. (BATISTA, J. G. Carta. 28 de abril de 1965. João Pessoa)

Juarez Batista, muito mais que agradecer e elogiar a nota por meio da sua carta, tomou a publicação como ponto de partida para falar da sua própria obra. As cartas de Juarez Batista e de Ascendino Leite ilustram uma constante na prática do jornalismo literário. O tema não se encerrava na nota publicada ou nas cartas, muitas vezes o debate se estendia para outros espaços.

Virgínius abria espaço para apresentar obras de novos autores, mas privilegiava os sujeitos com quem mantinha laços de amizade, intelectual ou institucional. Uma dessas

personagens foi o escritor Mauro Mota. O escritor pernambucano era um antigo colaborador do *Correio das Artes* e mantinha laços de amizade com Virgínius desde quando o paraibano morava em Recife. Na década de 1960 desenvolveu novas relações com Mauro Mota, então diretor do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. Essa relação ficou registrada nas correspondências e nas páginas dos periódicos.

Numa de suas notas na coluna *Prelo*, Virgínius noticiava o encontro que teve com Mauro Mota na Fundação Joaquim Nabuco:

Mauro Mota, figura humana extraordinária, que só não é maior que sua poesia, recebe a equipe de “Menino de Engenho” no Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, pondo-lhe à disposição tudo que for possível a essa. [...]

De Mauro Mota, entretanto, já existe muita coisa tombada para o patrimônio nacional – sua poesia, por exemplo, que está em nível altíssimo neste (Canto ao Meio), agora publicado pela Editora Civilização Brasileira. (TOMBAMENTO DO CANÁRIA..., 31 de jan. 1965, p. 10)

As publicações de Virgínius que faziam menção às personagens com quem mantinha laços de amizade, revelavam práticas presentes nesse jogo. Virgínius tratava de apresentar os vínculos pessoais, mas, principalmente, os laços intelectuais, tecendo comentários elogiosos acerca das obras desses sujeitos.

A nota sobre Mauro Mota revelava, ainda, o vínculo institucional que se deu em virtude da produção do filme *Menino de Engenho*. Porém, não era a primeira vez que Virgínius publicava alguma nota referente a um projeto junto ao Instituto Joaquim Nabuco. Assim como se dava com outras notas, Mauro Mota remetia cartas a Virgínius comentando e agradecendo as publicações. Em fevereiro de 1963, escreveu agradecendo os artigos publicados que faziam referência ao IJNPS:

Escritor Virgínius da Gama e Melo:

Pessoalmente e em nome do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, quero agradecer os três excelentes artigos de sua autoria, publicados em *A União*, dessa capital, sobre as nossas recentes publicações.

Muito apreciamos os seus comentários, que, vindos de um espírito tão identificado com os problemas sociais do Nordeste, representam valioso estímulo ao prosseguimento dos trabalhos desta entidade. (MOTA, M. Carta. 27 de fev. de 1963. Recife)

A maior parte das cartas remetidas por Mauro Mota dizia respeito aos projetos envolvendo Virgínius e o Instituto. No jogo de interesses, dar nota das ações das entidades,

governos e dos agentes representantes desses, era parte fundamental, e acabava evidenciando as redes envolvidas nos diferentes projetos em que se envolveu.

Entre os periódicos também se dava o intercâmbio entre os seus integrantes. Um exemplo foi o intercâmbio ocorrido com o *Correio da Manhã* (RJ). O principal deles foi entre o jornalista José Condé⁵¹ e Virgínius, que estabeleceram uma relação próxima. O próprio José Condé tratou de noticiar em sua coluna no *Correio da Manhã*, intitulada *Província do Brasil* a criação do suplemento literário paraibano:

É cada vez maior o número de publicações nos Estados. Espelhando o movimento literário e artístico de sua região, essas revistas surgem nos mais variados recantos do país. Assim, registramos o aparecimento de mais um suplemento literário, “Correio das Artes”, editado em João Pessoa sob a direção do poeta Edson Régis. Além da boa apresentação gráfica, “Correio das Artes” traz colaboração excelente, incluindo-se entre as publicações que no momento melhor exprimem o movimento cultural no nosso país. (PROVÍNCIA DO..., 24 de abril de 1949, p. 10)

Na década de 1960, a relação do *Correio da Manhã* com Virgínius se estreitou, quando, a partir de 30 de julho de 1960, o crítico passou a publicar seus artigos. O primeiro deles foi a crítica intitulada “Fagundes de Menezes (Contos)”, na qual discutia a coletânea *O Vale dos Cataventos*. Além dos seus artigos, Virgínius se fazia presente no periódico carioca por meio das notas publicadas por José Condé em sua coluna *Escritores e Livros*, que tratavam de noticiar os projetos envolvendo Virgínius. O período em que essa prática foi mais intensa se deu durante a organização do III Congresso de Crítica e História Literária, quando Condé tratou de divulgar o evento e noticiar os pormenores da organização. Em outubro de 1961, publicou um trecho de uma carta em que Virgínius tratava do congresso:

De uma carta do crítico paraibano Virgínius da Gama e Melo, um dos organizadores do III Congresso de Crítica e História Literária, que se reunirá em João Pessoa, em 1962: “O Congresso que vamos fazer aqui vai ter caráter internacional. Será dedicado, como você sabe, a José Lins do Rego, e pretendemos trazer até a Paraíba todos os tradutores de José Lins, inclusive alguns estudiosos estrangeiros de literatura brasileira.” (ESCRITORES E..., 19 de out. de 1961, 2. cad. p 2)

Condé acompanhou o processo de organização por cartas e pessoalmente durante as viagens de Virgínius ao Rio de Janeiro em virtude da preparação do Congresso. Essas etapas

⁵¹ José Ferreira Condé (Pernambuco, 1917-1971), nasceu em Caruaru e fez carreira jornalística no Rio de Janeiro, no *Correio da Manhã*, com a coluna *Escritores e Livros*, e no *Jornal de Letras*. Publicou *Caminhos da Sombra* (1945), *Terra de Caruaru* (1960), *Pensão Riso da Noite: Rua das Mágoas* (1966), entre outros. Foi irmão dos jornalistas Elysio Condé e João Condé, com quem Virgínius também estabeleceu relações.

foram sendo noticiadas na sua coluna. Numa das oportunidades noticiou que o Congresso havia sido transferido de agosto para setembro e publica trecho de outra carta de Virgínius justificando a nova data:

O escritor paraibano Virgínius da Gama e Melo – um dos principais responsáveis pela iniciativa – diz em carta ao colunista: “Todo meu tempo, praticamente, tem sido tomado pelo Congresso de Crítica. E o pior é que ainda não arranjamos todas as verbas. É um desastre”. Acrescentando: “Bom seria que os intelectuais se unissem e fizessem um apelo ao ministro da Educação no sentido de que as verbas sejam entregues o mais depressa possível”. (CONGRESSO DE..., 11 de mai. de 1962, 2 cad., p. 2)

Com essa carta, Condé trazia a público um lado pouco conhecido de Virgínius até então, que colocava em cheque a realização de um projeto em que estava envolvido. Porém, visava mostrar o sujeito empenhado num empreendimento caro ao campo literário e tal fato podia ser justificado na tentativa de sensibilizar e mobilizar os pares e autoridades em torno da realização do Congresso. Após o evento, Condé continuou a noticiar o processo de organização dos anais do Congresso, por meio das notícias que chegavam pelas cartas de Virgínius.

Condé ainda noticiava outros projetos de Virgínius em torno de sua produção literária e cinematográfica, além de transcrever trechos de seus artigos ou promover o debate por meio de enquetes. Num dos seus “Inquéritos”, indagou Virgínius sobre que livros o crítico sugeria para entender a realidade brasileira, publicando a resposta enviada por carta:

– QUE livros publicados recentemente você considera indispensáveis a uma tomada de consciência da nossa realidade?

Resposta do crítico literário e professor (da Universidade da Paraíba)
VIRGÍNIUS DA GAMA E MELO:

– O livro de Walfredo Moraes (**Jagunços e Heróis**) é completado pelo de Rui Facó (**Cangaceiros e Fanáticos**), constituindo ambos uma interpretação duma realidade brasileira que é o processo de desenvolvimento econômico e social de certas áreas do Nordeste brasileiro. Como atualidade debatedora de assuntos vivificados pelo dia-a-dia há o **Retrato Sem Retoque**, de Adalgisa Nery. Gostaria de citar ainda os **Cadernos do Povo Brasileiro**; no romance, **Diário de Um Transviado**, de Sylvan Paezzo, e o de Jorge Mantner – dois casos de contradição burguesa atual. Mais o trabalho de Celso Furtado, **A Pré-Revolução Brasileira**, e, como documento de época e arte de bem escrever, o de Gilberto Amado: **Três Livros**. (INQUÉRITO..., 20 de ago. de 1963, 2 cad., p. 2. Grifos do autor).

Ainda por meio da sessão *Província do Brasil* era possível ficar a par de outras esferas da vida cultural da Paraíba que, ao serem noticiadas, podiam servir como gancho para se reportar a Virgínius:

Após breve estada no Rio, regressou ontem a João Pessoa, onde reside, o poeta Celso Octávio Novais, que deixou com José Álvaro, Editor, os originais de seu próximo livro, **Painel do Silêncio**.

Algumas impressões do poeta sobre o atual movimento literário no seu Estado:

– Como não podia deixar de ser, tendo em vista as condições socioeconômicas regionais, a Paraíba sentiu os efeitos do movimento militar de abril em sua realidade cultural. Apesar disso, continuamos vivendo intelectualmente. Tivemos, por exemplo, recentemente, a posse dos escritores Humberto Nóbrega (autor de *Augusto dos Anjos* e sua *Época*, livro que repercutiu tão bem em todo o País) e Clóvis Lima no Instituto Histórico e Academia Paraibana de Letras, respectivamente. Além disso, uma bela notícia é a de que o crítico Virgínius da Gama e Melo (tão conhecido no Sul através de suas colaborações no *CORREIO DA MANHÃ*) pretende lançar uma revista literária mensal, que não seja somente paraibana, mas reflita, também, a paisagem cultural do próprio Nordeste. (*PROVÍNCIA DO...*, 30 de set. de 1964, 2 cad., p. 2)

Virgínius atuou em diversos periódicos. A experiência pernambucana, que remete à década de 1940, já havia possibilitado a criação de redes que se fizeram presentes durante toda a sua trajetória. A essa experiência se somou a lide diária nas redações e colaborações nos jornais paraibanos, além das colaborações com jornais do Rio de Janeiro e São Paulo, a partir da década de 1960.

No contexto paraibano, Virgínius assinou diversas colunas nos jornais locais. Primeiro, *Literatura e Vida*, no jornal *A União* e no *Correio das Artes*, e, depois, a coluna *Prelo*, no mesmo suplemento. N’*A União* dividia a página de cultura com Carlos Romero, que assinava a coluna “Recados da Província”, com Germana Vidal, que assinava as “Crônicas do Cotidiano” e com Linduarte Noronha, responsável pela coluna “Cinema”, entre outros colunistas. Conviveu com estas nas páginas culturais, nas redações dos jornais e no cotidiano. Junto a Carlos Romero, defendeu a volta do *Correio das Artes*, valendo-se da posição dele de subchefe da Casa Civil do governo Pedro Gondim. E com Linduarte Noronha esteve envolvido em projetos cinematográficos. As páginas dos periódicos ilustravam as relações que também se davam em outras esferas. Na mesma página que publicava sua coluna, poderia virar notícia numa outra sessão. No dia 18 de agosto de 1964, Carlos Romero dava nota da conferência de Virgínius dentro das atividades de comemoração dos 30 anos da obra *Casa*

Grande e Senzala, de Gilberto Freyre; evento que vinha sendo anunciado há alguns dias na própria coluna de *Literatura e Vida*:

1 – VIRGÍNIUS acaba de proferir magnífica conferência no Recife, sobre o livro-monumento de Gilberto Freire: CASA GRANDE E SENZALA. Como se sabe, a obra gilbertiana está completando 30 anos de existência. Para ouvir Virgínius falar, houve, como se diz linguagem teatral: CASA CHEIA. Mas para CASA GRANDE só mesmo casa cheia... Informou-me pessoalmente o Edson Regis que o Gama e Melo fez um estudo para valor. Parabéns, pois ao nosso Virgínius que é, sem favor, um autêntico CHANCELER das letras e da cultura da PEQUENINA E HERÓICA Paraíba. (RECADOS DA..., 18 de ago. de 1964, p. 6)

Virgínius também era presença constante nas colunas *Espetáculos*, de Otávio Monjardim, e *Flagrantes*, de Aurélio Albuquerque, ambas no jornal *Correio da Paraíba*. Nessas colunas era possível vislumbrar outro perfil de Virgínius, o que indicava a sua relação com esses colunistas. Aurélio Albuquerque chegou a publicar uma polêmica envolvendo Virgínius e o escritor Otacílio Dantas Cartaxo, então presidente da sessão Paraíba da “União dos Escritores Brasileiros”. Em 1º de abril de 1964, Aurélio Albuquerque, publicou em sua coluna um artigo que tratava das obras de Otacílio Dantas Cartaxo e, num segundo momento, fazia uma indagação sobre a Faculdade de Filosofia, onde ambos lecionavam junto com o colunista e Juarez da Gama Batista:

[...] Enquanto o Presidente da “União dos Escritores Brasileiros”, secção deste Estado assim fala e espera a divulgação da sua obra para breve, enquanto o prof. Juarez da Gama Batista se prepara para fazer concurso na Escola Nacional de Filosofia, e Virgínius da Gama e Melo é tido e disputado em todo o Brasil como um dos mais argutos críticos literários, é bem oportuna essa indagação: o que fazem e escrevem os outros pobres mestres da Faculdade de Filosofia que, numa verdadeira conjuração da burrice, de tão triste ressonância, tudo fizeram para impedir, naquela casa, o ingresso de Juarez Batista e Virgínius da Gama e Melo, Otacílio e o autor desta crônica. (E OS OUTROS?..., 1 de abril de 1964, p. 4)

Aurélio Albuquerque fazia referência à polêmica que envolveu a contratação de Virgínius e Juarez da Gama Batista pela Universidade da Paraíba, que se deu por nomeação direta pelo reitor Mário Moacyr Porto⁵². Tema que irritava Virgínius.

⁵² Virgínius foi nomeado pelo então reitor Mário Moacyr Porto para professor da Faculdade de Filosofia. No entanto, o escritor não constava na lista enviada pela FAFI, que continha seis indicações.

O colunista continuou o assunto publicando uma carta enviada pelo escritor Otacílio Cartaxo. A carta foi publicada em duas edições distintas. A segunda parte fazia menção à polêmica envolvendo a Faculdade de Filosofia e fazia referência direta à Virgínius:

Prossegue a gostosa carta de Otacílio Cartaxo:

“[...] O Menestrel Virgínius me disse que está cuidando em ZARPAR para outro ambiente. Que estava sendo explorado miseravelmente por uma ‘quadrilha’. Tem apenas um contrato precário. Sem nenhum direito. Ganhando uma ninharia. Que lá os **burros** acumulam as cadeiras no safado regime do PRO LABORE... Que os empregados da FF da UP ganham mais do que os professores, com vantagens de efetividade, empréstimos, salário-família, financiamento de casas e carros... Um mundo de vantagens. E para os professores um regime safado de ‘quadrilha do 207rocura207en’. E, afinal disse: – Sou mal visto...” (O ESCRITOR E O CAPIM..., 8 de abril de 1964, p. 4)

Virgínius procurou responder o artigo por meio de carta, que foi publicada e comentada por Aurélio Albuquerque no artigo intitulado *Cuidado, Virgínius*:

Do crítico literário Virgínius da Gama e Melo, o colunista recebeu, datada de oito do corrente mês, a seguinte carta:

– “AURÉLIO: Hoje você publicou em sua coluna um trecho da carta de Otacílio Cartaxo, em que ele me aponta como informante de uma série de inverdades, todas absurdas, até ridículas, a respeito da Faculdade de Filosofia. Tudo ali não passa da mais completa, da mais deslavada, da mais grosseira inconsequência. Atribuo as alegações do autor ao esgotamento que, por certo, lhe provocou o encontro da fórmula milagrosa, momentosa, revolucionária, que vai solucionar ‘O Problema Geopolítico Brasileiro’, pelo menos no livro tão anunciado.

Ora, veja bem, somente isto e para argumentar – teria dito que estava sendo explorado na Faculdade de Filosofia, porque, sendo contratado, recebia salário de professor. Não, não é delírio, é o que foi publicado. Alguém julgar-se explorado, porque recebe o que lhe é devido, é o cúmulo dos absurdos. Absurdo, é claro, para todos, a não ser para ladrão e o débil mental.

Quanto ao resto, é resto mesmo, tal a baixa e leviana inconsequência. Não merece o menor comentário. Pelo menos diante da imparcialidade e do bom senso. Pedindo-lhe publicar esta, agradece – VIRGÍNIUS DA GAMA E MELO”. (CUIDADO, VIRGÍNIUS..., 14 de abril de 1964, p. 4)

Aurélio de Albuquerque tratou de comentar a carta tentando mediar o desentendimento e explicando que outros professores consideravam a distribuição dos trabalhos na Faculdade de Filosofia irregular, que havia professores acumulando cargos “como recompensa ou ‘eterna gratidão’ do Diretor”, e concluiu dando um alerta para Virgínius:

Um conselho para você: tome cuidado com aquela gente. Lembre-se de uma coisa: hoje eles lhe festejam, transcrevem uma crônica sua. Mas foram precisamente eles que tudo fizeram para evitar o seu ingresso naquela casa, por você – para eles, como alardeavam – seria fisicamente e moralmente um sujeito liquidado! [...] Cuidado com eles, Virgínius! (Idem)

Num momento em que via seu nome sendo festejado local e nacionalmente, Virgínius entendia a publicação das falas de Otacílio Dantas como uma ameaça às suas relações dentro da Universidade, visto que, junto àquela instituição desenvolvia projetos na área de edição de livros e das artes. Além dos laços mantidos com o reitor. A persona pública de Virgínius, naquele contexto, era avesso às polêmicas. Porém, viu a necessidade de contestar as considerações de Dantas, inclusive ironizando a sua obra. Já o alerta do colunista chama atenção para as tensões que envolveram a contratação de Virgínius e a relação com o corpo docente, mas que, naquele momento, pela postura adotada na carta resposta, Virgínius buscava rearranjar, evitando o embate com a instituição.

Já na coluna *Espetáculos*, que ocupava a mesma página da coluna de Aureliano Albuquerque, o colunista Otávio Monjardin fazia incansavelmente menção à Virgínius. Sempre com tom humorístico, fazia menção a um cotidiano fantasioso em que o escritor estaria inserido, além de prestar elogios exagerados:

JOÃO PESSOA, a meu gosto, é uma cidade lírica. Feita por poetas. A única cidade do mundo que possui, de uma só vez, a igreja de S. Francisco (onde fazemos as nossas orações) e Virgínius da Gama e Melo. Se o pessoense não fosse a negação de tudo, João Pessoa seria uma das cidades mais aprazíveis deste Brasil. (UMAS & OUTRAS..., 19 de fev. de 1964, p. 4)

Em outra edição, criou uma pequena narrativa sobre um projeto musical envolvendo o escritor:

– Falando em música, o menestrel VGM teria sido convidado pela Columbia para gravar um L/P, de 36 faixas cada lado. O menestrel, enquanto pensa no assunto, ensaia “Estrellita” e “Siboney”, no banheiro. Alguns “experts” insistem para que VGM cante músicas da “bossa-nova”.
– “Bossa-nova”, tua mãe... – Teria dito o próprio menestrel, finalizando a conversa. (DE TUDO E DE TODOS..., 22 de mar. de 1964, p. 4)

A ironia e o humor possibilitava vislumbrar os laços existentes entre ambos. Otávio Monjardin representava Virgínius deslocando-o de um lugar comum da intelectualidade e, principalmente, da imagem que o próprio Virgínius projetava de si na imprensa.

Em suas colunas, Virgínius discutia, via de regra, obras clássicas da literatura, autores consagrados e problemas teóricos. Porém, no espaço dado às notícias e discussões do campo literário, privilegiava as personagens que compunham as suas redes, por meio da divulgação e análise de suas obras. Stella Leonardos, que havia iniciado uma longa troca de cartas em virtude de uma publicação sobre sua obra *Rio Cançãoeiro*, em 1961, continuou ocupando espaço nas colunas de Virgínius. Em 1964, na coluna Literatura e Vida, o crítico noticiava a publicação de *Tempos Alados*:

Recursos poéticos, na maior e mais rica variedade, encontramos em exercício vivamente lindo neste “Tempos Alados”, da livraria São José, em que Stella Leonardos continua o canto do Rio iniciado com o “Romanceiro de Estácio”. [...]

Concluída a canção de gesta de fundação da cidade, representada no “romanceiro” do herói Estácio, nos “Tempos Alados”, temos a cidade criada e presente, atua e recordada, vivente dagora e dos tempos de infância. Começa pela apresentação dos campos, moldura dela, moldura de ambas harmonizada em Stella fada cidade. Aí liga-se ao romanceiro, aos tempos todos, de Estácio até agora – “Da província do Rio de Janeiro | de um ido e doído reino que me reina | cabendo esse reinado irreal do Vale | do rio recorde que me invade”. (LITERATURA E VIDA..., 10 de jul. de 1964, p. 6)

Nesses artigos e notas que anunciavam os lançamentos editoriais era possível atentar para as relações do crítico e os autores, bem como davam uma perspectiva das relações estabelecidas entre o crítico e as editoras. Muitas das notas centravam a referência à própria editora e seus diretores ao invés do autor do livro, indicando os lugares de destaque dessas personagens. Boa parte das notas apenas reproduziam os *releases* enviados pelas editoras, sem, propriamente, haver a ligação entre Virgínius e os autores das obras. Havia uma rede estabelecida entre as editoras e os críticos literários. Era comum que as editoras acompanhassem as colunas dos críticos literários e, quando as publicações não chegavam ao Rio de Janeiro ou São Paulo, sedes da maioria das editoras, era comum que estas enviassem cartas solicitando que Virgínius remetesse os periódicos ou recortes com as notas sobre suas publicações.

A tônica dessas colunas se centrava na divulgação das obras publicadas. Na década de 1970 sua coluna n^o *A União* passou a se chamar *Letras*. Na mesma década, Virgínius entrou para o jornal *O Norte*, onde passou a publicar a coluna *Ponto de Vista*, com crônicas do mundo literário, a qual se caracterizou uma nova experiência da sua prática jornalística. A perspectiva em torno da divulgação das obras lançadas ficou em segundo plano e as crônicas

em torno das personagens da vida literária tornaram-se centrais na coluna, o que possibilitava adentrar outra dimensão das redes de sociabilidade.

Nas crônicas da coluna *Ponto de Vista*, Virgínius abordava o cotidiano e memórias do campo literário, trazendo personagens de sua convivência ou da história local. Na crônica *Cânticos da terra jovem*, Virgínius relembrava o escritor Eudes de Barros⁵³, falecido naquele ano. O autor abordava a atuação jornalística de Eudes de Barros, que havia ingressado no jornal *A União* aos 14 anos de idade e atuado no jornal nas décadas de 1920 e 1930 e chegando a dirigir o jornal *O Norte*:

Naquela década entrava para o jornalismo quem era poeta. A notícia, afinal, era o de menos – o jornal era para o soneto, o poema, o drama, o artigo de crítica literária.

Jornal, hoje, é complexo, industrial. A começar do estilo, da linguagem empregada, que é fabricada em série. Todos escrevem da mesma – a estereotipia estilística de “Veja”, “Visão”, “O Estado de São Paulo”, etc. [...] Se “O Norte” atual se guiasse pelos objetivos, métodos e processos do jornal do tempo de Eudes, fechava amanhã. (CÂNTICOS DA TERRA..., 25 de jul. de 1975, 1 cad., p. 4)

Percebe-se que, ao olhar para a história das personagens, é possível compreender a dinâmica em torno da atuação dos agentes do campo. Nas suas colunas, principalmente na “Ponto de Vista”, era possível vislumbrar uma rede de relações que Virgínius constituiu em vida, tanto noticiando as atividades de seus pares, como construindo uma memória acerca das personagens que haviam passado pelos seus círculos. Na crônica “Lição de Caruaru”, noticiava a criação de Casa de Cultura José Condé, em homenagem ao jornalista falecido (LIÇÃO DE..., 1 de fev. de 1973, p. 2). Já na crônica “Duas Vidas”, voltou a lembrar Condé, trazendo uma narrativa sobre a vida e obra do amigo e escritor, natural de Caruaru e consagrado nacionalmente. (DUAS VIDAS..., 27 de set. de 1974, p. 4).

Na coluna *Ponto de Vista* figuraram Nilo Pereira, Mauro Mota, Elizabeth Marinheiro, Elízio Condé, José Américo de Almeida, Gilberto Freyre, entre outros sujeitos. Além das personagens que fizeram parte das suas redes de sociabilidade, Virgínius também levou para suas crônicas os espaços dessas sociabilidades letradas: os congressos, as redações de jornais, as praças e os bares.

Por meio dos periódicos, Virgínius se articulava em redes que promoviam, mutuamente, as imagens de seus integrantes. O processo de consagração de Virgínius

⁵³ Eudes Barros de Luna Freire (Paraíba, 1905-1975), jornalista paraibano, radicado no Rio de Janeiro. Autor dos livros *Cânticos da Terra Jovem* (1928), *Jesus Brasileiro*, *Dezessete* (1938).

enquanto crítico literário e, posteriormente, como romancista, passou, primordialmente, pela promoção de sua imagem pelos seus pares em inúmeros periódicos. Os próprios agentes se envolviam na promoção de sua imagem, que surgia como um acordo velado entre os envolvidos, promovendo e fortalecendo as redes e seus integrantes.

4.2.3 A rede em cartas

Em 10 de julho de 1962, o escritor sergipano Paulo Dantas, então já radicado em São Paulo, escrevia uma carta para Virgínius da Gama e Melo, na qual demonstrava seu interesse em participar do III Congresso de Crítica e História Literária que seria realizado no corrente ano em João Pessoa:

Viva!

Entra “roxinha” amiga (refiro-me a esta caneta e tinta com as quais escrevo-lhe estas mal trocadas linhas) que agora quero conversar com um sujeito nordestino, crítico literário, bebedor de pinga e puxador de angústias em ruas e parques de João Pessoa, um sujeito oficialmente chamado Virgínius da Gama e Melo, que agora até se meteu a organizar Congresso de Crítica em Paraíba (que não é uma má ideia desde que favoreça os amigos com passagem aérea de ida e volta, debitada na conta do Governo). (DANTAS, P. Carta. 10 de jul. de 1962. São Paulo. Grifos do autor)

O tom irreverente denunciava a intimidade que havia entre os amigos que, já há algum tempo, praticavam a troca de missivas. A carta também demonstrava a prática de compadrio que existia entre os pares numa busca de realização de favores que se esperava conquistar com intermédio da parte que é considerada influente na relação – esse um dos temas centrais nas correspondências endereçadas a Virgínius, que, paulatinamente, foi sendo procurado por ser considerado influente no campo de produção cultural. O tom utilizado, inclusive trazendo elementos sobre os gostos de Virgínius, como a bebida, e que Dantas também compartilharia, ambicionava reforçar a proximidade, o que ajudaria na conquista do seu intento.

A carta de Paulo Dantas ainda ilustra outros elementos presentes na prática epistolar de escritores, literatos, intelectuais e políticos. Seguia em sua carta:

Por leitura em noticiário literário nacional (agora mesmo li na Eneida algo a respeito) estou sabendo que você é quem anda mandando na organização de um Congresso em fins de outubro aí em João Pessoa. E quem tá doido pra ir até aí sou eu, daí a urgência e a ganância com que desde já lhe peço que me convide, pois quem não pede não é lembrado. Quero de novo sentir o bafo

do Nordeste e a oportunidade de 1962 será esta por você oferecida em nome de Zé Lins do Rego, desde já, obrigado.

Indo não falarei tanto de literatura (isto cansa, não acha, amigo, inda mais pra nós que estamos enterrados nela) mas, sim, beberei boa pinga com você, arrematando o bafo com excelentes refrescos fruta de uma fábrica que tem aí na beira da estrada. [...] Outubro é um bom mês para rever João Pessoa, falar do cabra Zé Lins, cujo sertão de cana-de-açúcar a cidade grande não destruiu, romancista que sofrevia bem num melado viscoso de memória e criação. Você é quem manda as ordens; eu, cá, obedeço. A cantada já foi dada, a meu jeito, na vibração de um entusiasmo gostoso, que vale e abre mundo, que perna é isto mesmo que eu te quero: – pra andar no mundo, andeço que sou.

Seu, Paulo Dantas. (DANTAS, P. Carta. 10 de jul. de 1962. São Paulo. Grifos do autor)

Em 19 de outubro do mesmo ano, Paulo Dantas remeteu nova carta para Virgínius, dessa vez, agradecendo os préstimos do amigo:

Três vezes viva vos dou, amigo meu camarada, que agindo como secretario geral de um congresso de críticos especializados e eruditos que espero não enfatuados, pôde me proporcionar um retorno à Paraíba, em férias, com o possível, querendo direito de falar sobre o paraibano Zé Lins, etc.

De telegrama no bolso, passado pelo Diretor da Faculdade daí, em seu nome, já pedi a alguém da Francisco Alves no Rio que entrasse em contato com o Diretor da Divisão de Ensino, no Ministério, para pegar a bendita e benfazeja passagem, que tanto bem e alegria me trouxe, por saber que entrando, em férias agora, irei de novo vibrar no nosso querido e inspirado, sempre eterno Nordeste.

Pegando a passagem devo seguir logo, talvez a 28 ou 30 deste. Chegando aí risco em cima de você, de armas e bagagens na mão, disposto a cooperar com todos. Então teremos grandes e sentidos papos extraliterários, etc., etc. (DANTAS, P. Carta. 19 de out. 1962. São Paulo)

Dantas conseguiu o apoio de Virgínius para custeio de sua passagem para João Pessoa e manifestava a sua gratidão. Em sua carta, ainda ansiava saber quais outros críticos de São Paulo seguiria para o congresso e sugeria alguns nomes para que Virgínius formalizasse convite:

Outra coisa – ontem estive na livraria o professor Pedro Xisto, um erudito emotivo e concretista, sujeito muito capaz, que o conheci há dois anos, aí mesmo na Paraíba. Foi amigo de Lins do Rêgo, entende um bocado de Guimarães Rosa e outros espantos nossos. É professoral, mas é humano e vibrante toda a vida. Anda doido para ser convidado, mas é orgulhoso e não pede; quer ser reconhecido, e não sei se ainda há vaga e tempo para recuperação dele. (Idem)

A citar outros nomes, Dantas ajuda a visualizar as conexões entre os sujeitos que formavam várias redes de sociabilidade. No presente caso, Dantas possuía ligação com Xisto, que por sua vez foi amigo do escritor homenageado do congresso e, além disso, já havia conhecido Virgínius. Essas ligações o credenciariam para ser convidado, tanto quanto o fato do mesmo possuir domínio em temas do interesse do evento, como Dantas atesta na carta.

Nas correspondências desses sujeitos era comum o entrelaçamento dos temas do cotidiano, da intimidade e do anedótico com o debate intelectual. Na sua primeira carta, Dantas procurou esboçar breve leitura sobre José Lins do Rêgo, homenageado e tema do congresso. Também chama atenção a breve menção à leitura que o escritor fez do “noticiário literário”, com o qual tomou conhecimento da relação de Virgínius com a organização do Congresso. Era justamente a partir da leitura dos jornais e suplementos literários, ou seus recortes que circulavam por meio da troca de correspondências, em especial dos textos de Virgínius, que muitos escritores encontravam o mote para remeter suas cartas para o crítico literário. Muitos encontravam aí a oportunidade de se apresentarem ou, principalmente os amigos, de manter as relações constituídas em outros espaços de convívio.

A escrita epistolar foi central para a conformação de redes de sociabilidades intelectuais ao longo do século XX⁵⁴. Compartilhando dessa prática, Virgínius realizou a troca de milhares de correspondências, entre cartas, bilhetes, postais, telegramas e correspondência oficial e burocrática. Percebe-se que Virgínius passou a dar atenção a essa prática a partir de 1959, ao se fixar em João Pessoa, quando passou a divulgar seu endereço da Batista Leite nas suas colunas para remessa de livros e correspondências. Escritor dedicado, por meio da volumosa correspondência, é possível perceber a ritualização da sua prática epistolar. Possuía lista de endereços, guardou milhares de cartas, inclusive cópias e rascunhos de algumas cartas que enviou, realizava o envio regular de cartões em datas comemorativas para uma extensa lista de personagem da literatura nacional com quem estabeleceu vínculos ao longo de sua trajetória, da mesma forma que recebia postais e cartões de felicitação ou agradecimentos desses sujeitos.

⁵⁴ Fernando Amed e Teresa Malatian possuem pesquisas sobre sociabilidades letradas a partir da prática epistolar. Amed atenta para a produção intelectual de Capistrano de Abreu no espaço privado das correspondências, percebendo como Capistrano tomou a escrita epistolar como principal “laboratório” de seus estudos, o que ajuda a configurar a troca de missivas entre escritores como um espaço informal, porém, central na produção do pensamento. Já Malatian debruça-se sobre a correspondência de Oliveira Lima. Por meio de suas cartas a autora percorre uma rede de sociabilidade que integrou o diplomata aos círculos literários. Em suas cartas, por exemplo, foi possível perceber as articulações em torno da Academia Brasileira de Letras e o debate com outros escritores, como Machado de Assis. Ver: AMED, Fernando. *As cartas de Capistrano de Abreu: sociabilidade e vida literária na belle époque carioca*. São Paulo: Alameda, 2006. e MALATIAN, Teresa. *Oliveira Lima e a construção da nacionalidade*. Bauru: Edusc/Fapesp, 2001.

No verso de uma dessas cartas, em específico numa que recebeu do seu primo Roberto da Silveira Figueiredo, na qual narra suas aventuras em viagem ao Quênia, lê-se um parágrafo de poema de um dos principais intelectuais missivistas do Brasil, Mário de Andrade. Lê-se, “‘Guardar as cartas consigo/Nunca mostrar a ninguém./De indiferente ou amigo./Guardar ou rasgar. Ao sol/Carta é farol.’ Mário de Andrade”⁵⁵. (FIGUEIREDO, R. da S. Carta. 12 de jul. de 1964. Quênia). É de conhecimento que as cartas de Mário de Andrade são fontes para diversos estudos sobre o escritor paulista, bem como as redes de sociabilidade intelectual na qual ele esteve inserido. As cartas de Virgínius também seguiram o caminho da publicização. O seu acervo é composto pelas correspondências recebidas e enviadas a partir do ano de 1959 até as que chegaram após a sua morte – possivelmente o escritor não tinha a prática de arquivar as correspondências antes desse período. A correspondência ativa surge por meio de cópias de cartas enviadas ou por meio de correspondências que foram possíveis de localizar em acervos de alguns personagens com quem ele manteve troca de cartas. Mesmo os postais e cartões que aparecem pontualmente indicam que houve algum contato em determinado momento com certos nomes dos círculos intelectuais e políticos de outros estados, como Jorge Amado, Josué de Castro, Juscelino Kubitschek, Lígia Fagundes Telles, Nélida Piñon, entre tantas outras. Com outras personagens estabeleceu longa troca de missivas, demonstrando a constituição de sólidas redes de sociabilidade. Entre essas personagens, podemos destacar Ariano Suassuna, Ascendino Leite, Câmara Cascudo, Dulce Chacon, Elysio Condé, José Condé, Lucillo Varejão, Nêbia Gadelha, Nilo Pereira, Mauro Mota, João Lyra Filho, Paulo Dantas, Stella Leonardo, Vladimir Carvalho e Walter Lima Jr. Debruçar-se sobre essa correspondência permite compreender mais uma face das redes sociabilidades intelectuais das quais Virgínius fez parte e suas interações. A troca de missivas era uma forma de manter as redes que havia constituído ao longo de sua trajetória e a construção de novas relações com novos sujeitos.

Uma das primeiras personagens com quem estabeleceu uma significativa troca de correspondências foi com o romancista pernambucano Lucillo Varejão⁵⁶. Nas suas primeiras

⁵⁵ “Guardar as cartas consigo/Nunca mostrar a ninguém./Não as publicar também/De indiferente ou amigo./Guardar ou rasgar. Ao sol/Carta é farol.”. Mario de Andrade expressou em diversos momentos, inclusive por cartas, a preocupação em relação ao sigilo de suas cartas. Os versos rabiscados na carta recebida por Virgínius de autoria de Mario de Andrade, foram escritos originalmente em carta enviada para Guilherme de Figueiredo em 17 de fevereiro de 1945, dois dias antes de seu falecimento. Sobre a prática epistolar de Mário de Andrade: SANTOS, Matildes Demétrio dos. *Ao sol carta é farol: a correspondência de Mário de Andrade e outros missivistas*. São Paulo: Annablume, 1998.

⁵⁶ Lucillo Varejão (Recife, 1892-1965). Jornalista, cronista, romancista e teatrólogo. Integrou a Academia Pernambucana de Letras, porém foi destituído da cadeira que ocupava. Lamentou-se do fato com Virgínius. Em 1965, foi proposta a sua reintegração. Porém, faleceu poucas semanas depois do anúncio, não tomando posse.

cartas, Lucillo Varejão manifestava satisfação em torno das notícias de restabelecimento da saúde de Virgínius e inteirava o escritor sobre a própria saúde, cada vez mais debilitada a cada carta enviada, entre outros fatores, por conta do glaucoma que o afetava, inclusive fato que pode ser associado à grafia cada vez mais ilegível: “Sua carta me trouxe uma grande alegria... a certeza que você já está bom. / Apenas, minha polícia secreta me diz que você tem abusado dos cigarros, fazendo o mesmo que eu apesar de proibido, fumo 40 e tomo 20 cafés por dia” (VAREJÃO, L. Carta, 16 mar. 1959, Recife).

As cartas remetidas de Recife no início da década 1960 tratavam de inteirar Virgínius das atividades e notícias das personagens que integravam os círculos que frequentava quando de sua estadia em Recife, como as próprias cartas de Lucillo Varejão, que ainda indicavam a rede de amizades que compreendia nomes como Nilo Pereira, Mauro Mota, entre outros: “Como não saio mais de casa, meus amigos velhos aqui às vezes aparecem. / Ontem Delgado e Nilo mais uma vez estiveram. E falamos mais uma vez em você”. Ao revelar parte do diálogo que havia se dado, Varejão enfatizava seu reconhecimento em relação ao trabalho de Virgínius, e esperava que o paraibano soubesse fazer uso disso: “Disse-lhe que a Paraíba nos deu o Zé Lins, o primeiro, o das crônicas magníficas e o Carlos Dias Fernandes com quem trabalhei no Pernambuco. Mas como v., nenhum outro paraibano apareceu. E Nilo e Delgado concordam comigo” (VAREJÃO, L. Carta, 20 jun. 1960, Recife).

Nesta mesma carta, o romancista manifesta a intenção de promover a amizade de Virgínius com o poeta Manuel Bandeira: “Quero fazer sua amizade com o M^{el}. Bandeira que é uma doce figura. Ele vai mandar-lhe seu último livro de versos”. Não há registros de cartas de Manuel Bandeira para Virgínius. Porém, uma carta de Varejão revela que houve a promoção do contato entre ambos: “Mandeí sua nota ao M^{el} Bandeira mas ontem recebi uma carta dele, tão angústia que quase nada diz. Penso que o Bandeira não anda bem de saúde” (VAREJÃO, L. Carta. 26 de dez. de 1960. Recife).

Estas passagens dão indícios do jogo de interesses presentes no campo. Lucillo Varejão provavelmente via na amizade entre Virgínius e o poeta Manuel Bandeira o que podemos entender como acúmulo de *capital social* e, sabendo que os capitais bourdieusianos são conversíveis, tal adição seria revertida em *capital simbólico*⁵⁷, reconhecimento, legitimidade e autoridade para Virgínius, inspirados no *status* de Manuel Bandeira, efetuando-

Integrou a União Brasileira de Escritores. Entre seus livros estão *Os Romances Olindenses (O Destino de Escolástica; O lobo e a ovelha; Passo errado)*. Assinava as cartas como Lucillo.

⁵⁷ Para o autor, *capital simbólico* é uma “propriedade qualquer” – força, riqueza, valores – que, percebida pelos agentes de um determinado campo como legítima, “torna-se simbolicamente eficiente, como uma *força mágica*”: uma propriedade socialmente construída visando responder às expectativas e interesses coletivos. Ver: BOURDIEU, Pierre. Razões práticas: Sobre a teoria da ação. Campinas, SP: Papirus, 1996c, p. 170.

se assim uma estratégia de extrema relevância nesse processo de desenvolvimento da *persona* pública de Virgínius no início da década de 1960. Varejão sempre se reportava à sua saúde debilitada e manifestava preocupação com a trajetória de Virgínius:

[...] Enfim... eu estou já na idade de ir, com 68 feitos.
Com v. é que todo cuidado é pouco pois começou agora e já é muito mais do que uma promessa: uma afirmação que se faz mais visível a cada nota. Seu artigo sobre Machado, preguei-o no Helena⁵⁸.
E só. Agora que está bem, escreva-me pois que me interesse por você como nem você imagina. Tenho-o como um filho mais velho. Não sei por que.
(VAREJÃO, L. Carta, 20 jun. 1960, Recife)

Tal preocupação com os projetos de Virgínius já havia se manifestado. Em outra carta, após relatar os problemas de saúde, dizia: “Queria mandar-lhe meu último livro e não sei se isto o interessa atualmente. E agora ouça: sou velho e você começa agora” (VAREJÃO, L. Carta, 15 de nov. 1959. Recife).

Varejão aconselhou Virgínius a reunir e publicar suas críticas em um volume e revela possível caminho a seguir, valendo-se das redes de amizade:

Sou leitor dos seus artigos e vou logo em cima dos n^{os} dos domingos.
Acho que é tempo de v. reunir alguns desses artigos em volume.
O Nilo, que tudo pode, arranja-lhe isso com a Progresso Editora, do Cleofas.
Seus artigos últimos sobre J^e Am^{co} e o Lins do Rego já estão aqui recortados para aposição aos livros dos autores.
O que acho de admirável em você é sua apreensão de coisas que ninguém ainda notava.
Convença-se de que tem um imenso talento. (VAREJÃO, L. Carta, 1 de jul. de 1961. Recife)

Varejão procurava estreitar laços e colocar-se como referência. Não fica evidente qual objetivo de Lucillo na busca do “apadrinhamento”, mas revela um reconhecimento e, possivelmente, a busca em deixar um legado personificado na figura de Virgínius.

Lucillo Varejão faleceu em 1965. Porém, encontra-se cartas dele enviadas para Virgínius até 1962, quando se queixava do fato de Virgínius não lhe enviar mais cartas e da saúde debilitada – havia sofrido derrame na década de 1940, perdido a visão do olho esquerdo

⁵⁸ As cartas levam ao entendimento que Lucillo Varejão tinha a prática de anexar aos livros que possuía as notas críticas e artigos referentes a eles, como cita em três cartas que afixou duas notas de Virgínius ao romance *Helena*, de Machado de Assis, e o artigo de Virgínius (1962) sobre *A Bagaceira*, ao romance de José Américo: “sua nota sobre o nosso grande José Américo, já está pregada na Bagaceira como coisa maior que sobre ele se disse até hoje” (VAREJÃO L. Carta, 26 de nov. de 1962. Recife).

e parte do direito, além disso havia retirado uma das cordas vocais, o que, possivelmente, contribuiu para cessar a troca de missivas.

A partir das cartas de Varejão, atenta-se para outras personagens missivistas das redes de Virgínius. O historiador Nilo Pereira era amigo de Virgínius desde os tempos de Recife. Em carta de 21 de fevereiro de 1961, Nilo Pereira agradece Virgínius pelo artigo que o escritor dedicou ao remetente, como também revela os círculos que, de alguma maneira, o crítico ainda frequentava:

Meu caro Virgínius:

Cadê palavras para agradecer o artigo que dedicou aos meus pobres trabalhos? Não as tenho mesmo. O que posso dizer é que fiquei muito lisonjeado. Tudo aquilo dito por um crítico do seu porte! Ontem, numa recepção em casa do cônsul da Itália, o excelente Di Mattei, Gilberto Freyre fez as melhores referências ao seu artigo e não se cansava de exclamar: – Como escreve bem o Virgínius! Isso é o que todos nós, num coro, proclamamos. Nasce-se escritor como se nasce poeta; eis tudo; o resto é apenas obstinação. Os teimosos valem pela teima; mas alguém, neste mundo, já teve mérito por isso – por ser recalcitrante? Você é escritor nato; acabou-se a história.

Muito grato, caro Virgínius. Gostaria de vê-lo. Sempre me lembro dos nossos cavacos na redação. Secção política como você fazia, ninguém jamais fez. Se você acredita em Deus, pelo menos nas horas vagas, agradeça a Ele esse dom; esse privilégio. E no mais receba o abraço de quem muito o admira. (PEREIRA, N. Carta, 21 fev. 1961, Recife)

A configuração das redes de sociabilidade passava pelas trocas de correspondências, como também acabavam por criar uma representação dessas redes por meio da citação de nomes e das práticas que envolviam esses agentes. Nesse processo, os missivistas faziam questão de trazer suas leituras sobre o escritor, ressaltando o que consideravam como suas qualidades, logo reforçavam seus laços. E, no caso de Nilo Pereira, essa primeira carta de uma longa troca de correspondência é marcada por esse tom.

As cartas continham representações que constroem um universo particular, com regras e práticas próprias. Mas também possibilitam olhar por outra perspectiva as práticas que se dão em outros espaços de sociabilidade letrada, como o que se dá nos periódicos e meios acadêmicos.

Em várias ocasiões, escritores remeteram cartas com agradecimentos em virtudes das notas e artigos publicados sobre suas obras. Nilo Pereira constantemente escrevia agradecendo os artigos escritos por Virgínius:

Cá estou de novo, devoto e feliz, para lhe agradecer as palavras com que, n'A UNIÃO, registou o meu livreco – “Evocação do Ceará-Mirim”. Aquilo é uma página de menino alongado no homem; de menino irredutível do vale. [...] Cascudo me deu o título pergaminhado de barão do Guaporé; e Gilberto Freyre, a quem levei ao vale acompanhado de luzida comitiva, como diria a nossa imprensa, deu-me o título de visconde do Verde-Nasce. Como vê, braços não me faltam, os melhores para mim, pois vêm da aristocracia canavieira, que deu forma, estilo e vida a este nosso Nordeste... Para que braços maiores, meu caro Virgínius, do que os seus artigos? [...] Pois aqui tem você, por tudo, o meu agradecimento. (PEREIRA, N. Carta. 20 de março de 1961. Recife)

Em carta de 27 de junho de 1962, Nilo Pereira voltou a narrar que havia promovido o nome de Virgínius, dessa vez no meio intelectual de Portugal. Na carta, aproveitou para pedir de Virgínius o favor de possibilitar a ida e participação de outro amigo no III Congresso de Crítica e História Literária:

Estive recentemente em Lisboa com o escritor Vitorino Nemésio, que manifestou desejo de vir ao III Congresso de Crítica e História Literária, do qual você é a alma. Gostaria que você falasse a respeito com o reitor Mário Porto e encaminhasse o assunto caso achasse melhor. Falei muito ao Vitorino Nemésio, como a outros intelectuais portugueses, sobre o seu nome e a alta contribuição cultural da sua obra de crítica e de estética literária. Portugal tem grande interesse pelo Brasil. [...] Deixei seu nome lá conhecido e louvado. No que não fiz nenhum favor, senão justiça (padre Vieira). (NILO, P. Carta. 27 de junho de 1962. Recife.)

Nilo Pereira, assim como Paulo Dantas e outras personagens, valeu-se dos laços que possuíam para intermediar a participação de outros escritores que não possuíam proximidade com Virgínius. Os elogios também se faziam presentes publicamente nos jornais, cujas notas eram remetidas junto às cartas. A publicação de uma nota ou artigo era um dos motivos para um envio de carta em agradecimento. A maioria das cartas de Nilo Pereira se inicia nesse tom. A correspondência também revela que a prática era mútua: “Recebi o seu telegrama. Tão generoso; fiz justiça aos seus méritos excepcionais, que admiro cada vez mais. Em Natal, em torno de u’a mesa, você nos deu uma aula inesquecível” (PEREIRA, N. Cartão. 25 de nov. de 1963. Recife).

A relação de amizade permeava o debate intelectual entre Virgínius e vários missivistas, principalmente aqueles com ele conviveu em Recife. A amizade de Virgínius com Nilo Pereira, Lucillo Varejão, Mauro Mota, João Lyra Filho, entre outros, data da década de 1940, período no qual Virgínius da Gama e Melo morou na capital pernambucana para cursar

Ciências Jurídicas na Faculdade Direito, e da década de 1950, quando se lançou de forma intensa nos debates literários.

Os vínculos de amizade geralmente transpareciam em meio à escrita formal. Nilo Pereira, salvo algumas exceções em envio de cartões, manteve o mesmo tom em todas as cartas, o que revela um estilo próprio de escrita, na qual a formalidade prevalecia, inclusive para falar das amenidades do cotidiano. A escrita missivista entre esses amigos intelectuais era espaço de entrecruzamento do debate intelectual e as questões pessoais. Em carta de 1967, Nilo Pereira se reporta aos artigos de Virgínius, dá nota do dia-a-dia e dos projetos profissionais:

Hoje, segunda-feira de carnaval, recebo os recortes que você, bondoso amigo, me envia. Lá fora passam uns poucos foliões, vadios e boêmios; e eu, cá dentro, me interiorizo lendo os seus artigos. O demônio da vaidade ronda-me a porta, porque tudo aquilo dito por você é de tentar um pobre cristão, como eu. Leio e releio os seus artigos. Quanta bondade! Claro que não me reconheço em muita coisa que você diz de mim. Afinal, sou apenas um pobre homem do meu canto. Mas, quando se tem um amigo como você, a vida é mais doce.

Tive, hoje, vontade de ir a João Pessoa para lhe agradecer pessoalmente tudo isso que de sua pena sai e que é para mim mais do que um louvor – um julgamento. Há, bem sei, muita generosidade nesse juízo; mas sobre de tudo uma lição: a de que eu tenho de honrar a sua palavra.

Meu livro sobre Dom Vital e a Questão Religiosa no Brasil – rapidamente esgotado – mereceu de você tanta coisa que quase o acredito bom. A Reitoria está me pedindo uma segunda edição, que seria acrescida de alguns capítulos com sugestões suas – as da religiosidade tratada à base de movimentos místicos, inclusive o de Canudos [...]. (NILO, P. Carta. 6 de fev. de 1967. Recife)

As cartas dão uma perspectiva intimista das relações entre esses sujeitos, seus projetos e as relações com instituições. Em carta de fevereiro de 1965, Nilo Pereira demonstra entusiasmo diante de um convite de Oscar de Castro, representando a Academia Paraibana de Letras, e pedia a contribuição de Virgínius para levantamento de material para a palestra:

Aqui estou à sua porta como um postulante. O nosso Oscar de Castro, que reside no Ponto de 100 réis e dorme em casa, convidou-me, há tempos, para fazer uma conferência sobre José Américo, na Academia Paraibana de Letras. Renovou o convite, aqui. Estando agora de férias (coisa que raramente me acontece) entrei a fazer umas coisas. Tenho escrito vários trabalhos e outros farei, com a graça de Deus. Um desses trabalhos bem que pode ser – e deve ser – a palestra sobre o grande paraibano, a quem muito admiro. Gostaria, por isso, de lhe pedir que me valesse nessa conjuntura, enviando-me, logo que possível, uma relação completa das obras de José Américo de Almeida, na ordem de sua publicação. Não vou fazer análise crítica; nem a tanto me atreveria, estando você aí. Mas faria, possivelmente,

um estudo do escritor e do homem público sob a forma dum testemunho pessoal, que, aliás, muito me agrada dar, embora isso nada acrescente ao homem consagrado. Peço que me ajude. Mande-me também o que você publicou sobre ele; ou, pelo menos, a indicação da fonte onde posso procurar o rico filão. (PEREIRA, N. Carta. 19 de fev. de 1965. Recife)

E concluía dizendo que “a convite de Oscar de Castro irei à posse de José Américo na Academia, juntamente com outros caravaneiros. Espero ver logo você. / Grato por tudo lhe fica o pobre postulante, que espera receber mercê” (PEREIRA, N. Carta. 19 de fev. de 1965. Recife). Fazendo uso de uma leve ironia, Pereira dá indícios de conhecer os espaços de sociabilidade letrada de João Pessoa e das relações com a APL. Também chama atenção na carta o fato de Virgínius ser tomado como referência para falar de José Américo. Nesse momento, Virgínius já mantinha relação próxima com o romancista, bem como o artigo *Primeiro romance nacional* (1962), já havia ditado os novos termos da crítica de Virgínius em relação ao autor de *A Bagaceira*.

Nilo Pereira, assim como Lucillo Varejão, Gilberto Amado, entre outros, é uma das personagens que, no início da década de 1960, questionava Virgínius sobre a publicação de um livro. Não obstante os comentários elogiosos proferidos em cartas e notas, os pares de Virgínius expressam certo desconforto sobre a ausência desse trabalho que elevaria o seu status de crítico literário e o sagraria enquanto escritor. Em carta, Nilo Pereira voltava a discutir o seu livro com crônicas de viagens saído de sua coluna *Notas Avulsas*, do *Jornal do Comércio*, intitulado *Coisas de não esquecer* (1963), e concluía questionando Virgínius: “Quando saem os seus artigos de crítica em livro? Por essa reivindicação me baterei sempre. Aí a Universidade deve cuidar disso. O que você tem escrito é digno da melhor perpetuidade” (PEREIRA, N. Carta. 9 de abr. de 1963. Recife).

Em 1965, Nilo Pereira voltava a insistir na publicação do livro de críticas e reforçava tal projeto com o fato de Virgínius ter recebido prêmios literários – a segunda menção honrosa do Prêmio Walmap, o prêmio da Academia Brasileira de Letras, pelo ensaio *O Alexandrino Olavo Bilac*, e o prêmio do Serviço Nacional do Teatro, por seu texto teatral *A Modelação*, com a qual obteve a 1ª Menção Honrosa do concurso:

Chegam-nos cá as notícias de que você obteve prêmios literários de romance e teatro; e eu, que acompanho a sua vida de escritor com o entusiasmo que você sabe, logo me ponho contente com essa vitória, tão nossa. Fosse você teatrólogo ou romancista do Sul, e o prêmio nunca lhe faltaria. Mas o que lhe deram – não sendo ainda o que você merece – é já um reconhecimento que

não pode escapar aos seus amigos e admiradores, dentre os quais sempre me honrei de estar.

Numa coisa hei de insistir: na publicação em livro dos seus ensaios críticos de jornal. A Universidade da Paraíba, a cuja frente está, sem favor, um Reitor compreensivo, podia dar o bom exemplo, realizando essa tarefa, que urge. Não sei de quem tenha tido, no Brasil, melhor vocação de crítico do que você. Uma vocação já agora em toda a sua plenitude. Há trabalhos seus – o que escreveu sobre Raul Pompéia, por exemplo – incomparáveis. Impõe-se para eles a perpetuidade do livro. Precisamos ter você, meu caro Virgínius, ao alcance das mãos. (PEREIRA, N. Carta. 19 de ago. de 1965. Recife)

A representação em torno do livro, que necessitava ser publicado, denota o simbolismo desse objeto cultural para o campo intelectual, bem como dos concursos e prêmios literários. Quando publicou seu primeiro livro, recebeu dezenas de cartas comunicando que informavam das aquisições e recebimentos das obras, bem como apreciações, sempre no tom elogioso pelo fato ou pelo conteúdo da obra. O entusiasmo também se dava quando recebia algum prêmio.

Tais prêmios conferiam um valor monetário, chance de publicação da obra e, principalmente, prestígio no campo. Em 8 de janeiro de 1963, Nilo Pereira remeteu carta com a nota parabenizando o amigo: “Aqui vai uma nota para o jornalista do ano. Jornalista de todos os anos. É a minha homenagem. Você merece isso e muito mais” (PEREIRA, N. Carta. 8 de jan. de 1963. Recife).

Em 1969, foi felicitado por receber o prêmio José Lins do Rêgo, do Instituto Nacional do Livro, referente ao ano de 1968, com o romance *A Transformação*, que depois recebeu o título *Tempo de Vingança* (1970), recebendo votos de aplausos da Assembleia Legislativa da Paraíba, sendo comunicado via carta:

Senhor escritor:

Tenho a satisfação de comunicar Vossa Senhoria, que esta Assembleia Legislativa, em sessão ontem realizada, aprovou o Requerimento nº 119/69, de autoria do Deputado Sebastião Calixto de Araújo, fazendo consignar em ata dos trabalhos, votos de aplausos ao ilustre escritor, por motivo de Vossa Senhoria ter conseguido o primeiro lugar, no concurso literário, de âmbito nacional, conquistando o prêmio “JOSÉ LINS DO RÊGO”, com o romance inédito “A TRANSFORMAÇÃO”. (MADRUGA, E. S. – 1º Secretário. Carta. 16 de maio de 1969)

Outro prêmio que repercutiu nas correspondências foi o Prêmio Paulo Setúbal referente ao ano 1971, do Conselho de Cultura de São Paulo, com o ensaio “Campus Épico e Lírico do Cavaleiro de Tatuí”. Um dos telegramas que recebeu na ocasião ressaltava ser aquele mais um dos prêmios: “muitas alegrias mais um prêmio conquistado pt grande amigo receba carinhosos

cumprimentos irene dias 222rocura222en” (CAVALCANTI, I. D. Telegrama. 8 de nov. de 1972. João Pessoa).

Os prêmios também eram tomados como mote para personagens intentar o diálogo com Virgínius. Em ocasião do Prêmio Paulo Setúbal, José Bezerra Filho, que atuou no cinema, literatura, música e teatro, escrevia para Virgínius:

Se me dispusesse a recorrer a fraseologias pré-moldadas, duras e envelhecidas como as lajes, e, ao mesmo tempo maleáveis e enganatórias como a vaselina, diria que A PARAÍBA VIBROU COM SUA VITÓRIA NO ÂMAGO DO CORAÇÃO; QUE SUA VITÓRIA SIGNIFICA A CONQUISTA DE MAIS UM TENTO NA LUTA PELA AFIRMAÇÃO DA CULTURA DE NOSSA TERRA... ou outros chavões marcados pelo pragmatismo da burocracia.

Prefiro, porém, a forma simples e desinteressada de mandar-lhe um abraço apertado como ratificação de uma amizade de poucos contatos, mas firme feito tronco de oiticica.

Não tenho tido tempo para coisa nenhuma, envolvido que estou nessa fossa financeira que me obriga aos maiores sacrifícios, herança de mirabolantes e mal projetadas aventuras nessa seara que Thomas Mann chama de “maldição de ser artista”.

É isso, pois, meu caro menestrel.

Aqui na freguesia, poucos ligam para o que fazemos. Enquanto que, lá fora, a turma espia pra o que a gente faz. É gozado isso! A gente querendo fazer pela terrinha, e os que podiam ajudar, mandando a gente à merda. E a gente trabalhando e passando quinau nos que, intencionalmente, se colocam por fora feito bunda de índio. Mas não tem nada, não, meu caro professor Virgínius, porque Zé Lotero não ligava duas frases sem emitir seu conceito de vida, máxima que adoto há muito tempo: NÓIS SOFRE MAS NÓIS GOZA.

Outro abraço, bicho, por mais essa goleada.

Seu amigo e admirador. (BEZERRA FILHO, J. [Carta] 9 de nov. de 1972, João Pessoa [para] MELO, V. G. João Pessoa. 2f, p. 1.)

A carta de José Bezerra Filho, que possuía um tom entre o formal e o informal, e entrecortada por referências e pela linguagem poética, marca da escrita epistolar de muitos desses sujeitos, ainda ilustra uma constante na correspondência de Virgínius: a busca por aprofundar ou fortalecer laços. Ou, ainda, apresentar-se e iniciar um debate por meio das cartas. Chegando a 222rocu-lo por menestrel – que àquela altura era o tratamento recorrente no circuito boêmio-intelectual da Paraíba, buscava criar o vínculo a partir das congratulações que dirigia a Virgínius; também sugeria uma identificação entre ambos a partir da condição de artista e discussão de um tema caro ao escritor: a cultura local. Além do conteúdo, a sua ligação com a cultura local ainda transparece com o timbre no topo da carta: “Cactus – Produções Cinematográficas Ltda”, que também servia como apresentação entre seus pares.

O primeiro contato era marcado, geralmente, pelo tom formal que buscava apresentar o remente ao sujeito considerado referência no campo. Em carta de 9 de setembro de 1965, um “pretensso” poeta, que assim se colocava, apresentava-se para Virgínius:

Prezado Senhor:

Permita-me que me apresente. As circunstâncias assim o exigem. Explicações lhe são devidas.

– Artur Orlando Laranjeira, pretensões a poeta. Alguns poemas publicados, muita coisa sufocada. Um tanto iconoclasta, pois acredito que só quebrando muitas imagens, falsas imagens, e limpando várias outras, conseguiremos alguma coisa.

As mistificações, o embuste, o apanágio de falsos valores grassa, de maneira infecciosa, em nossos meios “intelectuais” e “artísticos”. O poeta Drummond, alerta – sugere a distribuição de vacinas anti-poéticas. Ironia muito oportuna.

Mas, por outro lado, vemos Cassiano Ricardo ser agraciado pelo livro “mais importante do ano de 1964” (Jeremias Sem Chorar). Cassiano – parnasiano, verde-amarelista, modernista – o mais mutável e “atuante” dos nossos poetas. Verdadeiro malabarista de escolas literárias. Eis que esse mesmo Cassiano, nos traz uma “nova poética de vanguarda”. Rotula-se de vanguardeiro, utilizando-se de imagens bolorentas. Sempre correndo atrás do trem.

Desculpe-me a agressividade. Mas escrevo-lhe justamente por julgá-lo capaz de compreender-me. Pelo menos, é o que me deixa supor a leitura de seus artigos. Escrevo-lhe para que saiba que o seu trabalho, pela cultura do nosso Nordeste, alicia-me. Envio-lhe alguns poemas, como apresentação e, se possível para crítica. Esperando sua resposta, atenciosamente. (LARANJEIRA, A. O. [Carta] 9 de set. de 1965, Recife [para] MELO, V. G. João Pessoa. 2f, p. 1. Grifos do autor)

O autor da carta se vale do tom polemista que ele identifica nos artigos de Virgínius e não se furta em empreender a crítica ao próprio campo e a um escritor consagrado. Sua intenção de manter um diálogo com Virgínius transparece na temática e no tratamento dado ao escritor. Mas a intenção central desse, e de outros autores de cartas, era despertar o interesse de Virgínius em a sua obra, seja para que ele empreendesse uma leitura crítica que servisse para o aprimoramento dos trabalhos desses escritores, seja para divulgação dos mesmos em suas colunas nos jornais.

Quando Virgínius já havia dado atenção aos escritores por meio de suas colunas, a carta era uma forma de dar um retorno ao diálogo, de certa forma, iniciado pelo crítico. Era comum que os autores aproveitassem o ensejo para se apresentarem e agradecerem a crítica empreendida. Virgínio Santa Rosa remeteu carta tempo depois da sua obra figurar na coluna crítica:

Ilustre amigo Virgínius,

Permita-me que lhe trate assim, visto que sou admirador seu de longa data e, agora, tornei também seu amigo, devido ao belo e generoso artigo que você escreveu sobre o meu romance, “A Estrada e o Rio”.

Devo-lhe essa carta não sei quanto tempo faz e já planejei o seu conteúdo na mania não sei quantas vezes. No entanto, sempre que procurei 224rocu-la para o papel, ela me saiu ou insignificante ou besta. Resolvi, pois isso, escrevê-la de qualquer maneira, deixando o muito que tenho que lhe dizer para quando me seja possível fazê-lo de única vez.

O que eu não quero é deixar passar mais tempo sem lhe agradecer o seu belo e generoso artigo de crítica e dizer-lhe quão importante foi ele para mim. Valeu a pena ter escrito o livro só para ser compreendido e interpretado por um leitor da sua categoria. (ROSA, V. S. [Carta] 17 de nov. de 1964, Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f, p. 1.)

Virgínio, ao demonstrar sua ansiedade ao procurar a melhor forma de se expressar na carta, transmitia sua representação acerca do crítico e se confirma na adjetivação e ao se considerar admirador. A lisonja era uma forma de demonstrar que, naquele momento e, segundo o escrevente, ambos não estavam em pé de igualdade. O crítico ocuparia um lugar de destaque e caberia ao remetente prestar-lhe as homenagens e agradecer a atenção recebida, inclusive visando a aquisição de *capital social* por meio dessa relação que se intencionava estabelecer.

O escritor Moacir Costa Lopes aproveitou a crítica feita por Virgínius para escrever uma carta de agradecimento e estabelecer um primeiro contato:

Prezado Senhor e Amigo Virgínius da Gama e Melo:

Tenho imenso prazer em vir pela primeira vez à presença para estabelecer, de retorno, o elo da irmandade e camaradagem iniciado com seus estudos críticos a respeito dos meus dois livros. [...]

Seria supérfluo dizer que gostei dos estudos mencionados. Supérfluo e cabotino de minha parte, uma vez que ambos os livros mereceram excepcional acolhida de sua parte.

Senti-me feliz com sua impressão sobre essas obras. E creia não me envaideci com ela; ao contrário, me impôs um enorme sentimento de responsabilidade para as futuras obras, para que não me venha a decepcioná-lo.

Não sei há meses atrás, quando da realização do congresso de crítica organizado e capitaneado por você, em que discutiram a obra do José Lins do Rêgo, Paulo Dantas lhe transmitiu verbalmente meus agradecimentos e lhe expressou minha admiração sobre obra crítica.

Desde muito tempo venho seguindo seus passos literários nos rodapés de jornais do Rio, São Paulo e Recife, e já o considero uma das pessoas mais sérias da nossa ensaística e crítica literária.

[...] De minha opinião comungam todos com quem tenho falado a seu respeito, escritores e críticos. [...]

Achei excelente, completa, sua crítica sobre o “Maria”. E achei de grande profundidade seus comentários sobre o “Chão”. Somente Você entendeu muita coisa que quis dizer e mostrar naquele livro, porque, eu senti, Você conhece a alma dos serres e das coisas daquelas regiões. Como, por exemplo, quando diz: “... E se abandona de todo indo ao sortilégio da água, por ela principiando e por ela acabando dentro de seus poderes mágicos. As próprias personagens, essencialmente simbólicas, surgem da água...” Ou: “... Daí a crença rústica, a certeza de vida surgindo exclusivamente das águas, em seguida o animismo líquido, a superstição da saída da vida e da morte das mesmas águas...” Exato, seu Virgínius, e grato por sua compreensão. Está seguindo agora para Você o meu terceiro romance, o “Cais, Saudade em Pedra”. Não sei que sorte ele terá em suas mãos. Mas se ele vier a merecer de sua parte outro estudo crítico, acatarei com respeito e orgulho sua opinião, qualquer que ela seja. Até logo, seu Virgínius, e espero ter o prazer de um dia nos encontrarmos pessoalmente e poder cumprimenta-lo. Até lá continuaremos irmãos pelos laços da Literatura. (LOPES, M. C. [Carta] 4 de mai. de 1963, Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 2f, p. 1)

O próprio Moacir Lopes selava simbolicamente o vínculo a partir dos “laços da Literatura” e finalizava dizendo: “Menciono meu endereço acima apenas para pôr minha casa a suas ordens” (LOPES, M. C. Carta. 4 de mai. de 1963. Rio de Janeiro). Tal carta é dotada de elementos que marcaram esses primeiros contatos: a apresentação de credenciais, os agradecimentos, os elogios, a manifestação das intenções de levar adiante os vínculos criados – e uma forma de reforçar essa estratégia era enviando novos trabalhos para apreciação. Lopes procurou ir adiante ao apresentar elementos dos artigos de Virgínius, comprovando sua leitura e ilustrando o quanto ela foi atenta. Além disso, declarava algum vínculo com personagens que já possuíam laços com Virgínius.

Muitos escritores aparecem apenas na primeira carta enviada, demonstrando que o contato não voltou a acontecer. Outros, depois do primeiro contato, passaram a escrever regularmente para Virgínius, criando vínculos intelectuais e afetivos. O escritor Francisco Rodrigues Alves e a escritora e professora Stella Leonardos, são personagens que, após um primeiro contato, passaram a remeter cartas para o crítico.

Francisco Rodrigues Alves, em sua primeira carta, após as primeiras frases que repetem a tônica elogiosa daqueles que se colocavam como leitores e admiradores do trabalho do crítico, relatou uma polêmica envolvendo uma aluna e alguns professores, que não concordavam com a tese defendida por ela de que Machado de Assis seria um escritor contemporâneo. Alves saía em defesa da aluna e colocava-se contra os “machadóltras” e convocava Virgínius para o debate, por este possuir “uma opinião autorizada” sobre o tema e lançava a pergunta: “Machado de Assis é, ou não é, escritor contemporâneo? E por que?” (ALVES, F. R. [Carta] 28 de ago. de 1966, Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa.

1f, p. 1.). Alves manifestou que esperava a resposta de Virgínius, que figuraria na revista *Letras*, da Faculdade Nacional de Filosofia, junto com as resposta de Tristão de Ataíde, Nelson Werneck, Cavalcanti Proença e outros. Alves aproveitava o ensejo para divulgar a revista e suas credenciais, como os nomes que figurariam em suas páginas. O contato e as cartas que se seguiram se centravam, justamente, em torno da revista *Letras*, e no seu conteúdo, e no chamado para a sua colaboração dos números.

Virgínius respondeu a carta de Alves com atraso, porém, tratou em se desculpar e de traçar alguns laços que ligavam os dois. Quanto à questão levantada na carta recebida, Virgínius tratou de responder:

Pergunta-me se Machado é contemporâneo. Aqui vai uma breve impressão:
A contemporaneidade ou não de Machado de Assis não pode ser decidida, ortodoxamente, pela certidão de óbito. Há de apresentar outros aspectos, talvez de muito maior relevância. E tanto que ele certamente é muito mais vivo agora que outros escritores vivos, bolindo na vida e nas letras.
A ambiência dos seus romances poderá não apresentar uma situação atual em seus aspectos mais concretos, como o traçado das ruas do Rio, as casas, os transportes. Mas ninguém poderá negar a atualidade psicológica de suas personagens, fixadas mais íntimo de pessoas humanas que no aparente material ou mesmo nas indicações que o tempo formula ao espírito. Sendo buscadas nessa zona eterna as criações machadianas são contemporâneas de todo tempo. Da mesma forma que os característicos de seu estilo são modelo para todo tempo.
Como vê, meu caro F. Rodrigues Alves, encontro-me também machadiano. É melhor conviver com ele do que com muita gente que anda por aí bolindo.
(MELO, V. G. [Carta] 9 de dez. de 1966, João Pessoa [para] ALVES, F. R. Rio de Janeiro. 1f, p. 1)

Virgínius encerrou a carta mostrando-se aberto à criação desse laço de amizade almejado por tantos escritores: “Espero que seja o começo de uma longa amizade, solicito o seu endereço pessoal e aqui mando o meu [...]” (Idem).

Outra personagem que passou remeter cartas, cartões e postais regularmente a Virgínius foi a poetisa Stella Leonardos⁵⁹. Durante 13 anos, a escritora enviava notícias literárias, questões pessoais e propunha debates com o crítico. O mote para sua primeira carta foi justamente um artigo de Virgínius sobre sua obra *Rio Cancioneiro*:

Meu caro Virgínius da Gama e Melo,
Eu já o conhecia. De excelentes trabalhos (“O aprendiz da crítica”, por exemplo, no Correio da Manhã) e de conversas com pessoas que o apreciam

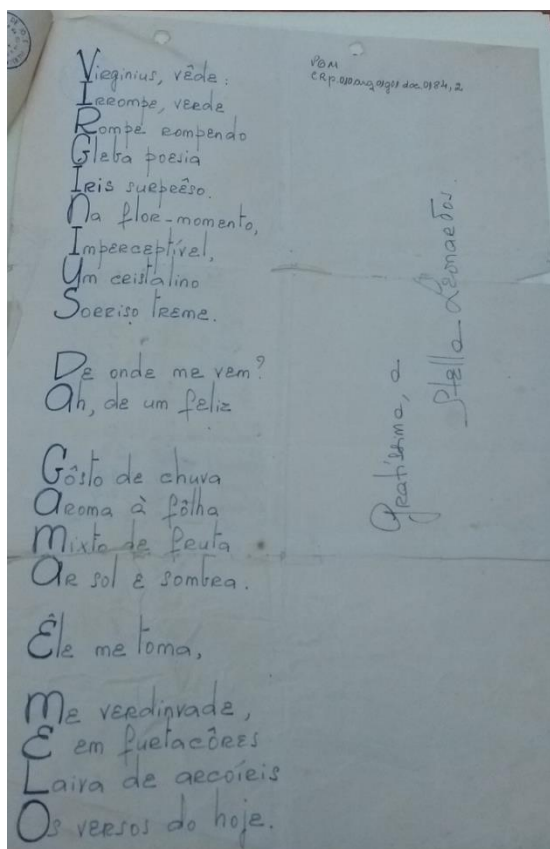
⁵⁹ Stella Leonardos da Silva Lima Cabassa (Rio de Janeiro, 1923), além de poetisa, publicou os romances *Quando os cafezais florescem* (1948) e *Estátua de sal* (1961). Como teatróloga, assinou a peça *Palmares* (1945), encenada pelo Teatro do Estudante do Brasil e pelo grupo Teatro Experimental do Negro.

(Antônio Olinto, Edilberto Coutinho). Mas nunca sonhei que “Rio cancionero” merecesse o artigo tão boa surpresa! Fiquei comovida. Gostaria de dizê-lo, em pessoa: amanhã é a noite do II Festival do Escritor, aqui na Guanabara, e vieram escritores de vários Estados. Li, contudo, que Virgínius da Gama e Melo estará em Assis, no Congresso de Crítica, brilhando com “O Romance nordestino de 1928 a 1961”. (Por sinal que a Reitoria da Universidade da Paraíba vai editar a obra, não é mesmo?) Como é que a notícia me veio às mãos? Acontece que sou secretária da União Brasileira de Escritores (Eneida, Homero Homem e Eu) e recebemos recortes de toda a imprensa nacional. (LEONARDOS, S. Carta. 23 de jul. de 1961. Rio de Janeiro)

Stella Leonardos apresentava seus vínculos no campo para além da obra, apresentando personagens que seriam do conhecimento de Virgínius, atestando que frequentava os espaços de sociabilidade letrada, como o Festival do Escritor, e também se colocava como membro da União Brasileira de Escritores, entidade a qual Virgínius passou a integrar na sessão Paraíba. Em sua segunda carta, a escritora voltava a agradecer por um artigo escrito por Virgínius e já o tratava como amigo, chegando a dedicar-lhe um poema acróstico:

Figura 11 – Página da carta de Stella Leonardos com acróstico dedicado a Virgínius (LEONARDOS, S. [Carta] 1 de ago. de 1962. Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 4f. p.

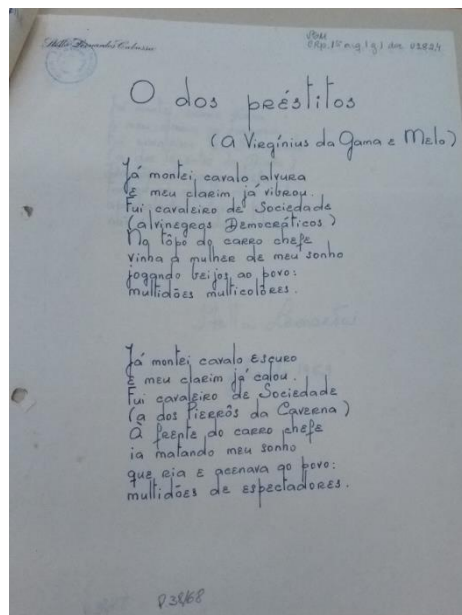
2)



Fonte: Acervo VGM/FCJA.

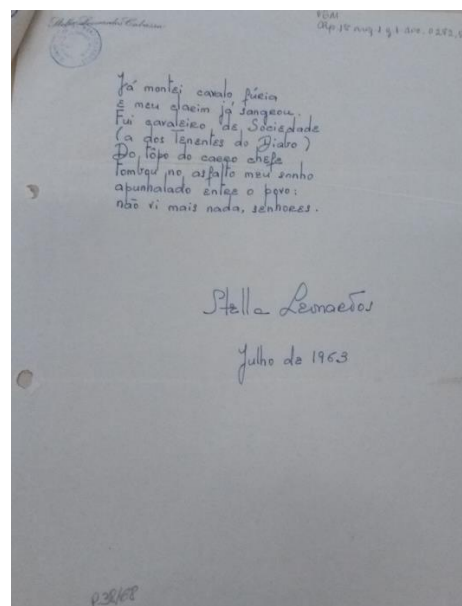
Ao estabelecer o laço de “amizade intelectual”, Stella Leonardos passou a levar para suas cartas elementos de sua lide artísticas. As cartas de Stella Leonardos eram marcadas pela escrita poética e, alguns casos, com aquarelas.

Figura 12 – Poema de Stella Leonardos (LEONARDO, S. [Carta] 28 de jul. de 1963, Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 3f. p. 2)



Fonte: Acervo VGM/FCJA.

Figura 13 – Poema de Stella Leonardos (LEONARDO, S. [Carta] 28 de jul. de 1963, Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 3f. p. 3).



Fonte: Acervo VGM/FCJA.

Figura 14 – Cartão natalino. (LEONARDOS, S. [Cartão]. dez. de 1963, Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. 1f.)⁶⁰



Fonte: Acervo VGM/FCJA.

As cartas eram espaços para abordar aspectos do cotidiano e abrir-se para a intimidade. Porém, a marca central entre esses missivistas era o debate intelectual, seja por meio das notícias literárias ou abordando o conteúdo de artigos e obras. A linguagem empregada nesses debates abria espaço para que os sujeitos se expressassem apresentando seus dotes artísticos, tanto no tom formal, quanto naquele que buscava na informalidade a quebra de barreira entre os interlocutores. Nesse processo, a escrita epistolar se configurava como espaço da criação artística e intelectual. As cartas de Stella Leonardo são significativas desse aspecto e, como ela notícias em outras cartas, alguns desses poemas dedicados a Virgínius acabaram compondo livros que foram publicados. Em outros casos, as discussões empreendidas nas cartas possibilitaram a elaboração de artigos, debates nos jornais e a produção de filmes⁶¹.

Em uma de suas cartas, Stella Leonardos noticia que havia se encontrado com Elizabeth Marinheiro, prima de Virgínius, após a sua chegada no Rio de Janeiro:

Virgínius, querido Amigo,
você é generoso demais com sua amiga carioca: cavaleiro típico. Muito grata pelas boas palavras. Por falar em amizade, a Elizabeth já é minha amiga.

⁶⁰ Verso: "Ao prezado Virgínius, / Feliz Natal e Ano Novo! / Breve você receberá "Tempos alados" com aqueles versos dedicados ao querido amigo".

⁶¹ Os debates que se deram por meio de correspondências e que abordavam os processos de criação de obras literárias e cinematográficas serão trabalhados no capítulo "A máquina de escrever".

Nem poderia deixar de ser com aquela personalidade, inteligência, finura, o admirável trabalho que realiza em Campina Grande. Passamos uma tarde conversando, aqui em casa. Apesar de eu estar em Corrêas, em casa de minhas irmãs, lendo dezenas e dezenas de originais candidatos ao [prêmio] “Fernando Chinaglia II”, fiquei no Rio para procurá-la. Já escrevi, até uma “Estante de Poesia” para o J. de Letras focalizando Elizabeth Marinheiro, os carais falados, o FACMA, etc. Creio que sairá no mês de agosto. Enviarei recorte. (LEONARDOS, S. [Carta] 14 de jul. de 1973, Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 2f. p. 1.)

A escritora ainda informava que havia encontrado editor para publicar um novo livro, Amanhecia, e discutia o seu conteúdo. Por meio dos laços criados com personagens do Rio de Janeiro, Virgínius promoveu a inserção de escritores da Paraíba e Pernambuco na cidade e nos seus círculos de sociabilidade letrada, ou de seus agentes para a promoção de favores a seus “enviados”.

O poeta Jomar Souto, que integrou o grupo *Geração 59*, ao escrever para Virgínius, informa sobre sua chegada ao Rio de Janeiro e agradece as dicas e ao citar as pessoas com quem ele entrou em conta, revela a rede que Virgínius estabeleceu com escritores nordestinos e cariocas residentes no Rio:

Suas cartas me introduziram no mundo das letras cariocas – Condé recebeu-me muito bem, está com meu livro, promete publicação na Editora Leitura, para breve. Ascendino não agiu de outra forma. Publicou um poema meu (ECLIPSE NA REPARTIÇÃO) no suplemento local do “JORNAL DO COMERCIO”. Apresentou-me o Peregrino, o velho presidente da entidade que reúne os Escritores do Brasil, e ao Editor da São José, e a outras figuras ilustres. Tem sido cem por cento comigo o conterrâneo de tantos feitos no complicado mundo das letras cariocas. Nelson Lustosa – mantive contato telefônico com ele. Qualquer sai destes chego à casa dele.
[...]

As démarches juntos às figuras para conseguir gancho em jornal continuam, mas a situação é de dureza pra todo mundo, atualmente, neste imenso país. Na TV TUPI há alguma esperança. Raul Córdula está atuando naquela associada como cenógrafo. E toda a direção é de paraibanos. Lucena (DIREÇÃO COMERCIAL) Péricles (DIREÇÃO ARTÍSTICA) e Gondim (DIREÇÃO GERAL). (MUNIZ, Jomar. [Carta] 4 de out. de 1966, Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 2f, p. 2.)

É possível vislumbrar parte do processo de inserção do sujeito numa rede de intelectuais. Jomar carregava como credenciais o nome de Virgínius, personagem que possuía centralidade nas relações entre os intelectuais e artistas citados. Raul Córdula possuía laços de amizade com ambos, inclusive também integrou o grupo *Geração 59*. Virgínius era amigo dos irmãos Elysio e José Condé e dos escritores paraibanos Nelson Lustosa e Ascendino Leite. Realizou longa troca de correspondência com esses sujeitos. Possivelmente Jomar

Souto não encontraria a receptividade relatada caso não houvesse ocorrido a intermediação de Virgínius.

Entre os amigos que lhe prestaram favores no Rio de Janeiro, esteve o reitor da Universidade do Estado da Guanabara, João Lyra Filho, com quem trocou dezenas de cartas, inclusive algumas sendo anunciadas na coluna *Ponto de Vista*, do jornal *O Norte*. As cartas, em sua maioria remetidas em papel timbrado com o brasão da UEG e a identificação do “Gabinete do Reitor” – até as de 1972, enquanto era reitor; depois passou a trazer como timbre a identificação individual –, traziam notícias do trabalho universitário e do cotidiano e revelavam a relação íntima de amizade entre ambos.

A conexão entre Virgínius e Lira serviu para levar vários agentes para Rio com intuítos artísticos e acadêmicos. Seus conhecidos, ao se estabelecerem no destino, mandavam cartas de volta agradecendo e mandando notícias de suas vidas, o que acabava por inserir e legitimar novos participantes na rede além de, em certa medida, espalhar o nome do Virgínius pelos ventos cariocas.

Entre as personagens que mais apareciam nas cartas remetidas do Rio de Janeiro, ou que tratavam do Rio de Janeiro, estavam os escritos paraibanos Luiz Pinto, Nelson Lustosa e Ascendino Leite, e os pernambucanos Elysio Condé e José Condé, sejam citados em cartas de outros remetentes, ou nas dezenas de cartas enviadas pelos próprios personagens.

Em virtude dos festivais literários e congressos de crítica, Virgínius estabeleceu diversos contatos que ele buscou estreitar por meio de cartas. O escritor José Condé foi uma dessas personagens. Os debates travados com Condé muitas vezes foram parar na sua coluna *Escritores e Livros*, no *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, seja em forma de notas, que o autor da coluna lançava para noticiar os acontecimentos do campo literário, seja em textos do próprio Virgínius que Condé publicava.

Vemos então que Virgínius procurou promover o intercâmbio cultural a partir de escritores da Paraíba e do Rio de Janeiro que viajariam entre os estados para promoverem conferências, lançamentos de livros, entre outras atividades.

Assim, Virgínius contava com amigos paraibanos residentes no Rio de Janeiro e Recife para auxiliar nesse intercâmbio. Em ocasião dessa viagem, Nelson Lustosa escreveu a Virgínius informando sobre os preparativos e fazendo recomendações para a recepção de José Condé no Nordeste em dezembro de 1963:

Meu caro amigo Virgínius,
muita saúde.

Dei toda assistência aqui ao nosso Condé, dentro daquele sistema nosso de trabalho em equipe. Waldemar será uma carta mais ampla em pessoa.

Condé está eufórico [...].

Você irá receber a turma em Recife, como espera Condé, envolvendo-o como costuma fazer com quem bate por essas nossas plagas.

Ele fará com Marialuiza uma tarde de autógrafos aí e outra em Campina Grande. Vai ser uma chamariz de mulher em torno dos dois. Avalio. Livros: “Vento do amanhecer em Macambira” e “A literatura brasileira” (para a juventude), além da Conferência sobre Zélin e de uma reunião para bate-papo. [...]

Nelson. (LUSTOSA, N. [Carta] 21 de dez. de 1963, Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f, p. 1.)

No dia 28 de dezembro, Condé remete carta a Virgínius comunicando sobre as providências para a viagem, inclusive sobre o apoio prestado por Nelson Lustosa: “O pessoal da Procuradoria da Paraíba tem sido gentilíssimo comigo. O nosso Nelson Lustosa, por sua vez, tem sido incansável. Estou muito agradecido por tudo. Isso sem falar em você, que é o responsável direto pela viagem e, talvez, pelo fiasco da palestra...” (CONDÉ, J. [Carta] 28 de dez. de 1963, Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f, p. 1.). Na mesma carta aproveitava para informar sobre a publicação de um artigo de Virgínius: “Publiquei hoje um artigo seu no Correio. Tenho outro já composto para sair no próximo sábado” (CONDÉ, J. [Carta] 28 de dez. de 1963, Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f, p. 1.). Condé era a ponte entre Virgínius e o *Correio da Manhã*, jornal em que Virgínius publicou alguns artigos.

Algumas cartas enviadas por José Condé também são reveladoras dos “bastidores” do campo literário. Em uma série de cartas, Condé solicita o intermédio de Virgínius para angariar os votos de José Américo para a sua eleição na Academia Brasileira de Letras. O primeiro pedido chegou por telegrama: “peça voto zeamerico para mim academia abraços condé” (CONDÉ, J. [Telegrama] 20 de ago. de 1969, Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f, p. 1.). No que foi atendido, em parte, escreveu uma carta agradecendo e detalhando o pedido:

Muito grato pela presteza com que atendeu meu pedido. Recebi há dias o telegrama e, hoje, a carta. Esta me deu muita alegria. Realmente, será uma grande honra para mim merecer o voto de José Américo, escritor e homem público por quem tenho o mais alto conceito e admiração. Quanto ao problema do escrutínio, escreverei na época oportuna. No momento, apenas faço sondagens, embora já esteja inscrito oficialmente como candidato à vaga de Múcio Leão na Academia Brasileira. Aliás, por enquanto existem já três candidatos oficiais: eu, Lêdo e Artur Cezar Ferreira Reis. Pretendo ir até

ao fim, razão pela qual faço absoluta questão do voto do Zé Américo num dos escrutínios. (CONDÉ, J. [Carta] 27 de ago. de 1969, Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 2f, p. 1.)

No verso da carta, com a observação de “Não se preocupe quanto ao sigilo”, Condé continuava e detalhava o processo:

Virgínius: já tinha escrito a carta quando falei pelo telefone com o Aurélio Buarque de Holanda (ele e o Jorge Amado é que patrocinam minha candidatura), que me aconselhou a pedir o PRIMEIRO ESCRUTÍNIO, pois (em face dos compromissos anteriores) o Lêdo está mais forte justamente no mesmo, havendo possibilidade de ser eleito sem que a eleição prossiga. Nesse caso, já fica certo: desejo que o nosso José Américo vote em mim no PRIMEIRO ESCRUTÍNIO, no qual procurarei concretar todas as minhas possibilidades. (CONDÉ, J. [Carta] 27 de ago. de 1969, Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 2f, p. 1.)

Em 16 de outubro ainda voltou a lembrar Virgínius para intermediar o pedido junto a José Américo: “Outrossim: não se esqueça de pedir ao Zé Américo os dois primeiros escrutínios para a eleição da Academia” (CONDÉ, J. [Carta] 16 de out. de 1969, Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f, p. 1.).

Em 26 de novembro, escrevia para informar da inclusão de seu romance na programação de publicação da Editora Civilização Brasileira para o ano de 1970 e aproveitava para reforçar o pedido de voto, o que demonstrava a apreensão quanto à realização do intento, inclusive ressaltava os votos já conseguidos como uma forma de motivar o escritor para o seu projeto de eleição na ABL:

Vou escrever hoje ao José Américo. Tenho absoluta necessidade dos dois votos que ele prometeu: para o primeiro e o terceiro escrutínios. Mas gostaria que você o procurasse pessoalmente e reforçasse o pedido. A eleição está marcada para o dia 18 de dezembro. Jorge Amado já me enviou de Londres os seus quatro votos. Quem sabe se o José Américo poderia também me mandar os dele? Bem, o tempo urge. Pediria ao querido amigo que me escrevesse o mais breve possível dizendo alguma coisa. Ok?
Já leu meu romance? Quero saber o que achou. (CONDÉ, J. [Carta] 26 de nov. de 1969, Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 2f, p. 2.)

Em 23 de abril de 1970, o paraibano Aurélio de Lyra Tavares foi eleito para a cadeira de número 20 da ABL, sucedendo Múcio Leão. Essa série de cartas revela os jogos envolvidos nas eleições de academias. Tais processos envolvia a criação de redes de

apoiadores, que deveria reunir nomes consagrados, apadrinhamentos, além de forte campanha na imprensa⁶².

O envio de cartas por parte de Condé cessou em 1970. Em 23 de setembro de 1971, Condé voltou a aparecer nas cartas. Dessa vez, José Cândido de Carvalho informava Virgínius sobre o estado de saúde do jornalista: “Ontem li no Jornal do Brasil e ouvi pelo rádio a notícia de que o nosso José Condé se encontra em estado de coma. O jornal fala em esperança de recuperação, mas é muito otimismo. Enfim vamos torcer pelo milagre” (CARVALHO, J. C. [Carta] 23 de set. de 1971, Recife [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f, p. 1.). Em outubro, Maria Luiza Condé remeteu cartão agradecendo as manifestações de pesar pela morte de José Condé, falecido em 27 de setembro.

No Rio de Janeiro também manteve contato pessoal, e por meio de uma longa troca de cartas, com o escritor paraibano Ascendino Leite⁶³, com o qual debatia questões literárias e solicitava favores em relação à ida de paraibanos para o Rio de Janeiro. Em carta de dezembro de 1962, lamentava a ausência do escritor no Congresso de Crítica e solicitava o seu intermédio para alojar uma delegação de estudantes que viajaria consigo:

Meu caro Ascendino:

Esperei-o longamente para o nosso Congresso de Crítica. Mandeí carta solicitando sua presença que, para nós, era essencial. A festa foi boa, embora com sua ausência, a de Adonias, e de Josué Montello, gente que, até agora, não sei porque não veio.

Virgínius ainda comunicava o envio de recortes com seus artigos sobre o trabalho de Ascendino e confidenciava um desabafo sobre a organização:

Demorei a enviar nota de “A União”, em virtude do exaustivo trabalho do Congresso, que foi mais rude no evitar a descrença, a má fé, a ruindade mesmo desta gente daqui. Se não houvesse tanta resistência local, a coisa teria saído muito melhor. Mas, é assim mesmo, e você conhece a taba. Talvez viaje ao Rio, agora em janeiro próximo, acompanhando uma turma nossa na Faculdade de Filosofia e, justamente sobre isso, peço seu interesse. É a respeito de obter hospedagem, aí, para cerca de 20 estudantes, moças, durante uma semana. Melhor do que eu você saberá das possibilidades.

⁶² Sobre um processo de eleição na Academia Brasileira de Letras ver: ANDRADE, Gilsa Elaine Ribeiro. *Pereira da Silva no campo literário: o discurso da crítica e dos periódicos (1890-1960)*. Tese (Doutorado em Literatura). João Pessoa: PPGL/UFPB, 2015. A tese trata da trajetória do poeta paraibano, radicado no Rio de Janeiro, Pereira da Silva, inclusive das suas campanhas para ocupar uma cadeira na ABL.

⁶³ Ascendino Leite (Conceição-PB, 1915-2010). Escritor paraibano, dirigiu jornais na Paraíba em São Paulo e no Rio de Janeiro. Entre seus projetos estava o *Jornal Literário*. Foi secretário do governo do Estado da Guanabara durante a gestão de Carlos Lacerda. Entre seus livros estão *O Brasileiro* (1962) e *A Velha Chama* (1965), que rederam notas nas colunas assinadas por Virgínius.

Esperando sua resposta breve, aqui fica seu amigo e admirador (MELO, V. G. [Carta] 27 de dez. de 1962, João Pessoa [para] LEITE, A. Rio de Janeiro. 1f, p. 1.).

A exemplo do que confidenciou a Gilberto Amado, sobre seus leitores locais, Virgínius tecia críticas à personagens locais, devido os empecilhos encontrados na busca de apoio e incentivo. No que foi respondido por Ascendino, que iniciava agradecendo e elogiando o artigo de Virgínius e justificando sua ausência no congresso:

[...] A autoridade do seu juízo crítico é um estímulo de primeira ordem, a que serei sempre sensível, é uma honra para o modesto livrinho que lhe mereceu tanta simpatia e generosidade.

Infelizmente, não pude estar presente ao Congresso de Crítica, como era do meu desejo. Passei-lhe, a propósito, longo telefonema, com endereço para a Universidade, dando-lhe aí minhas razões. Será que não o recebeu? Os obstáculos locais que v. encontrou eu já os previa: vieram do fato de que você tem talento, trabalha e constrói um lúcido destino literário que rompe as convenções provincianas. Isto é como se fosse uma chaga desprezível curtos de certos círculos municipais, estes, sim, cercados por uma fenomenal ignorância, que só merece a sua caridade. A despeito do Congresso, foi muito boa, todos enaltecendo o seu magnífico trabalho e cercando a sua pessoa e o seu nome da maior admiração.

Quanto à hospedagem para os estudantes de Filosofia, esgotei meu prestígio junto às esferas educacionais do Estado. Falei com Flexa Ribeiro, secretário da Educação que me disse da impossibilidade de atender-nos: a Guanabara (governo) não dispõe de próprios para tal fim [...] (LEITE, A. [Carta] 18 de jan. de 1963, Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 2f, p. 1.)

Ascendino ainda desejava sorte no intento de Virgínius e concluía comunicando que havia assinado contrato com a Editora Vozes para publicação do seu livro *Durações*, cujo originais Virgínius já conhecia. Além disso, estava organizando as *Novas Durações*, onde falaria de Virgínius e da amizade de ambos.

Quando da ida do poeta Jomar Souto para o Rio de Janeiro, Virgínius voltou a escrever a Ascendino, para solicitar sua assistência ao amigo:

Vá me perdoando mas escrevo às pressas, agora, e com finalidade determinada. Um dos grandes deste país, paraibano de origem, espera este salvo conduto para se apresentar a você. Disse-lhe que não era preciso. Mas o “pau de arara”, desconfiado, bisonho, insistiu na famosa carta. Ei-la. Mas o principal é que você está diante de um rapaz que tem o que dizer, como você sentirá logo com sua inteligência e sensibilidade.

Quer também o rapaz os ensinamentos seus para transitar nessa “jungle do asfalto”, Rio e Letras.

Com um abraço, confio-lhe Jomar Moraes de Souto. (MELO, V. G. [Carta] 6 de jul. de 1966, João Pessoa [para] LEITE, A. Rio de Janeiro. 2f, p. 1.)

Virgínius não apenas pedia a ajuda de Ascendino, mas apresentava e promovia o amigo poeta. Jomar Souto de Moraes insistia na carta, possivelmente, por entender que ela não apenas facilitaria o primeiro contato, mas era um documento dotado de significados dentro das redes de sociabilidades letradas. Virgínius, que nesse momento já possuía uma relação de amizade com o poeta da *Geração 59*, era fala consagradora e de grande importância para a inserção de Jomar na cidade e nas Letras.

As cartas de Ascendino eram marcadas pelo debate em torno das questões literárias. Não se furtava em colocar seu ponto de vista em relação às questões levantadas por Virgínius ou sobre os fatos dos círculos literários. No início de 1964 foi convidado por Virgínius para integrar a programação do Congresso de Escritores Nordestino, que seria realizado em abril daquele ano, em Campina Grande, dentro das comemorações do centenário da cidade. Em carta, Virgínius justificava não ter encontrado com Carlos Lacerda durante sua última ida ao Rio de Janeiro, mas que em breve voltaria à cidade e poderiam encontrar com o político, em seguida fez o convite para o evento:

Campina está comemorando este ano o Centenário. Na programação consta um Congresso de Escritores Nordestinos a ser realizado na última semana de Abril. Estamos em cima. Sou organizador do certame e pretendemos convidar escritores nordestinos que residam no Sul. Você será um deles, é claro. Mas não queremos que sua ajuda fique somente nisso. Gostaríamos também que nos enviasse sugestões para o temário, a fim de que o mesmo ultrapasse o terreno puramente comemorativo. (MELO, V. G. [Carta] 22 de fev. de 1964, João Pessoa [para] LEITE, A. Rio de Janeiro. 2f, p. 1.)

Em sua carta resposta, Ascendino comunicou que já havia ficado ciente do evento por meio da imprensa e por meio do governador da Paraíba, Pedro Gondim, e do prefeito de Campina Grande, Newton Rique. Mas manifestava surpresa por não ter sido convidado por ambos para participar do evento e, ao mesmo tempo, entendimento para tal, que residiria no fato de Ascendino ser opositor a ambos, não poupando críticas. Justificava que “em tempos como estes de paixões políticas exacerbadas”, compreendia “o predomínio de certas discriminações, até mesmo na ordem literária” (LEITE, A. [Carta] 16 de mar. de 1964, Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f, p. 1.)⁶⁴. E, com a informação de que Virgínius estava na organização do congresso, confiava que o mesmo não deixaria questões

⁶⁴ O contexto político era de pré golpe militar e Ascendino era partidário de um dos principais articuladores da cassação de João Goulart, o governador do Estado da Guanabara, Carlos Lacerda. Ascendino, inclusive, promoveu o contato entre Virgínius e Lacerda, que chegou a ir participar de evento promovido por Virgínius em João Pessoa.

“extraliterárias” interferirem na realização do evento. Logo depois passava a indicar e justificar os nomes para integrar o temário do congresso:

Você me pede, entretanto, sugestões para o que, entendo, deva constituir uma espécie de temário a ser objeto de exame dos escritores reunidos no Congresso em preparação. Interessado em que o conclave exprima o melhor das afirmações do gênio criador dos paraibanos no campo literário e das artes plásticas, eu gostaria que pelo menos dois novos expoentes tivessem a sua obra – (ou mesmo os respectivos nomes) – de merecer um lugar específico nos debates que se planejam. Falo em primeiro plano do extraordinário romancista que tivemos em José Vieira, cuja obra de ficção, incluindo livros como “Espelho de Casados”, “O Livro de Tilda”, “Um reformador na cidade de vício” e o notável “Vida e Aventura de Pedro Malazarte”, permanece num olvido que nos diminui. José Américo poderia a esse respeito dizer coisas admiráveis. Em segundo lugar, eu lhe lembraria a oportunidade de destacar a atuação marcante de Tomaz Santa Rosa na evolução da pintura moderna do Brasil, nos diferentes caminhos de sua aplicação, inclusive a cenografia, onde o artista paraibano firmou inovações bastante ousadas e inesquecíveis, ainda hoje ressaltadas por quantos têm estudado as coisas do nosso teatro. A tal respeito – e se me não falha a memória – o trabalho dele não escapou à observação do grande crítico de artes plásticas que foi o seu parente Ruben Navarra [...]. (LEITE, A. [Carta] 16 de mar. de 1964, Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f, p. 1.)

Ascendino Leite empreendia na troca de cartas com Virgínius longos debates sobre política e cultura. Nessa carta ainda noticiou o andamento de seus projetos pessoais, como o lançamento do livro *Novas Durações*, mas também possibilita vislumbrar outros aspectos da criação literária, que também residiam nos projetos abandonados. Ascendino confessava que abandonou o projeto de escrita de duas novelas já iniciadas em virtude do seu envolvimento na organização do casamento de uma de suas filhas.

Ascendino também era um intenso missivista. Suas cartas possuíam características próprias, quase como uma assinatura e demonstravam a sua dedicação a essa prática. Além disso, era uma personagem consagrada e com laços com outras personagens de renome nacional, o que se expressava nas cartas que o mesmo recebia, com nomes como Carlos Drummond de Andrade, Jorge Amado, José Américo de Almeida, Juscelino Kubistchek, Carlos Lacerda – do qual foi secretário durante seu governo no estado da Guanabara –, entre outras personagens que também figuram nas correspondências de Virgínius.

Além desses, outras personagens se entrecruzam nas correspondências de Ascendino e Virgínius, como Stella Leonardos e Juarez da Gama Batista. Inclusive, Virgínius chegou a figurar em cartas dessas 237rocura237ens remetidas a Ascendino. Juarez da Gama Batista enviava notas dos artigos escritos pelo primo Virgínius, ou comunicando que aproveitaria a

ida de Virgínius para o Rio de Janeiro para enviar convite para conferência (BATISTA, J. G. [Carta] 9 de mai. de 1970, João Pessoa [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f, p. 1.).

Virgínius também aparecia nas cartas de José Américo. Em uma dessas cartas, José Américo lamentava o fato de Ascendino não poder comparecer às homenagens que recebeu na Paraíba em virtude de sua posse na Academia Brasileira de Letras e dava suas impressões sobre as conferências do evento, entre as quais, a proferida por Virgínius: “Ambas as conferências causaram grande sucesso. Você verá, quando forem publicadas, que poder de exposição e que profundidade. O Virgínius e o José Ramos apresentaram também excelentes trabalhos. Estou esperando a edição da gráfica da Universidade para mandar-lhe mais discursos da posse” (ALMEIDA, J. A. [Carta] 17 de nov. de 1967, João Pessoa [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f, p. 1.).

Por meio das cartas é possível perceber o processo em que Virgínius foi sendo tomado como referência na crítica literária. Seus pares, tanto personagens de renome como José Américo e Ascendino Leite quanto escritores que procuravam se projetar participaram desse processo. Ao passo que ia se tornando figura central na crítica literária, Virgínius passava a ser procurado por escritores que intencionavam que o crítico empreendesse a leitura de suas obras, como também a divulgassem⁶⁵. Virgínius era tomado como referência no campo literário, como também a partir de suas relações institucionais e, nesse sentido, era procurado com a finalidade de intermediar projetos de artistas.

Também era comum Virgínius receber carta de críticos, editores de revistas e editoras, que, ao toma-lo como referência da crítica e conhecedor dos “valores literários” do Brasil, em especial do Nordeste e da Paraíba, escreviam pedindo listas com indicação de autores e obras, além de solicitar contribuição direta para os periódicos os quais estavam representando.

Em 13 de setembro de 1965, Iaponan di Soares, de Florianópolis, escrevia a fim de pedir a colaboração de Virgínius para o periódico que estava à frente.

Prezado Senhor:

Através dos seus artigos publicados na imprensa do Rio e de São Paulo, temos acompanhado o surgimento dos novos valores do nordeste. Infelizmente os seus livros nunca chegam até nós, por deficiência de distribuição ou mesmo por falta de maiores contatos. Somos do nordeste e é este um dos motivos que nos levaram propor, a V. S., que nos indique alguns nomes de novos escritores da Paraíba, a fim de que possamos estabelecer um verdadeiro intercâmbio cultural.

Mantemos, num jornal daqui, a coluna que remetemos anexo e daremos com toda a certeza as notícias literárias que nos forem enviadas, como também

⁶⁵ A relação entre a prática da crítica literária de Virgínius e a recepção das obras será trabalhada no Capítulo 3.

informações acerca de livros, etc. Dentro em breve, lançaremos o mensário ILHA, órgão ligado aos novos escritores catarinenses, onde pretendemos destacar periodicamente páginas e edições dedicadas inteiramente aos escritores de outras regiões.

Aqui estamos ao seu inteiro dispor. (SOARES, I. di. [Carta] 13 de set. de 1965, Florianópolis [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f, p. 1.)

Em carta de 6 de setembro de 1966, também de Iaponan di Soares, percebe-se que houve um diálogo e colaboração de Virgínius conforme os pedidos do remetente. Nesta carta, Iaponan agradece e informa sobre a publicação do artigo na revista ILHA. A carta inicia com informes do cotidiano, buscando justificar o atraso da carta, bem como criar uma proximidade e, posteriormente, seguindo com os informes:

Caro amigo Virgínius da Gama e Melo:

Vá me perdoando o atraso. Não há saúde que aguente o firme diante desta umidade, desta temperatura inconstante e destes dias “gelados” que castigam o Sul. Por isso não escrevi com maior brevidade.

O ILHA saiu no dia primeiro, número correspondente a Julho/Agosto, com seu artigo (causando boa repercussão) e o conto de Geraldo de Carvalho. Por erro de paginação, os poemas de Jurandi Moura e de Archidy Picado deixaram de ser incluídos neste número, devendo sair, com certeza, no próximo ILHA.

Gostei da sua coluna no Jornal de Letras. Ótima em todos os sentidos. Informações precisas e variadas que proporcionam ao leitor um vastíssimo painel do que se produz de novo no nosso Nordeste. Parabéns.

Gostaríamos também que você mantivesse uma colaboração mais frequente no ILHA, pois este diálogo é uma das nossas funções. E para que ele sobreviva, temos que buscar o apoio e a colaboração de pioneiros como você, que se alarde e sem pose, tem prestado ao nosso Nordeste um serviço incalculável. (SOARES, I. di. [Carta] 6 de set. de 1966, Florianópolis [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f, p. 1.)

A colaboração de Virgínius para o primeiro número motivou os editores da revista a reforçarem o pedido de vínculo do crítico com a publicação. Ter o nome do crítico vinculado à revista conferiria prestígio. Isso fica reforçado no tratamento dispensado a Virgínius por Iaponan. Também é importante notar, a partir dos nomes citados na carta, as estratégias de Virgínius em projetar os escritores locais, visto que foi solicitado que o mesmo indicasse “nomes de novos escritores da Paraíba”. Nota-se, inclusive, que tais nomes eram vinculados a grupos locais, o que demonstra como estava se dando as reconfigurações nas relações do crítico com os seus pares no contexto local.

Esse tipo de convite também se dava por órgãos já consolidados e chegou para Virgínius durante toda sua trajetória. O seu nome já havia ganhado projeção nacional e havia a fama em torno da sua lide – sua produção e contribuição numerosa para diversos periódicos

–, bem como a sua vasta rede de contatos, fazia-o ser procurado constantemente. Em 1969 era procurado pelo Departamento de Educação e Cultura de São Paulo para contribuir com a sua revista:

O Departamento de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura Municipal de São Paulo, vai renovar a “Revista do Arquivo Histórico”, publicação que, como Vossa Senhoria sabe, vem circulando desde 1934, com repercussão nos meios culturais de São Paulo. A publicação entrará agora em nova fase, e, portanto, necessita da colaboração dos grandes nomes da cultura brasileira, de que Vossa Senhoria é um dos expoentes. (ARROYO, L. [Carta] 18 de fevereiro de 1969, São Paulo [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f, p. 1.)

As editoras também buscavam contato permanente com Virgínius. Era comum o recebimento de cartas e telegramas atestando o recebimento dos artigos publicados por Virgínius, pois aí residia um dos interesses dessa relação. Em 1973, por exemplo, a Editora Brasiliense remetia uma carta que identificava em qual categoria Virgínius estava encaixado – “Referência: Crítica Literária” –, e manifestava o interesse de retomar o contato:

Referência: Crítica Literária

Como não recebemos, já há algum tempo, nenhuma correspondência por parte de V. S^a., solicitamos algumas informações.

Gostaríamos de saber em que jornal e seção, são feitas suas críticas e qual o endereço para posterior envio de livros.

Esperando merecer a sua atenção, e no aguardo de sua resposta, subscrevemo-nos [...]. (CHAIKOVSKI, C. [Carta] 26 de mar. de 1973, São Paulo [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f, p. 1.)

A procura das editoras por Virgínius se dava em dois sentidos, tanto para que o crítico realizasse a divulgação das obras publicadas por elas e remetesse os artigos, como também manifestando o interesse ou discutindo a publicação das obras do autor⁶⁶. Essa relação foi se intensificando ao passo que Virgínius foi se projetando no campo literário, principalmente a partir do momento que passou a ganhar prêmios e a publicar suas obras.

São aspectos do funcionamento do campo de produção cultural que ganham outros aspectos quando abordados por uma via onde se entrelaçam o público e o privado das trajetórias intelectuais. Muitos fatos que se davam publicamente no campo eram lidos de outra maneira a partir da intimidade que as cartas conferem. Nesse espaço da escrita epistolar, muitos sujeitos encontravam segurança para proferir críticas aos seus pares, evitando embates indesejáveis.

⁶⁶ A relação de Virgínius da Gama e Melo com editores e livreiros será discutida no Capítulo 3.

Numa dessas cartas que se caracterizavam pelo desabafo em relação a algum fato do campo literário, Juarez da Gama Batista demonstrou incômodo com o tratamento recebido de parte da imprensa paraibana:

Primo Virgínius:

Muito lhe agradeço o registro de hoje, na sua coluna do O NORTE, sobre o prêmio da Academia Pernambucana de Letras. Houve quem perguntasse – “Outro?...”, e o tom não me enganava.

Já lhe agradeci, pessoalmente, o afeto antigo e familiar da sua nota do dia 12, tão cheia de ternura, a respeito do nosso regresso ao batente diário de jornal, junto de você e dos outros colegas.

Não mereci registro algum foi do nosso CORREIO DA PARAÍBA, que tem gente como o Gonzaga [Rodrigues], a quem quero bem de verdade. Não sei a quem atribuir isso, mas de certa forma me recorda a pergunta alarmada e contrafeita do outro.

Ora, esses prêmios todos podemos botar na conta de incidentes agradáveis em meio a tantos outros desagradáveis, anos e anos a fio. Mas, de uma e outra pessoa, cheguei a ver no rosto que, pelo menos nessa matéria, não haveria perdão para mim... Nosso próprio jornal, para noticiar o fato (que qualquer outro teria alegria da primeira página), deu-me uma terceira página tumultuada por anúncios – escapei de ser reclame de xarope pela boa vizinhança de uma nota sobre a posse do Aurélio. Até parecia que a coisa não distinguia também o jornal, através de um seu colaborador. (BATISTA, J. G. [Carta] 17 de ago. de 1973, João Pessoa [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f, p. 1.)

Juarez, ao manifestar sua insatisfação, revelava o tratamento que esperava, como também os jogos de interesses entre os sujeitos. Na teatralização dos eventos do campo literário, não bastava receber um prêmio. A publicização da vitória nos espaços próprios de divulgação dos eventos literários era parte do processo de laudatório. Por já possuir projeção e reconhecimento, Juarez esperava esse tratamento.

João Gonçalves de Menezes, em carta timbrada da União Brasileira de Escritores, sessão Rio de Janeiro, confessava para Virgínius sua percepção sobre o livro de Ariano Suassuna – provavelmente *O Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta* (1971):

Li o livro do Ariano e, confesso, não gostei. Talvez seja remar contra a maré, mas sou sincero. Sobre isso, conversaremos depois.

Agora, deixe-me falar do que, principalmente, me levou a fazer esta carta: o prêmio que você ganhou em São Paulo. Meu abraço. E que novos prêmios surjam, fazendo jus a seus méritos.

Como vai o Zé Urquiza? Você entregou o livro a ele?

[...]

Quanto tiver um tempinho, procure saber o destino que Afonso Pereira deu a meus livros. Mandeí alguns para ele colocar nas livrarias aí e outros, autografados, para algumas pessoas, inclusive José Américo e Juarez Batista. (MENEZES, J. G. [Carta] 13 de mar. de 1972, Recife [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f, p. 1.)

Remar contra a maré dizia respeito em ir contra a crítica especializada que estaria recepcionando a obra de forma positiva. Não tornar pública a sua opinião também evitaria o possível desgaste e resguardaria o seu nome entre os pares que teriam posição diferente da sua. Mas, ao confidenciar sua leitura a Virgínius, esperava que este compartilhasse de sua opinião bem como criaria uma cumplicidade.

Percebe-se que as opiniões que possuem um tom polemista aparecem em cartas que trazem aspectos de um convívio mais próximo entre os pares, principalmente num contexto local ou mais próximo fisicamente de Virgínius. Estas aparecem na discordância sobre algum artigo ou opinião emitida por outro crítico ou acerca de alguma obra. Já as problemáticas mais pessoais surgiam na correspondência burocrática e que abordavam questões pessoais, de ordem amorosa ou de amizade e que não diziam respeito à sua *persona* pública.

As cartas, em sua maioria com tons elogiosos, devem ser tomadas como teatralização do campo. Não se encontram cartas que ponham em cheque o seu trabalho e isso é indicativo de algumas possibilidades de leituras. Uma delas é de que Virgínius guardava as cartas que eram do seu agrado, que o representavam como escritor consagrado e referência para o campo de produção cultural e que cultivou poucos opositores. Por outro lado, estas cartas expressam sentimentos, e até mesmo os mais sinceros, devem ser tomados compreendendo as regras do campo. Ao passo que Virgínius ia ocupando um lugar de destaque, seus remetentes buscavam se vincular a ele⁶⁷. Em ambos os casos, a escrita epistolar revela termos, comportamentos, representações e categorias próprias do campo de produção cultural, que descortinam o processo de consagração do sujeito intelectual, no qual a rede composta pelos missivistas teve papel central.

⁶⁷ Pode-se tomar a discussão realizada por Angela de Castro Gomes a respeito da escrita epistolar como parte da *escrita de si*, para compreender essas duas perspectivas que se cruzam, as intenções dos remetentes e as práticas e escolhas do destinatário: “A escrita epistolar é, portanto, uma prática eminentemente relacional e, no caso das cartas pessoais, um espaço de sociabilidade privilegiado para o estreitamento (ou o rompimento) de vínculos entre indivíduos e grupos. Isso ocorre em sentido duplo, tanto porque cabe a quem lê, e não a quem escreve (o autor/editor), a decisão de preservar o registro. A ideia de pacto epistolar segue essa lógica, pois envolve receber, ler, responder e guardar cartas”. In: GOMES, Angela de Castro. *Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo*. In: _____. (Org). *Escrita de Si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 19.

4.3 ENTRELAÇAMENTOS ENTRE CAMPO LITERÁRIO E CAMPO POLÍTICO

Virgínius da Gama e Melo foi um homem de letras que sempre caminhou ao lado do poder. Filho da oligarquia paraibana, envolveu-se com a política partidária, soube fazer uso do nome da família para adentrar as redes de sociabilidade intelectual e atrelar seus projetos ao Estado. A sua trajetória intelectual é representativa da dinâmica do campo de produção cultural e sua relação com o campo político. No exemplo de Virgínius, percebia-se o cruzamento das preocupações intelectuais com a sua atuação política, seja pela produção e divulgação de ideias, ou na sua relação com o Estado.

Como aponta Gomes (2016, p. 12), os sujeitos intelectuais, resguardando as experiências específicas, possuem um processo de formação e aprendizagem no qual há a conexão com outros atores sociais e organizações, sejam elas intelectuais ou não, em que se entrelaçam as intenções e projetos culturais e políticos. Nesse processo, esses dois componentes se influenciam mutuamente, mas, a partir dos termos bourdieusianos, compreende-se a relativa autonomia de um campo em relação ao outro.

O campo de produção cultural é marcado pelos embates políticos, muitas vezes se colocando como resistência aos contextos e governos. Nesse sentido, percebe-se a atuação de personagens e grupos em momentos históricos específicos. A trajetória de Virgínius perpassa diversos momentos da história política brasileira, e em todas elas houve a sua imersão nos debates e processos políticos que vivenciou. Sua formação passou pela redemocratização, pelo anti-comunismo e pelas ideias do regime militar.

4.3.1 Sujeitos políticos

Durante a década de 1940, enquanto estudava em Recife, participou das manifestações contra o governo de Getúlio Vargas e pela redemocratização. Segundo Paulo Melo, o então estudante de Ciências Jurídicas foi um ativista e “quando Demócrito foi sacrificado no trágico episódio da Praça dos Diários⁶⁸, Virgínius estava lá” (O COMPROMISSO E..., 1 de out. de 1978. 2 cad., p. 9). Suas posições anti-Vargas e movimento de 1930 também podem ser explicados pelo fato da sua família ter saído derrotada localmente desse processo. Essa

⁶⁸ O evento citado por Paulo Melo, dizia respeito à manifestação liderada por estudantes da Faculdade de Direito, em 3 de março de 1945, em defesa da redemocratização e em homenagem ao Diário de Pernambuco, que enfrentou a censura durante o Estado Novo. Na ocasião do discurso de Gilberto Freyre, a polícia abriu fogo contra os presentes e uma das balas atingiu o estudante Demócrito de Souza Filho, que veio a falecer. Após o episódio, o estudante foi tomado como símbolo das manifestações contra o Estado Novo em Recife.

postura também alimentou o tom empreendido nos artigos sobre o escritor José Américo de Almeida.

Apesar de se afastar da atuação político-partidária após a derrota no pleito de 1950, a sua relação com a política não cessou e ganhou novos contornos a partir da produção de ideias, atuando como colunista político no *Diário da Noite* e cobrindo as atividades da Assembleia Legislativa de Pernambuco.

O seu ativismo da década de 1940 e o seu envolvimento com o debate político contribuíram para uma representação em torno da sua persona pública. Nas notas biográficas sobre Virgínius, lê-se sobre sua preocupação com causas sociais e sua militância e engajamento político, sem, contudo, adentrarem na experiência de fato. Há a reprodução da própria autoimagem construída pelo escritor, envolta na identidade marginal, de quem não se valeu dos laços familiares para ocupar cargos. Bem como do sujeito que não alimentou oposições. Virgínius, ao contrário do que reza esta versão das coisas, fez oposição ao defender os interesses familiares na política partidária, ou ao defender os seus interesses ou do campo cultural.

Virgínius atuou na oposição, mas foi no diálogo com o *establishment* que ele construiu sua trajetória transitando entre os campos, principalmente na década de 1960, primeiro, como entusiasta do governo Pedro Gondim, com quem, inclusive, mantinha laços distantes de parentesco – Pedro Gondim era genro de Vital do Rêgo, deputado e tio de Virgínius – e, aliado ao contexto local, como partidário e defensor do governo militar.

Virgínius foi um crítico do governo de João Goulart, inclusive empreendendo sua oposição por meio das ideias intelectuais. Em entrevista na sessão “Enquete”, do jornal *A União*, em 1963, já defendia a renúncia de João Goulart, opinava sobre a reforma agrária e a esquerda política. A entrevista, intitulada “Crise social não existe: o que existe é crescimento: Virgínius”, tratava de apresentar o escritor e suas filiações:

Hoje, a opinião é de Virgínius da Gama e Melo. Crítico Literário da Batista Leite (no Rogers), mas, de repercussão nacional. Trabalhador de uma assiduidade impressionante [...]. Ideologicamente é boêmio e anti-comunista, embora seja amigo número um dos vermelhos. Se fosse “secreta”, teria um bom calastro. Hoje, Virgínius não tolera política: na juventude foi “mitingueiro” da primeira hora, em Campina Grande, onde fez agitação argemirista, de lenço amarelo no pescoço; época de desemprego... O da cerveja era escasso, como tribuno ele supria essa deficiência. Sua análise sobre problemas nacionais pesa no conceito da opinião pública, sobretudo pela condição apolítica com que os enxerga [sic]. (CRISE SOCIAL NÃO..., 15 de out. de 1963, p. 3)

Virgínius é apresentado de forma ambígua. Na apresentação o crítico era visto como apartidário. Porém, na entrevista as posições políticas do escritor ficam evidentes. Nessa representação havia alguns elementos que se fizeram presentes em sua trajetória e que expõe a complexidade em torno das redes de sociabilidade em que transitavam diferentes correntes ideológicas. Virgínius se declarava anti-comunista, apoiou a deposição de Jango, colocou-se como um dos porta-vozes do regime na Paraíba, mas as redes de sociabilidade intelectual impunham uma convivência diversificada, seja nas esferas profissionais ou em meio à boemia. Virgínius manteve relações com personagens da esquerda, partidária e de movimentos sociais, bem como com a classe artística que fez oposição ao regime. O convívio nas redações dos jornais, onde havia jornalistas opositores ao regime, demonstrava a relativa harmonia que havia no convívio diário. Entre as personagens, Josué de Castro nutriu simpatia pelas ideias de Virgínius acerca do problema da seca no Nordeste (CASTRO, J. de. Carta. 3 de out. de 1956. Rio de Janeiro), que iam de encontro às oligarquias locais por abordar a exploração da “indústria da seca”.

A entrevista para o jornal *A União* era representativa dessa experiência e sugere outras perspectivas para se compreender as redes de sociabilidades intelectuais e artísticas no contexto da ditadura civil-militar. As questões feitas diziam respeito direto ao contexto político brasileiro, colocava-se a favor da Reforma Agrária e da organização dos trabalhadores em defesa dos seus direitos, mas empreendeu forte oposição a Jango:

P. – Como encara o comportamento do sr. João Goulart, como presidente da República, diante dos últimos acontecimentos?

R. – Jango gosta de fazer balanços, balanços de forças e pessoas. Tem a intuição da dinâmica do fato político, social – os seus abismos têm inúmeras pontas portáteis que ele estende e recua quando necessário. Talvez que o historiador do futuro venha considera-lo um excelente Pacificador, ideia que surpreender muita gente.

P. – As atitudes do sr. Carlos Lacerda têm sido patrióticas ou subversivas?

R. – Carlos Lacerda desempenha um papel necessário no país. O sensacionalismo de sua conduta está também de acordo com o que ele representa. A utilidade de sua presença em nossa vida política é a de divisor de águas – contra e a favor. Daí que sua atuação seja de extraordinário valor didático para o povo brasileiro. (CRISE SOCIAL..., 15 de out. de 1963, p. 3)

Virgínius ainda defendia que o presidente João Goulart renunciasse, pois representava uma ameaça comunista. Nesse contexto, mesmo após o golpe de 1964, o escritor nutria grande simpatia pelo governador do estado da Guanabara, Calos Lacerda. Por meio de sua rede, Virgínius angariou proximidade com Lacerda. Em troca de cartas com Ascendino Leite, que chegou a ser secretário no governo carioca, percebe-se essa tentativa. Já no início de

1964, o escritor tentou aproximação com Lacerda visando o seu apoio para a ida de escritores nordestinos para o Congresso em Campina Grande. Nesse contexto, Carlos Lacerda angariava projeção nacional a partir de sua oposição ao presidente João Goulart. Essa aproximação também visava filiar a sua imagem a um dos principais representantes da oposição ao governo federal.

Em uma troca de cartas realizada no mês de outubro daquele ano, ou seja, já após a deposição de João Goulart, percebe-se que o escritor estabeleceu contato com Lacerda, recepcionando-o em João Pessoa para uma série de atividades políticas. Diante dessa relação estabelecida, Virgínius viu a oportunidade de angariar o apoio do governo carioca para a realização do IV Congresso de Crítica e História Literária:

Estive com Carlos Lacerda aqui. E, ao que parece, interessei-o na realização do Quarto Congresso de Crítica, que há dois anos era para ter sido feito em Brasília, aí no Rio, no Quarto Centenário. Pediu um cálculo e ficou de entender-se com Simeão Leal e João Condé. Mas já soube que o Simeão anda receoso em virtude da divisão entre esquerda e direita. Mas o Congresso, como todos os outros, é impedido de manifestação política. Gostaria de seu interesse nisso e também de sua orientação segura, pois estou longe dos acontecimentos. Lacerda, praticamente, garantiu a realização do Congresso, Não acho que se deva perder, [...] pois é difícil outra oportunidade como esta. (MELO, V. G. Carta. 3 de out. de 1964. João Pessoa)

Nesse momento, as clivagens ideológicas eram uma preocupação central no campo de produção cultural, pois ameaçava a autonomia do mesmo, a integridade dos seus agentes e a realização dos projetos que dependiam do apoio estatal. Porém, os embates políticos também ecoaram, em grande medida, dentro do próprio campo de produção cultural e, em meio ao processo de estabelecimento do novo regime, ressaltou as animosidades entre os intelectuais. Em sua resposta, Ascendino demonstrou empenho em ajudar o amigo Virgínius, mas alertou sobre as dificuldades encontradas:

Estimei saber que v. se encontrou aí com o Lacerda e da boa acolhida que este dispensou à sua ideia sobre o Congresso de Crítica. Há meses não me avisto com o nosso governador, em parte devido à minha idiossincrasia a frequentar gabinetes palacianos sem que tenha um motivo forte para fazê-lo. No caso ora suscitado por sua carta é evidente que me interessarei em dar uma palavra ao governador, logo que possa. No momento ele está fora do Rio (em S. Paulo e Paraná); de outro lado, por cauda das próprias contingências pós-revolucionárias, o acesso ao seu gabinete, isto é, à sua presença, para conversa pessoal, tem sido difícil. Você, como eu, decerto compreende isso. Antes de 246procure-lo, como estou decidido, a propósito do Congresso, ouvi aqui o Adonias, o Afrânio, o Peregrino, etc., na forma da

sua sugestão. No momento, a situação intelectual é bastante crítica, não só aqui como em todo o país. Segundo creio; talvez aqui, menos que em qualquer outra parte do país, eis que o Lacerda desconcertou inteiramente seus adversários da área literária por sua conduta serena, equilibrada e firme, não permitindo perseguições e muito menos prisões de escritores e jornalistas. Há, todavia, muito desalento em setores substanciais do meio intelectual, em grande parte ressentidos, especialmente os da esquerda, que antes eram os mais agitados e davam impressão de ter o domínio das iniciativas culturais, mesmo daquelas menos desvinculadas de coloração política ou ideológica. Não acredito que esse estado de espírito se modifique rapidamente. Mas posso dizer-lhe que a forte animosidade em que os chamados setores de esquerda tinham o governador já diminuiu consideravelmente.

Há outro aspecto que me impede de atuar mais ostensivamente em favor do que você me pede em sua carta. É que a coordenação dos assuntos culturais de interesse do governo do Estado foi entregue a João Condé e Simeão Leal. Com o primeiro, mantenho relações amistosas; com o segundo, porém, tenho uma incompatibilidade total, odienta da parte dele, sem que jamais tenha sabido porquê. Este último é, principalmente, a figura principal, segundo me disseram, do órgão (ou órgãos) incumbidos de cuidar desses assuntos. Resumindo a minha impressão sobre as possibilidades da realização do Congresso, tenho que lhe ser franco: no momento não vejo condições para se cuidar disso com êxito, mesmo que o governo do Estado se disponha a prestigiá-lo, como me parece deva fazê-lo, até mesmo para estancar os pessimismos reinantes. Gostaria imensamente que você viesse ao Rio para uma verificação pessoal do ambiente e melhor julgar da situação. (LEITE. A. Carta. 12 de out. de 1964. Rio de Janeiro)

O seu relato revelava uma leitura sobre o contexto. Ascendino Leite percebia um desarranjo no campo de produção cultural. As “contingências pós-revolucionárias” acentuou as clivagens ideológicas e as interferências no campo literário com as perseguições aos opositores do novo regime eram perceptíveis, forçando novos comportamentos e reconfigurações nas redes de sociabilidades letradas. Porém, Ascendino Leite via na postura de Carlos Lacerda um exemplo a ser seguido e acreditava que em pouco tempo o campo reencontraria a estabilidade. Apesar desses alertas, Virgínius focava na possibilidade de realização do Congresso com o apoio de Carlos Lacerda:

Sobre o Congresso de Crítica, fiquei atento à sua opinião, que é claro é exata. De Simeão, como já esperava, não recebi sequer [sic] resposta, nem sei se ele se entendeu com o Lacerda. É bem possível que não.

Gostaria que você ponderasse ao Afranio, ao Peregrino, a situação grave em que se encontra o Congresso, pois não me parece surja outra oportunidade melhor que a do Quarto Centenário. Quanto à situação política, poderíamos ponderar que o Congresso só seria realizado no mês de Julho do próximo ano e até aí muita coisa poderia ser eliminado.

Mesmo que se não adiantasse tudo agora, só o fato de se comentar o assunto, talvez seja essencial, porque isso talvez levasse à constituição de um grupo interessado aí no Rio de Janeiro, grupo esse que pode ser tomar a iniciativa junto ao governador. (MELO, V. G. Carta. 31 de out. de 1964. João Pessoa)

A discussão em torno da realização do Congresso revelou um contexto complexo dentro do próprio campo, tornando-se um dos motivos principais para as dificuldades enfrentadas. Em carta de abril de 1965, Ascendino chegou à conclusão, depois de intensos esforços, de que a realização seria impossível e elencou os motivos:

Quanto ao andamento do assunto, era do meu desejo dar-lhe alguma informação agradável se isso fosse possível. Mas não é; e eu devo ser franco com você: da conversa com o [ilegível] Condé e dos elementos de observação que me são próprios, posso assegurar-lhe que dificilmente o seu Congresso poderá ser realizado este ano no Rio e, salvo erro de apreciação, em qualquer outra parte do país. No Rio não o será [...]; no resto do país, porque perduram aquelas condições negativas, de ordem política de que lhe falei diversas vezes, inclusive na minha carta de janeiro. Tais contingências são as mesmas que continuam a prevalecer para a não realização este ano do Festival do Escritor. Como eu gostaria que você viesse ao Rio para ver como a vida literária foi aqui desconjuntada por força de omissos processos de pressão usados imbecilmente por certos dedos duros da Revolução. (LEITE, A. Carta. 12 de abril de 1965. Rio de Janeiro)

Poucos meses depois do golpe, Ascendino acreditava na possibilidade de um rearranjo dentro do campo, sanando a crise e os embates surgidos após da deposição de João Goulart. Porém, o que se assistiu foi a persistência de “tais contingências” interferindo, ou ditando novos comportamentos no campo de produção cultural.

O novo contexto demonstrou que a experiência concreta dessas trajetórias intelectuais possuem várias nuances, principalmente na relação com o campo político. As escolhas tomadas por esses sujeitos políticos foram diversas. Porém, alguns eventos são representativos do fato que a defesa da “autonomia literária” esteve em primeiro plano, mesmo que essas fossem de encontro às suas filiações políticas.

Nas cartas de Ascendino percebia-se a sua resistência em se envolver com as tramas políticas. Essa postura ganhou força após sua experiência junto ao governo do estado da Guanabara, também na gestão Carlos Lacerda (1960-1965). Porém, nunca se furtou do debate e do envolvimento, principalmente quando era levado a intermediar os projetos de seus pares ou na defesa do campo literário, assumindo, em certos momentos, uma postura combativa. Uma carta enviada pelo editor Ênio da Silveira, da Editora Civilização Brasileira, é

representativa das posturas adotadas por Ascendino Leite e da relação entre o campo literário e o campo político:

Ascendino Leite:

em duas instâncias recentes você deu mostras de ser um homem de grande dignidade, que se coloca acima de paixões e não inibe com velhos (e injustificados) rancores aquilo que julga ser a sua obrigação intelectual.

[...]

A segunda foi quando você remeteu um telegrama ao General Geisel, protestando contra a violência cultural que a simples instauração de um Inquérito Policial Militar contra esta editora consubstancia.

Você, que tem motivos claros para ser meu inimigo – e que talvez o seja mesmo –, agiu com uma dignidade e uma coragem que eu não encontrei da parte de muitos daqueles que ontem se diziam meus correligionários e amigos. Fico-lhe grato por isso e, ao mesmo tempo, começo a suspeitar que agi emocionalmente – julgando e condenando, sem lhe ter dado oportunidade de explicação, alguns atos que você praticou em 1961, quando a serviço direto dos lastimáveis desígnios de seu amigo Carlos Lacerda. (SILVEIRA, E. Carta. 22 de jun. de 1964. Rio de Janeiro)

Ascendino Leite saiu em defesa de uma personagem que fazia oposição ao novo regime e com a qual compartilhava algum ressentimento. Ao transitarem entre os campos, e movidos por interesses imediatos que dizia respeito à própria estabilidade do seu meio, esses atores tomaram posições ao longo de suas trajetórias em defesa da autonomia do campo de produção cultural. Ou com setores específicos, como o mercado editorial, no qual havia uma dependência mútua entre os sujeitos envolvidos, ou seja, editor e escritor.

Virgínius também se viu diante de situações parecidas no contexto local. Seus embates com os grupos artísticos locais, como o *Grupo Sanhauá*, que se colocou como opositor ao governo militar, não se centraram no campo da política, apesar dos alinhamentos ideológicos opostos. Sérgio de Castro Pinto, em tom de depoimento durante uma homenagem ao escritor, narrou um episódio em que Virgínius os ajudou diante de uma possível prisão após uma manifestação contra o regime:

Todos nós aqui sabemos bem que Virgínius fazia parte das *ebenézeres* oficiais, dos eventos oficiais, falava na semana da pátria, falava no dia do soldado, mas em contrapartida ele salvou muita gente, inclusive a mim. Jovem ainda, eu, Aranha, Sávio, Ariosvaldo Gontijo e o [Anco] Márcio, numa das semanas de teatro, resolvemos destruir uma exposição de artesanato de um americano no Teatro Santa Rosa nessa madrugada e fomos. Eu fiquei no meu fusquinha e entraram Anco, Carlos Aranha Sávio, Ariosvaldo e destruíram. [...] Mas acontece que um dos funcionários do teatro flagrou Anco Márcio e consequentemente disse ao Altimar Pimentel, que era o diretor do teatro e Altimar, claro, ia denunciar a gente em plena ditadura militar. Quero fazer esse registro aqui de Virgínius interferido junto ao Altimar Pimentel e nós não fomos denunciados graças a Virgínius da Gama e Melo. (PINTO, 2017)

Esses fatos revelam a complexidade dessas relações permeadas pela política. O comportamento de Virgínius revelava o personalismo diante do evento. Fez uso do seu nome e sua posição, além da relação com o diretor do teatro, para agir em benefício do campo. Com isso, Virgínius acabava agenciado capital em torno de si.

Apesar de ser declaradamente anti-comunista e defensor do governo militar, transitava pelos espaços e grupos conforme suas demandas e atento às clivagens ideológicas, buscando se colocar acima delas, ou agindo de acordo com as circunstâncias e evitando, assim, os embates de ordem política com seus pares.

4.3.2 O Estado, os políticos e os poetas

Não foi diferente na relação com o campo político. Na década de 1960 empreendeu uma dinâmica que sempre o colocou na esteira do *establishment*. No contexto local, colocou-se como apoiador das gestões estaduais, apenas com algumas posturas opositoras pontuais, principalmente quando o assunto dizia respeito à cultura. Além disso, atuou diretamente no Estado ao tornar-se membro permanente do Conselho Estadual de Cultura e professor da Universidade da Paraíba.

Em ambos espaços institucionais, o peso das relações contaram para sua nomeação, permanência e projetos desenvolvidos. As ligações entre o poder político estadual, o Conselho e, principalmente a Universidade era acentuado. Entre outras circunstâncias que corroboram as relações imbrincadas, estava o fato de que se era designado para o exercício da função de professor em decorrência de alguma articulação política. Virgínius, assim como Juarez da Gama Batista, seu primo, foram nomeados diretamente pelo reitor, no final de 1961, em detrimento da lista enviada pela Faculdade de Filosofia, que continha seis nomes.

Tal nomeação não implicava, necessariamente, em subordinação ou encampação dos projetos atribuídos por um poder central. Nem, no contexto do regime militar, uma encampação de uma agenda autoritária ou na promoção do regime. Porém, sabe-se que ajudaria a quem assim procedesse. A relação de Virgínius com Mário Moacyr Porto antecedia a sua nomeação, e o episódio leva a crer que houve uma forte articulação para a escolha dos Gama. Posteriormente, a aproximação com a instituição plasmou-se no espaço dado em suas colunas para as ações do reitor, divulgando-as e defendendo-as.

Já após o golpe de Estado, Virgínius se empenhou em divulgar os ideais do novo regime e a promover a imagem do governo militar. Como colocou Sérgio de Castro Pinto, o

escritor passou a ter sua imagem atrelada aos espaços e eventos oficiais. No mês de agosto de 1964, o governo da Paraíba convidou intelectuais e políticos para mais uma atividade referente ao dia do soldado e na ocasião o destaque era dado ao conferencista:

O GOVÊRNO DO ESTADO, associando-se às solenidades comemorativas do DIA DO SOLDADO, convida V. Excia e família para assistirem a Conferencia do crítico conterrâneo Virgínius da Gama e Melo, no dia 25 do corrente, às 20 horas, no Teatro Santa Rosa, sobre o tema: CAXIAS, O POLÍTICO.

Precedendo à Conferência, o Exmo. Se. Gal. Artur Duarte Candal da Fonseca, Comandante da Guarnição Federal de João Pessoa, fará uma exposição alusiva à data. (GOVERNO DA PARAÍBA. Convite. 20 de ago. de 1964. João Pessoa)

Essa nova seara a que deu atenção com a “produção de ideias” motivou diferentes olhares. De um lado os escritores e jornalistas opositores ao novo regime e, de outro, os entusiastas do governo militar e do próprio escritor. Carlos Romero, em sua coluna “Recados da Província”, anunciou a conferência com entusiasmo, trazendo a sua leitura sobre essa nova temática trabalhada por Virgínius:

Virgínius estará, hoje à noite, no “Santa Rosa”, falando sobre Caxias, o Patrono do Exército.

Teremos, assim, o mais paisano dos paisanos dissertando sobre o mais militar dos militares.

Esteja certo que essa conferência do Virgínius da Gama e Melo se revestirá do mesmo brilhantismo, da mesma beleza literária, do mesmo encanto artístico das anteriores.

Embora Caxias não seja um poeta, um romancista, um filósofo, um escritor, isto não constituiu motivo para que o crítico recusasse o convite que lhe fizemos outro dia, em cima da bucha.

Virgínius, sem pestanejar, como se já tivesse a conferência na ponta da língua aceitou, naquele seu aparente e aristocrático alheamento a incumbência que o Governador do Estado lhe confiava.

O crítico paraibano vai focalizar um aspecto pouco conhecido da personalidade do Duque de Caxias, isto é, o Caxias político.

Quase todo mundo já ouviu falar sobre o Patrono do Exército; a sua fama como soldado disciplinado, cumpridor apaixonado do dever cômico de sua missão de defensor da Pátria, tornou-se popular.

Até mesmo o nome Caxias é hoje sinônimo de exatidão no cumprimento do dever, honestidade no desempenho da função pública.

O visionário Caxias é o funcionário que não admite marmelada, que leva a sério o trabalho, que se impõe pela dedicação ao serviço.

Mas, e o Caxias político, o Caxias sem farda, o Caxias civil? Como era o seu comportamento?

Virgínius irá nos dar uma bela resposta hoje à noite.
 E, aqui para nós, – o político Caxias terá no paraibano apolítico um dos seus
 mais sinceros, mais cultos e mais honestos intérpretes.
 Vamos ouvir Virgínius. (VIRGÍNIUS E CAIXIAS..., 25 de ago. de 1964, p.
 6)

Ao insistir na representação do sujeito apolítico, Carlos Romero defendia um perfil apaziguador de Virgínius, uma imagem necessária para o governo a partir de um sujeito central no campo de produção cultural, com o qual o governo estadual procurava manter relações. Apesar do seu entusiasmo com o governo militar, foi com o governo estadual que se percebia a relação umbilical que Virgínius manteve com o campo político, principalmente dentro do Estado. Como representante do Conselho Estadual de Cultura e do Plano de Extensão Cultural, era importante passar essa imagem num contexto em que o governo estadual buscava o alinhamento com o novo regime, principalmente visando a sua “sobrevivência política”⁶⁹. Nesse sentido, o governo Pedro Gondim⁷⁰ (1958-1960 e 1961-1966) manteve estreito diálogo com o campo cultural, apoiando ações na área. Em contrapartida, valeu-se dessa relação para a promoção de sua imagem, revelando que havia a troca de interesses entre ambos os campos e a necessidade de manter essa relação. Após 1964, essa relação foi necessária, visto que, Gondim precisava se apoiar em outra plataforma, já que não encontrava mais espaço para o “populismo” de outrora.

A relação entre Estado e cultura se evidenciou principalmente com a imprensa, visto que o principal órgão, o jornal *A União*, era estatal, e a ele ainda estava atrelado os suplementos literários e a principal editora do estado. Relação que se tornou ainda mais próxima no final da década de 1950 e início da década de 1960, como se evidenciou com a criação d’*A União nas Letras e nas Artes* em 1959 e o retorno do *Correio das Artes* em 1964, que assumiu um caráter diferente das fases anteriores, abrindo espaço para o debate político, por meio de números especiais às personalidades da política, como Eptácio Pessoa e João Pessoa, ou personagens que transitavam entre os campos, como José Américo de Almeida.

⁶⁹ O apoio de Pedro Gondim ao novo regime revelava uma escolha pessoal que visava a sua sobrevivência na política, visto que, nos anos que antecederam a movimentação que levou ao golpe, houve um intenso diálogo entre suas gestões no governo do estado e os movimentos sociais, em especial as Ligas Camponesas. Sua postura mudou ao passo que se iniciaram as movimentações para depor Jango, além disso, o não apoio imediato aos “revolucionários” significaria a sua cassação e possível prisão. O que se seguiu foi um apoio explícito aos militares, bem como a promoção do novo regime por meio de eventos e da imprensa. Sobre esse contexto ver: CITTADINO, Monique. *Populismo e golpe de Estado na Paraíba* (1945-1964). João Pessoa: Ed. Univ./Idéia, 1998.

⁷⁰ Pedro Moreno Gondim foi eleito vice-governador nas eleições de 1956. Em 1958 o então governador Flávio Ribeiro Coutinho se afastou do cargo por motivos de saúde, fazendo com que Pedro Gondim assumisse o governo. Em 1960 se afastou do cargo para concorrer ao governo, vencendo o pleito e governando de 1961 a 1966.

Também houve a abertura para as publicações da gestão e a promoção da figura do governador. Além disso, Virgínius e outros intelectuais passaram a atuar no Conselho Estadual de Cultura e no Plano de Extensão Cultural do Governo Pedro Gondim, principal organismo de incentivo cultural na década de 1960 na Paraíba, pelo qual os principais projetos artísticos e culturais eram pleiteados.

Entre esses projetos estava a volta do *Correio das Artes*. A sua reedição foi creditada ao apoio do governo, com intermédio e atuação de um homem de letras, o escritor Carlos Romero, então subchefe da Casa Civil. Seu intermédio e o papel do governador foram ressaltados no editorial e no artigo de Virgínius, em sua coluna *Literatura e Vida*, publicada, na ocasião, no próprio suplemento:

Falara-me Carlos Romero do seu especial interesse em fazer a publicação da página do jornal A UNIÃO. Esta e outras iniciativas culturais tomadas pelo subchefe da Casa Civil com o apoio de Pedro Gondim, comprovam apenas o que a Paraíba esperava de sua nomeação – teríamos um verdadeiro cônsul das letras. E um cônsul sem nada de romano, paciente e discreto, hábil e justo, pleno de senso de humor, assim como Anatole France que dispusesse de “fair-play”. Ninguém estava enganado e a prova está aí, inclusive pela publicação da página literária de “A UNIÃO”, velho sonho do jornalista Antônio Brayner que está fazendo o jornal mais noticioso e compacto da Paraíba.

“Correio das Artes”, antigo suplemento de “A UNIÃO” marcou época. E não somente por aqui, pelo Nordeste. Em vilegiatura pelo sul, o jornalista Wills Leal, de volta, prestou depoimento – na Biblioteca de Florianópolis forra-lhe mostrada uma coisa que talvez pouca gente tenha na Paraíba – uma coleção completa do “Correio das Artes”, que teve como diretores, entre outros, a Edson Régis e Eduardo Martins. Deste último, do poeta Eduardo Martins, retornando às lides públicas das letras, é que teremos a direção do novo suplemento de “A UNIÃO”. Carlos Romero, numa só cajada mata dois coelhos, ou melhor, revive para a literatura dois elementos de primeira ordem – O suplemento e o poeta Martins. Nessa linha, naturalmente, os primeiros colaboradores seriam do maior gabarito e já anuncia Humberto Nóbrega, Flóscolo da Nóbrega, entre outros. E uma edição sobre Augusto dos Anjos para a “reentrée”, em grande forma, do velho órgão.

Eduardo Martins tem tradição como dos mais atuantes intelectuais paraibanos. Fez uma das melhores pesquisas sobre poetas paraibanos, uma antologia que deveria ter sido publicada. (LITERATURA E..., 22 de nov. de 1964, p. 8, transcrito de A União 8-11-1964)

A nomeação de um homem das letras para a Casa Civil era recebida com entusiasmo pelos atores do campo de produção cultural, que esperavam, assim, que o mesmo olhasse com atenção para a cultura. E os sujeitos do campo empreenderam a busca das benesses que essa nomeação poderia propiciar. O próprio Virgínius angariou o apoio do Governo para a realização do III Congresso de Crítica e História Literária. Segundo Waldemar Duarte, “não

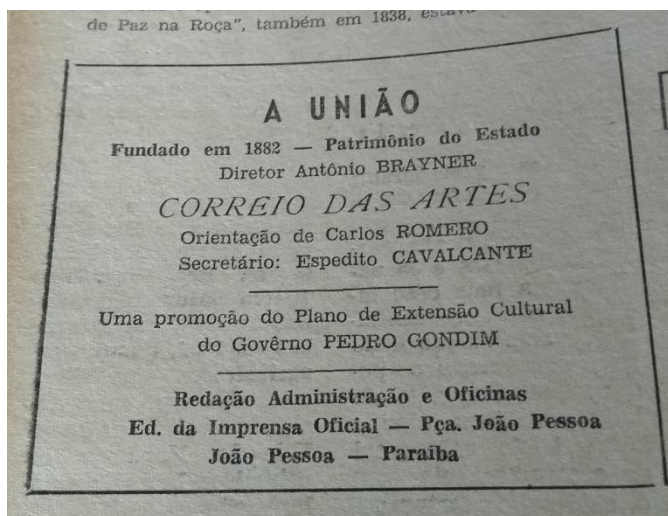
fora a encampação do Congresso pelo Governo do Estado, Plano de Extensão Cultural do Governo Pedro Gondim, a Universidade Federal da Paraíba não teria se decidido pela sua realização” (OS AZARES DE VIRGÍNIUS..., 31 de dez. de 1995, p. 4).

Em matéria no *Correio das Artes* sobre o filme *Menino de Engenho*, era noticiado que o projeto estava “contando ainda com a colaboração do Governo Pedro Gondim”, esse apoio também se manifestou pela articulação de outras personagens. Era enfatizado o fato do cineasta “Walter Lima Jr. ter recebido o máximo apoio, quer seja do Governo do Estado, com quem manteve entendimento com o sr. Pedro Gondim, o jornalista Carlos Romero, Sub Chefe da Casa Civil e o sr. João Duarte, chefe de relações públicas do Palácio”. (A HORA E A VEZ..., 27 de dez. de 1964, p. 15-16). No caso específico dessa produção, também era possível perceber a atuação dos seus pares no intermédio para angariar o apoio estatal. Virgínius participou diretamente dessa produção, como consultor e intermediário junto ao governo. Em cartas recebidas de Walter Lima Jr., percebia-se as solicitações do diretor para que Virgínius fosse a figura direta para conseguir os apoios. Inclusive, Virgínius manteve relação com outros órgãos estatais de fomento, possivelmente pelo nome que representava.

Diante das ações governamentais, tais investimentos eram associados a Pedro Gondim e, atrelado à própria imagem construída pelo governador, fazia com que os artistas o tratassem como um mecenas da cultura paraibana. Raul Córdula, narrava a relação dos artistas com o governador. Ao relembrar uma exposição na Faculdade de Direito, afirmou que “a mostra foi aberta pelo Governador Pedro Gondim, como era de praxe naquele tempo” (2009, p. 92). Córdula também prestou homenagem ao governante e o tomava como um grande incentivador das artes plásticas da Paraíba: “Presenteei o desenho premiado, intitulado ‘Palácio dos Anjos’, ao Dr. Pedro Gondim, como reconhecimento pelo que ele fazia por todos nós, artistas modernos” (Idem, p. 104).

Essa representação era devedora das próprias ações empreendidas pelo governador e sua gestão na promoção da sua imagem. As ações do governo eram diretamente associadas à sua figura. As menções ao Plano de Extensão Cultural sempre traziam o órgão sendo fruto do Governo Pedro Gondim – apesar de ser articulado como uma política de Estado, que perpassaria as gestões seguintes – como aparece no expediente dos suplementos literários:

Figura 15 – Expediente do Correio das Artes, ano 1965, onde lê-se “Uma promoção do Plano de Extensão Cultural do Governo PEDRO GONDIM”.



Fonte: Hemeroteca da Fundação Casa de José Américo.

A promoção de sua imagem passava por todo o suplemento. Da capa aos artigos, bem como a publicação de seus poemas e ações do governo. Nesse sentido, os próprios escritores empreenderam a publicação de artigos louvando as ações “do governador Pedro Gondim”, que passaram a ocupar as páginas do suplemento. Na edição de número 78, foi publicada uma carta do escritor paraibano Eudes Barros:

O governador e as letras

De uma carta do escritor e poeta Eudes Barros, recentemente endereçada ao Governador Pedro Gondim, extraímos o seguinte trecho:

Uma das características mais nobilitantes da ação governamental de V. Excia., tem sido o estímulo que vem proporcionando aos estudos universitários e, particularmente, às atividades literárias da nossa terra. Iniciativas como a realização, nesse Estado, do 3º Congresso Brasileiro de Crítica Literária e as publicações promovidas pelo Plano Cultural do seu Governo atestam que ao seu esclarecido espírito público e a outros atos meritórios da sua administração alia V. Excia. superior interesse pelas letras paraibanas, além do zelo pelas nossas tradições intelectuais e cívicas e o culto aos nomes que ilustram o nosso passado. (O GOVERNADOR E..., 17 de jan. de 1965, p. 3)

A mudança na linha editorial do *Correio das Artes* foi evidente. As ações do governo, ou do governador, como o suplemento frisava, eram louvadas tanto quanto a própria produção dos escritores e artistas. Nesse sentido, os suplementos literários acabaram por se configurarem como mais um instrumento de propaganda oficial do governo⁷¹.

⁷¹ Segundo ARAÚJO, a construção da imagem de Pedro Gondim como líder, em especial por meio da imprensa oficial do estado, aproximava-se das práticas populistas, ver: ARAÚJO, Railane Martins de. O governo de Pedro

O número 79 do *Correio das Artes* prestou uma homenagem ao final do quarto ano do governo de Gondim, trazendo a foto do governador e um texto creditando-o as principais ações culturais no estado:

Figura 16 – Fotografia da capa do Correio das Artes nº. 79, de 31 de jan. de 1965.



Fonte: Acervo da Academia Paraibana de Letras.

Texto de capa:

Quarto Aniversário do Governo PEDRO GONDIM

Estampamos na primeira página da edição de hoje do nosso suplemento o retrato do Governador Pedro Gondim.

Assim o fazemos não com o intuito bajulatório ou político, mas movido tão somente por um irresistível sentimento de gratidão a quem, desde o alvorecer de seu governo, procurou emprestar a maior ênfase ao movimento cultural do nosso Estado.

O Plano de Extensão Cultural do atual governante da Paraíba, cuja profícua administração completa, nesta data, quatro anos, vale por um atestado de devotamento e interesse às letras e às artes da nossa terra.

Como parte desse Plano, saliente-se o arrojado empreendimento cultural que foi a realização do 3º Congresso de Crítica Literária, na Paraíba, de tanta ressonância no País, e que contou com o mais decidido e franco apoio de Sua Excelência.

Publicação de plaquetes, edição de livros dinamização do setor teatral, incentivo ao intercâmbio artístico, cinema educativo, “cantinho da cultura”, convênios culturais com a Universidade, bolsas de estudos, e agora o

lançamento deste suplemento, tudo isso vem comprovar eloquentemente o acervo de iniciativas e promoções do Plano de Extensão a que nos referimos. A ação governamental do sr. Pedro Gondim na área artístico-cultural não teme confrontação com as administrações anteriores, E para o seu julgamento, impõe-se esse cortejo.

Decididamente, Sua Excelência vem agindo como um autêntico Mecenaz, não obstante as limitações financeiras do pequeno Estado que governa.

Como se vê, a nossa homenagem é justa. (QUARTO ANIVERSÁRIO..., 31 de out. de 1965, p. 1)

A sua presença também se deu pela poesia. Utilizando o pseudônimo de Homero Morgon, o governador publicava seus poemas no *Correio das Artes*, como também intencionava lançar um livro, como noticiou José Condé: “Com o pseudônimo de Homero Morgon, o governador Pedro Gondim, da Paraíba, vai publicar, este ano, um volume de poemas intimistas” (ESCRITORES E LIVROS..., 2 de jan. de 1966, p. 2).

O suplemento tratava de divulgar a repercussão da empreitada do governador na poesia. Na sessão “Ideias e Livros”, do *Correio das Artes* de 18 de julho de 1965, João Clímaco Bezerra, tratou de transcrever um artigo publicado no periódico *Unitário*, de Fortaleza, intitulado “A poesia de um político”:

Não é a lembrança do verso de Adelmar Tavares convertido através do tempo um lugar comum, que nos sugere o caderno de poemas de Homero Morgon. A musa, de fato, não faz mal aos doutores. E por extensão, não deve também fazer mal aos políticos. O fato, porém, é que nos habituamos a considerar a militância política no Brasil, nos moldes em que ela se realiza, como uma atividade antipoética por excelência.

Daí a reserva espontânea e natural que de saída me provocaram os poemas de Homero Morgon, pseudônimo em que se esconde o sr. Pedro Gondim, Governador da Paraíba.

Com efeito, nos dias correntes chega à curiosidade um governador-poeta, em plena ascensão poemática, quando a política enleante gera transformações substanciais na vida brasileira. [...]

Esse tom de confiança e solidariedade se transforma em presença constante na poesia do político Pedro Gondim:

como é bom na hora derradeira

Quando o Homem da terra se livrou,

saber que um Povo está lutando,

mas se aproxima do mundo que sonhou

O Governador Pedro Gondim, aliás, vê a raça nova num dos últimos poemas do seu caderno:

a criança negra

trazia nos braços

e beijava na face

a boneca loura

.... ..

.... ..

todas iguais

todas mortais

e filhas de Deus.

É portanto, a terra do Nordeste e o homem do Nordeste – filho direto das três raças – no sofrimento da seca e na perspectiva de amanhã, o tema do caderno de versos do sr. Pedro Gondim, um governador, político militante, que não enxerga incompatibilidade – entre a Política e a Poesia.

O artigo buscava enxergar o sujeito político na poesia. Essa foi uma constante nas análises sobre as personalidades que transitavam entre a política e as letras. Os escritores paraibanos também trataram de divulgar a obra de “Homero Morgon” e, por empreender essa tarefa, Virgínius chegou a ser questionado sobre seus elogios à obra do poeta:

E elogiar desmedidamente as primeiras produções de Homero Morgon, essa figura humana tão simpática (será verdade que, sem saber quem era, você sentou na máquina e começou a desancar Homero Morgon. Advertido, porém, pelo pessoal da “A União”, de que se tratava de Pedro Gondim, você remendou tudo e comparou o vate aos grandes poetas russos?) (COSTA, V. Carta. 24 de abr. de 1966. S/Local).

Questionava-se, assim, a autonomia do crítico literário perante o governante com quem ele mantinha uma relação próxima e de dependência. Em meio a essas relações, era comum que os escritores que se envolveram em projetos atrelados ao Estado, trouxessem o discurso da “autonomia literária”. Outra forma encontrada para justificar a presença das figuras políticas no suplemento literário e afastar a ideia de aparelhamento por parte do Estado era abordando essas personagens pelo viés da literatura, ou no sentido inverso, a face política dos escritores consagrados. Nesse sentido, José Américo foi tomado como figura central para representar a relação umbilical entre política e o campo de produção cultural no contexto paraibano. Dentre as capas do *Correio das Artes* com personalidades políticas estava a de 28 de março de 1965, que trouxe uma fotografia de José Américo e o seu discurso de despedida do governo do estado, intitulado “Despedida”:

Figura 17 – Capa do Correio das Artes, nº. 82, 28 de mar. de 1965.



Fonte: Acervo da Academia Paraibana de Letras.

A capa e a edição do suplemento literário apresentava a face política do literato. Esse fato evidenciava a tentativa de afirmar uma tradição na relação entre as letras e a política, que andariam juntas na Paraíba, como, também, de que é possível o homem de letras ser governante e, nesse caso, tal fator ser recebido com entusiasmo, visto que se esperava que esse homem de letras desse especial atenção às questões e demandas culturais, como se assistiu em relação aos governadores Pedro Gondim e Ernani Sátiro, que eram cobrados pelos setores artísticos por serem “homens de letras”.

Virgínius também assumiu esse tom ao abordar a face do político José Américo, indo de encontro à perspectiva que defendia na década de 1950. Na sua coluna “Ponto de Vista”, publicou a crônica “Arte Moderna”, propondo uma ponte entre a revolução artística e a revolução política a partir de José Américo:

Anos depois da Semana de Arte Moderna, Getúlio Vargas afirmou que “As forças coletivas provocadoras do movimento revolucionário do Modernismo na literatura brasileira, que se iniciou com a Semana de Arte Moderna de

1922, em São Paulo, foram as mesmas que precipitaram, no campo social e político, a Revolução de 1930”.

1922 e 1930 são, curiosamente, marcados por três paraibanos, mas somente um deles vem da revolução cultural para a revolução política: José Américo que, no mesmo ano dos paulistas, publicava aqui na Paraíba “As Reflexões de uma Cabra”, fazendo sua crítica à literatura vigente, e, em 1930, governaria o Norte, como vice-presidente, quase um vice-rei. João Pessoa baquearia em 1930 e Epitácio Pessoa, presidente da República em 22, era o começo do fim da velha República, recebendo o legendário sacrifício dos 18 do Forte de Copacabana, primeira duma longa série de revoluções. (ARTE MODERNA..., 19 de mai. de 1972, 1 cad, p. 2)

A trajetória de José Américo passava a ser representada traçando seu percurso da cultura para a revolução política e depois retornando para a literatura. Os sujeitos políticos que passaram a transitar no campo de produção cultural nesse contexto eram associados às letras e, num segundo plano, aos seus projetos nesse campo.

Essa perspectiva também foi empregada nos seus artigos sobre Carlos Lacerda, buscando ressaltar a figura política por meio de seus dotes literários. Essa relação justificaria, principalmente, os laços que Virgínius buscou construir com o governador carioca. Em sua coluna “Literatura e Vida” de 19 de setembro de 1964 publicou um primeiro artigo abordando a figura de Lacerda:

Encontro em Carlos Lacerda o eterno homem de letras. Vira-o, pouco antes, passar na rua, sozinho e a pé, bem junto do povo, com seu jeito de atleta e porte de conquistador. Dos políticos brasileiros é o que mais impressiona fisicamente [...].

Jornalista e escritor, Carlos Lacerda, homem de pensamento, é antes de tudo homem de belas letras. E não sei de melhor indicação a esse respeito que o interesse de Mário de Andrade por ele, então jovem iniciante mas que já impressionara o paulista incentivador, e exato mas tão seguro em sua visão crítica, em separar o joio do trigo, em saber distinguir principalmente o arroubo de juventude de uma firma incoercível vocação literária. [...]

Entre as letras e a ação tem decorrido a vida de Carlos Lacerda. Até a escola de sua profissão revela essa harmonia que era o sinal do homem de gênio para Goethe – o jornalismo, que é tanto letras como é ação. (LITERATURA E..., 19 de set. de 1964, p. 6)

A associação empreendida pelos escritores em torno da relação dos sujeitos políticos com as letras reforçava as cobranças em torno das demandas específicas do campo de produção cultural, como na busca de Virgínius por apoio para a realização do Congresso de Crítica e História Literária; primeiro com Pedro Gondim e depois com Carlos Lacerda.

Essa cobrança persistiu nos governos que sucederam Pedro Gondim. Na crônica “Pé de Escada”, publicada na coluna *Ponto de Vista*, do jornal *O Norte*, Virgínius tratava da situação do Conselho Estadual de Cultural, que passou a funcionar e se reunir em local

improvisado. A crônica deixa entrever a falta de apoio que o Conselho encontrou nas gestões estaduais, em especial o governo João Agripino e deixa transparecer o entusiasmo com as ações do governo Ernani Sátiro:

Houve um tempo em que Clóvis Bezerra assumiu o governo⁷². Poucos dias, é certo, mas assim mesmo deu para fazer visita ao Conselho Estadual de Cultura.

Visita é um modo de dizer, pois quando o governador procurou saber das instalações, foi-lhe informado que não havia instalações.

- E onde se reúne o Conselho? – indagou S. Excia.

- Aqui mesmo – responderam-lhe.

O tal “aqui mesmo” era uma mesinha, logo na entrada da casa. O governador Clóvis Bezerra olhou as paredes, o chão, o teto, e afirmou, ou melhor constatou:

- É. A Cultura está mesmo num pé de escada.

Estava. De hoje em diante não está mais. O secretário José Carlos Dias de Freitas, autor do milagre, já convidou o governador Ernani para a festa.

Aboleta-se, hoje, o Conselho no prédio da Rua Duque de Caxias, onde funcionou a Reitoria e o Colégio Artístico. Aí, quer dizer, no prédio, não vai o Conselho ficar isolado. Nada disso. Vai ter a companhia da Fundação Cultural do Estado da Paraíba, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico, etc. O melhor da cultura é efetivamente o “etc” que indica a ampliação e criatividade, cultura dinâmica.

Ainda não é o Palácio da Cultura, sonhado e pleiteado pelo admirável deputado Eilzo Matos, e que o governador Ernani Sátiro começou a construir na antiga Assembléia. Em breve vamos ter ali instalada a Biblioteca Pública do Estado, outro milagre do secretário José Carlos Dias de Freitas.

(...)

Dia grande, hoje, para a Cultura. Só não é maior porque a Paraíba caiu noutra equívoco – não renovou o mandato do deputado Eilzo Matos, o que é uma tristeza.

Vale, entretanto, o que o governo de Ernani Sátiro [sic] nos dá hoje – uma casa para os institutos culturais do Estado. E mais, inaugura as novas instalações do Museu Sacro.

(...)

E, agora, abre-se o papo. Eis aí a mesa, senhor Governador, senhor Reitor, senhor Secretário, condes e marqueses, damas e cavalheiros – eis a mesa, repleta de comes e bebes, organizada pelo competentíssimo Deusdedit Leitão, que mandou buscar até aguardente de manga lá do sertão, de Bonito de Santa Fé.

Vai ser d’arromba – como dizia Eça de Queiroz. (PÉ DE ESCADA..., 22 de nov. de 1974. 1. cad., p. 4)

Porém, as fissuras nas relações entre o Estado e o campo de produção cultural continuaram presentes. Em artigo publicado em julho de 1975, já sob o governo de Ivan

⁷² Clóvis Bezerra assumiu o governo do estado em breves ocasiões. A primeira, de 7 de junho a 5 de julho de 1967, na condição de presidente da Assembleia Legislativa, substituindo o governador João Agripino. E esteve no governo Ernani Sátiro no cargo de vice-governador.

Bichara (1975-1978), Virgínius fazia um balanço da relação dos governos Pedro Gondim, João Agripino (1966-1971) e Ernani Sátiro (1971-1975) com a cultura, em especial com o apoio ao Conselho Estadual de Cultura. O artigo intitulado “SOS Cá Também”, publicado na sua coluna *Ponto de Vista*, no jornal *O Norte*, criticava a falta de atenção e verbas para os projetos culturais:

– Pelo que vejo, a cultura está ruim mesmo. Aqui, neste pé de escada – era o bom do Clóvis Bezerra, no posto de governador, visitando o Conselho Estadual de Cultura. Testemunhava a quantas andávamos, os Conselheiros, uns por cima dos outros, acorados debaixo duma escada.

Não era para menos. O João Agripino, governador, não há muito, em dezembro do ano anterior, presidindo uma Noite de Cultura, afirmara que “Literatura não precisa de dinheiro”.

Ainda recordo a gozação do amigo Jorio Machado, na saída do Teatro, me dizendo sorridente:

É isso mesmo. Literatura não precisa de dinheiro.

Naquele tempo, manda a verdade que se diga. Jorio ainda não tinha gráfica e estava longe de ser o vitorioso editor que é, sabendo perfeitamente que se há coisa precisando de dinheiro para ir adiante é a Literatura.

O Conselho Estadual de Cultura, que completa 10 anos no próximo dia 18, depois de amanhã, foi criado por uma lei de Pedro Gondim, mas no apagar das luzes daquele iluminado governo. Do “quinquênio de ouro” só aproveitamos mesmo o tempinho para criação, nomeação de conselheiros, instalação e posse. As vacas gordas já tinham ido.

Com a vinda de Agripino o princípio de conversa foi aquele. O discurso na noite da Cultura, a liquidação da esperança em melhores e proveitosos dias:

– Literatura não precisa de dinheiro.

Era o tempo das estradas. O que a gente não sabia era que desaparecendo as estradas com João viriam os estádios com Ernani.

– E para a cultura, nada? Para a cultura, nada?

Isso mesmo. Isso aí. Para a cultura, nada. E para a literatura, setor cultural mais barato, também nada.

Culpa de quem? No governo de Ernani Sátiro, um homem de letras, escritor brilhante, romancista de renome, estudioso apaixonado de tudo que refletisse imagem, transfiguração da realidade. Nada para a cultura? Nada!

Culpa de quem? Culpa de Inácio Pedrosa que, na Assembleia, ainda nem bem o Ernani se acostumara ao Palácio, com seus ares oficiais, seus poderes de demitir e nomear, reclamava a ausência de medidas administrativas, afirmando que Ernani viera apenas fazer literatura.

Em artigo, o governador disse que não viera apenas fazer literatura, e para tornar a coisa mais evidente, limitou-se a prestigiar no Estado apenas a sua própria literatura, que floresceu através de artigos semanais.

De livro, publicou apenas um – de Horácio de Almeida, sobre “Bibliografia Paraibana”. Pelo título já se vê que era a relação do fato consumado – quer dizer do livro já publicado, irreversível, coisa a quem ninguém mais poderia dar jeito.

De obras novas, escritores novos, iniciativas novas no campo das letras, o Ernani, ao que parece, andou um tanto desconfiado dos beletristas locais. [...]

Em matéria de dinheiro para a cultura, Ernani sempre foi muito cuidadoso, diga-se a verdade. Econômico, demais. Certa vez, disse-lhe que o secretário César de Paiva Leite, do Planejamento, reservara 800 mil cruzeiros no Plano Trienal para a cultura. Acabou logo minha alegria:

– Dinheiro no papel, é uma coisa. Para circular é outra.

A pura verdade. Até hoje. A cultura tem dinheiro no papel. Somente. (SOS CÁ TAMBÉM..., 16 de jul. de 1975, 1 cad., p. 4)

As críticas de Virgínius, em especial ao governo João Agripino, são representativas das novas relações do campo de produção cultural estabelecidas com o Estado. Seu governo foi marcado pelas grandes obras de infraestrutura e pouca atenção e verbas para os projetos culturais.

Ernani Sátiro, tomado como um homem das letras, representou a esperança de que a atenção pretendida pela cultura voltasse a ser dada pelo governo. O que, o balanço de Virgínius, não se concretizou a contento. O entusiasmo que houve no final do governo de Ernani Sátiro deu lugar às críticas. O artigo foi escrito meses depois do fim do seu mandato. Porém, apesar do artigo se reportar aos governos anteriores daquele período, o recado se dirigia, principalmente, ao governador Ivan Bichara, com quem Virgínius já havia se manifestado publicamente em relação às demandas culturais, como ficou demonstrado em carta enviada pelo governador em resposta a um artigo publicado:

Virgínius:

As providências reclamadas por você, na sua crônica Pedras e Rosas, foram tomadas na 1ª reunião do Secretariado ocorrida no dia 2 do corrente mês (o retorno de funcionários às repartições de origem e a disciplinação do uso dos carros oficiais).

Além destas, outras providências foram tomadas sem a necessidade de lavratura de decreto, pois tais medidas independem, a meu ver, da expedição daquele ato legal.

Acho cabível, também, o decreto, que tem a virtude de despertar a simpatia da opinião pública.

Creio mais, entretanto, na providência administrativa discreta, séria sem divulgação, mas feita para valer. (SOBREIRA, I. B. Carta. 7 de abril de 1975. João Pessoa)

A carta foi uma resposta à crônica publicada em 5 de abril na coluna *Ponto de Vista*, poucas semanas após a posse do governador, cobrando as “medidas de praxe de todo governo novo”, enquanto Ivan Bichara estava “quebrando a praxe” (PEDRAS E..., 5 de abr. de 1975, 1 cad., p. 4). Tal postura indicava um convite para o diálogo. Porém, ao colocar-se forma impositiva, cobrando ações do governo, Virgínius demarcava sua posição perante a opinião pública e a partir de sua posição de representante do Conselho Estadual de Cultura. Nesse

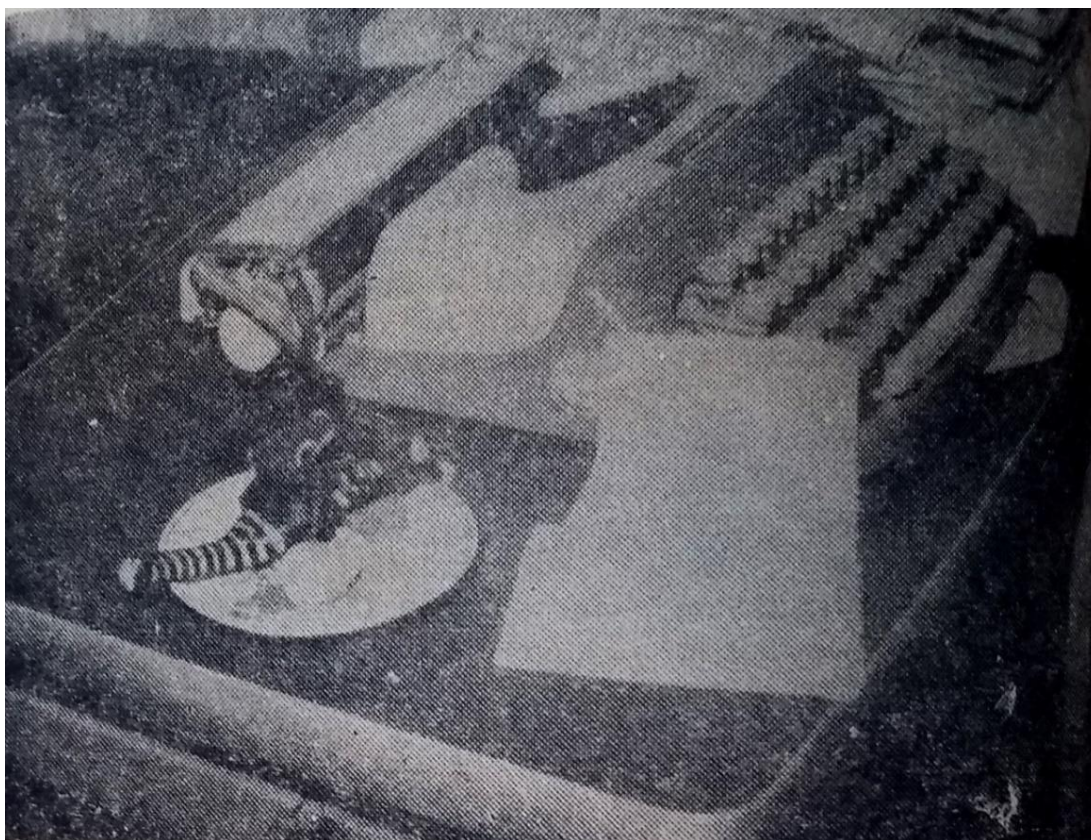
diálogo, percebia-se que ambos procuravam ditar o tom da relação que se estabelecia naquele contexto.

A trajetória intelectual de Virgínius esteve atrelada às relações políticas, desde os laços familiares, passando pela sua militância e culminando com os vínculos com o Estado. Seu percurso, que cruzava os campos cultural e político, é representativo das dinâmicas dessa relação. A sua trajetória é uma experiência concreta de um projeto intelectual que articulou redes de sociabilidades de ambos os campos, proporcionando um percurso em direção à centralidade do campo de produção cultural. A sua prática, ou seja, os seus projetos, foram frutos, em grande medida, dessa articulação. Um projeto que demonstrava suas estratégias em direção à consagração de sua imagem.

5 A MÁQUINA DE ESCREVER

No início da noite de 1º de agosto de 1975 Virgínius da Gama e Melo foi levado por um mal súbito a interromper a sua escrita. No dia seguinte, a sua casa e o seu escritório foram tomados por amigos e parentes, como ficou registrado no jornal *Correio da Paraíba*, de 3 de agosto de 1975, que trouxe estampadas fotografias do que mais parecia uma expedição arqueológica a um sítio de grande valor histórico. Numa delas é dado destaque à máquina de datilografia, na qual Virgínius “escrevia seus trabalhos para diversos jornais do país”. Ao lado da máquina se encontrava a folha rasgada, como que arrancada da máquina, talvez o único registro do que pode ter sido o seu último texto, inacabado, além de uma baladeira, com a qual o crítico espantava os moleques que o importunavam nos momentos de trabalho (CORREIO DA PARAÍBA, 3 de agosto de 1975, p. 4), talvez, inclusive, o menino que o chamava de “o homem que escreve” da Rua Batista Leite.

Figura 18 – Fotografia da máquina de escrever de Virgínius da Gama e Melo. *Correio da Paraíba*, 3 de ago. de 1975, p. 12.



Fonte: Arquivo Histórico Estadual.

Vê-se o seu objeto de trabalho, a máquina, sendo apresentada quase como relíquia sagrada. Afinal era ali, naquele maquinário e envolto a centenas de livros, que se dava o ato de criação maior do *homem literário*. Um dos necrológicos publicados no dia seguinte a sua morte, reforçava a imagem do homem que dedicou grande parte de sua vida ao ato de escrever:

Escrevia em média 5 artigos, lia 2 livros e respondia dezenas de cartas por dia, recebendo cerca de 20 livros, diariamente, de toda parte do País. Mesmo assim ainda tinha tempo de enviar telegramas de parabéns a todas as pessoas que conhecia e cujos nomes figuravam em sua inseparável caderneta de anotações. (FALECEU VIRGÍNIUS, 2 de agosto de 1975, p. 1)

Tais representações empreendidas pelos jornais e pelos amigos são representativas da *persona pública* de Virgínius da Gama e Melo. De um lado, havia a fabricação da imagem de um *titã intelectual* – essa produção em um dia é questionável –; de outro lado, evidencia uma política de relações, de estabelecimento e fortalecimento de laços e vínculos afetivos, intelectuais e profissionais – uma rede que teve participação central em seu processo de criação.

Ainda havia a criação de uma imagem que remetia diretamente à ideia de gênio criador, do escritor nato, do sujeito que cria na solidão do seu gabinete. Porém, desconsiderava-se que o processo criativo, bem como o próprio “autor” de centenas de artigos de crítica literária, crônicas, cartas, roteiros e romances, mesmo solitário, diante da sua máquina de escrever, forjava-se justamente a partir da conexão com as redes de sociabilidade letrada.

Foi na máquina de escrever que se dedicou ao exercício diário da escrita para os jornais e suplementos literários. Em 1938 publicou seu primeiro artigo no jornal *A Imprensa*, de João Pessoa, como um dos representantes dos formandos.

“Bacharelados de 1938”

Colégio Pio X

Alfredo Napoleão Tejo

Corpo esquelético por ter tomado mais a sério as coisas de ordem espiritual. Um grande desânimo apontando dos olhos lânguidos e um sorriso meio idiota, mais cínico, ao canto dos lábios. Amante das boas obras, formou o seu espírito enciclopédico, sobre esta trindade nociva: Vargas Vila, Shopenhauer, Wilde.

É mais uma grande experiência da Vila impressionada pela mito mania da obra de arte. Falando aqui e ali em “sentimento estético” tornando-se incompreensível para os pigmeus encefálicos. A sua vida tem alguma coisa de Quixote.

É quixotesca a energia com que enfrenta os obstáculos.
 Animado de sonhos tão temerários, como não tivera talvez, o cavaleiro da Mancha. E, paradoxalmente, aspirando à burguesia.
 V. F. G. M. (ALFREDO NAPOLEÃO..., 18 de set. de 1938. Recorte)

O fato de ter arquivado o recorte dessa publicação revela o olhar do escritor sobre sua produção. Assim como esse pequeno artigo de 1938, há centenas de textos publicados nos jornais. Foi na máquina de escrever que se dedicou a dar sentido às ideias que eram anotadas em contracapas, bilhetes, folhetos, entre outros pedaços de papel. De onde saiu dezenas de manuscritos que foram rascunhados e reescritos. Muitos publicados, outros tantos deixados de lado sejam para serem revistos futuramente, ou “esquecidos” em vida.

Essa prática de escrita para os jornais e suplementos literários ajudou a projetar seu nome no campo literário. Na década de 1940 se dedicou à publicação de contos e ensaios, mas foi nos anos 1950 que Virgínius se dedicou à formação na área de Literatura, ao passo que ia procurando se destacar por meio da crítica literária na grande imprensa – ao lado da cobertura política. Apesar do espaço cada vez menor para a literatura no jornal diário, bem como os embates na própria área da crítica literária, Virgínius ainda encontrou uma área de prestígio dentro do campo literário. A primeira alcunha que representava seu processo de consagração era determinada nos termos de “crítico literário reconhecido nacionalmente”.

Virgínius se insere num contexto de definição moderna de crítica no Brasil, durante a década de 1950, que se caracterizava, como coloca Holanda, por “um esforço para instituir a formação de uma crítica mais marcadamente profissional” (2012). Porém, a fortuna crítica de Virgínius é devedora das práticas que, desde o final da década de 1940, encontrava-se em embate: de um lado a “crítica de rodapé”⁷³ e, de outro, a crítica acadêmica. Ou seja, encontra-se elementos dessas duas perspectivas no conjunto de sua obra.

Para Barbosa Filho, a crítica literária em Virgínius situa-se numa “tradição que define um território, em certo sentido, pré-estrutural na crítica brasileira”, que remete a Álvaro Lins, Sérgio Milliet, entre outros (1996, p. 210). Como também, teria sido o primeiro crítico na

⁷³ Dentro do processo de *desliteraturização dos jornais no Brasil, na primeira metade do século XX, o espaço dado à crítica na grande imprensa foi cada vez menor. Segundo* Cláudia Nina, a crítica literária feita na imprensa foi chamada de “crítica de rodapé” de forma pejorativa por aqueles que vieram depois para “destronala”. Segundo a autora, era praticada pelos chamados “homens de letras”, a exemplo de Álvaro Lins. Segundo a autora: “Situado entre a crônica e o noticiário, o rodapé era assinado por intelectuais, que, a exemplo de Lins, cultivavam a eloquência e a erudição com o intuito de convencer rapidamente os leitores num tom subjetivo e personalista” (2007, p. 24). Tal “crítica de rodapé” passou a ser combatida nos final dos anos 1940 por acadêmicos como Afrânio Coutinho, que defendiam uma abordagem segundo critérios para uma “investigação da literatura próxima à atividade científica contra o que chamava de ‘amadorismo’ dos autores de rodapé” (Idem, p. 25).

Paraíba, “a ler já com notações de teoria literária mais recente e sempre atento [...] às novas metodologias e aos novos conceitos” (BARBOSA FILHO, 1996, p. 210).

Um artigo publicado no *Correio das Artes*, intitulado “Atividade Crítica e Realidade Objetiva”, de Paulo Cardenan, ajuda a visualizar e compreender os termos desse debate na época e num espaço caro à crítica literária:

O crítico quando deseja atingir os aspectos intrínsecos comportados por uma obra, precisa, descobrir, como parte do plano formal-constitutivo tomado como base de trabalho científico, a objetividade expressiva aceita para material de estudo, para antítese cujo caráter temático invoca e solicita. Somente agindo assim, sem olhar para a direita nem esquerda sem associar à existência dos valores artísticos, consegue fazer justiça à ciência literária e autenticar a essencialidade das formas estéticas.

A dificuldade cotidiana, ou incotidiana, dessa difícil tarefa, onde se cuida que no leitores se mantenha vivo o interesse pelas coisas do espírito, está perdendo seus caracteres invocativos, esquemáticos, hermenêuticos (exigência interpretativa de todo a partir da parte e da parte a partir do todo), com o emprego de um “new criticism” bajulatório “in extremis”, impressionista, aparentemente complexo mas vazio de significado, que não vai além do ridículo, do enfado para sentir-se e perceber a validade integrativa do objeto servido como material de estudo. [...]

O primeiro cuidado do investigador ao proceder estudo sobre uma obra consiste em eliminar gostos e sentimentos individuais, excluir da mente padrões originados dos pré-conceitos subjetivos [sic] tanto de ordem ideológica quanto estética, e assegurar compreensão entre homem objeto estudo através da realidade, justificada no contesto formal-constitutivo da obra, onde os princípios funcionais sujeitados mostram, de modo incontestável o significado lógico aceito como análise, como apuramento interpretativo, como proveito intelectual. [...]

Certos analistas, sem visão de perspectiva [sic], que veem na literatura uma execução intelectual “inspirada”, destroem o encanto unidimensional das manifestações criadoras, estabelecendo beneplácitos ao distinguir valores e, confiante, pensam despertar criações imediatas contidas em estado potencial. Essa máscara convencional cujo patrogenicismo crítico reclama terapêutica adequada torna-se demência e, ato contínuo, veste, em ternos de pedantaria e esnobismo. (ATIVIDADE CRÍTICA E..., 18 de jul. de 1965, p. 3)

A presença desse artigo no *Correio das Artes* é indicativa do debate que se dava no campo. O autor saía em defesa da crítica acadêmica ou baseadas em seus critérios, além disso dirigia a crítica diretamente aos críticos de rodapé.

Na década de 1950, no *Jornal do Comércio*, Virgínius empreendeu uma crítica voltada às obras de autores consagrados, como Machado de Assis, Guimarães Rosa, Raul Pompéia, a partir de conceitos e referências na área. Durante os anos 1954 e 1955 publicou uma série de artigos sobre a obra de Pompéia. Em “O Tema e a Tese no ‘Ateneu’”, publicado

em 1955, no *Jornal do Comércio*, Virgínius buscou situar sua leitura dentro da crítica nacional:

O maior equívoco dos nossos críticos e ensaístas, ao que nos parece a sua totalidade, é deixarem-se envolver pelas aparências do “Ateneu”, sem buscar-lhe no íntimo a verdadeira significação, apegando-se ao tema, escapando à tese. A uniformidade trará, então, a verdade estabelecida, consagrada, coletiva – o romance de Pompéia é uma rebelião contra o regime de internato, contra o colégio, um libelo, dirá Mário de Andrade. [...] Justamente o que ocorreu a Mário de Andrade, quando estudou o romance dessa curiosa figura de nossa literatura. Incorria Mário nesse equívoco coletivo. [...] O colégio é o tema do romance, o mundo é a tese. Como colégio, o “Ateneu” cumpre sua finalidade para Sérgio. Não há revolta contra o colégio, há desencanto do mundo [...].

A exemplo dos artigos sobre Raul Pompéia, Virgínius procurava desenvolver um debate a partir de um tema central: “O Humorismo Incidente de Graciliano Ramos” (1955), “Equinismo na Poética Pernambucana” (1956), entre outros temas. Essa perspectiva situava sua crítica nos termos acadêmicos. Nesse momento de sua trajetória ia afirmando seu nome a partir de uma tendência hegemônica na crítica literária nacional. Também se dedicou à divulgação de obras recentes, como em “A Rosa Jacente”, artigo que abordava a coletânea homônima de Geraldo Valença, publicada pelo “Gráfico Amador”, no qual se dedicou a dissecar a obra do poeta pernambucano.

Foi na década de 1950 que assumiu o tom polemista e contestatório ao abordar as obras de José Américo de Almeida e Gilberto Freyre. Sua postura e perspectivas demonstravam o seu projeto intelectual, que ainda procurou se firmar num debate temático que o distinguiu no campo.

A partir de 1956 passou a se dedicar ao debate sobre o “romance nordestino”, inclusive na querela sobre *A Bagaceira*. Seus primeiros artigos na temática se debruçaram sobre a obra de José Lins do Rêgo. Em 1956 publicou “Vitalismo da morte em José Lins do Rêgo”, “Oposição às influências em José Lins do Rêgo”, “Ainda as oposições em José Lins do Rêgo”, “A religiosidade de José Lins do Rêgo”, “Chulismo nos memorialistas brasileiros contemporâneos”, “O Romance Político do Recife” e “Ainda o romance político do Recife”, “A Catarse da Pedra Bonita”, “A musicalidade em José Lins do Rêgo” e em 1957 “O Catolicismo Náufrago de Lins do Rêgo”. No início da década de 1960 se seguiram outros artigos nos quais Virgínius buscou ampliar o leque de elementos a serem analisados na obra do romancista paraibano.

O ano de 1961 foi crucial para a sua imagem e prática de crítico literário. Virgínius já possuía uma “fortuna crítica” e projeção a partir da imprensa, mas foi durante o II Congresso de Crítica e História Literária, realizado em Assis, São Paulo, que o crítico estabeleceu diversos contatos, articulou personagens, a ponto de conseguir vencer o certame propondo a realização do próximo congresso em João Pessoa. Durante esse congresso também expôs o artigo “O Romance Nordestino de 1928 a 1961 – Análise, interpretação, comparação, influência da crítica”, retomando o debate acerca do regionalismo, destacando as obras de José Américo de Almeida e José Lins do Rêgo:

Romance nordestino entende-se aqui como um ciclo em evolução. Começa com **A Bagaceira**, de José Américo de Almeida, e tem como pontos terminais contemporâneos 4 romances novos, de quatro romancistas inteiramente personalizados – Noturno Sem Música, de Gilvan Lemos; O Burro de Ouro, de Gastão de Holanda; Sua Majestade, o Juiz, de Jáder de Carvalho e A Décima Noite, de Josué Montello. (GAMA, 1961 Apud Gama, 1980, p. 21)

O artigo reunia elementos dos debates que desenvolvia nos jornais, inclusive a partir de referências que perpassou sua produção crítica, como Lukács, Sílvio Romero e Tristão de Athayde. Segundo Teles,

A base teórica de Virgínius da Gama e Melo está ligada a uma estilística não muito bem assimilada e tomada a partir do estudo de Mário de Andrade sobre repetição e coloquialismo em José Lins do Rego. É contudo, do ponto de vista de uma síntese dos elementos constitutivos dos textos e do contexto desses romances, um dos trabalhos mais importantes sobre o assunto, sendo mesmo, como diz o seu subtítulo, uma análise, uma interpretação, uma comparação e um estudo da influência da crítica na ideologia dos romancistas nordestinos. Isto tudo, entretanto, lhe dá um aspecto de ‘enciclopédia’, tantos são os aspectos mencionados, em forma de verbetes, numa sistematização que deixa bastante a desejar, principalmente no tipo de estilística que não chega a ultrapassar os limites da língua, não atingindo o discurso narrativo e não dando conta, portanto, de relações mais amplas e capazes de ligar os temas à cultura nordestina. (1991, p. 15)

A crítica empreendia por Teles ao artigo de Virgínius voltava-se ao “bairrismo” do autor e a própria estrutura do texto, que é constituído por tópicos, com cada um abordando uma temática, como “O Nordeste a crítica”, “A Literatura do Norte”, “Afirmação social e linguística”, “novos”, “personagens”, entre outros. Para Teles, essa estruturação dava “a impressão de que o seu autor alinhavou uma série de fichas e anotações, faltando talvez tempo para uma reorganização do fichamento” (Idem, p. 16). De fato, essa estruturação diferia de

outros artigos de sua autoria. Porém, pode indicar aquele momento de suas reflexões e escrita. O artigo reunia reflexões que perpassaram outros textos, como também outras posturas referentes a artigos anteriores, inclusive tomando *A Bagaceira* como primeiro romance desse ciclo, já indicando a nova postura que tomou publicamente sobre a obra de José Américo. No entanto, o Congresso de Assis foi crucial para a projeção de seu nome no campo da crítica literária acadêmica, coincidindo, inclusive, com o seu ingresso na Universidade da Paraíba, que se deu meses depois, e na qual fundou a cadeira de Teoria Literária.

O debate pautado a partir de critérios acadêmicos passou a dividir a sua atenção e interesse com as colunas literárias que se centravam no noticiário do campo literário e nos lançamentos do mercado editorial, trazendo breves sinopses e impressões acerca das obras, aproximando ora da crônica, ora de uma crítica impressionista⁷⁴ e pouco atenta às questões teóricas. Para Barbosa Filho, “Virgínius, enquanto crítico, é exatamente um impressionismo, diria, ilustrado, com amplos poderes de intuição do fenômeno literário e já, de certa forma, informado de algumas conquistas da estilística, mesmo que seja da língua” (1996, 210). Contudo, essa “crítica impressionista” não excluía elementos de outras perspectivas. Sua experiência propõe pensar em outros termos as clivagens presentes naquele contexto, os embates entre a crítica literária empreendida pelos críticos de formação acadêmica e a feita por “intelectuais sem formação acadêmica e disciplinar” (1993, p. 14).

Seus artigos passaram a se caracterizar pela junção de elementos da crítica que fazia anteriormente no *Jornal do Comércio*, de cunho analítico das obras, com as notas de divulgação de lançamentos e notícias literárias:

Mais um romance sobre a Paraíba será lançado em breve. Trata-se de “Cabras e Coronéis”, de autoria de Floripes dos Santos. Adianta-se que o romance regional nordestino jamais se torna superado, tal a riqueza do seu temário. E Floripes dos Santos foi colhê-lo nos sertões da Paraíba, nas terras que margeiam o rio Catolé, numa época em que a disputa da gleba se processava ao ronco dos bacamartes. Bom narrador, valoriza sobremodo o tema. Isto é o que nos informa a Editora Pongetti, lançadora do novo romance sobre a Paraíba – “Cabras e Coronéis”.

De Minas, da Itabira de Carlos Drummond de Andrade, anuncia a mesma Editora o volume de versos “Rubro Apocáptico” [sic], de Márcio Sampaio. Mineiro jovem e talentoso, fez seu curso ginásial em Belo Horizonte e ai

⁷⁴ Sobre a crítica impressionista, Cláudia Nina coloca: “Importante fazer aqui um parêntese para que se entenda o que é a crítica impressionista. A palavra impressionista surgiu quase simultaneamente às artes plásticas e passou a ser sinônimo de diletantismo, ou seja, da prática de uma arte ou ofício de forma amadora, sem levar em conta normas de ordem intelectual. Nesse caso, refere-se a textos que apenas justificam um gosto, sem preocupações teóricas. Não se pode, entretanto, desprezar esse tipo de crítica e considerá-la inválida só pelo fato de não ser acadêmica. Não foram poucos os excelentes críticos impressionistas, a exemplo de Ronald de Carvalho, Sérgio Buarque de Holanda e Sérgio Milliet (...)” (2007, p. 24-25).

fundou o Grupo PTYX, de literatura e arte. Dele, disse João Etienne Filho – “Agrada-me, especialmente, na poesia de Márcio Sampaio, a contenção, talvez uma “doce herança itabirana”, como seu irmão maior, Carlos Drummond de Andrade. Já Alda Lofêgo de Castro, pela mesma Editora, comparece com “A Ternura de Naná”, pequenos contos recolhidos à grande sensibilidade. Alda é uma artista do pincel, autodidata, e fará dentro em breve a sua primeira exposição. Seus escritos – que ela preferiu classificar como contos – na realidade são miniaturas delicadíssimas de impressões e reminiscências colhidas ao sabor do tempo. (LITERATURA E..., 5 de ago. de 1964, p. 6)

Virgínius ainda tratava de abordar mais um lançamento da mesma editora. Tal artigo é representativo do conteúdo que perpassava a coluna *Literatura e Vida*, no jornal *A União*. Percebe-se que o autor credita algumas informações à própria editora ou aos autores dos livros anunciados. Essa característica se fez presente em seus artigos e era indício da própria prática profissional. O ritmo do jornal diário demandava uma produção extensa que, aliado aos inúmeros lançamentos editoriais que chegavam à sua residência, impedia a leitura de todas as obras. Porém, isso não impedia de divulgá-las e agregar valor, a partir do seu nome, a essas obras. Muitas vezes afirmava não ter lido a obra ou apenas iniciado a leitura.

O seu “nome próprio”, contudo, contribuiu para que sua crítica diletante não fosse desqualificada publicamente. Pelo contrário, ampliou a sua rede. Por meio dessa crítica e dessas notas, Virgínius estabeleceu redes que contribuía para sua afirmação dentro do campo literário.

Na coluna *Prelo*, no suplemento literário *Correio das Artes*, os lançamentos e projetos acerca de livros ocupavam o maior espaço, chegando a cinco notas de divulgação. As notas eram breves e, vez por outra, trazia algumas digressões sobre o autor ou a obra:

Martins Lança Oliveira Ribeiro Neto

Novo livro de poemas de Oliveira Ribeiro Neto é lançado pela Livraria Martins, de São Paulo. Intitula-se “As Árvores do Vale”. Destacamos esta amostra poética de Oliveira Ribeiro Neto, trecho de “Avião da Noite” – “A estrela verde corta a noite escura | tendo sempre do lado a estrela rubra. | Uma de clorofila, a outra de sangue | correm o mundo carregado de vida”. (MARTINS LANÇA..., 31 de jan. de 1965, p. 10)

Compromisso Literário

Fábio Lucas, o admirável crítico literário mineiro, uma das mais inteligentes e penetrantes visões de nossa literatura, reúne uma série de estudos em o “Compromisso Literário”, da Livraria São José. A maioria desses trabalhos foi publicada originariamente no suplemento literário do “Correio da Manhã”. Desde cedo que o país começou a admirar Fábio Lucas, a respeitar sua dignidade de crítico, a prestigiar uma carreira que se fez brilhante, exata, precisa. Com o livro de Fábio Lucas, completa-se uma série de ensaios

críticos, da melhor qualidade, publicados recentemente, como sejam o livro de Léo Gilson Ribeiro e o de Fausto Cunha. Tudo isso dá a medida do desenvolvimento da crítica e de sua vitalidade em nosso país. (COMPROMISSO LITERÁRIO..., 1º de mai. de 1965, p. 10)

Assim com a crítica de caráter “monográfico”, a “crítica de rodapé” foi uma das modalidades de crítica literária feita por Virgínius nos jornais. Pode-se dizer que foi essa modalidade que possibilitou o estabelecimento de redes com editores e livreiros. Primeiro, dizendo respeito à divulgação das obras das editoras e, posteriormente, com essas mesmas editoras o vínculo girou em torno da publicação dos seus próprios livros.

Por vezes, sua crítica literária dialogava com a crônica, como na coluna *Literatura e Vida*, o que permitia divagações sobre o cotidiano do campo. Essa atuação em várias perspectivas estava no cerne da sua experiência de escritor. Virgínius se inseriu no campo literário a partir da crítica nos jornais. E foi por meio dela que foi consagrado. Ao empreender essa modalidade da crítica literária já possuía um “nome próprio”, o que lhe dava relativa segurança para se lançar a outras experiências, seja na própria crítica, ou em outros gêneros da escrita literária.

Ao passo que ia empreendendo essa crítica literária na imprensa, recebia dos seus pares a cobrança da publicação de um livro reunindo seus artigos publicados nos jornais. Porém, o livro proporcionaria distinção perante a crítica literária e o seu projeto tendia a se diferenciar dessa crítica que vinha exercendo nos jornais. Em 1965 lançou o livro *O Alexandrino Olavo Bilac*. A obra se caracterizava pelo cunho monográfico, apresentando seus referenciais teóricos e seguindo um rigor metodológico, aproximando-se da crítica acadêmica e diferindo do escrito “jornalístico”. Dentro do entendimento dos termos do debate da época, esse livro o “elevou” do rodapé para a crítica, de fato, acadêmica, condizendo com a sua condição de acadêmico.

Porém, foi o exercício do jornal que moldou a sua escrita para outros gêneros e áreas.

Foi na imprensa que passou a experienciar a ficção. Durante a década de 1960 passou a publicar contos no jornal *Correio da Paraíba*. Em 1966 venceu o concurso do Serviço Nacional do Teatro, com o texto teatral *A Modelação*. Foi o seu nome como sendo referência na obra de José Lins do Rego que contribuiu para sua consultoria no filme *Menino de*

Engenho e, depois, no envolvimento direto com a produção cinematográfica⁷⁵. Ou seja, o espaço do jornal foi central para os seus projetos literários e artísticos. Para Barbosa Filho

Mas Virgínius, talvez o grande Virgínius, não seja o crítico, em que pese toda a notabilidade que angariou em torno de sua personalidade literária. Outra ideia que venho alimentando, em minhas leituras, é precisamente esta. A crítica de Virgínius, a despeito de contínua, militante, presente, variada, não é o que o marca definitivamente como escritor. O que faltou à sua crítica, em termos de rigor, definição, planejamento, iluminação, começava a se esboçar em seu universo romanesco e já se encontrava equilibradamente delineado na sua crônica [...]. (1996, p. 211)

A crítica que o projetou não assumiu um caráter definidor de sua identidade enquanto escritor – deve-se pensar, inclusive, que foi a partir das experiências com a escrita e publicação dos seus romances que Virgínius passou a se categorizar enquanto escritor. O autor não percebe uma coesão na crítica literária de Virgínius. De fato, os projetos em torno dos estudos temáticos sobre as obras de autores específicos, como José Lins do Rego, foram ficando em segundo plano. E, afora *O Alexandrino Olavo Bilac*, não se viu, na década de 1960, uma definição de sua crítica literária. Os projetos foram girando em torno do Conselho de Cultura, dos concursos literários e, futuramente, nos romances. A crítica literária que continuou a exercer ficou relegada aos rodapés dos jornais. E nesses, a crônica foi assumindo lugar central em seus interesses. Na década de 1970, Virgínius dedicou-se, na imprensa, a esse gênero literário, ficando a crítica, até mesmo as notícias sobre lançamentos do mercado editorial, em segundo plano.

Em 1972 Virgínius passou a escrever para a coluna “Ponto de Vista”, do jornal *O Norte*. Nas crônicas desse período, Virgínius passou a se colocar, trazer elementos do seu cotidiano e assuntos íntimos. Esse contexto foi marcado pela experiência da publicação do primeiro romance, *Tempo de Vingança* (1972) e do segundo, *A Vítima Geral*, publicado após a sua morte. Ao passo que recebia os louros da publicação do romance, colocava-se de maneira nova na imprensa. Não que antes não publicasse crônicas, mas nesse contexto Virgínius ia de encontro à postura que assumira até então nos jornais. O lugar central que ocupava no campo o autorizava a uma “nova” experiência. Passou a se colocar de forma despretensiosa, utilizando-se do humor. Seu olhar sobre o campo saiu dos livros e deu destaque para as personagens, escritores, intelectuais e artistas, que apareciam nas

⁷⁵ Após a experiência com o filme *Menino de Engenho*, Virgínius fundou a *Paraíba Produções Cinematográficas, Ltda*, empresa com a qual se dedicou à produções de filmes na Paraíba. Sua relação com o cinema ainda se deu por meio de artigos sobre filmes e linguagem cinematográfica.

lembranças, nos causos de mesa de bar ou nas histórias sobre as cartas que recebiam. Mas também abordava temas conflituosos, como a relação com o Estado ou os problemas de saúde. Na crônica “50 anos depois”, Virgínius comparava a produção e as publicações de décadas anteriores na Paraíba e ressentia-se com o momento atual:

A gente lê o magnífico prefácio de Nelson Lustosa Cabral aos três livros de Zeamérico agora lançados pela Editora Leitura e se espanta com a vitalidade da literatura paraibana daquele tempo. Ninguém parava. Estava saindo a revista “A Novela”, que era caracterizada por publicar em cada número uma novela completa. Estava sendo confeccionado pelo mesmo Nelson Lustosa Cabral o “Almanaque da Paraíba”.

Estávamos em 1922 e o jornal “A União”, com destaque, publicava a notícia duma gratificação que oferecia o dr. João Santa Cruz a quem lhe devolvesse um guarda chuva, de seda preta, esquecido no Cinema Rio Branco. Quem entregasse o objeto à rua Duque de Caxias, 18, seria regamente gratificado. Ora, essa casa do dr. Santa Cruz está sendo derrubada, se já não o foi, para dar lugar à Assembleia.

Era 1922. Só se falava na remodelação da capital, a derrubada de inúmeros edifícios. Como hoje. A cidade cuidava de novo traçado. Sem prejuízo da literatura que era coisa festejada. Cada número de “Era Nova” era recebido com retreta na Praça Venâncio Neiva. “A Bagaceira” estava nascendo na cabeça de Zéamerico, partindo do coração. Dr. Ernani, no sertão, lia deslumbrado, o “Almanaque da Paraíba”.

50 anos depois, parece que a cultura paraibana, depois de Zélins, Zéamerico, Epitácio, Ernani, Santa Rosa, não se aproxima mais dessa Idade de Ouro. (50 ANOS..., 22 de jul. de 1972, 1 cad., p. 2)

Percebe-se a insatisfação com o contexto da produção literária, além do tratamento mais pessoal com José Américo de Almeida. Era o espaço em que Virgínius refletia sobre o momento da cultura local, quanto suas questões pessoais. A saúde foi um dos temas que ele abordou: “Mas não queria falar nem de Miss nem de futebol, hoje. Ando com a alma cada vez mais fraca e não posso me gastar nem em jogo nem em beleza. O reumatismo não me deixa e esse desengano da alma, então, é uma coisa” (ESTADO DA PARAÍBA..., 1 de jun. de 1975, 1 cad., p. 4).

O tom que ia assumindo era de nostalgia e pessimismo quanto aos rumos da cultura local e do seu estado de saúde. Mas sem abrir mão da ironia e humor, inclusive fazendo uso de uma linguagem mais coloquial.

A publicação do seu romance, em 1970, contribuiu para uma nova postura. *Tempo de Vingança* selava a sua consagração e a partir dele Virgínius passou, inclusive, a defender a alcunha de escritor em detrimento da denominação de intelectual. Com esses romances, Virgínius se colocava dentro de uma tradição literária nordestina a qual a sua fortuna crítica era devedora. Pode-se dizer que sua obra buscava se encaixar na esteira do que foi o romance

regionalista para Virgínius. A sua experiência crítica se debruçando sobre esse tema acumulou referências que foram tomadas para construir as narrativas que representavam a Paraíba. Barbosa Filho coloca que, “em Virgínius, já não se depara mais a desgastada temática da seca, do cangaço, do sertanismo. Sua ficção tangencia a história para capturar os núcleos da crise política. Tanto em *Tempo de Vingança* como em *A Vítima Geral*, a ação pressupõe, em suas raízes estruturais, as rachaduras e os mitos do poder” (1993, p. 213). Em ambas as obras o tema central era o poder. No primeiro, o cenário da “revolução de 1930” na Paraíba, no segundo, o assassinato de uma personagem política.

A extensa obra de Virgínius, da crítica ao romance, contribuiu para a construção do mito. Seu nome se antecipava aos seus textos. Cristalizou-se uma imagem, ainda em vida, em torno do seu processo de produção e sobre a sua própria imagem. A sua experiência concreta pode contribuir para pensar as atribuições do seu “nome próprio”. Partindo das proposições de Chartier para compreender a noção de autoria, deve-se analisar o seu nome e a construção do autor ser entendida a partir da materialidade de sua obra (CHARTIER, 2012). Deve-se compreender as obras conforme as condições sociais em que foram produzidas. As mesmas possuem história e são frutos de diferentes momentos e circunstâncias da sua trajetória, na qual se entrelaçam o escritor, suas referências, seus projetos, as instituições, os embates, os pares, os editores, a recepção. Um conjunto de elementos que participam da sua existência. Inclusive das dezenas “obras” que não vieram a sê-las e ficaram incompletas ou “esquecidas” nas pilhas de papéis.

É na experiência concreta da vida de Virgínius que se compreende a construção discursiva e material do seu nome. Inclusive percebendo que não foi um projeto cristalizado, mas que se reinventava constantemente. A imagem do gênio criador que, da sua biblioteca na Batista Leite, usando sua máquina de escrever, produziu centenas de artigos, contos, crônicas e os romances, ganha novos contornos ao compreender que o processo de produção não se inscreve apenas no ato da escrita, mas numa rede que engloba outros atores e as regras que institui uma política da escrita compartilhada no campo.

5.1 ESCRITORES LEITORES, LEITORES ESCRITORES

Nas milhares de cartas que chegaram a Virgínius da Gama e Melo um tema se destacava: escritoras e escritores de todo o Brasil pedindo a apreciação de suas obras. Havia o pedido que a sua leitura fosse parte da divulgação do livro e aqueles que solicitavam um olhar criterioso ainda na fase de produção de suas obras ou para uma futura reedição das mesmas.

Seja na produção, circulação ou como parte da recepção, a leitura do crítico literário fazia parte do percurso desses objetos culturais. E, se o trabalho do crítico literário contribuía na escrita dos livros ou nos sentidos em torno obra, as percepções dos autores sobre a leitura de Virgínius também contribuíram para a sua escrita. Nesse sentido, os atores – autores, escritores, críticos, jornalistas, editores –, e os bens da cultura letrada devem ser percebidos numa complexa rede que atua nas práticas e representações do campo, em especial na prática de escrita e os sentidos em torno desse processo. À escrita se remete diversos significados e sobre ela há a crença em torno do “gênio criativo” que acompanhou não apenas Virgínius, mas tantos outros escritores, como em carta com pedido de apreciação: Meu caro Virgínius / Aí está “Bombardino e Clarinete” submetido ao seu olho clínico. (Ilegível. [Carta] 25 de mar. de 1963, Recife [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f, p. 1.)

O pedido de apreciação da obra *Bombardino e Clarinete* foi atendido e, no dia 16 de abril, Virgínius publicou artigo na coluna *Literatura e Vida* sobre o livro. Após apresentar um trecho de uma das crônicas da coletânea, passou a falar de autor, que, no caso, tratava-se de Zilde Maranhão, e a divulgar o seu lançamento em João Pessoa:

[...] Foi o maior dia da vida de Talentoso Pereira e é também das melhores crônicas entre as ótimas que o jornalista e escritor Zilde Maranhão reúne neste “Bombardino e Clarinete” que será lançado domingo próximo na residência do casal Manuelito Gomes, em Tambaú.

Retrato da versatilidade de Zilde Maranhão é essa coletânea de crônicas. Estão aí magníficas observações da vida interiorana e deliciosos flagrantes do soçaito. Umas Madames tremendamente pitorescas em sua grande classe. Um pessoal de engenho tratado com piedosa sabedoria. Mesmo quando se dramatiza a situação, quer dizer um episódio menos fagueiro, tudo se suaviza para essa admirável figura humana que é Zilde, além de arguto e vivaz observador. (BOMBARDINO E..., 16 de abr. de 1963, p. 5)

Ao atentar para essas trocas entre crítico e escritores, bem como do Virgínius escritor e os seus leitores, torna-se possível vislumbrar não o conteúdo, mas o processo de produção da sua obra, em especial a crítica literária e o romance, e compreender a sua prática em conformidade, bem como participando da conformação, das regras do campo de produção cultural. Nesse sentido, também se vislumbra qual o estatuto dessas obras. A escrita era a prática e a razão de existir desses atores. Porém, o ato da escrita andava imbrincado com a da leitura. Tais cartas possibilitam vislumbrar as práticas de escrita e leitura dessas obras – e entendendo as próprias cartas enquanto objetos dessas práticas e construtoras de representações.

Compreende-se que leitura não produz uma nova obra, mas representações acerca destas, podendo ser diferentes das intenções dos autores ou artistas (CHARTIER, 1988), o que confirma o caráter não passivo da prática de leitura. Porém, deve-se entender que a leitura entre esses atores tendem a influir no processo de produção da obra em andamento ou numa futura. O editor e o leitor autorizado, ou seja, o crítico, participava da construção da obra sugerindo alterações, títulos, revisões. Virgínius assumia esse papel, como também esteve na condição inversa, submetendo a sua escrita à apreciação, como também na condição de escritor que tem seu livro julgado pelos seus leitores⁷⁶. Já na crítica, a leitura de suas crônicas por parte daqueles sobre quem ele escrevia, também influía sobre sua prática. Muitas dos artigos surgiram nessa dinâmica que podia vir do pedido de um amigo, de um escritor desconhecido ou das editoras. O texto publicado era fruto das relações. Podia surgir do interesse pessoal do crítico, mas o mais comum era produzir a partir de uma demanda, principalmente das editoras e dos amigos, que intermediavam a relação entre escritores desconhecidos e Virgínius.

Ascendino Leite, em uma de suas cartas para Virgínius, comunicava o envio de algumas obras de outros escritores e sugeria a leitura crítica:

Por intermédio da livraria S. José, expedi há dois dias para você um pacote de livros, contendo o “Navegação de Cabotagem” e “A Frauta de Mársias”, do Vivaldi Moreira, e mais um volume do Fábio Lucas, que lhe manda, na ausência do autor que mora em Belo Horizonte, o mercador Carlos Ribeiro. Eu ficaria imensamente feliz se você lesse os dois livros do Vivaldi, importante figura das letras mineiras e um dos poucos eruditos de boa cepa que possui o país. Acho que lhe falei nele em curso de nossas palestras em João Pessoa. Caso entenda escrever sobre o Vivaldi não deixe de enviar-me o respectivo recorte. Por falar nisso, o Santos Moraes não recebeu ainda qualquer notícia de sua impressão sobre “Os filhos do asfalto”. (LEITE, A. [Carta] 6 de jan. de 1965, Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 2f, p. 1.)

A crítica literária era tomada como parte da circulação e recepção da obra desses escritores. Virgínius escrevia para um público leitor dessas obras e as colunas literárias eram espaços de grande exposição dos livros. No entanto, a procura de nomes consagrados ia além da mera divulgação, mas visava a legitimação desses bens no campo e, conseqüentemente a projeção de seus autores. Virgínius, nessa condição de leitor, foi, paulatinamente, associando a sua escrita à condição de fala legitimadora. O seu “nome próprio” também acabava servindo

⁷⁶ Essa perspectiva será trabalhada no tópico 4.2 – Editores e Escritores.

de referência para os demais leitores. Dentre as possibilidades de apropriação dessa fala, o leitor de seus artigos e notas poderia toma-la como consagradora ou rejeitar a obra.

As apropriações do crítico e, conseqüentemente, a sua publicação nas colunas dos jornais, estavam circunscritas por regras ou acordos, mesmo que não declarados, entre os pares. O julgamento, as impressões mais problemáticas, quando não visava a detratção pública, ficavam circunscritas às trocas de cartas, principalmente quando as partes estavam ligadas por laços de amizade. A procura da apreciação pública não visava a refutação da obra, pelo contrário, mas o seu enaltecimento para influenciar o consumo da mesma. E esse caráter foi dando o tom da crítica e notas de Virgínius, ao ponto de alguns escritores, mesmo demonstrando a satisfação com os artigos, passaram a solicitar um olhar mais analítico sobre suas obras por meio de um debate privado.

Muitas vezes os próprios leitores de suas colunas o procuravam solicitando a apreciação de seus livros. Fato que revelava a grande parcela de seu público leitor e como ele participava do seu processo de produção. O comentário sobre algum artigo publicado no jornal ou no suplemento arrematava o pedido do exame da obra que geralmente ia em anexo. O jornalista Sinval Sá remeteu carta solicitando a análise do seu livro de estreia:

Meu caro Virgínius da Gama e Melo.

Transcrito por jornal da terra, li na semana passado [sic] um estudo de sua autoria em que, com certa felicidade, retraçava o panorama do romance nordestino.

Do Jáder de Carvalho escutei elogiosas referências às suas críticas. E mesmo nas minhas viagens à Conceição, de onde sou filho, li vários artigos de sua autoria.

Daí tomar a liberdade de enviar-lhe um exemplar de meu despretenso livro de estreia: “A Fuga”, prêmio Universidade do Ceará 1959.

Sinto-me inseguro ainda. Todavia, tenho pronto um outro livro, já mostrado a diversos escritores daqui de Fortaleza, como Jáder de Carvalho, José Maia, Moreira Campos e outros, em que deponho minhas melhores esperanças.

Chamo a atenção para a apresentação do livro, feita à minha revelia, onde sou dado como integrante da “nova geração cearense”. Apenas quero dizer que me sinto mais paraibano do que nunca, apesar de ter lutado sempre infrutiferamente para transferir-me para João pessoa como funcionário federal.

[...]

Espero receber do amigo alguma notícia a respeito desse meu primeiro filho que solto no mundo. (SÁ, S. [Carta] 11 de nov. de 1961, Fortaleza [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f, p. 1.)

Por ser um livro de estreia e por não estar habituado a essas práticas, Sinval Sá se dizia inseguro. Porém, procurou apresentar filiações e credenciais sobre a obra.

O escritor Pessoa de Moraes se colocava como leitor da sua coluna no suplemento literário do *Jornal do Comércio* e solicitava a manifestação pública do crítico sobre sua obra:

Tenho acompanhado tudo quanto você tem escrito no Suplemento do Jornal do Comércio [sic] daqui. Como considero um dos críticos mais lúcidos, brilhantes e perspicazes da atual geração brasileira, ninguém melhor do que você está em condições de entender em suas implicações mais profundas, o estudo que junto lhe envio, resultante de experiências e pacientes trabalhos intelectuais. Considero o seu pronunciamento público sobre o assunto de inestimável valor, dados os seus grandes e inegáveis recursos de percepção crítica. (MORAIS, P. [Carta] 28 de fev. de 1961, Recife [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f, p. 1.)

O escritor ainda procurava explicar a obra na tentativa de guiar a leitura de Virgínius e não correr o risco do que poderia considerar um desentendimento, pois o que ele visava era a divulgação. Na extensa carta chamava atenção de Virgínius para “os fundamentos científicos” e o percurso metodológico da pesquisa em torno da Pedagogia moderna, bem como justificava a própria temática e o possível interesse de Virgínius: “Como vê, trata-se de assunto palpitante e da maior atualidade que em diversos pontos e na sua feição geral de análise da cultura moderna, cruza-se com áreas intelectuais do seu completo interesse crítico amplamente atualizado” (MORAIS, P. [Carta] 28 de fev. de 1961, Recife [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f, p. 1.).

Stella Leonardos, que havia iniciado uma longa troca de cartas em virtude de uma publicação sobre sua obra *Rio Cancioneiro*, em 1961, continuou trocando cartas e ocupando espaço nas colunas de Virgínius. Em 1964, na coluna Literatura e Vida, o crítico noticiava a publicação de *Tempos Alados*:

Recursos poéticos, na maior e mais rica variedade, encontramos em exercício vivamente lindo neste “Tempos Alados”, da livraria São José, em que Stella Leonardos continua o canto do Rio iniciado com o “Romanceiro de Estácio”. [...]

Concluída a canção de gesta de fundação da cidade, representada no “romanceiro” do herói Estácio, nos “Tempos Alados”, temos a cidade criada e presente, atual e recordada, vivente dagora e dos tempos de infância. Começa pela apresentação dos campos, moldura dela, moldura de ambas harmonizada em Stella, fada cidade. Aí liga-se ao romanceiro, aos tempos todos, de Estácio até agora – “Da província do Rio de Janeiro | de um ido e doído reino que me reina | cabendo esse reinado irreal do Vale | do rio recordo que me invade”. (LITERATURA E VIDA..., 10 de jul. de 1964, p. 6)

Nos dias 14 e 18 de julho voltou a publicar novos textos sobre a obra da escritora na coluna *Literatura e Vida* e em agosto no *Diário de Notícias*. Em 2 de agosto recebeu uma carta comentando as publicações:

Virgínius, amigo,
seus estudos sobre meus livros sempre me honram e comovem demais. Como é que você pode ser tão generoso, descobrir tanta coisa que a gente nem sabe? L' por merecer (e será que mereço?) seu belíssimo ensaio de hoje – bons fados o trouxeram: rodapé da 1ª página do Diário de Notícias – valeria a pena ter escrito “Tempos alados”! (LEONARDOS, S. [Carta] 2 de ago. de 1964, Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 2f. p. 1.)

Essa troca de cartas e os artigos estimularam Stella Leonardos a produzir, inclusive em homenagem a Virgínius, como relatou em carta de 12 de julho de 1964, na qual envia o poema “A queima da lapinha”, dedica ao escritor e que faria parte do seu novo livro, intitulado *O cancionero do Natal*.

Essa crítica poderia ser recebida de diversas maneiras pelos escritores. O artigo poderia ser contestado, principalmente quando desvalorizava a obra. Nesse caso, Virgínius foi se distanciando dessa perspectiva, centrando-se na divulgação e promoção dos livros que chegavam até ele. Na maioria dos casos a crítica era recebida com entusiasmo pelos escritores, que buscavam agradecer a Virgínius.

Milton Dias, ao escrever agradecendo o artigo de Virgínius sobre sua obra, manifestava sua percepção sobre a prática do crítico:

Cá no meu “bureau” os recortes dos dois artigos que teve a gentileza de me enviar e com que me honrou o ilustre crítico. Do Rio recebi posteriormente o mesmo suplemento do Jornal do Comércio [sic] de Pernambuco: um amigo que lá se encontrava, no caso, o romancista João Clímaco Bezerra, me enviou. E de Recife mesmo, algumas pessoas me mandaram igualmente recortes do seu artigo, o que vem provar, sem dúvida, quanto o senhor é lido. Mentiria se dissesse que não gostei. Sua crítica é crítica mesmo, análise que esmiúça, que descobre e que ressalta aspectos, denunciando desta forma, constantemente, o bom farejador e pesquisador que é. Devo dizer-lhe que andou de sorte esse livreco despretensioso, saído tão a medo – pois verdade seja dita, não me posso queixar do pronunciamento que, a respeito, fez a crítica brasileira. Foi um encorajamento para quem vacilou tanto em deitá-lo ao mundo. Em compensação, não ameaço reincidir – o que é, naturalmente, bastante tranquilizador para os leitores... e críticos. (DIAS, M. [Carta] 10 de nov. de 1960, Fortaleza [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f, p. 1.)

O elogio se fazia presente a fim de manter os laços e deixar em aberto a possibilidade de novas apreciações ou divulgação. A crítica e as crônicas de Virgínius ainda poderiam ser recebidas com alguma ressalva. O escritor Luiz Luna remeteu carta agradecendo o artigo de

Virgínius. Porém, manifestava surpresa com o fato do crítico não ter mencionado os problemas que, segundo seu próprio autor, estavam presentes na obra:

Somente hoje, tive o prazer de inteirar-me de generosa apreciação sobre “Resistência”, que V. me deu a honra de escrever e publicar na “A União”, de 15 de maio passado. Faço apenas uma restrição: É que V. não apontou as falhas do livro. Além de materialmente deficiente pelos graves e inúmeros erros de revisão que, em certos casos, chegam a prejudicar o próprio texto, a edição desse livro me decepcionou, parte por minha culpa, pois não trabalhei nele como devia; parte por culpa do editor, que me forçava, a toda hora, a entrega urgente das provas gráficas, exigindo, inclusive, o menor número de emendas possível. Assim, o livro não saiu como o autor queria, não foi devidamente “penteado” como devia.

Se eu, o próprio autor, reconheço os defeitos do livro; se eu mesmo descobri os [sic], depois de editado, a um crítico, principalmente um crítico do seu alto valor, não me escapam outros defeitos, outras falhas de que certamente o livro está cheio. Cabia a V., como crítico de elevada categoria, um dos raros que existe neste país sem crítica, ajudar-me, apontando todos os defeitos (de estilo e de construção) a fim de que eu pudesse corrigi-los em outra edição e não repeti-los em futuros trabalhos. Ao que vejo, a sua generosidade suplanta, infelizmente, o seu senso de justiça. É prejuízo para mim. Poderia admitir – como admito – que isso ocorresse com outros que se têm ocupado dos meus modestos trabalhos. Mas, estes, com exceção de Tristão de Ataíde, nada entendem de crítica. São meros literatos, escrevem sobre livros por simples amadorismo, para não dizer curiosidade. Mas, não sei o que aconteceu com os dois raros críticos militantes deste país: você e Tristão. Ambos, escusaram-se, gentilmente, de apontar os defeitos dos meus livros. Muitas falhas de “Lampião e seus cabras” eu as não teria repetido na “Resistência”, se o velho Tristão me houvesse alertado quando teve o carinho de ocupar-se daquele meu trabalho. E as falhas juntas do “Lampião” e da “Resistência” eu, certamente, não somaria às novas que, por força, aparecerão no meu próximo “As lutas dos negros contra a escravidão”, se V. não tivesse também me dado uns puxantes de orelha. Mesmo assim, com todas essas restrições, que no princípio era apenas uma e apareceram tantas, pelo que espero que me desculpe, sou-lhe imensamente grato por ter V. ocupado o seu tempo com este modesto e desvalioso livro, no qual eu só vejo um mérito: o de ser o único livro brasileiro que conta, com franqueza e exatidão, a verdadeira história da falsa colonização do Brasil. (LUNA, L. [Carta] 17 de jun. de 1966, Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 3f, p. 1-2.)

O teor da carta parecia colocar em xeque a crítica de Virgínius. Porém, pautado no seu “nome”, tratava de ressaltar a qualidade de sua prática. Além disso, revelava a lógica que a crítica de Virgínius assumia. Muitas vezes atendendo aos pedidos das editoras ou de amigos, não se dedicava a apontar erros ou discordâncias com as obras. Porém, Luiz Luna também não esperava essa postura publicamente e reservava esse debate ao espaço privado da carta. Foi nesse espaço que muitos escritores promoveram “laboratórios de escrita” a partir do debate, troca de impressões e sugestões.

O escritor pernambucano Paulo Cavalcanti também remeteu carta solicitando uma leitura criteriosa, diferente da crítica meramente elogiosa:

Hoje é que tenho sobra de tempo para escrever-lhe, agradecendo o bom e longo artigo sobre o Eça. Foi o artigo que mais me agradou, pelo que contem de lúcido e analítico. Só que você é meu amigo. E eu fico na incerteza de um juízo crítico partido de um homem de sensibilidade como você, tão ligado a mim. Ainda estou à espera do crítico para o Eça. O crítico inteiramente desconhecido. O crítico talvez inimigo ou adversário. O crítico de longe, dos cafundós, que nem saiba se eu existo.

Não sou tão ingênuo ou leviano assim, a ponto de precisar desse crítico para poder saber se fiz algo de bom. [...] Hesito, tão somente, em saber se o fiz com arte, dosando elementos da história, prendendo a atenção do leitor comum. (CAVALCANTE, P. [Carta] 15 de mar. de 1960, Recife [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f, p. 1.)

Longe do público, a dinâmica da produção das obras era revelada. O escritor João Gonçalves convidou Virgínius para escrever o prefácio do seu livro. Porém, confessava que, apesar do caráter de urgência, os problemas só seriam debatidos posteriormente. O que cabia, naquele momento, era fazer uso da sua palavra legitimadora em “socorro” ao amigo:

Escrevo-te esta para te pedir um favor enorme. Meu livro, “Poemas de Ofício”, está a cargo do “Jornal de Letras”, depois de ter passado numa via crucis em “Leitura” (Barbosa viajou e houve carta sabotagem de um amigo daqui, depois eu conto). Não avalias, meu caro, com que sacrifício vai sair este parto.

Faço-te, nada mais nada menos, para escreveres o prefácio. Como vês, procurei dar uma nova maneira de dizer as coisas: o conceitual antes de tudo, pois, conforme conversei contigo, certa vez, na Bambu, acho que não cabe mais uma poesia de circunstância (dirigida, social, revoltada e etc). Os próprios surrealistas já diziam que em matéria de revolta não precisavam mais de mestres. Ora, isso tudo hoje está superado, como o próprio modernismo. Pra que, agora, essa gente se apegar com os padrões importados, os excessos europeizados [sic] do “l’homme revolte”? Vês, assim, que a minha mensagem é, sobretudo, otimista. Conte-te, também, que esta minha experiência deve à Mozart que me despertou para o lúcido-conceitualismo, a poesia fácil e simples, organizada e racional (e lá vem Hegel) do homem de amanhã. Bom, mais isso tudo é conversa para alertar leigo e não uma lucidez como a tua.

Meu caro, o tempo é exíguo e eu tenho de fazer o lançamento do livreco, de qualquer maneira, sob pena de uma grande decepção para mim e gáudio para certa gente daqui. Encareço-te, assim, que me mandes um prefácio de, no máximo duas laudas e meia em espaço dois. Mas, desculpa teu amigo, tens de fazer e me enviar isso logo, no sábado ou no domingo mais tardar.

[...]

Amigo velho, mando-te 10 dos poemas (o livro tem 15) por não ter cópias do restante. Contudo, estes são os mais representativos. Espero que, depois do prefácio, tu me escrevas fazendo a crítica severa e mesmo malhando, se for o caso, o teu amigo. (GONÇALVES, J. [Carta] 3 de jul. de 1963, Recife [para] MELO, V. G. João Pessoa. 2f, p. 1.)

No prefácio não cabia a “crítica severa”, mas a promoção e enaltecimento da obra e do autor, visto que o “nome próprio” conferia legitimação. Virgínius assumia esse papel no campo. Nessa lógica, o debate em torno da construção da obra se daria em outro momento. Em 21 de julho, Virgínius publicou texto sobre a obra de João Gonçalves na coluna *Literatura e Vida*, o que sugere que o pedido para a escrita do prefácio foi atendido. No artigo *Novo objeto de poesia*, assumiu o tom solicitado pelo autor para a apresentação da obra:

Êstes “poemas de ofício” que se resumem em “ofício de ser homem” situam a mensagem poética de J. Gonçalves de Oliveira inicialmente como uma tomada de posição. O poeta surge representando uma consciência artística, quer dizer uma tendência, uma visão completa, independente, do fenômeno poético em relação com a vida. A poesia, além de trânsito atual, é também ponte para o futuro – aliás motivo dum belo e esclarecedor poema. O sentido afirmativo dessa coletânea destaca-se de imediato pela visão quase concreta da singularidade representativa do dizer de J. Gonçalves de Oliveira. O poeta se põe diante do homem, total e intemporal, abstraído de circunstância ou situação, verificando-o apenas em seu largo e permanente destino poético. Não lhe canta verso ou posição isolada, que tudo se harmoniza, constituindo-se de tempo, tempo simbólico, ultrapassa-o, eterniza-se – daí que os “Poemas do Ofício”, sendo de agora, pretendam a futuração humana através da apreensão – consciência do “homem substantivo | e definitivamente construído”.

Mas o poeta não se deixa conduzir por arroubos ou menor disciplina de contenção seja em visão ou linguagem – antes sua perspectiva restringe-se em certa humildade em relação do “hálito dêsse devir | que ainda não sabemos nomear”. Entretanto avança mais do que aqueles que não sabiam para onde ir, embora soubessem que não iriam por ali. J. Gonçalves de Oliveira é capaz – em amplitude conceitual – de sentir a situação nova, futura, situação exigindo novo tratamento embora dentro das realidades primeiras e essenciais do homem, e dirá, que é dizer dele próprio – “somos os primitivos de um tempo | partido nossa frente, o limiar | de um novo universo em formação”. Aí se fundamenta o compromisso, a sua posição de poeta em relação ao homem novo – “Amanheça será um tempo | onde os plurais cotidianos expulsarão as vidas domadas e sofridas | pelos dogmas, as fábulas e os mitos | amanhã e breve construiremos | o homem vaticínio dos humanos”. (NOVO OBJETO..., 21 de jul. de 1963, p. 5)

A necessidade de uma “crítica sincera”, longe das páginas dos jornais, visava, na maioria das vezes, uma reflexão que contribuísse com novos projetos, de livros ou reedições. O escritor Aluisio Inojosa escreveu a Virgínius comentando sobre um projeto de reedição da obra apreciada publicamente pelo crítico, como também se remetia a um novo livro, e

solicitava a sua contribuição. Na carta, Aluisio Inojosa se valia de uma rede para apresentar as suas credenciais e conseguir o seu intento:

Já havia lido o seu trabalho no “JORNAL DO COMMERCIO” quando recebi a sua carta acompanhada de um recorte do mesmo. Li e gostei muito. São dessas coisas que a gente não sabe agradecer porque dizer simplesmente um “muito obrigado” é dizer muito pouco ou quase nada. Mas, no momento, é só o que está ao meu alcance.

[...]

Agora, acho que já podemos conversar como amigos. E lá vai. Veja só a coincidência: já era programa meu refundir o livro que foi escrito às pressas, num período de três meses e, assim, impossível sair uma obra perfeita e completa. Sua carta, entretanto, traça um roteiro certo e seguro porque entre o desejo de refundir e a maneira como fazer, lá vai uma distância enorme. O amigo, realmente, me deu uma orientação valiosa, e, por isso, lá vai outro “muito obrigado”. Realmente, seguir o velho Machado e escrever uma coisa assim parecida com o “MEMORIAL DE AYRES”, aproveitando ainda mais uma parte do meu material ainda inédito e levando o livro para uma trezentas páginas, acho isso razoável, e é isso o que farei até o fim deste ano. Agora estou muito ocupado com a distribuição da “História de Um Caixeiro Viajante”, pelo Brasil inteiro. [...] Depois desse trabalho vou tratar do “Seu Zé da Pinguela”, livro de contos regionais e pedaços de vidas, para o qual desejo uma edição bonita, como também para o futuro MEMORIAL, ao cargo do imortal CLEOFAS DE OLIVEIRA, verdadeiro artista na arte de impressão. [...] O “SEU ZÉ DA PINGUELA” seguirá as pegadas do seu irmão e será distribuído, por mim mesmo, pelos quatro cantos do país através de uma rede de livrarias com as quais estou, ou melhor, estarei em comunicação. Meu ideal é fundar uma organização para distribuir meus próprios livros fugindo assim as garras dos editores. [...]

Vou abusar da amizade, digo abusar da bondade do amigo: junto lhe envio cópias de dois contos que devem figurar no “SEU ZÉ DA PINGUELA”. Desejo sua opinião sobre os mesmos. Devo dizer-lhe que não faço ficção. Regionalistas ou não, os meus contos são pedaços de vida, coisas que se passaram ou que podem se passar. Acho que a própria vida nos oferece motivos de sobra, motivos bonitos e trágicos, mas, de qualquer maneira, motivos. Contudo, trata-se de uma opinião pessoal; sei que há muitos adeptos do ficcionismo no Brasil que possui oito milhões de quilômetros quadrados e muitos quadrados também. (INOJOSA, A. [Carta] 7 de mar. de 1960, Recife [para] MELO, V. G. João Pessoa. 2f, p. 1.)

Pode-se entender, assim, que a produção do livro não é estanque e que as apropriações podem contribuir para as revisões que, por sua vez, trariam novas obras. O pedido foi reforçado em 23 de abril:

Na minha carta em apreço, enviei-lhe duas cópias de contos da coleção do “Seu Zé da Pinguela” pedindo a opinião do amigo sobre os mesmos, e ainda o convidei para uma reunião íntima, na minha residência, em companhia de alguns intelectuais da Província. Entretanto, não recebi sua resposta, por isso, é que volto hoje à sua presença para saber se recebeu ou não a referida

carta. (INOJOSA, A. [Carta] 23 de abr. de 1960, Recife [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f, p. 1.)

Virgínius constantemente era procurado na fase de produção dos livros. O debate se dava nas conversas informais nos bares, nas cartas, ou nos espaços institucionais ou formais do debate intelectual. As cartas constituíram espaço importante desse processo. O coronel Ademar Naziazeno foi uma dessas personagens que, ao se lançar na prática da escrita de livros, procurava a fala autorizada a fim de apreciação:

Orientado pelo Vladimir Carvalho, casado com uma minha sobrinha, a Maria do Socorro, é que venho a sua presença por intermédio desta carta a fim de lhe aborrecer um pouco, o que faço na minha linguagem pobre e sem vínculos literários. Sei que o senhor me perdoará.

Entendi de escrever alguma coisa que intitulei de “POLÍCIA MILITAR DA PARAÍBA – sua história”. Não é bem uma crítica que desejo da sua inteligente pessoa. Longe de mim a petulância de ser um letrado ao menos. O que escrevi foi na ânsia de atirar uma pedra para atingir um alvo até então sufocado de pressões visando o silêncio. Para tanto não tive orientação de nenhum historiador emérito. Mas de qualquer forma, creio que tudo é história. [...]

Por favor, meu caro Dr. Virgínius, leia as minhas bobagens. Se puder me ajudar, tanto melhor. Se achar tudo o que escrevi, sem valia, respeitarei o que afirmar, e então guardarei o “silêncio” a que acima me referi. (NAZIAZENO, A. [Carta] 4 de mai. de 1972, João Pessoa [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f, p. 1.)

O médico Sebastião Soares também se lançava na primeira publicação e, também por sugestão de um amigo, procurou Virgínius:

Sou Dr. Sebastião Soares do Conjunto Sanatorial Otávio de Freitas.

Pressionado pelas emoções do pretérito, escrevi um livro de memórias, em que depusitei todas as minhas saudades (refiro-me às traduzíveis em letras), ao qual denominei “Fernandes Vieira, 130”.

Há dias, conversando com Moacir (Dr. Moacir dos Anjos) ele me falou do seu nome, sobejamente conhecido, para dar impressões aos inúmeros leitores, através das suas maravilhosas crônicas.

Penitencio-me não ter partido de mim a lembrança, e aí está o livrinho nas suas mãos.

Fico na expectativa do seu pronunciamento. (SOARES, S. [Carta] 18 de jul. de 1960, Recife [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f, p. 1.)

Já o poeta Audálio Alves solicitava a leitura e sugestões enquanto poderia fazer retoques:

Envio-lhe afora os originais já revistos. O datilógrafo omitira dois poemas, nos originais anteriormente enviados.

Se achar ainda algum engano, ou tiver alguma sugestão, faça, pois ainda não recebi [ilegível] e poderei fazer ligeiros retoques. Peço que olhe bem para o fato de não ter abusado do jogo de palavras, e, em outros aspectos ter procurado mais o mistério do homem, como fato poético. (ALVES, A. [Carta] 11 de abr. de 1961, Recife [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f, p. 1.)

O exame da obra por parte de figuras renomadas era central dentro dos projetos de escritores que ainda tateavam no campo literário. Numa das cartas recebidas por Virgínius, percebe-se o significado dessa prática dentro do campo. O escritor confessava seus sentimentos em torno da apreciação feita por José Américo e deixava a entender que esperava uma nova leitura, dessa vez por Virgínius:

Hoje estou muito feliz, porque recebi uma carta de José Américo de Almeida, muito honrosa para quem vive perdido no interior, sem muitas qualidades literárias, ambiente e quase sem amizades, nesta área. Talvez queira você saber o que disse este “monstro sagrado” da Paraíba (também do Brasil).

Escreve José Américo: “O seu livro é obra de escritor já feito. Nada lhe falta para realizar o conto: o estilo contido e marcante, a faculdade de caracterização dos ambientes e das figuras, o interesse despertado logo de entrada.

Li-o sem interrupção logo que o recebi.

Pernambuco distribui homens de letras por todos os seus recantos, no seu caso com o poder de expressão que só se encontra nos grandes centros culturais.”

Duvidando sempre das minhas possibilidades literárias, penso que José Américo foi muito generoso, querendo estimular um escritor matuto. Está ele com mais de oitenta anos e nesta idade, há quase sempre uma reconciliação com o mundo e o coração amolece.

De volta de João Pessoa reli vários trechos do seu livro “Tempo de Vingança”. Estou muito contente com o nosso último contato, pois é motivo de orgulho para mim privar da sua amizade; da amizade de um romancista com a grandeza dos melhores escritores brasileiros. (Ilegível⁷⁷. [Carta] 5 de jul. de 1971, Catende Recife [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f, p. 1.)

O escritor terminava a carta colocando Virgínius numa nova posição na relação. Virgínius também passava do lugar de leitor para o de escritor que tinha suas obras lidas. Primeiro como escritor das colunas literárias e, a partir delas, a cobrança da publicação de um livro:

⁷⁷ A assinatura possui difícil compreensão. Porém, cruzando o local de onde a carta foi escrita, com uma breve pesquisa sobre os escritores da cidade de Catende, é possível supor que se trata de carta do escritor Pelópidas Soares (1922-2007), autor de *A outra e outros*, de 1971, ano da carta.

Escritor Virgínius da Gama e Melo:

Remeto-lhe um recorte do Jornal do Commercio com uma bonita crônica do Dr. Nilo Pereira sobre as atividades literárias do Sr., bem recebidas pelos leitores com os aplausos de sempre. Associando-me as palavras do Dr. Nilo, espero ver os seus artigos reunidos num livro que será bem acolhido pela crítica e festejado pelos seus admiradores nas letras. (CHACON, D. [Carta] 14 de abr. de 1961. Recife [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f, p. 1.)

Nesse processo também se valia do debate para repensar sua escrita. Essa cobrança dos seus pares e leitores contribuiu no seu projeto editorial. A publicação de seu primeiro livro, *O Alexandrino Olavo Bilac* (1966) foi louvado pelos seus pares. O prefácio, escrito pelo seu primo Juarez da Gama Batista, atendia à função de enaltecer a figura do autor. E as apreciações que se seguiram trataram de evidenciar as apropriações que, mesmo entre os pares mais próximos, ilustram a complexidade em torno das leituras de uma obra.

Ascendino Leite manifestou o seu entusiasmo com a leitura, que realizou sem descanso:

Recebi há dias seu livro sobre Bilac. Dele, já vinha tendo notícias através das colunas literárias em jornais do Rio e de S. Paulo. [...]

Abri-o, comecei a lê-lo. Só larguei no meio da noite, virada a última página: foi como se saísse de um embalo. Há tempos o processo crítico brasileiro não apresentava um impulso de análise tão hábil, tão justo, tão perfeitos nos alcances como o que você vasou n'O alexandrino Olavo Bilac. Eu tinha outras razões, além das afetivas, para me interessar pelo que você escrevera: é que andara a ler por aqui uns artigos meio bocas contra o glorioso poeta, artigos mergulhados numa tola presunção de sapiência e num pior método de comparação. Um desses artigos está referido n'O alexandrino; quando o vi citado aí, temi por você, mas ao fim do seu trabalho percebi que o meu querido crítico o desmontava a golpes de florete e doses de curare. Aludo a estrumeira que o apátrida Carpeaux pretendeu atirar sobre a obra do grande poeta parnasiano. [...] No mais, seu estudo foi assim como um giro completo em torno do mundo poético de Bilac, do qual você via e definia o essencial; eu não sei de outro mais lógico, mais adequado e, digo mesmo, mais necessário. (LEITE, A. [Carta] 30 de mai. de 1966, Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 2f, p. 1. Grifos do autor.)

A leitura de Ascendino Leite não apresentou discordância. Inclusive se apegou à obra de Virgínius para atacar o texto de Otto Maria Carpeaux. Já o escritor Eudes de Barros levantou alguns questionamentos sobre a obra, sem, contudo, desmerece-la, visto que se apegava ao fato da obra ser escrita por Virgínius:

Recebi e agradeço o exemplar, que me enviastes, do teu profundo e brilhante ensaio de análise e interpretação da poesia bilaquiana. Li-o. Reli-o. Meditei-o.

Com admirável propriedade de expressão, classificaste a volutuosidade lírica de Bilac de “um sensualismo estatutário”. É, com efeito, esse “sensualismo estatutário”, de “inspiração grega”, como dizes (Toynbee diria “helênica”, pois acha que “a Grécia viu outras civilizações, além da helênica, nascerem e morrerem”); é esse “sensualismo que se confunde com a Vida”, para usar ainda uma bela frase tua, que se irradia de poemas como “O Julgamento de Frinéia” e “Tentação de Xenócrates”.

[...]

Acho que devias ter esclarecido por que motivo adjetivastes Bilac de “alexandrino”. Quiseste, acaso, filiá-lo, num capricho recuo cronológico, àquela Poesia Alexandrina, da qual apenas sabemos que se caracterizava por excessos de refinamentos formais, de requintes e sutilezas de um estetismo de decadência? (BARROS, E. [Carta] 29 de abr. de 1966, Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f, p. 1.)

Barros continuava a questionar o termo, acreditando que a influência Hélade em Bilac seria de ordem temática, “inspiração daquelas civilizações” e concluía:

Perdoa, meu caro Virgínius, estes reparos tão impertinentes e superficiais, que nada significam em face do valor e do conteúdo do teu ensaio, o mais penetrante e sério até agora aparecido nos moldes e métodos da Nova Crítica. Desse novo instrumento crítico que sabes manejar como poucos em nossa atualidade literária. BARROS, E. [Carta] 29 de abr. de 1966, Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f, p. 1)

A leitura de Eudes se destacava justamente por adentrar o debate, dissecando alguns elementos da obra. Esse livro simbolizava sua tentativa de se firmar na crítica acadêmica, bem como selar sua consagração. Como primeiro livro, Virgínius passava a experienciar o outro lado da dinâmica. Não que já não tivesse a experiência da recepção de sua crítica e textos jornalísticos, mas com *O Alexandrino Olavo Bilac* passava a vivenciar a recepção de sua obra por outra perspectiva.

A recepção era tomada como etapa fundamental para firmar sua imagem num lugar central no campo literário e não se encerrava com a primeira obra. O lugar deveria ser defendido constantemente, principalmente ao se lançar em novas searas, como quando da publicação do seu primeiro romance, *Tempo de Vingança*, em 1972.

5.2 EDITORES E ESCRITORES

No ano de 1969 Virgínius da Gama e Melo recebeu o *Prêmio José Lins do Rêgo*, do Instituto Nacional do Livro, pelo romance *A Transformação*⁷⁸. Entre as diversas congratulações, Virgínius foi abordado ou recebia o retorno das editoras sobre a possibilidade de publicação do romance premiado.

Após o anúncio do prêmio, Virgínius passou a receber as respostas das editoras. Aguinaldo Silva, diretor editorial da *Coordenada – Editora de Brasília Ltda*, remeteu carta afirmando o interesse na publicação: “Prezado Senhor: / Por intermédio de Altimar Pimentel, nosso comum amigo e colaborador na direção de uma de nossas coleções, V.S. já foi consultado quanto lançamento de A Transformação por nossa editora. Ratificamos nesta ocasião o convite” (SILVA, A. Carta. 15 de jul. de 1969. Rio de Janeiro. Grifo do autor).

O romance era remetido com outros títulos, que depois foram discutidos com os editores. Apesar de seu nome e do romance ser premiado, Virgínius recorria a interlocução de seus pares, como Altimar Pimentel, José Condé e diretamente com os editores, com os quais já tinha relações devido à sua atividade de crítica literária e na divulgação das obras dessas editoras. Porém, Virgínius encontrou a negativa de algumas casas, que alegaram a impossibilidade de publicação no momento. Alcidio de Souza, diretor da *Edições Bloch*, manifestou não haver a possibilidade de empreender tal projeto:

Tendo o Sr. Urassy Benevides, Gerente de Vendas desta Editora, passado às nossas mãos a carta de V.S. lhe remeteu em 20 de novembro, propondo a edição de seu romance premiado e adiantando as condições para aquisição de certo número de exemplares, lamentamos ter de levar ao seu conhecimento que não nos achamos, presentemente, com possibilidades de editá-lo. Além de termos uma programação congestionada, que desde já absorve nossas metas de produção de 1970 e parte do ano seguinte, o mercado de livros didáticos, no qual entramos, utiliza a nossa capacidade de máquinas, até aqui relativamente folgada.

Sem mais para o momento, e agradecendo a gentileza de que fomos alvo com a preferência manifestada por V.S., firmamo-nos [...]. (SOUZA, A. M. [Carta] 2 de dez. de 1969. Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f, p. 1.)

Na resposta e no tratamento dispensado, entreveem-se alguns comportamentos presentes na lógica editorial. Virgínius inseria a sua obra na lógica mercadológica. A aura do romance premiado não bastava para a publicação. O autor ainda oferecia a contrapartida da aquisição de exemplares, o que minimizaria possível prejuízo, haja vista que o valor

⁷⁸ O prêmio recebido por Virgínius dizia respeito ao certame de 1968, que só foi divulgado no ano seguinte.

monetário estava na base da relação. Nesse processo, a obra passava a atender a lógica do mercado editorial e, ao ser atribuído o “valor de mercado”, configurava-se como um *bem simbólico*⁷⁹.

As décadas de 1960 e 1970 assistiram a consolidação de um mercado de *bens simbólicos* no Brasil (ORTIZ, 2001). No caso da *Edições Bloch*, a demanda dos livros didáticos sobrecarregava a produção. O grande número de publicações também justificou a negativa da *Livraria José Olympio Editora*. O diretor Adalardo Cunha tratou de comunicar o parecer a Virgínius:

Meu caro Virgínius

Há tempos escrevi a Você comunicando-lhe a impossibilidade em que estamos de pegar novos originais, pelo menos até que nos desobriguemos de cerca de 200 obras a serem publicadas, não se falando nas possíveis e necessárias reedições. Dizia-lhe, ainda, que os seus originais estavam aqui à sua disposição, pois temia mandá-los de volta a Você e o Correio extraviá-los.

Por que Você não tenta a Editora Sabiá, do Rubem Braga (Rua Toneleros, 191, casa 4 e 5 – Copacabana), ou a do Hermenegildo de Sá Cavalcanti, Gráfica Record Editora (Avenida Rio Branco, 113 – 18º andar – Centro)? Parece que eles estão mais folgados.

Até suas novas ordens [...]. (CUNHA, A. [Carta] 17 de dez. de 1969. Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f, p. 1.)

Virgínius já possuía uma estreita relação com os principais editores do país. Estava acostumado, ou melhor, inserido na lógica editorial como crítico literário que participava da promoção das obras lançadas pelas editoras. O que o fazia, inclusive, entender que era preciso flertar com várias editoras, haja vista as possibilidades de negativas. Porém, como escritor de ficção, era uma experiência nova. E dois elementos contribuíram para os contatos estabelecidos: o peso de seu nome e o fato do romance ter sido premiado. Mesclava-se o empenho pessoal de Virgínius, que tomava essa publicação como um projeto há muito almejado, cobrado e planejado.

⁷⁹ Sobre a construção do *bem simbólico* no campo de produção cultural, entende-se a constituição da obra, num processo relacional, a partir da proposição de Bourdieu: “O desenvolvimento do sistema produção de bens simbólicos [...] é paralelo a um processo de diferenciação cujo princípio reside na diversidade dos públicos aos quais as diferentes categorias de produtores destinam seus produtos, e cujas condições de possibilidade residem na própria natureza dos bens simbólicos. Estes constituem-se realidades com dupla face – mercadorias e significações –, cujo valor propriamente cultural e cujo valor mercantil subsistem relativamente independentes, mesmo nos casos em que a sanção econômica reafirma a consagração cultural. / No momento em que se constitui um mercado da obra de arte, os escritores e artistas têm a possibilidade de afirmar – por via do paradoxo aparente – ao mesmo tempo, em suas práticas e nas representações que possuem de sua prática, a irredutibilidade da obra de arte ao estatuto de simples mercadoria, e também, a singularidade da condição intelectual e artística”. (BOURDIEU, 2007, p. 102-103)

Em 4 de novembro de 1969 recebeu uma carta da *Editora Civilização Brasileira* manifestando o interesse na publicação da obra: “Caro Virgínius, bom dia! / Gostei do seu livro e vamos publicá-lo durante 1970, contando com sua garantia de venda de 500 exemplares dele ao Instituto Nacional do Livro e mais 200 aí pelas Paraíbas, onde v. é rei” (BRITO, M. S. [Carta] 4 de nov. de 1969. Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f, p. 1.). Ao comunicado seguia-se a solicitação de alguns dados, bem como já se manifestava a intervenção do editor na produção da obra:

Peço-lhe que me mande, com urgência, para aproveitamento publicitário, o seguinte material:

a – dados biográficos

b – sua intenção com o livro e uma síntese dele.

Escreva à vontade que aqui selecionaremos o material.

O romance é bom, denso e tenso. Mas acho o título pouco comercial. Veja se “bola” um de maior impacto de venda.

Num momento do livro, v. usa a palavra aloprado. Parece-me deslocada para a época do romance: já se usava esse vocábulo quando da morte de João Pessoa? (BRITO, M. S. [Carta] 4 de nov. de 1969. Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f, p. 1. Grifo do autor)

O diretor editorial Mário de Silva Brito, concluía a carta que tratava da obra de Virgínius, fazendo menção ao seu próprio livro: “Estou remetendo-lhe, pelo Correio, um exemplar do meu livro Ângulo e Horizonte. Se der ao trabalho de escrever sobre ele, envie-me um recorte para a Civilização, em meu nome. Com o abraço do seu velho admirador” (BRITO, M. S. [Carta] 4 de nov. de 1969. Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f, p. 1. Grifo do autor).

O editor aproveitava o ensejo para estabelecer uma troca de favores, mesmo que a relação estabelecida fosse profissional e circunscrita na lógica do mercado. Brito se valia do laço estabelecido e do renome do escritor para a divulgação de sua obra, conferindo, assim, prestígio para sua imagem e, possivelmente, para a editora⁸⁰. Virgínius não procurou, para a publicação do seu primeiro romance, as gráficas ou editoras locais, procurou editoras renomadas ou com certa projeção e encontrou a resposta positiva de uma das que ocupavam o centro do campo editorial. O seu romance foi um dos principais projetos de sua trajetória e

⁸⁰ Sobre o lugar ocupado pelas editoras e editores no campo de produção, Heloísa Pontes coloca: “No mundo editorial, o prestígio assim como o lucro – indício seguro da editora bem sucedida – são os mais cobiçados predicados. É por meio do prestígio que os editores se diferenciam do simples comerciante e do empresário. E mais: é através dele que os negócios editoriais parecem perder a sua dimensão ‘profana’, ganhando uma espécie de ‘aura’, que os demais empreendimentos empresariais dificilmente chegam a possuir um dia (a não ser em contextos sociais e políticos muito particulares)”. (PONTES, 1989, p. 379)

com ele procurava satisfação pessoal e prestígio perante seus pares, e a escolha da editora era crucial para esse intento.

O prestígio e a aura da editora e do escritor não impediam de que, no final das contas, prevalecesse o interesse do mercado. Apesar de manifestar preocupação quanto ao conteúdo, ou manter um “fundo ético” (VIEIRA, 1996), o editor colocava em primeiro plano as questões relativas ao mercado literário, como evitar um “título pouco comercial” e escolher um de “maior impacto de venda”, assim como uma boa apresentação do autor⁸¹.

Mário da Silva Brito voltou a escrever exatamente um mês depois, pois ainda não havia recebido o retorno de Virgínius, e já se adiantava em outras questões, inclusive contratuais:

Sem resposta, até agora, à carta que lhe enviei a 4 de novembro, e da qual lhe mando cópia em anexo, venho comunicar-lhe que programamos o seu romance para Maio de 1970.

Envio-lhe, também em anexo, o contrato de edição: v. ficará com a cópia e me mandará o original, devidamente assinado.

As provas serão cuidadosamente revistas aqui, por nós. Se v. quiser fazer alguma alteração no texto, terá que cuidar disso agora, pois nas provas é absolutamente impossível em virtude dos novos processos técnicos usados pelas gráficas que trabalham conosco. V. poderá fazer somente correções de gralhas, saltos, transposições de letras, pastéis, mas nós cuidaremos disso. Descontaremos dos seus direitos autorais os custos de revisão ortográfica dos originais, que são necessários, bem como os das provas.

Mando-lhe ainda, e igualmente em anexo, uma Ficha de Autor. Responda-me, por favor, aos dados que nela são solicitados. Esse material é indispensável para o preparo publicitário e outros trabalhos editoriais.

Programado para Maio, seu livro terá que ir para a Gráfica, impreterivelmente, até os primeiros dias de janeiro de 1970. Assim, cuide de me mandar novo original, se for o caso, dentro do prazo previsto, ou então, um rol de eventuais correções que deseja fazer neles, que as passaremos para o texto em meu poder. Remeta-me, ainda, uma lista de títulos que tenha pensado [sic] para substituir esse que v. deu: A Transformação. (BRITO, M. S. [Carta] 4 de dez.. de 1969. Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f, p. 1. Grifo do autor)

Brito, percebendo o atrasado no processo de edição do livro, já buscava ditar o ritmo dessa etapa para que Virgínius se adequasse, visto a programação de lançamento. Virgínius respondeu a carta buscando refletir sobre as possibilidades de título:

⁸¹ Para Bourdieu (1996c), essa lógica pode ser denominada de “modos de produção cultural”, na qual a atividade editorial aproxima o setor econômico do campo literário. Uma articulação entre o que também é chamado de “arte pura” e “arte comercial”, de um lado o fundo ético em torno da criação da obra literária e de outro os interesses comerciais imediatos.

Meu caro Mário da Silva Brito:

Recebi sua carta. E o que é melhor – recebi “Ângulo e Horizonte”. Houve uma terrível demora do Correio. Mas afinal já estou com ele ao meu lado.

Mando-lhe uma outra série de sugestões de títulos para o livro.

O resumo do livro indica dois ângulos que podem servir para o título. Primeiro, ele começa e termina com o menino assistindo os acontecimentos, dos quais é vítima e testemunha ao mesmo tempo, principalmente testemunha, em virtude da idade mental que não o faz entender completamente os fatos. O título poderia partir dessa criança, de sua significação como vítima da violência.

O outro ângulo é o delírio coletivo, a sede de vingança, a caça e o saque contra os adversários do presidente assinado.

Nesse ângulo principalmente a transformação do ser individual, da normalidade da vida anterior subitamente alterada, levando ao grande movimento de massa, absorvendo o indivíduo. Todos fazem o que jamais fariam isoladamente.

Encontro agora um verso de Mario Faustino que poderia servir de título para o livro – “Continente de Medo”. É, de fato, o que assalta os personagens, o medo.

O restante das informações mandarei logo. Não o fiz antes em virtude de doença e outras complicações.

Gostaria que você atentasse para o título – “Ódio em Flor e Vento” – estranho, mas o que significam bem e ódio desabrochado e estendendo-se. (MELO, V. G. [Carta] 15 de jan. de 1970. João Pessoa [para] BRITO, M. S. Rio de Janeiro. 1f, p. 1).

Em anexo seguiu uma lista com sugestões de “títulos possíveis”: A cidade tresloucada; Sangue do tempo; O barro no coração; Os Deuses do Acaso; Trágico amanhecer; As vítimas assassinas; Ninguém salva o coronel; Revanche selvagem; A estrada da angústia; Ódio em flor e vento; O tributo do tempo; A hora nua; O presidente morreu logo; Aconteceu em 26 de julho; A cidade emboscada; Tempo de matar; Aurora do ódio; Ar de dois gumes; Todos para matar; As consciências secretas; A safra do ódio; Continente do medo; Estrada das angústias.

Enquanto Virgínius discorria sobre os elementos da obra, as respostas de Mário Brito eram cada vez mais pragmáticas. A data de envio dos originais para a gráfica se aproximava e o editor necessitava de diversas informações:

Caro Virgínius, bom dia!

Peço-lhe que me remeta, agora com urgência, os dados que lhe pedi em carta anterior, constantes da ficha de autor. Por via das dúvidas, mando-lhe outra via da aludida ficha.

Seu livro entrará logo em produção e preciso dos dados antes de remeter os originais para a oficina. (BRITO, M. S. [Carta] 16 de jan.. de 1970. Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f, p. 1.)

Entre as informações solicitadas estavam “dados biográficos”, “bibliografia” de sua autoria e “informações sobre a obra ora entregue” àquela editora: resumo, opinião do autor

sobre aspectos que considerava mais importantes, indicação de público e localidade alvo, indicação de trechos que despertassem o interesse das revistas e publicações literárias, indicações de críticos e comentaristas que tanto pudessem apreciar a obra, quanto pudessem falar sobre o autor, nomes e endereços de pessoas a serem convidadas para o lançamento da obra, relação de jornais, revistas e outros meios de comunicação e instituições que poderiam adquirir exemplares do livro.

Virgínius remeteu os dados solicitados no dia 22 de janeiro. Na carta, tratou de levantar algumas questões sobre os nomes que ajudariam a promover a obra:

Seguem informações pedidas, a ficha do Autor. Tentei responder o melhor possível. Alguma coisa não entendi bem. Mas aí vai o resultado. Fiz como me aconselhou – escrever sem receio.

Na questão de indicação dos críticos e comentaristas, não estou bem atualizado do nome deles, dos que estão atuando, no país. Acredito que a Editora esteja melhor informada.

Há também o pessoal de literatura, amigo nosso, que não escreve obrigatoriamente, mas que poderá escrever sobre nosso livro. Alguns foram indicados, mas muitos ficaram de fóra [sic].

Como também ficaram de fora muitas pessoas para convites – paraibanos ilustres e outros amigos que podem trabalhar pelo livro no Rio. Mandarei carta mais completa.

Só indiquei gente do Rio mas gostaria de saber se podia indicar outros nomes dos Estados para serem convidados – eles gostam disso.

Podemos interessar bastante gente. Depois lhe mandarei dizer. Quando já tivermos alguma coisa mais sólida.

O título, ainda indeciso. Pense numa variante de “Continente do Medo”, que seria “Medo Continente”. Espero sua palavra. Enquanto isso, pesquiso. (MELO, V. G. [Carta] 22 de jan. de 1970, João Pessoa [para] BRITO, M. S. Rio de Janeiro. 2f, p. 1. Grifo nosso)

Chama atenção, entre outras questões, o fato de Virgínius tratar a obra como um empreendimento conjunto. O livro em sua materialidade, era visto como fruto do trabalho do escritor e do editor. Inclusive, Virgínius deu liberdade para Brito pensar no título.

Nesse percurso, atenta-se para as condições sociais de produção da obra literário, percebendo a participação de diferentes atores, inclusive seus pares que ajudavam nas articulações junto às editoras e na divulgação da empreitada. Logo após o primeiro contato com o editor, Virgínius recebeu o comunicado de José Condé: “Meu caro Virgínius: como já deve ser de seu conhecimento, a Civilização incluiu seu romance na programação de 1970. Não lhe escrevi antes porque o Mário da Silva Brito me disse que ele próprio ia fazê-lo imediatamente. Parabéns. Vamos agora fazer a badalação” (CONDÉ, J. [Carta] 26 de nov. de 1969, Rio de Janeiro Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 2f, p. 1). No mês seguinte já

anunciava no Correio da Manhã o projeto de Virgínius: “Mário da Silva Brito, em carta ao romancista Virgínius da Gama e Melo confirma que seu livro *A Transformação* será um dos primeiros lançamentos da Civilização Brasileira, em 70” (TRANSFORMAÇÃO, 70..., 27 de dez. de 1969, p. 4).

No mesmo dia, Ascendino Leite remetia carta à Virgínius na qual comentava ter lido a notícia sobre a publicação:

Li hoje na coluna social, creio que do “Jornal do Brasil” uma nota em que se afirmava haver o Mario da Silva Brito lhe escrito a anunciar que seu romance “*A Transformação*” será um dos primeiros lançamentos da Civilização em 70. Ótimo. Vou torcer para que tal aconteça! Antes, mande-me dizer o que há a respeito. (LEITE, A. [Carta] 27 de dez. de 1969. Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f, p. 1.)

Enquanto a “badalação” era iniciada, o editor e Virgínius mantinham contato no processo de edição do livro. No dia 27 de janeiro, Brito já enviara a escolha do título, que, por sinal, não figurou entre os sugeridos por Virgínius, e reforçava o pedido dos dados: “Optamos pelo título Tempo de Vingança, que calha bem à obra e tem impacto junto ao público. / Mande-me os dados que lhe pedi, Virgínius. Mande-os agora, neste minuto: ponha o papel na máquina e solte o verbo” (BRITO, M. S. [Carta] 27 de jan. de 1970, Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f, p. 1. Grifo do autor).

No dia 4 de fevereiro, remeteu carta apresentando algumas informações que figurariam no livro e no material publicitário:

Estou remetendo-lhe cópia da orelha e da quarta de capa para o seu livro Tempo de Vingança, que já entrou em diagramação e irá, dentro de poucos dias, para a oficina, entrando assim em pleno processo de produção. A orelha e mais foram feitos com base na minha leitura e releitura e, ainda, apoiado nas suas excelentes notas para a Ficha do Autor. Se tiver alguma crítica a fazer-lhe, faça-a logo, pois o livro anda transitando celeremente pelo nosso Departamento Editorial. (BRITO, M. S. [Carta] 4 de fev. de 1970, Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f, p. 1. Grifos do autor.)

Brito ainda tratou de outros assuntos que nada tinham haver com a publicação de *Tempo de Vingança*. No dia 9 de fevereiro de 1970, Virgínius manifestou sua satisfação com o título escolhido e comentava algumas escolhas feitas pelo editor, entre elas, evitar apresentar sua idade, pois isso representaria um início tardio nessa seara literária. Em sua resposta:

Meu caro Mário de Silva Brito:

Recebi sua carta e as cópias do material publicitário do livro.

Achei muito boa a escolha do título – “Tempo de Vingança”. É o melhor, sem dúvida.

Como você me pede que dê opinião a respeito das notas, esclareço que as achei excelentes, apenas teria dois reparos a fazer, que envolvem aliás o sentido publicitário dos mesmos.

A primeira é sobre a indicação expressa do local e da época do romance, no caso João Pessoa e uma cidade do interior, na noite do assassinato de João Pessoa no Recife, é como diz a nota.

Não sei – e fica a seu critério, como sempre, a seleção – mas tenho a impressão, em virtude do local pequeno e daquele assassinato, ocorrido há tempos, não ter mais repercussão, um fato histórico apenas, que essa fórmula não tem impacto emocional.

Tenho a impressão que a coisa poderia ser deixada de modo vago, digamos “Um romance político e de massas que transcorre num Estado, – na capital e numa cidade de interior – na noite do assassinato de seu presidente”.

As sugestões, nessa hipótese, seriam mais amplas, com relação ao público. (MELO, V. G. [Carta] 9 de fev. de 1970, João Pessoa [para] BRITO, M. S. Rio de Janeiro. 2f, p. 1. Grifo nosso)

Em 27 de fevereiro Brito noticiava as mudanças feitas na orelha do livro, que visaram atender, até certo ponto, as sugestões de Virgínius, como também justificava as suas escolhas com base no seu conhecimento do mercado editorial:

Cortei das orelhas a data do seu nascimento e inclui Campinas Grande no trecho indicado por você.

Mas deixei referências ao assassinato de João Pessoa e aos locais onde o romance se passa. É que na orelha se diz que você transcendeu o fato histórico, e este, apesar dos anos decorridos, ainda está presente na memória de muitos. Além do mais, o público gosta de saber o cenário das histórias que lê e de localizar no tempo os acontecimentos que nelas se desenvolvem. BRITO, M. S. [Carta] 27 de jan. de 1970, Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f, p. 1. Grifos do autor)

Como resultado final, Brito redigiu, a partir dos textos de Virgínius, as orelhas do livro e o texto de contracapa, tomando alguns elementos como forma de despertar o interesse do público:

Um Romance Político e de Massas

[...] Romance político e de massas, de grupos sociais definidos e em conflito, *Tempo de Vingança* transcorre na Paraíba – na capital e numa cidade do interior – na noite do assassinato do Presidente do Estado, João Pessoa, no Recife. Em termos de ficção, Virgínius da Gama e Melo reconstitui o que foram os entrechoques, violências e loucuras, decorridos durante uma noite e parte do dia, entre os *perrés* e dos liberais.

Mas o autor transcende e transfigura esse núcleo histórico – importante e fundamental, porque deflagra as forças selvagens dos ódios, ressentimentos e

frustrações. O que busca, na verdade, ao construir o seu universo de ficção, é situar uma perspectiva humana – aquela que separa o homem-indivíduo do homem-massa.

Dentro dessa atmosfera de pânico, medo, violência, crueldade e até furor – em que uns caçam e outros são caçados – desenrolam-se os dramas menores, pessoais e íntimos, todos, porém, ligados ou interligados à tragédia maior [...].

Romance denso, tenso, vibrante, de enredo absorvente, de empolgante realismo e translúcida verdade, *Tempo de Vingança* vale-se de uma linguagem comunicativa, além de fiel ao tempo e ao cenário regional.

Virgínius da Gama e Melo é mais do que um valor novo. É a revelação de um poder criativo, de uma força do romance nordestino, que com ele trilha inesperado e sugestivo caminho. (BRITO, 1970, Orelha de livro)

O texto das orelhas do livro, assinado por Mário da Silva Brito e elaborado em conjunto com Virgínius, selava o papel do editor nessa relação, de ser um *criador de autores*. Apesar de Virgínius se configurar como um autor consagrado no campo literário, ao se colocar nesse novo projeto, o escritor se lançava num novo percurso visando uma “nova consagração”. Nesse processo, o editor atuou na seleção desse aspirante a romancista, promoveu e ditou as regras da relação entre editora e escritor, durante a edição do livro e, nessa etapa de divulgação do livro, também estabelecia uma ligação entre o escritor e o seu público leitor.

Virgínius ainda redigiu alguns textos tratando de apresentar a obra e o autor. Contudo, não é possível afirmar qual deles foi enviado ao editor nesse momento do processo editorial ou, posteriormente, para a imprensa. Tratava de anunciar a obra envolvendo-a

A Editora Civilização Brasileira acaba de lançar o romance “Tempo de Vingança”, de Virgínius da Gama e Melo, que obteve em 1968, o Prêmio José Lins do Rêgo, do Instituto Nacional do Livro.

O primitivo título do romance, com que o concorrente obteve o Prêmio, era o “A Transformação”. O título justificava-se pelo assunto do romance – a transformação de uma população inteira, em virtude do assassinato do presidente do Estado, que se divide em dois grupos. Um grupo que persegue e outro que é perseguido. [...]

Localiza-se a ação na Paraíba, na capital e numa cidade do interior. Apenas uma noite e uma parte da manhã seguinte dura a ação do romance que parte de um fato histórico – o assassinato, no Recife, do presidente da Paraíba, João Pessoa, em 26 de julho de 1930. Era o candidato a vice-presidente da República recentemente derrotado nas urnas, ao lado de Getúlio Vargas, candidato a presidente. Foi o estopim para a Revolução de 1930. (MELO, V. G. [Carta] Sem data, João Pessoa [para] BRITO, M. S. Rio de Janeiro. 2f, p. 1.)

A carta ainda tratava de apresentar o autor, sua trajetória intelectual e, posteriormente, traçar um paralelo entre o autor e a temática da obra: “descendente de família política, tanto pelo lado materno quanto pelo lado paterno, Virgínius da Gama e Melo, desde cedo, viu-se

envolvido pelos acontecimentos de sua terra. Desse fundo atávico, emocional, é que surge a sua ficção” (MELO, V. G. [Carta] Sem data, João Pessoa [para] BRITO, M. S. Rio de Janeiro. 2f, p. 1).

Percebe-se que o projeto demandava, inclusive, um novo olhar sobre si, condizendo com aquele momento e que justificaria a relação do autor com o tema da sua obra. No caso específico, a biografia do autor estaria intrinsecamente ligada à história política local.

Outro elemento importante que aparece nas orelhas, contracapa, bem como na divulgação na imprensa, é a filiação do autor a uma tradição do romance nordestino. A contracapa apresentava a obra nos seguintes termos: “Tempo de Vingança trilha a tradição do romance nordestino, abrindo-lhe, porém uma nova linha de estrutura e conteúdo”. Também Agripino Grieco, no *Correio da Manhã*, divulgava a publicação fazendo essa correlação:

Virgínius da Gama e Melo escreveu **Tempo de Vingança** e ganhou o Prêmio José Lins do Rêgo do Instituto Nacional do Livro. O romance conta as repercussões do assassinato de João Pessoa em 1930. Enquanto conta, modifica por completo a estrutura do romance nordestino a que todos já estão habituados. A novidade é da Civilização Brasileira. (JOSÉ LINS..., 25 de jun. de 1970, p. 4. Grifo do autor.)

Na mesma edição do *Correio da Manhã*, na coluna “Livros”, Edilberto Coutinho noticiou o lançamento do livro com o artigo intitulado “Um romance de massa sem ‘slogan’”:

Tempo de Vingança, de Virgínius da Gama e Melo, premiado pelo *Instituto Nacional do Livro* e que acaba de sair dos prelos da *Editora Civilização Brasileira*, é um romance de massa sem “slogan” ideológico. A violência procura mais que a exaltação justificativa. Ela quer se exercer em nome de objetivos mais amplos. Paradoxalmente, talvez, o romancista nordestino de 70 fez mais da violência ecológica do que seus antecessores, os romancistas nordestinos dos anos 30: sua violência abençoou-se. É uma violência que reza, que se dirige a Deus. Os homens espancam, incendeiam, assassinam. E rezam nas igrejas, rezam nas praças, nas mesmas praças onde espancam. Espancam e rezam.

[...]

Mário da Silva tem razão em situar Virgínius da Gama e Melo como renovador do romance nordestino, que com ele trilha inesperado e sugestivo caminho. Fiel ao tempo e ao cenário regional, sim; mas alcança o universal, fugindo ao regionalismo menor, simplesmente pitoresco. Perfeita adequação da linguagem ao tema, e a superação de “fórmulas”, eis as principais qualidades desse livro, de raro vigor no quadro da moderna literatura de ficção. (UM ROMANCE DE MASSA... *Correio da Manhã*, 26 de jun. de 1970. Rio de Janeiro, p. 6. Grifos do autor.)

O artigo ainda trouxe uma fotografia do escritor. A publicação foi fruto do pedido de Edilberto Coutinho, que enviou carta falando da intenção e solicitando dados sobre o autor:

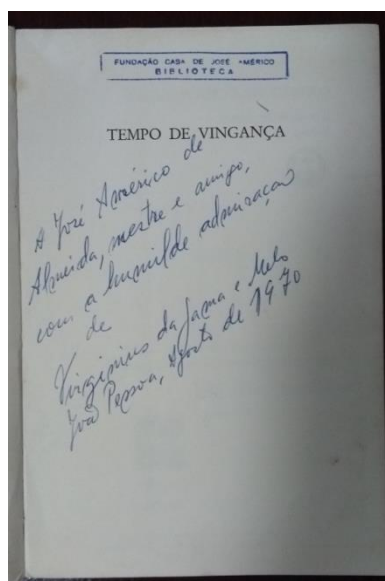
Meu caro Virgínius = senti não ter termos convivido mais aqui no Rio. Quero fazer matéria extra-coluna sobre você, aproveitando o lançamento do seu romance (que ainda não recebi). Mande depoimento de umas três laudas (você, o seu romance, a ficção brasileira, a crítica, hoje – o que achar bom falar) que transformarei em reportagem, aqui para o Correio. (COUTINHO, E. [Carta] 29 de mai. de 1970, Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f, p. 1.. Grifos do autor.)

Virgínius atendeu ao pedido em carta de 18 de junho, que continha os dados da premiação que recebeu referente ao romance, discussão sobre literatura e o retrato que compôs o artigo. Como essa, o escritor remetia inúmeras cartas solicitando a divulgação da obra.

Levando em consideração essa constante, supõe que essa filiação compunha os dados distribuídos no material de divulgação da editora e do próprio autor, o que demonstra como Virgínius se apropriou do seu primeiro romance para se filiar à tradição do “romance nordestino”, tema tão caro a sua trajetória intelectual.

Virgínius remeteu vários exemplares àqueles que compunham suas redes de sociabilidade. Em contrapartida esperava a apreciação da obra e, daqueles que tinham essa função, a divulgação na imprensa. Entre as apreciações, estava a de José Américo, que recebeu o livro com dedicatória do autor:

Figura 19 – Fotografia da página do livro *Tempo de Vingança* com dedicatória a José Américo de Almeida.



Fonte: Biblioteca de José Américo de Almeida/FCJA.

José Américo remeteu sua apreciação dias depois de ter recebido o livro e cumpria o papel de elogiar o amigo escritor:

Lendo TEMPO DE VINGANÇA, compreendi o seu sucesso. É uma construção novíssima. Direi melhor: é uma criação. Desenhou-se um clima de primarismo social e político com perfeita caracterização de ambientes e processos. Em planos sucessivos, pintou-se a atmosfera que prima pela sua familiaridade com sentimentos e costumes do cenário. Aí intervém a mão do mestre para a movimentação de um estado de espírito explosivo. Dá-se então o impacto com a deflagração de todos os instintos. O que era individual torna-se coletivo. As multidões deliram.

Foi assim que vi tudo, supondo que estava interpretando suas intenções.

O maior segredo, porém, é a elaboração de uma consciência estética que se apurou na análise.

Cordialmente. (Almeida, J. A. [Carta] 7 de ago. de 1970, João Pessoa [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f, p. 1.)

Consagrado como romancista pelos seus pares a partir do livro *Tempo de Vingança*, Virgínius logo empreendeu um novo projeto. Em 1971 entrou em contato novamente com a *Editora Civilização Brasileira* para publicar um novo romance, premiado pela Academia Paulista de Letras e intitulado *A Campanha*. O primeiro contato estabelecido pelo editor tratava de justificar a falta de comunicação e garantir a leitura:

Estou em involuntária falta com você. Causa: fui operado, tive um pós-operatório muito complicado; na verdade, só há coisa de um mês para cá venho podendo trabalhar com alguma eficiência.

Você acertou: não tive condições, até agora, de ler o original do seu romance premiado pela Academia Paulista. Além dos meus problemas pessoais, a Editora atravessou período de dificuldades – mudança a toque de caixa da 7 de Setembro, por intimação da Sursan, que via perigo de desabamento do prédio onde estávamos instalados, e a concordata de uma gráfica em São Paulo, que detinha a maioria da produção. Também por isso seus originais ainda não foram lidos. Felizmente estavam em minha casa na hora da atabalhoada mudança. Prometo lê-los nos primeiros dias de 72, pois neste final de ano não dá pé, em virtude da afobação com que se trabalha para o lançamento dos livros da temporada. (BRITO, M. S. [Carta] 21 de dez. de 1971, Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f, p. 1)

A resposta de Mário da Silva Brito com sua apreciação chegou no início de fevereiro:

Caro Virgínius, bom dia!

Acabei de ler o seu romance *A Campanha*, que obteve menção honrosa em concurso da Academia Paulista de Letras. Gostei dele como tema. V. tem a

bossa do romance que trata costumes políticos e a tensão que as lutas de facções partidárias provocam. Creio, no entanto, que tem condições de tornar esse novo romance obra de maior impacto e emoção, concentrando a narrativa e expungindo-a de algumas repetições que tornam a leitura às vezes fatigante. Em certos momentos, você descreve uma dada situação e, logo em seguida, um personagem torna a conta-la, praticamente até com as mesmas palavras do narrador. As cenas que expõem o cotidiano do chefe político, acredito que poderiam ser sintetizadas pelo romancista, de modo a dar-lhes maior eficácia como leitura, ganhando a ficção, pela economia de linguagem e de composição, maior realidade ou realismo artístico. (BRITO, M. S. [Carta] 9 de fev. de 1972, Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 2f, p. 1.)

O editor justificava seu parecer tentando amenizá-lo creditando qualidades a Virgínius. Porém, não titubeou em dizer que a obra só poderia ser pensada para publicação mediante uma revisão. Brito também colocava as questões de financiamento que precisava ser buscado junto ao Instituto Nacional do Livro⁸² e, nesse sentido, era preciso atentar para algumas questões conflituosas:

Estou sendo franco com você, por seu amigo e admira-lo. Daí esses reparos. Penso também que – agora que já se passou algum tempo entre o ato de escrever e o texto romanesco, do qual está se beneficiando por esse distanciamento – você gostaria de dar um polimento final à obra, trabalhando-a com a agudeza crítica de que, felizmente, é tão bem dotado.

[...]

Examinando o romance do ângulo editorial, devo dizer-lhe que, no momento, a Civilização só poderia publica-lo mediante convênio com o INL, como já lhe havia esclarecido quando por aqui esteve. Ora, o INL tem lá suas limitações de ordem moral. Assim, aconselho-o a reelaborar certas cenas de enraçamento [sic] e de conteúdo sexual mais forte para não haver recusas sob o pretexto de que o romance é imoral ou amoral – coisa que nem de longe é, mas vão dizer que é, na certa. Aliás, você mesmo me observou em carta que esses trechos poderiam ser modificados sem prejuízo da integridade da obra.

Por tudo isso, devolvo-lhe os originais do romance. Por outro lado, fico aguardando, interessado, a sua releitura e, possivelmente, até uma nova versão dele, para então poder entabular negociações com o INL. (BRITO, M. S. [Carta] 9 de fev. de 1972, Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 2f, p. 1-2.)

A apreciação do novo texto por parte do editor revelava a existência de lógicas distintas entre os concursos literários e o mercado editorial. Em ambos as redes e o “nome próprio” pesam. Porém, na apreciação pelo editor pesa a lógica mercantil.

⁸² Sobre o mercado editorial e a relação com o Estado no contexto do regime militar, ver: GALUCIO, Andréa Lemos Xavier. Civilização Brasileira e Brasiliense: trajetórias editoriais, empresários e militância política. Tese de doutorado. Niterói: Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal Fluminense, 2009.

Brito ainda colocava que a possibilidade de publicação dependia do financiamento junto ao Instituto Nacional do Livro. O INL, fundado em 1937, assumiu, durante o regime militar, o caráter subsidiário, financiando parte dos custos da publicação de livros, numa política de coedições e, no acordo estabelecido com as editoras, estas últimas assumindo o papel de intermediar a relação entre autores e o Instituto. O INL não intervinha na política editorial, mas diretamente na obra. Por meio de pareceres determinava o financiamento ou o veto a tal subsídio. Segundo Oiticica, “o Estado praticamente renuncia à iniciativa editorial e subsidia o setor privado, reservando-se o poder de veto” (Apud GALUCIO, 2009, p. 94). Daí decorria a preocupação com temas que pudessem levar a um parecer negativo.

Essa passagem ilustra a relação complexa da trajetória da *Editora Civilização Brasileira* durante o regime militar. Apesar do posicionamento de seu diretor Ênio da Silveira, e outros editores, de oposição ao regime, havia a relação institucional com o Estado, mantido os acordos de veto por parte do INL, bem como os projetos editoriais com escritores política e ideologicamente opositores. Tal comportamento revela as relações e a relativa autonomia entre os campos político, econômico e de produção cultural.

O projeto de publicação do romance *A Campanha* não foi concluído durante a sua vida. Seu segundo romance só foi publicado em 1975, após a sua morte, pela *Livraria José Olympio Editora*, em coedição com o INL, com o título de *A Vítima Geral*. Na orelha do livro ficou a homenagem da editora ao escritor. O texto, fazia menção ao falecimento do escritor, e apresentava-o com a tônica que perpassou os necrológicos, homenagens e biografias:

COM o falecimento em agosto último, em João Pessoa, do escritor Virgínius da Gama e Melo interrompeu-se um intenso e profícuo labor intelectual que se espalhava por um largo campo de atividades. Da crítica literária à ficção, do jornalismo ao magistério transitava incessantemente o espírito inquieto e perquiridor desse autêntico homem de letras. Sua dedicação à literatura só foi igualada pelo apego à província natal, da qual nunca se afastou, nem mesmo quando a justa e merecida notoriedade alcançada pelos trabalhos publicados nos periódicos de maior prestígio do país lhe acenava com possibilidade de transferência para centros mais adiantados. Insenso às frivolidades da chamada “vida literária”, ele fez, no entanto, da literatura a razão de ser da sua vida. [...] Os que o conheceram pessoalmente são unânimes em proclamar essa função pedagógica de sua múltipla atividade entre os seus conterrâneos, a que a boemia acrescentava um traço de generosa convivência humana.

Verdade é que para a grande maioria dos leitores seu nome evocará hoje principalmente o crítico militante, o profícuo e infatigável colaborador de suplementos literários e revistas de cultura [...]. Mas Virgínius da Gama e Melo foi também um romancista por direito próprio. [...] Neste forte e denso *A Vítima Geral*, que se inscreve na corrente do romance social contemporâneo, encontramos um narrador vigoroso, que com extrema

economia de meios conduz com segurança o seu relato. Da leitura fica a certeza de que muito ainda poderia dar de si esse escritor que morte levou aos 52 anos, ainda em plena fermentação criadora. (A Vítima Geral, 1972, Orelha do livro)

As credenciais do escritor e o texto consagrador serviam assumiam o papel de apresentar a obra. Ou seja, tanto prestava-se uma homenagem, quanto se divulgava o livro a partir do “nome próprio” de Virgínius.

O único registro encontrado das tratativas entre a *José Olympio* e o escritor, ou melhor, sua família, na pessoa da senhora Maria da Conceição da Gama e Melo, datam de 1981 e tratava dos direitos autorais da obra, numa carta assinada por Luiz Carvalho:

Prezada Senhora

REF: PREST. CONTAS DIREITOS AUTORIAIS/CHEQUE

Anexo à presente estamos remetendo a prest. de contas relativas aos direitos autorais do livro A VÍTIMA GERAL (Virgínius da Gama e Melo) acompanhada do cheque nº 983847 – visado c/o Bradesco – no valor de cr\$ 549,10.

Solicitamos de V.S. o obséquio de nos devolver a via rosa da demonstração devidamente assinada para nosso controle. (CARVALHO, L. [Carta] 15 de abr. de 1981, Rio de Janeiro [para] MELO, M. C. G. João Pessoa. 1f, p. 1.)

Porém, em vida ainda se envolveu em outros projetos editoriais. Em 1975 recebeu convite da editora Claudia Martins, da *Editora McGraw-Hill do Brasil*, para integrar uma coletânea sobre Graciliano Ramos:

Prezado Senhor,

A Editora McGraw-Hill do Brasil, Ltda., em colaboração com o Professor Afrânio Coutinho está preparando uma série de textos críticos sobre Literatura Brasileira, da qual faz parte um volume sobre Graciliano Ramos.

Neste livro seria importante aparecer o artigo “O Humorismo Incidente de Graciliano Ramos”, de sua autoria. Desta maneira estamos solicitando a V.Sa. a permissão para reproduzir tal material, já que enriqueceria sobremaneira o trabalho.

Esperamos que este consentimento chegue às nossas mãos o mais breve possível, para que possamos publicar a obra ainda este ano e assim contribuir para nossa bibliografia em língua portuguesa.

Possivelmente esse convite surpreendeu Virgínius, visto o artigo supracitado foi publicado em 1955 no *Jornal do Comércio* e, vinte anos depois era sondado para publicar numa coletânea.

Foi por meio da crítica literária que Virgínius estabeleceu os primeiros contatos com o mercado editorial. Refletia sobre o mercado, como também escrevia notas sobre as

publicações. No final da década de 1950 e início dos anos 1960, Virgínius passou a remeter os recortes de suas colunas, contendo as notas sobre as obras, para as editoras e livreiros, e passou a receber o retorno das mesmas. Um dos primeiros contatos se deu com a *Livraria Rodolpho Coutinho* que havia lhe enviado livros e sobre um deles Virgínius publicou uma nota. Sávio Antunes tratou de escrever comunicando o recebimento do material enviado, demonstrando conhecimento do trabalho do crítico e informando sobre as obras do catálogo:

Prezado senhor

Acuso recebimento de sua carta de 14 do corrente. Agradeço sua atenção em mandar-me o recorte de seu artigo sobre “O vale dos cataventos”, publicado no “Jornal do Comércio” [sic] (Recife).

Já havia lido o seu trabalho. O Fagundes de Menezes, presentemente no Recife, dirigindo o “Correio do Povo” [...], mandara-me um recorte, para ser encaminhado ao José Condé com um pedido para republicação no “Correio da Manhã”.

“O vale dos cataventos” foi o segundo livro que lhe mandamos. O primeiro foi “Manuscrito holandês ou A peleja do caboclo Mitavaí com o monstro Macobeba”, de M. Cavalcanti Proença. [...]

Recebeu o “Manuscrito holandês”? Gostaríamos que este livro merecesse a sua apreciação crítica. Reputamos – talvez um pouco por corujismo – ter, com o lançamento do romance de M. Cavalcanti Proença, revelado um ficcionista e publicado um dos livros mais importantes dos últimos tempos no Brasil.

Nas orelhas de “O vale dos cataventos” estão enumerados todos os livros anteriormente publicados pela nossa editora. Queira apontar-nos quais os que tem interesse em receber. (ANTUNES, S. [Carta] 23 de jun. de 1960, Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f, p. 1.)

A busca em estabelecer um laço com o crítico era evidenciada no oferecimento de outras obras. Tal fato também revela o interesse mercadológico em promover o seu catálogo. Além do papel do editor em promover o escritor e sua obra.

No dia 1º de julho de 1964, Virgínius publicou na coluna Literatura e Vida, do jornal A União, uma nota sobre o livro publicado pela Companhia Melhoramentos de São Paulo que, posteriormente, foi remetida para a editora: “Ainda agora é publicado o romance ‘Grotão do Café Amarelo’, de Francisco Marins, pela Edições Melhoramentos, em grande parte baseado numa ‘incelência’ regional sulina (note-se a diferença ortográfica)” (LITERATURA E..., 1 de jul. de 1964, p. 6)

Virgínius inseriu essa divulgação numa discussão sobre a peça “A Incelença”, de Luiz Marinho, e sobre as práticas de velório no Nordeste e como esse tema surge no teatro regional como crítica ao subdesenvolvimento. Apesar de uma breve nota ao romance da *Edições Melhoramentos*, o envio do artigo levou a uma resposta da editora:

Prezado Senhor

Pela presente, enviamos agradecimentos pela divulgação feita por V.S. sobre “Grotão do Café Amarelo”. O recorte que gentilmente nos enviou foi bastante apreciado, inclusive pelo autor da obra, Francisco Marins.

A colaboração de V.S. é para nós bastante significativa e teremos prazer na continuidade de nosso intercâmbio cultural. Neste ensejo, desejamos informar que, pela nova organização da remessa de livros à Imprensa, essa cidade passará a ser atendida por nossos Representantes Srs. Joaquim M. Coelho & Cia. Ltda., de Recife [...]. Assim sendo, estamos fazendo a eles a indicação de seu nome para remessa de novidades editoriais. (CIA. MELHORAMENTOS DE SÃO PAULO. [Carta] 16 de jul. de 1964, São Paulo [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f, p. 1.)

Ao passo foi se aproximando de uma *crítica de rodapé*, voltada para as notícias literárias e os lançamentos editoriais, as relações com as editoras foram se estreitando. Sua coluna *Prelo*, no suplemento literário *Correio das Artes*, foi representativa da sua relação pública com as editoras. Nessa coluna, publicava cerca de cinco notas sobre as publicações das editoras. Numa delas, ao noticiar a publicação de uma obra da *Civilização Brasileira*, mencionava Enio Silveira:

“O Forte”

A Editora Civilização Brasileira, sob a eficientíssima direção de Enio Silveira, acaba de publicar o novo romance de Adonias Filho, “O Forte”. Adonias é baiano de Ilhéus, conterrâneo de Jorge Amado e, embora integrado geograficamente na área do romance nordestino, nos seus livros procura mais que o sentido telúrico, o apuro da forma. Para Octávio de Faria que apresenta o livro (orelha) desde seu livro de estreia, Adonias Filho surgia com um livro diferente – “romance marcado pela violência e pelo sangue”. Neste de agora, “O Forte”, confessa Octávio de Faria “não poderei silenciar invulgares qualidades dramáticas e poéticas que a envolvem a cor local tão bem a situa, a intensidade humana que a engrandece, a cada linha, a cada página virada. Mais talvez que **Corpo Vivo** é o romance definitivo, intocável, que os **Servos da Morte** e **Memórias de Lázaro** prometiam”. (O FORTE..., 18 de jul. de 1965, p. 11. Grifos do autor)

Virgínius, em boa parte de suas notas, dedicava-se, apenas, a introduzir brevemente o material de divulgação das editoras. Porém, seu renome creditava valor à obra divulgada. O primeiro contato entre Virgínius e Mário da Silva Brito se deu após a publicação de algumas notas sobre as obras da *Editora Civilização Brasileira*, como a que mencionava o livro *Jagunços e Heróis*, de Walfrido Moraes, na coluna *Literatura e Vida*. Após uma breve discussão sobre o que chamava de “geografia literária”, para falar dos romances que tratavam de aspectos sociais e físicos, em especial da região do Rio São Francisco, Virgínius apresentava a obra:

E' desse drama, antes tratado romanescamente, que temos quase toda a história neste livro de Walfrido Moraes, "JAGUNÇOS E HERÓIS", publicado pela Editora Civilização Brasileira S/A. Espécie de gesta a que não falta sequer [sic] a centralização do herói – Horácio de Matos – o livro de Walfrido Moraes revela-se de logo envolvido pelo épico drama. Um épico sugerido pelo conflito físico – vasto tom de romance que vinha da forma de vida, da mineração fabulosa nas lavras diamantinas, sustentáculo da economia baiana [...]. Tudo isso vinha das coralosas [sic] mãos dos caboclos baianos, acostumadas à garimpagem e ao trato das armas. Nessas longínquas lavras diamantinas formavam-se os grandes feudos interioranos com exércitos particulares para manutenção de influência e fronteira [...]. (JAGUNÇOS E HERÓIS..., 14 de jul. de 1963, p. 5)

O editor Mário da Silva Brito ficou responsável de responder o envio dos recortes por Virgínius e manifestar o interesse da editora em receber os artigos do crítico:

Prezado senhor:

Pede-me Ênio Silveira que lhe comunique haver recebido recortes de notas e artigos de sua autoria a propósito de nossas edições publicadas na imprensa. Não o faz pessoalmente por andar atravessando período de excessivas ocupações que o tem impedido de conversar epistolarmente com os seus bons amigos.

Pode continuar remetendo os recortes de seus sempre interessantes artigos aqui para o Rio mesmo, pois é onde se faz controle da distribuição de livros para os colunistas literários.

Com os cumprimentos do seu leitor e admirador. (BRITO, M. S. [Carta] 1 de ago. de 1963, Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f, p. 1.)

Também o editor Gumercindo Rocha Dorea, da *Editora GRD*, enviou resposta acusando recebimento da carta de Virgínius e manifestando interesse em estabelecer uma relação para divulgação das obras publicadas pela editora, para tanto, já traçava algumas providências a serem tomadas:

Prezado Senhor:

Recebi sua carta. De agora por diante remeterei, regularmente, as novas edições.

Peço-lhe, desde logo, dois grandes favores, aliás, três:

1º Indicar-me, com urgência, firma idônea, dessa praça, a quem eu possa entregar confiante, a distribuição da Edições GRD nessa cidade e em todo o Estado da Paraíba.

2º Escrever para os jornais aqui do sul artigos sobre os livros que lhe mando, elogiando-os ou criticando-os, a seu critério. Sobre cada artigo seu, poderei fazer uma contemplação em dinheiro, sobre o que o jornal lhe pagar. Sugiro, desde logo, um sobre O Brasil do boi e do Couro, por ser você de uma região gadeira.

3º Incluir, com seu prestígio, junto às livrarias locais, para que peçam minhas edições pelo reembolso postal. (DOREA, G. R. [Carta] 11 de abr. de 1966, Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f, p. 1.. Grifos do autor)

O editor, e proprietário da editora, tratava a relação em termos monetários, algo peculiar na relação entre Virgínius e o mercado editorial, visto que não aparecem outros registros de possíveis intenções e acordos pelas notas publicadas, nem tampouco alguma documentação que comprove que Virgínius era remunerado por tal prática. Porém, tal vestígio demonstra que as editoras encaravam as colunas literárias como espaços privilegiados para publicidade de seu catálogo.

Essas cartas são representativas das relações estabelecidas entre Virgínius e as editoras no que tanto ao seu trabalho na imprensa, que consistia na divulgação das obras, como também fazer reflexões sobre o mercado editorial:

Continuam os problemas editoriais brasileiros, principalmente os referentes ao custo de livro, atrasando grandemente o desenvolvimento cultural do país. Somente há pouco pôde a Editora Globo, programar completamente seu roteiro para este ano. Acrescenta em comunicação a referida editora que “alguns dos títulos que apresentamos, deveriam ter sido lançados em 1963, pois faziam parte de nossa programação para o ano que findou.” [...] Uma coisa, porém foi possível lograr: oferecer ao público brasileiro uma coleção que inclui grandes autores da literatura universal, em texto integral e tradução fiel, por um preço realmente acessível. Trata-se da Coleção “Catavento”, em formato de bolso [...]. (LITERATURA E VIDA..., 31 de jul. de 1964, p. 6)

O debate ou a reflexão proposta por Virgínius acerca do mercado editorial se caracteriza pela defesa das editoras e, na maioria das vezes, dando espaço para as próprias se manifestarem. Porém, ao ocuparem o lugar da coluna, a sua fala representava a fala de Virgínius e *vice versa*.

Ainda na coluna *Literatura e Vida*, Virgínius dedicava alguns dias para listar as publicações e projetos das editoras em chamadas que davam a tônica da discussão, como “Notícias da José Olympio”, de 14 de janeiro de 1970, e “Novidades de Zahar”, de 20 de fevereiro do mesmo ano. Nestes “artigos” o autor trazia os títulos e breve sinopse das obras.

Essa relação iniciada nessa lógica foi posta em novos termos a partir do momento em que Virgínius passou a publicar seus livros. Porém, a experiência com a publicação do romance foi singular para revelar os jogos e as posições desses atores que compõe o campo de produção cultural. No jogo de posições, tanto editoras tinham o poder de consagrar os escritores, quanto estes poderia possuir um nome que legitimaria as editoras.

Esses atores em rede ajudam a compreender o processo de escrita e criação das obras literárias como fruto de um trabalho para além da individualidade criadora e criativa do escritor. Ao atentar para a materialidade do texto escrito, ou da obra, vislumbra-se os processos materiais de constituição dos *bens simbólicos*, bem como o processo de valoração desses bens nos campos.

A obra de Virgínius foi constantemente tomada a partir do seu nome. Tal fato impedia de compreender o seu processo de escrita, bem como o seu conteúdo, que era reduzido ao seu ritmo intenso de publicação de artigos e notas nos jornais. Nesse sentido, sua obra era concebida como fruto do esforço e talento individual do autor. Porém, ao atentar para os meandros da criação, compreendeu-se a sua prática de escrita a partir de redes, bem como as apropriações que os atores faziam de seus textos. Inclusive como o próprio escritor se apropriava da sua obra.

Virgínius tomou a publicação do seu romance como ponto máximo de sua trajetória. Concebeu-se como escritor, se empenhou na divulgação da sua obra, bem como da sua imagem enquanto autor. Seu empenho nesse processo em torno do romance, com efeito, contribui para a consolidação de sua *persona pública*, e essa, por sua vez, foi apropriada pelos amigos e familiares para construir e cristalizar uma imagem do autor e sua obra.

A sua obra se inscrevia não apenas no seu nome ou nas representações em tono de si, mas nas redes de sociabilidades intelectuais e na lógica editorial. E, mesmo da “solidão” de seu escritório, diante da máquina de escrever, Virgínius da Gama e Melo esteve presente, e foi parte, dessa trama literária.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante as pesquisas que realizei no arquivo e biblioteca da Academia Paraibana de Letras pude ter a experiência, em certa medida, de imersão numa rede de sociabilidade letrada que tinha essa instituição como centro irradiador de suas práticas. Como foi discutido nesta tese, Virgínius da Gama e Melo não chegou a ocupar uma cadeira na APL. Porém, o papel da instituição no campo literário do contexto estudado, além dos materiais que poderia encontrar lá, fez-me dirigir a este espaço.

Meu olhar se dirigia aos jornais, atas e livros da instituição. Mas o espaço em si e as percepções de seus funcionários sobre a Academia me chamavam a atenção. A disposição dos retratos dos imortais, a imponência dos móveis, os nomes das salas, auditórios e biblioteca, as estátuas e bustos dispostos nos jardins, o mural com notícias sobre os seus membros, tudo naquele prédio materializava e comunicava sobre uma concepção da história literária paraibana, tão cara à temática estudada.

Apesar de Virgínius não figurar entre os imortais dispostos nas paredes do salão principal da APL, que também é o local para consulta dos materiais de pesquisa, meu interesse nessa personagem não causava estranhamento entre os funcionários que me auxiliaram. A percepção deles sobre Virgínius em pouco se distinguia das dos funcionários da Fundação Casa de José Américo, local de guarda do acervo do escritor. Soava como natural alguém que pesquisaria sua trajetória se dirigir à Academia. E isso despertava minha atenção e ia confirmando alguns questionamentos que tinha sobre a relação entre Virgínius e a APL.

Foi nesse processo de pesquisa que recebi o convite para participar da sessão solene em homenagem a Virgínius, que seria realizada em ocasião do seu aniversário de morte e foi intitulada Tributo ao menestrel. A solenidade foi divulgada em alguns órgãos da imprensa. Porém, o alcance era restrito e, não fosse o convite, possivelmente esse evento teria me escapado apesar do meu interesse pelo homenageado. O convite, assinado pelo imortal Damião Ramos Cavalcanti, ditava o tom do que viria a ser o evento: “O Presidente da Academia Paraibana de Letras convida Vossa Excelência e família para a sessão solene de homenagem ao escritor Virgínius da Gama e Melo, quando será lembrado pela sua consagrada crítica, exposição de suas obras e de documentário fotográfico”.

6.1 ENTRE A ESCRITA, AS LETRAS E OS IMORTAIS

Na noite do dia 10 de agosto de 2017, uma quinta-feira, dirigi-me à Academia Paraibana de Letras. Pelos seus salões circulavam alguns imortais, políticos, jornalistas e escritores, além dos funcionários responsáveis por toda a logística para a realização do evento. Entre as conversas, podiam-se ouvir notícias sobre a saúde de algum confrade, os projetos de livros, a situação política, mas, principalmente, causos sobre Virgínius e seus amigos, em especial, os que compunham o quadro de palestrantes.

As mulheres eram cortejadas com rosas vermelhas. Uma representação dos “galanteios” do menestrel. Um eufemismo para simbolizar a relação de Virgínius com as mulheres.

Numa das paredes foi montado um mural com fotografias de Virgínius e reproduções de matérias jornalísticas sobre o homenageado. Inclusive que me serviram como fontes.

Na antessala, vejo montado um cenário que, de imediato, remeteu-me a algumas fontes de pesquisa. Num canto, ao lado de alguns retratos de imortais, puseram uma mesa e sobre ela um número do jornal *A União*, um cinzeiro, uma garrafa e um copo com *whisky* e uma máquina de datilografia. Na máquina, para representar o último texto que Virgínius escrevia, e que teria ficado inacabado, improvisaram uma cópia da crônica *A La Ursa*, do presidente da APL, Damião Ramos Cavalcanti, que foi impressa incompleta em letra que lembrava os tipos da datilografia. 43 anos depois de sua morte, a APL encenava a biblioteca da casa 201 da Rua Batista Leite. Um cenário que alimenta a memória cristalizada em torno da personagem, da boemia e da intelectualidade. E, mais uma vez, buscando filiar o nome de Virgínius da Gama e Melo àquela casa.

No auditório Celso Furtado, os convidados foram se acomodando e, enquanto a mesa redonda não era iniciada, a imprensa tratava de gravar algumas falas e entrevistas. A mesa foi composta pelas conferências “Virgínius e seu universo crítico”, proferida por Hildeberto Barbosa; “O cronista Virgínius da Gama e Melo”, por Gonzaga Rodrigues; “Virgínius, um lord professor”, por Raquel Nicodemos; “O romance histórico em Virgínius”, de autoria de José Octávio de Arruda Mello, mas que foi proferida por Sérgio de Castro Pinto em virtude da impossibilidade da presença do autor; e “Réquiem para Virgínius: o guru ‘cultogênico’”; além da fala do presidente da APL e alguns depoimentos de personalidades presentes na solenidade.

As personagens à mesa, com exceção de Hildeberto, conviveram diretamente e de diversas formas com Virgínius, o que fez com que a tônica das falas se centrasse nas

lembranças de seus pronunciadores. Wills Leal, amigo do escritor, lembrou fatos da vida profissional e boêmia e encerrou a sua fala convidando as pessoas presentes a ouvirem um réquiem. Raquel Nicodemos, que foi aluna de Virgínius na década de 1960, reconstruiu a personagem destacando as suas excentricidades, como o terno branco. Gonzaga Rodrigues, que conviveu com Virgínius nas redações dos jornais e sempre o via nos bares, lembrou a sua relação com o cronista:

Eu não curti o privilégio das suas simpatias. E a minha presença, que já constava no expediente de jornal [...], talvez não sugerisse a ele, Virgínius, algum interesse. Embora transitasse num cenário, a roda do Ponto do Cem Réis, quase a roda do seu quarto da Batista Leite, o velho Tambiá, ou na sua mesa de *lord*, na Bambu, ficávamos de costa um para o outro.

Já as falas de Hildeberto Barbosa e o texto de José Octávio de Arruda Mello, assim como a fala de Sérgio de Castro Pinto, propuseram uma reflexão sobre a obra do escritor, fugindo, em certos momentos, do tom laudatório.

Encerrada a mesa, os presentes se dirigiram para a antessala. Neste espaço, ao redor da mesa, alguns presentes se puseram a recitar poemas em homenagem a Virgínius e relembrou fatos pessoais do convívio com o escritor.

Apesar do tom solene de todas as falas, era possível descortinar, principalmente no próprio ato ali materializado, a complexidade da trajetória de Virgínius, principalmente na sua relação com a rede que ali se fazia presente. O que se assistiu foi a teatralização, ou melhor, o próprio campo literário, com seus agentes e suas redes de sociabilidade em ação. Essa imersão num espaço de sociabilidade letrada permitiu não apenas o levantamento de material de pesquisa, mas também a reflexão sobre o funcionamento do campo em meio às suas práticas.

Em vida, a relação de Virgínius com a APL e com alguns dos seus imortais, não foi a mais harmônica. Mas o que se seguiu à sua morte é representativo da reconfiguração das posições ocupadas pelos diferentes agentes de desse campo de produção cultural. Inclusive os próprios lugares ocupados por Virgínius. Ao passo que os seus amigos ou personagens com quem ele desenvolveu outros laços foram ocupando esse lugar institucional, empreenderam um esforço em torno de sua memória. Nesse sentido, vincular o nome de Virgínius à APL confirmaria a consagração do escritor em vida. Por outro lado, a Academia também ratificaria o seu lugar ao ter um nome consagrado a casa. Um jogo duplo de sacração. Virgínius foi diplomado em cerimônia *post-mortem* e, por meio do empenho de Wills Leal, o cineclube da APL recebeu o nome de Verbo e Imagem, em homenagem a obra publicada por Virgínius em parceria com o próprio Wills Leal e Jomard Muniz de Britto.

A fala do presidente da APL, durante a solenidade, foi significativa desse projeto de vinculação do escritor à Academia:

Vejam! Virgínius, sem ser membro ou patrono da APL, faz parte do seu corpo. Vejam, ele, nos atine, dentre tantos patronos e confrades, somente os grandes líderes paraibanos, Alcides Carneiro, por causa do seu dom da oratória, Assis Chateaubriand e Virgínius estão lá, no meio das flores. Repito: sem serem votados para nossa confraria faz sendo parte dela. Porque o primeiro teve excepcional dom da oratória, Chateaubriand espalhou pelo Brasil as letras e Virgínius, grande homenageado, juntou as letras, fez palavras, tecendo sentenças, enfeitando nossas vidas com lindos tapetes literários. Enfim, são três líderes imortais.

Os esforços de seus amigos, por meio de inúmeras homenagens, de biografias e matérias, ajudaram a cristalizar uma memória em torno dessa personagem. Uma memória com que tive contato e precisei compreendê-la de forma crítica. Busquei questionar a unanimidade em torno de uma memória oficial que se materializa em inúmeros documentos, nas lembranças e em momentos como este vivenciado por mim na APL. Percebia uma mitificação da figura de Virgínius, principalmente por parte de quem conviveu com ele.

Quando atentei e abordei esses lugares comuns, por meio de um arcabouço teórico e metodológico, voltei atenção para as inúmeras polêmicas e conflitos que se fizeram presentes em sua trajetória. Inclusive os conflitos de ordem “biográfica” e que foram silenciadas nas tentativas dar conta da totalidade da vida de Virgínius. O primeiro esforço foi esse, compreender o projeto *biográfico* e *autobiográfico* dessa personagem.

“Conheci” Virgínius como crítico literário, escritor e intelectual consagrado. E tal imagem trazia uma trajetória de vida e de consagração “linear”, sem conflitos. Porém, isso não me impediu de descortinar uma trajetória cheia de curvas e emaranhados e que proporcionou surpresas ao longo do estudo. Pelo contrário, munido da História, sabia que era preciso “encontrar” e compreender essa trajetória existente.

Por meio das discussões sobre *ilusão biográfica* e *escrita de si*, demonstrei como houve, como também ainda há, uma escrita que, ao passo que se coloca como uma leitura definitiva da personagem, tentando dar conta do máximo de aspectos da sua vida, tenta apagar os traços que seriam conflitantes no sujeito. No processo de desconstrução de sua imagem, percebe-se que a “incoerência” é que dá sentido e coesão a experiência concreta do indivíduo. Virgínius foi intelectual e boêmio – para ficar nas duas representações centrais – e uma *persona* e sua atitude ou comportamento não deve ser tomada como conflitante à outra, como se fez presente na maioria dos exemplos, mas como algumas das partes que o constituiu como ser humano e como personagem histórico.

Compreendeu-se que esse projeto biográfico era parte do próprio processo de consagração da personagem intelectual. E tal imagem consagrada, essa sim, não comportaria alguns traços do seu comportamento, como o alcoolismo, suas filiações políticas e os conflitos em que se envolveu. Daí resulta os inúmeros eufemismos que buscaram amenizar alguns dos seus comportamentos.

Nesse sentido, é preciso compreender que nesta tese foram traçados alguns elementos biográficos justamente para compreender essa construção de sua persona pública, bem como alguns elementos também tomados para configurar a sua trajetória intelectual. Não foi pretensão, embora o risco da *ilusão biográfica* sempre rondasse, dar conta de todos os aspectos de sua vida. Nenhum projeto científico, literário, cinematográfico ou editorial daria conta de uma empreitada dessas. No entanto, não se nega as representações construídas por esses projetos, mas a desconstrução se deu, justamente, por entender que Virgínius também se fez por meio delas.

Foi com essa preocupação que também busquei representar e compreender o cenário dessas tramas por meio dos olhares e vivências desses atores sociais que compunham o campo de produção cultural. Inclusive a partir de suas práticas e percepções sobre os contextos históricos vivenciados. Dessa maneira, percebeu-se a forma particular desses sujeitos em conceber e viver a cidade. João Pessoa e Recife que surgem por meio dessas personagens eram cidades da boemia e das letras. E suas memórias trazem cabarés, bares, praças e ruas como espaços boêmios e das artes. As residências dessas personagens, os centros de cultura, os teatros, a universidade se destacavam como espaços que constituíam a cidade vivida e representada desses sujeitos. Compreende-se que o que entendemos como cidade é, em grande parte, fruto da ação dos intelectuais, literatos e artistas que participaram da configuração de políticas públicas, em especial culturais, que incidiram na dinâmica das cidades, bem como na forma que elas são dadas a ver.

Em meio aos círculos intelectuais que percorriam e vivenciavam as cidades, pude perceber as dinâmicas de sociabilidade do campo de produção cultural. A imagem consagrada de Virgínius é devedora das redes de sociabilidade que ele estabeleceu. Porém, essa imagem é fruto, principalmente de relações estabilizadas e que não traziam à tona os conflitos e as diversas posições ocupadas no campo. Ao configurar as redes, foi possível perceber a dinâmica e os projetos empreendidos por Virgínius e entender a sua centralidade no campo como fruto de um projeto que moveu, conforme as circunstâncias, as várias peças do “xadrez” da intelectualidade local. Os laços e redes que aparecerem conformados nas memórias laudatórias, como a relação de Virgínius com a APL ou com José Américo e Gilberto Freyre,

por exemplo, foram construídas num campo onde o conflito se fez presente. O olhar arguto e o objetivo definido de Virgínius, aliado às circunstâncias, demonstram que o sujeito intelectual e o escritor são frutos de um processo histórico.

Ao agenciar as suas redes, foi possível, a Virgínius, empreender inúmero projetos literários, cinematográficos, acadêmicos, bem como de políticas culturais. As suas conquistas eram vistas como frutos do seu prestígio social. Porém, ao ir decompondo essas redes foi possível compreender o prestígio como sinônimo das relações que ele constituiu. Nesse sentido, buscou-se questionar a ideia do destino manifesto de Virgínius em direção à consagração e ocupar a centralidade do campo. Sua relação com os outros escritores, editores e políticos eram pautados em laços íntimos, mas o que interessou a tese foi entender como sua consagração e sua prática de escrita foram fruto da atuação em rede.

Sua escrita foi fruto das aptidões pessoais, mas essas devem ser entendidas em relação ao estímulo que recebia a partir das múltiplas experiências que vivenciou pessoal e coletivamente. Ou seja, sua crítica tinha *lugar social*; institucionais, como os jornais, o Estado, a Universidade e, por que não, os bares.

Mais que atentar para o conteúdo, centrei no processo de criação relacional entre Virgínius e outros atores do campo literário e editorial. Com efeito, atentou-se para sua obra a partir da prática literária como fruto das relações das redes de sociabilidade, questionando as imagens em torno escritor e da obra, como fruto da criação do talento exclusivo de um autor.

Tomando as suas obras a partir das sociabilidades, foi possível compreender como os autores e os campos se apropriam desses objetos culturais conforme diversos interesses. Por meio de sua crítica literária, Virgínius procurou a distinção se debruçando sobre a obra de José Lins do Rêgo e, por meio do romance, à tradição do *romance nordestino*.

Ao atentar para sua trajetória e para o seu projeto intelectual, foi possível demonstrar como Virgínius se constituiu como uma personagem que destoava de outros agentes contemporâneos, bem como que o antecederam no cenário local. Uma de suas marcas foi a multiplicidades de interesses e experiências artísticas. Atuou na política, na literatura, no cinema, no Direito, no teatro. Tantos interesses, mais que proporcionar uma vasta obra, de fato contribuiu para figurasse entre diversos grupos, discutindo, discordando, alimentando oposições, aprendendo com seus pares ou sendo a referência que foi para muitos.

Apesar de descortinar, ou, justamente por descortinar e compreender os projetos e dinâmicas, pode-se ressaltar o papel que Virgínius teve no cenário local. Para além das imagens cristalizadas, é inegável que Virgínius movimentou a vida cultural da Paraíba. No que viveu as benesses advindas das suas relações, contribuiu para a produção literária, na

projeção de artistas, em projetos cinematográficos. Na sua imbrincada relação com o Estado, saía em defesa do Conselho de Cultura e o Plano de Extensão Cultural, da qual também dependiam inúmeros dos seus projetos. A sua defesa, junto com seus pares, principalmente junto ao Conselho de Cultura, que, literalmente, funcionou num “pé de escada”, demonstra como esses sujeitos aliam interesses pessoais a um projeto coletivo e, nesse sentido, como, ao “acariciar” o poder, defendem o campo de produção cultural.

Debruçar-se sobre Virgínius contribui com as discussões em torno das trajetórias intelectuais, reforçando a ideia de que esses sujeitos não devem ser encaixados forçadamente em categorização. É na experiência concreta desses sujeitos que é possível perceber as múltiplas possibilidades de ser desses sujeitos. Como também as diversas relações que se estabelecem entre os campos, como o de produção cultural e político, principalmente em contextos onde as clivagens ideológicas são reforçadas. Essa experiência lança novos olhares para compreender os sujeitos da produção cultural durante a ditadura militar.

Bem como, no contexto da Paraíba, Estado e campo de produção cultural mantiveram uma relação singular. E, apesar da relativa autonomia, os campos mantinham uma dependência em si.

Esses atores transitam entre os campos. E, nesse trânsito, também se deram esforços na promoção da imagem de Virgínius. A manutenção do Acervo Virgínius da Gama e Melo, localizado na *Fundação Casa de José Américo*, depende do Estado. Seus pares, que ainda ocupam o jornal *A União*, continuam a dedicar as páginas do jornal e do suplemento ao seu nome.

Os esforços também revelam a complexidade em torno da escrita da história desses sujeitos. Um questionamento sempre me acompanhou nessa pesquisa. Como, apesar do lugar que ocupou em vida, do peso de seu nome na sociedade – ou pelo menos num setor da vida social –, e do empenho de seus amigos, Virgínius foi ocupando um lugar distante na memória cultural das gerações que foram sucedendo o seu tempo, principalmente hoje? Porém, como colocou o próprio Virgínius, *destino de escritor é destino vario*. E o seu “destino” não fugiu a essa regra.

E, tentando compreender esse “destino”, principalmente diante das múltiplas experiências dessa personagem e da vastidão de vestígios, vi-me diante das artimanhas da escrita, da pesquisa e da *ilusão biográfica*. Entre escolhas, recortes e possibilidades, pude traçar alguns contornos dessa trajetória histórica e saber que outras experiências ainda poderão ser escritas. Sua relação com o cinema, o teatro, as políticas culturais e com diversas personagens do campo literário ou, ainda, sua vida privada, continuam a abrir caminhos para

alimentar a nossa curiosidade. O homem que escrevia empreendeu uma escrita de si e da cultura que não cessa de alimentar as letras da História.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste** e outras artes. 2ª ed. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2001.
- ALMEIDA, J. A. [Carta] 17 de nov. de 1967, João Pessoa [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f.
- _____. [Carta] 7 de ago. de 1970, João Pessoa [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f.
- ALVES, A. [Carta] 11 de abr. de 1961, Recife [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f.
- ALVES, F. R. [Carta] 28 de ago. de 1966, Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f.
- AMADO, G. [Carta], 13 dez. 1960, Nova Iorque [para] MELO, V. G. João Pessoa, 4f.
- AMED, Fernando. **As cartas de Capistrano de Abreu**: sociabilidade e vida literária na *belle époque* carioca. São Paulo: Alameda, 2006.
- ANDRADE, Ana Isabel de Souza Leão. **Virgínius Figueiredo da Gama e Melo**: Perfil Biobibliográfico. João Pessoa: Fundação Casa de José Américo, 1991.
- ANDRADE, Gilsa Elaine Ribeiro. **Pereira da Silva no campo literário**: o discurso da crítica e dos periódicos (1890-1960). Tese (Doutorado em Literatura). João Pessoa: PPGL/UFPB, 2015.
- ANTUNES, S. [Carta] 23 de jun. de 1960, Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f.
- AQUI TAMBÉM ERA UMA FESTA. **Correio das Artes**, João Pessoa, p. 6-7, ago. 2015.
- ARAÚJO, Railane Martins de. **O governo de Pedro Gondim e o Teatro do poder na Paraíba**: imprensa, imaginário e representações (1958-65). Dissertação (Mestrado em História) – PPGH, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PB, 2009.
- ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. In: **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, 1998.
- ARROYO, L. [Carta] 18 de fevereiro de 1969, São Paulo [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f.
- BARBOSA FILHO, Hildeberto. **A convivência crítica** – Ensaios sobre a Produção Literária da Paraíba. João Pessoa: Governo do Estado da Paraíba, 1985.
- _____. **Sanhauá**: Uma ponte para a modernidade. João Pessoa: Edições FUNESC, 1989.
- _____. **Os desenredos da criação** (livros e autores paraibanos). João Pessoa: Editora Universitária, 1996.

_____. **Correios das Artes** – Anotações para sua história. João Pessoa: A União, 2000.

_____. **Arrecifes e lajedos**: breve itinerário da poesia na Paraíba. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2001.

_____. **O caos e a neblina**: Vanildo Brito e a Geração 59. João Pessoa: Ideia, 2011.

BARROS, E. [Carta] 29 de abr. de 1966, Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f.

BATISTA, J. G. [Carta] 9 de mai. de 1970, João Pessoa [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f.

_____. [Carta] 17 de ago. de 1973, João Pessoa [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f.

_____. Um Lord Jim. In: MELO, Virgínius da Gama e. **O Alexandrino Olavo Bilac**. João Pessoa: EDITORA, 1967.

BEZERRA FILHO, J. [Carta] 9 de nov. de 1972, João Pessoa [para] MELO, V. G. João Pessoa. 2f.

BONAFÉ, Luigi. **Como se faz um herói republicano**: Joaquim Nabuco e a República. Tese (Doutorado em História) – PPGH, Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ. 2008.

BOTELHO, André; BASTOS, Elide Rugai; BÔAS, Glaucia Villas (orgs.). **O moderno em questão**: a década de 1950 no Brasil. Rio de Janeiro: Topbooks, 2008.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 183-191.

_____. A linguagem autorizada. As condições sociais da eficácia do discurso ritual. In: **A economia das trocas lingüísticas**. São Paulo: EDUSP, 1996a.

_____. **As regras da Arte**: gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 1996b.

_____. **Razões práticas**: Sobre a teoria da ação. Campinas, SP: Papyrus, 1996c.

BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. A leitura: uma prática cultural. In: CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação liberdade, 1996d.

_____. As Contradições da Herança. In: LINS, Daniel. (org.) **Cultura e Subjetividade** – Saberes Nômades. Campinas: Papyrus, 2000.

_____. **A produção da crença**: contribuição para uma economia dos bens simbólicos. São Paulo: Zouk, 2004a.

_____. **Coisas ditas**. Tradução de Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 2004b.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BRITO, M. S. [Carta] 1 de ago. de 1963, Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f.

_____. [Carta] 4 de nov. de 1969, Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f.

_____. [Carta] 4 de dez. de 1969, Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f.

_____. [Carta] 27 de jan. de 1970, Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f.

_____. [Carta] 16 de jan. de 1970, Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f;

_____. [Carta] 4 de fev. de 1970, Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f.

_____. [Carta] 21 de dez. de 1971, Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f.

_____. [Carta] 9 de fev. de 1972, Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 2f.

BRITO, Vanildo (Org.). **Geração 59**. João Pessoa: Sec. de Ed. e Cultura, 1959.

CALDAS, Philipe. **Academias de Bambu**: Boemia e Intelectualidade nas Mesas de Bar. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2007.

CAMPOS, Renato Carneiro. Virgínius: um apóstolo da literatura e das artes. **O Norte**, João Pessoa, p.3, 14 ago. 1975.

CANDIDO, Antônio. A vida ao rés-do-chão. In: **Para gostar de ler**: crônicas. Volume 5. São Paulo: Ática, 2003, p. 89-99.

CARTA DO LEITOR. **O Norte**, João Pessoa, p. 4, 5 ago. 1975.

CARVALHO, J. C. [Carta] 23 de set. de 1971, Recife [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f.

CARVALHO, João Manoel de. Política. **O Norte**, João Pessoa, p. 3, 3 ago. 1975.

CARVALHO, L. [Carta] 15 de abr. de 1981, Rio de Janeiro [para] MELO, M. C. G. João Pessoa. 1f.

CAVALCANTE, P. [Carta] 15 de mar. de 1960, Recife [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f.

CERTEAU, Michel. A Operação Historiográfica. In: _____. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora Forense-Universitária, 1982, p. 65-119.

_____. A invenção do cotidiano. V.1. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

CIA. MELHORAMENTOS DE SÃO PAULO. [Carta] 16 de jul. de 1964, São Paulo [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f.

CIDADE SEPULTOU VIRGÍNIUS ONTEM. **A União**. João Pessoa, 03/08/1975, p. 1.

CITTADINO, Monique. **Populismo e golpe de Estado na Paraíba (1945-1964)**. João Pessoa: Ed. Universitária/Idéia, 1998.

CHACON, D. [Carta] 14 de abr. de 1961. Recife [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f.
 CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

_____. **Cultura escrita**: entre distinção e apropriação. São Paulo: Mercado de Letras, 2003.

CHAIKOVSKI, C. [Carta] 26 de mar. de 1973, São Paulo [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f.

CONDÉ, J. [Carta] 28 de dez. de 1963, Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f.

_____. [Carta] 27 de ago. de 1969, Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 2f, p. 1.

_____. [Carta] 16 de out. de 1969, Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f, p. 1.

_____. [Carta] 26 de nov. de 1969, Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 2f, p. 2.

_____. [Telegrama] 20 de ago. de 1969, Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f.

CÓRDULA, Raul. Celene à Primeira Vista. Atelier. **Correio das Artes**, João Pessoa, p. 5, 4 jun. 1965.

_____. **Memórias do Olhar**. Recife: Linha D'Água, 2009.

_____. **O que é um autor?** Revisão de uma genealogia. São Carlos: EdUFSCar, 2012.

COUTINHO, E. [Carta] 29 de mai. de 1970, Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f.

CRISPIM, Luiz Augusto. Espaço vazio. **O Norte**, João Pessoa, p. 4, 2 ago. 1975.

CUNHA, A. [Carta] 17 de dez. de 1969, Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f, p. 1.

DIAS, M. [Carta] 10 de nov. de 1960, Fortaleza [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f.

DOREA, G. R. [Carta] 11 de abr. de 1966, Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f.

DUARTE, Waldemar. Mini bibliografia crítica: Virgínius da Gama e Melo. **Correio das Artes**, João Pessoa, p. 4, 10 ago. 1983.

_____. **O menestrel Virgínius da Gama e Melo**. João Pessoa: Editora A União, 1987.

EDITORIAL. **A União nas Letras e nas Artes**, João Pessoa, p. 1, 1 nov. 1962.

EDITORIAL. **Correio das Artes**, João Pessoa, p. 1, 31 jan. 1965.

ENFOQUE. **O Norte**, João Pessoa, p. 5, 5 ago. 1975.

ENQUETE. **A União**, João Pessoa, p. 2, 15 out. 1963.

ENTRE LIVROS, AMIGOS E CERVEJA, UM ROTEIRO HUMANO. **O Norte**, João Pessoa, p. 8, 3 de ago. 1975.

FALECEU VIRGÍNIUS. **O Norte**, João Pessoa, p. 1, 2 ago. 1975.

FARGE, Arlett. **O Sabor do Arquivo**. São Paulo: Edusp, 2009.

FILHO, Carlos Pena. **Chopp**. Disponível em <https://poemia.wordpress.com/2009/11/18/poema-chopp-carlos-pena-filho/> Acesso em 9 de outubro de 2017.

FOUCAULT, Michael. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2006.

FRANCO, Martinho Moreira. Uma visita reveladora. In: Virgínius das Letras. **A União**, João Pessoa, 2º caderno, p. 5, 1 ago. 2015.

GARCIA JÚNIOR, Afrânio. Os Vice-Reis do Norte: reconversão de elites agrárias e a revolução de 1930 (1920-1964). In: **Revista de Ciências Sociais**. v. 38. n. 2. Fortaleza: UFC, 2007, p. 73-87. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revciensio/issue/view/72> Acesso em 10 de setembro 2017

GOMES, Angela de Castro. **Escrita de si, escrita da História**: a título de prólogo. In: _____. (Org). **Escrita de Si, escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 7-24.

GOMES, Ângela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos. Apresentação – Intelectuais, mediação cultural e projetos políticos: uma introdução para a delimitação do objeto. _____. (Orgs.). **Intelectuais Mediadores**: Práticas culturais e Ação Política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016, p. 7-39.

GONÇALVES, J. [Carta] 3 de jul. de 1963, Recife [para] MELO, V. G. João Pessoa. 2f.

GONÇALVES, R. C. et al. **A questão urbana na Paraíba**. João Pessoa: EDUEPB, 1999.
HOLANDA, Lourival. Reconsiderando a crítica literária. In: **Revista Fronteiras**, São Paulo, n. 8, julho de 2012.

GURGEL, C. Reforma do Estado e segurança pública. **Política e Administração**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 15-21, set. 1997.

INDIFERENTE AOS NOVOS. **Correio das Artes**, João Pessoa, p. 13, 10 e 11 set. 2015.

INOJOSA, A. [Carta] 7 de mar. de 1960, Recife [para] MELO, V. G. João Pessoa. 2f.

_____. [Carta] 23 de abr. de 1960, Recife [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f.

INTELECTUAIS AGRUPADOS FORJARAM GERAÇÕES DE ESCRITORES INGLESES. **Correio da Paraíba**, João Pessoa, p. 4, 23 jan. 1965.

JÚNIOR, Antônio Higino. **A geo-história da Avenida Epitácio Pessoa em João Pessoa – PB**. Monografia (Graduação em Geografia). João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2013.

KARNAL, Leandro; TASCH, Flavia Galli. A memória evanescente. In: PINSKY, Carla Bassanezi e LUCA, Tania Regina (Orgs.). **O historiador e suas fontes**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2013, p. 9-27.

LARANJEIRA, A. O. [Carta] 9 de set. de 1965, Recife [para] MELO, V. G. João Pessoa. 2f.

LEAL, Teócritio. Virgínius. **O Norte**, João Pessoa, p. 4, 2 ago. 1975.

LÉLIS, João. **Maiores e Menores**. João Pessoa: Edigraf, 1953.

LEITE, A. [Carta] 18 de jan. de 1963, Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 2f.

_____. [Carta] 16 de mar. de 1964, Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f.

_____. [Carta] 6 de jan. de 1965, Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 2f.

_____. [Carta] 30 de mai. de 1966, Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 2f.

_____. [Carta] 27 de dez. de 1969. Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f.

LEONARDOS, S. [Carta] 1 de ago. de 1962. Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 4f.

_____. [Carta] 28 de jul. de 1963, Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 3f.

_____. [Carta] 2 de ago. de 1964, Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 2f.

_____. [Carta] 14 de jul. de 1973, Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 2f.

_____. [Cartão] dez. de 1963, Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f.

LOPES, M. C. [Carta] 4 de mai. de 1963, Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 2f.

LUCENA, Sebastião. Virgínius: Tempo de saudade. **A União**, João Pessoa, p. 24, 31 jul. 1983.

LUNA, L. [Carta] 17 de jun. de 1966, Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 3f.

LUSTOSA, N. [Carta] 21 de dez. de 1963, Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f.

MAIS POBRES SEM ELE. Editorial. **Correio da Paraíba**, João Pessoa, p. 2, 3 out. 1975.

MALATIAN, Teresa. Narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi e LUCA, Tania Regina (Orgs.). **O historiador e suas fontes**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2013, p. 195-221.

_____. **Oliveira Lima e a construção da nacionalidade**. Bauru: Edusc/Fapesp, 2001.
MARINHEIRO, Elizabeth; AMORIM, Edilson. **O ser e o fazer na ficção de Gama e Melo**: dicionário dos personagens. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

MARINHO, José. **Dos homens e das pedras** – o ciclo do cinema documentário paraibano (1959-1979). Rio de Janeiro: EdUFF, 1998.

MARTINS, Eduardo. **A União, Jornal e História da Paraíba**: sua evolução gráfica e editorial. João Pessoa: A União, 1977.

MATOS, Eilzo. Notícia biobibliográfica. In: **Correio das Artes**, João Pessoa, p. 15, 31 dez. 1995.

MELO, Paulo. A herança do velho mestre. **O Norte**, João Pessoa, p. 7, 5 ago.1975.

GAMA E MELO, Virgínius da. A cidade pela mão. Ponto de Vista. **O Norte**, João Pessoa, p. 4, 7 ago. 1974.

_____. A poesia no bar. Ponto de Vista. **O Norte**, João Pessoa, p. 2, 4 mai. 1972.

_____. **A Vítima Geral**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio/INL, 1975.

_____. Bar Crepúsculo. Ponto de Vista. **O Norte**, João Pessoa, p. 4, 19 jul. 1975.

_____. [Carta] 18 jan. 1961, João Pessoa [para] AMADO, Gilberto. Nova Iorque. 4f.

_____. [Carta] 27 de dez. de 1962, João Pessoa [para] LEITE, A. Rio de Janeiro. 1f.

_____. [Carta] 22 de fev. de 1964, João Pessoa [para] LEITE, A. Rio de Janeiro. 2f.

_____. [Carta] 6 de jul. de 1966, João Pessoa [para] LEITE, A. Rio de Janeiro. 2f.

_____. [Carta] 9 de dez. de 1966, João Pessoa [para] ALVES, F. R. Rio de Janeiro. 1f.

_____. [Carta] 15 de jan. de 1970. João Pessoa [para] BRITO, M. S. Rio de Janeiro. 1f.

_____. [Carta] 22 de jan. de 1970, João Pessoa [para] BRITO, M. S. Rio de Janeiro. 2f.

_____. [Carta] 9 de fev. de 1970, João Pessoa [para] BRITO, M. S. Rio de Janeiro. 2f.

_____. [Carta] Sem data, João Pessoa [para] BRITO, M. S. Rio de Janeiro. 2f.

_____. Chama eterna. Ponto de Vista. **O Norte**, João Pessoa, p. 4, 7 mar. 1974.

- _____. De bar a café. Ponto de Vista. **O Norte**, João Pessoa, p. 4, 20 ago. 1974.
- _____. Jackson. Ponto de Vista. In: **O Norte**, João Pessoa, p. 2, 11 jul. 1972.
- _____. Literatura e vida. **A União**, João Pessoa, p. 6, 24 jul. 1964.
- _____. **O Alexandrino Olavo Bilac**. João Pessoa: EDITORA, 1967.
- _____. O equívoco de José Américo I. 1957a. In: GAMA E MELO, Virgínius da. **Estudos Críticos I**. João Pessoa: Ed. Universitária UFPB, 1980.
- _____. O equívoco de José Américo II. 1957b. In: GAMA E MELO, Virgínius da. **Estudos Críticos I**. João Pessoa: Ed. Universitária UFPB, 1980.
- _____. O Pensamento de José Américo. 1957c. In: GAMA E MELO, Virgínius da. **Estudos Críticos I**. João Pessoa: Ed. Universitária UFPB, 1980.
- _____. Primeiro romance nacional. 1962. In: GAMA E MELO, Virgínius da. **Estudos Críticos I**. João Pessoa: Ed. Universitária UFPB, 1980.
- _____. **O romance nordestino e outros ensaios**. João Pessoa: Ed. Universitária UFPB, 1980a.
- _____. **Tempo de Vingança**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1970.
- MENEZES, J. G. [Carta] 13 de mar. de 1972, Recife [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f.
- MICELI, Sérgio (Org.). **Estado e cultura no Brasil**. São Paulo: Difel, 1984.
- MICELI, Sérgio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MONJARDIM, Otávio. Espetáculos. **A União**, João Pessoa, p. 4, 19 fev. 1964.
- _____. Espetáculos. **A União**, João Pessoa, p. 4, 26 jul. 1964.
- MORAIS, P. [Carta] 28 de fev. de 1961, Recife [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f.
- MOREIRA, Ariágda dos Santos. O Espaço da Prostituta na Literatura Brasileira do Século XX. In: **CALIGRAMA** – Revista de Estudos Românicos. V. 12. Belo Horizonte. dezembro de 2007, p. 237-250.
- MOTA, Mauro. **Improviso no Bar Savoy**. Disponível em <
<http://leoramos.blogspot.com.br/2008/11/no-lamento-de-mauro-mota-dor-da-ausncia.html> >
Acessado em 9 de outubro de 2017.
- MUNIZ, Jomar. [Carta] 4 de out. de 1966, Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 2f.
- NAZIAZENO, A. [Carta] 4 de mai. de 1972, João Pessoa [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f.

NINA, Claudia. **Literatura nos jornais**: a crítica literária dos rodapés às resenhas. São Paulo: Summus Editorial, 2007.

NÓBREGA, Evandro. Da Gama: o “Homem Literário”. **O Norte**, João Pessoa, 3 de agosto de 1975.

OTÁVIO, Luiz. ...E a noite ficou viúva. **Correio da Paraíba**, João Pessoa, p. 1, 2 ago.1975.

PAIVA, Anabela. Trincheira musical: músico dá lições de cidadania em forma de samba para crianças e adolescentes. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 2, 12 jan. 2002.

PARAÍBA LAMENTA LAMENTA MORTE DE VÍRGÍNIUS. **A União**, João Pessoa, 2 de agosto de 1975, p. 1.

PEDRAS E ROSAS. **O Norte**, João Pessoa, p. 4, 5 abr. 1975.

PEREIRA, Nilo. Virgínius: O asceta da criação literária. **O Norte**, João Pessoa p. 5, 12 ago. 1975.

PEREIRA, Joacil de Brito. Recordação do “Menestrel”. **Correio das Artes**, João Pessoa, p. 14, 31 dez. 1995.

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

PINTO, Sérgio de Castro. **O leitor que eu fui**. João Pessoa: Editora Idéia, 2015.

_____. 3x4. **Jornal de Poesia**. S/d. Disponível em:
<http://www.jornaldepoesia.jor.br/scastro.html> (Acesso em: 25/01/2019)

PONTES, Heloísa. Retratos do Brasil: Editores, Editoras e “Coleção Brasileira” nas Décadas de 30, 40 e 50. In: MICELI, Sérgio (Org.). *História das Ciências Sociais no Brasil – Volume 1*. São Paulo: Vértice/Idesp, 1989.

_____. **Destinos Mistos**. Os Críticos do Grupo Clima em São Paulo (1940 – 1968). São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PONTES, Ipojuca. O Menestrel Virgínius e eu. **O Norte**, João Pessoa, p. 7, 13 ago. 1975.

RAMOS, Severino. **Arca de Sonhos** ou Mocidade e outros heróis. João Pessoa: Grafset, 1985.

RANCIÈRE, Jacques. **Políticas da escrita**. São Paulo: Editora 34, 2017.

RÉGIS, Edson. Editorial. **Correio das Artes**, João Pessoa, p. 2, 27 de mar.1949.

RIBALTA. O Ambiente Dramático. **Correio das Artes**, João Pessoa, p. 2, 31 jan. 1965.

RIDENTI, Marcelo. **Em busca do povo brasileiro**: artistas da revolução, do CPC à era da TV. Rio de Janeiro, Record, 2000.

RODRIGUES, Gonzaga. Sinal dos tempos. **O Norte**, João Pessoa, p. 4, 3 ago. 1975.

RODRIGUES, José Edmilson; COUTINHO, Maria de Fátima. **Paraíba**: Nomes do Século - Virgínius da Gama e Melo. João Pessoa: A União Editora, 2000.

ROSA, V. S. [Carta] 17 de nov. de 1964, Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f.

SÁ, S. [Carta] 11 de nov. de 1961, Fortaleza [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f.

SANTOS, Matildes Demétrio dos. **Ao sol carta é farol**: a correspondência de Mário de Andrade e outros missivistas. São Paulo: Annablume, 1998.

SANTIAGO, Silvino. Crítica Literária e Jornal na Pós-Modernidade. In: **Revista de Estudos Literários**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 11-17, out. 1993.

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. **Dicionário Literário da Paraíba**. João Pessoa: A União, 1994, p. 92.

SCOCUGLIA, A. C. **A história da alfabetização política na Paraibasil dos anos sessenta**. Recife: PPGH/UFPB, 1997. (Tese de Doutorado)

SEIGEL, Jerrold. **Paris Boêmia**. Cultura, Política e os limites da vida burguesa. 1830-1930. Porto Alegre: L&PM, 1992.

SIRINELLI, Jean-François. Os Intelectuais. In: REMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 231-269.

SOARES, I. di. [Carta] 13 de set. de 1965, Florianópolis [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f.

_____. [Carta] 6 de set. de 1966, Florianópolis [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f.

SOARES, S. [Carta] 18 de jul. de 1960, Recife [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f.

SOUZA, A. M. [Carta] 2 de dez. de 1969, Rio de Janeiro [para] MELO, V. G. João Pessoa. 1f.

STALLYBRASS, Peter. *O Casaco de Marx – roupas, memória, dor*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

TAMBÉM AGORA. Ponto de Vista. **O Norte**, João Pessoa, p. 2, 21 jul. 1972.

TAVARES, Mariana Rodrigues. *Um Brasil inapreensível*: história dos projetos da Enciclopédia Brasileira do Instituto Nacional do Livro. Dissertação de Mestrado. Niterói: Programa de Pós Graduação em História Social da Universidade Federal Fluminense, 2016.

TEIXEIRA, Flávio Weinstein. *O movimento e a linha – presença do Teatro do Estudante e do Gráfico Amador no Recife (1946 - 1964)*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2007.

TELES, Gilberto Mendonça. A crítica monográfica. In: MARINHEIRO, Elizabeth; AMORIM, Edilson. *O ser e o fazer na ficção de Gama e Melo: dicionário dos personagens*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991, p. 13-17.

TEJO, Orlando. Virgínius da Gama e Melo e “a portuguesa imortal”. **Correio das Artes**, João Pessoa, p. 5-6, 31 dez. 1995.

TRAVANCAS, Isabel. *O livro no jornal: os suplementos literários dos jornais franceses e brasileiros nos anos 90*. Cotia/SP: Ateliê Editorial, 2001.

VELLOSO, Mônica Pimenta. *O mito da originalidade brasileira - a trajetória intelectual de Cassiano Ricardo (dos anos 20 ao Estado Novo)*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, PUC, 1983.

VIEIRA, Luiz Renato. Intelectuais, Cultura e Autoritarismo no Brasil Pós-64. In: *Revista Contexto & Educação*, n. 24, 1991, p. 74-82.

_____. *Consagrados e Malditos: os intelectuais e a Editora Civilização Brasileira*. Brasília: Thesaurus, 1998.

UM HOMEM DO CONVÍVIO. **O Norte**, João Pessoa, p. 1, 2 ago. 1975.

VIRGÍNIUS MORREU NO PRONTOCOR. **Correio da Paraíba**, João Pessoa, p. 1, 2 ago. 1972.

WILLIAMS, Raymond. A fração Bloomsbury. In: **Plural**. Revista da Pós-Graduação em Sociologia. Tradução de Rubens Oliveira Martins e Marta Cavalcante de Barros. V.6. São Paulo: USP, 1999, p. 139-168.